SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SUMMARIO

O MEZ DAS EIRAS — O INTERIOR DA TERRA. — SCAPHANDROS. — A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL. — UM DOMINGO NO CAMPO — DE LISBOA A MOÇAMBIQUE — TELOPHOTOGRAPHIA — GAVOTA — O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ — MODAS — SCENA DE SALÃO — VARIEDADES

VOL. III **JULHO — 1902** **NUM. 13**

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa **Preço 200 réis**

SUMMARIO

Pag.

O MEZ DAS EIRAS.—*Com 9 illustrações* 3

O INTERIOR DA TERRA.—ENTREVISTA COM O SABIO MILNE. — *Com 6 illustrações* 11

SCAPHANDROS.—*Por* SOUZA VITERBO 16

A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL. — *Por* ALBRECHET HAUPT.—*Com 10 illustrações* 18

UM DOMINGO NO CAMPO. — HISTORIETA COMPLETA. — *Com 2 illustrações* 31

DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — *Por* ANTONIO ENNES. — 2.ª PARTE — *Capitulo III.* — QUELIMANE. A CIDADE, OS RIOS, O CHINDRE. — *Com 4 gravuras, reproducções de photographias* 41

TELOPHOTOGRAPHIA. — *Com 5 illustrações* 45

A Kermesse. — *Quadro de* TENIERS 49

LE BALLET DU ROY. — *Gavota de* LULLY 50

O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ. — ROMANCE. — *Com 2 illustrações* 52

MODAS. — *Com 3 gravuras* 61

Scena de salão. — *Quadro de* GEORGES CAIN 64

VARIEDADES. — MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — NECROLOGIA. — THEATROS. — LEIS DE NOBREZA EM PORTUGAL. — PHOTOGRAPHIA PRATICA. — PACIENCIA. — POBLEMAS. — XADREZ 1

43 GRAVURAS

Typ. e impressão dos *Serões*, C. do Cabra, 7 — Editor. Thomaz Rodrigues Mathias

SERÕES

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

VOLUME III

LISBOA
ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — CALÇADA DO CABRA, 7
1903

No Estio. — Quadro de Leader

Flores e Fructos. — Quadro de P. P. Rubens

O MEZ DAS EIRAS

Para a usual commemoração artistica do mez ou da estação, que vae passando, reproduzimos tres quadros que nos pareceram suggerir pela impressão d'arte as emoções que se recebem n'esta quadra do anno: — uma deliciosa paizagem que no correr tranquillo das aguas diminuidas, em mansa queda, na serena copa das arvores, na immobilidade geral, traduz a sensação quente, estival, enervante, dos campos onde um rio pôz ainda o refrigerio consolador; — um outro trecho de campina vasta, indefinido, a perder de vista, na hora em que o rebanho vem acolher-se á sombra escassa d'um grupo de eucalyptos, todo unido no seu caminhar pesquisador da pequena herva tenra, todo entregue á satisfação do appetite, todo indifferente á vida, que o rodea, na exclusiva preoccupação de conservar a propria; — um gracioso grupo de amorsinhos, levando ajoujados uma grinalda de flores e fructos, como quem leva comsigo toda a graça e todo o perfume dos campos e dos pomares, toda a delicadeza saborosa e todo o colorido enebriente que entrelaça e confunde a corolla das flores á polpa dos fructos, mimoso e a um tempo exuberante quadro do pincel pagão do grande Rubens.

Se n'estas illustrações quizemos fazer o quinhão de arte imaginosa como registo do momento do anno, damos, nas seguintes, reproducções de vida real, surprehendidas pela sensibilidade artistica de amadores photographos, a quem a visão do campo em pequenos trechos isolados não só dispertou o desejo de fixar o aspecto gracioso, como tambem avivou no espirito a significação social da imagem reproduzida. Photographar uma eira na sua rusticidade primitiva, sobre a qual avulta o monte dos bagos de trigo dourado, fixar na volta da estrada a fieira de carros que em volumosa carga trazem as ceifadas espigas das herdades dispersas á grande eira central, desenhar n'um simples incidente os costumes da campina ribatejana, ou reproduzir o aspecto das opulentas medas de trigo, producto da grande lavoura, não é simplesmente colher em flagrante o trecho paizagista, é conjunctamente glorificar em religioso respeito a colheita, a abundancia do lar, o divino pão, o mais assombroso producto da actividade e da intelligencia humana que levou seculos a transformar a planta, a flexivel graminea, e que no gradual e evolutivo fabrico fixou o testemunho irrefragavel da intuição superior e da tenacidade invencivel.

Tem o mez de julho, o mez das eiras, este singular poder de suggestão, que dos aspectos campesinos leva a reflectir sobre as

mais complexas questões sociaes; e para que a nossa commemoração occasional se não limite á fórma artistica e se complete com sua significação economica, aproveitamos o ensejo para recortar do primoroso livro de Anselmo d'Andrade, o *Portugal economico*, alguns trechos em que elle define, compara, revela e critíca a situação do nosso paiz com relação á mais importante producção agricola, sem a qual não existe, não se alimenta, nem se renova a sociedade humana — a colheita e o consumo do pão. Transcrevendo com a devida venia as considerações e os dados estatisticos que o douto economista e prestigioso homem de estado enfeixou sobre o assumpto, fazemos vulgarisação de conhecimentos que encerram lição proveitosa e irradiam estimulos.»

❀ ❀ ❀

«Pela sua importancia na alimentação e no valor das importações, têem o primeiro logar, nas estatisticas commerciaes das substancias alimenticias importadas, os cereaes e os farinaceos em quantidades medias de 150 milhões de kilogrammas, e em que o trigo entra sempre com 80 a 90 por cento. O *deficit* do trigo na Europa é, em numeros redondos, de 6:000 milhões de kilogrammas, e calculando-se o consumo annual medio de cada um dos seus habitantes em 180 kilogrammas, vê-se que ha nos paizes da velha Europa 33 milhões de individuos, que devem o seu pão quotidiano á importação americana e asiatica. D'esses 33 milhões, quasi um milhão é de portuguezes. Assim, em quanto o *deficit* geral do trigo na Europa é sómente para 8 e meio por cento da sua população total, é em Portugal para 16 a 18. Com as provadas aptidões da região transtagana, e de uma parte da Extremadura, para a producção de cereaes, e em duas provincias onde as terras incultas cotadas abaixo das altitudes improductivas são extensissimas, não é por certo uma utopia de economista esperar um augmento de producção nacional, equivalente pelo menos ao nosso *deficit* de cereaes.

Quando se lêem as estatisticas do nosso commercio, são profundamente melancolicas as impressões que a sua leitura nos deixa, ao vêr-se que n'um paiz de tão variadas aptidões culturaes como o nosso, e onde a industria fabril não constitue occupação predominante, é necessario pedir ás nações estrangeiras um supprimento de substancias alimenticias, no valor de 12 mil contos, para a subsistencia d'uma população sobria, pouco numerosa, e onde a capitação do territorio agricola, sendo de quasi dois hectares, é muito mais do que o necessario n'um systema de cultura apenas regular, á sustentação de cada habitante. N'um bom regimen de cultura intensiva, suppõe Thaer que um hectare cultivado póde dar para a sustentação de 68 pessoas. Já acima fica dito que na Belgica 100 hectares dão para 168. Entre nós dão apenas para 44. Na Inglaterra, na Hollanda, na Allemanha e na Belgica, onde tambem é grande o *deficit* das substancias alimenticias, representa este capitulo, relativamente ao total das suas importações, percentagens que vão de 20 a 35 por cento. Em Portugal é quasi um terço. Sómente a Inglaterra nos excede, mas a Inglaterra tem apenas 80 ares de territorio por cada habitante, e paga as subsistencias, que compra ao resto do mundo, com productos manufacturados. Nós temos de pagar em ouro.

Nos outros paizes o *deficit* relativo das subsistencias é menor, e são mais os recursos de pagamento e os meios de saldo. Comtudo é cousa que preoccupa seriamente todos aquelles, que mais ou menos pensam nos destinos sociaes, estarem as mais ricas potencias da Europa vivendo dos excedentes da America e da Asia, em troca de productos industriaes que estes paizes cada vez procuram menos, pelo desenvolvimento que vão tomando as suas industrias locaes. A propria Inglaterra, que pelas suas especiaes condições viveu durante muito tempo despreoccupada d'estas difficuldades, já começou a assustar-se, ao vêr que as importações de cereaes da India se multiplicaram vinte vezes, e que esse mercado lhe vae ao mesmo tempo fugindo, batido pela industria indiana e pela depreciação da prata, que a protege contra a concorrencia britannica.»

❀ ❀ ❀

«Estes temores, um pouco malthusianos, têem a sua razão de ser em paizes de população densa e progressão rapida, de 193 habitantes por kilometro como na Inglaterra, de 224 na Belgica, de 152 na Hollanda, de 98 na Allemanha, e onde o quinhão de terra susceptivel de dar productos naturaes, correspondente a cada habitante, é pouco, e ainda com tendencias para diminuir pelo crescimento rapido da população, cujo augmento medio annual é nos referidos paizes de 9 a 12 por milhar. Entre nós, porém, com uma densidade de 56, uma taxa de progressão de 8 por milhar e 2 hectares de terra por habitante, ao passo que em nenhuma das outras nações comparadas excede um hectare a quota de terra por individuo, não ha razões naturaes que justifiquem o enorme *deficit* de substancias alimenticias, que constantemente perturba a nossa economia.

Na Campina — Quadro de Lerolle

O rendimento nacional da producção agricola foi avaliado ha alguns annos, n'um relatorio que a esse respeito publicou a repartição do commercio, agricultura e industria, em 84 mil contos. E' verdade que os elementos, em que assentavam esses calculos, não offereciam as melhores garantias de segurança, mas considerando o rendimento collectavel da propriedade rustica, e avaliando no seu quintuplo o valor da producção como n'outros paizes, não deveria esse valor exceder 95 mil contos. Actualmente o rendimento bruto da producção agricola do reino não pode ser inferior a 110 mil contos. Esse rendimento é hoje avaliado na França em 14 mil milhões de francos, na Austria em 11 a 12 mil milhões, na Belgica em 2, e attribue-se-lhe na Inglaterra um valor approximado ao da França. Comparando estes rendimentos agricolas, vê-se que na França correspondem a 66 mil réis por habitante e 48 mil réis por hectare, na Austria a 49 e 33 respectivamente, na Belgica a 60 e 118, e na Inglaterra a 60 e 74. Em Portugal apenas corresponde a 22 mil réis por habitante, e 12$400 réis por hectare.

D'esta deficiencia de producção agricola provém o enorme *deficit* das nosssas subsistencias. Para supprir esse *deficit* importam-se annualmente substancias alimenticias n'um valor medio de 12 mil contos, correspondente a um *deficit* individual de 2$400 réis, ao passo que esse *deficit* é na Hespanha, na Italia e na Grecia, que são paizes comparaveis ao nosso pela sobriedade dos habitantes e deficiencia das producções, de 9 pesetas, 7 liras e 10 drachmas respectivamente. Não é porque as não possam produzir, que as nossas terras não dão todas, ou quasi todas, as substancias alimenticias necessarias á subsistencia da população portugueza. E' simplesmente porque lhas não pedem pela cultura. A Belgica, por exemplo, que tem 224 habitantes por kilometro quadrado, e que não é mais favorecida do que nós pelas condições culturaes, importa do estrangeiro um quarto das suas alimentações. A sua agricultura sustenta pois 168 habitantes por kilometro quadrado. Na mesma proporção poderiamos sustentar 15 milhões. Não sustentamos quatro. Quasi todas as nações da Europa padecem d'este *deficit* de subsistencias. O capitalismo tem dado á civilisação um feitio, que a faz desviar do cultivo das terras e da producção alimentar para a industria e para o commercio, mas entre nós nem a agricultura nos sustenta, nem o capitalismo serve a industria ou o commercio de tal modo, que estes factores de riqueza dêem para pagar o que importamos.»

Uma Eira no termo de Lisboa

⊛ ⊛ ⊛

«Nem o arroteamento de uma parte da su-

perficie inculta, nem um rendimento maior tirado das terras já cultivadas á custa de melhores culturas, seriam cousas impossiveis, ou sequer difficeis, e não tardariam a eliminar da nossa balança economica a mais importante verba do seu passivo. E' isto o que se tem feito em todas as nações, que possuem excepcionaes recursos d'outra ordem. A superficie cultivada de trigo em França era em 1830 de 47 mil kilometros quadrados. Em 1840 era já de 55 mil. Em 1850 foi de 60 mil. Em 1870 subia a 67 mil. Em 1880 era de 69 mil e em 1890 attingiu 71 mil. Por meio de progressivos arroteamentos trouxe-se á cultura do trigo, durante aquelle periodo, uma área de 24 mil kilometros quadrados. Os progressos no rendimento da producção por unidade de superficie foram ainda maiores. Em 1820 a producção media por kilometro quadrado calculava-se em 950 hectolitros, mas em 1830 foi já de 1:050, em 1840 de 1:160, em 1850 de 1:480, em 1860 de 1:510, em 1870 de 1:530, em 1880 de 1:460 e em 1890 de 1:540. Hoje é de 16 a 17 hectolitros por hectare. Mostram estes algarismos que a progressão no arroteamento das terras de trigo na França, durante aquelle espaço de tempo, foi de 51 por cento, e na producção, de 79. Tomando a média de dez colheitas nos diversos paizes do mundo, verificaseque o rendimento em hectolitros. por hectare cultivado, é o seguinte:

Dinamarca	31
Inglaterra	28
Hollanda	27
Suecia	26
Belgica	24
Allemanha	18
França	17
Austria-Hungria	15
Hespanha	14
Grecia	11
Italia	11
Russia	9

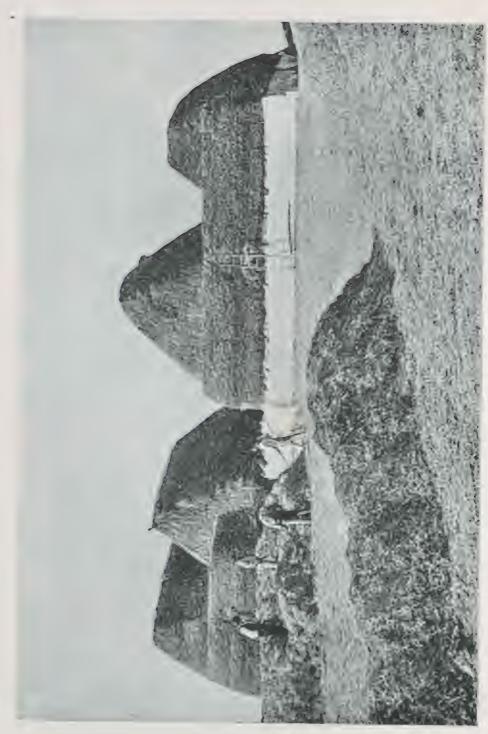
No fim d'esta lista vem Portugal. Está em ultimo logar com 8 hectolitros, e parece estar ainda assim favorecido. E' mais do que se dizia no Relatorio dos lavradores de Beja, onde a producção media do trigo era calculada em 7 a 8 sementes, correspondentes a 5 ou 6 hectolitros por hectare, visto que a sementeira de cada hectare em todo o sul do reino é de 70 a 90 litros, conforme a qualidade das terras. Com muito terreno inculto e pouco rendimento no cultivado, a producção relativa ao numero dos consumidores é necessariamente deficiente. Assim se explica ser a producção de trigo, em quasi todas as nações, maior do que em Portugal, tanto em relação aos habitantes como á extensão dos

A Caminho da Eira

seus territorios. O numero de litros de trigo produzido nos diversos paizes da Europa, relativamente a cada habitante, é o seguinte:

Bulgaria	433
Romania	420
França	213
Servia	200
Hespanha	164
Austria-Hungria	155
Italia	146
Russia	119
Belgica	101
Dinamarca	88
Allemanha	70
Grecia	68
Portugal	62
Hollanda	45
Suissa	44
Suecia e Noruega	42

Exceptuadas a Hollanda, a Suissa e a Suecia, todas as outras nações da Europa, produzem mais trigo do que Portugal em relação ao numero dos seus habitantes. São, porém, excepcionalissimas as condições d'aquelles tres paizes. Na Hollanda é muito limitada a região do trigo. Metade do paiz é

Médas na Herdade do Sr. Miguel Fernandes, Arredores d'Evora

um fôfo tapete de verdura, onde pastam centenas de milhares de vaccas descançadas e fartas. Sómente ao sul ha uma região cereal relativamente vasta, medindo ao todo 700 a 800 mil hectares, mas não é trigo nem o centeio que ahi principalmente se cultiva. E' o espelta, que soffre menos com o inverno humido e frio, e que dá melhor pão do que o centeio. Além d'estas, e de muitas outras compensações de riqueza agricola, ha uma forte cultura de plantas industriaes, ha as ricas e lucrativas producções dos jardins do Harleem, e por cima de tudo ha ainda uma densissima população, que faz naturalmente baixar n'esse paiz a capitação do trigo. A relativa inferioridade da Suissa tem egualmente facil explicação. Mais de metade da sua superficie está tomada pelas cumiadas alpestres, pelas neves eternas, pelas encostas pedregosas das montanhas e pelos seus mares interiores. Da parte explorada, occupam os prados uma extensão cinco vezes maior do que em Portugal, e as florestas representam n'aquelle paiz um sexto da superficie total. São compensações agricolas, que fazem da pobreza helvetica em cereaes uma riqueza comparada á nossa. Na Suecia-Noruega mais de metade das terras estão incultas, e da outra metade está coberta de florestas uma superficie não inferior a 60 % da sua extensão. Assim ha apenas 20 % da superficie total do paiz repartidos por todas as culturas, o que explica melhor do que em Port[illegible] da capitação.»

❦ ❦ ❦

«D'este confronto do nosso paiz com as outras nações da Europa, conclue-se que, exceptuados aquelles tres paizes, onde as condições physicas determinam fatalmente outros modos de cultura, é em Portugal que a producção de trigo é menor por habitante. Se a esta comparação se dér maior generalidade, tomando para seus termos a nossa producção media por um lado, e a de toda a Europa por outro lado, não resultarão para nós mais agradaveis impressões. A producção total do trigo na Europa está avaliada em 525 milhões de hectolitros, o que corresponde a 138 litros por cada um dos seus 380 milhões de habitantes, ao passo que a producção em Portugal dá apenas 62 litros de trigo por cada habitante. De qualquer maneira que nos comparemos aos outros paizes, resulta sempre da comparação uma assignalada inferioridade, que não se apresenta nem menos expressiva nem menos melancolica, se a estabelecermos em relação á superficie territorial de cada paiz. Nas diversas nações da Europa, produz-se o seguinte numero de hectolitros de trigo por cada kilometro quadrado das suas superficies totaes:

Belgica	230
França	228
Bulgaria	222
Romania	213
Italia	167
Austria-Hungria	103
Servia	102
Hollanda	72
Allemanha	69
Hespanha	62
Dinamarca	49
Portugal	37
Suissa	34
Grecia	27
Russia	19
Suecia-Noruega	4

D'esta vez o nosso numero de ordem subiu um ponto. No tocante á comparação das producções com as superficies, ha quatro nações que nos estão inferiores. Da Suecia-Noruega e da Suissa já se disse porquê. A differença está em que a Grecia passou para baixo de nós, e a Hollanda cedeu o seu logar á Russia, mas a Russia estaria muito acima de Portugal, se na comparação da superficie fosse descontada a enorme extensão das florestas, que tomam mais de um terço do imperio. Da Grecia não se póde dizer que seja um termo de comparação sufficientemente consolador, tendo deixado reduzir a sua producção a pouco mais de metade do que era ha alguns annos. Não ha tambem muito tempo que a Turquia nos estava inferior, mas hoje, até mesmo fóra da Europa c[illegible]ilisada, n'aquelles restos ainda barbaros, se tem adiantado mais do que em Portugal a producção do trigo.»

❦ ❦ ❦

«Actualmente falta para o consumo nacional milhão e meio de hectolitros de trigo, mas de aqui a alguns annos, ainda que o accrescimo annual da população não passe, como tem sido até agora, de 85 habitantes por dez mil, as necessidades do consumo obrigarão a successivas importações, acompanhadas dos respectivos exodos de ouro parallelamente crescentes, se a nossa costumada lentidão não apressar mais o passo. Bastarão sem duvida cinco ou seis annos, para que a população do continente do reino se tenha elevado a 5 ½ milhões de habitantes, e então, em vez de milhão e meio de hectolitros, serão precisos dois milhões ou dois milhões e meio, caso a lavoura portugueza não tenha acudido em proveito publico, e no interesse seu, a provêr de remedio esse temeroso *deficit*.

Disse-se temeroso. Temeroso e inexplicavel. Antigamente arrotear terras para semear trigo podia ser uma arriscada aventura. Muitas vezes custava o trigo mais na eira do que

valia no mercado. Nem sempre recolher si-significava ganhar. Trabalhava-se sem se saber por que preço, e gastava-se sem a certeza do reembolso. Depois, na evolução dos direitos protectores, chegou-se á fixação dos preços, podendo-se dizer que se creou para os capitaes empregados na cultura do trigo uma verdadeira *garantia de juro*. Sabe-se que o capital é egoista e desconfiado, mas por mais desconfiado que elle seja, não póde deixar de acreditar n'uma garantia mais solida do que qualquer outra, porque é constituida n'um genero de primeira necessidade, e sobre um preço minimo fixado para além do do que já se pode chamar remunerador. Não falta terra, porque a terra sobeja. Não póde faltar o capital, porque ha para elle a mais firme de todas as garantias de juro. Não falta mercado, porque a producção não chega para o consumo. Comtudo, fóra do districto de Beja, onde parece ter-se entendido melhor o beneficio protector, continuam os agricultores a plantar vinhas sem limite, para fazerem vinho que se não vende, e pouco ou nada adiantam a cultura do trigo, que no seu actual regimen de excepção tem preço bom e venda certa.

Não o affrontam no mercado nem a especulação nem a concorrencia. As leis da procura e da offerta tambem o não dominam. A importancia das colheitas internas, os saldos existentes, a producção estrangeira, o custo dos fretes e dos cambios, são elementos reguladores das vendas e dos preços em todos os mercados, mas a tudo isso, que opprime os nossos vinhateiros, e traz em plena crise a viticultura portuguesa, escapa o trigo nacional, favorecido por um privilegio, que seria iniquo e gravemente perturbador abolir, mas de que se não poderá justificar a prolongada existencia, se tal regimen não tiver por fêcho e termo a completa extincção do nosso *deficit* de cereaes.»

Com effeito, n'este proposito e com a ajuda do bom Deus, nos ultimos dois annos, menor tem sido este *deficit* e alguns milhares de contos se tem distribuido no paiz, como irrigação opportuna que germina riquezas. Estas permittirão, sem duvida, fazer depender menos da fortuna varia das estações, e mais dos accrescimos de cultivo e de seus aperfeiçoamentos, o proveito social a recolher dos privilegios estabelecidos a favor de classe especial. Que a eira, junto da qual se cogulam as douradas espigas, não desperta tão sómente, mesmo quando a vemos reproduzida em quadro emotivo, a recordação dos folguedos da mocidade; aquelle terreiro abençoado lembra-nos logo a abundancia no lar, os annos felizes e prosperos da casa paterna, o necessario esforço a empregar pela vida para ter direito ao pão de cada dia, e a sua imagem, ampliada pela imaginação, reune n'uma só méda gigante a colheita do paiz que deve ser o opulento celleiro de nós todos.

O INTERIOR DA TERRA

Publicando n'um dos ultimos numeros d'esta revista um artigo sobre os pontos fracos da terra, quer dizer, seguindo sobre as linhas de fractura da crusta terrestre uma rapida visita aos vulcões do mundo, acompanhando-a d'uma succinta e popular exposição das theorias que explicam o funccionamento d'aquellas collossaes chaminés, mal podiamos pensar que a publicação do nosso artigo precedesse apenas d'alguns dias a catastrophe da Martinica, dando áquella nossa descripção uma estranha actualidade. A proposito do muito que a imprensa tem publicado ácerca d'aquelle sinistro caso, damos no artigo, que segue, uma idéa geral da constituição do nosso planeta, o que nos parece curioso e complementar do que já aqui se escreveu.

Supponhamo-nos transportados pelo pensamento ao observatorio de Shide, na ilha de Wight, ao gabinete de estudo do celebre professor Milne, junto da sua mesa de trabalho, toda recoberta de livros e de papeis espalhados. No tranquillo ambiente volatiliza-se subtil um perfume acre mas delicioso; talvez alguma estranha essencia do Japão. N'uma estante, ou resguardo de crystal, ao lado, um relogio electrico bate pacientemente os momentos, com o seu grande dedo indicador apontando a toda a hora os signaes de numerosos instrumentos, n'aquella impassibilidade fatidica perante a vida que foge, medidor infatigavel dos dias e dos prazeres, das noites e das desventuras, annos apoz annos, sempre.

Mais além está a automatica campainha de signal que annuncia qualquer tremor de terra na Islandia ou na America do Sul, ou nas torturadas costas da Terra-Nova. N'este momento imaginemos silenciosa a medonha campainha em cujo inicial botão carrega a tremula terra. Nenhumas noticias chegam, através do globo, n'este dia, da crusta excavada das ilhas de Bornéo ou do fundo alteroso do Oceano Pacifico. Para outra vez nos demoraremos a escutar-lhe as vibrações sinistras. O velho assumpto da sismologia, sciencia que se occupa dos terremotos, não nos prende agora a attenção; mudemos de rumo; desçamos a outra região, áquella sobre que assenta todo o terreno firme — ao interior da terra.

Que poderá dizer-se d'elle? Que se poderá saber? Ouçamos o sabio professor que amavelmente nos sorri.

Mostra a constituição da terra: a crusta exterior, a camada simi-fluida, o nucleo rigido

— Sabemos que é quente — disse elle — talvez tão quente como o sol. Sabemos que a terra, n'um momento, se perdeu do sol e desde então, errando no espaço em volta d'elle, tem estado a condensar-se e a esfriar.

— E quanto tempo tem levado a resfriar?

— Lord Kelvin, um dos mais eminentes cerebros da sciencia contemporanea, diz que vinte milhões de annos; porém ha geologos e paleontologos que pedem pelo menos cem milhões para tal effeito.

— E pensa que poderia ter conservado todos esses annos o seu primitivo calor?

— Porque não? Encontramos hoje lava fundida dentro de rochedos que tem estado cincoenta annos, e mais, a resfriar na espalda de um vulcão. E' o mesmo principio; quanto mais dura fôr a crusta, mais vagarosa é a perda de calor. Se suppozer muitas centenas de kilometros de espessura n'essa crusta poderá mesmo deixar de haver resfriamento.

— E aquella regra do augmento regular da temperatura para o interior?

— Um grau Fahrenheit por cada cincoenta e um pés que descer? Bem sei. Mas a regra applica-se só até certa distancia. Ora, calcule para si. Uma milha para baixo dá um augmento de 100 graus, dez milhas 1.000 graus, trinta milhas 3.000 graus — isto é, a mais elevada temperatura que conhecemos. E' a temperatura da chamma do oxy-hydrogenio no maçarico. A platina funde-se, o ferro trabalhado liquifaz se, o oiro evapora-se; todos os nossos rochedos da superficie se derreteriam alli. Vá quarenta

milhas mais para baixo e terá a temperatura de 4.000 graus, vá cincoenta e terá 5.000 graus; e assim por diante até a profundidade de mil milhas e poderá cifrar a temperatura de 100.000 graus — que é absurda. A temperatura da terra augmenta mais e mais, vagarosamente, á medida que se desce, mas a partir d'uma certa profundidade o grau de augmento difficilmente se comprehende possivel. Este é o ponto de vista geralmente aceito.

— Até que distancia se deve determinar essa certa profundidade?

— Até 200 milhas.

— E além d'esse limite chega-se a um grande mar das mais estranhas materias dissolvidas?

— Pelo contrario, chega-se a um pequeno mar de materias derretidas, ou antes, a uma camada semi-plastica, semi-fluida, por sobre a qual vae boiando a crosta da terra e que para o centro se fórma e se consolida n'um grande nucleo de rigida materia.

Olhei espantado para elle. — N'um grande carôço de rigida materia?

—Sim; as minhas experiencias e as de outros homens de sciencia, para demonstração da theoria dos tremores de terra, indicam que o nosso globo, exceptuando aquella pequena parte semi-fluida, é pelo menos duas vezes tão rigido como o aço. Ora ouça e attenda bem. As vibrações d'um terremoto, as ondas sismicas, partindo d'um dado ponto através da massa da terra, digamos para exemplo do Japão, chegam á ilha de Wight, onde estamos, em deseseis minutos, o que é quasi duas vezes mais depressa do que se tivessem percorrido a mesma distancia através do aço rigido. Quanto maior é a rigidez, sabe, tanto mais rapida é a lei de velocidade na transmissão da onda.

— Estas ondas sismicas propagam-se através da terra em linha recta ou transmittem-se integralmente em todas as direcções, pelo interior e pela superficie, como as ondas sonoras?

— Estou inclinado a julgar que na sua origem ellas irradiam para todas as direcções.

Hei de mostrar-lhe alguns sismogrammas, registos de vibrações da terra, assignaturas authenticas dos tremores de terra, que levam a esta conclusão, e os quaes tambem explicam o estado interior do planeta.

O professor foi buscar e abriu um livro onde estavam colladas as fitas de sismogrammas, cada uma contendo as linhas brancas e rectas, entrecortadas de pontos ou de ilhozes, e dentadas onde a agulha monstruosa registou os tremores de terra.

— Aqui tem — continuou o professor,—um sismogramma do Oceano Indico do Sul que mostra o que eu poderei chamar echos sismicos; mas antes de entrar n'este assumpto, deixe-me dizer-lhe que as ondulações transmittidas através da nossa terra chegam aqui, a Shide, dezoito minutos depois de terem partido de Bornéo, que não representa grande excesso de tempo sobre o necessario para que ondas similhantes façam similhante viagem desde as Indias occidentaes. Isto surprehende-o?

—Com effeito, quer-me significar que Borneo está muito mais distante?

— Exactamente. Cêrca de 2.000 milhas.

— Então como podem as ondas vir de Borneo para Shide quasi tão depressa como das Indias occidentaes?

— Porque, vindo em maior profundidade através da terra, propagam-se mais depressa, o que nos leva á conclusão de que a terra se torna mais elastica quanto mais proxima do centro. De algumas observações, que estão aqui á nossa disposição, o dr. Knott inferiu que a elasticidade que permitte a propagação de uma certa classe de vibrações, augmenta de 1,2 por cento por cada milha de descenso. E' difficil explicar-se por qualquer outra theoria esta maior velocidade de transmissão.

Mostra o curso das ondas ou vibrações sismicas, a partir de **J**, *chegando mais depressa a* **S** *do que aos outros pontos.*

Assim reconhecemos sempre que dos pontos do globo, quasi oppostos a nós, as ondas sismicas viajam muito mais depressa do que d'outros quaesquer, simplesmente porque passam mais perto do centro da terra ou da região de maxima rigidez Por outro lado, reconhecemos que de pontos do nosso hemispherio as ondas caminham para nós tanto mais vagarosamente, quanto menos profundos, são os segmentos através dos quaes venham, quer dizer, d'uma região menos rigida. Este phenomeno invariavelmente verificado em todos os nossos observatorios sismologos perturbou inteiramente a velha theoria de que o interior da terra fosse liquido, livremente movediço, e demonstra evidentemente que a

terra, comparada a uma laranja, tem por baixo da pelle ou crusta superficial, sobre a qual vivemos, uma massa muito mais rigida do que aquella propria crusta.

— Todavia extremamente quente ?

— Por certo.

— Tão quente que tudo derrete ?

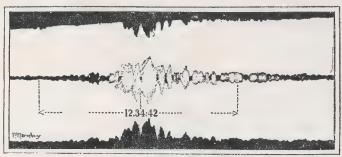
— E' verdadeiro dentro d'uma região limitada, a qual fórma a pequena camada viscosa de que lhe fallei, massa molle na parte inferior da crusta.

— Porque não ha de ser egualmente liquifeita em toda a extensão ?

— Por causa da pressão exercida pela parte superior. N'uma profundidade de 200 milhas, aquella deve attingir 600 toneladas por pollegada quadrada, bastante provavelmente para comprimir reduzindo novamente a estado solido o rochedo ou o metal derretido. Em todo o caso deve alcançar-se depressa uma profundidade em que a pressão seja grande bastante para produzir aquelle resultado. Sabe a lei geral, que o calor dilata e o frio contrahe ?

— Sim.

— Pois bem, ha razões fortes para estabelecer que a maior parte dos metaes e rochedos deixariam de se derreter com o calor, se os impedissem de se dilatar. Ora, se tiver uma porção de metal fundido que já se tenha dilatado durante a fusão, pode reduzil-o assim mesmo ao estado solido se lhe applicar uma grande pressão, assim como pode solidificar o ar liquido, pondo-o sob grande pressão. O interior da terra—o interior da laranja por baixo da pelle—com quanto potencialmente liquido, é realmente solido, e extremamente espesso.

— O que quer significar por potencialmente liquido ?

Sismogramma do mesmo tremor de terra do Mexico, registado na ilha de Wight

— Quero dizer que se transformaria immediatamente em liquido, se a pressão fosse supprimida. E' bastante quente para estar liquida, fundida, mas pelas leis da materia não póde estar sem se dilatar, e não póde dilatar-se em quanto estiver comprimida com o grande peso que tem sobre si. Deve entender-se portanto, que a terra originariamente liquida, tornou-se solida sob duas influencias, uma do exterior para o centro por pressão, outra do interior para a superficie por esfriamento, e estas duas influencias foram actuando simultaneamente até que se compensaram, produzindo uma casca solida exterior e uma materia solida interior, pelo que se póde chamar á região critica, simi-fluida da terra, uma região que alimenta a lava dos vulcões.

Sismogramma d'um tremor de terra no Mexico, em janeiro de 1899, registado em Swarthmore

O professor Milne continuou em considerações sobre o que succede n'este subterraneo campo de batalha, todo coberto de rochedos que se abatem intermittentemente, e onde a pressão e o calor estão sempre em rija lucta, fazendo com fortuna varia, como a dos combates humanos, do solido, liquido, e do liquido, solido. Como a crosta superficial esfria, contrahe-se em innumeras rugas, exactamente como a casca de uma laranga que vae seccando ; sendo essas rugas montanhas alterosas e

valles profundos, por contracção espherica devem comprimir e ajustar-se ao mesmo tempo em sua disposição superficial; e quando uma area insufficientemente escorada se excava, ou quando uma das vigas do pavimento continental se quebra, cahindo em baixo na camada viscosa, simifluida, n'uma medonha derrocada, o choque vae vibrando através da terra (chamamos a isto um tremor de terra), e levanta a crusta em grandes ondas revoltas, similhante aos pedaços dispersos de uma jangada vogando sobre um oceano tumultuoso.

Estes tremores de terra, ou estas ondulações, depois de terem percorrido grandes distancias, calculou o professor Milne, recordando a imagem da superficie serena d'um tanque perturbada pela queda d'uma pedra, medem entre as cristas de vinte a quarenta milhas; e as corôas da ondulação elevam-se dois ou tres pés acima do nivel normal, de forma que toda uma cadeia de montanhas, ou uma planicie inteira, ou uma cidade, erguem-se dois ou tres pés, depois afundam-se da mesma quantidade, mas tudo a um tempo e tão egualmente que só os instrumentos sismographos lhes são sensiveis. Londres, Lisboa, Nova-York e todas as cidades do mundo são levantadas e depremidas por esta forma muitas vezes durante um anno. Apoz um choque mais violento estas grandes intumecencias da terra persistem por muitas horas, dispendendo-se na elevação dez ou vinte segundos e outro tanto para se afundar.

— Então é perfeitamente elastica a superficie da nossa terra?

— Certamente, na parte exterior; mas a hypothese de um liquido interior contido n'uma esphera solida, como dentro d'um casco, leva ao absurdo de que não ha marés no oceano: por quanto demonstra-se mathematicamente que mesmo um envolucro do mais rigido aço, de 500 kilometros de espessura, havia de submetter-se flexivel e obediente ao enorme empuxão do sol e da lua (este calculo é de lord Kelvin) como se fosse gomma elastica: e por esta forma qualquer que fosse a espessura, tomada por aquelles que seguirem a theoria do casco contendo liquido, a attracção da lua formaria uma grande onda de terra que acompanharia o movimento do satellite, exercendo-se oscillação, sem duvida, sobre as aguas, mas em conjuncto, de forma a conservar-se apparentemente tranquilla. Teriamos marés de terra, não teriamos marés de agua.

— Porém não se empola a terra sob o empuxão da lua?

— Os nossos instrumentos ainda até agora não revelaram tal effeito com exactidão. Todavia é possivel que instrumentos mais delicados possam vir mostrar a existencia da onda na terra provocada pela attracção da lua.

Voltando novamente ao livro de sismographias o professor Milne continuou a sua demonstração de que o interior da terra é mais rigido do que a sua superficie.

— Se olhar attentamente para estas fitas de papel, notará a repetição da mesma figura nos traços da agulha. Os sismogrammas de quasi todos os importantes tremores de terra conteem estas repetições, ou como as defini ha pouco, echos sismicos. A agulha enregistadora oscilla por minutos, descreve um certo numero de ilhozes e de zigue zagues, que se pódem chamar os signaes, as caracteristicas do tremor de terra (e muitos d'elles trazem comsigo o que se poderá denominar a marca do correio da origem d'onde provêm) e immediatamente depois repetem-se as mesmas ilhozes e zigue-zagues em menor escala como se fôra uma copia em miniatura. Por vezes seguem-se mais uma ou duas repetições e o echo vae desapparecendo finalmente, esbatendo-se como ao longe vae diminuindo um som, de sorte que, mesmo á lente, não se reconhece com facilidade a similhança entre o ultimo autographo mais pequeno e o primeiro original.

— Todas as perturbações sismicas provêem, do que se chama a região critica da terra?

— De módo algum. Os tremores de terra são de duas formas distinctas. Ha-os devidos a collapso na região critica que faz com que a superficie da nossa terra arfeje similhante ao respirar de immenso monstro, e ha os que provêem de fractura devida a uma excessiva curvatura da crusta. Estes ultimos que comprehendem pelo menos 95 por cento dos tremores de terra que se teem sentido, e estão inscriptos nos nossos registos diarios, causam sómente um estremecimento e nunca se propagam a grandes distancias.

— Não haverá tremor que principie no centro da terra ou perto d'elle?

— Nenhum que se tenha notado. Houvesse elle que chegaria evidentemente a todas as nossas estações sismologicas precisamente no mesmo ou quasi no mesmo momento, tendo eguaes distancias a percorrer; mas isso nunca succedeu. Ha sempre differenças de tempo no registo de sismogrammas, correspondentes ás variadas distancias do ponto de vibração.

E' da comparação d'estes differentes sismogrammas que se obtem a localisação precisa de qualquer tremor de terra.

— Deve portanto concluir-se que o interior abaixo da região critica, está em tranquillidade?

— Sim; tranquilla e inerte.

— Uma silenciosa e rigida bola, intensamente quente?

— Sim.

— Brilhante, luminosa, como o ferro fundido, se a laranja fosse descascada?

Sismogramma mostrando os precursores e os eccos do termor de terra de junho de 1898 no oceano indico, ao sul, registado na ilha de Wight

— Indubitavelmente; mas n'esse caso deixava de ser uma tranquilla e rigida bola.

— O que seria então?

— Um grande spheroide coberto de um oceano em fogo. Porque se a crusta fosse eliminada a pressão que conserva solido o nucleo interior desapparecia e o que era apenas potencialmente liquido ficaria por sua vez realmente liquido.

— Liquido até o centro?

— Não, só até uma profundidade tal que o peso do oceano liquido de lavas exercesse sufficiente pressão para manter o estado solido. Então principiaria de novo o resfriamento da superficie e o enrugamento da crusta. Gradualmente se formaria uma outra terra como esta, sómente mais pequena, tanto quanto a espessura da casca eliminada. Deve saber que os nossos vulcões existem pelo combate da crusta exterior contra as camadas subjacentes.

— Como assim?

— Pela contracção da superficie da terra que arrefece, ha uma tendencia em se crear espaços cavernosos na crusta sobre qualquer região critica que póde conservar-se quieta por seculos, mas quando as aguas se forem enfiltrando n'elles, ou fôrem penetrando pela acção capillar, ou alli se engolpharem por fenda ou factura, determinam-se os phenomenos das erupções.

Depois de diversas considerações que omittimos sobre vulcões e sobre a sua theoria para não repetir o que dissemos em outro artigo, nota ainda o professor Milne o augmento de condensação do nucleo interior. As conclusões deduzidas dos registos dos sismogrammas são confirmadas pelos calculos e deducções dos geologos e dos astronomos, sendo opinião geral que toda a massa da terra tem um peso especifico de pouco mais ou menos 5,5, sendo o peso especifico da crusta de 2.5; em outras palavras, que a terra é similhante a uma bala de artilharia recoberta de madeira ou de couro.

Ainda mais, o caroço da terra deve ter um peso especifico de pelo menos 10 para que a media se possa elevar a 5,5.

— Ha dois meios—continuou elle—de procurar explicação para a grande condensação e peso da materia central da terra. Se a suppôzermos composta dos mesmos elementos da superficie e nas mesmas proporções, devemos concluir que estes elementos estão condensados no centro, de forma que um dado volume de terra exterior se reduz a um quarto em

Sismogramma, amplificado, mostrando a continuação das vibrações da fig. anterior

volume de terra central, e portanto este ganharia o quadruplo em peso. Isto equivale a dizer que dois pés cubicos do nosso granito, ferro ou pedra de cal se comprimiam n'um pé cubico, se fossem levados para o centro da terra.

Ou, invertendo a hypothese, que um pé cubico da materia central da terra se avultasse n'um volume de quatro pés cubicos quando trazido para a superficie, exactamente como o algodão avulta quando se rasga o envolucro d'um fardo em que está fortemente

empacotado. Esta supposição, porem, é phantastica, porquanto os solidos que vemos e conhecemos são ligeiramente compressiveis. A pressão faz algum effeito no augmento de peso dos solidos, mas é insignificante.

Outra hypothese mais rasoavel é attribuir o maior peso especifico da terra central á disposição sobreposta dos elementos mais espessos e pesados no primitivo periodo da formação dos planetas. E' mais facilmente comprehensivel que no momento da terra ser ainda liquida, metaes com grande peso especifico, como a platina (21), oiro (19), prata (10), chumbo (11), ferro (7), se afundassem de preferencia aos elementos mais leves como o silicio (2.4), aluminio (2.5), sodio (9.7), carbone (3.3), e outros que formam os principaes corpos constituintes dos rochedos, argilas e areias.

Esta hypothese corresponde ao que o spectroscopio mostra existir em outros corpos celestes, — camadas mais pesadas para o centro — e corresponde ao que os geologos actualmente teem averiguado na nossa terra, tão fundo quanto teem chegado as suas investigações. D'onde se pode dizer que a raridade do oiro e da platina na superficie da terra, se transforma em abundancia desmedida no centro d'ella, ironica consolação dada aos famintos de riqueza.

❁ ❁ ❁

Entretanto o relogio implacavel ía marcando os momentos na palpitação electrica que lhe impellia o ponteiro e approximava-se a hora das observações. O professor Milne teve de concluir a entrevista, e felizmente a fatidica campainha, a que annuncia os terremotos, não havia resoado mysteriosa e impassivel.

Scaphandros

Estou convencido que não foram os portuguezes que inventaram os apparelhos denominados *scaphandros*, de que se servem os mergulhadores para descer ao fundo das aguas, quer em rios e portos, quer nas costas do oceano. E' innegavel, todavia, que entre nós, vae para mais de tres seculos que se realisaram experiencias maritimas n'aquelle sentido e por ventura os processos e apparelhos então usados, ainda que embryonariamente, já conteriam a idéa inicial dos que se empregam na actualidade. Infelizmente, os documentos, que servem de base a este breve estudo, não fornecem pormenores ácêrca da fórma e funccionamento d'esses apparelhos, nem tampouco nos indicam o resultado das experiencias.

Dos documentos, o que reputo mais antigo, não tem data, mas creio poder attribuir-se, senão com absoluta certeza, pelo menos com a maxima probalidade, ao segundo quartel do seculo XVI. E' um memorial dirigido a el-rei, sem duvida D. João III, por um João Rodrigues, homem muito habilidoso e que offerecia o seu prestimo em muitos serviços de utilidade publica.

Assim se promptificava elle a aperfeiçoar o processo inventado por Simão Fernandes para estancar a agua dos navios por meio de bombas. Este Simão Fernandes, astrologo e cosmographo real, recebera diversas mercês de D. João III e uma d'ellas, em 1537, destinada a recompensar o serviço que elle prestára com o invento das ditas bombas.

João Rodrigues propunha-se tambem applicar o systema das bombas aos engenhos de moer. Outra especialidade em que elle alardeia os seus conhecimentos e pratica é no fabrico das peças de artilharia e da polvora, promettendo adestrar os nossos bombardeiros e tornal-os os mais habeis de toda a christandade. Pelo que respeita ao modo de extrahir objectos do fundo das aguas diz elle que *dará ordem como vá hum homem abaixo até estar lá espaço que possa fazer o que fôr necessario.*

Imaginando que o não acredite sua alteza e lhe ponha objecções, pondera João Rodrigues que não é este o caso do homem de Alcoxete, que affiançara vir a Lisboa por baixo d'agua. D'esta curiosa referencia a uma anecdota da época se conclue que o homem que havia de atravessar o Tejo com botas de cortiça já tivera um predecessor no seculo XVI. João Rodrigues porém abonava a sua proposta com exemplos estranhos, allegando que o seu engenho era superior ao que tinha visto exercitar lá fóra.

Talvez este João Rodrigues seja o mesmo, que inclui nos meus *Trabalhos Nauticos*, e de quem se fala largamente com grandes elogios, como bom mareante e cartographo, n'uma carta de Francisco Dias. Em nota, no sobrescripto d'esta carta, se lhe dá o epitheto *o dos engenhos*. Com appellido identico, o *engenhoso*, existia, por 1560, um João Gonçalves, que inventou uma machina de cunhar moeda.

Em 15 de dezembro de 1573 passou D. Sebastião um alvará de privilegio, por vinte annos, em favor de Francisco Soller, para um seu engenho para *tirar artelharia debaixo dagoa e outras cousas perdidas e usar delle nos portos de mar e nos rios dagoa doce*.

Com data de 23 de agosto de 1631, encontra-se, mais desenvolvido e fundamentado, um alvará de privilegio em favor de Antonio Pessoa Campo para um artificio, por elle inventado, para tirar *debaixo dagoa nas costas, barras e rios dos meus reinos da Corôa de Portugal, artelharia, anchoras, pedraria, ouro, prata, ambar, cobre e tudo o mais que se achar de qualquer qualidade que seja, asim nacido nagoa como perdido nella por naufragios ou por outra qualquer via*.

Vejamos agora as condições, em que foi concedido o alvará:

1.ª — Que o referido Campo faria toda a despeza com embarcações, utensilios e pessoal para o effeito desejado;

2.ª — Que o prazo para a sacca da artilharia e outros objectos fosse duravel sómente por dez annos;

3.ª — Seria pago á custa do privilegiado o salario determinado por el-rei á pessoa que, em seu nome, estivesse dirigindo a empreza;

4.ª Que a el-rei caberiam 42 por cento de tudo o que se extrahisse, ficando o restante ao interessado para satisfazer todas as despezas com cousas e pessoas, inclusive o individuo que em nome de el-rei superintendesse n'isto;

5.ª—Que este mesmo individuo teria alçada e poder de el-rei para julgar e sentenciar todas as questões, tanto civeis como criminaes, que por este motivo se viessem a suscitar;

6.ª — Que a este mesmo superintendente seria entregue tudo o que se fosse tirando até se vender, passando de tudo as necessarias declarações e recibos;

7.ª — Que Antonio de Campo não poderia apartar nenhum dos objectos extrahidos, e que tudo se venderia em almoeda, sob a direcção e vigilancia do commissario régio, como diriamos hoje;

8.ª — Que el-rei poderia escolher a parte que lhe conviesse da artilharia, ancoras e amarras, pagando a Antonio Campo o preço que se ajustasse.

Algumas d'estas condições, que eu dou aqui resumidamente, são acompanhadas, no respectivo documento original, de outras subalternas e inclusas que as esclarecem e amplificam.

Em 1736 concedeu D. João V carta de privilegio, da natureza das antecedentes, a Jorge Gordon, subdito britannico.

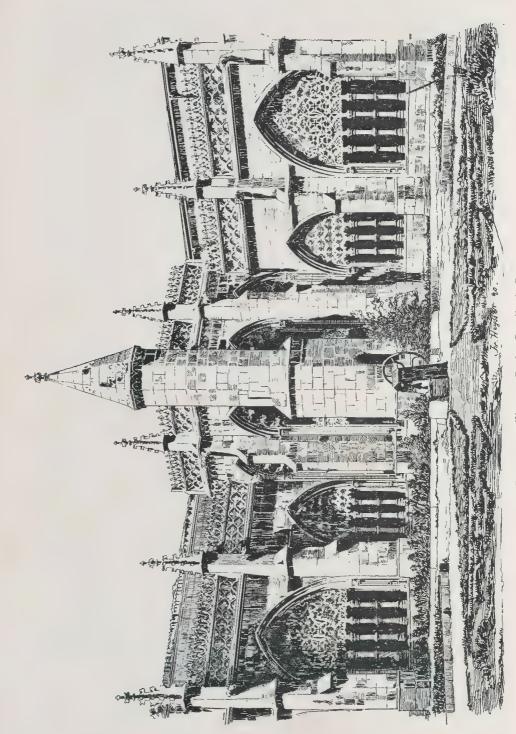
No reinado de D. Maria I é que se fez em Portugal experiencia de um apparelho hydraulico, comparavel, pelo menos nos seus resultados, aos actuaes scaphandros. O inventor não era portuguez, mas sim um engenheiro italiano, José Maria Yola, que fôra chamado ao nosso paiz, ou por conta do governo ou por conta da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, para proceder ás obras tendentes a melhorar as condições de navegabilidade d'aquelle rio. Em 8 de setembro de 1786 quebrára o cachão da Pesqueira, e executára depois em Lisboa, no Tejo, em frente do Terreiro do Paço, a operação de descer ao fundo, do rio dentro de uma machina hydraulica, que lhe deixava as mãos e os pés em liberdade de fazer qualquer exercicio. Encerrado n'este apparelho, cantou hymnos e psalmos, que se ouviam á superficie, respondendo tambem ás perguntas que se lhe fizeram, o que tudo escutou e presenceou o Principe Real, que estava n'um escaler, no sitio exactamente onde o Yola mergulhára. A côrte e numeroso concurso de povo assistiu a este acto, que vem relatado na Gazeta de Lisboa de 24 de janeiro de 1795.

Eis os apontamentos que tenho podido colher até agora ácêrca do uso dos scaphandros em Portugal, ou antes dos apparelhos similares, que os precederam. Se junctamente com os alvarás de privilegio, se tivessem registado as petições dos interessados, com mais algum fundamento se poderia averiguar até que ponto a inventiva dos portuguezes collaborou n'esta especialidade. Em todo o caso, o que me parece ficar determinado, é que já datam de seculos as tentativas e experiencias, feitas no nosso paiz, para as explorações submarinas.

Sousa Viterbo.

Batalha. — *Claustro Real e Capella do Poço*

A Architectura da Renascença em Portugal

POR ALBRECHET HAUPT

SUMMARIO — *Introducção historica. A dynastia de Borgonha. A dynastia d'Aviz. Artifices mouros. Andrea Sansovino. Garcia de Rezende. Bellas-artes no tempo de D. João* II. *Festas regias. El-rei D. Manuel. Caracter do seu governo. Humanidades. Descobertas. A Ordem de Christo. Construcções em Portugal e Colonias no tempo de D. Manuel. Influencias orientaes. A Biblia de D. Manuel.*

REPOUSADO n'um valle, cingido de vinhedos e de collinas cobertas de pinheiros, está situado o convento de Nossa Senhora da Victoria, geralmente chamado da Batalha, o grande monumento da independencia portugueza immortalisando a batalha de Aljubarrota, e ao mesmo tempo o mausoléo da dynastia de Aviz, emquanto os restos mortaes dos reis d'ella não foram sepultados, como mais tarde, em Belem. Alli jáz o fundador da dynastia, D. João I (morto em 1433) ao lado de sua mulher D. Filippa, cultora da arte, os seus filhos D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique, D. João e D. Fernando, o seu neto D. Affonso V, o seu bisneto D. João II; e aqui se projectava que fosse a ultima morada do mais brilhante dos reis portuguezes D. Manuel, o *Affortunado*, bem como de seus successores. Quando o sepultaram (1521) sob a abóbada do seu mais esplendido monumento, o convento de Belem, declinava já no horisonte a estrella do reino de Portugal, que apenas meio seculo depois desapparecia do numero dos estados independentes.

Sob a fria sombra da abóbada da capella do fundador na Batalha, descança a familia de D. João I: elle com sua mulher debaixo da cupula esvelta e, ao longo das paredes, seus filhos, com excepção de seu successor D. Duarte, o qual tem sepultura fóra em frente do altar mór. O viajante culto sente-se penetrado de devoção e de veneração perante os tumulos d'estes quatro principes. Uma raça de heroes. Plena de grandeza e nobreza de pensamento, de energia e de amor da patria espartano, dotada dos mais esplendidos dons intellectuaes, essa familia quasi não encontra par que a eguale na historia. D. Pedro, o mais velho, de infeliz sorte, apresenta exemplo magnifico de inabalavel fidelidade ao seu dever como regente do reino e tutor de seu mal avisado sobrinho, o rei D. Affonso V; descança de uma vida cheia de luctas com a inveja e a calumnia; mal apreciada a pureza de sua vontade e de seus intuitos, acaba tristemente, mas acaba uma vida cheia de grandeza e de dedicação pela patria; a sua divisa *Désir* deixa adevinhar no indizivel mysterio da palavra o seu elevado pensamento. D. Fernando, o mais querido da familia, dorme alli o ultimo somno, victima da patria pela qual elle morreu, da morte lenta de martyr n'uma prisão africana, porque a sua vida não podia ser remida do captiveiro pela restituição de uma cidade arrancada ao poder dos mouros; *Le bien me plait*, era a sua divisa predilecta. D. João, o quarto filho, segue em sua vida o exemplo de seus irmãos; a sua firmeza de convicções está indicada na sua divisa: *J'ai bien reson.*

D. Henrique, citado por ultimo mas como o mais glorioso (morto em 1460) dorme aqui tambem depois de uma longa vida, desinteressada, fecunda em acções e que elle dedicou desde sua mais tenra mocidade á lucta e ao trabalho pela patria, fiel á sua divisa: *Talent*

Publicando as illustrações e traducção do texto do notavel livro do douto escriptor e architecto allemão, os **Serões** *procuram por este meio efficaz despertar o gosto e curiosidade pela Arte portugueza que mesmo a estranhos merece, bem evidenciados, tanto estudo e apreço. Os* **Serões** *tentam tão sómente, convem dizel-o, fazer obra de vulgarisação e não de critica erudita sobre o assumpto.*

de bien faire; e ainda sonha talvez com o seu Portugal dilecto, vendo-o primeiro entre as nações de navegantes e descobridores.

Quando cerrou os olhos para sempre, estavam quasi cumpridos os seus desejos; cahiram as muralhas que cercavam o mundo até então, e mares e mundos infinitamente longinquos, sem fim, immensos, fazendo medo, abriram-se deante da Europa assombrada. Trinta e dois annos depois Colombo, seguindo na sua esteira, abordava á America; alguns annos depois, Vasco da Gama e Alvares Cabral, successores e patricios de D. Henrique, chegavam á India e ao Brazil. Estes são os factos que á humanidade abriram as portas da prisão antiga, os feitos de uma nova raça, joven e poderosa, em prol do renascimento do velho mundo, dos quaes D. Henrique, o infante navegador, deve ser considerado o verdadeiro e manancioso propulsor. De sua actividade não só nasce a grandeza de sua patria, mas tambem a força elementar do movimento contemporaneo e dos que se seguiram — o Humanismo, a Renascença e a Reforma.

Sem duvida a época da Renascença em Portugal deve ser em seus primeiros vestigios retrotrahida a D. Henrique e á sua activa influencia, tanto mais que elle reunia em sua escola, simultaneamente, todos os conhecimentos scientificos mathematicos como todas as acquisições e invenções mechanico-technicas que n'aquelle periodo se entrelaçavam intimamente nos dominios da arte. Assim respeitamos n'elle a pedra angular e o marco do tempo moderno.

❀ ❀ ❀

A HISTORIA mais antiga do reino de Portugal é comparativamente curta e simples, especialmente com respeito á arte. Só a antiguidade classica, sobretudo a romana, tinha creado nos lugares de sua existencia e actividade em Portugal, como por toda a parte, alguns importantes e indestructiveis testemunhos de sua grandeza, entre os quaes o esplendido templo de Diana em Evora póde ser apontado como a mais bella ruina romana em terreno ibero, se não se quizer dar o primeiro lugar ao amphitheatro de Tarragona. Da mesma sorte póde observar-se vestigios da cultura grega, ao longo da costa meridional do Algarve, em restos de notaveis colonias.

Mas em ulterior seguimento, pelos meados do seculo XII, quando o paiz foi definitivamente conquistado aos mouros, nada se havia creado ainda de importante no dominio da arte; nem os godos nem os seus successores, os mouros, deixaram aqui monumento importante de sua existencia ou mesmo de sua arte. Este facto encontra explicação na sorte da Peninsula que se dividia n'um segundo estadio ao sul e a leste, n'estas esplendidas regiões que ainda apresentam hoje riqueza magestosa em incomparaveis monumentos artisticos.

A primeira dynastia dos reis portuguezes, a de Borgonha, occupou-se quasi exclusivamente da conquista e da defeza do paiz apenas nascido, de sorte que só castellos poderosos e cidades bem fortificadas dão testemunho d'ella. As suas Sés são modestas e pequenas; os seus palacios, pobres mas soberbos. Só os seus lugares de sepultura tiveram forma cuidada; a maior egreja do paiz, dentro do gigantesco mosteiro de Alcobaça, encerra os restos mortaes da maior parte dos representantes d'aquella dynastia. Mas n'estes monumentos não se descobre estylo ricamente ornamentado, nem a phantasia meridional; uma singela e primitiva architectura gothica, meio franceza, meio hespanhola, de pesados botaréos e abóbadas, fortificada de seteiras, severa, quasi triste, devolve-nos o reflexo de aquelles tempos guerreiros.

Devia nascer uma nova dynastia, subir ao, throno uma raça mais nova e mais delicada, para abrir no paiz ensejo a uma arte mais rica. Na dynastia de Aviz, a qual por seu fundao dor D. João I, para assegurar a existencia da paiz e a propria, realizou em 1385 na batalh- de Aljubarrota o seu primeiro e mais memoravel feito, foi tambem o monumento de ses pultura aquelle que formou a expressão mais completa e mais consideravel d'esse novo esforço artistico.

Um outro espirito penetrou nos reis guerreiros de Portugal. D. Filippa de Lancastre, mulher de D. João I, propagou no paiz, com o pensamento e civilização ingleza, a arte tambem ingleza. O grande monumento nacional da familia de Aviz, jazigo de quasi todos os membros d'ella, e a um tempo monumento d'essa batalha terrivel, é sem duvida, antes de tudo, uma obra de artistas inglezes em terreno portuguez. Porem está alli justamente o principio d'uma nova evolução. Nas numerosas riquezas de formas gothicas septentrionaes, alli divulgadas sob a influencia impulsiva de um esplendor até então desconhecido, a arte portugueza encontrou estimulo para trabalho proprio, independente; e, tres gerações depois, formava-se do estylo esplendido da Batalha uma architectura especial que, em acção reflexa sobre a phantasia meridional, dava expressão commum ás acquisições da cultura septentrional e ao esforço proprio, ainda hesitante ou indeterminado.

Se o principe D. Henrique e seus irmãos, entre os quaes D. Pedro parece ter a importancia culminante com respeito ao estudo das

humanidades, já tinham trazido para o paiz desenvolvimento scientifico em bellas lettras, estas eram apenas precursoras da Renascença; não podia por emquanto ver-se uma immediata e apparente influencia na arte. O governo do rei D. Affonso V limitou-se tambem a offerecer alimento á corrente de conquistas e descobertas da nação, de mistura com, sem duvida, bem pouco proveitosas campanhas em Africa e em Hespanha.

⊛ ⊛ ⊛

Em D. João II (1481-1495), nasceu finalmente um rei, amigo devotado não só da cultura italiana e dos estudos da antiguidade, mas tambem da arte italiana, um energico promotor da Renascença em terras portuguezas.

Com excepção d'um certo estylo gothico, derivado em parte da Hespanha em parte da Batalha, floresceu no paiz até o fim do seculo XV uma escola unica no seu genero que póde ser francamente denominada gothica e ainda pelos annos de 1480 produziu em Portugal exemplos classicos d'essa anachronica orientação. (Leiria, castello e egreja; Santarem, S. Francisco)

Além d'isto, exerceram os mouros ao sul e no interior de Portugal uma influencia decisiva nos promenores de construcção. Provinha isto de que, tanto em Hespanha como no interior de Portugal, especialmente ao sul do Algarve e nos arredores de Evora, antiga capital, certos mesteres de architectura, alem de outras industrias, eram cultivados pelos mouros. Entre aquelles parece ter-lhes pertencido a arte de canteiro, não obstante dedicarem sua actividade a trabalhos de barro em todas as especies, como os documentos confirmam. Assim encontra-se, entre outras provas, durante todo o seculo XV, na arte da architectura profana, em toda a peninsula iberica, os mesmos capiteis do estylo mourisco postos sobre fustes extraordinariamente delgados, em geral divididos symetricamente como estribos de arcos dentados ou em fórma de ferradura. Encontram-se estes particularmente em Evora e no palacio real de Cintra. Juntamente com a influencia mourisca nos promenores, uma outra se radicou na ulterior configuração das casas, principalmente edificios em fórma de castello, e das fortificações. Na verdade o aspecto de um palacio real portuguez como o de Cintra, que no essencial pertence ao seculo XV, tem alguma cousa de mourisco, não só na extraordinaria fórma arabe das ameias e interiormente na ornamentação total das paredes com ladrilhos, mas tambem na maneira caprichosa, apparentemente sem plano e arbitraria, de agrupar toda aquella massa de edificios que o assemelha mais a um alcaçar do que a um castello christão.

Está claro que da ligação de uma tal especie de architectura com as formas de estylo analogas, provenientes do norte e do oriente, correspondendo bem ao gosto do tempo, devia produzir-se uma mescla extranha que se apartava dos principios do gothico contemporaneo em outros paizes, e que realmente nenhuma relação tem com a arte hespanhola. Este era o fundo sobre o qual ia recahir a primeira acção da Renascença.

⊛ ⊛ ⊛

No anno de 1491, D. João II que nos ultimos annos de seu reinado se applicára em aperfeiçoar a organisação interna do reino, consolidado por elle á custa de luctas bem severas, mandou vir de Florença para Lisboa o moço professor Andrea Contucci, chamado o Sansovino [1] já mui celebre n'essa época. Pelo que nos diz Vasari, [2] elle ficou em Portugal até o anno de 1499, occupando-se aqui de trabalhos de esculptura e de architectura, primeiro para D. João II e, desde 1495, para seu successor D. Manuel.

Das obras do mestre em terra portugueza parece que nada existe hoje. Vasari bem falla de uma serie de excellentes obras de esculptura, como tambem de palacios que elle construira para os dois soberanos, principalmente de um de quatro torres para o rei D. Manuel. Poderia talvez aquelle ultimo ter sido construido em Lisboa junto do porto e centro da cidade, no Terreiro do Paço, d'onde as aguas revoltas do Tejo tel-o-hiam arrancado na occasião do terremoto de 1755. As alas do paço real d'Evora, unidas ou talvez apenas decoradas por Andrea, tambem desappareceram. Já o mosteiro de S. Francisco que, por mercê de Filippe II se apoderára do palacio para seu particular uso, fizera desapparecer tambem diversas partes d'aquellas construcções. Por occasião de uma excavação realizada alli ha seculos, encontraram-se ainda, segundo se conta, alguns quartos subterraneos cuja decoração se diz representava uma magnifica pintura grotesca no genero italiano. Os ultimos vestigios d'ella foram destruidos n'aquella época. [3] Seja como fôr, a verdadeira influencia de Sansovino no desenvolvimento da Renascença em terra portugueza não deve ser exageradamente apreciada; pelo contrario o artista era constrangido a sujeitar-se ás fórmas já existentes, tanto que Vasari poude dizer que tinha executado para o rei numerosos esboços com idéas architectonicas «segundo os usos do paiz.» Quer dizer que foi obrigado a subordi-

nar muitas vezes os seus trabalhos ás fórmas predominantes, meio gothicas, meio mouriscas. Comtudo o periodo da sua acção em Portugal indica o momento critico da historia da arte do paiz, o qual sem duvida só trinta annos mais tarde progride no sentido da verdadeira Renascença; mas em compensação aquelle curto intervallo, fundindo os elementos já mencionados, fez brotar esta extranha Renascença d'um caracter phantastico que se deve considerar sobre tudo como a orientação mais curiosa da historia da arte portugueza.

Alem de Sansovino, D. João II utilizou outros artistas cujos nomes foram conservados. Entre outros, Garcia de Rezende, tambem celebre como escriptor, o qual na sua Chronica dos valerosos feitos d'El-rei D. João II eregiu um monumento ao seu soberano; um parente de André de Rezende [4] tambem mais tarde celebre como escriptor. Garcia conta-nos o muito interesse que o rei tomava em seu trabalho de artista. Elle era um excellente desenhador e o rei gostava de o observar em seu lavor, dizendo que era uma arte tão bôa e util que elle proprio desejaria professal-a, como seu tio Max, imperador da Allemanha, o qual era notavel como desenhador. Talvez possamos assim conjecturar pela esplendida torre de Belem a filiação dos desenhos de Rezende. A execução d'este edificio classico resultou provavelmente d'esta base fundamental, assim como devemos recompor no caracter da architectura de Rezende os esboços de Sansovino. Garcia foi em tempo de D. Manuel (1516), secretario da legação junto do papa Leão X, e sem duvida era homem versado em muitas sciencias. Era El-rei D. João amador, por excellencia, do esplendor artistico. Quando em 14 de novembro de 1481 abriu as côrtes em Evora e recebeu na sala grande do regio paço a homenagem dos estados, os deputados que assistiram tiveram tambem muito de louvar o esplendor dos adornos, as tapeçarias tecidas representando episodios da vida de Trajano e da sua justiça, e toda a riqueza da solemnidade dos festejos á maneira da Renascença italiana. O rei dava muito valor á pompa externa, e gostava de sahir pelas ruas com musica e cortejo. Os moradores recebiam alegremente aquella ostentação e enfeitavam as janellas com ricos pannos e colchas. Em suas festas havia bailes e jogos executados

Capiteis mouriscos d'uma columna de janella no palacio real de Cintra e d'um pateo de Sevilha

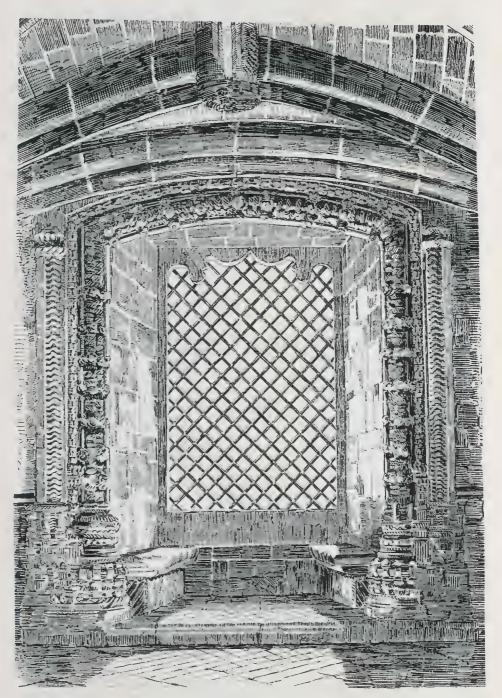
por donairosas theorias de mouros, que para este fim tinha na sua côrte. A sua meza, para a qual usava convidar sabios e artistas, era animada de espirito culto. Elle organisou pouco depois da sua ascensão ao throno uma sociedade scientifica para estudo e propagação das sciencias mathematicas e geographicas, com o fim de simplificar os processos da navegação. Foi esta a celebre sociedade a que elle deu encargo de julgar a idéa de Colombo e que infelizmente não estava, ao tempo, á altura da sua tarefa. O commercio com o oriente já então desenvolvido exercia influencia decisiva sobre o gosto artistico.

Os comtemporaneos contam-nos maravilhas dos preparativos para o casamento de seu filho o infante D. Affonso em Evora a 27 de novembro de 1490. Uma caravela partira para a India em busca de joias e fazendas de seda, de oiro e prata. Outras partiram para a Italia com identico fim, e a compra aqui foi tão consideravel que se esgotaram os fornecimentos de brocados e de seda em Florença, Genova e Veneza, e houve de vir mais tarde o resto das encommendas. De Castella vieram artistas e operarios, e muitos tecidos de arte; tapetes, pannos e pelles, principalmente pelles de marta e de arminho, da Flandres, da Allemanha e de Inglaterra; até viveres se encommendaram em parte ao estrangeiro. Os festejos dividiram-se em bailes, batalhas navaes, jogos de lança e torneios. E' no tempo d'este monarcha que temos de procurar os principios da Renascença portugueza.

Pois que em 1491 fallecera D. Affonso, filho de D. João II, de cujo casamento acabamos de fallar, e por que em 1495 seu pae o seguiu na morte, subiu ao throno D. Manuel, o mais glorioso descendente da familia de Aviz. Fôra seu pae o eminente infante D. Fernando que de 1460 a 1470 tinha sido mestre da Ordem de Christo. Sua mãe D. Beatriz devêra ter sido senhora illustrada, que educou com o maior primor seu filho. A irmã d'ella D. Leonor, senhora de uma intelligencia rara e culta, notavel promotora da arte a julgar pelas instituições que creou, era, como mulher de D. João II, rainha de Portugal. Teve D. Manuel dois irmãos mais velhos que foram mestres da Ordem de Christo e quando D. Diogo, o mais novo dos dois, por traição á patria, morreu ás proprias mãos do rei, D. Manuel foi então investido nas dignidades e bens do mestrado.

Desde muito novo o principe D. Manuel soffrera penosos enfados. De 1480 a 1483 esteve retido como refen na Terçaria [5] em Castella onde D. João II lhe arranjára uma pequena côrte. Fôra seu aio o excellente Diogo da Silva Menezes, mais tarde conde de Portalegre. Já n'aquelle tempo o rei conferira a D. Manuel como divisa em seu brasão a esphera armilar [6] que por elle devia ficar tão celebre.

No anno de 1493 trocou o titulo de duque de Vizeu que sua familia antigamente usava pelo de duque de Beja. Mais dedicado ao rei do que se fôra seu filho, por amor e por fidelidade, tivera talvez de renunciar ao

Arcos da janella do Paço de Cintra

Vista interior d'uma janella da sala do Capitulo no Convento de Christo, em Thomar

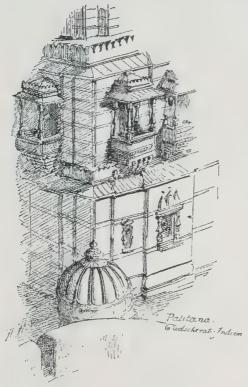
throno em favor de D. Jorge, filho natural d'aquelle, se a rainha D. Leonor não tivesse feito mallograr pela sua opposição aquelle aggravo. A 25 de outubro de 1495 morreu D. João II e D. Manuel viu-se investido de uma dignidade que antes não se atrevêra a esperar. Este facto explica muitas das excellentes qualidades que o distinguem.

Não podemos deixar de fazer uma rapida descripção do caracter d'este notavel monarcha, cujo governo constitue a época mais gloriosa da historia de Portugal. Possuia D. Manuel uma educação primorosa, amante de tudo quanto era bello, principalmente da litteratura, versado no latim e no grego e sabedor da antiga historia portugueza. Dedicou-se tambem á astronomia e á astrologia, e gostava de amenisar com bôa musica as doutas conversas de sua mesa. A musica da sua real camara, composta de executantes mouros, como era costume, gosava da fama de ser a melhor do seu tempo. Considera-se este reinado como uma das grandes épocas da poesia dramatica. Gil Vicente, poeta da côrte, creou então a comedia moderna. As annotações que se leem em suas obras: — representado perante el-rei D. Manuel no palacio da Ribeira em Lisboa em 1505, ou — perante a rainha D. Leonor em Almada em 1519 — etc, e onde figuram como lugares de representação de arte dramatica os palacios de Lisbôa, de Coimbra, de Almeirim, de Thomar e outros, revelam bem claramente a jovialidade artistica e o esplendor d'aquella côrte. Não se esquecia, porém, dos altos deveres da sua suprema magistratura, e durante as diversões acompanhavam-o, trabalhando com elle, os juizes, os thesoureiros e outros dignitarios do reino. Era piedoso e justo, profundamente entendido nos differentes ramos da administração. Dava audiencias publicas e mostrou-se sempre humano e clemente sem deixar de ser severo, até para comsigo proprio se fôra necessario; pessoalmente casto, e d'uma grande modestia. Assim a sua côrte fez-se escola de decoro, de bons costumes e de mutua benevolencia, para honra das mulheres e da intelligencia dos homens. Osorio, seu chronista, descreve a vida jovial da sua côrte onde não havia lugar para tristezas, onde de nenhuma parte chegavam queixas e onde sómente resoavam cantos e córos. Confirmou a sua ascensão ao throno por um acto de indulgencia, concedendo aos judeus e aos mouros as liberdades que lhes restringira D. João II. Infelizmente porém, mais tarde, sob o influxo de fataes influencias, este decreto de clemencia a favor dos que não eram christãos foi revogado, constrangendo-os a uma conversão geral, sendo n'este proceder homem do seu tempo, seguindo o ruim exemplo e a oppressão exercida pelos reis de Hespanha.

Foi casado trez vezes, e sempre com infantas hespanholas. Tendo morrido em 1500 sua primeira mulher D. Isabel, filha de D. Fernando e D. Isabel, desposou D. Maria, irmã mais nova d'ella. Apezar d'isto a influencia hespanhola no paiz sob o seu governo não foi grande com excepção do acto acima mencionado. Sua terceira mulher foi D. Leonor, irmã do imperador Carlos V, o qual despozou D. Isabel, filha de D. Manuel e por conseguinte era ao mesmo tempo cunhado e genro d'este.

D. Manuel era cultor devotado das humanidades e fez um curso trilingue na Universidade de Alcalá de Henares; amava as linguas antigas, e recommendava o estudo do grego mesmo para os principes e princezas. Mandou vir á sua côrte sabios tão distinctos como Ayres Barbosa, de Salamanca, Luiz Teixeira, João Rodrigues de Sá Menezes, e muito fez pela sua Universidade de Coimbra. Foi de uma alta importancia para esta a vinda de André de Gouveia, de Bordeos. Este reorganisou em parte a Universidade e em especial instituiu uma escola humanista de dez cadeiras.

Mas, onde o rei desenvolveu mais notavel e extensamente sua actividade, foi no dominio das descobertas. E' conhecida a sua protecção aos estudos scientificos que as preparassem; sobretudo os mais importantes e praticos para a navegação, como os mappas da lua e das estrellas do rabbi Abrahão Zacuto, chronista e astronomo do rei, o qual transformou o astrolabio inventado pelo mestre Rodrigo e José Vizino, em collaboração com Martim Behaim, n'um instrumento verdadeiramente util. No dominio da mathematica Francisco de Mello, protegido a todos os respeitos por D. Manuel, realizou cousas importantes, e o seu successor no cargo de aio dos principes foi Pedro Nunes, mathematico professor e cosmographo, sendo mesmo o mais notavel mathematico da peninsula iberica. Se D. João II, sem pensar no futuro, indeferiu o requerimento de Colombo, de tal sorte que este teve de procurar em Hespanha a consideração e o auxilio devido, D. Manuel realizou pelos seus almirantes Vasco da Gama, e Alvares Cabral as idéas que concebera seu avô D. Henrique. Quando Vasco da Gama, tendo partido em 1497, voltou em 1499 com a enorme acquisição do caminho maritimo para as Indias Orientaes, quando no anno de 1500 Cabral descobriu o Brazil, os portuguezes viram finalmente realizados os seus ideaes, proseguidos calorosamente durante um seculo.

Este successo, e maior feito dos portuguezes, abriu caracteristico ensejo de realizar-se a obra artistica mais importante do venturoso rei—a fundação do mosteiro de Belem, monumento nacional e symbolo de gloria pa-

D'um templo indio para comparar com a Torre de Belem

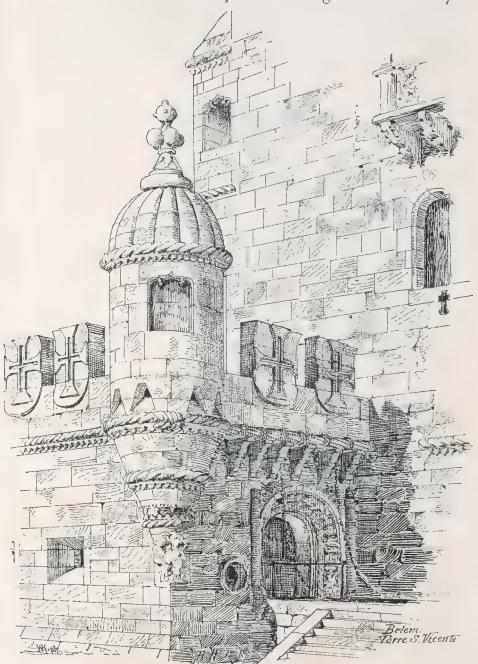
tria, jazigo dos ultimos soberanos da dynastia de Aviz. Assim tambem o poema classico nacional os *Lusiadas* de Camões se dedica á consagração d'aquelles mesmos altos feitos.

A dilatada importancia d'aquellas conquistas está indicada no titulo que para si tomou D. Manuel, appellidando-se senhor da Guiné, da conquista, da navegação, e do commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India.

A toda esta pompa de titulos deve juntar-se tambem a não menos valiosa e mais effectiva de mestre da Ordem de Christo, cargo honorifico que D. João III seu filho no anno de 1551 ligou indissoluvelmente á dignidade regia. Esta Ordem de cavallaria merece pela sua importancia que lhe esbocemos a historia. No anno de 1319 D. Diniz transformou a Ordem dos Templarios portuguezes na dos cavalleiros de Christo, no momento em que aquella decahia por toda a parte n'uma extincção definitiva. Em compensação dos extraordinarios serviços e auxilios que os templarios haviam prestado durante dois seculos na conquista do paiz e no engrandecimento da patria, o rei D. Diniz por aquella sua determinação atalhou-lhes a decadencia e salvou-os da sua completa ruina. Para evitar difficuldades a Ordem de Thomar mudou ao mesmo tempo a sua residencia para o castello de Castro Marim no baixo Guadiana. No anno de 1334, que outros dizem 1356, em melhor opportunidade, aquella séde foi outra vez transferida para seu primeiro lugar, o castello e mosteiro de Thomar; e foi d'alli que irradiou a sua activa influencia cuja extensão chegou a ser quasi indefinivel e que sómente veio a terminar em 1833 com a suppressão das ordens religiosas em Portugal.

O mais distincto dos mestres da Ordem tinha sido o principe D. Henrique, o navegador, que exercera aquella dignidade de 1418 a 1460. Se até elle a mais intensa e effectiva actividade dos cavalleiros de Christo se restringira ás guerras contra os infieis e ás luctas em defesa das fronteiras da patria, o infante D. Henrique deu-lhes tarefa bem mais importante no dominio das colonias.

Seu irmão o rei D. Duarte concedeu-lhes por intercessão do infante jurisdicção em todos os paizes conquistados e ainda por conquistar, como se mesmo fôra em Thomar. O que significava esta concessão pode imaginar-se olhando para as novas e numerosas conquistas que n'este tempo augmentaram immensamente.

Todavia foi só com o infante D. Manuel como mestre que se iniciou a época mais gloriosa da historia da Ordem de Christo. Quando D. Manuel subiu ao throno não deixou a sua cadeira de mestre; ao contrario parece que elle em toda a sua vida deu o maior valor a esta qualidade. Durante os trinta e tres annos que teve em mão o sceptro do mestrado foi morar muitas vezes em Thomar, realizando alli nos annos de 1482 e de 1503 festivos capitulos por occasião dos quaes fez profundas reformas na organisação da ordem. Para ella fez construir edificios magestosos e artisticos, e creou com assentimento do papa Leão X novas e numerosas commendas ecclesiasticas, com a administração das quaes elle recompensava os vassallos que no serviço das colonias mais se houvessem distinguido. Emfim elle fundou para a ordem innummeraveis egrejas e conventos em todos os paizes de além-mar. Quando subiu ao throno encontrou a ordem

Entrada e guarita da Torre de S. Vicente, em Belem

na posse de setenta commendas e, quando morreu, deixou-a na de quatrocentas e cincoenta e quatro, dizimos nas colonias e outras effectivas immunidades, sendo a ordem mais rica de toda a christandade.

Depois, sob o governo de seu filho D. João

III, a Ordem de Christo soffreu um fundo golpe, transformando-se em 1521 n'uma ordem de cavalleiros e monges. A sua riqueza não diminuiu por este facto. porque continuou possuindo, como anteriormente, as 454 commendas e 21 cidades e villas, mas tendo assumido o caracter de ordem monastica a sua decadencia progressiva era inilludivel. Esta consequencia fez-se sentir sempre, e mais ainda, desde 1580, com a usurpação hespanhola, porque durante o reinado de Filippe I e seus successores a Ordem deixou-se manejar como instrumento de fins politicos, e assim de seculo para seculo ella foi perdendo não sómente importancia, mas valor e dignidade. Extinguiu-se-lhe a influencia, porém, o seu nome ficou indissoluvelmente ligado aos maiores feitos e successos da historia do seu paiz. Quanto apreço D. Manuel dava á sua dignidade de mestre da Ordem, póde aquilatar-se pelo facto de usar sempre em seu brazão, além das já mencionadas espheras armilares, a cruz de Christo. A nenhum dos seus edificios faltou este duplo distinctivo.

D'um templo indio para comparar com trabalhos na Batalha

CUMPRE-NOS todavia considerar principalmente a extraordinaria iniciativa do rei D. Manuel com respeito a assumptos de architectura e o desenvolvimento que a esta deu. A prova mais concludente, mais fallante, d'este facto é a lista muitas vezes citada das construcções ordenadas por determinação de D. Manuel, a qual é dada por Damião de Góes em sua chronica. Difficilmente se faz idéa da variedade de obras n'ella enumeradas. De entre os mais importantes mosteiros, na sua maioria de dominicanos, citaremos: Belem, Pena, Thomar, Estremoz, Pinheiro, Tavila, Serpa, Santa Cruz em Coimbra, Beja; entre as egrejas: S. Francisco em Evora, S. Julião em Thomar, Conceição Velha em Lisboa, a celebre capella imperfeita na Batalha; e ainda os palacios reaes em Lisboa junto ao Tejo e em Coimbra; os arsenaes, as armarias e conventos na Guiné; as casas de depositos coloniaes em Lisboa e n'outros portos, assim como as pontes sobre o Guadiana e sobre o Mondego, fontes publicas, prisões, a esplendida Torre de Belem e numerosos edificios nas colonias. Para estas falla o chronista em edificios de todo o genero, egrejas, mosteiros, estabelecimentos publicos, fortalezas, fortes, cidades inteiras, principalmente em Aden, em Mecca, na Ethiopia, em Malaca, em Moçambique, etc. Com razão diz Raczynski que este numero e variedade de construcções teem alguma cousa de assombroso.

Cabe aqui fazer registo opportuno do inevitavel effeito reflexo das influencias do Oriente sobre os portuguezes e sua arte. Os ousados navegadores já haviam emprehendido as suas primeiras descobertas com a concep-

ção maravilhosa da magnificencia e do luxo d'aquellas terras longinquas; mas o esplendor enervante das decoradas construcções da India devera ter feito uma impressão de verdadeiro deslumbramento no espirito dos colonisadores, homens das melhores classes sociaes; e por isso acha-se natural que mais tarde empregassem visivel esforço em imitar nas construcções portuguezas o esplendido aspecto dos edificios do Oriente.

Os cabedaes artisticos com que isto se realizou foram sem duvida os mais proximamente recebidos; por isso se deixam vêr bem distinctamente em numerosos e importantes edificios certos promenores imitados, não só precisamente da India, como tambem indicados de uma maneira geral do apartado Oriente. Póde dizer-se isto principalmente do mais curioso monumento portuguez d'aquella época, da sala do capitulo em Thomar. No interior d'ella ha numerosos promenores decorativos que facilmente pódem ser reconhecidos como sendo imitados de monumentos indios. Assim tambem na Torre de Belem já por diversas vezes mencionada.

E' facil explicar esta particularidade caracteristica pela extensa actividade architectonica, acima citada, que el-rei poz em execução em terras de além-mar, especialmente na India. Deduz-se d'aqui que numerosos architectos e canteiros partiram nas armadas, para estas terras distantes, a executar as obras planeadas pelo rei, algumas das quas eram de importancia capital; e não será estranho imaginar que estas colonias de artifices, residindo durante annos no Oriente, alli recebessem impressões perduraveis dos singulares monumentos antigos, e d'elles fizessem directo estudo. Algumas datas indicam a actividade d'estas colonias de artifices. Já de 1473 ha relação de extensos trabalhos em Africa, principalmente no genero fortificações, em Ceuta, Alcacer, Tanger e Arzilla, para as quaes foi Pedro Annes o mestre escolhido; em 1513 João Caceres,[2] mestre canteiro, foi enviado ao Funchal para execução de obras regias; em 1506 Thomaz Fernandes foi chamado á India como architecto e fortificador; no reinado de D. João III, Miguel d'Arruda é empregado como architecto em Moçambique, Alcacer, Ceuta, etc.; artistas de todos os mesteres foram contractados como tambem um consideravel numero de pintores para o fabrico das egrejas nas colonias, mais tarde empregadas ao serviço dos jesuitas.

Acima de todos devemos considerar João de Castilho, primeiro mestre portuguez affectado d'aquella influencia de impressões vindas do Oriente, porque todas as obras cuja execução dirigiu mostram aquelle caracter, sobretudo: Alcobaça, Thomar e Belem. Parece que só mais tarde adoptou as fórmas da Renascença, mas ainda d'uma maneira hespanhola, como na Batalha depois de 1528. Podem ser citados como artistas d'este genero: Martim Lourenço em Evora e Ayres do Quental em Thomar; os Fernandes na Batalha; João Rodrigues em Cintra, onde seguia a mesma orientação. Só pelos fins do reinado de D. Manuel parece ter diminuido, sob o influxo da moda universal na Europa, aquella preferencia pelo phantastico, de sorte que mesmo as construcções principiadas com aquelle espirito, tiveram execução ou soffreram acabamentos já no sentido de uma Renascença mais avançada.

Teve ainda outra origem a influencia do estrangeiro, visto que artistas nacionaes fizeram estudos fóra do paiz, como nos resta informação de ter el-rei D. Manuel mandado com aquelle fim quatro pintores a Roma: Fernan Gomes, Gaspar Dias, Francisco Vanegas, e Manuel Campello, cujos nomes estão mencionados nos trabalhos de Belem.

Que D. Manuel, como seu antecessor D. João II, entretinha seguidas relações com a Italia, prova-o bem claramente uma das mais preciosas obras de pintura miniaturista — os sete volumes da biblia chamada de D. Manuel que elle offertou ao seu convento de Belem. Diz-se que do papa Julião II houvera recebido esta maravilhosa obra como presente ou paga do oiro da India que mandára a Roma.

O texto de Nicolau de Lyra está escripto pela habil mão de um certo Sigismundo de de Sigismundis e um certo Alexandre Vezano, ambos de Florença e illustrado de frontespicios, vinhetas, florões e lettras iniciaes em luminura, cuja belleza de execução não tem rival. As figuras, o desenho decorativo, os ornatos e o colorido attestam a culminancia da arte na Renascença italiana. Foi acabado o primeiro volume a 11 de dezembro de 1495 e o ultimo em julho de 1497. Que a obra foi trabalhada para o rei D. Mauuel, parece evidenciar-se pelo braxão repetido sobre a margem do livro.

Notas do auctor. — [1] P. Schön Feld, Andrea Sansovino e a sua escola. Stutgart 1881.

[2] Traduzimos litteralmente o que diz Vasari: «Andrea, mandado por Lorenzo, o Magnifico, a D. João II, fez para este monarcha muitos trabalhos de esculptura e de architectura, principalmente um bellissimo palacio com quatro torres e muitos outros edificios. Uma parte do palacio era pintado segundo os desenhos e os cartões de Andrea, o qual sabia desenhar muito bem como se póde vêr no nosso livro onde elle desenhou algumas pagi-

nas acabadas a carvão, e n'outras desenhos de uma architectura perfeitamente caracteristica. Elle fez tambem para esse rei um altar em talha com figuras de prophetas. Uma bella batalha em barro, para ser executada ulteriormente em marmore, representando a lucta que aquelle rei tivera contra os mouros, por elle derrotados; umas das mais rudes e terriveis obras de mão de Andrea, pelo movimento e posições diversas dos cavallos, pela confusão e frenetica sanha dos soldados expressa nos gestos de suas mãos. Fez ainda uma figura de S. Marcos que era algo de extraordinario. Andrea, durante o tempo, que esteve ao serviço d'este rei, applicou-se para lhe ser agradavel a trabalhos de architectura extranha e difficil, como era uso n'aquelle paiz, e dos quaes eu vi ainda em casa de seus herdeiros, no monte S. Sovino um livro, o qual dizem existir hoje nas mãos do mestre Girolomo Lombardo que elle tomára para seu discipulo e que tinha de acabar algumas obras principiadas por Andrea. Depois de ter passado nove annos em Portugal, achando enfadonho o emprego, querendo revêr seus parentes e amigos da Toscana, e depois de ter junto um consideravel cabedal, volta para a sua patria com o reconhecimento do rei.» O motivo pelo qual traduzi litteralmente póde ser comprehendido por aquelles que tenham seguido as controversias de historia de arte n'este ultimo decennio.

A traducção litteral exclue qualquer interpretação falsa e extravagante.

[3] Ha engano no que Raczynski nos diz ácerca d'um baixo relevo de altar, ainda existentes em S. Marcos, perto de Coimbra, com referencia á esculptura da batalha contra os mouros mencionada por Vasari. O altar em questão pertence a época mais recente, talvez cincoenta annos, e não tem similhante relevo não obstante representar algumas figuras de cavalleiros. A unica obra conhecida que indica a actividade de Sansovino em Portugal é uma portada em marmore que se acha no castello de Cintra em cima do terraço á esquerda da entrada principal, e a qual tem uma graciosa moldura com ornatos no estylo da renascença italiana.

[4] Esse André era dominicano, mas ao mesmo tempo celebre antiquario e humanista (nasceu em 1498 morreu em 1575 em Evora). Os seus escriptos, principalmente *De Antiquitatibus Lusitaniae, As antiquidades de Evora*, as suas traducções da *Architectura* de L. B. Alberti, dois livros sobre aqueductos romanos, a sua correspondencia com numerosos sabios, fazem-o um dos mais notaveis representantes do humanismo em Portugal.

[5] Um semi-captiveiro. (Deposito em mão de terceiro.

[6] A imagem do globo cingido dos tropicos e da ecliptica, symbolo das tendencias geographicas e astronomicas da época.

[7] Nas pinturas pódem distinguir-se duas mãos das quaes a mais notavel é a do primeiro e ultimo volume. O artista designava-se no volume VII: Floren. Man. pinx. hoc opus florentie A. D. MCCCCLXXXXVII. M. Julio. O seu collaborador deixou n'uma folha o seu monogramma S. C. Temos assim uma obra de dois pintores florentinos cujos nomes não podem ser facilmente verificados; a sua maneira faz lembrar a de Sandro Boticelli. Deixo aos investigadores especialistas a identificação das pessoas; e seja-me permittido expressar o desejo instante de que esta obra classica possa tornar-se accessivel ao mundo artistico por uma exacta reproducção. Seria sem duvida um facto de inestimavel valor.

(Continua).

UM DOMINGO NO CAMPO

OUVE cá, Frederico, parece que temos o domingo da semana proxima livre de visitas. As Coutinhos não podem vir, não quero convidar os Brancos antes de agosto, e portanto creio que poderia ter cá a Mimi. E' preciso arranjar-lhe companhia. Devemos ser pelo menos quatro.

— Muito bem, minha mulhersinha. E se convidares o Figueiredo? Vi-o, ha talvez duas semanas, e disse-lhe que vinhamos para a nossa casa de campo passar o verão e que haviamos de o convidar.

— Quem? O Francisco Figueiredo?

— Esse mesmo.

— Sabes, eu penso que elle admira immenso Mimi. Realmente seria um esplendido partido para ella. E reunil-os aqui, n'este adoravel sitio, entre estes vinhedos .

— E ao luar, não te esqueças minha romantica.

— Pois sim; tudo ajudaria admiravelmente. Seria conveniente não haver ninguem mais. Antes de se retirarem, fica certo que estará ajustado o casamento.

— Por Deus! Alice, que inveterado vicio de casamenteira, esse o teu! O Figueiredo é um bom rapaz, Mimi uma encantadora rapariga, mas não me persuado que tenhas direito de os atirar assim á cara um do outro.

— Ora! Eu não os exponho a nenhum perigo grave. Convido-os, sómente ambos...

— E dás-lhes campo favoravel para floretearem amores, e se elles acaso se ferirem no assalto tu dizes que não estava na tua mão evitar o accidente, não é assim?

— Desapprovas?

— Ao contrario. O teu plano convem-me. Dá-me ao menos a probabilidade de me reservar um pouco da tua attenção, para mim, o que nem sempre succede.

— Muito gentil, na verdade.

— Geralmente as tuas hospedes são absorventes.

Alice Mendes sorria-se ao comprimento galanteador do marido, mas no olhar vago e amortecido revelava-se a elaboração intima de qualquer combinação complementar.

— Escuta, Frederico, disse pausadamente. Se os dois sabem que são convidados para se encontrarem propositalmente tudo ficará escangalhado. Portanto eu vou escrever a Mimi e tu ao Figueiredo, e ambos diremos a cada um d'elles, quero dizer, cada um de nós dirá a ambos que cada um d'elles é o unico convidado.

— Pois muito bem; mas teremos de lhes dizer isso mais grammaticalmente, aliás poderão julgar que é partida que lhes queremos fazer.

— Oh! que tolice, sabes o que eu quero dizer. E depois quando se avistarem, cada um poderá pensar do outro que veio inesperadamente. Que divertido váe ser isto! Divertido e romantico. Verás como elles nos hão-de agradecer este encontro toda a vida.

— Talvez — replicou o marido — porém tu bem sabes como é sujeita á mais vil ingratidão a raça humana, mesmo em troca dos serviços mais bem intencionados.

Fizeram-se os convites; mas não vieram respostas até a noite de sexta feira, e foi com um amplo suspiro de allivio que a senhora Mendes, na manhã de sabbado, descobriu entre a sua correspondencia, chegada do correio, um sobrescripto com a intelligente, mas illegivel calligraphia de Mimi.

— Está tudo arranjado, Frederico. Ella vem — ia dizendo emquanto corria com a vista apressadamente até o fim da pagina, — subito commentou a leitura com uma invocação meio afflictiva.

— Oh! Deus meu! Attende a isto — commettemos sem querer uma enorme *gaffe*, difficil de remediar. E' muito tarde agora.

— O que queres dizer com isso, Alice? O que é demasiado tarde? Estará já a Mimi, casada com o Figueiredo? Olha, aqui está tambem uma carta do Francisco.

— Mas espera um pouco, Frederico, espera um instante antes de leres a carta, e deixa-me dizer-te o que me conta Mimi. Estava fora da cidade, em visita, e a minha carta fôra-lhe remettida para lá, eis o motivo porque tardou tanto a responder-me. E o Figueiredo tambem estava na mesma casa; fez-lhe a côrte, declarou-se-lhe, pediu-a em casamento, e ella recusou.

— Ouve bem, Frederico; ella diz que ficou contentissima de poder ver-se livre d'elle e de toda aquella gente, e que este domingo passado socegadamente e só comnosco vae ser para ella delicioso. Não é isto atróz?

— Simples acaso   Porém vê o que diz o Figueiredo. Deixa-me lêr comtigo: — . . . «O teu convite foi uma providencia. Estava justamente, agora, ancioso de me ir embora d'esta casa e não tinha desculpa alguma plausivel. Partirei d'aqui no comboio das cinco e antegózo já o socego d'este fim de semana, passado só comtigo e tua mulher.   »

— Oh, Frederico, não podemos ter os dois aqui, n'estas circumstancias; e não ha tempo de desavisar qualquer dos dois. A estas horas vêem em viagem. Mimi chega ás quatro.

— Ainda é uma felicidade não virem no mesmo comboio. Comprehende-se mesmo que teriam escolhido de proposito. Tu váes esperar a Mimi na *charrette* ás quatro e trazel-a para casa; eu vou encontrar-me com o Figueiredo ás cinco, explico-lhe tudo e mando-o embora.

— Mas repara, meu Frederico; não podes mandal-o assim embora. O ultimo comboio em que poderia voltar era o das 3,45; antes de qualquer dos dois terem chegado.

— Que abominavel e ordinario serviço de caminhos de ferro! Terá de ficar até ámanhã de tarde pelo menos, forçosamente, e o mesmo terá de succeder a ella.

— Mas elles não devem encontrar-se. Que grande embaraço este! Julgas acaso possivel ter os dois aqui, sem que um saiba logo que o outro tambem está?

— Penso que teremos de fazer alguma cousa depois de receber estas duas cartas. E' nosso dever não torturar as visitas.

— Sem duvida. Mas como havemos de arranjar tão complicado caso? Ora ouve. E n'uma volubilidade anciosa, Alice Mendes ia desenvolvendo os seus planos.

—Irei buscar primeiro a Mimi, e viremos para casa jantar; não isto não me serve. Podias entrar com o Figueiredo, de volta da estação emquanto estivessemos á meza. Nada. Trago para casa a Mimi e a pretexto da jornada faço-a recolher ao quarto, em quanto damos jantar mais cedo ao Figueiredo; depois tens de o levar a passear, seja para onde fôr, a pé ou de carro, e terei outro jantar para Mimi. Será assim.

— Como podes, Alice conservar similhante jogo de escondidas até segunda feira? Parece-me inutil tentativa!

— Posso sim, posso perfeitamente. Fal-o-hei, se tu me ajudares.

— Ajudarei, por certo. Deve ser uma intriga tão excitante como a da politica. Mas eu não posso comer seis ou oito vezes ao dia, em quanto cá estiverem; e além d'isso não temos duas casas de jantar.

— Oh! Tu podes comer todas as comidas que se pozerem defronte de ti. N'esta tua aptidão illimitada tenho eu confiança. . .

—Muito obrigado

—Havemos pois de ter — continuou a senhora Mendes, meditando—gallinha, lombo assado, perú ou qualquer cousa similhante, para que possa apresentar um prato frio no segundo jantar. Lá isso! Determinei fazer isto e hei-de fazel-o; sou muito amiga da Mimi, para obrigar a pobre rapariga a estar contrariada um domingo inteiro com um homem a quem ha tão pouco recusou casamento. Ella sem duvida teve as suas razões.

—Devia ser tambem estupido para o Francisco. Pois bem, experimentemos; e se a tentativa nos falhar, não haverá mal irreparavel. Explicaremos depois que o fizemos com as melhores intenções.

Depois de muitos planos e de muitas e minuciosas explicações aos criados, a quem foi recommendada a maior discrição e tacto no serviço dos hospedes, Alice partiu no *phaeton* para a estação a encontrar-se com a sua amiga.

— Oh! Mimi, que grande prazer tenho em te vêr, dizia ella, ao mesmo tempo que tomava as redeas e fazia sentar ao seu lado a sua formosa visitante.

— Não tanto como o que eu sinto — retorquiu Maria Telles, a quem na sociedade se dava o nome familiar de Mimi — nem sei, Alice, o que seria de mim se não tivesses a feliz idéa de me convidares para tua casa. Tive ultimamente um tempo muito agitado — e espero não tornar mais a vêr o sr. Figueiredo. Contar-te hei tudo, depois, mas não fallemos agora d'elle. Eu desejava nem sequer viver na mesma terra onde elle vivesse, quanto mais hospedados na mesma casa. Imagina tu, minha Alice, que supplicio, que sécca intoleravel!

— Pois bem, querida, não fallaremos então d'elle agora, — e n'um expressivo *allez!* accelerava o trote do seu cavallo que de orelhas fitas e cabeça recurvada arregaçava todo elegante, orgulhoso de se saber conduzido pela sua dona.

—Mais uma volta da estrada e logo se vê o portão da quinta. Deves estar fatigada da viagem e dos dissabores. Vaes descançar. Tens tempo de sobejo; o jantar é muito tarde nunca antes das oito.

—E' tarde com effeito para quem tencionava fazer, como tu dizias na tua carta, verdadeira vida de campo, n'este verão.

—Bem sei; mas convém ao Frederico. Elle — elle gosta de se entreter pelo jardim, e pela quinta, sabes. — N'este momento entravam o portão e o bater secco das ferraduras sobre o mac-dam da estrada desappareceu abafado agora pela areia fofa da alameda copada. Ouvia-se apenas o rodar cicioso do *phaeton*.

— E' aquella a tua casa? Oh! que encantadora. E que bella varanda vejo já d'aqui. Como deve ser agradavel estar alli sentada n'esta hora do cahir do dia.

— Não é feio, mas agora precisas descançar. Sentar-nos-hemos, uma meia hora, pouco mais ou menos.

— Que idéa! Olha que não estou cançada. Mas não faças caso de mim. Se tens algumas ordens de dona de casa a dar, vae, não te prendas por mim. Estou perfeitamente satisfeita aqui sósinha, — affirmava com verdade Mimi, na varanda, a querer metter pelos olhos dentro o dilatado horizonte que se descobria. Onde está teu marido?

— Elle deve andar por ahi em redor, me parece. Ah, eil-o ahi, — e chamando em voz alta — Frederico, vem comprimentar Mimi.

— Como está, minha senhora, disse cordialmente. Muito me alegra vel-a e depois de trocar algumas palavras accrescentou:

— Perdôe-me a minha subita sahida á sua chegada, mas tenho de ir á estação para — — para — para telegraphar.

— Não peça desculpas, — respondeu-lhe com um sorriso gracioso. Sentar-nos hemos aqui, Alice e eu, á espera que volte. Estou gozando d'este delicioso aspecto do campo e d'este ar fresco e fino.

Porém meia hora mais tarde a sua hospedeira disse terminantemente:

— Agora é preciso que vás para o teu quarto descançar. Pódes tambem vêr a vista bonita das tuas janellas — e insisto que vás. O descanço é indispensavel á tua compleição debil.

Mimi obedeceu, levantou-se e seguiu sua amiga, surprehendida um pouco por esta especie de tyrannia a que estava sendo sujeita, mas bastante delicada para fazer qualquer objecção.

— Agora — dizia a sr.ª Mendes emquanto se entretinha no quarto da sua hospede, aqui tens um penteador, deves pôr-te á vontade, e vê se consegues descançar bem, para que possas estar fresca e com appetite para jantar. Eu virei chamar-te a tempo para te vestires e não appareças antes d'isso.

— Convenho que faça o que tu dizes, — replicou a menina Telles, com um ligeiro amuo de contrariada, — mas não sei bem para que me seja preciso deitar na cama em pleno dia.

— E' melhor que descances, minha querida. Estás cançada, sem duvida,—e nervosa, vê-se; um somninho reparador deve fazer-te um bem admiravel.

Alice beijou a amiga e retirou-se, segurando por momentos a maçaneta da porta depois de a ter fechado, como se receiasse que lhe fugisse a prisioneira. Depois, com o coração a bater dirigiu-se para o alpendre da entrada. Justamente acabavam de chegar seu marido e o Figueiredo.

Ella recebeu-os com um ar muito prazenteiro e depois sem nenhum signal de pressa no seu modo ou attitude, disse:

— Frederico, desejava que levasses o sr. Figueiredo ao seu quarto, faze favor, porque o jantar está quasi prompto. Espero, accrescentou, voltando-se para o seu novo hospede, que se não importará de jantar ás seis horas, porque, como sabe, no campo tudo é mais cedo, de outra forma reproduziriamos a vida fatigante da cidade.

— Sim, além d'isso — corroborou Frederico, estou com uma certa pressa, esta tarde, Alice, tenho de ir ao Casal da Pedra tratar d'aquelle negocio de feno, sabes.

— E' verdade: é preciso attenderes ao feno. Demais faz agora um luar encantador. E' um bello passeio; supponho que levarás comtigo o sr. Figueiredo, não é assim?

— Então havemos de a deixar só? objectou este delicadamente.

— Oh! que importa isso. Tenho tambem alguns negocios domesticos a attender.

— A vida de campo é muito activa, Francisco, — explicou o sr. Mendes; — como vês, temos de substituir os habitos fatigantes da cidade, — sem se lembrar que na repetição da phrase de sua mulher contradizia o seu proceder.

Jantou-se mui agradavelmente. A visita e os donos da casa estavam alegres e affaveis, e apparentemente sem um unico pensamento que não fosse o entretenimento do seu hospede. Mas quando o Figueiredo começou de se enthusiasmar na apreciação de uma historia curiosa, que lhe contava o seu amigo, a sr.ª Mendes apossou-se do pavoroso susto de que o som das suas resonantes gargalhadas podesse penetrar no quarto fechado de Mimi.

Portanto, apesar da tarde estar quente,

ella estremeceu ligeiramente, expressando o receio das correntes d'ar, e disse ao criado que fechasse todas as portas da casa de jantar e que puchasse os reposteiros.

Todavia, como as janellas ficavam abertas, não havia verdadeiro perigo de suffocação, e Frederico contou, para reforçar o caso que sua mulher se tornara muito susceptivel ás constipações. Depois do jantar os dois partiram para aquelle enganoso negocio.

— Não te vaes demorar muito, não é assim Frederico? perguntou meigamente Alice, que estava desempenhando o seu papel perfeitamente.

— Receio que tenha de me demorar, querida, respondeu o marido que tambem porfiava no disfarce. Bem sabes que é bastante distante o Casal da Pedra. Mas estaremos de volta pelas dez horas. Espera por nós.

Tão depressa se foram embora, a sr.ª Mendes correu á cosinha a ordenar que se servisse o segundo jantar em meia hora. Como tinha cuidadosamente combinado os *menus*, a execução era realmente bastante simples.

Depois foi ao quarto de Mimi e reconheceu satisfeita que a sua hospede acabara apenas de acordar.

—Tinhas razão, Alice, disse ella, arqueando os braços acima da cabeça, n'um infantil espreguiçar. Estava cançada, e o somninho fêz-me um bem admiravel. Vou já aprompptar-me para o jantar.

— Pois sim, apromppta-te. Eu vou ajudar-te. E estou immensamente contrariada, minha bella, porque o Frederico foi chamado inesperadamente. Teve de sahir e de ir ao campo tratar de uma compra . . de uma compra de feno. Portanto temos de nos resignar a jantar as duas sósinhas. — Tu desculpa-l'o sim? Elle volta mais tarde e vaes vêl-o á noite.

— Por certo que o desculpo, aproveitaremos o ensejo para conversarmos intimamente. Tenho de contar-te por miudo o caso sensacional.

O segundo jantar correu agradavel como o primeiro, e porque a sr.ª Mendes comêra muito pouco n'aquelle, teve ensejo de provar agora á sua hospede, que ella gosava, pelo menos, d'um appetite normal.

Depois do jantar a menina Telles manifestou o desejo de se sentar na varanda, mas Alice objectou, dizendo que tinha muito medo do ar da noite, um ar finamente humido.

— Como assim, Alice! disse-lhe a amiga — nunca te conheci pensando tanto na tua saude. O que é que te transtornou? Estarás acaso a envelhecer? A noite está quente e balsamica, e tu pódes embrulhar-te n'um chaile.

— Não Mimi, não posso fazel-o, nem te deixo fazel-o egualmente. Está cahindo orvalho. Não quero tomar a responsabilidade de cahires doente. O ar do campo é traiçoeiro, minha querida.

Fazendo-se desentendida do evidente desappontamento de sua hospede, a sr.ª Mendes conduziu-a para a sala brilhantemente illuminada, onde aguardaram a volta de Frederico.

E quando elle chegou proximo de casa soltou um prolongado assobio, que denunciava a sua vinda.

— Ahi vem o Frederico; dás-me licença um instante, Mimi? Ainda conservo o habito de ir esperar meu marido.

Emquanto a menina Telles se sentava n'uma cadeira de palha, junto da meza redonda, onde ardia o candieiro e sobre a qual se amontoavam os jornaes e revistas, serenamente esperando a volta de sua amiga, uma manobra intelligente se estava dando na escada da frente, no lado opposto da casa.

—Olha cá! disse o sr. Mendes, quando lhe appareceu a mulher—faze favor de entreter um pouco o Francisco, em quanto eu vou de roda ao celleiro, e prevenir o José caseiro com respeito ao feno.

—Entreter-nos-hemos aqui os dois na varanda até que voltes, disse Figueiredo cahindo docemente na armadilha.

—Sim — concordou Frederico — ou vão para a sala de bilhar que eu lá irei ter.

Sem parecer propositado manejo a senhora Mendes encaminhou o seu hospede, pelo jardim em redor da casa por entre uma rua de roseiras em flor, até a porta que dava ingresso á sala de bilhar. D'ahi a pouco o infeliz namorado confiava os seus desgostos e o desastrado desfecho do seu amor á sua linda e sympathica hospedeira.

Entretanto Frederico Mendes tinha hido ter com Mimi á sala do outro lado.

—Senti immenso, minha senhora, de não poder jantar comsigo, mas realmente era um negocio um tanto importante e inadiavel.

—Ora, não esteja com desculpas — interrompeu ella; — Alice e eu estavamos tão satisfeitas de nos encontrarmos outra vez e fallamos tão seguida e simultaneamente até, que duvido que o sr. podesse pôr uma palavra sua no intervallo das nossas.

Mas eu estou admirada da Alice, sr. Mendes. Ella tem apparencia de excellente saude, no entanto tem um medo, um pavor de se constipar! E' extraordinario n'ella, que sempre a conheci indifferente a estas cousas, ás vezes até imprudente.

—Sim, agora está mais sensivel do que d'antes, e uma corrente d'ar fal-a logo espirrar. Foi por isso que ella teve de fechar to-

das as portas ao jantar esta tarde—quero dizer—ao lunch, hontem, ou por outra ao meio dia de hoje. Perdôe-me, minha senhora, mas a vida do campo faz aproximar tanto as horas das comidas, que as vezes confundo tudo.

—Oh! talvez jantem ao meio dia quando estão sós?

—Sim, algumas vezes jantamos a essa hora.

—Belleza da vida de campo que nos permitte o prazer d'estas extravagancias como se deseja. Esta sua vivenda e este sitio são encantadores. Hei-de exploral-o todo. Gosto muito de celleiros, do perfume acre dos fenos e de todas estas cousas campezinas.

—Ha-de ver tudo. Acompanhal-a-hei amanhã. E' um bocadinho muito bonito, com quanto precise ainda de grandes melhoramentos. Espero poder, até ao anno que vem, fazer d'isto o meu Paraizo.

Com variada conversação, o sr. Mendes entreteve a sua hospede por uma hora ou mais, e depois disse, casualmente:

—Alice parece que nos abandonou. Estou em apostar que ella está na cosinha compondo o *menu* para amanhã. Não temos tantos criados como desejamos; é muito difficil obtel-os que queiram vir para aqui, e ainda mais conserval-os. Começo a comprehender o motivo das troças dos jornaes de caricatura sobre a autocracia dos cosinheiros. Se me permitte vou buscar e trazer para aqui captiva a fugitiva Alice.

Um momento depois, entrava Frederico, todo affectadamente despreoccupado, pela casa do bilhar.

—E assim bem vê, minha senhora—estava dizendo o Figueiredo,—com franqueza não podiamos estar debaixo dos mesmos tectos. Seria horrivelmente estupido.

—Sim, realmente—confirmou Alice com voz suave e acariciadora, e pouco depois, com algumas palavras de breve despedida, desejou aos dois as bôas noites e desappareceu.

Encontrou ainda a Mimi Telles na sala.

—Onde está Frederico? perguntou ingenuamente quando chegou á porta. Então deixou-te sosinha?!..

—Foi agora mesmo procurar-te—replicou Mimi. Entreteve-me aqui deliciosamente, e disse-me que perdias demasiado tempo com os teus deveres domesticos.

—Não, não; apenas o tempo indispensavel, mas esta minha nova criada é um tanto incompetente, e eu tenho de olhar por tudo. Na cidade é outra cousa. Mas aqui no campo... As criadas não gostam d'esta solidão. Se te parece, vamos-nos recolher. Estou estafada, não imaginas. Julgo que Frederico terá hido escrever o seu correio que deve ficar feito á noite. O criado leva-o de madrugada á estação; portanto não precisas esperar para lhe dar as boas noites.

—Então, os dois estão positivamente bucolicos. Nunca poderia imaginar cousa assim.

—Oh! chama antes a isto pastoral. Sôa muito melhor, e lembra os carneirinhos brancos sobre a relva verde, com pastores vestidos de seda e bordões de crystal. Não temos nenhuns, mas creio que no proximo verão haverá numeroso rebanho.

Com persistencia subtil, e cauteloso disfarce, a senhora Mendes encaminhou a sua hospede para o quarto e mais uma vez lhe fechou com satisfação a porta; porem subito abriu-a de novo para lhe recommendar—Não desças amanhã para o almoço, Mimi, mandar-t'o-hei ao quarto. E' nosso costume aos domingos, por causa da missa dos criados, que é distante.

—Pois sim, Alice, não tem duvida. Não te molestes comigo. Se me levantar cedo, irei investigar a tua linda casa e jardim, o campo os celleiros, os gallinheiros e tudo. Acredita que me sinto já toda pastoril.

—Ora! Tens muito tempo para tudo. Além d'isso não poderás sahir. As portas não se destrancam antes.. antes das dez horas.

—Oh! é tarde deves confessar, para quem deseja passar vida campezina, minha Alice!

—E' sim; tambem o julgo assim mas é costume e o Frederico incommoda-se terrivelmente se alguma cousa se altera na rotina estabelecida. Portanto fica na cama até que a Clara te leve a bandeja com o almoço, sim?

—Por certo,—respondeu bondosamente Mimi, para responder alguma cousa. Provavelmente não acordarei até essa hora.

Na manhã seguinte continuou ainda alegremente este jogo dos quatro cantinhos.

Os donos da casa e o Figueiredo encontraram-se no almoço das nove e depois passearam uma hora pela varanda e pelo jardim, pela rua das rosas, tendo cuidado de evitar bem a salvo as janellas do quarto de Maria Telles.

Em seguinda o Mendes propoz um passeio a uma herdade proxima, famosa, com um delicioso ponto de vista. Sua mulher dispensou-se de ir, mas instou com o Figueiredo para que acompanhasse seu marido,—que era uma bella idéa, um sitio esplendido.

Os dois partiram; pouco depois Alice com o seu roupão de manhã e com aspecto manifestamente dissimulado de quem acabara de se levantar, appareceu perto da cama de Mimi, desejando-lhe os bons dias.

—Levanta-te, minha querida, minha preguiçosa. Está uma linda manhã, os passaros cantam, as flores desabotoam e a natureza toda está chamando por ti.

A menina Telles correspondeu amavelmente ao comprimento, e as duas amigas passaram juntas uma deliciosa manhã percorrendo a quinta, os jardins, as dependencias, um recanto da matta, tagarellando e admirando a belleza do dia. O Frederico — affirmou mentirosamente sua mulher, tinha ido á missa na freguezia proxima, para visitar o abbade, um velho encantador que já viera fazer-lhes companhia uma tarde e que voltara á noite para o passal, a pé com os seus cães e um nodoso cajado de lavrador. Um typo, emfim. Porém Frederico voltaria para casa muito a tempo para o jantar, que no domingo era ás trez horas.

Os planos de uma mulher intelligente, similhantemente aos dos homens, tambem falham; e assim succedeu. Estavam a senhora Mendes e a menina Telles sentadas na varanda, gozando da serenidade do dia de verão. Subito a Mimi exclama admirada, surpreza:

—Como é isto? Olha alli vem teu marido e mais alguem com elle. Quem será? De longe parece-se com . .

Porem não poude continuar, porque logo ás primeiras palavras Alice percebeu a collisão imminente, sensação similhante á do machinista que vê subito deante de si, na mesma via, avançar para elle accelerado, fatal, enorme um comboio em direcção opposta.

Deu um salto, e n'um movimento apressado, sem intenção na apparencia, entornou um globo cheio d'agua contendo peixes dourados, pendente como enfeite do travejamento do alpendre, de forma que cahiu um diluvio de agua fria e um peixe viscoso e escorregadio sobre o lindo vestido pompadour da menina Telles.

— Oh! exclamou Alice com funda solicitude—que desastrada imperdoavel que sou! Oh! querida, vem já para casa. A Clara enxugarte-ha o cabello. Ora não ha cousa assim. Como fiz similhante desastre? Dei um pulo tão precipitadamente, sabes, porque extranhei que fallasses como se conhecesses a pessoa que vinha com o Frederico. Afinal é o nosso visinho da herdade pegada com a nossa, o senhor Teixeira. E tu n'esse estado! Tenho pena que estejas tão molhada.

—Não importa nada, Alice, minha querida, não te amofines, de toda a forma tinha de mudar o vestido para o jantar, e o cabello enxuga rapido. Vês, a minha saia quasi não está molhada.

—Ainda bem. Perdôa-me. Aproveita o tempo, Mimi faz a tua *toilette*, e vem ter comnosco quando te aprouver. O jantar, tu sabes. é ás trez.

—Está segura por uma hora pelo menos—dizia a senhora Mendes comsigo, em quanto descia as escadas apressadamente — mas como foi que o Frederico desnorteou assim, o desastrado ?! E voltou uma hora antes da hora combinada.

Encontrou os homens sorridentes, serenos, a conversarem na varanda. O senhor

Mendes vira a distancia o episodio do globo de peixes dourados, e receou a principio que o Figueiredo tivesse reconhecido a menina Telles; mas ou por distracção ou por myopia não deu signal de que a tivesse reconhecido, e os conspiradores ainda d'esta vez levaram a melhor.

Bem depressa deram azas á conversação, e finalmente Frederico disse—Olha lá Francisco, tu deves estar estafado com este grande passeio a que não estás habituado. De mais está a aquecer um pouco o dia. Vae descançar. Se não queres dormitar, ou se quizeres chamar o somno está, sobre a tua meza do quarto, o ultimo romance de sensação, do Julio, nosso condiscipulo, lembras-te, d'aquelle rapaz que não conseguiu seguir o curso. Porcorre-o ligeiramente .Merece ler-se, verás.

O senhor Figueiredo affirmou muito decididamente que não estava fatigado, defendeu a sua robustez citadina, mas as suas objecções foram delicadamente rebatidas e foi levado em triumpho para o seu quarto.

— Aqui tens o livro, meu caro, — dizia-lhe o Frederico — entrega-te a ti proprio por um par de horas. Vou fazer o mesmo. Encontrar-nos-hemos na sala de jantar, ás cinco. Estarás prompto.

O Figueiredo pensou de si para si de que o havia de estar, porque lhe parecia já longo tempo desde o almoço das nove horas. E Frederico por seu lado apreciara este facto, mas não quiz lembrar um *lunch* mais succulento, duvidando da possibilidade da sua realisação, sem encontro intempestivo. Decidiu mandar-lhe qualquer cousa ao quarto e desceu as escadas atrapalhado mas victorioso e os machiavelicos hospedeiros breve estavam presidindo a um jantar ao qual assistia uma só das suas visitas.

De novo, a senhora Mendes com os seus habituaes receios das correspondencias d'ar obrigou a ter as portas cuidadosamente fechadas, com quanto as janellas estivessem abertas de par em par.

Eram acertadas as precauções que ella tomára; porque, quando o jantar ia ainda em meio, os seus ouvidos finos perceberam o som de passos de homem nas escadas.

— Frederico — disse ella precipitadamente — parece-me que temos gente na sala fronteira; fazes favor vaes vêr?

O sr. Mendes levantou-se da meza bruscamente, fechando atraz d'elle a porta sem deixar passar o criado que por seu lado se lembrava bem das recommendações de seu amo e já se interessava pelo caso.

— Sou uma perfeita idiota com medo dos ladrões,—explicava Alicé a Mimi—não imaginas. Desde que succedeu. . : logo te contarei. Aqui fóra no campo rouba-se mais facilmente de dia do que de noute. Depois estamos muito isolados.

— Oh, minha querida, socega. Nunca ouvi dizer que houvesse bandidos por estes logares.

— Estás troçando de mim. Supponho bem que não era de facto um ladrão, todavia não posso deixar de ter este medo. Vou contar-te o motivo.

Entretanto o sr. Mendes, como presumira, encontrava o seu amigo Figueiredo, descendo as escadas.

— Então fizeste uma bôa soneca?

— Não; tenho estado a lêr aquelle livro de que me fallaste e realmente é interessante. Porém o meu quarto é demasiado quente e vou para a casa de bilhar acabar de lêr. Não te preoccupes comigo. Onde está tua mulher, a sr.ª Mendes?

— Ella está. . ella está na sala de visitas. Queres, vem por aqui de roda, para a casa de bilhar. Faz de conta que estás em tua casa — irei ter comtigo logo.

— Não te apresses; entretenho-me com o romance, acredita. Quando me entrego á leitura de um conto levo-o até ao fim. E este é magnifico. O Julio tem talento. Quem havia de dizer?

Abençoado Julio, pensou Frederico, e emquanto o amigo seguia cuidadosamente para a sala de bilhar, elle voltava para a casa de jantar.

— O teu ladrão, sabes, era o Vicente que subia a escada para ir regar as plantas das janellas — disse para a mulher com sorriso satisfeito, emanado da consciencia de quem estava pregando uma grande mentira, muito bem dita.

— São na verdade bem absurdos estes meus sustos de ladrões — disse a sr.ª Mendes serenando-se, respirando longamente e depois continuou-se o jantar até ao fim sem mais nenhuma eventualidade.

Todavia, depois do jantar, recomeçaram as atrapalhações. Alice mais uma vez quiz mandar para a cama a sua amiga, mas era demasiado cedo, não havia a justificação da jornada e Mimi revoltou-se abertamente.

— Então pensas que sou uma criança? que tenha de passar a metade da vida a dormir! Não, de certo — vamos para a sala fazer musica. Vou cantar-te qualquer cousa.

Aqui estava realmente um caso imprevisto. Ella havia de cantar provavelmente — *Non posso vivere senza di te* ou então qualquer ballada egualmente sentimental, e o Figueiredo ouvil-a-hia, e pensaria que ella tinha o coração dorido por causa d'elle, e rir-

se-hia no seu intimo. Seria o peor desfecho e além d'isso o que pensaria da duplicidade dos donos da casa?

Não, o jogo ia já tão avançado, a partida estava quasi ganha, que deveria seguir-se com exito. Se acaso podesse fechar-se o piano? Feliz pensamento! Em quanto Frederico e Mimi se encaminhavam vagarosamente pelo terraço exterior para a sala a senhora Mendes correu a fechar o piano.

— Canta-nos alguma cousa, sim, dizia Alice afoutamente, emquanto seu marido, prevendo o desastre inevitavel, preparava já a explicação a dar ao Figueiredo. Emfim elle era amigo. A franqueza tudo justificaria.

— Faze favor, abres o piano, Frederico — e este adiantou-se pressuroso para o fazer apenas admirado de que Alice tivesse resolvido pôr fim á brincadeira.

— Está fechado! — exclamou elle com sincera surpreza.

— Está? — disse a mulher perplexa apparentemente. E' verdade que está; fechei-o no dia em que vieram cá os filhos do Teixeira porque batiam n'elle desalmadamente. Não me lembro onde puz a chave. Parece-me que n'esta jarra .. Não, não está cá. Ora esta!

As mais diligentes buscas não deram, é claro, o resultado desejado; portanto o canto em projecto ficou á força abandonado.

Mas faltava um quarto para as cinco e era *preciso* occultar de alguma fórma a menina Telles.

A sr.ª Mendes afastou-se um momento para conferenciar com o marido.

— Nada podemos fazer — respondeu elle ao seu urgente appello de auxilio. — E' insustentavel a situação, minha querida e além d'isso eu não posso comer outro jantar hoje.

— Oh! Frederico, mas precisamos continuar a tel-os separados. A Mimi morreria de ridiculo se soubesse o que nós temos feito, e o Figueiredo com justa razão poderia zangar-se tambem. E olhava com apparente distracção pela janella para a alameda da estrada, n'aquella investigação do espaço que acompanha naturalmente o desejo de sahir d'um momento apertado.

— Oh! aqui vem o Teixeira! Vou convidal-o a ir passear com a Mimi.

— O diabo favorece o seu similhante — segredou maldosamente Frederico Mendes.

Sua mulher induzida a novo esforço por este opportuno auxilio, estava animada e alegre. Apresentou a visita a Mimi Telles, e com graça subtil, com arte excepcional, apenas um pouco apressadamente, arranjou que elle se encarregasse de a entreter.

O sr. Mendes declarou depois que sua mulher hypnotisara positivamente o Teixeira, porém em todo o caso o plano correu admiravelmente. Mimi sahiu d'ahi a pouco sorrindo toda alegre do passeio projectado, curiosa, acompanhada do seu novo conhecido. O visinho Teixeira tinha uma filha que era uma eximia amazona; elle era creador e possuia magnificos cavallos. Mimi era doida por andar a cavallo. O Teixeira levava-a a casa, a dois passos; nos seus bellos cavallos, iriam os tres passear. Alice não podia montar, Frederico ficava a acompanhal-a; tudo bem planeado.

— Viu o repentino diluvio que cahiu sobre mim esta manhã, quando entrava o portão com o sr. Mendes, pois não viu? — perguntava Mimi ao sr. Teixeira em quanto desciam a alameda.

— Hoje ainda cá não vim, — respondeu surprehendido.

A sr.ª Mendes ouviu o principio da conversação, mas não se atreveu a demoral-os para dar uma qualquer explicação plausivel. Esperava ouvir a todo o momento o som dos passos do Figueiredo.

Portanto deixou os recemconhecidos explicarem o caso como melhor podessem, e deu um profundo suspiro de allivio quando viu Mimi entretida por horas, e isso era sufficiente.

O segundo jantar correu alegre. O par Mendes estavam exaltados pelo exito e divertidissimos com as difficuldades sempre crescentes, e o Figueiredo grato por tão amavel hospitalidade empenhava-se em lhes corresponder.

Frederico trinchou o segundo perú tão seria e cuidadosamente como trinchára duas horas antes a fêmea d'elle, e sua mulher não poude deixar de desenhar na sua imaginação em esboço fugitivo a perspectiva de um inevitavel prato de perú frio em dias successivos.

Chegou afinal a hora do café; depois todos tres procuraram a frescura do entardecer na varanda e os homens principiaram a fumar.

Cahiu a tarde, e quando, já noute, Mendes percebeu trazido pela viração o tropel de cavallos que se aproximavam rapidamente, expedita e amavelmente convidou Francisco Figueiredo a ir jogar uma partida de bilhar.

A sr.ª Mendes saudou os recemchegados, acolhendo com amizade a volta de Mimi e convidando o sr. Teixeira e sua filha a demorarem-se, com a intima e anciosa esperança de que os visinhos não aceitassem. Conhecia-lhe os habitos e contava com a recusa. Effectivamente foram-se embora deixando a

sr.ª Mendes perfeitamente serena, antevendo que o seu jogo arriscado estava quasi no fim, e que a victoria em breve faria fluctuar uns vistosos galhardetes e flammulas.

— A que horas se ceia? perguntou a menina Telles — o passeio fez-me ter fome como a caçador.

— Não costumamos ceiar em noites de domingo, explicou a hospedeira. — Vem commigo á casa de jantar. Sem ceremonia, arranjaremos sem duvida com que satisfazer esse bello appetite. Vê tu como este ar é fino e saudavel.

E Mimi foi seguindo a sua amiga até á copa. A vista dos dois perús assados rodeados de pratos gemeos de varias qualidades despertou natural surpreza na menina Telles, e com a liberdade de amiga intima extranhou o caso.

— Parece que tens dois jantares, disse.

Mas Alice disfarçou o caso, desviando a conversa para assumpto muito differerente.

— Agora — disse a reflexiva e pouco economica dona da casa, depois que acabaram de ceiar, — sei que estás cançada do passeio e portanto melhor é recolhermonos. Tu vaes para o teu quarto e ainda te farei companhia por algum tempo.

D'esta vez Mimi concordou com facilidade. O passeio de cavallo, em cima do jantar, extranho e apenas justificavel por extravagancia campezina, fatigara-a em bôa verdade. A senhora Mendes sentia-se como Napoleão em Austerlitz.

Tudo ia correndo muito bem quando Frederico e o sr. Figueiredo vieram casualmente para a sala de baixo, onde se ouvia distinctamente a vóz do Figueiredo.

— Que vóz tão parecida, Deus meu! dir-se-hia a do Francisco. Quem estará com teu marido?

A senhora Mendes teve de inventar nova historia: que era o doutor, que tinha sido chamado para vêr o cosinheiro, e entrára naturalmente para lhe fazer a receita, e pretextando que a sua presença seria necessaria, despediu-se, desejando-lhe uma bôa noite.

— E não desças para o almoço antes das nove — disse ella, recordando-se com inexprimivel satisfação de que o Figueiredo partiria no comboio das nove.

— Muito bem — disse a menina Telles.

Depois a sr.ª Mendes ingenuamente radiante de alegria pelo exito obtido, desceu as escadas, e presidiu á ceia dos dois amigos que chamara para a casa de jantar.

O almoço havia de ser ás oito em ponto para o Figueiredo na manhã seguinte, portanto cinco minutos antes das oito a sr.ª Mendes, ainda envolta no seu fresco e mimoso roupão de verão, todo pleno de rendas, desceu apressada a escada do seu quarto.

— Onde está o sr. Figueiredo? — perguntou ella ao marido que se achava já

na sala do rez do chão. — Ainda não desceu?

— Não sei onde está — replicou o sr. Mendes — bati á porta do quarto, mas não tendo resposta alguma, olhei para dentro, e lá não

estava. Corri a casa toda a procura d'elle, porém não o encontrei.

— O que? como assim? — oh, Frederico olha para alli! Alli! fóra, defronte do portão! Que caso tão extraordinario! — E surpreza, n'um movimento de assombro apontava pela janella aberta.

Frederico olhou estupefacto; o sr. Figueiredo e a menina Telles caminhavam pela alameda das rosas em direcção á casa!

— Olá Frederico — com o mais radiante sorriso, — está prompto o almoço? Temos andado aqui fóra ha mais de uma hora e estamos quasi a morrer de fome. Ah! muito bons dias, minha senhora!—continuava alegre, fallador.

— O que quer isto dizer Mimi? — disse a senhora Mendes, parecendo admirada e encantada ao mesmo tempo.

— Ora, quer dizer — respondeu Mimi vivamente.—Estavamos n'um erro, e agora aqui desfizemos o engano.

— Sabe, minha senhora, — explicou o Figueiredo com incomparavel ar de satisfação esta manhã muito cedo ouvi a voz da Mimi cantando debaixo da janella do meu quarto.

— E' onde geralmente se cantam as serenadas, accescentou Frederico.

— Não foi assim — disse com desembaraço a menina Telles. Faça favor, deixe-me contar a historia. Tu sabes, Alice, que hontem quiz levantar-me cedo e ir gozar da bella manhã do campo, e não m'o consentiste, portanto esta manhã que estava tão linda não pude resistir, desci as escadas subtilmente, abri a porta da frente sem fazer o menor ruido, sabendo quanto tu como Frederico desesperam de que se altere a ordem estabelecida .. — apoiando o dito com um sorriso malicioso.

E depois — continuou a menina Telles — errava pelo jardim colhendo rosas, estava tudo tão lindo, tão fresco e tão luminoso que não pude deixar de trautear uma canção e insensivelmente puz-me a cantar. O teu hospede então todo curioso pôz a cabeça fóra da janella, pensando, creio, que era a criada.

— Agora, acabo eu de contar a historia para lhe poupar o rubor da confissão — interrompeu o Figueiredo. Reconheci a voz suave que tantas vezes me encantou o ouvido, e, não obstante pensasse que estava sonhando, resolvi que havia de passear no meu sonho, e desci ao jardim.

— E todo o nosso trabalho para nada serviu—disse a sr.ª Mendes—sentando-se n'uma cadeira. — Tanto fazia então tel-os deixado encontrar-se no sabbado á noite.

—Não sentenciou a menina Telles — Foi o pensar todo o dia de domingo no que nos houvera succedido que nos levou ao bom senso. Se nos tivessemos encontrado no sabbado á noite, ficar-nos-hiamos detestando um ao outro mais do que nunca.

— Então, muito bem, Alice — accrescentou o sr. Mendes com gesto consolador — venceste no teu plano de casamenteira, porque a tua primeira idéa fora convidar este bello par na espectativa de que por meio d'este encontro casual se resolvessem a passar juntos o resto da sua vida.

— Como esperamos fazer — confirmou o Figueiredo com um radiante olhar de enamorado sentimental para a menina Telles toda ruborisada, como as rosas que em braçado trazia colhidas na frescura da manhã.

Em seguida foram finalmente almoçar juntos todos quatro. O que tem de ser, tem muita força, diz o proloquio popular.

Quelimane — Residencia do Governador (Contigua á Secretaria)

De Lisboa a Moçambique

Por ANTONIO ENNES

SEGUNDA PARTE

CAPITULO III

Quelimane — A cidade — Os rios — O Chinde

A barra do Chinde abre-se cêrca de quarenta milhas a sudoeste da barra de Quelimane. D'uma a outra navega-se n'uma enorme mancha de agua barrenta, vasada por elles e pelo Linde, pelo Mahindo, pelo Inhamhona, e que os fluxos e refluxos das marés, na sua rapida alternativa, nunca chegam a absorver de todo no azul profundo do oceano. Foge-se da costa dando resguardo ao banco de Linde; depois vae-se procurar com a vista, na barra do arvoredo que fecha o horisonte, uma terra baixa e verde, de menos d'uma milha de prolongamento, limitada de ambas as partes por largas saidas d'aguas, que se denunciam de longe espumando nos baixos. Quando se descortina, ao sul d'essa terra, um mastro de bandeira a surdir por detraz do alteroso mangue, está-se á vista do Chinde. Mas não é facil entrar. Navios que precisem 11 ou 12 pés de agua têem de esperar marés de aguas vivas para, na sua préa-mar tentarem a empreza; em todos os estados de marés só passam a barra pangaios e escaleres. Mais de oito dias esperei eu em Inhambane que a pequenina *Liberal*, podesse levar-me ao Chinde. *O Wissemen* ainda mais modesto, unico vapor de carreira que frequentava o porto em 1891-1892, combinava o serviço de maneira que aproveitasse os syzigios para o visitar, e fóra d'essas épocas passava de largo por deante d'elle. No primeiro semestre de 1892, uma barca ingleza abarrotada de carga para os inglezes do Nyassa esteve fundeada fóra da barra mais de oito dias aguardando que crescessem as aguas; quando as julgou bastantes, metteu-se á barra á hora da préamar, bateu rijamente no fundo porque havia ondulação, o capitão sobresaltado fez umas manobras erradas e foi cravar-se nos bancos do nordeste, onde o navio se fez pedaços. A companhia *Union*, para fazer com segurança as carreiras entre Quelimane e o Chire, encarregou-as a uma lancha a vapor, uma especie de rebocador, que anda aos trambulhões no mar da costa; não quiz arriscar navio de mais porte na famigerada bocca do

Zambeze. Da esquadrilha da Mala-Real só lá ia, quando era preciso, o *Rovuma*, que navega em qualquer enxurrada.

O eixo da barra é assignalado por uma boia e uma marca cravada em terra; servindo-lhe de fundo um arvoredo denso e escuro, que só se vê em certas condições de luz. Põe-se a prôa n'essa marca e lá se vae, sonda na mão, olhar vigilante, coração confrangido, por entre dois enormes areaes, por cima dos quaes parece que andam enormes vassouras invisiveis a arremessar deante de si montes de algodão em rama, sujo de rastejar, que se levantam e tufam com o arremesso e logo se abatem e espalham. Por bombordo, o lençol crespo das rebentações estende-se até uma praia amarella, em talude, sobre a qual se dispersam mangues. Bate, não bate, arrasta, não arrasta, o navio transpõe o banco, agora aparcellado tambem por despejos negros de naufragio, e quando já vê perto a marca de Mitahone apparece-lhe um piloto preto, andrajoso, n'um catraio tripulado por outros negros ainda menos vestidos, que se fingem esbaforidos pela pressa de chegarem. Pois só agora chega, piloto? O que ha de elle fazer! Não dispõe de embarcação que affronte o mar, não tem signaes que lhe annunciem de longe a approximação de navios, nem oculo para os descobrir; eu é que lhe mandei dar um binoculo que levava comigo. Houve conflictos por causa de pilotagem; os commandantes não queriam pagal-a, porque de nada lhes aproveitava. Por fim muda-se de rumo, e, vogando entre uma ponta d'areia, a ponta *Liberal* e a costa do ilheu de Mitahone, surge-se no fundeadouro.

Triste panorama e misero porto! Agua tem elle, uma agua lodosa que se corta á faca, mas não tem terra. Por uma parte, a de nordeste prolonga-se ainda a ilha do Metahone, coberta de mangal, que ninguem tentará cortar, porque o corte descobrirá um lameiro, que o sol endurece emquanto as marés grandes não tornem a ensopal-o; é chão que só serve para aquillo, para dar mangal. Uma das suas margens é, pois, inutil. A outra é, descripta da ponta *Liberal* para dentro do porto, primeiro um areal, que desce em rampa para o rio, mosqueado por arvoredo ralo e tufos de matto, que não terá dois kilometros de extensão marginal; depois mangal fechado, como na outra banda, forrando chão alagadiço. O areal é, pois, a unica parte solida aproveitavel. Forma, entre o mar e o Chinde, um triangulo de que é vertice a ponta *Liberal*, e que chega a ter cêrca de dois kilometros de base, na linha onde, do lado do rio, começa a floresta de mangue. Mas as correntes raspam n'elle de continuo, e com as suas rasuras vão engrossar os bancos da barra, cujo açoriamento, dizem os praticos, se torna sen-

Quelimane — Vista da Alfandega (Lado da Villa — A parte direita é destinada á Repartição do Correio)

sivel de anno para anno, pelo menos no canal agora navegavel. Barracões armados ainda hontem, onde nem os temporaes atiravam espumas, já hoje estão a escorregar para o rio, e na orla dos mangaes estão tombadas na agua arvores, que ainda ha pouco tinham chão em que se firmavam de pé.

O areal principia a estar cheio como um ovo, na sua facha contigua ao rio. Onde deixa de ser submersivel e só prestadio para n'elle vararem embarcações, installaram-se o commando militar e a delegação da alfandega, que para ali se mudaram do Inhamissengo como as aguas do Zambeze. Mas que installações vergonhosas! Grandes barracões de palha, dos mais toscos no seu genero, e em frente d'elles um mastro torto, em que se arvora uma bandeira para notificar aos estrangeiros que aquillo não é senzalla de negros selvagens nem armazem de amendoim, não senhores, é alcaçar de soberania portugueza! Para ali vivem um official subalterno, incumbido de impôr respeito aos inglezes com o auxilio de dez ou doze soldados negros, que elle já tem pedido que sejam retirados por amor ao decoro, e um empregado da alfandega, que tem a seu cargo evitar o contrabando com a vigilancia de tres ou quatro guardas tambem indigenas, que, principalmente, dão testemunho do seu zelo fiscal provando a agua-ardente importada. Para serviço das duas auctoridades ha um escaler. Na repartição aduaneira têem faltado ás vezes até aparos para escrever, e já se deixou de sellar mercadorias em transito por não haver lacre nem sinetes; o seu chefe passa affiicções por que não entende os inglezes nem os inglezes o entendem a elle. Em 1892, esse chefe era um negro, bom sujeito, coitado, e sabedor do seu officio, mas que com a diligencia e a experiencia não conseguiu desviar de si os desdens dos estrangeiros. Tudo uma lastima!

Tem-se tractado, porém, de melhorar esta representação humilhante de auctoridade de Portugal. A estas horas deve de estar quasi prompto um edificio decente para as repartições publicas. E' uma grande casa de ferro, que custou na Europa cêrca de 8 contos de réis e que, tendo sido encommendada para quartel do destacamento em Antonio Ennes, ficou demorada em Moçambique á espera de

Quelimane — Cemiterio

se enferrujar. Ora, Antonio Ennes merece certamente todos os melhoramentos, mas parece-me demasiado negrophilismo dar commodo alojamento a uma soldadesca que nunca elevou a ambição de bem-estar acima do tecto d'uma palhota, e deixar viver funccionarios europeus dentro de feixes de palha podre; depois, em Angoche estamos em familia com os monhés, e no Chinde observa-nos a Europa. Pedi, pois, que se mudasse o destino e a applicação do edificio, e elle lá está, acabando de se montar na ponta *Liberal*, para receber as auctoridades administrativas, militares e fiscaes. Mais difficil tem sido e ha de ser, a organisação dos serviços por falta de pessoal. Andou-se por toda a provincia com lanterna accesa n'uma das mãos e bolsa aberta na outra á procura d'um aduaneiro que arranhasse inglez, e não appareceu esse phenix.

Ao lado do commando militar, para dentro do rio, assentava a incipiente povoação do Chinde, n'um terreno com bastante fundo mas pouca frente sobre o rio, que se está aforando a 15 réis por metro quadrado. Compõe-n'o exclusivamente estabelecimentos commerciaes de europeus e asiaticos, de que as habitações são méras dependencias e accessorios, formando um grupo modestissimo de casas de madeira e zinco e de barracas de palha, que tem custado a fazer entrar em alinhamento, porque nenhum regulamento municipal presidiu á sua primeira montagem.

Essa povoação espera pelo negocio, mais do que faz negocio; emquanto esperam, os negociantes vão-se entretendo a vender uns aos outros, aos poucos negros dos arredores e aos viajantes que sobem e descem o Zambeze, coisas necessarias á vida por preços que só a necessidade acceita. O movimento commercial é ainda limitadissimo. A não ser do territorio britanico, só alguns punhados de amendoim descem o rio até ao porto.

Para além d'este povoado entremeado de arvores silvestres estende-se, com uma frente de 400 metros por 250 de fundo, a feitoria ingleza, estabelecida em cumprimento d'um preceito do convenio de 11 de junho de 1891. A sua area é marcada, excepto do lado do rio, por uma estacaria, *polos-polos* lhe chamam os indigenas, de mais de altura de homem. Por detraz d'essa divisoria, para a parte do mar, corre uma larga avenida, separando a feitoria, fiscalmente privilegiada, d'um terreno da mesma largura que sr. H. H. Johnston tomou de aforamento particular, ao governo portuguez, nas condições e nos termos do direito commum, para n'ella construir alojamentos para os empregados da referida feitoria, a quem não é defezo por estipulação expressa residirem n'elle. Esse chão estava ainda desoccupado em 1892; nos de *British concession*, como lhe chamam os inglezes, ha uma casa de madeira e zinco, armazens de palhota, cabanas de serviçaes indigenas, e, sobre a praia, umas passadeiras assentes em estacas para facilidade do embarque e desembarque, tudo modesto e mesmo pobre, sem apparencias de grande actividade e movimento, e até sem o aspecto de ordem e methodo que costuma caracterisar os estabelecimentos inglezes. Pelo menos ao tempo das minhas visitas, a feitoria estrangeira não nos apoucava e deprimia com a ostentação das suas grandezas e fortunas.

O fundo do porto do Chinde é uma praia coberta de mangal em que se abrem boccas de rios e canaes, que o ligam a toda a rêde fluvial do delta do Zambeze; a que primeiro se encontra poi bombordo, dando passagem para o oeste é a do rio Chinde. Bem feio rio, por signal! Leva sempre muita agua e tanta leva que raros serão os navios que tendo podido passar a barra, não possam tambem subir por elle muitas milhas, e ás vezes até quasi ao Zambeze. Alguns navios inglezes, navios da costa, já fizeram essa viagem, e o *Rovuma* ia até ao Zombo na enchente. Essas aguas fluem e refluem em correntes impetuosas, que mal se rompem a remos; é preciso andar com as marés para navegar com desaofgo, e os proprios barcos a vapor não desdenham o seu auxilio. Varia muito a sua largura, mas nunca chega a dar ares de valla, mas precisamente onde mais se dilata mais está açoriado, deixando apenas entre os bancos estreitos canaes navegaveis. Tão sinuoso é o seu curso que as margens unem-se a cada passo em prespectiva, e nas saliencias e nas reentrancias ajuntam entulhos de areia e lodo, que em muitos lanços tufam para fóra de agua cobertos d'um relvado verde esmeralda. As bordas são muradas por mangue, e quando a maré está baixa, descobrem parapeitos e taludes de lôdo cinzento-escuro, viscoso, fetido, d'onde parece que se vê exhalarem-se miasmas. N'esses lodaçaes vão os corcodilos tomar sol, com a bocca escancarada rollando os olhos luzentes, inquietos, á vigia da presa ou do inimigo. Onde a margem sobe em rampa e ha perto mattos de bambu, é certo haver nas lamas duas fileiras de covas espaçadas symetricamente; são as pegadas dos hypopotamos, que por ali sairam em bando para irem forragear. E' vulgar descobrir-se focinheiras d'esses monstros surdindo da agua a — mera curiosidade — espreitarem os barcos que passam longe, ou as suas lombadas negras fugirem do canal onde batem as pás d'um helice; são medrosos e espantadiços, os alarves.

(Continúa).

QUELIMANE — CASA DO SR. ROMÃO DE JESUS MARIA (PRASO MARRAL)

TELOPHOTOGRAPHIA

Curioso esforço da intelligencia humana que incessantemente procura recuar os limites que os sentidos lhe impôem: onde não alcança a vista, assesta-se o telescopio ou perscruta-se com o microscopio; onde o ouvido não recolhe som, vem o telephone trazel-o de distancia indefinida. E para que a vista se não illuda, ou o ouvido não transmude os sons, a telophotographia fixa-lhe a imagem, como a telegraphia lhe escreve a palavra.

Quantos progressos a photographia tem realizado n'estes ultimos annos, são factos do conhecimento geral; e entre outros bastará recordar a maravilhosa descoberta dos raios x, permittindo a photographia através dos corpos opacos, d'onde se teem derivado tão proficuas applicações á medicina e á cirurgia. D'uma placa daguerreotypica, cuja visão nitida depende da posição perante os raios reflexos sobre a superficie sensibilisada, a uma moderna photographia binocular sobreposta, em que o relevo se accentua em illusão visual a esculpir quasi a imagem como se fôra em talha, a distancia percorrida em progresso sómente tem medida comprehensivel na acceleração assombrosa dos transportes actuaes ou da communicação do pensamento. Se são rapidos, não são menos variados os progressos realizados. D'uma esplendida modalidade d'elles se faz aqui registo; referimo-nos á telophotographia, quer dizer, á photographia tirada a distancias taes que sobre a placa sensivel se vêem fixar objectos, que a vista não pode distinguir, reproduzidos com a minudencia e a precisão com que a nossa retina vê por meio do telescopio os longinquos planetas rolando nos silenciosos espaços estellares. Para o astronomo a telophotographia era já um facto pratico, de applicação corrente, numerosas vezes utilizada na reproducção de trechos celestes. Conseguia-se o resultado desejado, collocando na parte posterior d'uma luneta astronomica um delicado apparelho photographico que retratava a imagem celeste. Generalizar este processo, tornando-o pratico e seguro, tem sido o trabalho esforçado dos principaes constructores de apparelhos photographicos nos ultimos tempos.

N'uma exposição da Real Sociedade Photographia de Londres foi apresentada uma maravilhosa photographia do Monte Branco, tirada pelo sr. Fred. Boissonnas, de Genebra. A particularidade notavel do quadro consistia em que o photographo estava á distancia de quasi cincoenta milhas ou noventa kilometros, quando expoz as chapas; e todavia as minudencias na photographia das casas, das arvores, das geleiras, dos campos eram maravilhosas de nitidez. Este resultado era obtido com o auxilio das lentes telophotographicas, que são para a machina optica o que o telescopio é para os olhos. O inventor das lentes telo-photographicas é o sr. Dallmeyer, vice presidente da Real Sociedade Photographica, para os inglezes, como para os francezes é o sr. Jarret, n'aquella eterna disputa de primazias que divide profundamente, em todos os assumptos, aquellas duas nações poderosas.

Certo é, porém, que as lentes telophotes representaram um papel muito importante na guerra do Transvaal. Pouco depois de ter rebentado a guerra, a telophotographia foi officialmente examinada e um official de engenharia foi nomeado telophotographo no exercito do Sul d'Africa, tendo partido de Southampton com o seu apparelho e o indispensavel bicycle. O apparelho póde ser collocado no bicycle n'um espaço relativamente pequeno.

Parece que as lentes da telophotographia, nas primeiras experiencias realizadas provaram valioso resultado em reconhecimentos pelo que se determinou fazer maior uso d'elles e n'esse intuito, foram enviadas para Africa novas *equipes*, de telophotographos militares.

O seu material consistiam principalmente n'uma grande lente photographica, de dimensão bastante para tirar clichés nitidos que abrangessem extensão de trez milhas, e uma porção de lentes mais pequenas para outros trabalhos, juntamente com um vagon de officina, comportando um quarto escuro e todas as soluções necessarias para revelar, fixar, e imprimir. Numerosos jornalistas correspondentes da guerra levaram tambem lentes telophotographicas.

A utilização da telophotographia na guerra recommendava-se evidentemente. Em primeiro lugar é de immensa vantagem para o

photographo que pode tirar a vista d'uma batalha collocado a segura distancia do fogo do inimigo. Em segundo lugar a telophotographia tem utilidade para o general que commanda porque assim pode reunir com antecedencia e socegadamente grande numero de informações documentadas dos movimentos dos inimigos, dos seus acampamentos, fortificações, entrincheiramentos, photographados a distancia de algumas milhas.

A Abbadia de S. Albano
Vista tirada a 1.800 metros de distancia com objectiva ordinaria

A telophotographia tem sido tambem muitas vezes utilizada em tempo de paz e em balão com optimos resultados, segundo se affirma, principalmente no exercito italiano. Por este meio os officiaes de engenharia italiana teem podido descobrir nos Alpes Francezes, fortificações e baterias que d'antes lhes eram totalmente desconhecidas, cuja construcção teem surprehendido e miudamente observado. Assim, diz-se que o capitão Mario Moris, do exercito italiano, tem tirado algumas photographias muito bôas com um instrumento telophote especialmente destinado a trabalhos em balão.

Os clichés, que deram excellentes particularidades, foram tirados da altura de 500, 800 e 900 metros; e aquelles que representam acampamentos e fortes são de interesse muito valioso sob o ponto de vista da defesa militar do paiz.

Dallmeyer informa que as suas lentes telophotographicas foram usadas pela primeira vez, em serviço militar, durante o conflicto do Japão com a China, pelo commando naval japonez. As lentes deram então notaveis resultados, alguns dos quaes são hoje conhecidos.

Outra opportunidade do uso das lentes telophotographicas deu-se durante a guerra hispano-americana, quando o sr. Dwight L. Elmendorf, de Nova York, o qual se tem especialisado n'este ramo de photographia, seguiu a campanha em Cuba, tanto no mar como em terra. Com o auxilio da sua machina telophotographica obteve algumas imagens das tropas em acção. Muitas d'ellas foram tiradas a grande distancia da scena, estando o operador em segurança relativa, emquanto trabalhava; de sorte que quem visse as photographias, desconhecendo o processo empregado, podia suppôr que o intrepido photographo corria eminente risco de vida.

Para retratar teem sido usados apparelhos de lentes telophotes com muito bom resultado, porque proporcionam a grande vantagem de se poder tirar retratos de maiores dimensões, conservando a perspectiva sob

Vista de uma Capella
Tirada com objectiva vulgar; apenas se distingue um nicho externo

condições favoraveis. Ainda mais, a sua perspectiva e sempre melhor do que a que dá o systema ordinario da mesma distancia focal, devido á maior distancia que se póde interpôr entre o objecto e as lentes.

As lentes telophotes hão de ser largamente empregadas na medicina e na cirurgia. Até agora a applicação da photographia nas sciencias medicas e cirurgicas tem sido forçadamente limitada, pela necessidade, que ha, de ter as lentes muito proximas do objecto para obter imagens sufficientemente grandes afim de mostrar todos os promenores eminudencias. O doente poderá excitar-se ou tornar-se nervoso, ou respirar sobre as lentes; e os resultados então serão pouco satisfactorios, ou nullos.

A Abbadia de S. Albano

Vista tirada á mesma distancia de 1.800 metros com lentes telophotographicas

O emprego da telophotographia torna possivel o augmento da distancia entre o objecto e as lentes e, combinado com o apparelho cinamatographico, habilita o cirurgião a obter provas das operações, nas suas diversas phases ou de determinadas lesões em condições que out'rora era impossivel obter.

Vista da mesma Capella

Tirada com a objectiva telephote, onde se vê com nitidez e grandeza apreciavel o nicho do Christo crucificado

Na photographia de grupos e em trabalhos com machinas de mão, as lentes telophotographicas hão-de proporcionar grandes serviços. N'um grupo de figuras, tirado pelo processo da photographia ordinaria, repara-se muitas vezes na rapida diminuição na escala das imagens das pessoas e na perspectiva dos planos, o que é facilmente remediado pelas lentes telophotes.

As machinas de mão d'este genero fornecem ao amador e ao profissional recursos bem mais vastos do que os apparelhos ordinarios. Tem-se procurado tornal-os commodos, e portateis, e sem duvida muito valioso é conseguir obter-se imagens grandes em pequenas placas para estudos de animaes e de aves vivas, ou de scenario de montanhas distantes, emfim em todos os casos onde seja necessario retratar objectos além da perspectiva determinada pela camara optica ordinaria.

O sr. Elmendorf tirou uma famosa photographia do Jungfrau a uma distancia de deseseis milhas, cheia de promenores muito nitidos, e dando uma viva impressão das montanhas alcantiladas, o que raramente se obtem com as lentes ordinarias. O sr. Elmendorf photographou tambem o vulcão Popocatepest a trinta milhas de distancia.

Na photographia astronomica as lentes telophotes já tomaram definitivo lugar, e em outros ramos da sciencia é natural que venham a usar-se, como por exemplo, na geologia, na historia natural ou na botanica.

As lentes foram calorosamente recebidas pelos architectos e pelos archeologos, pois porções de entalhamentos e esculpturas em posições completamente inaccessiveis podem ser photographadas em grande escala, ao mesmo tempo que as construcções podem ser tiradas á tal distancia que se traduzam sem deformações de perspectiva, mostrando as proporções relativas e verdadeiras e dando praticamente a suggestão do plano elevado. N'este ramo especial apontam-se como notaveis os trabalhos do sr. Ernesto Marriage, um emerito photographo premiado.

São egualmente importantes os resultados obtidos com lentes telophotographicas em estudos de historia natural. Na photographia da «vida animal em casa» é por certo essencial que o operador não denuncie a sua presença nem perturbe o animal, ou o passaro ou o insecto que deseja reproduzir. Utilizando as lentes telophotes, elle poderá esconder-se a necessaria distancia do objecto, e assim obter imagens que estariam longe do alcance das lentes ordinarias. Citam-se já entre photographos naturalistas que melhor proveito teem obtido do emprego das novas lentes os srs. Cherry Kearton, Lodge, e Lee.

Poder-se-ha suppôr que se se fizesse uma grande ampliação de uma photographia, tirada com lentes ordinarias de machina collocada a distancia de duas milhas do objecto, o resultado seria identico ao obtido por photographia, tirada a egual distancia, pelas lentes telophotographicas. Não é assim. Explica-se o caso porque a suavidade ou dureza da imagem photographica põe limites, e bem restrictos, ao numero de vezes que possa ser ampliado um cliché com a graduação necessaria para definição nitida do objecto. Quando por meio da lanterna se projecta uma imagem qualquer n'um transparente, a ampliação é consideravel e a uma pequena distancia a definição do objecto apparece muito boa. Comtudo, quando nos approximamos do transparente, a definição delicada dos contornos desapparece e o que se nos apresenta á vista, apenas é uma imagem indecisa.

A ampliação, dada pelas lentes telophotes, é sempre de uma imagem formada *no ar;* e d'este facto conclue o sr. Dallmeyer a bondade das imagens por aquelle meio directamente ampliadas.

E' preciso maior tempo de exposição para as lentes telophotes do que para as lentes de construcção ordinaria, ainda mesmo nos apparelhos classificados como sendo para «photographias instantaneas». Excellentes quadros de animaes e de passaros nas suas guaridas naturaes e ninhos teem sido tiradas com exposições d'um oitavo de segundo.

Todavia os novos apparelhos inglezes, embora satisfaçam as muitas e indispensaveis condições, e resolvam numerosas difficuldades, estão soffrendo dia a dia as modificações que a experiencia aconselha e suggere. O tempo de *pose*, a estabilidade do tripé, a clareza das lentes, a sua conjugação, teem sido cuidadosamente estudados, para diminuir o primeiro, substrahir o apparelho á nefasta influencia das trepidações ordinarias das ruas, tornal-o utilisavel em tempo nublado e em altitudes onde a pureza da atmosphera está sempre inquinada de fumo e das poeiras levantadas pelo movimento das cidades. Da proficuidade dos resultados dá sobejo testemunho as photographias de Boissonas tiradas a noventa kilometros de distancia, alcance de vista photographica que nos assombraria, se o habito de acotovelar o maravilhoso não nos tivesse atenuado infelizmente esta bella e saudavel faculdade de admirar.

Uma Cegonha em Sevilha

Duas vistas tiradas á mesma distancia com os dois generos de lentes

A Kermesse — Quadro de Teniers

LE BALLET DU ROY
GAVOTA
de LULLY
Moderato 𝅗𝅥=80
PIANO
p
p cresc.
f
1ª
2ª
p
p
tr
p
cresc
P. Marcelino

1ª
2ª
rit
tr
a Tempo
cresc.
molto rit

CAPITULO PRIMEIRO

Em que se falla de Pedro Braz e se contam alguns successos dos ultimos mezes da sua vida

PEDRO BRAZ morrera, afinal. Todos os que com elle haviam mantido relações, e não eram numerosos, ao saber a triste nova, admirados notaram o longo tempo que elle vivera. Com effeito, Pedro Braz era muito velho, e tanto que os velhos d'aquelle tempo lembravam-se de o têr já visto velho quando ainda eram moços. Ninguem conhecia particularidades da sua vida. Ninguem da colonia podia dizer-se amigo de Pedro Braz, porque elle tivera sempre o cuidado de não arranjar amigos e nunca fallava do tempo passado, além da ultima semana; qualquer acontecimento da quinzena anterior era para elle historia antiga, e esquecida.

A seu respeito dividiam-se as opiniões: se era natural d'alli, ou se viera de fóra, como degradado. A parte mais numerosa inclinava-se para esta ultima hypothese: — porque, diziam, se Pedro Braz tivesse alli nascido, encontrar-se-hia esse facto nos registos da colonia. Havia sem duvida ainda, n'essa época, população tão limitada que pela ordem natural das cousas saber-se-hia certamente a sua origem. Não — concluiam — positivamente Pedro Braz deveria ter apparecido na colonia como um degradado ou deportado. Alguns declaravam ainda que Pedro Braz affectava certo tom extranho na falla, mas nem isso se podia affirmar com afouteza, tendo por tantos annos fallado o menos possivel e sempre baixo, n'um tom quasi de segredo, muito manso.

Que era muito velho, não podia haver duvida; e que vivia ha muito como moribundo, d'isso tambem não podia haver duvida.

Principiára de morrer em caminho de uma das suas fazendas. Fôra o caso que tivera o insolito capricho de ir até a cidade, e começara de fazer apressados preparativos para a viagem. Toda a gente da Malugalala ficou assombrada de espanto quando André, um velho mulato, que, com seu amo, era o unico habitante da casa, annunciou a extranha deliberação. Pedro Braz, que se soubesse, nunca tinha sahido da localidade pelo menos durante os ultimos quarenta annos; portanto era natural o espanto de toda a visinhança. Thomaz, chefe dos pastores (Pedro Braz não tinha administrador) veiu a casa em grande consternação. O que queria dizer aquella resolução? Quem iria com elle? André não lhe poderia ser util na viagem nem na cidade.

— Será verdade? — perguntou elle, parando na varanda, com os olhos immensamente abertos em ancioso espanto incredulo.

— E' verdade o quê? murmurava Pedro endireitando-se na sua cadeira de vime e agarrando-se aos braços recurvos d'ella.

— E' verdade o quê, homem? repetiu.

— O que diz André, senhor.

— Então o que diz elle?

— Que o senhor vae á cidade — respondeu hesitante.

— E depois?

— Certamente não vae.

— Porque não, Thomaz?

— Então o senhor .. (achando-se em difficuldade de se expressar) — o senhor está muito .. quero dizer achará a viagem muito incommoda, e tambem na sua idade. .

— Queres dizer que sou muito velho para viajar, não é assim? Ora mette-te com as tuas obrigações. Se eu pensei em partir, não é da tua conta, não é verdade?

— Não, senhor, de certo que não — concluiu humilde, porém o pastor pensou para si que, se seu velho amo persistisse em fazer viagem, seria realmente rematada loucura.

O velho *buggy* foi rolado para fóra da cocheira e depois de devidamente examinado atrellaram-se-lhe os cavallos.

— Então eu não vou, *sinhor?* — lamentava-se tristemente o velho André. Desde longos annos, vivera sempre com seu amo, e estava agora verdadeiramente perturbado pela idéa de se separar d'elle.

— Para que has de vir? — disse Pedro Braz parando no estribo do vehiculo — Para que has de vir?

— Não sei para quê, *sinhor,* — foi a resposta pueril — mas o patrão ha-de precisar que eu leve a mala e que olhe por si.

— Olha pela casa até que eu volte, e já tens bastante que fazer, — replicou o velho alegremente, e tomou o seu lugar no *buggy.* — Levaria comtudo Bob comigo se elle estivesse aqui — e olhou em redor.

Entretanto André descia para abrir o portão do parque de veados, pertencente á casa, e seu amo acenava-lhe com a mão afavelmente. O Jorge, filho de Thomaz, conduzia os quatro esplendidos baios, pois o velho gostava do genero, e o Henrique ia com elle na almofada, presumindo ter de abrir as portas das pastagens, mas como todas as portas de Malugalala se abriam com um movimento automatico, invento privilegiado, e se fechavam depois de deixar passar os vehiculos o cocheiro do *buggy* tinha somente de conduzir os cavallos até a um poste, voltar uma manivella sem sahir da almofada, e abertas as portas, fechavam-se d'ahi a momento por si proprios, muito suavemente.

Era uma esplendida fazenda e moradia; as *pastagens* por muitos annos não tinham apparecido tão bonitas. Pedro Braz olhava em redor com satisfação, vendo que tudo estava tão lindo.

— Tornêa a encosta, disse em voz branda. Jorge segredou ao seu companheiro:

— Eu bem te dizia. Esta é que ha-de ser a bella viagem á cidade. Elle nunca lá ha-de ir, não tenhas susto.— Como se fôra para provar a asserção, o carrinho cahiu subito n'uma sobreroda, o velho foi cuspido ao chão O Henrique saltou do *buggy* com grande susto.

— Voltemos para casa,—gritou elle, olhando para o corpo inanimado e hirto de Pedro Braz. Elle está morto, ou quebrou pela espinha.

— Enganas-te, meu pateta — exclamou o velho, revivendo repentinamente.—Deixa-te estar quieto e espera — continuou zangado.

Era encantador o sitio onde se deu o accidente. A porta por onde acabavam de passar estava a distancia de quinhentos metros atráz. O parque de caça tinha vinte milhas de extensão; era o segundo dos maiores nas cercanias. Tinham sido deixadas arvores de espaço em espaço para dar abrigo e sombra aos rebanhos. Um velho tronco, esquecido desde annos, enterrado no chão, aprodecera. Foi na cova que produziu o cepo que as rodas do *buggy* se enterraram de subito, occasionando pelo empuchão a queda do velho. A relva ondeava ao sabor da branda viração; e Pedro Braz achava agradavel estar alli deitado á sombra das suas arvores.

Por momentos elle esteve inclinado a abandonar o seu projecto de viagem. Malugalala era deveras lindo. Sydney, com o seu encantador porto, os seus esplendidos jardins, as suas ruas concorridas, as suas construcções apalaçadas não era para se comparar com este. Valeria a pena a viagem? Para que a ia elle emprehender? Mandaria chamar alguem que fosse em seu lugar tratar do seu negocio? Prevalecia a vontade firme no velho espirito, embora estivesse sem o menor desejo de se pôr a caminho. — Assa a gallinha, Jorge— articulou afinal; e os dois rapazes pozeram-se a tratar do pique-nique improvisado. Pedro Braz recostou-se sobre a relva. Em volta tudo placido e tranquillo. Nenhum outro ruido alem do crepitar do fogo, onde se preparava a refeição; e o cheiro da madeira queimada misturava-se com o aroma acre e fresco dos eucalyptus. O calor do dia era deliciosamente suave.

Como movido de um repentino pensamento o velho levantou-se com energia decidida. Vendo-o de pé os criados admiravam aquella quasi resurreição de seu amo, elles que difficilmente se podiam convencer de que o patrão se levantasse outra vez. Sentia-se bem de todo. — Nenhum osso quebrado,—dizia para comsigo, mas não confessava que se sentia abalado, realmente muito abalado. Não, não queria confessar similhante idéa nem a elle proprio.

André era um genio na sua condição de criado, e tinha previdentemente empacotado um *lunch* muito appetitoso. Desapparelharam os cavalhos e deram-lhe a ração; tanto os homens como os animaes estavam gosando do mais aprazivel e confortavel repouso.

Com certa reluctancia Pedro Braz ordenou que se apparelhassem de novo os cavallos, com tristeza passou a vista em redor e tomou outra vez lugar no carrinho. Os rapazes hesitaram, na duvida se iriam para diante, ou se regressariam a casa. Viam bem que o pobre velho estava muito abalado.

— Sigamos, para diante, disse: Vocês sabem ir a Talworth, sabem?

— Sim, senhor — respondeu Jorge, fustigando os cavallos, e partiram.

O tio Braz tinha o corpo muito magoado quando se apeou no hotel da *Corôa e Sceptro*, em Talworth, mas o espirito muito decidido. Como succede muitas vezes nas hospedarias de terras pequenas, não havia ninguem que olhasse pela bagagem dos passageiros; assim a de Pedro Braz ficou toda na varanda da entrada.

N'aquelle mesmo momento um mancebo

baixo, trigueiro, de apparencia viva, acabava de entrar tambem na hospedaria e deve confessar-se que o pequeno grupo de pessoas que enxameava á porta se interessava mais por elle do que pelo velho desconhecido que acabára de apparecer. Realmente, os proprios cavallos eram de mais interesse para elles do que o dono.

— Manda mais alguma cousa, senhor? perguntou Henrique, parado á porta, e entregando-lhe o rolo da manta de viagem.

— [illegible]io — replicou o velho. Dá algum descanço aos cavallos e depois volta para casa, ao luar; mas toma conta, poupa os animaes e acenou com a mão a Jorge, o cocheiro que estava de pé na almofada, inclinado em attitude reverente, esperando ordens com o chapéo na mão.

* * *

— Pósso ser-lhe util por alguma forma? — disse João Millington, o rapaz trigueiro que attrahira a attenção dos espectadores.

— Onde está o proprietario do hotel? — respondeu-lhe Pedro Braz em vóz sumida.

— Não creio que elle esteja já de volta do tribunal. Mas eu vou vêr se ha alguem que lhe indique um quarto.

— Muito obrigado, eu não quero quarto. Vou para Sydney pelo primeiro comboio.

—Todavia, talvez deseje descançar um pouco. O comboio não parte antes da madrugada—e reparando que o velho se mostrava contrariado, offereceu-lhe servir-se do seu quarto, em quanto o dono do hotel não voltasse. — E' justamente aqui no andar terreo — e dizendo abriu uma porta no fim da varanda, e levava para dentro o velho. — O jantar deverá ser muito tarde hoje, portanto terá bastante tempo para descançar antes de se aprromptar — e fechou a porta atráz de si.

Quem é este homem velho? — perguntou João Millington a diversos, mas ninguem o conhecia. Além d'isso estavam avidos de felicitar o proprio Millington, e de se informarem de tudo quanto se déra no julgamento, para se interessarem com o recem-chegado.

João Millington era advogado em Sydney e tinha sido convidado a vir tratar de uma causa um tanto celebre. Elle era ainda novato na advocacia, mas já demonstrava ser pessoa de indubitavel habilidade, e muitos consideravam que elle viria a ser ainda afamado entre as principaes e mais legitimas intelligencias da colonia. A causa célebre que o trouxera a Talworth era assumpto obrigado das conversações em todo o districto, e o seu discurso ao jury n'aquelle dia tinha sido uma obra prima. Todos concluiram que a decisão

do veredicto, dada uma hora antes, era devida á sua habilidade forense. A sorte do reu parecia bem negra emquanto elle não pronunciou o seu admiravel discurso, apresentando a questão com toda a evidencia e considerando-a conjunctamente por differentes aspectos.

Recebera as felicitações de todos, e a admiração da multidão expressara-se em voz alta ou silenciosamente, com maneira decorosa e serena, um leve rubor nas faces, um lampejo no olhar. Pensava no seu intimo como ficaria satisfeita a familia com o seu exito; na alegria de sua mãe e de seu pae, no orgulho e no prazer das suas irmãs e irmão mais novo; como este rapazote no collegio se referiria ao caso com um certo ar de vaidade, e diria:—O advogado que ganhou a demanda de que fallam os jornaes, foi meu irmão.

N'este momento, havia á porta da hospedaria grande excitação provocada pela chegada do que fôra accusado e agora vinha pela rua acompanhado de sua mulher e de amigos, que se regosijavam pela sua absolvição. A mulher, reconhecendo a distancia o moço advogado, deixara o braço do marido e correndo para elle collocára-lhe sobre os hombros as mãos, exclamando—Quando poderemos agradecer a sua bondade? O senhor é o nosso salvador, o nosso melhor amigo — e olhava para elle com extrema gratidão.

Como todo o homem que tem horror a scenas, João Millington respondeu apressadamente:

— Sim, sim, está muito bem. Vá com seu marido e seus amigos, vá; e libertando-se serena e delicadamente refugiou-se no seu quarto.

Pedro Braz estava sentado na varanda e vira a scena toda. Altamente interessado, interrogára uns e outros com respeito ao moço advogado. Bem depressa soube todas as particularidades do processo e a sua sympathia pelo mancebo crescera rapidamente.

O jantar foi tarde na *Corôa e Sceptro* n'aquelle dia. Todo o estabelecimento parecia completamente desorganisado. O juiz, os advogados das duas partes, estavam todos presentes á meza. Pedro Braz tomou Millington pelo braço e disse-lhe — Permitte que um velho se sente a seu lado?

—Certamente. O senhor não está interessado n'este caso, não é assim?

— Não, perfeitamente alheio — segredou o velho. Ouvi alguma cousa a esse respeito aos espectadores. O senhor livrou o homem, disseram-me.

— Não, não. O caso parecia muito obscuro, e complicado; era apenas isto. Quando foi apresentado com a devida clareza, o jury de homens intelligentes comprehendeu immediatamente.

— Sim, teria sido assim, mas a arte de apresentar propriamente a realidade é tudo. Quanta pobre gente tem soffrido por falta de um bom advogado. A mulher d'elle parecia muito agradecida.

— O senhor viu? Eu julguei que ella ia beijar-me e fazer uma scena. Seria terrivel, sabe.

Pedro Braz sorriu-se tristemente, mas não commentou. Pouco tempo depois do jantar sentiu-se muito fatigado e teve de se deitar.

— Cahi hoje do meu *buggy*, sinto-me moido da queda, disse.

— O quê? exclamou Millington. De certo não pensará em partir no comboio da madrugada?

— De certo que vou — replicou o velho resolutamente.

— Seria melhor descançar — objectou ainda o advogado.

—Meu caro senhor, faço o que me agrada —retorquiu Pedro Braz com aquella teimosa decisão de velho, pelo que o seu companheiro, abaixando a cabeça vencido, não proferiu mais nenhum conselho. Viajaram juntos até Sydney, e deve confessar-se que Pedro Braz cahira n'um profundo abatimento. A fadiga vencera afinal a dura energia do seu animo. Millington acompanhou-o ao hotel *Oxford*, e a pedido d'elle prometteu voltar n'aquella mesma noite.

❁ ❁ ❁

Não obstante as naturaes commemorações da apregoada victoria forense, que lhe abria carreira, com a familia e com os amigos, o moço advogado voltou, conforme promettera, e encontrou o velho viajante melhor depois do descanço, comquanto ainda inhibido de sahir.

No dia seguinte achou se muito melhor, — quasi bom, declarava elle, e sahiu a vêr aspectos da cidade. Não quiz tomar carruagem — Oh não, podia ser cuspido outra vez. Portanto optou pelos tramways. Pela hora do *lunch* deteve-se no Parque Publico, a observar a variada população que alli encontrou.

O parque publico de Sydney, com as suas grandes e frondosas alamedas, estatuas e lagos, e seus massiços de verdura e bancos, sendo o ponto de reunião do mundo elegante, é tambem o habitual ajuntamento dos decahidos ou desempregados da colonia, dos pretendidos politicos ou philosophos da rua, emfim um lugar de encontro para os ociosos, forçados ou voluntarios. Alli lêem-se os jor-

naes, que passam por emprestimo de mão a mão, discutindo os negocios do dia com respeito á colonia, e ao mundo. Aquelle é o seu salão, a sua casa, a unica para alguns d'elles. Como conseguem viver é milagre ou mysterio, muitas vezes para elles proprios. Não se encontra em nenhuma outra colonia vida similhante a esta do parque de Sydney. Alli encontram-se politicos como os não ha em qualquer outra parte. Parece até extranho que esta raça de genios de governo publico não tenha adquirido mais proeminencia, posto que se não deva esquecer que alguns d'estes reformadores do Parque tenham chegado, por um d'estes acasos de fortuna, que só as colonias fornecem, ás camaras fazendo as leis.

Quem visitar o Parque, a qualquer hora, encontrará sempre a população variada e os mais curiosos aspectos. Talvez de manhã cedo seja a hora mais triste para o visitar.

Veem-se ali os hospedes d'aquelle hotel a ceu aberto, deitados em todas as posições, em todas as attitudes; alguns na relva, outros nos bancos. Felizmente não se sente alli frio penetrante, aliás a miseria e a privação seriam tanto maiores e mais crueis. Quando o sol vae subindo, elles levantam-se dos seus duros leitos. Aquelle que é limpo por habito, os que teem maior respeito por si proprio, fazem uso das fontes da rua do Collegio, e d'outras avenidas transversaes para fazerem as suas lavagens e *toilette.* Veem-se de todo o genero, e idade, velhos e novos, corações tristes e vencidos nas luctas da vida, criminosos convictos, ou que só principiaram a realizar o mal. Este largo templo de Deus, com as suas naves frondosas, é o abrigo de muitos cahidos na adversidade. Esmagados, nas luctas da sociedade, magoados, despedaçados, vão para alli descançar, pensar, resolver os mais duros problemas da existencia. Se aquellas arvores e aquelles bancos podessem fallar, que curiosas e tristes historias poderiam contar! Por entre a ramaria das arvores divisam-se as duas cupulas da Synagoga, as torres da Bolsa, e de muitos templos magestosos, como os de S. Filippe e de S. Jayme. Estas egrejas tambem podiam revelar muitos casos tristes. As torres das crueis egrejas — como lhes chamavam, construidas pelo trabalho dos forçados, elevam-se sobre o parque e ensombram-se reciprocamente. São egrejas de tristes, injustas e crueis recordações. Os suspiros, as pragas, a angustia da alma e do corpo, a amarga dôr entranhada n'aquellas paredes e n'aquelles campanarios, nunca serão sequer conhecidos. Supponha-se um homem de espirito forte, limpo de superstições, para quem seja gracioso fallar em almas do outro mundo e que fique sósinho em S. Filippe ou em S. Jayme, alta noute, quando a cidade estiver silenciosa, e logo verá, em allucinação tremenda, reconstruindo historias lugubres os espiritos buliçosos e inultos que vaguciam alli dentro.

Pedro Braz passou pela ultima das duas egrejas quando se encaminhava para o parque pela rua do Rei. Olhando para ella, ameaçou-a de punhos cerrados. Conhecia-a. Tinha-a visto construir, e podia reconhecer alli dentro muitas almas penadas.

— Ah, Percy Craig, — segredou — Percy Craig, nunca serás vingado?—e olhava para uma parte das paredes, n'um olhar de desolada amargura. A commoção abalou-lhe vivamente o alquebrado corpo, mais do que podia supportar. Sentou-se n'um dos bancos do passeio do centro, a considerar por quê algumas das communidades religiosas, bem numerosas na cidade, ou algumas pessoas caridosas não tomavam como preceito ir á aquelles ajuntamentos confortar tanta desventura, alegrar e ajudar tanta miseria e tanta afflicção.

Ainda não reparára n'uma senhora sentada no mesmo banco em que elle estava quando um suspiro meio abafado, lhe chamou a attenção, e, voltando-se, abservou-a com insistencia investigadora.

Era uma senhora alta, delgada, de apparencia distincta, cujos movimentos revelavam aquella impressão de graça desaffectada que denuncia a bôa educação. Parecia afflicta. Os seus olhos pardos tinham a expressão de acerbo desespero. Luctara evidentemente com coragem, mas estava exhausta de soffrer. Chegára talvez ao ultimo extremo, como se em frente se lhe levantasse uma parede núa e lisa a embargar-lhe o caminho da vida. Não via meio algum de salvação; e perdera de todo a esperança. Testemunhavam-lh'o os cabellos prematuramente brancos. Pedro Braz esqueceu-se do fatal fim da pessoa de quem ainda ha pouco se recordava, á vista d'aquella vida tormentosa. Mais uma vez ouviu um suspiro abafado, e viu reproduzido pela sombra alongada sobre a arêa da alameda o estremecimento nervoso que lhe percorrera o corpo alquebrado. Reparou no seu vestuario e não obstante estivesse posto graciosamente, era realmente muito gasto e pobre. Havia porem o quer que fosse de severo no seu ar e porte que dava ao aspecto do fato velho uma impressão de requinte.

Pedro Braz tossiu levemente para lhe chamar a attenção; e depois principiou a fallar do calor e do tempo como se dirigisse a invizivel interlocutor, opinando que similhante calor tão intenso deveria provocar em breve

alguma tempestade. A principio ella não fez caso, mas elle tanto persistiu nos seus esforços para a attrahir, e iniciar conversação, que afinal ella voltou-se para elle affavelmente. A sua attitude desanimada era em extremo dolorosa. Não era a expressão do cançaço, mas o desgosto do desespero, o mais triste soffrimento que pode supportar a alma humana. O descanço do corpo póde remediar o soffrimento da fadiga; mas o que ha que possa mitigar o cançaço de uma alma em desespero? Só aquelle que disse: — Vinde a mim vós que trabalhais e estais carregados com pezo — o pezo das angustias do desespero da alma — e dar-vos-hei descanço — Elle só poderia prover de remedio áquella amargura.

Pedro Braz era um verdadeiro christão, a despeito do que alguns poderiam dizer, e conhecia melhor, e praticava-os mais frequentemente, os preceitos do Mestre do que muitos que faziam alarde profissional ou ostentação vaidosa.

Elle vira alli uma alma abatida pela lucta contra os revezes da vida e attrahira-lhe toda a sua compaixão. Tambem elle passara por aquella Gethsemania, e tentava consolar a pobre infeliz. Mansamente procurou conquistar-lhe a attenção e o interesse:

—A's vezes está-se desgostoso com tudo que se vê. Até o calor parece demasiado para viver, e decididamente é muito desagradavel. Tantos são os revezes e desgostos no mundo que parece não merecer a pena tentar a lucta.

— Realmente não merece, respondeu a desconhecida senhora.

— Assim o pensamos, porém quando depois se olha para tráz, para o tempo que passou, vê-se que não é tão desesperado o caso como se julgava. Ha sempre um protector que nunca nos desampara.

— Tambem assim pensava, mas agora já perdi a fé.

— Isso é o que a senhora pensa — retorquiu-lhe Pedro Braz. Não abandone a esperança. Quem sabe se esse protector me mandou vir ter comsigo?

Ella olhou para elle com ar perscrutador.

— Sim — continuou Pedro Braz — pode olhar-me surprehendida, mas é verdade. Vim todo o caminho de Talworth para a encontrar, e para cumprir algum secreto designio.

A pobre senhora imaginou que elle estava doido, como não raro suppomos do nosso melhor e mais verdadeiro amigo. Depois Pedro Braz contou-lhe como tinha emprehendido esta viagem, depois de tanto tempo de reclusão em casa, sem saber o motivo que o levára áquella deliberação.

— Agora começo de vêr a razão d'ella — continuou. Tenho de retirar breve para a minha casa, e tenho ainda uma ou duas coisas a fazer antes de partir. Conte-me tudo quanto lhe diga respeito e que a afflige. Não tenha receio. Sou tão velho que poderia ser seu bisavô,—e ria-se para disfarçar bondosamente a sua intenção generosa.

Ella contou-lhe as suas circumstancias presentes, mas do passado não disse palavra. No entanto Pedro Braz julgou adevinhar maliciosamente aquelle passado occulto pelo que ella relatára. Quando terminou a narrativa, disse-lhe:

— Sim vejo que foi governante de um cavalheiro, que se retirou para a metropole e desejaria ter uma outra casa, se fosse possivel. Onde está agora?

Ella disse-lhe.

— Bem a senhora terá noticias minhas amanhã por estas horas. Confie sempre em Deus. E despediu-se apertando-lhe affectuosamente a mão.

N'essa noite encontrou-se com João Millington e contou-lhe a aventura.

— Creio que conheço a pessoa de quem está fallando—disse o moço advogado quando o velho acabou de fallar.

— Conhece! Como assim?

— Deixe-me descrevel-a, e depois dir-me-ha se acertei. E' alta, uma senhora distincta como se póde vêr logo á primeira vista. Os cabellos estão branqueando; tem a phisionomia simples e bondosa. O vestuario, embora russo e velho, tem um aspecto serio e grave. A vóz branda e agradavel, a expressão bondosa. Ella é, como já disse, uma senhora.

— Descreveu-a, na verdade, Quem é? Como se chama?

— Deve ser a senhora Moss, uma senhora pelo nascimento e pela educação — e João Millington contou tudo quanto sabia a respeito d'ella.

O velho viajante passou a occupar-se de diversos negocios, visitando ao mesmo tempo todos os pontos da cidade. Procurou alguns dos seus agentes que na sua maioria o conheciam apenas de nome e dia a dia se foi tornando amigo do moço advogado, que por habito ia visitar ao escriptorio. Cumpriu a promessa que fez á senhora Moss, obtendo-lhe um lugar de dama de companhia da mulher de um respeitavel professor. Porém não lhe disse que tinha ficado responsavel pelo seu salario, não permittindo os meios do professor similhante despeza.

Assim esteve seis mezes na cidade quando n'uma manhã accordou muito incommodado. Mandou chamar immediatamente João Millington e a senhora Moss. Ficaram extremamente penalisados de o verem tão doente, pois já lhe tinham grande estima. Viam n'elle á parte algumas excentricidades e particularidades, que eram inoffensivas, um caracter bom e generoso. Pedro Braz disse-lhes com serenidade que sabia ter recebido ordem de marcha, e estava prompto para partir. Fez-lhes generoso presente de todo o seu mobiliario em Malugalala, e disse-lhes que, tendo sobrevivido a todos os seus parentes, lhes deixava, com excepção de um ou dois legados aos seus velhos e antigos criados, o remanescente de seus bens para ser dividido egualmente entre os dois. — São merecedores, aliás não o teriam obtido — segredou — e sei que d'elles farão bom uso.

Ficaram ambos admirados, como se póde suppôr; porém como ignoravam completamente a situação dos negocios do seu velho amigo não podiam avaliar da somma total dos seus bens.

A senhora Moss acompanhou-o attentamente, tratando-o com o maior carinho; e ou fosse pelo bom tratamento, ou pela extraordinaria constituição robusta, ou por ambos os motivos conjunctamente, em menos de quinze dias já podia outra vez andar por toda a parte. Entretanto todos podiam perceber que era um homem quasi sem vida, prestes a extinguir-se, como uma luz que se apaga por falta de alimento. Fez pintar o seu retrato com o aspecto mais velho e sujo possivel, e metteu-o n'uma moldura, a mais velha e suja que poude comprar. Todos se admiravam da vida que ainda o animava. Quando annunciou a sua tenção de voltar para casa, tanto a senhora Moss como João Millington, offereceram-se para ir com elle; mas só lhes permittiu que fossem despedir-se á estação!

— Mandar-vos-hei chamar se precisar de vós — disse e encostou-se para traz nos cochins da carruagem do comboio.

⁂

Mais morto do que vivo chegou a Talworth. Jorge Geo difficilmente esperou trazel-o vivo para casa, e lembrou-lhe que seria melhor ficar alli e chamar um medico.

— Ha luar, e vocês podem vêr bem o caminho — replicou, com aquella mesma energia indomavel.

Em Malugalala esperava-se em grande animação o regresso de Pedro Braz. A sua partida tinha causado espanto, mas a sua volta causou consternação.

— Vem para casa morrer! — lamentava o velho André.

Todavia ainda uma vez o velho poude levantar-se e sahir.

— Elle lucta com a morte, — disse uma tarde a mulher de Geo ao marido, quando este voltava do seu trabalho diario.

— Comtudo, é muito velho—replicou Thomaz Geo, que era homem de poucas palavras.

— Completou cem annos, ouvi dizer. Não teria ainda feito testamento?

— Não pensaria em dizer-m'o.

— Podes contar que foi o que o decidiu a ir a Sydney, — continuava a senhora Geo, que era mulher difficil de callar o que sentia. Tens estado ha tanto tempo a seu serviço, que devia lembrar-se de ti.

— Pagou-me sempre bem. Entretanto alguem ha-de entrar na posse de todos estes bens — replicou o marido reflectindo. — Deixa-me vêr; ha isto aqui, depois ha a fazenda de Bendermeer em Queensland...

— E' onde foste quando Jorge era ainda creança, não é assim?

— Sim, ha talvez vinte annos. Já era então uma bella propriedade, e está agora muito augmentada.

— E elle tem ainda outras propriedades, não é assim? perguntou Jorge, que se occupava em concertar umas correias de estribo, e tinha a sella no chão em frente.

— Tem sim, Jorge. Ha o Hillgrove, perto de Yarrangobilly; Golgolgoa na Riverina; e a Yanderbilly na costa Victorvana. D'outros nada sei. Terá alguns parentes? Nunca fallou d'elles. Em todos estes annos que tenho estado a seu serviço, nunca me nomeou alguem que lhe pertencesse.

— Tem estado com elle ha muito tempo não é assim? —E Jorge ia ajustando as correias e as fivellas.

— Tenho estado com elle toda a minha vida. Eu nasci no sitio de Bendermeer em Queensland. Meu pae era o seu chefe de pastagens alli, e o velho trouxe-o para aqui ha quarenta e seis annos e deu-me o emprego quando meu pae morreu. E tem sido muito bom para mim. Quando me lembro d'esse tempo... Pedro Braz parecia ha quarenta e seis annos tão velho como agora. Não tem feito mudança alguma, apenas costumava dar uma volta pelas propriedades regularmente, e agora deixou passar quarenta annos sem se mecher d'aqui, senão no dia em que fez a jornada a Sydney. Todavia sabe como tudo corre em todas as fazendas. Elle reconhece até um carneiro que seja seu. E' esperto e vivo, mas desejava que os seus herdeiros, quem quer que fossem, estivessem aqui. Acaso fallou em alguem, Jorge?

— Nem uma palavra. Realmente julguei que estava morto quando o vi no carro. Tinha a apparencia de quem ia morrer, mas evidentemente tem um folego excepcional.

Com effeito Pedro Braz estivera para morrer a todo o momento nos doze mezes que se seguiram, e os pensamentos que expressara Thomaz perpassaram-lhe tambem pela mente, porque no dia seguinte escreveu á senhora Moss e ao joven advogado, pedindo-lhes que viessem sem demora. A' sua chegada ficaram muito consternados com o aspecto do velho, comtudo nada lhe disseram. A presença dos dois reanimou-o. Tomou desusado interesse pela tosquia dos rebanhos d'aquelle anno e conservava-se todo o dia á sombra dos arvoredos. Todos se admiravam de que elle ainda conseguisse viver. Percorreu toda a propriedade com os seus dois amigos, apontando-lhes os diversos pontos de interesse.

— Qual dos dois lhes parece que ficará possuidor de Malugalala? — disse-lhes um dia, quando estavam sentados na varanda. Ambos menearam a cabeça, n'aquelle sabido movimento que pretende significar indifferença do assumpto, ao mesmo tempo que a senhora Moss lhe expressava a esperança de que elle ainda havia de occupar por muito tempo aquella casa e fazenda.

— Não — replicou, — não ha de ser por muito tempo mais. Vivi além de tempo destinado, e não terei pena de partir. Tenho muitos amigos no outro mundo a quem desejo encontrar. Estámos separados ha tanto tempo—continuou suavemente. Ha um ponto n'esta propriedade que ainda vos não mostrei. Foi n'esse sitio que cahi do *buggy* quando parti para Sydney e onde desejaria ser enterrado.

Foram-se passando os dias, e não obstante parecesse que tinham percorrido toda a propriedade, elle não designára ainda o lugar de que fallára. A senhora Moss tinha ficado em Malugalala durante uns seis mezes, porque Pedro Braz manifestara o desejo de que ella o não deixasse. João Millington voltara para os seus processos, fazendo lá algumas fugidas, quantas podia.

⁂

Era um domingo á noite. Um missionario dos que percorrem os mattos em evangelisação errante chegara na noite antecedente. A pedido de Pedro Braz officiou de manhã á sombra das arvores. Toda a gente do sitio se reuniu alli, compondo um grande e silencioso grupo, de effeito pittoresco e emocionante na sua devoção ingenua. Os officios da tarde fizeram-se na capella, estando presentes apenas as familias da visinhança mais proxima. Uma ceremonia que a senhora Moss nunca esqueceu. O sacerdote tomou para assumpto da sua pratica o texto que diz — acabei a minha carreira—e fallou com persuasiva eloquencia na tranquillidade de consciencia que pacifica a alma, no fim da vida, apoz o dever cumprido. Depois de terminada a ceremonia os poucos residentes da casa sentaram-se e conversaram serenamente ainda por curto espaço.

— Tenho de continuar a minha jornada

de manhã cedo—disse o missionario, levantando-se para se retirar para o seu quarto.

— Não poderia ficar um ou dois dias mais? —replicou Pedro Braz, levantando-se tambem.—Alguns dos seus ouvintes de ha pouco gostarão de lhe comprar livros, e eu desejo contribuir com uma offerta para os fundos da sua congregação.

— Pois bem, ficarei ainda todo o dia d'amanhã, e agradeço-lhe a hospitalidade. Depois tenho de partir infallivelmente para a minha viagem.

— Está concordado. Hei-de ir mostrar-lhes aquelle lugar de que lhes fallei, havemos de lá ir amanhã, acrescentou voltando-se para João Millington, que tinha chegado na vespera, e para a senhora Moss.

No dia seguinte, denunciava uma extranha inquietação. Andou pela casa toda e em volta do jardim. Não podia conformar-se com a proxima partida do moço advogado, e ao percorrer os jardins e as dependencias, ia dizendo adeus a todos que encontrava, os quaes se quedavam admirados, procurando atinar com o sitio para onde elle iria. O velho André andava atráz d'elle muito perturbado, e Roberto Hawber, um corredor de cavallos da visinhança que viera tentar negocios com elle, acompanhava-o com bondoso e afflictivo interesse.

Depois do *lunch* mandou pôr o *buggy* e pediu a Hawber que tomasse as guias n'um passeio pelas pastagens. Elle estava muito fraco e parecia que hia perdendo forças á medida que se prolongava o passeio A senhora Moss pediu-lhe que voltasse para casa; o missionario reforçou o pedido com os seus rogos; mas elle abanava a cabeça e fazia signal para que continuassem. Por fim chegaram ao ponto onde tinha occorrido o accidente.

— Deixem-me sahir aqui — disse mansamente—e os trez homens com muito cuidado levantaram-o e collocaram-o sobre uma manta que a senhora Moss tinha estendido sobre a relva humida. Deitou-se mui socegadamente, com os olhos fechados. O sol no poente alongava as sombras sobre a planicie, e uma ligeira viração soprova branda e serena. Havia no ambiente uma grande tranquillidade. Desapparelharam os cavallos, e os trez companheiros de Pedro Braz sentaram-se n'um cepo de arvore cortada emquanto que a senhora se sentára na relva e deixava repousar a cabeça do velho Braz sobre o regaço. Assim permaneceram em silencio por algum tempo. Havia tanta serenidade que não convidava á conversa. De repente Pedro Braz abriu os olhos como se acordasse d'um sonho, olhando em redor, e socegadamente agradeceu á senhora Moss as suas bondosas attenções.

— Amigos — disse com voz amortecida —vim aqui para morrer. Sempre desejei acabar aqui os meus dias, e n'este ponto serei enterrado. E' um lugar sagrado para mim. Aqui repousam os meus queridos. Aqui encontrei o meu amigo de mocidade, o mal julgado Percy Craig. Era um convicto fugido, e depois de o ter escondido durante oito annos, enterrei-o alli com as minhas proprias mãos— e apontáva para um sitio perto onde a relva parecia mais alta do que em redor. Ninguem me ajudou. Enterrei-o sósinho. Era um bom homem — e sumiu-se-lhe a vóz.

Esperaram, depois o missionario inclinou-se sobre elle e perguntou-lhe se queria rezar com elle. Com alguma cousa ainda do seu velho espirito o moribundo respondeu — Se isso me fizesse algum bem, se me desse alguma vida!...

Minutos depois cahia em inconsciencia, e n'aquelle estado esvaiu-se-lhe serenamente o espirito — Pedro Braz estava morto. Todos ficaram contristados quando souberam o passamento do velho e todavia todos exclamaram—Morreu afinal!

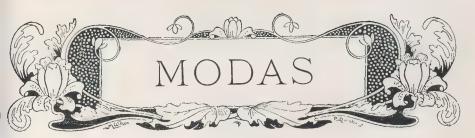
Enterraram-o no lugar que elle tinha indicado, e o missionario addiou a sua partida mais um dia para rezar sobre a sepultura.

Quem eram os seus herdeiros?

Era a pergunta anciosa e interesseira que todos faziam.

(Continua).

(Adaptado do inglez).

MODAS

É CERTO que a moda, de sua essencia caprichosa e variavel, muda de aspecto a todos os momentos, mas deve confessar-se que desenvolvendo-se ella da pequenina semente de vaidade, que germina em toda a alma humana, a dos dois sexos, aquella variabilidade é ainda impulsionada pelo desejo insaciavel de distincção, de separação de classes e de usos. Desde que se generaliza um aspecto de moda, pode contar-se-lhe uma duração ephemera. Este facto dá-se principalmente na combinação de côres ou na especialidade dos enfeites e adornos. Os feitios popularisam-se e resistem ás comparações; esses distinguem-se sempre no primor do córte e na excellencia dos tecidos; mas as côres ferem mais vivamente os olhos delicados e sensiveis aos effeitos egualitarios. Por isso as damas verdadeiramente elegantes, as que se sabem vestir, as que se distinguem pela nobreza do porte e pelo respeito da sua propria personalidade, as que se afastam cautelosamente d'aquelle mundo mesclado e extravagante que com recursos faceis passam vida tambem facil, as que são verdadeiras senhoras, na accepção da palavra, evitam adoptar desde logo côres caprichosamente combinadas ou formas de adornos muito especiaes. Se as indicamos por vezes aqui, é para sacrificar á actualidade; porém damos sempre preferencia a modelos e a indicações que satisfaçam melhor áquella principal qualidade d'uma *toilette* distincta, a simplicidade apparente, bem mais difficil de conseguir do que a complexidade espaventosa. Não é nosso intuito exclusivo dar aqui noticia de modas; procuramos modestamente educar o gosto das leitoras intelligentes pela preferencia do que se usa nos bons circulos da sociedade.

Continuam-se a empregar abundantemente cassas e gazes de seda e algodão, sedas *pompadour*, cambraias de linho estampadas, *foulards* mesclados muito flexiveis, fazendas de linho em tecido novo com bordados; mas todos estes tecidos differentes são ornamentados de flores onde predominam as rosas pequeninas ou onde se destacam molhos de violetas, sobre fundos claros e apropriados á estação, muito alegres, muito leves, de sorte que, no dizer dos que teem assistido ás reuniões mundanas dos grandes centros da moda, nas *garden-parties*, nos recintos das corridas, o grupo animado e palreador das damas gentis dá a impressão d'uma grande *corbeille* de flores, movediça sobre o extenso relvado dos parques e dos jardins. São os chapeus que ferem a maior viveza de côres, sendo abundantemente enfeitados de flores em que o fabrico moderno põe tal perfeição que illudem verdadeiras pela exactidão, suavidade e macieza de tons. Nem o perfume lhes falta, que a moda continua a ordenar o uso prodigo das essencias finas, de campezina suggestão, como o extracto de feno e outras delicadas composições da arte de perfumista.

Os ornatos e os desenhos das fazendas modernas prestam-se ao emprego das preguinhas, augmentando-se o effeito extranho, de sorte que nas blusas se utilizam com muita frequencia, sobretudo quando são confeccionadas em sedas da India, dos mais variados tons que apparecem agora no mercado. Usam-se muito tambem blusas de cambraia de linho bordado com applicações de renda irlandeza ou *valencienne*, segundo o gosto. A renda applica-se agora mais em ornatos separados, compondo florões completos ou medalhões, ou losangos, como mostra a primeira das nossas illustrações. Estes medalhões ou quadrados são cortados em rendas cujo desenho é feito para poder ser separado em figuras de ornato. Empregam-se estas applicações tambem como enfeite de saias. Apparecem *gui-*

pures em tons diversos, feitos de fios torcidos em creme e preto, que teem um aspecto attrahente pela novidade. Deixam-se de fazer tanto em tufos de renda os abafos e empregam-se mais as romeiras em renascimento de velha moda, todavia bem gentil, porque não occulta a curva graciosa dos bustos, ao contrario accentua-a e define-a n'uma roupagem solta de esculptura, em artistica attitude. Fazem-se todas em renda ou em setins muito leves com orlas de largas rendas; como tambem se compõem mais modestamente, pregando rendas de Alençou sobre um lenço de finissima cambraia, desorte a aproveitar-lhe as pontas para fecho elegante sobre o seio. Teem apparecido algumas d'estas romeiras simplesmente imaginadas, sobre as quaes se valorisam as antigas rendas dos mais trabalhados pontos.

A nossa segunda illustração mostra uma elegante *toilette* de fazenda lisa cuja ornamentação principal consiste no emprego de renda applicada, tanto na saia, como no corpo, toda segura por presilhas de fita de veludo terminada por botões, como se fôra na verdade abotoada, dando na saia a illusão de que segura a serie de quatro pregas efinge no corpo que o fecha sobre o peitilho de seda, como mostra a figura. O pescoço tem o decote que se vê, fechado depois pela mesma renda do enfeite em um tufo ao lado, similhando uma veste inrerna que subisse até o pescoço pelo interior do vestido; as hombreias e as mangas apresentam novidade de forma e nos punhos e no braço se vê de novo apparecer em applicações de renda aquella mesma fingida vestia interna que vimos fechar o decote. A nossa terceira illustração reproduz uma *toilette* em linho azul muito pallido que acentua o genero de *toillettes* para passeio ao campo, tendo o corpo a forma de jaqueta aberta na frente para deixar ver uma blusa interna de seda ou de cambraia que reapparece tambem nos punhos para foasra de mangas largas.

Chegada a época de partida para o campo e para as viagens mais ao menos longas conforme a distancia a que se acham as propriedades, a moda determina agora o genero de *toilette* e variam naturalmente os modelos segundo a exuberancia do busto, vendo-se nos grandes armazens de venda numerosos *paletots-sac* de forma absolutamente vaga, mangas amplas prestando-se sem revelações indiscretas ao repouso negligente, á vontade, como se diz, durante os longos percursos em caminho de ferro, visto que facultam o uso d'uma simples camiseta de seda interna, larga, fluctuante. Veem-se tambem modelos justos, embora colleantes, que se apropriam á flexibilidade delgada de formas. Empregam-se para estes costumes de viagem os *cheviotes* cinzentos, de mesclas muito finas, os *homespun* e os *covercoat;* e para ornato em geral simples botões. Os chapeus de forma *marquis* tem sido por emquanto preferidos para completar o costume, visto qee recobrem bastante os cabellos. Ha agora veus bastantes espessos que defendem pratica e efficazmente os rostos cujo mimo e frescura soffrem com o ar saturado de pó de carvão, o qual acompanha e envolve constantemente os comboios. Não são em mousselina de seda, mas n'uma especie de taffetas, especialmente tecido para o effeito, que de preferencia se compoem as guarnições ou enfeites dos chapeus de viagem, a fim de resistirem á acção da poeira. As saias d'estes costumes usam-se curtas, o que é logico e commodo, para facilitar os movimentos no embarque e desembarque de comboios.

Como se vê da forma geral dos modelos

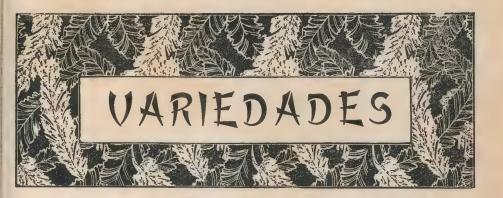
apresentados, cantinua a vigorar o vestuario ajustado sobre a cintura e ancas, e em virtude d'isto, as casas que fornecem saias de baixo apresentam agora uma variedade notavel de generos, todos tendentes pelo corte, ajustamento em laçadas, emprego de botões de pressão, e differentes outros meios, a conseguir uma quasi adherencia sobre o corpo. A seda realisa o maior numero de condições necessarias; e, desde que a industria moderna a fabrica, verdadeira ou artificialmente, por preços accomodados á maioria dos recursos, é o material escolhido de preferencia, pela sua leveza, pela sua flexibilidade e pela sua duração. Cada vez se é mais exigente na feitura d'este indispensavel complemento de vestuario, sem o qual nenhum vestido, por melhor corte e por mais elegante forma que tenha, sobresae devidamente. A saia interna e o collete são dois elementos fundamentaes do vestuario; e todo o cuidado e todo o escrupulo na sua escolha é sempre menor ao exigido; para que não possa ter-se a sensação desagradavel, a quem na rua vê passar um elegante, de marcar com a vista a linha que termina o collete e quasi lhe desenha as barbas, ou o bamboleamento torcido que tomam as saias quando não assentam sobre um *dessous* apropriado.

Tendo-nos referido a campo e casas de campo, lembra-nos registar o uso cada vez mais apreciado de empregar para as mezas, mas exclusivamente aos almoços ou aos *lunchs*, toalhas e guardanapos de phantasia e de cores, em cujo tecido a arte nova desenha os mais caprichosos arabescos, com barras abertas. Os tecidos não tem avesso; collocam-se indistinctamente d'um lado ou d'outro, e assim obtem-se o efleito de destacar ornatos brancos ou cremes sobre um fundo em rosa velha ou ao contrario os florões em côr sobre o fundo creme. Fabricam-se tambem em azul pallido e creme, em amarello de ouro e creme. Os desenhos, por vezes, affectam o estylo Luiz XV no proprio tecido ou bordados. Repetimos, porem, a toalha do jantar continua a ser inteiramente branca; somente a moderna industria tem chegado a produzir o adamascado tão brilhante que semelha seda e tão distincto que parece resaltar em relevo. Como phantasia para mezas de *lunchs* ou de serviços de refrescos em elegantes *garden-parties*, mezas que por vezes são collocadas sob os alpendres dos terraços ou em fechados caramanchões de trepadeiras que a moda, tambem soberana no arranjo dos grandes jardins, tem recentemente renovado da velha maneira do seculo XVIII, usam-se toalhas com barras e desenhos abertos no genero italiano, arrendadas e assentes sobre setins de côres claras para fazer sobresahir na transparencia os desenhos decorativos. Comprehende-se o emprego d'estas toalhas phantasistas para condizer com as louças modernas de feitios caprichosos e irregulares, coloridas fortemente ou plenas de desenhos ornamentaes excentricos que o esthetismo pretencioso e avido de originalidade tem posto em pratica, com excellente exito muitas vezes, deve dizer-se para ser justo. Para acompanhar as boas porcellanas douradas ou para os serviços luxuosos da India e da China, só o fundo branco das toalhas lhe faz realce ao valor, como tambem ás pratas lavradas e cinzeladas das boas

épocas da ourivesaria. E para voltar ás mezas postas ao ar livre de que principiamos a fallar, registe-se egualmente que não é tido como nota de bom gosto pôr flores na decoração d'ellas; as flores, dizem, servem-lhe de moldura nos *parterres* que as cercam, nos vasos que ornamentam os terraços. Na ormentação d'estas mesas, sempre pequenas, embora tenham de se multiplicar, prefere-se o uso e mesmo o abuso dos crystaes, dispensando as peças de baixella luxuosa: admittem-se os vidros coloridos, mas a grande moda são os crystaes dourados, vidros da Bohemia, que a industria moderna imita do artigo na forma e no ornato. Ha sem duvida em todos os dominios da arte applicada um renascimento que procura ser uma renovação, mas em verdade os velhos modelos obtem ainda uma decedida preferencia, quando não são os proprios objectos collecionados.

SCENA DE SALÃO

Amavel Visita. — Quadro de Georges Cain

A encantadora scena, que o quadro representa, traduz na decoração do salão, na luminosa disposição dos personagens, na naturalidade das attitudes, na minuciosidade dos adornos, na impressão de vida real, uma fidelissima lembrança d'aquelles tempos desapparecidos, e todavia bem proximos, em que a amenidade delicada do convivio social primava nos costumes, como ainda hoje se encontra em raros salões, menos buliçosos e mais severos do que aquelles onde predomina o modernismo insignificativo. São suggestivamente educativos do bom gosto e das boas maneiras estes quadros flagrantes de verdade simples, e acariciadores de gentilezas mundanas. E' com effeito uma visita amavel; sem duvida é um «gentleman» quem entretem aquellas damas n'uma conversação interessante, alguma curiosa narrativa de casos da sociedade que lhes prende a attenção.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Abril.—**26** *Portugal*—E' approvado na camara dos deputados por 97 votos contra 42, o projecto do convenio com os credores externos.—*Hespanha*—O conselho de ministros approva os orçamentos parciaes de 1903.

27 *Italia*—Por causa do desaccordo nas manifestações a Gloilitti no senado, demitte-se o ministro da guerra.—*Suecia*—Umas 40.000 pessoas fazem em Stokolmo ruidosas manifestações a favor do suffragio universal.—*China*—Os rebeldes chinezes bombardeam, durante 3 horas, Nag-Foo, empregando os canhões modernos, matando 400 moradores e ferindo 2 000.

28—*Italia*—O general conde Ponza de San Martino dá a sua demissão de ministro da guerra. *Republica Dominicana*—O sr. Horacio Vasques, vice-presidente da Republica proclama a revolução na região de Cibrao contra o presidente Jimenez.—*Inglaterra*—O tribunal da Relação confirma a decisão do tribunal de primeira instancia recusando ordenar a expulsão dos jesuitas.—*Filippinas*—O cabecilha Rufo submette-se na ilha dos Negros, com 158 partidarios, 12 canhões e 140 *bolos*.—*Africa*—Produzem-se varias manifestações anti semiticas em Constantina, travando-se algumas desordens.

29 *Allemanha*—A commissão da nova pauta aduaneira accorda em fixar em 48 marcos o direito de importação sobre cada cem litros de vinho.—*Italia*—A camara dos deputados approva o projecto de lei para a creação d'um novo titulo consolidado de 3 $^1/_2$ %.

30 *Portugal*—E' affixado um edital na reitoria da Universidade de Coimbra, suspendendo até nova ordem, os exercicios escolares de todas as faculdades—*Estados-Unidos*—O presidente Roosevelt nomeia secretario de estado para a marinha o sr. William Moody, de Massachussets, em substituição do sr. Long. *Republica Dominicana*-O governo da ilha faz bancarrota manifestando-se sem força para combater a insurreição—*Russia*—O ministro da guerra dá a sua demissão por motivo de ataques opposicionistas.

Maio.—**1** *Russia*—O coronel Grimm é condemnado a 12 annos de trabalhos forçados.—O conselho de guerra condemna á morte o assassino do ministro Spiaguini.—*Marrocos*—O sultão Muley Abd-el-Aziz notifica ás potencias que, em consequencia da abundancia das colheitas, reduz um terço no direito da exportação do trigo durante o corrente anno.

2 *Calcutta*—Um violento cyclone devasta Dacca e as povoações visinhas, matando 416 pessoas.

3 *Turquia*—E' descoberto no palacio de Constantinopla uma conspiração contra a vida do Sultão, sendo desterrados muitos dos principaes servidores e varios ennuchos.—*Rio de Janeiro*—O presidente da Republica do Brazil, Campos Salles, envia ao parlamento a sua mensagem de despedida.—*Martinica*—O vulcão do Monte Pelado volta a estar em actividade cobrindo a cidade de S. Pedro de uma camada de cinza.—*Egypto*—Um terrivel incendio destroe a cidade de Mitgazne, causando 50 mortes, e ficando reduzidos a cinzas 200 armazens e milhares de casas, sendo os prejuizos de muitos milhões de francos. Ficaram sem abrigo 6.000 pessoas.

4 *Belgica*—Effectuam-se com resultado satisfatorio as experiencias do telephone submarino entre Bruxellas e Londres.—*Inglaterra*—Mais de 900 casas commerciaes inglezas importantes apresentam ao governo e ao parlamento uma reclamação contra o projectado augmento de sello sobre os cheques.—*Italia*—A princeza Beatriz, esposa do principe Maximo e filha de D. Carlos Bourbon, tenta suicidar-se arrojando-se ao Tibre.—Em Trieste, Trento e Milão celebram-se comicios para protestar contra a renovação da triplice.—*Turquia*—Os soldados turcos atacam os religiosos francezes dos arredores de Socutari.—*França*—A maioria dos *maires* das regiões industriaes pronuncia-se contra o projecto de lei que augmenta o limite de edade para a admissão dos trabalhadores nas minas.

5 *Hespanha*—Sente-se um violento tremor de terra em Murcia, tendo abatido algumas

casas nas povoações de Alberca e Alcantarilla — *Haiti* Santo Dominico rende-se aos insurrectos, tendo o presidente Jimenez de se refugiar no consulado francez. — *China* — Um edito imperial ordena o castigo dos culpados nos recentes assassinos dos missionarios.

6 *França* — Sente-se um tremor de terra em Bordeaux que dura 15 segundos, não occorrendo desastre algum. — Egualmente se sentiram abalos em Bayonna, Barcelona, Saragoça e Tafalla. — Descarrilla perto de Moyenneville, um comboio procedente de Moseron, Belgica, conduzindo 350 peregrinos que se destinavam a Lourdes, morrendo 9 pessoas e ficando feridas 56. — *Russia* — O Diario da legislação, publica um decreto imperial proclamando o estado de sitio em cinco districtos do governo de Pultawa. — Os camponezes assaltam e saqueam o castello historico do principe de Oldemburgo em S Petersburgo.

7 *Ingtaterra* — A Liga internacional da Paz publica um manifesto protestando contra os actos de barbarismo dos americanos nas Filippinas; dos inglezes no Transvaal; dos turcos na Armenia; dos russos na Finlandia; e de todas as nações na China. A imprensa liberal approva o manifesto. — *Austria* — Em consequencia da agitação anti-semita, resolvem abandonar o paiz umas 4:000 familias judias, projectando estabelecer se nos Estados Unidos, principalmente em Nova-York. — *Hespanha* — O congresso approva por unanimidade o projecto de lei creando um instituto de trabalho. — *Republica Dominicana* — E' constituido o governo provisorio que conservará o poder até se effectuarem as novas eleições presidenciaes. — *Hungria* — Abertura solemne do Reichsrat, em Buda-Pest.

8 *Hespanha* — Inaugura-se em Madrid um theatro lyrico exclusivamente destinado a opera hespanhola, estreando se a opera *Circe* do maestro Chapi. — *Russia* — Metade de um batalhão de infantaria recusa-se a disparar contra os camponezes revoltosos da provincia de Pultawa. — *Haiti* — Rebenta a revolução. O general Simon Sam dá a sua demissão de presidente da republica. — *Italia* — O ministro dos negocios estrangeiros annuncia á camara dos deputados que o *statu quo* commercial entre a Italia e o Brazil é mantido até 31 de Dezembro. — E' solemnemente inaugurado em Turim, no topo da collina de Superga, o monumento commemorativo do rei Humberto.— *Grecia.* — Uma quadrilha de ladrões assalta e saquea o palacio da familia real em Dekalla, levando grande quantidade de objectos de valor e merito artistico.

9 *França* — Caem abundantes nevadas em todas as regiões da França, temendo-se em muitos pontos a perda das colheitas. — *Hespanha* — A minoria do congresso declara officialmente a ruptura com os deputados republicanos por meio de um manifesto á opinião democratica.

10 *Portugal* — E' approvado por 43 votos contra 35, na camara dos pares o projecto de convenio com os credores exernos. — *Estados Unidos* — A camara dos representantes approva o projecto de lei declarando incorporados nos Estados Unidos os territorios do Arizona, New-Mejico e Oklaoma.— *Hespanha* — O senado vota definitivamente o projecto de lei reduzindo a circulação fiduciaria. — *America Central* — Os governamentaes atacam Curupano por terra e por mar; mas os revolucionarios repellem-os, inflingindo-lhes grandes perdas. — *Italia* — A Italia e Guatemala decidem submetter a questão dos interesses italianos n'aquella republica á arbitragem do presidente da republica franceza, o qual acceitou o encargo. — Uma terrivel tempestade arremessa para os rochedos de Civita Vecchia, 10 navios de vela abandonados pelas suas tripulações.—*Alsacia Lorena*—O imperador Guilherme n'um rescripto, dirigido ao governo da Alsacia Lorena, declara que, confiando na fidelidade e lealdade dos alsacianos-lorenos para com o imperio, auctorisa o governador a entender-se com o chanceller imperial para a suppressão do artigo dictatorial.

11 *Hespanha*—Em resultado de divergencia de criterio entre os ministros ácerca da questão religiosa, o sr. Canalejas, ministro da agricultura dá a sua demissão. — Em signal de protesto contra a prisão de 36 operarios, reunem se varios companheiros das officinas de Barcelona, declarando-se em gréve. — *França* Os nacionalistas são derrotados nas eleições a que se procedeu em Paris e na Provença.

12 *França* — Realisa se em Paris a ascensão do balão *Pax* do inventor brasileiro Augusto Severo, dando-se uma explosão no motor do que resultou o incendio do balão, cahindo desastrosamente de uma altura de 300.m, Augusto Severo e o seu ajudante Saché, ficando horrorosamente mutilados. — *Hespanha* — Realisa-se sob a presidencia da rainha, o ultimo conselho de ministros da regencia. — *Africa Austral* — Dá-se uma violenta explosão n'um wagon de petroleo da companhia do caminho de ferro de Panhandle, incendiando os comboios tambem carregados de petroleo, e ficando feridas 200 pessoas, das quaes 150 mortalmente. — *Alexandria* — São destruidas pelas chammas varias povoações do interior, e as officinas do caminho de ferro do Cairo. — *Russia* — O assassino do ministro Sipiaguine é condemnado a morrer na forca, não tendo porém o czar confirmado a sentença.

13 *Haiti* — Os revolucionarios apossam-se do governo depois de uma hora de combate ficando 2 homens mortos e 3 feridos. O sr. Beironcanal assume a presidencia do governo provisorio. — *Pensylvania*—Cento e cincoenta mil mineiros proclamam a greve geral. — *Hespanha* — Inauguração das festas officiaes da maioridade do rei Affonso XIII. Os jornaes carlistas publicam um energico protesto do pretendente D. Carlos contra a proclamação de Affonso XIII. — *Inglaterra* — A camara dos communs regeita por 296 votos contra 188, uma emenda proposta por sir William Vernon Harcourt contra o imposto sobre os principaes artigos de alimentação do povo.

14. *Estados-Unidos* — O presidente Roosevelt renuncia ao projecto de mandar um ma-

nuscripto especial ao Vaticano para resolver directamente com o papa a questão religiosa das Filippinas, em vista do movimento iniciado pela maioria do povo americano. As negociações indispensaveis far-se hão em Washington com os delegados do papa. — *Brazil* — E' inaugurado no Rio de Janeiro o monumento ao barão do Rio Branco, a quem se deve a resolução a favor da republica brazileira da secular questão entre o Brazil e a França sobre os territorios do Yapock, na Guyana. — *Hespanha* — Realisa-se a ceremonia do juramento do rei Affonso XIII.

15 *Hespanha* — Desmorona-se a casa da Academia de San Luis em Lerida, ficando sepultados nos escombros muitos alumnos e o director da academia.

16 *Russia* — E' enforcado Belmaschefi o assassino do ministro Sipiaguine. — *Estados-Unidos* · Produzem-se manifestações populares, especialmente nos bairros judeus, por causa da elevação do preço da carne, sendo saqueados os talhos e as tendas e apedrejada a policia, ficando feridas numerosas pessoas. — *Suecia* — Rebenta a greve geral. Em Stockolmo estão em greve 25.000 operarios. A greve é determinada por ter sido dissolvido o parlamento por causa da lei eleitoral.

17 *Suecia* — A Junta operaria de Stockolmo resolve cessar a greve geral.

18 *Guatemala* — Um forte terramoto destroe a cidade de Menzaltenzanco, que contava 25 000 habitantes, ficando convertida em um montão de ruinas e contando-se as victimas por milhares. O terramoto alcançou outras povoações que tambem quasi desappareceram completamente. — *Cuba* — O presidente Estrada Palma organisa o seguinte ministerio: Diejo Tamayo, nacionalista, secretario d'estado, encarregado da guarda rural, hygiene, correios e telegraphos; Zaldo, republicano, secretario dos estrangeiros e justiça; Ferry, independente, agricultura; Diaz, nacionalista, da instrucção; Montez, republicano, finanças. — *Russia* — O governador tenente general Wahl, é victima de um attentado em S. Petersburgo, recebendo dois tiros de rewolver. — *Martinica* - Dá-se uma nova erupção na Sulphureira.

19 *Tenessee* — Dá-se uma explosão de grisú nas hulheiras de Coal Creek em Knoxville, morrendo 150 mineiros. — *Martinica* — Em Basse-Pointe são arrebatados varios predios de casas pela subita cheia do rio, ficando cheias de lôdo mais de 56.

20 *Allemanha* — Na estação de Neus, perto de Berlim, chocam-se dois comboios ficando um homem morto e 48 feridos. — *Martinica* — A maré destroe parte da aldeia de Carbet

21 *Russia* — Chegada do presidente da Republica Franceza a S. Petersburgo —Produzem-se sérias desordens entre os operarios de Moscow. — *Italia* — Visita do shah da Persia a Roma. — *Cuba* — O congresso reunido promulga a constituição.

22 *Portugal* — Reabre a Universidade de Coimbra, recomeçando aulas em todas as faculdades.

23 *Portugal* — Visita do Principe herdeiro de Sião a Suas Majestades os Reis de Portugal. — *Hespanha* — O rei assigna um decreto creando a ordem de Affonso XIII para premiar o merito dos homens de sciencia, lettras e artes. — *Colombia ingleza*—Produz se uma explosão de grisu nas hulheiras de Crow's Nest, perto de Fernie, soterrando 130 mineiros dos quaes se salvaram apenas 26.

24 *França* — O celebre poeta François Copée dá a sua demissão de director da *Patria Franceza*. — *Roma* — O shah da Persia renuncia visitar o papa por este se recusar recebel-o no Vaticano. — *Estados-Unidos* — Realiza se em Washington a inauguração da estatua de Rochambeau, um dos heroes da independencia norte-americana, desabando uma tribuna, ficando 1 pessoa morta e 30 feridas.

25 *Inglaterra* — O municipio de Barstea, districto democratico do condado de Londres, nega-se por 25 votos contra 24 a tomar parte nas festas da coroação de Eduardo VII. — — *Allemanha* — Funda-se em Berlim uma importante sociedade para promover a abolição de propinas escolares.—A estação central do telegrapho de Berlim experimenta um novo apparelho que transmitte até 14.000 palavras por hora.

27 *Portugal* — Cae um faisca electrica na ermida de N. S. da Consolação da Agualva, arruinando-a.

28 *Hespanha* — Os ministros Canalejas e Moret pedem a sua demissão.

29 *Portugal* — Inauguram-se no Porto as festas em homenagem a Almeida Garrett. — *Haiti*—O corpo diplomatico reconhece o novo governo da republica — *Venezuela* Os rebeldes venezuelanos apoderam-se de Paranaguá, Cumarebo e varias cidades pequenas. — *França* — Um violento cyclone devasta a região de Listrac no Medoc, ficando bastantes casas innundadas, desabando numerosos muros e destruindo as vinhas.

30 *Republica Argentina*—O governo argentino communica á legação de Madrid que se assignaram os convenios de arbitragem geral de limites, de armamentos navaes e de demarcação de fronteiras. — *Hespanha* — O rei Affonso XIII é investido no cargo de grão-mestre de todas as ordens militares. — *Portugal* — Batem-se em duello ao sabre, os escriptores Eduardo Schwalbach e Abel Botelho, ficando ferido o segundo.—*Africa do Sul*—O governo inglez indemnisa com 15.000 libras os subditos austriacos residentes no Transvaal cujas propriedades lhes foram destruidas.

31 *Brazil* — Realiza-se a collocação da primeira pedra na nova escola de Bellas Artes no Rio de Janeiro. — *Hespanha* — E' nomeado ministro da agricultura o sr. Felice Suarez Inclan que era o primeiro vice-presidente do congresso, em substituição do ministro demissionario Canalejas. — *França* — O presidente Loubet indulta 200 condemnados por delictos contra o direito commum por motivo da sua viagem á Russia. — *China* — Os ministros plenipotenciarios estrangeiros chegam a accordo

sobre a retrocessão de Tien-Tsin aos chinezes. — *Africa do Sul* — E' assignado em Pretoria por todos os delegados boers, pelo generalissimo lord Kitchener e por lord Milner, o documento que contém as condicções de rendição dos boers, concedidas pelo governo britannico.

Junho — 1 *França* — E' eleito presidente da camara dos deputados, o sr. Léon Bourgeois, republicano radical, obtendo 303 contra 267 dados ao sr. Deschanel.—*Hespanha*—Os operarios de Badajoz declararam-se em gréve promovendo disturbios. — O congresso operario de Malaga nomeia uma commissão para que visite as principaes povoações da Andaluzia com o fim de expôr aos patrões a pretensão de diminuir o dia de trabalho e de augmentar os salarios. — *Italia* — O papa preside á inauguração da gruta Lourdes, nos jardins do Vaticano em Roma.

2 *Hespanha* — Badajoz é declarado em estado de sitio. — *Italia* — Em todas as cidades italianas é commemorado o anniversario da morte de Garibaldi. — *Estados Unidos* — Os armadores de Boston, Liverpool, Quebec, Buenos Ayres e Rio de Janeiro accordam em organisar um *trust* para competir com o do sr. Morgan.—*Turquia*—Em consequencia de um temporal no Mar Negro, naufragam trinta navios, perecendo 200 tripulantes.

3 *França* — O sr. Waldeck-Rousseau apresenta, em conselho de ministros, ao presidente da Republica a demissão do gabinete.—Um individuo de nacionalidade russa, dispara um tiro de revolver contra o consul da Russia em Nice, ferindo-o n'uma das mãos. — *Hespanha* — Declaram-se em gréve os carroceiros de Barcelona. — *Austria* — O presidente do conselho de ministros é assaltado em Bucharest por um individuo de nome Petroviez, que tenta feril-o no peito. — *Estados Unidos*—O senado approva por 48 votos contra 30 o projecto de lei relativo ao governo das ilhas Filippinas. — *Chile* — Manifesta-se uma erupção vulcanica no territorio do Chaco, destruindo duas aldeias e matando 75 pessoas.

4 *Estados Unidos* — Em presença da resistencia do publico em comprar a carne pelos novos preços do *trust*, declara-se este vencido. — *Hespanha* — Declaram-se em gréve os descarregadores do caminho de ferro em Barcelona.

5 *Inglaterra* — O rei Eduardo VII assigna um decreto promovendo lord Kitchener a capitão general votando-lhe o parlamento uma gratificação de 50.000 libras. A camara dos communs approva por 216 votos contra 49 o projecto de lei relativo ao emprestimo de guerra, e approva por 382 votos contra 42 uma moção de agradecimento ás tropas e de condolencias ás familias dos mortos na guerra sul-africana.—*Hespanha*—O conselho de ministros, sob a presidencia do rei, firma um decreto auctorisando o ministro da fazenda a contractar um emprestimo de 338 milhões de pesetas a 5% de juro, amortisavel.— O rei, acompanhado da familia real inaugura em Madrid os monumentos a Quevedo, Lope de Vega, Goya Arguelles, Bravo, Murillo e ao heroe de Cuba, Gonzallo Garcia. — *Venezuela* — Os revolucionarios derrotam em Puerto-España, o exercito fiel, tomando-lhe 2000 espingardas e grande quantidade de munições.

6 *Marrocos* — Rebenta uma grande insurreição em Tafilete — *Russia* — São presos 32 officiaes do exercito russo, por suspeitos de filiados no nihilismo. — *França* — A camara dos deputados procede á eleição definitiva da sua meza, ficando eleitos: presidente o sr. Léon Bourgeois, e vice presidentes os srs. Etienne, Maurice Faure, Trouillot e Guillain. — *Inglaterra* - Produz-se um violento incendio no arsenal de Chatam, no condado de Kent, destruindo todos os modelos e desenhos de navios em construcção. Os prejuizos excedem a milhares de lib as.

7 *França* — E' constituido o novo gabinete ficando: Presidente do conselho e ministro do interior e dos cultos o sr. Combes; ministro da justiça, o sr. Vallé; ministro dos negocios estrangeiros, o sr. Delcassé; ministro da guerra, o general André; ministro da marinha, o sr. Pelletan; ministro das obras publicas, o sr. Maruejoulo; ministro de intrucção publica, o sr. Chamié; ministro das colonias, o sr. Doumergue; ministro do commercio, o sr. Trouillot; ministro da agricultura, o sr. Mongeot; e ministro da fazenda, o sr. Rouvier. O sr. Berard é nomeado sub-secretario de estado dos correios e telegraphos. — *Marrocos* — Verifica-se uma manifestação operaria para protestar contra a missão catholica que impõe nove horas de trabalho. — *Guatemala* — Produz-se uma erupção no Tocano, destruindo metade da cidade de Retalkulen, fazendo mil victimas — *Pensylvania*—Um violento incendio, ateado pelas faúlhas de uma locomotiva, destroe quasi completamente a cidade Hammondstown. — *Portugal* — Commemora-se no theatro de D. Maria, em Lisboa, o 4.º centenario da fundação do theatro por Gil Vicente. — *Allemanha* — O *Reichstag* approva o projecto de lei concernente á abolição do artigo dictatorial relativo á Alsacia-Lorena.

8 *Belgica* — Inaugura-se em Bruxellas o congresso annual das sociedades livres-pensadores belgas.

9 *Italia*—Em consequencia de um incidente parlamentar batem-se á espada o deputado Franchetti e o ministro dos negocios estrangeiros, Prinetti, ficando o primeiro levemente ferido. — Em consequencia de uma altercação violenta batem-se em duello, em Sturdza, os principes Jorge e Hellio de Talleyrand. — *Estados Unidos* — Um incendio destroe em Chicago um sanatorio contra a embriaguez, morrendo 10 pessoas e ficando 30 mortalmente feridas. — *Inglaterra* — Manifesta-se um violento incendio no palacio do lord mayor de Londres resultando 19 mortos e varios ferimentos, sendo enormes as perdas materiaes.

10 *França* — Termina a gréve dos operarios das fabricas de tabacos, por effeito do ministro da fazenda satisfazer as pretenções dos grévistas. - O balão do parque aerostatico de marinha em Toulon, tripulado pelo capitão de

fragata Baudie, cahe ao mar, desapparecendo o areonauta. — *Estados Unidos*—Os grévistas mineiros obteem o apoio de todos os syndicatos de operarios na região das minas de anthracite.

11 *Tunisia* — Mahomed-el-Hadi filho do fallecido Ali-bey, bey de Tunis é proclamado successor de seu pae — *Minesotta* — Um violento cyclone destroe em Lakepart uma egreja, nove quintas e occasiona a morte a 10 pessoas. — *Turquia* — Uma caravana de negociantes, escravos e camellos é assassinada entre Balhorah e Shibi ficando mortos mais de 500 homens, levando os bandidos todas as riquissimas mercadorias.—*Italia*— O salteador Musolino é condemnado a detenção perpetua e oito annos de prisão cellular. — *Venezuela* — Uns 1000 revolucionarios venezuelanos apoderam-se do porto de la Vela de Coro, matando 27 governamentaes e ferindo 128.

12 *Portugal*— São publicados no Diario do Governo dois decretos regulando os serviços de cabotagem nos portos do continente, ilhas e nas provincias ultramarinas. — *Estados Unidos* —E' assignado pelos secretario e ministro da Dinamarca, o tratado de cedencia das Antilhas dinamarquezas aos Estados Unidos.

13 *Estados Unidos*— Constitue-se em New, York um novo *trust*, para as construcções maritimas com o capital de 20 milhões de dollars, comprehendendo 16 milhões em obrigações. — Todas as *trades-unions* americanas resolvem apoiar moral e materialmente os mineiros da Pensylvania. — *Allemanha* — O *Reichstag* approva a suppressão dos premios da exportação dos assucares. - Por motivo de edade avançada, o sr. Thieteu demitte-se do cargo de ministro das obras publicas.

14 *Portugal* – E' agraciada com o gráu de cavalleiro da Ordem de S. Thiago a actriz Virginia Dias da Silva, do Theatro D. Maria. —*Estados Unidos* - Um violento incendio destroe uma fabrica de passamanaria em Philadelphia, ficando muitas mulheres mortas e feridas. —*Russia*— O tribunal militar condemna o coronel Grimm á privação de todos os seus direitos civis e politicos, e a 12 annos de trabalhos forçados.

15 *Estados Unidos*—O senador Elkins apresenta um projecto para que se proclame a annexação de Cuba aos Estados Unidos.— *Russia* — Agentes revolucionarios percorrem as provincias do sul excitando os camponezes a revoltarem-se contra os proprietarios.

16 *Cuba*— O presidente Estrada Palma notifica ao governo hespanhol a constituição da republica de Cuba, solicitando que o rei a reconheça.

17 *Hollanda* — O governo hollandez regeita o projecto da Allemauha relativo á união postal com a Hollanda.

18 *Hespanha* — O conselho de ministros resolve communicar ao capitão general que auctorisa a celebração em Barcelona de *meetings* de propaganda da politica de Canalejas. — *Inglaterra* — A camara dos communs regeita a proposta do sr. Morley, deputado liberal para a suppressão do imposto sobre os cereaes. — *Prussia* — E' inaugurado em Dusseldorf o congresso internacional dos seguros operarios.

19 *Inglaterra* — A camara dos communs approva definitivamente, por 227 votos contra 40, a doação de cincoenta mil libras a lord Kitchener. — *França* O generalissimo Yamont, o ex-ministro da guerra general Galliffet e o general Voissin declaram-se contrarios ao projecto que reduz a dois annos o serviço militar, considerando esta reforma como a morte do exercito francez. *Hespanha*—O rei assigna a nova carta endereçada a Estrada Palma, presidente da republica de Cuba, na qual reconhece a constituição d'aquelle novo estado.—O rei firma um decreto, creando uma medalha commemorativa da sua maioridade. —Os operarios da provincia de Cadiz, incluindo os de Jerez, assentam secretamente na gréve geral. — *Pensylvania* — Depois de uma reunião geral em Patterson (New-Jersey), a favor da gréve geral, as fabricas são apedrejadas e os operarios obrigados a largar o trabalho.—*Portugal*—Sae pela primeira vez do reino Sua Alteza o Principe Real D. Luiz Filippe, a bordo do cruzador D. Carlos, em direcção a Londres, afim de assistir á coroação do rei Eduardo VII de Inglaterra.

20 *Portugal* — O *Diario do Governo* publica o regulamento para o serviço dos correios, approvado por decreto de 14 do corrente. — *Estados Unidos* — Desaba a ponte do caminho de ferro nas proximidades de Shelby ao passar um comboio, cahindo á agua 2 wagons e afogando-se 10 pessoas.

❁ ❁ ❁

NECROLOGIA

Abril 27 — Cardeal Riboldi, em Roma, arcebispo de Pavia.

28 — Conde de Restello, 66 annos em Lisboa, ex-presidente da Camara Municipal de Lisboa e antigo deputado.

Maio 2 — Principe Jorge da Prussia, em Berlim, 76 annos.

3 — Xavier de Montépin, em Paris, 79 annos, notavel romancista universalmente conhecido.

5 — Dr. Alcorta, em Buenos Ayres, ministro dos negocios estrangeiros da Republica Argentina.

6 – Almirante Sampson, em Whashington. Foi o commandante da esquadra americana por occasião da guerra com a Hespanha, fazendo destruir a esquadra de Cervera.

26 — Madame Durand, 60 annos, em Paris, notavel novellista que firmava as suas obras com o pseudonymo de *Henry Greville*

27 — Principe Alberto de Saxe-Altenburgo, 59 annos, em Berlim.

27 — Benjamin Constant, 57 annos, em Paris, conhecido pintor, auctor dos quadros *Samsão e Dalila*, *Muito tarde*, *Hamlet e o rei*, *Favorita do emir*, *Mahomed II* e outros.

Junho 10 — Jacintho Verdaguer, em Barcelona, auctor de poemas, entre estes a *Atlantida* e de idylios mysticos.

10 — Sidi-Ali, bey de Tunis, 35 annos.

Junho 19 — Rei Alberto de Saxe, em Sibyllenort.

19 — Luiz Acton, em Londres, historiador inglez.

❁ ❁ ❁

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante os mezes de abril e maio

Maio 31 — *Primeira nuvem*, peça original em 1 acto do sr. Conde de Arnozo (Theatro D. Amelia).

31 — *D. Beltrão de Figueirôa*, comedia ao gosto do seculo XVII em 1 acto, original do sr. Julio Dantas (Theatro D. Amelia)

Junho 4 — *O Cutileiro de Guimarães*, drama extrahido pelo sr. Eça Leal do romance de Camillo Castello Branco, o *Regicida* (Theatro do Principe Real).

LEIS DE NOBREZA EM PORTUGAL

Como curioso agrupamento de leis, e para satisfazer um desejo manifestado por um dos nossos leitores, transcrevemos d'uma antiga revista portugueza o seguinte apanhado de legislação concernente a nobreza :

a) Nobre é pessoa, que tem distincção politica procedente de emprego, que confere nobreza, ou de alguma das honras do reino. *L. de 29 de novembro de 1775 § 3. Alv. de 16 de março de 1757. L. de 3 de janeiro de 1611. Regim. nov. dos dezembarg. do paço. § 118. Ord. l. 5 t. 92, pr.*

b) Os empregos, que conferem nobreza, são :

1. Os que por si só têem essa faculdade dada expressamente pela lei *L. de 29 de novembro de 1775 § 3.*

2. E os a que por lei ou estilo anda inherente mercê de alguma das honras do reino. *L. de 3 de janeiro de 1611.*

c) Honras do reino são vantagens na estimação creadas em o reino. *D. de 10 de junho de 1649.*

d) Debaixo da generica denominação de honras do reino comprehendem-se :

1. O titulo de principe. *C. de 27 de outubro de 1645. Alv. de 9 de janeiro de 1817. C. R. de 17 de dezembro de 1734.*

2. O titulo de infante. *L de 16 de setembro de 1597.*

3. A grandeza. *L. de 29 de janeiro de 1734.*

4. Os titulos. *Ord. l. 2 t. 45 § 53. L. de 16 de setembro de 1597, e de 23 de janeiro de 1739.*

5. O titulo do Conselho. *Ord. l. 1 t. l § 13.*

6. O senhorio de terra. *Regim. de d'El-rei, 11 de abril de 1661.*

7. A alcaidaria-mor de castello. *Regim. de 11 de abril de 1661.*

8. Os foros de filhamento. *Regim. de 3 de junho de 1572.*

9. A fidalguia concedida por especial mercê regia. *Ord. l. 5. t. 92 § 6.*

10. A fidalguia *Ord. l. 5. t. 92 § 6.*

11. A fidalguia de linhagem. *Ord. l. 4 t. 104 § 5.*

12. A cavallaria confirmada. *Ord. l. 2. t. 60.*

13. A cavallaria de linhagem. *Ord. l. 5. 138. pr.*

14. O titulo de escudeiro dado por carta ou alvará regio. *Ord. l. 2 t. 45 § 39.*

15. A escudeirice de linhagem. *Ord. l. 1. t. 66. § 42.*

16. O dom. *Ord. l. 5. t. 92. § 7.*

17. O blasão d'armas. *Ord. l. 5. t. 92 pr.*

18. O habito de ordem militar. *P. r. de 25 de abril de 1641.*

19. Os tratamentos. *LL. de 16 de setembro de 1597, e de 29 de janeiro de 1739.*

20. O titulo de parente da casa real. *Regim. de 11 de abril de 1661.*

21. O titulo do desembargo d'el-rei. *Ord. l. 2. t. 45. § 4.*

22. os gráos de lettras. *L. de 16 de setembro de 1597.*

e) As honras do reino entrão em o numero dos bens denominados outr'ora da corôa e hoje nacionaes. *Ord. l. 2 t. 26. § 33.*

f) O fim de sua instituição é o nobilitar. *Ord. l. 5. t. 92. pr.*

g) Os empregos, que só por si conferem nobreza, nobilitam :

1. Ou somente a pessoa, que tem algum d'elles, como o de negociante de grosso trato. *L. de 23 de novembro de 1775 §. 3.*

2. Ou não só a dita pessoa, senão tambem os seus filhos legitimos ou legitimados, como o de sargento mor ou major de tropa de primeira linha. *Alv. de 16 de março de 1757 e Regim. nov. dos dezembarg. do paç § 118.*

h) As honras do reino nobilitam :

1. A pessoa, que tem alguma d'ellas *Ord. l. 5. t 92. pr.*

2. Os filhos legitimos, ou legitimados, d'esta pessoa. *Regim. nov. dos dezembarg. do paç. § 118.*

3. E os netos legitimos ou legitimados, da dita pessoa. *Alv. de 24 de janeiro de 1771. Regim. nov. dos dezembarg do paç. § 118.* [1]

i) Os empregos, que conferem nobreza, e as honras do reino, nobilitam as mulheres legitimas das pessoas referidas no paragrafo primeiro e segundo da alinea g), e no paragrafo primeiro, segundo, e terceiro da alinea h), em quanto com ellas forem casadas, ou estiverem viuvas honestas. *Ord. l. 5. t. 120. pr.*

j) A qualidade de nobre adquire-se:

1. Pela acquisição de qualquer dos ditos empregos ou honras, como se disse no paragrafo primeiro da alinea g), e no paragrafo primeiro da alinea h).

2. Pelo nascimento sendo legitimo, ou legitimado, como se expendeo no paragrafo segundo da alinea g), e no paragrafo segundo, e terceiro da alinea h).

3. E pela celebração do matrimonio legitimo, com homem nobre, como se refere no artigo i).

k) A qualidade de nobre perde-se:

1. Pela falta do emprego ou honra do reino, do que procedia a nobreza, que se tinha, *Alv. de 24 de novembro de 1764, Ord. l. 5 t. 92. pr.*

2 Pela imposição da pena de infamia. *Ord. l. 5. t. 6. § 13.*

3. Pela perda da qualidade de nobre sofrida pela pessoa, de quem se houve por nascimento ou matrimonio, *Ord l 5. t. 6. § 13.*

4. Pela mudança de estado de viuvez para o de casada, havendo-se adquirido pela celebração de matrimonio legitimo com homem nobre, *Ord. l. 5. t. 120. pr.*

5. E pelo exercicio publico de officio mechanico, *D. de 10 de junho de 1649.*

[1] O *Alvará* de 24 de janeiro de 1771, dizendo que, chegando as familias a alliar-se com outras já illustres, ainda que no seu principio fossem escuras, ficam gosando das mesmas *honras*, declara que as honras do reino nobilitam os netos dos que as têem.

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

A photographia dos cavallos

A parte mais importante n'este genero de photographia, consiste na maneira de focar. Se o animal está muito distante da objectiva, a cabeça e o pescoço ficarão muito pequenos em relação á garupa. Se está muito proximo, a cabeça e o pescoço serão muito grandes em relação ao resto do corpo. Colloque-se o cavallo a photographar n'um terreno um pouco inclinado de maneira que as mãos fiquem um pouco mais acima do que os pés, ficando portanto a cabeça um pouco levantada. Faça-se um ruido qualquer e o cavallo levantará as orelhas; é este o momento opportuno de o photographar.

Se o cavallo estiver arreado, deveremos photographal-o n'um terreno liso.

Agite-se um objecto qualquer, por exemplo um chapeu, afim de attrahir a attenção do animal e na occasião em que elle olhar para nós deveremos então abrir o obturador.

Para photographar cavallos em movimento deve-se collocar a camara tão perto do solo quanto possivel. Assim teremos a certeza de apanhar as evoluções das patas.

Por esta mesma forma se photographará um cavallo nos saltos e com este pequeno *truc* parecer-nos-ha depois no negativo que o salto foi dado bastante mais alto.

E' por este processo que alguns jornaes de especialidade photographica nos apresentam muitas vezes o cavalleiro sobre o seu cavallo n'uma posição quasi vertical.

(Photographie française)

Restauração dos negativos sulfurados

O *Photo Chronich* indica o seguinte processo, formulas do sr. W. Crookes, para a restauração dos negativos amarellecidos por insufficiencia de lavagem:

Preparam se em primeiro logar as soluções contendo:

A—Agua	300 cc
Metabisulfito de soda	6 gr.
Acido pyrogalhico	6 »
B—Agua	300 cc.
Carbonato de soda	72 gr.
Sulfito de soda	24 »

Emprega-se, misturando as soluções A e B em partes eguaes e mergulhando-se n'este banho o cliché a restaurar, préviamente passado por uma tina com agua pura, durante um quarto de hora na obscuridade.

Lava-se em seguida e passa-se a nova solução composta de:

Agua	300 cc.
Hyposulfito de soda	45 gr.

onde repousará durante meia hora. Lava-se novamente em agua corrente (1 a 2 horas), e para o aclarar, mergulha-se no banho seguinte:

Agua	300 cc.
Alumem	15 gr.
Acido citrico	15 »
Sulfato de ferro	45 »

deixando-o ahi durante 10 minutos, findos os quaes torna-se a lavar e passa-se finalmente para um banho de ouro preparado como segue:

A—Agua .... 15o cc.
Sulfocyaneto d'ammonia ... 3 gr.
B—Agua .... 15o cc.
Chloreto de ouro .... 0,3 gr.
ou 3o cc. de uma solução a 1 % de chloreto de ouro.

Para estas soluções misturam-se A e B em partes eguaes.

O negativo torna-se negro n'este banho onde permanecerá 20 minutos.

Esta serie de operações terminam-se com uma boa lavagem em agua corrente.

PACIENCIAS

As Amazonas

(Um jogo de piquet – ennaipado)

Tiram-se do baralho os quatros *reis* que não entram n'esta paciencia.

Misturam-se e cortam-se as cartas, collocando-se quatro sobre a meza, umas ao lado das outras.

Se apparecer um *az* colloca-se sobre a primeira carta da esquerda, continuando sempre a collocar sobre as quatro todas as outras do baralho, havendo sempre o cuidado de logo que appareçam os outros *azes* de os collocar ao lado do primeiro. Collocam se depois sobre os *azes* á medida que appareçam, os *sete*, os *oito*, os *nove*, os *dez*, os *valetes* e as *damas* da mesma côr, afim de formar série de cartas a comecar em *az* e terminando em *dama*, não sendo permittido collocal-as senão quando appareçam destinadas ao monte da mesma linha vertical.

Logo que todas as cartas estejam distribuidas sobre os quatro montes retomam-se começando pela primeira da esquerda tendo o cuidado de não inverter a ordem em que se encontram, recomeçando novamente a collocal-as sobre os quatro montes e continuando assim até que todas as cartas do baralho se possam reunir á sua familia.

Deve-se ter cuidado que logo que haja uma carta a collocar sobre o monte, de ter em vista o logar que ella deveria occupar e não collocar a carta que apparecer depois no logar da anterior mas sim no monte immediato. Logo que se apresente uma carta que pelo seu ponto favoravel se possa collocar no monte e estiver na mesma linha, pode se collocal-a immediatamente.

Quando se terminar uma série por *dama*, levanta-se e só se distribuem as cartas em tres montes e assim successivamente até que a paciencia tenha chegado ao fim, o que se realiza quando os montes superiores que começaram em *azes* terminem em *damas*.

Se passadas duas vezes as cartas, não se conseguir este resultado, a paciencia não se considera feita.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 31 — Em 5 combinações.

N.º 32 — De 704 982 4 o ooo maneiras.

N.º 32 — E' o numero 67.

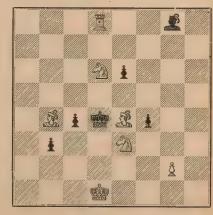
N.º 34 — *Xadrez:*

BRANCOS	PRETOS
1 — C. para 5 B. Ra.	1 — T. tira T.
2 — Ra. tira T.	2 — Qualquer,
3 — Ra. xeque e mate.	

N.º 35.

Sendo, como é sabido, a entensidade da attracção exercida pelos corpos celestes proporcional ás massas e na razão inversa do quadrado das distancias, pergunta-se a que distancia do centro da terra está o ponto em que a attracção da lua e a da terra são eguaes; tomando a massa da lua como 1, a da terra é 88; a distancia do centro do nosso satellite ao centro da terra é de 96:000 leguas kilometricas

XADREZ

Num. 36 PRETOS (6 peças)

BRANCOS (7 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lanços

Maio	Barometro — Nivel do mar		Temperatura — ás 9 h. da manhã		maxima		minima		Chuva — Millimetros		Ozone — Gráus	
	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902
1	767,2	766,3	15,6	16,2	20,1	22,0	11,6	11,9	0,0	0,0	6,7	7,8
2	766,1	764,7	17,9	17,4	22,9	22,9	12,1	12,2	0,0	0,0	7,9	7,2
3	765,0	764,0	16,9	14,9	25,0	19 9	12,2	11,4	0,0	0,0	7,2	5,8
4	762,8	765,3	17,7	13,9	23,9	15,9	16,1	11,6	0,0	0,0	5,0	7,6
5	758,2	764,8	18,8	14,5	22,1	18,2	14,0	12,0	0,0	0,0	7,3	6,5
6	756,8	763,8	15,9	16,8	18,5	22,7	12,3	12,6	0,0	0,0	5,7	4,7
7	760,7	764,0	14,0	17,5	17,7	22,7	11,4	12,7	0,0	0,0	7,1	7,2
8	761,2	767,0	14,3	13,4	16,3	18,8	11,7	11,3	0,0	0,0	8,2	7,3
9	766,6	766,4	14,6	14,5	17,7	17,4	11,6	10,7	0,0	0,0	8,0	5,5
10	768,2	764,0	15,0	14,5	18,9	17,0	11,3	10,0	0,0	0,0	7,3	6 2
11	767,4	764,8	17,4	12,4	24,1	18,4	12,1	8,7	0,0	0,0	6,7	5,3
12	763,7	762,1	20,5	14,5	26,4	18,5	15,2	10,2	0,0	0,0	4,5	4,7
13	762,6	758,2	18,3	15,0	23,4	18,0	15,4	10,5	0,0	0,0	5,5	6,8
14	762,4	758,8	17,5	15,7	25,1	19,0	15,0	11,3	0,0	0,0	5,5	3,0
15	758,5	764,2	13,3	16,5	21,0	21,2	14,9	12,4	0,0	3,0	7,8	5,7
16	761,1	768,3	16,2	16,4	17,8	19,3	14,1	12,1	1,9	0,0	7,7	6,5
17	763,7	770,4	16,3	17,3	18,7	20,4	13,9	12,5	3,5	0,0	7,3	5,7
18	763,4	769,3	17,7	16,9	21,5	18,9	12,7	12,7	0,0	0,0	6,2	5,3
19	761,1	770,3	19,2	15,0	24,4	17,4	13,4	11,7	0,0	0,0	6,8	5,0
20	762,0	768,6	18,3	15,5	2 ,9	18,2	13,9	11,3	0,0	0,0	7,2	7,0
21	761,4	768,5	18,5	14,7	20,2	20,2	14,7	10,5	0,0	0,0	5,0	6,0
22	762,4	771,7	17,3	16,8	20,3	22,4	14,1	12,5	0,0	0,0	5,5	4,5
23	762,0	769,5	15,3	19,6	22,3	26,5	14,4	14,1	0,0	0,0	5,8	9,5
24	761,5	768,3	17,8	23,8	21,6	29,6	14,0	18,0	0,0	0,0	7,7	9,2
25	750,6	769,4	17,9	23,9	19,9	29,7	14,5	23,2	0,0	0.0	5,8	5,3
26	756,5	765,8	15.8	23.7	16.0	31,0	15,0	18.4	2.2	0,0	9,5	6,3
27	756,3	761,0	17,0	20,3	19,7	23,9	15,0	16,1	13.4	1.6	5,5	2,2
28	76 ,9	760,3	19,0	18,4	16,5	20,0	14,8	15,3	0,0	0,5	7,2	4,0
29	762.7	759,6	17,8	16,1	20,5	17,3	15,1	13,5	0,0	0.0	6,3	6,5
30	762,7	760,0	19.1	14.2	20,5	15,8	17,2	10,3	0,0	5,8	5,5	10,0
31	762,8	751,2	18.9	11,1	20.5	15,0	17,2	9,5	0,0	15.4	4,7	8,5

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SUMMARIO

A' HORA DO JANTAR. — BATALHA DA VIDA. — DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL. — TROVOADAS DE ESTIO. — AS LAVANDEIRAS. — O SERRALHEIRO DO REI. — O SOLAR DE HATFIELD. — O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ. — GIPSY (VALSA). — MODAS. — VARIEDADES.

VOL. III | **AGOSTO — 1902** | **NUM. 14**

lministração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa | **Preço 200 réis**

SUMMARIO

Pag.

Á hora do jantar.—*Quadro de* J. A. Breton ... 66
BATALHA DA VIDA.—*Por* Bento Moreno.—*Com 3 illustrações, com o retrato do auctor e a assignatura autographa* ... 67
DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — *Por* Antonio Ennes. — 2.ª parte — *Capitulo IV.* — Quelimane, O chinde, O zambeze, As canhoneiras. — *Com 2 gravuras, reproducções de photographias* ... 77
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL. — *(Continuação)* — *Por* Albrechet Haupt.—*Com 16 illustrações* ... 81
TROVOADAS DE ESTIO.—*Com 4 illustrações* ... 95
As lavandeiras.—*Scena campezina* ... 100
O SERRALHEIRO DO REI.—Mysterio da Historia.—*Com 6 illustrações* ... 101
O SOLAR DE HATFIELD.—*Com 4 illustrações* ... 110
GIPSY. — Valsa. — *Por* C. L. ... 113
O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ. — Romance. — *Com 2 illustrações* ... 117
MODAS. — *Com 3 gravuras* ... 125
Scena de salão. — *Quadro de* Weiss ... 128
VARIEDADES. — Memento encyclopedico. — Necrologia. — Theatros. — Photographia pratica. — Paciencias. — Poblemas. — Xadrez ... 9

45 GRAVURAS

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a reducção do preço a **2$200 réis,** o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas, poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por:

Series de	**3 numeros**	**600**
	6 numeros	**1$200**
	12 numeros	**2$200**

Para o **Brazil** e paizes da **União postal**, por:

Serie de 12 numeros (moeda portugueza) 3$000

remettendo á administração dos **SERÕES,** em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente.*

Typ. e impressão dos *Serões*, C. do Cabra, 7 — Editor, Thomaz Rodrigues Mathias

A Hora do Jantar — Quadro de J. A. Breton

Batalha da Vida

A PARTIDA foi ao primeiro alvorecer, porque iamos para longe. O nosso caminho era para o alto das velhas collinas, coevas dos seculos. Conforme se subia, mais se descobriam novos e redondos peitos de montanha, que pareciam pulmões de gigantes arfando. O carreiro trilhado pelas pequenas mulas que transportavam os caçadores era estreito, ingreme e aspero, uma chan torturada pelas enxurradas invernaes. O sol antigo, avô das alegrias de toda a fecúndação, annunciava-se apenas com um pulvilhar de scintillações, atiradas por cima dos altos pincaros. Essa luz meiga, dadivosa e jucunda, cahia gradual como se fôra desprendida de mão omnipotente, que estivesse abençoando o tranquillo valle. Já a terra acordava deliciosa, sem espreguiçamentos, n'uma amplificação meiga e risonha! . .

⁂

Os inquietos sabujos, cães de todas as cores, procedencias e tamanhos . . rafeiros, podengos e mastins . . . sinuosavam por entre as cavalgaduras e os homens de pé. Intemeratos corredores de maus caminhos, vivos, escanzelados, ligeiros, seguiam coxeando na direcção desejada. Apar d'elles caminhavam os rudes montanhezes, seus donos, calçados de tamancos de amieiro encorreados por cima de pelle de javali e ferrados na sola de tacholas, que o granito aspero poia. Homens broncos, tostados, membrudos, refeitos (o pequeno e agil *homo alpinus* de Linneu) sempre vestidos do burel, fiado e tecido em casa, da lã das suas ovelhas. Experientes conhecedores dos terrenos em volta, eram elles que, á custa de gritos naturaes, de buzinas, de rufos de caixa, de tiros de polvora secca, acirrariam com todo esse alarme o instincto dos cães para levantarem a caça, que vivia socegada no imo das mattas e no pendor das montanhas. Alguns dos serranos levavam espingardas raiunas, cujos fechos de pederneira escondiam, por causa do orvalho, sob a grosseira vestia; outros abordoados a paus de carvalho e lodão subiam de vagar a ingreme ladeira. Gentes de poucas fallas e poucos interesses, pois só memoravam casos de sua vida ordinaria com palavras avulsas, separadas por silencios longos.

⁂

O sol d'este adeantado outomno, ás oito horas, tudo aclarava com um rutilar vivo e magnificente: beijava a verde corôa da urze, e os tardios rebentos d'alguns arbustos; faiscava nas arestas vivas das penedias enchendo o ar de espelhamentos; reflectia-se nas aguas tumultuosas dos ribeiros, que susurravam nas fundas ravinas. Dia já completo, a luz convidava ao movimento. Fez-se, portanto, alto, n'uma extensa chan, larga e lisa, apenas tapetada de carqueja e tojo baixo. Os cavalleiros desceram das suas mulas, os montanhezes sentaram-se nas pedras que encontraram. Veio-se a conselho ficando os cães attentos:

—Que te parece João? !—perguntou o ab-

bade ao que tinha por mais sabedor em caça grossa.

—Que vamos a repartir-nos uns para aqui, outros para acolá. Assim podemos ajuntar as cabras ahi do Ramiscal com os porcos, que ainda estão para os campos, no farejo d'algum milho ou batata.

—E's mestre e o teu conselho vale, homem. Mas antes de tudo não devemos fazer bem á barriga? Olha que ella manda a perna e nós hoje temos de andar que farte.

❧ ❧ ❧

Das ancas das bestas desceram os escuros alforges e as bolsas de coiro, cujos ventres estavam gravidos de comida. Procurou-se area lisa, no envasamento d'um alto penedo, onde, sobre relva a apontar, se estendeu a toalha de grosseira estopa. Collocaram-se a esmo as postas de bacalhau frito; as grandes broas de codea escura, que pareciam pedras requeimadas ao sol; os bolos de milho recheados de toucinho, cosidos no rescaldo do lar. Em seguida appareceram as borrachas, pandas do vinho acre da ribeira, que assim deitadas e adormecidas pareciam inertes e rijas conchas de tartaruga morta. A rosea febra de meio presunto, mimo que o abbade trazia para os seus hospedes, ria estrondosamente no meio dos escuros salpicões e das gallinhas gordas do morgado da Cerdosa.

Entre os serranos começavam a passar de mão em mão, as postas de bacalhau acompanhadas do naco de brôa. Repartiam-se os bolos de milho com recheio de toucinho. Luzentes navalhas entravam firmes no roliço corpo dos salpicões e no presunto. Essas carnes odoriferas gargalhavam com os seus labios vermelhos, como a alegre flor do amaranto. Aves de ancas enxundiosas, escarchadas impudicamente á mão, patenteavam os ventres cheios de ovos infecundados. No ruminar lento e substancial dos caçadores sentia-se que havia fartura de comida: todos patenteavam aspectos ovantes de saciedade. As frontes baixas e energicas dos rudes montanhezes já se desenrugavam; o seu fallar era loquaz, patenteando esperanças de boa caçada. Em breve começaria a ondear pela serra o estrondo da montaria. O animal bravio, inimigo da rez e das searas, acossado pelos tiros e pelos cães, romperia ligeiro da vasteza dos mattagaes. Era para todos dia de festa, dia novo, este que lhes quebrava a monotonia em que viviam, encerrados entre penedias como n'um castello antigo.

Os magros cães, sobrios, alegres e sempre a remexerem-se cercavam os serranos petreficados em volta do presigo. Os animaes de focinho no ar, orelha guicha, olhar attento esperavam alguma coisa da misericordia de seus donos e pediam-no com gemidos mendicantes. Quando succediam ralhos denunciativos de gula e inveja questionando a comida, logo acudiam os montanhezes a separal-os com pontapés de tamancos. Composta a lucta logo voltavam a desasocegar as borrachas do bom somno que dormiam deitadas na chan e passavam-nas de bocca a bocca, em amorosos beijos. Assim iam desimpando esses orgulhosos ventres, que se desfaziam em gorgolejos como se fossem de vento. Vasias, inanes e sem vida as borrachas pareciam seres despreziveis que nunca houvessem conhecido applausos da gloria.

Concluiu-se o repasto; já o sol coruscava por cima das penedias com a sua face redonda incendiada. O abbade em mangas de camisa, hombros largos, rosto sereno requeimado pelos ventos do monte, levantou ao céo os olhos agradecidos, n'um sentido de prece. Logo os serranos se desbarretaram das carapuças, erguendo como elle as mãos ao céo e baixando os olhos á terra!... Foi de minutos este ciciar de acção de graças ao Altissimo, por mais este favor de alimento concedido. Finda a reza ouviu-se o sacerdote dizer:

— E vamos a isto rapazes que são horas.

— Não é cedo, não — opinou o Picanço.

— Mas entendes que encontraremos os porcos?

— Pois então?!... Tres viram os de Britello; outros tantos vimos nós. As cabras ali do Ramiscal havemos de as voltar. Falta caça?

Um velho de barba antiga a cobrir-lhe o peito tisnado, disse:

— Esse lobo preto, que me levou a ovelha, é que eu quero encontrar. Tenho aqui tres ameixas (batia no cano da espingarda) para lhe dar uma purga!...

O abbade folgou:

— Então, amigo Esteves, o lobo não hade comer?!...

— Coma pedras, que levam tempo a rilhar!

— O animal trata da sua vida...

— E eu da minha, sôr abbade — respondeu o montanhez abalando o corpo, de raiuna ao hombro.

❧ ❧ ❧

Cada um dos caçadores foi para a espera que lhe foi designada; os homens encarregados da batida dividiram-se, como antes dissera o João Picanço. Houve largo espaço de tempo em silencio cavo e meditativo. A solidez da montanha escura e o arqueamento transparente da abobada celeste resumiam aquelle mudo deserto. Em volta a amplidão infinita, por sobre a terra agreste o sol, mil-

ionario da luz, consumindo a sua riqueza n'um esbanjamento prodigioso. Para cima da linha dos caçadores subiam pincaros, uns sobre outros, todos crespos de urzaes, togeiras, piornos, velhos carvalhos e velhos medronheiros. Era uma negrura de penedias e fohedo aconchegados, marcada por nodoas de terrenos calvos, que as espingardas attentas vigiavam.

Estavamos ainda de pouco ali, quando [illegible] dé soprar pelas ravinas briza algida: era um bafejo d'aço que nos augmentava o enregelamento do corpo produzido pela enercia. Apezar de deslumbrante, o sol já padecia de doença outomnal, não o sentiamos bastante quente para nos desentorpecer. O que valia ao animo das espingardas era a grita dos batedores, que se ouvia ao longe, misturada ao baço som dos buzios, ao rufo tremulo dos tambores, ao estrondo dos tiros... tudo n'um amotinar de sedição. Eram soluços dispersos e desencontrados, golfados do ventre do nevoeiro que empastava o fundo valle. Essa massa de cinza uniforme e parada, com a briza que subia pelas corgas, principiou a mover-se, a crescer .. a crescer, a crescer como leite em fervura. O sol produzia-lhe no dorso scintillações de iris, que brilhavam mais perto de nós, á maneira que a nevoa empolava. Poucos minutos bastaram para os nossos olhos conhecerem o approximar da cerração, que vinha impetuosa e indomavel, avançando como legião mythica de anjos infernaes. Tudo ficou coberto d'essa cinza humida, tudo escurecido em volta, parecia que respiravamos atmosphera de cebo liquifeito. O sol que resplandecia omnipotente turvou-se, entrou n'uma agonia amarellenta, ardia apenas como cirio paschal, através de um véu de seda roxa. Estavamos isolados uns dos outros e do universo: parecia que um vulcão [illegible] atirado re[illegible]mente para o firmamento muita lava viscosa. Barbas, cabellos, a pelle, o vestuario... tudo pulvilhado de infinitas gottas de orvalho. Apesar de assim presos em triste masmorra, com paredes da grossura do mundo, ainda ouviamos a grita dos batedores, o baço som das buzinas, o tremulo das caixas de rufo, o latir dos cães, o ronco dos tiros de polvora secca. Eram sarcasmos vibrando através da nevoa que nos cegava. Só o poderoso e intimo sentimento da existencia de cada um nos poderia fazer acreditar no mundo exterior... Estavamos inertes e com frio até aos ossos!

Quadro de George Rankin

Passado um curto espaço de tempo, ao parecer enorme, o todo poderoso sol, de novo triumphou desfazendo a cerração. Volveu a patentear-se, a nossos olhos, o infinito espaço cheio de luz, cobrindo a terra arida e triste da montanha! Agora o arquejar dos tambores, os gemidos amplos dos buzios, as vozes dos serranos vinham mais proximos. O carpir dos rafeiros, já mui chegado a nós, annunciava caça visinha. Todos os caçadores se puzeram em guarda, ouvido á escuta, olhar attento, espingarda prompta. O abbade, em mangas de camisa, appareceu no alto de um penedo d'onde descobria fartura de terreno. O seu corpo solido, com a cabeça firme e as pernas afastadas, recortava-se nitidamente no immaculado azul, como um tronco de arvore secca, entre o fraguedo rebentado e nunca vencido pela turbulencia das intemperies. No proposito de vigiar a clareira achegou-se tanto ao limite da rocha que, a meus olhos, ficava suspenso no ar, sem apoio material sobre a terra. Pouco depois percebeu-se claramente o ondear verde do dorso da vasteza subjacente ao abbade. O restolhar vivo dos braços do arvoredo obrigou-nos a grande attenção. Tinhamos caça proxima, dizia-o o choroso latido dos cães. A corrida do animal bravio era quente. Seguia um caminho quasi recto, e por onde elle ia, ramos de urze e giesta afastavam-se para logo se unirem. Um minuto mais somente, e surgiu no terreno limpo, um corpulento veado de fronte ramosa. Porte de grande vista: a soberba cabeça levantada como um tropheu, o animal levava na velocidade dos pés a vida que defendia. Passou rapido, instantaneo como uma sombra. De sobre a lage o abbade apontou, seguiu-o, desfechou; mas a primeira bala crivou-se no tronco d'um carvalho antigo e a segunda feriu na anca um corçosito de dois annos, que seguia o maior. Quando o abbade de novo carregava a espingarda, é que rompeu do urzal um grande lobo, corpo esguio de reptil, cauda baixa, lingua de cançado fóra da bocca, focinho a deante... a penetrar no matto denso. O sacerdote soltou grito d'alarme: «Ahi vae o lobo!... Ahi vae o lobo! . » Todos corremos aos pontos mais altos. A espessura do arvoredo tinha-o recolhido, protegendo-o com a sua densidade. Os cães, bastante cançados, ainda seguiram a caça algum tempo; mas não poderam ir muito além... O abbade, lá do alto, concluiu:

— Grande como um jumento, o lobo! Talvez seja o da ovelha do Esteves.

Um montanhez escarninho gritou:

— Sôr Esteves! Lá vae a ovelha no bandulho do lobo!

— Maus raios o partam! — exclama o velho, encarrapitado n'um penhasco. Tinha aqui as taes ameixas para lhe mandar ás tripas. Maus raios o partam!

⁂

A embaraçada selva de piornos, torgos, gilbarbeiras, tojos e carrascos; em que se levantavam arvores de grande porte como o choupo elegante, o freixo escuro, o lodão verde claro, o vidoeiro esguio, o carvalho cerquinho e o aparrado, o salgueiro, o medronheiro, o escambroeiro, o zangarinho, o azevinho de contas vermelhas, o salgueiro loução... protegeu contra a furia dos homens e o farejo dos cães os perseguidos animaes. Pela ondulação das giestas e verdes urzes foi conhecido por algum tempo o caminho que levavam. N'um pincaro calvo, ainda appareceu a cabeça vistosa do veado de dez galhos; mas, depois, o latir dos cães socegou, o ramalhar do arvoredo quedou-se e tudo entrou no altivo socego dos logares ermos. Homens e rafeiros buscadores seguiram nova direcção.

Porém na vasteza impenetravel da montanha, o lobo, no seu fugir ondeante e cauteloso viu, esmorecido e abandonado sob um alto penedo, o corçosito de dois annos, que não pudera acompanhar o grande veado. O ferimento da anca não seria de morte; porém o timido animal, sensivel á dôr, cahira em desalento e quebraram-se-lhe as forças!... Animo imbelle, corpo fraco de donzella impubere, acolhera-se resignado á idéa de fenecer coberto pela negra sombra do forte granito, que para elle representava a força impassivel e intemerata. O carniceiro viu-o assim: apesar das ameaças que o perseguiam parou, fitando-o com os dois carbunculos dos seus olhos! Comtemplou-o instantes. Ao arrancar medroso, em veloz corrida, deitou-lhe n'um relance a ameaça: «Até logo!»

Ficou o timido cervo protegido apenas pela densidade do arvoredo e pela sombra do alto penhasco. Abobadava sobre a montanha, um céo de myosote mosqueado de vôos de passaros. A atmosphera de crystal, cheia de palpitações, enebriava. Alaridos de serranos vestidos de burel, latidos de cães, sons de buzinas, rufos de tambores, estrondos de tiros... tudo ia longe. Sem ameaças de inimigos, aceitou resignado este feliz abandono. O silencio e a tranquillidade do ermo, eram-lhe beneficos para o coração dolorido e animo apavorado. Correu-lhe o dia calmo, até que no entardecer poetico, o crepusculo principiou a cobril-o com a gaze da sua melancolia. Do fundo do valle, por gargantas e ravinas a pique subia a espessa noite, como um esguio e infindavel corpo

vestido de negro. Mais um vôo estridolo de perdis... um levante restolhante de coelho... e o dia findou. A castidade e pureza da treva tudo absorveu, o innocente corço tinha de esperar ali outra aurora, que lhe restituisse valor para encontrar o rebanho dos seus companheiros. Na retina ficara-lhe impresso o olhar piedoso do grande veado, quando o vira cahir ferido e exhausto!... Esperava a volta d'esse peito amigo e protector, que decerto o procuraria mesmo por entre os perigos da treva enganosa!.. Não esperava em vão! Emquanto pelo ar da montanha voaram estrepitos e ameaças dos homens, esse arrojado companheiro não pôde retroceder; mas logo que a noite veio espessa, concentraram-se-lhe as idéas e os sentimentos, acordou-lhe viva a ternura de pae e uma furia brava lhe entrou no cerebro. Sahiu do tranquillo giestal onde se escondera: a airosa cabeça, toda enfeitada de seus galhos a recortarem-se no limpido céo, erguia-se magestosa. As pernas nervosas e flexiveis sustentavam o corpo esvelto. Escutou primeiro longamente a recolher todos os sons que viessem de qualquer parte. Os olhos brandos e maguados, procuravam na terra confundida pela escuridade, relevo ou corcova de cerro para se guiar. Focinho ao vento recolhia quanto o olfato lhe pudesse dar. Onde estaria seu filho e socio nos perigos recentes?!.. No mesmo sitio onde o deixara?!... Mas onde era o sacrario que lhe recolhia o debil corpo?!... Que direcção escolheria para o encontrar, na vasta uniformidade da noite?!..

Deu incertos os primeiros passos, timidos e mal seguros. Tinha o coração perturbado, sentia-se afflicto, cheio de medo e receio, elle montanhez ingenuo e temerario! A treva era breu, os seus olhos sinceros só amavam a luz. Paralysava-o a compacta negrura, a incerteza do destino. Sabia todos os caminhos e veredas d'aquellas montanhas: carreiros da largura de palmo, por onde só transitavam pastores com seus rebanhos, trilhos asperos por entre alcantis sombrios eram-lhe familiares, apesar de numerosos, incontaveis e levando a todas as fortunas. Uns iam para as cristas d'onde o sol se comtempla, outros para o fundo onde os precipicios e as aguas se despenham. Sentia o peito ancioso, a mente obscura. Que infinito tempo a orientar-se!... Os olhos de comtemplativo de nada lhe prestavam sem luz, o ouvido subtil e vigilante era-lhe insufficiente na treva. Se arriscava cautelosos passos, logo eram rudes penedos ou vasteza de silvedos, a oppor-se-lhe. Lançou para o ar um mugido, um lamento de grande e intensa dôr, de ancia selvagem, que o folhedo das mattas recolheu. Subiu, desceu, tornou a subir e a descer, sempre a crescer-lhe o soffrimento com o desespero. Conhecia-se incapaz de encontrar o caminho que procurava: a noite era um subterraneo infinito e impraticavel. Dôr pasmosa, dôr augmentando sem limites, dôr sem outra egual!...

* * *

Menos inquieto do que o soberbo veado de cabeça fulva e apparatosa, estivera o perdido lobo em quanto chegava a noite, sua querida. Logo que nas montanhas abruptas a treva se estabeleceu e o perigo de emboscada para elle deixou de existir, começou de attender á propria natureza de carniceiro aguilhoado pela fome de dois dias completos, em que só bebera agua dos ribeiros. O ardido olfato, seu guia seguro, pouco valor tinha agora que os ventos sopravam para onde ficava o corçosito. Porem aquelle infatigavel corpo anda, desanda, sobe, desce, vagueia... apurando todos os sentidos em busca persistente e teimosa. Gastou horas em febre de voracidade. Corre, retrocede, escuta, olfata illuminando a treva com a chamma de seus olhos vivos como tições. Na marcha ininterrupta abrange area de leguas, cortando-a em todas as direcções, sem que no seu animo rude fallecesse a esperança de encontrar a pobre victima. Chegou um momento de forte impressão de gozo em todos os seus nervos, e de forte contractura em todos os seus musculos. Parou subito! Estava agora no alto d'uma escarpa, onde corria vento favoravel ao seu instincto voraz. O previdente acaso valera-lhe por todas as fadigosas diligencias. Logo apontou energicamente o focinho ao lado d'onde presentira cheiro denunciativo. Estonteado no primeiro momento nervoso socegou-se para melhor se confirmar. Os seus olhos são fachos de prazer sanguinario; abre-se-lhe a bocca n'um escarneo violento mostrando a solida fiada de dentes brancos. Baba cupida lhe escorre da lingua vermelha... Sobe a uma lage para bem se nortear. D'ahi domina todo o declive e estreito valle. Atinando com a direcção salta d'um pulo e tropeia em veloz carreira, colleando nas veredas do fechado mattagal, como cascavel em terreno coberto de folhas. Transpõe obstaculos, vence a correr clareiras e bate, por fim, direito ao ponto, como aço attrahido por magnete. Impellira-o a mesma voz de necessidade, que lhe impunha a conservação do seu corpo vagabundo. Que voz?!... A fome, força inilludivel, resumo de lei suprema que reside no globulo do sangue, no cerebro, no estomago!... Grito de suprema magestade, impondo-se com energia ao que d'ella soffre. A fome nas entra-

nhas do lobo, era um querer absoluto, maldição vehemente contra toda a natureza creada. Acicatava-o agora no acume da vehemencia, obrigava-o a correr na serra, como se fugisse da morte, a procurar a vida. Os ultimos vinte minutos da carreira, que valeram horas para a sua voracidade, levaram-no perto do corçosito ferido e abandonado!...

Era o começo do terceiro dia de abstinencia forçada e completa: o segundo gastara-o n'um errar incessante, em corrida e susto continuo, mal podendo illudir o ventre com agua. No interesse de se defender de perigos verdadeiros, ou imaginarios, andara continuamente, sem conseguir romper o circulo do vozéio de batedores, sempre com o cheiro de cães no olfato, a visão da morte nos olhos. Porém, até no mais agudo d'esses lances, não perdera a idéa do corçosito ferido e deitado sob a negra penedia! Quando junto d'elle chegou, tamanho foi o prazer selvagem das suas entranhas, que n'ellas morreu subitamente a fome! Seria para dilatar o gozo?! Por certo: o appetite continuava imperativo, eram apenas illuminações na sua festa de carnivoro. A' vista da preza suavisou-se-lhe o olhar em longes de meiguice. Agachou-se perante a victima, como um cadello festivo ao encontrar a sua cadella. Ergueu-se espreguiçando-se: corria-lhe em todo o corpo um fluido de gula. Rodeia o pequeno cervo abatido e supplice; vê-o por todos os lados; festeja-o com sorrisos de ironia selvatica. Pocuraria illudil-o com esperanças? Os seus pulos semelhavam contentamento: éram o gesticular satisfeito do homem, que encontra aquillo que muito procurara. A lingua, lamina de faiscante lume, vibra-lhe na bocca em convulso movimento de sensualidade. Com maldoso engano de carinhos, approxima-se do confundido animal, lambe-o em vez de o dilacerar. Quem sabe?!... Pensaria nos lances falazes da sua vida eternamente varia, pelas serras, pelos alcantis, pela espessura das mattas, pelo fundo dos precipicios, espreitando, escutando, farejando para evitar ciladas e do mesmo passo obter comida para contentar o appetite?!... Vir-lhe-hia á mente a comparação d'este momento ditoso, em que se lhe offerecia carne tenra, odorifera e rosea, com aquelles outros em que só de vento se podia fartar?..!. Ia por fim morrer... já o timido cervo chora!.. N'este lance de novo suspende o ataque! . Volta rapido a cabeça, para onde sentira ruido estranho e suspeito!... Era estralada de ramos no interior da vasteza que o cercava. Aquella indole sempre receosa, por sempre perseguida, soffreou-se no movimento aggressivo. Amorteceu n'elle o desejo avido, pondo-se em guarda para a fuga ou para a defesa. Ergueu a cabeça, apontou o focinho, retesou as orelhas, fixou a vista sanguinea! N'um pulo e de repente appareceu-lhe deante o formidavel veado de dez pontas! Fronte galharda, pernas nervosas e firmes, corpo reforçado... Respirava com fragor de cançado e de colerico.

Quadro de Leman

Santo allivio, alma nova para o corçosito em quem esmorecera toda a esperança! O seu olhar humilde e supplice, olhar de fundir

em pranto as pedras duras, não tinha amaciado a dureza da féra; a sua compostura resignada e lacrimosa, não encontrara no lobo, de misericordia ligeiro signal. E' que no cerebro do carniceiro, superior a todas as compaixões, bradava a portentosa e inconsciente voz da Necessidade! Para refazer o seu corpo, para o não entregar ao desfallecer, á dôr, ao aniquilamento, esse animal arrasaria o mundo se pudesse, semeal-o-hia de espinhos, faria correr todo o sangue de todas as veias! Era a sua natureza bruta e sanguinaria, não podia illudir a suprema lei.!

❀ ❀ ❀

Os dois corredores d'aquelles bosques ensombrados e d'aquellas serras aridas, encontraram-se, frente a frente, em torva mudez! Os olhos do lobo eram dois carbunculos brilhantes e sanguineos, as narinas do veado resfolgavam colericas e violentas! A victima imbelle, o resignado corço, sorria tremulo e esperançado! A luz triumphante, que já purpureava as cristas das montanhas fazia que, estes dois inimigos, se vissem. .

O veado firme e resoluto:

— Serás eternamente o inimigo dos que vivem n'estes cerros e mattas?! . Teremos de nos defender sempre do Homem e de ti, menos piedoso que o Homem?!..

O lobo sereno e implacavel:

— E' o meu sentir de féra. Se ha culpa, é de quem me poz no coração, a energia que me impelle.

— Nascidos e creados entre os mesmos arvoredos e penedias, correndo eguaes perigos e desventuras, deveriamos ser irmãos. Por que nos atacas e a nossos filhos?

— Não devo deixar-me morrer de fome, para que vossos filhos vivam. O meu corpo requer alimento para existir.

— Ha tanta comida por esses montes, por esses valles!...

— D'essa escolho a que a minha natureza exige...

— Nas arvores veem-se flores bellas e tenros gomos d'um sabor delicioso; as silvas dão-nos amoras, os carvalhos a lande; é doce o fructo do medronheiro, acido e agradavel o abrunho. . Ha na chan hervas aromaticas, na terra raizes e tuberculos de bom alimento.

— Com isso se cria a carne de que precisa a minha carne; com isso se aromatisa o sangue, que o meu sangue requer. .

— Podes no estio descer aos campos. Encontrarás o leitoso milho, verde e macio, encontrarás trigaes cujas espigas estalam nos dentes com um ruido brando...

— Alimentos de animaes sem braveza. Eu sou a valentia das montanhas.

— Valente e mais que tu é o javali, que sabe procurar na terra a batata e outros alimentos de que se sustenta no inverno, quando o tempo é frio e a mim só me resta a tona amarga da betula e do choupo, as folhas da silva, a urze, o piorno...

— Esse animal é pesado e desprezivel. Bronco e sem graça no corpo, vive deitado e preguiçoso em logares ermos e feios. Não conhece o delicioso prazer do sangue fresco, nem ama a paisagem.

— Amo-a eu, a paisagem, e o canto dos passaros; conheço o prazer da gula no colher das flores e dos gomos novos. Mais do que tu sou gracioso e ligeiro, quando percorro esses montes.

— Percorres esses montes, mas não vences diariamente e em noites de luar, leguas de devesas e alcantis. Fallece-te a astucia com que te livres do caçador, páras como creança ao som da flauta pastoril e d'outros enganos com que te illudem, para te ferir.

— Os homens gostam da minha carne, amam o meu corpo esbelto...

— Os homens aborrecem a minha presença, não me aproveitam em comida. E' simplesmente por odio que me perseguem, o que aperfeiçoa a minha astucia e ferocidade... Tenho o direito de represalia, visto perseguirem-me sem motivo.

— Triste fundamento que te torna desamado de todos nós, que nenhum mal te fazemos.

— Fazeil-o a seres inermes, que se não sabem queixar. As flores, os rebentos viçosos, as folhas verdes, as hervas odoriferas... tudo que vós comeis não terá sentir?! São coisas vivas: nascem, crescem, multiplicam-se, choram lagrimas de seiva, riem quando o sol as beija. Para a vida não são differentes de nós dois, nem do teu filho...

— Differente do meu filho que eu amo é todo o universo. Comtempla-o a esta suave luz da manhã: bello e inoffensivo. O seu corpo airoso, o seu olhar suave é a alegria das devezas. Tu não o devorarás.

— Devorarei: é a minha condição e o meu prazer. Da ferida que lhe fizeram os homens vae morrer. Apodrecendo, o seu mau cheiro empestará o ar, afastará d'aqui as aves cantoras. Não seja eu que o coma e servirá de pasto a vermes immundos e a raizes que vivem no interior da terra. Que maior razão haverá para nojentos bichos sem olhos, e plantas obscuras se nutrirem do corpo do teu filho e não eu? Será porque as plantas produzem os rebentos e flores de que tu te sustentas? N'esse caso serias tu que vinhas a devorar a carne do teu proprio filho. .

— Idéa negra! Maldito sejas carniceiro, incapaz de conhecer o affecto ao sangue do teu sangue. Não tendes amor áquelle a quem geraste!...

O lobo exaltou-se:

— Haverá debaixo do sol mulher, féra ou ave que mais queira aos seus filhos do que uma loba! Mãe incomparavel e amantissima, a todo o momento arrisca a vida pela d'aquelles que trouxe no seu ventre! Nunca a tua femea dengosa conhecerá o profundo carinho e amor, que minha mãe teve por mim e por meus irmãos! Quando viemos ao mundo encontramos uma cama de principes feita de musgo brando. Escolhera antes, no mais intimo e escuso d'um bosque, o sitio onde prepararia o palacio, que ao mesmo tempo era fortaleza, para nos depositar e defender. Com os proprios dentes catara o chão de todas as pedras, espinhos e paus molestos, para a nossa delicadeza de recemnascidos não ser offendida. Sobre tão fofo leito nos deu á luz, em formosa e tepida manhã. Nas primeiras semanas de existencia alimentou-nos só do seu leite, que tirava do proprio sangue, nutrindo-se apenas d'agua do ribeiro proximo. Vendo-nos espertos, a brincar uns com os outros, presidiu primeiro aos nossos folguedos, indo depois buscar-nos o alimento que mastigava na sua bocca, para em seguida o introduzir na nossa. Eramos já capazes de comprehender e então principiou a industriar-nos na caça de arganazes, caçapos lebrachos e perdizes. . animaes que nos trazia vivos, para com elles aprendermos a combater. Quando estes succumbiam aos nossos afagos e dentadas, ella, a mãe loba, tendo assistido interessada á peleja, encarregava-se de os esfolar e depenar, esquartejando-os e repartindo-os entre nós, com a maior rectidão e egualdade. Principiavamos já a andar facilmente, espreitando curiosos e com espirito de independencia. A loba entendeu que devia preparar-nos para maior lucta, para a lucta de todos os dias. Levava-nos comsigo, experimentando-nos o instincto, educando-nos o faro. Aperfeiçoava-nos os sentidos, guiava nossos passos na vida tormentosa de brenhas e bosques cheios de perigos. N'este periodo se manifestou na mãe loba o grande e portentoso amor pelos seus filhos. Era uma inquietação de todos os momentos, uma ancia extrema em tudo observar, para não cahirmos em traidora cilada. Ella ia sempre adeante: espreitava, escutava, farejava... sustinha-se ao menor ruido, á mais leve sombra, ao cheiro mais subtil. A' primeira suspeita logo nos escondia em qualquer buraco, na espessura d'um giestal... e collocava á entrada o seu corpo como fiador de eventual ataque. Encontramos um dia certo cão de pastor, valente e com o pescoço envolvido em colleira de pregos!... Fomos por elle assaltados, corremos positivamente risco de morrer. Porém, nossa mãe, defendeu-nos com tanta energia, denodo e furia, dava tantos uivos e pulos e dentadas que o inimigo fugiu aterrado e veloz. Assim preparados para esta vida aspera, errante e perigosa, que é o nosso destino, quando nos julgou capazes de nos defender e de investir. . é que nos deixou. Eramos uns lobitos menos maus, já faziamos as nossas proezas de caça, na edade que devia andar pela do anno. A grande missão da loba estava cumprida. Abandonou-nos sem sentimentos piegas, dando até a sua dentada n'aquelle de entre nós, que mostrasse geito de acompanhal-a, para viver parasitariamente á custa do seu esforço d'ella. Foi uma verdadeira educadora e combatente, não tinha orgulhos, nem ternuras desnecessarias... Depois d'isto seguimos o nosso destino, o forte e tragico destino dos vagabundos eternamente perseguidos e por todos odiados. Amamos com furia e coração estas rudes penedias e brenhas em que nascemos, e onde andamos livres, á lei da vida e da morte, sem objectivo fixo. Nunca as abandonamos, senão muito apertados pela fome e pelas grandes neves. Vós, mais delicados, ides frequentemente aos valles ferteis e carinhosos, procurar mimos e commodos, que eu desconheço. Por isso não sentis a magestosa força e gozo de lucta que enebria o nosso corpo. Sempre com a existencia a preço, sempre espreitados pelos homens prevenidos e maldosos, encontramos na fuga, na astucia e na lucta o meio de evitar as ciladas que nos armam. Porque nos perseguirá o Homem, se da nossa carne não pode tirar o gozo que da vossa obtem?!...

— Porque lhes desvastaes os rebanhos e lhes destruis as rezes.

— Coisa de nada! Um anho ou um cabrito, para encher o estomago vazio, ás vezes com quatro dias de abstinencia. Por tal ninharia andamos escondidos pelas covas, por entre os inaccessiveis rochedos, pelos mattagaes impenetraveis! Não valia a pena tanta vingança! E chamam-nos com raiva e desdem a nós, carniceiros, desconfiados, medrosos e covardes! . Pudera! Os riscos de todos os dias é que assim nos tornam. Ninguem melhor que um lobo sabe, o preço do existir, quanto custa a vida, e porque muito custa, é que muito a amamos e a queremos prolongada.

— Prolonga a vida e sustenta-a, mas não com a carne do meu filho.

— A vida só de vidas se nutre! E' a lei geral.

— Insistes, pois, em devorar este pobre e delicioso corpo?

— O meu estomago, como todo o meu ser, é uma grande e insondavel sepultura, que tudo esconde e tudo desfaz. Tenho fome, muita fome, grita dentro em mim a voz da tremenda Necessidade! Aquelle corpo é uma carne appetitosa, e delicada; sinto bem o delicioso aroma d'aquelle sangue. E' formado de cheirosas flores, de rebentos novos e macios, de fructos sazonados e bellos. Não são tambem coisas bellas, não são tambem coisas vivas? Teu filho immolou-as á sua conservação e existencia, chega-me agora a mim o momento de receber essa divida contrahida perante a Natureza!... *(Com aspecto mais duro e violento).* Sinto nas entranhas a tortura da Fome! Berra em mim a lei compensadora da destruição! Afasta-te! Não provoques mais a raiva dos meus dentes!

⁂

A resposta do grande cervo de dez pontas nos seus galhos, foi baixar a cabeça, e atacar com os agudos punhaes que lhe ornavam a fronte, o delgado corpo do lobo! Ao mesmo tempo dera um tremulo e raivoso gemido, que eccoara por todos os reconcavos da montanha. O carniceiro, sempre prevenido, arqueou-se n'um salto, evitando prestes a aggressão. O dia já era completo, todo o céo inundado de sol, e sobre a terra arida os dois combatentes procuravam-se com egual sanha e ferocidade. Vieram no pelejar a uma chan limpo d'arvores, encontrando-se assim mais desembaraçados! Mutua furia e a violencia no ataque. Os galhos do veado floreavam dirigindo-se ao ventre do lobo. Este evitava agilmente a pontaria e, com certeira vista, arremettia com os afiados dentes á roliça anca do veado. Colleavam, os dois, no ar como cascaveis assanhadas, pincelando de sombras o limpido azul. A ancia e o resfolego dos combatentes sentia-se em esphera larga. A vista sanguinea do lobo, com os olhos brilhando como clarões de lume, mostrava intelligencia viva; o ataque sincero e garboso do cervo, tinha mais furia, mais paixão, mas era hesitante e incerto. Já ia este valente animal recuando de cançado e, assim, se distanciava do ponto onde ficara o corpo que defendia. Decrescia-lhe o folego, abandonava a arena, afastava-se em fuga. Lavava os olhos razos d'agua, o peito ancioso e commovido.. O seu desespero era enorme! N'um cerro alto, até onde o lobo o perseguira com mordeduras, ainda n'um relance cheio d'amor fixou o duro penedo que abrigava o corpo do seu filho, enchendo o infinito céo d'uma piedade immensa e d'uma dôr immensa!...

⁂

O faminto carniceiro voltou logo com o appetite mais excitado. O corçosito de dois annos, jazia no mesmo logar, a vista cheia de pavores e sombras tristes. As folhas descoradas do outomno, amollecidas pelo orvalho da manhã, que tapetavam a chan pedregosa, abafavam o andar do lobo que reappareceu de surpresa. N'este lance unico, a offerecida victima era só meiguice e resignação. Sentia-se augusta e solemne a paz do ermo; a festa garrida do sol brilhava nas fendas do arvoredo inculto; os galhos despidos de folhas choravam gottas de orvalho!.. Em todo o corpo da féra havia uma alegria de gula, que lhe vinha á lingua babosa. Primeiro lambeu o sangue que ainda escorria da ferida do pequeno veado; em seguida, com o ventre na chan, pousou-lhe no corpo as patas dianteiras como demonstração de posse. Tinha seu quê de esphingeo esta cabeça erguida, o focinho apontado, o olhar em desvario. Era apparente e momentanea a passividade: das entranhas subia-lhe aos dentes um desejo formidavel e inilludivel de destruição! Ergueu-se firme nas delgadas pernas. Escancarou as guellas, fundo e vermelho abysmo com a defesa de formidaveis presas á entrada! Teve um impeto e arremesso de louco, impellido por energia atavica, mordendo com furia o pobre animal na garganta. Lembraria a lição educativa da mãe-loba, quando nos primeiros tempos, tambem com os dentes, estrangulava os laparos que depois lhe dava a comer?! O sangue do corçosito esguichando-lhe no paladar, acordou-lhe o v hemente

appetite de féra sanguinosa, gozo que se lhe irradiou pelos nervos até ao cerebro, onde produziu reverberações de incendio. Foi então grosseiro e implacavel: n'um minuto o corpo da victima estava desnudo da fina pelle. Era uma carne rosea, tenra, odorifera e fumegante!... A sua vista, o seu odor, porduziu no carniceiro um tal desvairamento de prazer, que n'este momento ficou egualado a toda a natureza que se nutre. Era estranha e portentosa a força que o dominava! O impeto voráz d'aquelles dentes brancos ao enterrarem-se na carne quente, a satisfação d'aquelle organismo em victoria, o feróz instincto que lhe regia a conservação... synthetisavam a lei que manda que as vidas de vidas se nutram, e que circule a materia no seu giro ininterrupto! Ficava assim assegurada a continuidade de vida, a nullidade da morte, e que aquelle corpo da féra poderia percorrer, dia e noite, alcantis e veredas!..

* * *

Sentia-se o lobo em gloria suprema, o sangue do corço circulava no seu sangue, os pulmões respiravam-lhe amplamente as energias da creação, quando o seu esperto ouvido de novo lhe denunciou a proximidade de cães farejando. Ramalhavam arbustos sem que o vento os soprasse?— era signal de inimigo!.. O prazer da gula entorpecera-o, tinha-o tornado desprevenido e incauto!.. O seu olhar sanguineo empallideceu, retesaram-se-lhe as orelhas, tremiam-lhe as narinas Cães por todos os lados. Estava cercado, só a astucia, que não a audacia, lhe podia valer. De cima e de baixo, d'um lado e d'outro, vinham-lhe gementes latidos dos rafeiros, quando olfatam proximo da caça. Pensou em fugir, mas para onde?! Pensou em se esconder, mas aonde?! Seguiu um carreiro de tojo alto: estava defendido por um valente cão de Crasto, que n'um olhar irado ia arremetter, mal o viu! Voltou encolhido e tremente.. Havia uma cova escura, por baixo do penedo, ao fundo do sitio onde esgarçara o pobre corço... Ahi se metteu diminuindo-se, cosendo-se com a terra para não ser percebido. Mas do lado opposto havia outra porta e a ella se mostrou um cachorro de latir infrene a chamar os companheiros, que logo acudiram. Eram muitos, penetraram na larga caverna obrigando-o a abandonar o esconderijo. Apertado de toda a parte com latidos, adevinhando que muitas espingardas o esperavam nos terrenos descobertos, enfiou por uma ravina aspera e pedregosa, toda enlaçada de silvas e espinheiros, ao fundo da qual grasnavam aguas. Tambem d'aqui muitos cães lhe impediram a passagem, apresentando-se-lhe de frente.

Adeante de todos estava o mollosso de Crasto, animal reforçado e corpulento, que valia bem para um lobo! Retrocedeu; mas já perseguido de perto por toda a matilha, que se reunia n'um formidavel alarme de ladros raivosos. Os batedores espertavam os cães com vozes apropriadas. Já as espingardas de cima dos penedos vigiavam as differentes sahidas. O lobo, habituado a encontrar na corrida o seu modo de salvação e sentindo-se com maior folego que os perseguidores, enveredou ao alto para fugir. O João Picanço, montanhez experimentado nas manhas da féra, conhecendo o estratagema pela embrulhada dos rafeiros, que se atropelavam, gritou:

— Gentes lá de riba. Ahi vae o lobo!..

Todos os d'este lado redrobraram d'attenção. No cimo d'uma fraga, em mangas de camisa, raiuna aperrada, olhar e aspecto sereno via-se o velho da barba inculta. O seu corpo mediano e solido, a cabeça pequena e escutadora, recortavam-se no claro azul do firmamento. Como a corrida dos cães fosse para elle, o Picanço avisou-o. «O sôr Esteves! La vae!..» O serrano conservou-se imperturbavel. N'um momento metteu a arma á cara, firmou a pontaria, seguiu com ella durante segundos, disparou ficando-lhe o rosto envolvido na fumarada da escorva.

— Cahiu! Cahiu! E' o tal! — gritou elle, descendo da fraga com grande ruido dos seus tamancos ferrados.

Todos os montanhezes e mais caçadores correram para ver. De borco, sobre um macisso de carqueja, estava o grande lobo de lombo preto, arquejante, golfando pela bocca sangue e comida. Em volta formou-se um clamor de vozes, de vozes festivas engrandecendo o caso. Perante todos o velho affirmou:

—Andava-lhe com uma gana, cá mesmo de dentro! Depois que me roubou a ovelha, não dormia com esta scisma de matar o ladrão. Carreguei a arma com tres balas, que deve ter no bandulho. Uma voz do coração me dizia que este maroto m'as havia de pagar. E pagou, caramba!...

Lisboa, maio de 1902.

Bento Moreno

Quelimane — Secretaria do governo, Thesouraria de fazenda e Recebedoria do concelho

De Lisboa a Moçambique

Por ANTONIO ENNES

SEGUNDA PARTE

CAPITULO IV

Quelimane — O Chinde — O Zambeze — As canhoneiras

A humanidade é rara, n'aquellas paragens, ainda depois de terem sido postas em voga. Logo á saida do porto passa-se por uma quitanda de *monhé* de palha ennegrecida, encarrapitada n'um trecho da margem alta; depois navegam-se milhas e milhas sem avistar viva alma, a não ser alguma alma de macaco empoleirado em ramo de arvore, a fazer desrespeitosas gaifonas aos viajantes. Lá mais para diante, á direita, largas folhas verdes claras de bananeira servem de bandeiras a aldeolas de indigenas, e, de facto, por entre os córtes feitos no mangal para serviço dos desembarcadouros, onde alguma casquinha está pegada na vara, entrevêem-se palhotas levantadas em andas altas de estacaria, como as *povoações lacustres* da Europa ante-historica, para se não submergirem quando o rio trasborda. De culturas nem vestigio, afóra essas bananeiras e alguns pés de mandioca; tomaram-n'as lá os gulosos cavallos-marinhos! Mangal, sempre mangal, e por detrás d'elle ramarias selvagens, prados de capim, palmeiras bravas, especies que nem terão nome na botanica.

Tambem se andarão horas e horas, subir-se-ha até o Zambeze, sem encontrar no rio uma embarcação *civilisada*. A navegação ainda é caso que traz ás praias negros espantados, sempre olhando atrás a assegurarem-se de que podem fugir. Os inglezes teêm só—tinham n'aquelle tempo,—dois pequenos vapores, o celebrisado *James Stephenson* e o *Lady Negassa*, e esses fazem viagens uma vez por semana ou menos; as canhoneiras de guerra, as nossas e as inglezas, creio que tambem duas, — andam quasi sempre lá para o interior, quando não estão encalhadas; e o commercio e o transito de passageiros ainda occupam poucos barcos de vela ou de remos. Pode a gente ter a presumpçosa illusão de que vae descobrindo o Chinde, emquanto não chega ao Sombo, a umas dezoito ou vinte milhas da fóz graças ás curvas e recurvas do rio.

O Sombo, ou antes a *luane Esperança*, fundada ao pé d'aquella antiga povoação indigena, é o centro de exploração agricola do prazo Luabo, — o maior prazo da provincia, maior que Portugal—de cujo *mussoco* são ar-

rendatarios Paiva d'Andrade, o conhecido africanista, e um primo seu.

O *luane*, situado na margem esquerda, occupa um terreno aforado por esses arrendatarios, terreno baixo, de estructura rudimentar, que o Chinde provavelmente trouxe para ali da alta Zambezia, torrão a torrão, grão a grão; receia-se firmar n'elle os pés, não esteja ainda fôfo. Tem a poucos metros da praia, uma vasta casa de madeira e alvenaria, cercada por uma galeria alpendrada, d'onde se enfia a vista até se perder por uma avenida bordada de palmeiras, de mangueiras, de sumaumas, a qual atravessa grandes plantações, cada anno dilatadas, onde já então seis mil coqueiros pulavam da terra desbravada.

A' beira da avenida grupos dispersos de palhotas. Nas cercanias da casa senhorial episodios pitorescos de granja, frescas notas bucolicas: uma horta viçosa como as do valle de Chellas ou da Povoa, defendida por canniçado das invasões das gallinhas, que vagabundeam nos eirados em ranchos cocorejantes; officinas com alfaias agricolas arrumadas ás paredes; cevados a grunhirem, estendendo as trombas pelas fendas dos tapumes das cortes; habitações de serviçaes, circulares, feitas de palha ennastrada com esmero, a cuja porta negras rochumchudas lavam roupas; no meio d'um terrado, um macaco preso a um mastro, puxando pela corrente para ir contender na passagem com os cabritos, que lhe fogem balindo. O espirito sente-se bem n'aquelle oasis de trabalho encravado no sertão. O europeu, que no meio da natureza selvatica d'Africa extranha-se a si proprio e tem a consciencia de ser um intruso, acha-se ali como em casa sua. Fui lá por poucas horas, e passei lá quasi dois dias a refrescar-me, a descascar a visão de todo o mangue, a lavar da alma as impressões da nossa improductividade colonisadora. Alegrei-me, remocei-me, joguei o chinquilho, tive vontade de tambem ser fazendeiro, de transformar mattagaes em pomares, lameiros em cearas, selvagens em obreiros; de semear ás mãos cheias de trabalho, civilisação, luz, consciencia, iniciativas, riquezas, sociedades, entranhas palpitantes n'aquelle mundo virgem. Oh! que se em Africa se podesse ter familia!

O Sombo tambem é agora um arsenal naval. Paiva d'Andrade (João) projectou construir, perto do porto do Chinde, uma doca de reparações especialmente destinadas ao serviço das embarcações que navegam no Zambeze; mas as difficuldades da obra e, ainda mais o receio de concorrencias officiaes ou particulares aconselharam-n'o a desistir do projecto, ou antes a substituir-lhe outro mais comesinho. De acôrdo com o commandante da esquadrilha do Zambeze e Chinde e governador de Tete, o capitão tenente Eugenio Andrea — um dos funccionarios mais sizudos e prestantes que a metropole tem mandado a Moçambique,—emprehendeu antes montar na praia de *luane Esperança* um plano inclinado onde os vasos d'essa esquadrilha e quaesquer embarcações de porte não muito superior ao d'esses, podessem ir limpar e concertar o fundo.

Este emprehendimento realizou-se. O plano inclinado foi feito no nosso arsenal de marinha, por contracto com o emprezario da sua exploração, e estava sendo assente na praia de *luane Esperança* quando eu visitei o Chinde. Ao mesmo tempo sob vastos telheiros levantados á borda do rio, acabava-se de montar uma lancha-canhoneira sob a direcção d'um machinista enviado para isso pela casa constructora Yarron, e outras recebiam beneficiação.

Procedia-se a uma reparação completa do material da esquadrilha que hoje se compõe das lanchas *Sabre*, *Carabina*, *Obuz*, *Coama*, *Cherina* e *Maravi*, e por isso tinham reunido quasi todas ellas no Sombo.

Um dos maiores serviços recentemente feitos ao dominio portuguez na Zambezia e á ordem e segurança do paiz foi lançar nas aguas dos seus grandes rios estes pequeninos vapores, que, todavia, ainda são pouco numerosos. Não que elles amedrontem com o aspecto. São microscopicos, estão para as athleticas machinas de guerra que as potencias europeas tanto receio têem de experimentar a serio, como o rato para o elephante; lembram modelos de museu naval. Quando encalham, saltam as tripulações á agua, e quasi lhes pegam aos hombros para as pôrem a nado. Um Alcides de Colyseu dobra-lhes entre os dedos as chapas de ferro do fundo. Ao seu armamento, uns canhões-revolver, chamam os artilheiros assobios; faz menos estrondo do que as bombas do foguetorio do Minho, e com as balas que dispára caçam-se batárdas sem as estrafegar muito. Nos alojamentos só cabem numerosas guarnições de soldados de chumbo. Os proprios commandantes dormem nos beliches com os joelhos á bôcca, e deviam ser escolhidos entre os officiaes de menor craveira para não haver risco de arrombarem com as cabeças os tectos das camaratas; só a *Coama*, tem uma camara em que já coube um casal, que não era positivamente de pombos, no tamanho. As machinasinhas por pouco não cabem n'uma caixa de realejo, mas ainda assim, como os paioes pouco mais capacidade têem do que as carvoeiras das co-

sinhas da Baixa, é necessario, volta e meia, ir a terra cortar lenha para combustivel. Dá vontade de brincar com ellas, de as fazer navegar n'um tanque de quintal, de as dar de presente a um menino que já revele vocação para ministro da marinha; pergunta-se sem querer offendel-as, se aquillo anda, dando-se-lhe corda. E não podiam ser maiores, só poderiam ser mais solidas. Mesmo assim só chegam até Cabonbassa depois das grandes chuvas, e na estiagem até as mais pequenas lhes custa ir a Senna ou ao Gumgu.

A *Sabre* e a *Carabina*, unicas que se atrevem a sair para o mar, quando elle está como a palma da mão e consta que Boreas e companhia juraram não soprar, essas só dão algum passeio no Zambeze quando elle deita por fóra. Andam sempre com os queixos amarrotados das topadas que dão nos bancos, esmerilam as chapas do fundo na areia, e de quando em quando cravam-se no leito do rio e para ali ficam até Deus ser servido. Na quadra da secca, quando vão d'uma para outra parte, não se lhes calcula o tempo que levarão a navegar, mas o que gastarão a encalhar, porque é esse o seu fadario.

Indigena de Quelimane

Mas com tudo isso, se toda a provincia fosse sulcada por vias fluviaes, só separadas umas das outras por terras que não tivessem largura de mais de dois tiros das pecinhas d'essas lanchas, só ellas bastariam para a trazerem mais policiada do que Regent Street, ainda que todos os seus habitantes fossem ogres.

Desde que ellas por lá andam a chapinhar com as pasitas, nunca mais os povos do Zambeze interceptaram duradouramente a navegação, como d'antes faziam a cada hora, nem aguentaram revoltas e sedições nas suas margens. Quando se quer fazer diabrura, manda-se saber primeiro se *os paquetes* estarão perto; e se elles apparecem de improviso, pernas para que te quero! Cada uma d'aquellas casquinhas de noz com o seu *assobio* e meia duzia de homens, vale mais, para a prevenção e para a repressão, do que um batalhão inteiro de caçadores carapinhosos, que tenham de vir por longos caminhos deixando as cuecas em farrapos nos espinhos do matto, e que, quando chegam, demonstram praticamente que uma espingarda pode ser, como arma de guerra, inferior a um cajádo. E o valor real das lanchas armadas ainda é menor do que o valor... *estimativo* que os negros lhes dão. Não está mais na mão d'elles; os navios *de fogo*, obra de *feitiço* do branco, que correm sem serem puxados nem empurrados, de brancos que trazem ás costas *mechingos* que se carregam uma vez e dão muitos tiros de enfiada, bolem-lhes com os nervos e inspiram-lhes um desejo doido de terem azas nos pés, que tambem deve ser coisa de feitiçaria.

Mesmo em paz podre e tendo a consciencia lavada, gostam de vêl-os, sim, mas sempre guardados os respeitos; vêem ás margens uns magotes, fallando e gesticulando uns com os outros, apontando com os dedos, ás vezes batendo palmas e rindo alvarmente, mas percebe-se que estão ali com a fuga engatilhada, olho atrás, olho adiante, e ás vezes basta um silvo inesperado da machina para os fazer sumir como se os engulisse a terra, como se some n'um muro velho um conclave de lagartixas ao sol, se as surprehende uma pedrada. Os sabios das tribus já hão de ter decidido de si para si, que, afinal de contas, a verdadeira e unica superioridade dos europeus é terem *paquetes*; fóra d'isso está provado que o gume d'um machado entra tanto á vontade por um pescoço branco como por um gasnete negro.

Além de ser arma de guerra, a esquadrilla faz serviços impagaveis á administração, e sem o seu auxilio não poderia haver uma sombra de policia fiscal no Zambeze. Actualmente tem uma organisação sensata e d'essa sensatez só destôa a disposição que permitte ao seu commandante commandal-a dentro da residencia de Quelimane, não sei se pelo telegrapho. O seu material, que chegou a estar prestes a ser totalmente inutilizado por falta de limpezas e concertos, foi todo atamancado em 1892-1893, e o plano inclinado e as officinas do Sombo podem prolongar-lhe a duração; entretanto já é necessario ir pensando em renoval-o augmental-o. Precisa ser tão numeroso que possa sempre haver uma lancha das de maior tomo, no porto da Chinde, e outra em Chimange, e uma ter-

ceira perto de S. Vicente; que se estabeleça de facto a secção de policia fluvial do Zumbo; que todo o Zambeze e todo o Chire portuguez, tanto quanto permittem as suas aguas sejam constantemente rondados, sem que os povos das suas margens e as embarcações, que n'ellas navegam, saibam nunca quando passam as rondas. Para isto não chegam sete lanchas; não chegariam ainda que podessem estar sempre todas em serviço activo.

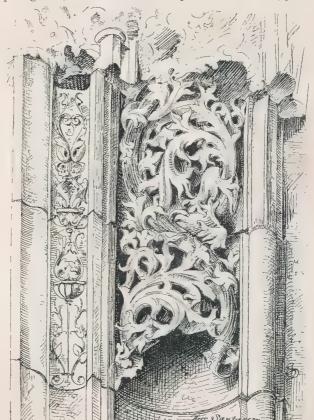
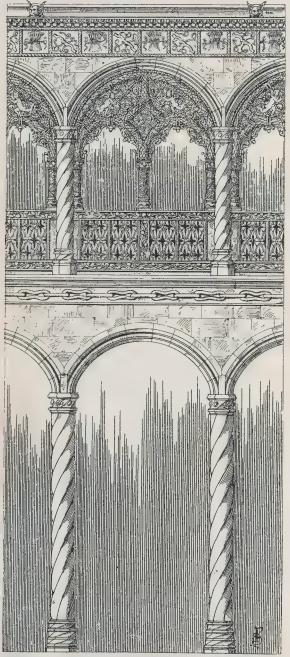
O pessoal da esquadrilha tem um serviço que só é talvez egualado em dureza e no melindre pelo das lanchas da Guiné. Sujeitos que em terra blasonam de lobos do mar, desdenham d'esse serviço, porque no Zambeze e no Chire não ha tufões, desencalha-se levantando os navios com a palma da mão, não se tomam alturas, não se mexe no apparelho, não se mandam muitos papeis rabiscados para a secretaria do almirantado. Effectivamente, os rios não são escolas de marinheiros; mas essa verdade aconselha a não mandar para a esquadrilha rapazes de escola, nem a desapreciar ou a deprimir os que lá servem. Só o passar mezes e mezes mettido n'uma caixa de lata, ora aquecido n'um forno ora immerso n'um banho, a beber lodo, a aspirar febres, a ralar a paciencia nas areias dos baixios e nas relações com os negros, é uma tortura physica e moral que se não compára com o viver trabalhoso, sim, e alguma vez perigoso, mas sadio, desafogado, variado, que dá a navegação no mar alto ou na costa. Os navios chegam a não ter condições essenciaes de habitabilidade para qualquer, quanto mais para a Zambezia, o que aliás não é vicio de construcção mas dura necessidade do seu modo de ser organico. Só marinheiros, e marinheiros portuguezes, acostumados desde aspirantes ou grumetes, ás incommodidades, ás vezes barbaras, de quasi todos os nossos navios de guerra, onde se fazem estações inteiras a dormir sobre o convez, podem aguentar muito tempo de fluctuação entre pantano e sol tropical n'um armario do *Maravi*, por exemplo. Depois, se no Zambeze não ha naufragios, ha inimigos, se não ha problemas nauticos, ha operações de guerra; se faltam momentosas questões de etiqueta naval que fazem suar o topete aos praxistas, apparecem complicadas negociações diplomaticas com os negros, e até com brancos e com estrangeiros de responsabilidade temerosa. Nunca se falte, pois, com honra e galardão aos officiaes que no grande rio são como os portas-bandeiras da sua patria. São dos poucos portuguezes que ainda servem Portugal com abnegação de si, que escrevem linhas de historia cavalheirosa e aventurosa, que desempenham deveres que arruinam e occupam postos em que se morre. Trouxe d'elles, dos bravos marinheiros do Zambeze, recordações com que ainda agora pacifico o espirito dos ascos, dos despresos e dos azedumes em que elle se embalou na nossa Africa. D'elles e dos seus navios! Encontrar em Africa, na solidão d'um interminavel rio, em que as correntes impetuosas e os mangues invasores, o sol que nos estonteia e os lodos que exhalam ameaças de morte, os jacarés que nos mostram as fauces e os monos que parecem guinchar de escarneo arlequinando nas arvores, as vegetações possantes que nada produzem para a cubiça dos dominadores e os negros que se espriguiçam nas praias, todo mostra repellir e desconhecer a nossa soberania e posse; encontrar especialmente no Chinde, em cujo porto estrangeiros pavilhões tremulantes recordam offensas de hontem e projectos de occupação talvez, só addiada para amanhã, encontrar de subito, fluctuando na popa d'um navio, altiva a bandeira azul e branca, com as côres avivadas pela luz intensa e pelos fundos escuros do arvoredo, como se nunca tivessem sido manchadas ou desbotadas, produz em quem é portuguez tão profundos e expansivos alvoroços d'alma como avistar terra da patria depois de saudosa ausencia. Razam-se os olhos de agua tem-se vontade de beijar aquelle trapo sacrosanto como se elle sentisse a caricia, de lhe florear a haste, de a cravar nas nuvens, de chamar toda a gente para vêr que elle ali está, como ha tres seculos; ama-se, adora-se essa bandeira, como os crentes as apparições celestes dos seus delirios piedosos! Mais d'uma vez tive commoções, misturadas de enthusiasmos e amarguras, e em memoria d'ellas hei de sempre honrar essa pequenina marinha que ainda é no interior da Africa a representação mais briosa, mais digna e mais respeitada da soberania de Portugal.

A Architectura da Renascença em Portugal

POR ALBRECHET HAUPT

SUMMARIO: — *Estylo manuelino. Sua origem, relações, differenças e caracteristicos. Seu desenvolvimento, evolução e transformação. Artistas francezes chamados a Portugal. Sua influencia. A historia do paiz e a progressão architectonica.*

DE TODAS estas contribuições promanou aquelle singular estylo na historia da architectura, a que os portuguezes, desde Garrett e Herculano chamam estylo manuelino. Muito se tem discutido sobre a justeza d'esta denominação, como em geral sobre a questão da independencia essencial d'este grupo architectonico. Joaquim de Vasconcellos, em especial, affirma que elle depende inteiramente da architectura dos paizes vizinhos, e tem apontado a falta, que não se pode de todo negar, d'uma progressiva formação architectonica, como tambem o caracter arbitrario dominante n'aquella, mesmo barbaro, que por vezes confina com o extravagante. Ao mesmo tempo, não se póde negar que o caracter do estylo nas differentes provincias varía muito conforme a preponderancia de decisivas influencias, bem como não se póde negar que nas provincias do norte as construcções apresentam grande relação com as da Galliza, sua vizinha hespanhola.

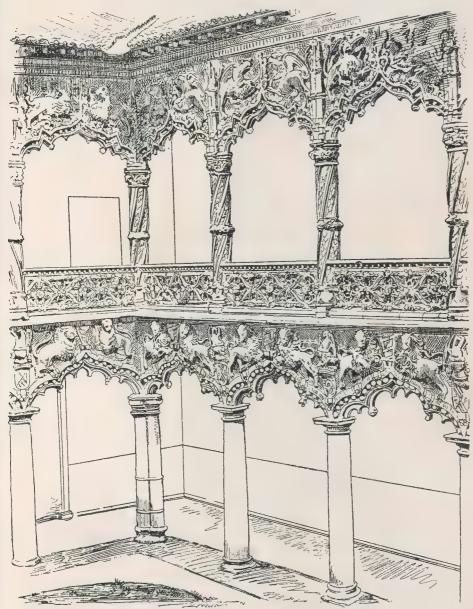
Por outro lado Vasconcellos chegou áquella final conclusão, comparando minuciosamente as construcções nacionaes com as dos paizes vizinhos relacionadas com estas; para o que era inevitavel estudar a Hespanha, com referencia á existencia ali de edificios da mesma época e do mesmo genero. Mas estas investigações nunca nos confirmaram a opinião mencionada; pelo

D'uma moldura de ombreira de portal em Santarem, existente no Museu Archeologico de Lisboa

Do pateo do collegio de S. Gregorio, Valladolid (Hespanha)

contrario, as unicas duas construcções em Hespanha que podem dizer-se um tanto aparentadas com as manuelinas—o pateo do Collegio de S. Gregorio em Valladolid com o seu portal, e o esplendido pateo do palacio ducal del Infantado em Guadalajara—teem uma differença tão distincta, tanto no caracter geral, como na execução dos *detalhes*, que póde concluir-se procederem d'uma tendencia em absoluto parecida, mas nunca que os trabalhos portuguezes dependessem dos hespanhóes. Dever-se-hia antes suppôr que estes trabalhos isolados, e n'este genero, em Hespanha, tivessem sido inspirados pelos portuguezes.

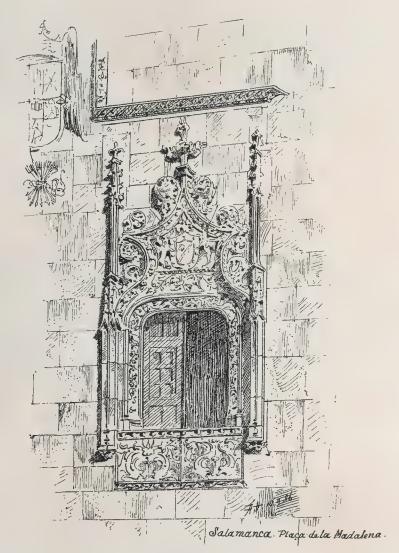
De mais, o mesclado estylo hespanhol que por pouco tempo, sob o dominio dos reis catholicos, se apresentou entre o gothico e a renascença, foi de tão curta duração e cedeu com tanta brevidade, e ainda sob o dominio dos mesmos soberanos, o seu lugar á primeira e caracteristica Renascença, o estylo platero-plateresco, que n'este ponto existe tambem differença visivel entre a Hespanha e Portugal.

Uma outra prova da independencia, ou da essencia propria d'esta arte em Portugal póde reconhecer-se no facto de se encontrarem no centro do paiz, em Lisbôa, e seus arredores, até Coimbra ao longo da costa, os mais caracteristicos e os mais importantes monumentos, ao mesmo tempo que a peculiar arte nacional diminue consideravelmente do lado da fronteira e, como já dissemos, mostra em especial ao norte uma estreita approximação dos modelos dos vizinhos hespanhóes.

A caracteristica das fórmas architectonicas do estylo manuelino não é muito facil de expressar, porque, como já dissemos, encontra-se no centro do paiz toda uma serie de grupos differentes, nos quaes prepondera um ou outro aspecto, que ora propende para o gothico secundario, para as formas mouriscas e da Renascença, ora se define n'uma maneira naturalista, toda arbitraria. Pode observar-se mais facilmente a mudança de estylo nas

evoluções transitorias. Em exemplos mais antigos, como na egreja de Christo em Setubal, vê-se apparecer bem claramente um novo çados imaginaveis, curvados, quebrados e entrelaçados; apesar de se empregar qualquer outra forma de arco mais antiga, são

Do pateo do palacio ducal do Infantado, em Guadalajara (Hespanha)

gosto no gothico das ultimas épocas. Desapparecem das aberturas as formas simples de arcos, mas são substituidas por todos os traçados muito preferidos os arcos de fôlha de trevo, de cortina, de quilha e de querena. Começa o enroscamento das differentes partes

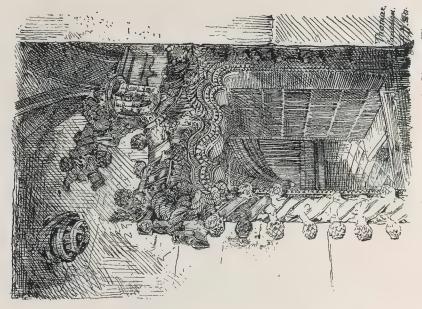
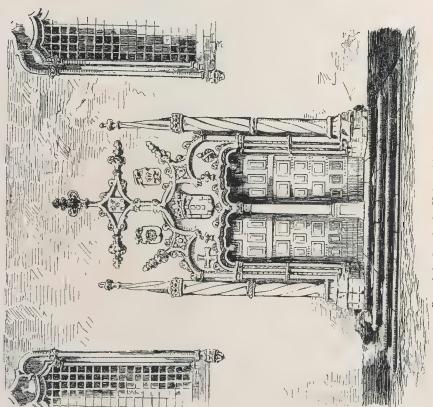
ornamentaes, principalmente das molduras, que se assemelham a grossos cabos ou calabres, das agulhas, mesmo das columnas, das nervuras de abobada *(liernes)*, forma indicada só de quando em quando em Hespanha e que certamente não é rara em motivos decorativos do gothico septentrional das ultimas épocas, especialmente no gothico flamengo. Este distinctivo particular apparece regularmente em todo o estylo e constitue uma marca caracteristica dos seus monumentos. Se n'outras regiões as peças torcidas apresentam em geral crácas, aqui consistem quasi sem excepção em astrágalos como tambem em geral é predominante a ornamentação de molduras redondas cujo profil é de tres quartos de circulo *(dreiviertelstab)*. Esses differentes entrelaçamentos tão preferidos e estes corôamentos de portas e de janellas formam-se quasi sempre de astrágalos lisos, e raras vezes são canelados ou ornamentados.

Janella de um collegio em Salamanca (Hespanha)

Este modo de applicar os elementos do gothico das ultimas épocas, tornando-se sempre mais rude e energico, mas cahindo frequen-

temente no tosco, e que por outro lado se compráz em empregar certas ornamentações pomposas, como por exemplo crácas plenas de folhagem aberta ou de cogulhos e flores magnificamente trabalhadas, passa pouco a pouco para um naturalismo vigoroso, o qual transforma os astrágalos, as agulhas, os frontões rendilhados *(wimperge)*, que cercam ou encimam as portas e as janellas, em ramos e arvores, de maneira que fazem lembrar exemplos do gothico allemão e que entrelaçam seus troncos e folhas a formarem uma folhagem ornamental extremamente encantadora.

As molduras dos pedestaes geralmente usados, que constituem um conjuncto de forma pyramidal pela indefinida penetração dos seus membros polygonaes, só pouco a pouco se ennastram de raizes, rotulas ou motivos similhantes.

Este naturalismo aperfeiçoa-se depois, bem visivelmente, pela influencia d'alguns artistas eminentes, n'um formalismo muito expressivo e singular, posto que forçado, como tão distinctamente se apresenta na celebre janella da sala do Capitulo em Thomar, e n'outras construcções. E' aqui precisamente que melhor se reconhece a mescla de fórmas india-

Da casa de campo, a Sempre-noiva, perto de Evora

Porta para a sala do Capitulo do convento de Christo, Thomar

Portal da Igreja da Universidade de Coimbra

nas, *detalhes* realmente copiados, de maneira que devem considerar-se estes extraordinarios trabalhos decorativos como deliberadas tentativas de imitar a magnificencia em extremo sentida das construcções levantinas. De par com esta orientação, misturando-se por vezes com ella, corre esta outra bem caracteristica, mastechnicamente menos importante

Motivos de janellas de uma casa de habitação, na Batalha

Janella sobre a entrada das capellas imperfeitas, na Batalha

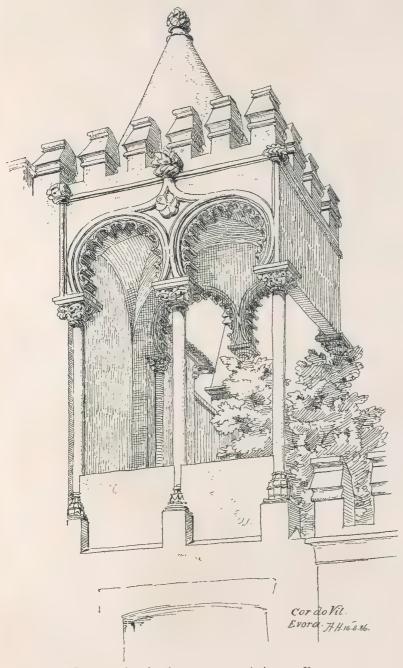
a qual emprega simultaneamente, com o gothico das ultimas épocas, fórmas de origem mourisca , em especial arcos de ferradura e dentados, columnellos, ameias, etc., principacs motivos d'este estylo architectonico. Representa aqui o ornato principal a moldura redonda cujo profil é de tres quartos de circulo *(dreivirtelstab)*.

Portal de uma casa particular de Coimbra

Esta architectura progride rapidamente desde que aceita as fórmas da Renascença, recentemente introduzidas, em primeiro lugar o ornamento. Mas esta transformação não motiva, como n'outras partes, a substituição das antigas fórmas, antes concorre para augmentar a riqueza das já existentes ; assim introduz-se com toda a regularidade na composição pitoresca e realça os contrastes pelo seu emprego calmo e muitas vezes artisticamente executado. Ao mesmo tempo torna-se evidente em toda a parte que o modo de composição é gothico das ultimas épocas e este constitue uma grande moldura na qual a ornamentação da Renascença se enquadra pouco a pouco e progressivamente. Os verda-

deiros elementos da construcção da Renascença, como columnas, pilastras, entablamentos, faltam por completo ; e predominam, até a extincção do estylo, as pequenas columnas delgadas do gothico das ultimas épocas, com capiteis de folhagens.

Da casa de campo, a Sempre-noiva, perto de Evora

Em caso de necessidade empregam-se como botareos, pilares polygonaes ou quadrados que recebem em seu contorno membros delgados e riqueza de ornamentação sobrecarregada. Nos sôccos e bases d'estes pilares ha penetrações de fórmas polygonaes, de molduras e de corpos arredondados, uso que se encontra tambem em Hespanha, mas do qual apresenta grandes e reconheciveis differenças. Nas illustrações que acompanham esta descripção, em parallelo com a Hespanha e para servir de termo de comparação, com muita difficuldade poucos exemplos se encontraram que fizessem lembrar a maneira por-

Pequeno alpendre de uma casa particular, em Evora

tugueza. As differenças, accentuando a base preexistente do caracter dos dois povos, não poderão ficar occultas a olhos experimentados.

Parece todavia que os artistas nacionaes d'aquelle tempo, não bastaram com seus trabalhos para as necessidades existentes, e assim apparece na cidade de Coimbra e seus arredores uma colonia de artistas francezes, ali chamados por D. Manuel, pelos fins do seu reinado, e talvez por conselho do architecto real Diogo de Castilho, o qual mostrava em suas obras similhanças com a maneira franceza. Além de João de Ruão (Jean de Rouen) e Nicolau, o *francez*, ficou nomeada uma serie de artistas francezes. A sua vinda deve ter sido anterior ao anno de 1517 porque n'este já mestre Nicolau parece ter começado em Belem a execução do portal principal. Este grupo de artistas começou por introduzir fórmas mais severas da Renascença na architectura e na esculptura, as quaes pouco a pouco foram perdendo os traços medievos e indianos, até que proximo do anno de 1540 soffreram uma transformação completa, segundo o espirito do tempo. Embora talvez menos numerosas e menos grandiosas as obras d'este genero, e tanto que por vezes teem de ser procuradas com difficuldade, destinguem-se comtudo pela graça dos ornamentos, habilissimo trabalho de cinzel, composição sempre encantadora e por vezes singular, de maneira que o amador d'arte, é fartamente recompensado de todo o trabalho que dispendeu para as conhecer de perto. Mas estes trabalhos são principalmente de esculptura decorativa. O seu caracter primitivamente francez deu lugar em pouco tempo a um outro completamente meridional, que se approxima da maneira hespanhola sem contudo perder a propria independencia. A mescla das diversas influencias estrangeiras, o esplendor simultaneo da pintura e da architectura ancionaes levantaram a esculptura á culminancia classica n'alguns casos, entre os quaes podemos citar os trabalhos de Santa Cruz e da Sé Velha de Coimbra.

Janella de uma casa particular em Ayamonte (Hespanha)

Do claustro de Santa Cruz, em Toledo (Hespanha)

◎ ◎ ◎

ESTA evolução da architectura portugueza, assim como a que se lhe segue, póde sómente ser comprehendida pelo estudo conjuncto da historia.

Sóco ornamentado de um pilar da cathedral de Burgos

O reinado brilhante de D. Manuel fôra, com effeito, d'uma maneira assombrosa bem favorecido da fortuna. Tudo quanto o rei emprehendeu teve bom exito, e até a natureza veio com sua contribuição accrescentar generosa as immensas riquezas trazidas de além-mar. Annos houve de abundantes colheitas como nunca se vira em Portugal. Com sua morte (1521) findou tambem este tão brilhante desenvolvimento do paiz. A immensa quantidade d'oiro que das conquistas chegava com largueza singular, a constante emigração dos homens mais validos e capazes para a defesa das extensas colonias, a con-

sequente desorganisação administrativa, suspenderam por completo a actividade productiva da lavoura e das industrias. A suppressão e a expulsão definitiva dos industriosos mouros e judeus contribuiram para accelerar a ruina interna do paiz, destino que similhantemente teve mais tarde a Hespanha.

Nos horizontes politicos de Portugal appareciam pesadas nuvens de tempestade que ameaçavam de perda as vastas possessões d'além-mar. A Hespanha já de ha muito tempo invejosa, a França, que por falta de iniciativa opportuna se sentia prejudicada na partilha, a Hollanda e a Inglaterra que pouco a pouco attingiam ao poderio dos mares, todas estendiam mãos cubiçosas para os riquissimos paizes que os portuguezes haviam adquirido á custa de enorme esforço. Uma inesperada e terrivel estiagem, consequente esterilidade, a fome e a peste, invadiram o paiz que até então fôra excepcionalmente abençoado, e que não podia agora já adquirir o necessario, o indispensavel apesar de todas as suas riquezas. Mas talvez toda esta situação houvera sido levada de vencida pela primitiva força, pelo plasma activo e excellente do velho Portugal; talvez um esforço conjugado de todas as forças, sob a direcção d'um soberano esclarecido, houvera sido capaz de lhe suspender a marcha no precipitado pendor que seguia, se a cegueira de D. João III não tivesse deixado apparecer dois terriveis inimigos internos: a Inquisição e os jesuitas, os quaes, tendo-se apoderado, como feras, da sua victima, a precipitaram, dilacerada e agonizante no abysmo da perda irreparavel. E' commovedor o espectaculo que este povo offerece nos cincoenta ultimos annos da sua existencia independente.

(Continua).

Do palacio do conde de S. Vicente, em Lisboa

N'esta época do anno tornam-se mais frequentes as perturbações electricas atmosphericas; todos se recordam de ter assistido, no mez d'agosto, quer nas campinas ardentes do sul do paiz, quer no alto das montanhas ou na profundeza dos valles das provincias do norte, a medonhas trovoadas acompanhadas em geral de chuvas torrenciaes e passageiras cujos effeitos a lavoura lastima mui justamente e cuja magnificencia sinistra apavora os menos sensiveis. D'estes phenomenos atmosphericos, n'um caso curioso, e em balão, se occupa o artigo seguinte.

No verão, ha alguns annos, uma formidavel e excepcional trovoada se desencadeou rapidamente sobre Elvas. Pela tarde escureceu o céo, e após curta ameaça as nuvens agglomeradas arrebentaram sobre a cidade, mantendo a pequenos intervallos e com a maior violencia, por espaço de tres horas e meia, um pavoroso canhoneio de aerea batalha. O fuzilar era incessante, o trovão ribombava medonho e em menos de quatro horas a chuva cahida marcava talvez no pluviometro quantidade tal que attingiria a media de um mez. Depois cessou a tempestade, que não passou a outro lugar. Apparentemente tambem parecera não ter vindo de outra parte. Originada quasi na propria area da cidade, viveu sobre ella e ali expirou.

Foi uma trovoada de verão, perfeitamente typica. As tempestades que são technicamente conhecidas como cyclones secundarios, ou pequenas areas de baixa pressão, podem formar-se em qualquer momento ou lugar nos limites exteriores das maiores depressões; e quando se originam por entre o interminavel redomoinho das correntes superiores, então, se fôr em mezes de verão, é certo seguir-se uma perturbação electrica.

Infelizmente, como se póde imaginar, não ha ainda meio de predizer com certeza onde um *secundario* poderá desenvolver-se ou sobre que porção da sua area poderá rebentar uma trovoada; e inutil é accrescentar que não pode tambem predizer-se onde ella ha de findar. Todavia as trovoadas teem, como as feras das selvas, as suas especiaes e predilectas tocas de refugio e de abrigo, e assim será ainda possivel conhecer-se alguma cousa do seu módo de proceder.

Para facilitar a comprehensão das descripções que se seguem, apontaremos algumas condições essenciaes de uma tempestade de estio. Nos primeiros momentos que as precedem, estabelecem-se grandes mudanças de temperatura, facto bem facil de verificar. Todos se recordam sem duvida de como é quente e suffocante o ar que se respira quando começam ameaças de borrasca. Depois geralmente desdobra-se sobre a terra uma cortina de nuvens tenue, emquanto que por cima se elevam pesados e negros cumulos acastellados parecendo completamente solidos, em cuja massa compacta se vêem cortes claramente traçados. Este é o verdadeiro envolucro da trovoada, a que o relampago põe invariavelmente a marca distinctiva; e a propria configuração das nuvens, com base larga e diffundida e com brancas massas de cumulos na parte superior, denuncia a existencia de uma camada mais fria e elevada da atmosphera que as condensou e na qual permanecem.

Porém talvez o seu mais notavel caracteristico seja o movimento, o qual é completa e constantemente opposto á direcção das correntes aereas inferiores e junto da terra. Assim as nuvens apparecem vindas do lado opposto ao vento; e ainda mais alto, muito mais alto,

vêem-se geralmente nuvens extensas, em regiões onde por congelação se forma o granizo que, pouco depois de abatida a violencia da tempestade, cahe trazendo para a terra o frio d'aquelles planos superiores.

Convem ainda, para entendimento do que vae ler-se, recordar dois ou tres factos conhecidos relativos á electricidade. Se se electriza uma substancia humida e depois se aquece, a sua carga electrica rapidamente desapparece com a vaporisação. E tambem, se se deixa correr, gota a gota, a agua que foi electrizada, então a carga escoa-se a cada gota. Além d'isso qualquer corpo carregado de electricidade contem-n'a só na superficie.

Portanto, admittindo que a terra seja um grande deposito de electricidade, é facil conceber-se que no tempo de verão, á medida que o vapor da agua se vae elevando invisivelmente do solo, a electricidade póssa ir passando copiosamente para a atmosphera, transportada sobre a superficie das pequeninas gotas d'agua, as quaes principiam a tomar a fórma de nuvem. Depois continua a condensação e as pequeninas gotas de agua depressa se encorporam em grossas gotas carregadas de electricidade; e por este processo, a electricidade em breve trasborda das nuvens, rompe em relampagos, causando violenta impulsão no ar, cuja vibração se transforma nas formidaveis ondas sonoras do pavoroso trovão, repercutindo-se de ecco em ecco em reflexões successivas.

Em geral, presencêa-se o espectaculoso phenomeno athmospherico cá da terra, bem longe do centro de formação da tempestade. Comtudo, occasionalmente, viajantes de altitudes teem sido testemunhas da descarga d'uma trovoada, e, tendo escapado de morrer de assombro imminente, teem descripto as sensações que experimentaram.

Nos Andes do Equador, um explorador achou-se uma vez em plena trovoada tropical que se agglomerara e rebentara em volta d'elle no cume elevado das montanhas. Elle e os seus guias estavam então a mais de quatro mil metros acima do nivel do mar, com céo claro e limpido, quando subito veio, diz elle, — sabe Deus d'onde — açoutal-os uma saraivada medonha. Procuraram abrigo protector junto dos penhascos da escarpa, e ali foram metralhados cruelmente. O volumoso granizo facetado feria-lhes as faces, molestava-lhes o corpo e com tal violencia era arremessado pela mão invisivel da tempestade, que arrancava estilhaços ás arestas vivas dos rochedos.

Seguiu-se depois uma calmaria de momentos, e, quando recomeçou a tempestade, a saraivada foi substituida pelos relampagos que principiando de fuzilar intermittentemente depressa se produziram sem intervallos, dando-se n'um unico instante multiples descargas; mas o trovão que segue a cada relampago, conta o explorador, reduz-se a um unico som secco como d'uma forte martellada, que é, accrescenta elle, tudo quanto se ouve quando se está perto da descarga.

Ha numerosas e similhantes narrativas de tempestades electricas no alto de montanhas em latitudes temperadas. Os phenomenos repetem-se da mesma forma e sentem-se os mesmos effeitos apenas o granizo é substituido algumas vezes pela queda de neve espessa. Na nossa provincia de Tras-os-Montes são frequentes, e raros serão os que lhes teem percorrido as alcantiladas montanhas que não presenceassem um ou outro d'estes surprehendentes espectaculos, mais ou menos duradouros, mais ou menos completos em todas as suas phases.

Teem-se recolhido tambem muitas narrativas sensacionaes de aeronautas colhidos em suas ascensões pelas trovoadas. Porém entre outras encontra-se recentemente a do sr. Green que teve uma vez a rara fortuna de subir através da tempestade electrica e emergir em cima na região calma e limpida. A sua observação, instructiva sob differentes aspectos, provou claramente o facto, sobre o qual se tem insistido, que similhantes tempestades se deslocam mais vagorosamente sobre a terra do que poderia deduzir-se da intensidade do vento que as tráz.

Foi n'uma tarde de agosto, soprando impetuoso vento de sudoeste, que o sr. Green subiu no seu balão em Frankfort sobre o Maine, e n'uma altura de 1.300 metros achou-se nivelado com pesadas nuvens que despejavam sobre a terra chuva torrencial, como a queda d'uma cataracta, acompanhada de relampagos amiudados e de trovões. Entranhando-se através d'ella, o balão chegou livre á região superior onde uma briza de nordeste o levou salvo da tempestade.

Do resultado d'esta observação poder-se-ha concluir que o aeronauta tem o recurso de se elevar, quando em frente veja approximar-se uma tempestade electrica, atravessal-a resoluto e descer livremente outra vez pelo lado opposto.

Todavia, n'uma outra occasião, não tendo recorrido a tempo a esta manobra, um outro aeronauta teve de empregar todos os meios para descer á terra no mais culminante momento d'uma medonha tempestade electrica e além d'isso, ainda foi obrigado pelas circumstancias occasionaes a ficar tempo bastante n'aquelle meio revolto, o que lhe forneceu ensejo de observar aquelles phenomenos extraordinarios.

«Era no mez de julho, conta o aeronauta, e n'esta época do anno e n'aquelle clima é vulgar cessarem pela tarde, repentinamente, as violentas trovoadas, ainda que voltem de novo pela noite. Portanto eu e os meus companheiros de excursões aereas, embora de noite tivesse havido trovoada, sentimo-nos justificados de arriscar uma ascensão que tinhamos determinado. Com effeito pareceu-nos que não haveria risco em a effectuar, tanto mais que o céo estava sereno e limpido, e se tinhamos de viajar com o vento parecia-nos natural suppôr que no caso d'alguma nuvem se elevar no horizonte, ella seguir-nos-hia simplesmente na viagem e guardaria de nós a relativa distancia tocada, como o balão, pelo mesmo sopro de vento. Foi este justamente o nosso erro».

E' curiosa a narrativa do aeronauta, descrevendo as diversas phases da tempestade que o assaltou em plena carreira aerea.

Ao cabo das primeiras dez milhas, percorridas em breves vinte minutos, notaram os aeronautas que por sobre as terras cultivadas que em baixo íam passando, crescia indistincta, indefinida, uma neblina azul, depois acinzentada, que escurecia o panorama e se alastrava no espaço, parecendo approximar-se do balão. Comtudo, o facto real era que a tenue nuvem não estava sendo trazida, mas formada ou condensada n'uma camada de ar mais frio que se estabelecera em baixo, no valle, cujas sinuosidades a força da corrente atmospherica os fazia percorrer.

«Olhando para cima, — diz o aeronauta — vimos o céo já todo coberto tambem de um manto negro e denso do qual algumas pedras de saraiva desgarradas vinham cahindo e resfriando o ambiente.

«Era-nos difficil vêr a parte do céo logo por cima de nós por causa do enorme globo de seda que nos levava ; a barquinha pendia do cordeame muito junta do balão. Portanto a nossa observação sobre a formação da trovoada, apparecendo de subito, envolta na neblina, foi muito restricta ; porém muitos espectadores da terra houve que a viram avançar para o balão cercando-o completamente, elevando-se muito acima d'elle, n'uma medonha massa de nuvens negras e ameaçadoras de gigantescas dimensões.

«Em terra a trovoada foi pavorosa e durou longas horas, provando o que já se tem dito, que a tempestade se desloca bem mais devagar do que o vento que a conduz e que n'este caso conduzia o balão. De todos os lados a tormenta destruidora, que se ouvia ao longe, causava verdadeiro pavor. Os raios listravam continuos e mediam a distancia da terra á nuvem que rasgavam d'alto a baixo ; uma casa foi incendiada; subitamente do lado opposto cahiam fulminadas diversas pessoas. O espectaculo era profundamente sinistro.

«Devido em parte á vista circumscripta do céo sobre a nossa cabeça, ou em parte, talvez, devida á velocidade com que o balão viajava, não pudémos reparar na nuvem que se approximava ameaçadora, como viram os que estavam a distancia em terra. Porém parece que na realidade a cortina de neblina caracteristica do principio do phenomeno se formou sobre nós justamente antes que nos apercebessemos das nuvens tempestuosas e portanto occultou-nos os enormes cumulos amontoados.»

Dá-se cousa parecida com aquelles que, navegando no alto mar, se encaminham para o nevoeiro Ficam envolvidos n'uma nevoa geral que nada lhes deixa determinar, em quanto que

para espectadores a distancia poder-lhes-hia parecer que o manto de nevoa, recobrindo a nuvem de tempestade, fosse de limites claramente definidos.

«Tão sereno, transparente, era o aspecto dos campos que durante alguns minutos observamos e tão rapidamente tudo se obscureceu em volta de nós que com verdadeira reluctancia fomos obrigados a admittir que o mau tempo nos envolvera. Minutos depois estavamos engolfados n'um cruel assalto de saraivada que nos feria e nos amolgava, retumbando com furioso ruido em cima da seda do balão. O ambiente arrefeceu extraordinariamente ; envolveu-nos uma pennugem de neve, contra a qual estavamos mal preparados. Depois arrebentou a trovoada. Até esse momento tinhamos tido poucos ou nenhuns avisos previos da furia estranha da tempestade que nos ia assaltar breve. Com effeito, a trovoada, com quanto bas-

O Balão. — Quadro de Dupre

tante medonha, não apparentava ter um extraordinario aspecto. O ribombo do trovão não era prolongado. Abafavam-se talvez os eccos pela proximidade da descarga. Mas depois seguiram-se estrondos sobre estrondos com breve intervallo, similhando descargas de artilharia abrindo fogo rapido, como nas batalhas simuladas no alto mar.

«Era com effeito uma batalha feroz e aterradora que nos cercava e nos apavorava pela novidade da nossa situação e pelo isolamento em que nos encontravamos.

«Como é natural o incommodo physico que todos sentem, quando ha forte tensão electrica na atmosphera, accentuou-se n'aquellas circumstancias, e, ainda talvez mais pela certeza de desamparo externo. O altivo balão era sem duvida um grande alvo para os raios. E embora os vissemos descer das nuvens á terra, o instincto parecia querer dizer-nos que para segurança qualquer sitio em terra ainda devia ser melhor do que na propria nuvem da trovoada.

«Porém n'um relancear para baixo vimos que não havia opportunidade de descer. Sabe se quanto delicada é a escolha de lugar de descida para o aeronauta, e como ella é perigosa quando não póde ser deliberadamente tomada em cuidadosa manobra. Assim por alguns minutos, longos e anciosos minutos, observamos, admiramos, e tagarellamos mesmo alegremente, embora os nossos corações podessem provar pelo contrario a angustia que os confrangia. Porém repentinamente um acaso deparou-nos na direcção em que eramos levados uma clareira magnifica para deitar ferro, bello porto de abrigo para quem vinha acossado do temporal, uma excellente horta como depois verificamos. A tempestade não tinha diminuido de violencia, nem a trovoada deixara de ribombar pelos espaços.

«Dez minutos mais tarde o nosso balão permanecia deitado sobre a terra, e emquanto indemnizavamos o hortelão dos estragos que lhe haviamos feito na plantação, reuniam-se em roda de nós, em grupo curioso, os camponezes que tinham observado admirados o nosso balão no céo, esperando a todo o momento vêl o rasgado, e convencidos, no seu ponto de vista, que não conseguiria livrar-se dos raios que o envolviam.»

SCENA CAMPEZINA

As Lavandeiras

O SERRALHEIRO DO REI

Continuamos no artigo que segue a serie de narrativas historicas que temos vindo publicando, nas quaes a mysteriosa sequencia dos factos incompletamente sabidos deixa entrever enigmas crueis do coração humano, motivos de psychologia complexa que desenham caprichosos entrelaçamentos de paixões e de interesses, causas occultas, por vezes minimas, e não raro determinantes, dos mais estranhos e dramaticos casos da historia.

NA MANHÃ de 21 de maio de 1792 chegou a Versailles, vindo dos lados de Paris, um homem a cavallo, vestido com o uniforme vulgar de postilhão da época. Por aquelle tempo existia n'uma das ruas transversaes da regia cidade uma loja, tendo pendurada fóra da porta, como bandeira de annuncio, uma enorme chave dourada e na qual estavam pintadas as palavras, — *Francisco Gamain, serralheiro.* — O postilhão seguiu direito até a porta aberta, e vendo dentro o dono da loja, sopesou as redeas e chamou-o pelo nome.

Ao ouvir a voz que elle reconheceu, o serralheiro largou a ferramenta e sahiu á rua, relanceando cautamente em redor. Parou perto do homem a cavallo, que se inclinou e lhe disse em voz baixa:

— Venho de mandado de sua majestade o qual lhe ordena de ir ás Tulherias. Terá de entrar pela cozinha, porque sua majestade não quer que se saiba da sua ida ao palacio.

A' palavra *ordena* a phisionomia do serralheiro expressou visivel contrariedade, franzindo por momento os sobrolhos como manifestação de desagrado. Havia já passado o tempo em que o infeliz Luis XVI podia dar ordens. Desde a sua infructuosa tentativa de fuga, um anno antes, continuára a viver nas Tulherias mais como um prisioneiro de Estado do que como um rei. Ainda se mantinham as regras da côrte, porém estavam-se tornando fastidiosas para todos com excepção dos poucos dedicados ao regimen ainda vigente. Aos ouvidos d'aquelles que respiravam por qualquer fórma o espirito revolucionario, similhante palavra *ordem* começava de ter uma dissonancia desagradavel.

— Sinto muito, Durcy, mas não vou — respondeu o serralheiro, logo que o outro acabou de lhe dar o recado.

O postilhão retorquiu desconcertado com a recusa:

— Porque não?

— Porque se alguem me vê sahir de Versailles, tornar-me-hei suspeito. Como deveria succeder, o meu antigo conhecimento com o rei é para mim agora altamente prejudicial, e sou vigiado.

O mensageiro mostrou-se muito contrariado. Instou com o serralheiro para que mudasse de resolução, mas tudo foi inutil; e viu-se obrigado a voltar para Paris com aquella desrespeitosa e insolita resposta.

O serralheiro fallára verdade, dizendo que elle era suspeito aos ardentes patriotas de Versailles, por causa do seu antigo conhecimento com Luis XVI. Este, quando era Delphim de França, tivera decidida e especial predilecção pela serralharia e ainda a conservava depois de subir ao throno. Gamain tinha sido seu iniciador nos segredos do officio.

Emquanto Luis XVI residira em Versailles, Gamain tinha ido regularmente ao palacio todas as vezes que o rei precisara de auxilio em seus trabalhos de amador. Quando tres annos antes, no principio da Revolução, a familia real fôra levada para Paris, Gamain havia ainda sido chamado por diversas vezes, porém as suas visitas tornaram-se cada vez menos frequentes, até que depois da fuga para Varennes o serralheiro deixou de ter quaesquer relações com o seu antigo aprendiz. No entanto, era natural que elle fosse apontado, com certa suspeita, pelos amigos da Revolução como um antigo mercenario da realeza.

N'este caso, era immerecida a suspeita. Francisco Gamain, ao que parece, não era feito do mesmo polme de que eram feitos os servidores devotados. Homem pouco amavel e colerico, não nutria affeições, nem mesmo pelo principe aprendiz. Parece tambem que o proprio Luis XVI difficilmente inspirava amizade a alguem. Em primeiro lugar

era fraco e voluvel de caracter; e se fazia tão bem fechaduras como sabia governar povos, deveria ter sido um discipulo que não honrasse em extremo a habilidade do mestre. Desprendido comsigo proprio em cousas grandes e graves, era todavia muito teimoso em cousas insignificantes. Desfallecia perante as investidas da populaça revolucionaria, e comtudo irritava-se com a sua joven e intrepida mulher.

Não tinha má indole, nem intenção, porém não possuia tambem nenhuma generosidade. Gamain não fôra mais bem pago, no palacio real, pelos seus serviços do que se tivera trabalhado para um simples burguez; e para homens do genero de Gamain, que consideram aquelles que lhes estão superiores em posição social, como a sua natural preza nas batalhas da vida, similhante tratamento fez-lhe o effeito de uma injuria.

Sentindo intimo resentimento contra o rei, o serralheiro achou duplamente duro que tivesse de soffrer por causa da supposta affeição á causa da realeza. Declarou-se portanto republicano e fez tenção firme de não voltar mais a vêr o rei.

... Parou perto do homem a cavallo

Pelo seu lado, o proprio Luis XVI não mostrára grande desejo de conservar aquelle conhecimento. Em geral, os reis, e sobretudo reis d'aquelle regimen e d'aquellas tradições, difficilmente admittem a possibilidade de não ser, sob quaesquer circumstancias, acolhida com enthusiasmo a sua benevola protecção; mas pouco a pouco entranhara-se no espirito de Luis XVI a convicção intima, talvez antes um sentimento indefinivel, de que Gamain não lhe era inteiramente affeiçoado. Tinha-o substituido no seu mester de auxiliar nos regios trabalhos pelo homem que partira para Versailles n'aquella manhã, a quem Gamain reconheceu através do seu disfarce de simples postilhão. Comquanto Durcy pudesse auxiliar efficazmente o rei em trabalhos ordinarios, não era todavia um serralheiro mestre como Gamain. Quando lhe surgia uma difficuldade verdadeira em cousas do officio, os pensamentos de Luis XVI dirigiam-se naturalmente para o homem brutal, mas experiente, que lhe ensinára tudo quanto elle sabia. Similhante difficuldade estava n'aquelle momento preoccupando o rei, como Gamain em breve iria descobrir. Apesar das compridas dez leguas que separam Versailles de Paris, tres horas apenas se tinham passado, quando de novo Gamain viu apparecer á sua porta o mesmo mensageiro disfarçado. Fôra mandado outra vez com novas instancias do rei, mostrando carecer em absoluto da presença do serralheiro nas Tulherias.

D'esta vez, Gamain notou com satisfação, que não se fallava já em ordens. Mas solicitações tão apertadas levantaram-lhe então no espirito suspeitosos receios. Perguntou a si proprio que qualidade de trabalho seria aquelle para o qual tão anciosamente procuravam o auxilio do seu experimentado saber e habilidade manual; e á falta de qualquer explicação, as razões que o levaram a recusar a primeira vez redobraram de força. Depois de ter esgotado todos os meios de persuasão, Durcy, o mal succedido correio, viu-se de novo constrangido a retroceder para Paris com uma recusa formal.

Afinal tornou-se evidente que o motivo do auxilio do serralheiro não era vulgar, e que no fundo havia interesses muito mais importantes do que um mero capricho real. Na manhã seguinte, bem cedo, Gamain foi acordado com a presença de Durcy, sempre disfarçado, o qual d'esta vez não trazia recado verbal, mas vinha munido d'uma carta escripta pelo proprio punho do rei. N'esta

Luis XVI tratava-o em tom familiar, de amigo velho, pedindo ao serralheiro que viesse auxiliar ao menos uma parte d'um trabalho, que nem elle, nem Durcy tinham a habilidade de completar. Bastante explicita a carta, não continha comtudo allusão alguma á verdadeira natureza da obra entre mãos.

A disposição azêda de Gamain não foi superior a estas demonstrações de affecto e de deferencia. Uma carta autographa do rei, apesar de rei impopular e ameaçado, escripta em linguagem tão amiga e supplicante, era sufficiente para abrandar os furores do republicano, como a justiça feita á sua superior habilidade, lisonjeando-lhe a vaidade, o enternecêra no seu orgulho de mestre no officio. Desatou o seu avental de couro, pôz o seu melhor casaco, e disse á mulher e aos filhos que não o esperassem de volta senão noite fechada. Pouco depois, Gamain e Durcy seguiram juntos o caminho de Paris.

* * *

Chegados ás Tulherias, evitaram passar pela entrada principal, sempre vigiada pelos guardas nacionaes, que escortinavam qualquer visita para o rei, na esperança de descobrir espiões austriacos ou prussianos. Por aquelle tempo, convem recordar, estava declarada a guerra, e um exercito allemão, reforçado pelos principes e nobres que tinham fugido de França, depois de longo rondar pela fronteira, preparava-se para marchar sobre Paris, libertar o rei da oppressão de seus proprios subditos e derogar pela força das armas a nova constituição.

Pelo seu lado, Luis XVI em seu vacillante e a um tempo temerario proceder, estava fazendo todo o possivel por destruir a constituição que havia jurado manter, e illudir todas as medidas decretadas para fortificar a causa nacional. Não era de admirar, portanto, que os partidarios da Revolução começassem de suspeitar de uma qualquer combinação secreta entre o rei dos francezes e os invasores da França, e vissem em sua mulher, austriaca de nascimento, a altiva, e irreconciliavel Maria Antonietta, uma verdadeira representante do estrangeiro, trahindo em defesa dos proprios interesses as aspirações nacionaes.

Comtudo se os guardas nacionaes podiam desconfiar de algumas das visitas do rei, não tinham razão plausivel para suspeitar da de Francisco Gamain.

O gosto do rei pela serralharia era perfeitamente conhecido, e devia ser occupação mais natural para ganhar o respeito dos homens que se propunham reivindicar as regalias populares e entrar no poder do que para infundir suspeitas. Gamain era homem astuto, mas os menos astutos ou habeis deveriam ter principiado por sentir desconfianças bem justificadas quando se vissem introduzidos no palacio pela porta trazeira e conduzidos pelos corredores particulares até a forja real.

Cada vez se tornava mais evidente para Gamain que a necessidade do seu auxilio na obra principiada, não era de vulgar importancia. O mesmo motivo que suggerira aquelles repetidos e instantes pedidos para elle vir ás Tulherias, deveria agora tambem determinar o segredo, para toda a gente, da sua presença ali, como guardar d'esta a mais profunda discrição.

Deixado só na régia officina, em quanto Durcy ia annunciar a sua chegada, o serralheiro olhou em redor com anciosa curiosidade. Os seus olhos praticos cahiram breve sobre duas peças de recente manufactura.

Era uma porta de ferro, redonda como um prato, tendo uma fechadura de mola de grande complicação, e uma pequena caixa de ferro, cuja tampa estava segura por uma mola de segredo, tão habilmente imaginada que o proprio Gamain não a poude descobrir.

Estava ainda analysando estes objectos quando Luis XVI entrou apressado, seguido de Durcy. Os comprimentos do rei ao seu antigo mestre foram verdadeiramente ternos.

— Olá, meu pobre Gamain, ha um seculo que não nos viamos — exclamou, assentando familiarmente a mão sobre os hombros do serralheiro. — O que me dizes dos meus progressos ? — começou de perguntar, designando expressamente a porta circular e o pequeno cofre. — Fiz estas duas obras em dez dias. Bem vês que sou teu aprendiz, meu Gamain !

Logo que julgou ter posto o serralheiro de bom humor, Luis XVI conduziu-o ao lugar onde seu trabalho era indispensavel.

Deve notar-se que o rei não pediu juramento de segredo a este homem, a quem não tinha visto durante um anno, que duas vezes se negara a cumprir as suas ordens, que apenas accedera com custo á solicitação de auxilio insubstituivel, e de cuja dedicação pessoal não tinha motivo algum para se fiar.

Acompanhados por Durcy, levando um candieiro accêso, entraram no quarto de dormir do rei. No canto d'esse quarto havia uma porta que deitava para uma especie de passagem occulta, a qual communicava na outra extremidade com o quarto de dormir do pequeno Delphim. Esta curiosa separação era enquadrada de madeira e muito escura. A um signal de Luis XVI, Durcy le-

vantou um dos quadrados do seu lugar, e, á luz do candieiro, o serralheiro admirado viu uma funda cavidade por trás na parede. A bocca do buraco era redonda, e correspondia

... o proprio Gamain não a poude descobrir.

exactamente á medida da porta de ferro que estava na officina do rei.

Então Luis XVI explicou a situação. Elle e Durcy haviam escavado a parede, deitando á noite o entulho no Sena. Imaginára fazer aquelle esconderijo para guardar dinheiro, na eventualidade de ser o palacio das Tulherias invadido e saqueado pela populaça. Fizera a porta de ferro para fechar a abertura, e apenas precisava agora fixal-a com firmeza no seu lugar. Neste ponto as habilidades reunidas de Luis XVI e do seu ajudante haviam falhado, e o rei então pensara n'elle, no seu antigo mestre.

Foi esta a explicação do mysterio. O serralheiro aceitou-a sem commentarios. Principiou a trabalhar. Primeiro aperfeiçoou a fechadura da porta, limando-a convenientemente para a tornar mais facil de correr e reforjando a chave, para a tornar de mais difficil imitação. Depois a porta foi levada para a pequena passagem, onde se fixaram os gonzos á alvenaria emquanto que do lado opposto se metteu a chapa de caixilho para receber a lingueta da fechadura.

Era n'esta parte do trabalho que existia a principal difficuldade. O rei, que estava ajudando a obra, mostrava-se nervoso e impaciente todas as vezes que se ouvia maior ruido, e instava continuadamente com Gamain para que trabalhasse menos de rijo. Como ao mesmo tempo lhe pedia tambem urgencia, parecia ficar de mau humor pela menor perda de tempo. A tarefa não foi facil para o habil serralheiro. Tentára usar do málho, mas o rei quasi lh'o prohibira e comtudo sem alguma violencia era quasi impossivel unir os gonzos de ferro ao rebordo da abertura. Accrescente-se ainda que o trabalho era feito á luz de candieiro, n'um pequeno e apertado recinto, e sob a constante apprehensão de ser descoberto por qualquer guarda que andasse na pista d'uma supposta traição real.

Tendo despido o casaco e desapertado a gravata, o serralheiro entregou-se á sua tarefa horas após horas; corria-lhe o suor pela face; quasi exhaustas as forças por falta de alimento. Era já noite quando finalmente se completou o trabalho. A porta ficou aberta, prompta, com um simples e rapido impulso, a ser cerrada pela fechadura de mola e de segredo tão depressa se collocasse dentro o famoso thesouro. A chave unica que a podia reabrir foi guardada na caixa de ferro que Luis XVI fizera de ante mão, a qual foi tambem escondida de baixo de uma lage n'uma das extremidades da pequena passagem.

Tanto quanto podia fazer a precaução humana, parece que tudo se realizara para que o dinheiro, pelo qual o rei se mostrava tão extraordinariamente afflicto, devesse ficar bastante seguro. A chave do cofre de segurança aberto na parede ficara guardada n'uma caixa, da qual só talvez, Luis XVI soubesse o segredo. O proprio lugar onde fôra occulta era só conhecido por quatro pessoas, tres que se limitaram a uma parte da sua construcção e uma outra, aquella, talvez, que suggestionara a feitura da obra. Mas seriam bastantes estas precauções? Não aconselharia a prudencia maxima a que fossem tomadas outras mais efficazes?

❀ ❀ ❀

Quando Gamain, exhausto por oito horas de incessante trabalho, sahiu da estreita passagem para o quarto do rei, estava quasi desfallecido; o proprio Luis XVI apressou-se em lhe offerecer uma cadeira para elle se sentar, ao mesmo tempo que lhe pedia desculpa de lhe ter imposto tão ardua tarefa. Depois o rei e Durcy abriram as gavetas d'uma secretaria, donde tiraram quatro sac-

cos de couro, cheios de luizes de oiro, e pediram ao fatigado Gamain que os ajudasse na contagem.

Cada um dos quatro saccos continha um milhão de francos, de módo que a totalidade de mais de oitenta mil moedas de oiro tinham de ser contadas. Gamain começou de os ajudar; porém, não obstante attento á contagem, não estava tão absorvido que deixasse de notar que Durcy tirara da mesma secretaria uns maços de papeis.

O serralheiro tinha ido para o palacio sob uma disposição suspeitosa no seu espirito. As extraordinarias precauções de que fora testemunha, levaram-n'o a estar de olho vivo e imaginação desperta e agora perante o facto que notára em Durcy, suggeriu-lhe no animo a idéa de que todo aquelle contar de dinheiro era simples comedia, imaginada com o intuito de lhe distrahir a attenção e de lhe deixar ficar a impressão de que o verdadeiro motivo que levára o rei a fazer aquelle cofre de segurança era apenas o de guardar o thesouro.

Na realidade, o seu malicioso instincto insinuou-lhe o presentimento de que o cofre se destinava a receber e occultar cousa bem mais importante, cuja guarda segura era caso de vida ou de morte para o ameaçado rei. Tal seria o conteudo d'esses documentos para que o montão de moedas que estava contando fosse simples disfarce ? E por quê teve o rei tanto cuidado em lhe occultar a verdadeira applicação do cofre e do esconderijo ?

Gamain continuou contando o dinheiro com estes pensamentos a trabalhar-lhe na imaginação. N'aquelle momento o rei, notando só então que elle nada comera desde manhã, propôz-lhe que ficasse no palacio para cear. Julgando pelos passados costumes que aquella offerta significava ter de cear com a criadagem e cheio das falsas idéas de egualdade, o serralheiro recusou o convite. Luis XVI propôz-lhe ainda de o mandar para casa n'uma das suas carruagens. Gamain recusou. Não queria ser visto chegar a Versailles de fórma que podesse levantar suspeitas aos patriotas da vizinhança. Tinha além d'isso outro motivo, o seu mau humor. Julgava-se illudido e tratado com menor confiança do que a aparentada, chamando-o para um trabalho secreto. Esta supposição punha-o n'um estado de desasocego e de irritação, em que havia aquella heterogenea mistura de medo e de despeito que na psychologia dos caracteres mediocres se transforma a revezes em odientas perversidades vingativas. O seu desejo era sahir d'ali, quanto mais depressa melhor.

Finalmente acabára-se a contagem do oiro que foi reposto nos saccos de couro, promptos para serem armazenados no secreto armario e Gamain levantou-se para se retirar.

Até aquelle momento elle não vira nem fallára a ninguem no palacio, exceptuando Luis XVI e Durcy. O rei tinha-o informado de que ninguem, além d'elles tres, nem mesmo a rainha, sabia da construcção d' aquelle esconderijo. Porém quando Gamain se dispunha a sahir, abriu-se repentinamente uma porta dissimulada na tapeçaria, ao pé da cama do rei, e entrou no quarto Maria Antonietta.

Gamain comprimentou todo atrapalhado, suppondo naturalmente que esta inesperada apparição era tão perturbadora para o rei como para elle proprio. Qual foi o seu espanto ao vêr dirigir-se para elle a formosa e altiva rainha, segurando com as suas proprias mãos reaes uma pequena bandeja, e fallar-lhe n'um tom não somente gracioso, mas quasi de sympathia.

— Gamain, meu amigo, você deve estar bem fatigado; beba este copo de vinho e coma esta *brioche.* Tem uma grande caminhada a percorrer e isto ha-de confortal-o certamente.

A rainha collocou n'uma mesa ao lado

... o rei ajudava o trabalho.

d'elle a bandeja onde havia apenas um unico copo de vinho e uma pequena *brioche.* O serralheiro, que ainda estava em mangas de camiza, gaguejando em seus agradecimentos,

confundido pela excepcional amabilidade da altiva princeza austriaca, que n'outro tempo nem sequer notára na sua existencia, pegou no copo, e respeitosamente bebeu á saude de sua majestade. Depois enfiou o casaco, e metteu a *brioche* na algibeira para levar para casa para os filhos.

Luis XVI renovou-lhe os agradecimentos despedindo-se amigavelmente do seu mestre serralheiro, e finalmente Gamain sahiu das Tulherias.

Tal é a primeira parte da narrativa que d'este caso fez o proprio Gamain, á qual Luis XVI, em seu processo, oppoz uma negativa formal, até o desconhecimento da existencia do famoso armario, o que, contrariando a evidencia, impressionou desfavoravelmente o tribuanl. Ha n'esta exposição minudencias que revelam bem o cuidadoso resguardo com que Gamain se defende de qualquer suspeita de affecto á realeza; como ha tambem uma natural sequencia de factos que motivam a sua veracidade, até o momento de apparecer de subito a rainha. Aqui principia a duvida. A scena prepára evidentemente um effeito dramatico.

... *segurando com as suas proprias mãos reaes*...

⁂

Tres semanas depois, Luis XVI, exercendo o seu poder real nos termos da nova constituição, recusa terminantemente a sancção ao decreto da Assembléa Nacional, auctorizando o alistamento de vinte mil voluntarios para a defesa de Paris, e demitte o ministerio popular.

Em 20 de junho, a populaça invade sem resistencia o palacio das Tulherias; mais curiosa do que hostil percorre os salões, sem se lembrar talvez de que está commettendo uma violação de domicilio. Chega á porta do quarto do rei, o qual manda abrir e deixa entrar os invasores, homens, mulheres, até creanças, uns armados bizarramente, outros levando flores e ramos verdes. Dirigem-lhe conselhos e ameaças. Apresentam-lhe um barrete vermelho, que o rei põe na cabeça, Expludem os applausos. Offerecem-lhe uma garrafa de vinho; o rei bebe *á nação*. Novos e estrepitosos applausos. Finalmente chegam os deputados enviados pela Assembléa para proteger a pessoa do rei. A multidão dispersa-se e evacua o palacio. O rei mantivera firmemente a sua resolução. Não fizera parante a manifestação atrevida a minima concessão. Todavia o povo pedira-lhe que sanccionasse os decretos.

A 11 de junho, na assembléa, perante um silencio profundo e solemne, o presidente Dubayet levantou-se gravemente e pronunciou a formula que propuzera Vergniaud — *cidadãos, a patria corre perigo*. Em 22 de julho, justamente um mez depois da construcção, bem opportuna, do celebre *armario de ferro*, aquella resolução suprema da Assembléa era lançada em pregão festivo a todo Paris.

Em 25 de julho, o commandante das forças alliadas da Austria e da Prussia pôz em marcha o seu exercito em direcção á fronteira e fez divulgar aquella fatal proclamação, ameaçando Paris de execução militar, se fosse tocado um só cabello da cabeça do rei. Em 10 de agosto appareceu a replica de Paris. N'aquelle dia a populaça novamente invadiu as Tulherias, mas d'essa vez foi a côrte que sahiu. O rei foi suspenso das suas funcções e preso no Temple com a familia real.

Em 20 de setembro, o exercito da Revolução ganhava a sua primeira victoria contra os invasores, e começava a marcha triumphal que havia de arvorar a bandeira tricolor em todas as capitaes européas, desde S. Petersburgo até Lisboa. Um dia depois implantava-se a republica em França e a brochura narrando o — *Julgamento de Carlos I de Inglaterra* — era vendida profusamente nas ruas de Paris.

Em 6 de novembro, Valazé, em nome d'uma commissão especial da Convenção Nacional lia um relatorio sobre os crimes imputados a Luis XVI, classificando-o de traidor. Durante quinze dias agitou-se a questão, absorvendo a attenção geral.

No dia 19, Francisco Gamain levantou-se da cama onde jazera doente e dirigiu-se a Paris.

O ministro do interior n'aquelle momento era o marido da celebre madame Roland. Estava trabalhando no seu gabinete, quando o informaram de que um serralheiro de Versailles lhe queria fallar, porque tinha de lhe communicar um assumpto grave e de alta importancia.

Gamain foi mandado entrar, e então fez ao surprehendido ministro a narrativa dos factos com que abrimos este artigo, denunciando a existencia do secreto armario no palacio real agora abandonado, dentro do qual, lhe parecia, se encontrariam papeis da côrte, confidenciaes e sem duvida importantes.

Roland ouviu-o até o fim; e depois levantou-se e seguiu logo para as Tulherias, imprudentemente, sem se prevenir das necessarias testemunhas, apenas um architecto; o que permittiu ser accusado mais tarde de ter sonegado alguns papeis. Gamain encaminhou-se sem hesitação para a passagem escura entre os dois quartos de dormir, levantou o quadrado de madeira e descobriu a porta de ferro. Abriram-n'a em seguida. As suspeitas de Gamain foram plenamente justificadas. Os saccos de oiro tinham desapparecido, mas em seu lugar estava um maço de documentos, provando fóra de toda a possibilidade de duvida ou de controversia que Luis XVI e sua mulher tinham tomado parte activa no convite aos austriacos e prussianos de invadir a França e que a propria recusa do rei em sanccionar os decretos do governo fôra adoptada em conselho com o estrangeiro.

Passados dois mezes, a cabeça de Luis XVI cahia cortada pela guilhotina, e antes d'um anno a desgraçada Maria Antonietta seguia seu marido no mesmo horroroso e fatal destino.

Que motivo levou Gamain áquella compromettedora denuncia? Que sentimento de perversidade calculada lhe determinou a revelação? O resentimento de injurias recebidas e abafadas a corroer surdamente as fibras d'alma? O odio, esta paixão tão natural como o amor, que vae buscar raizes no instincto de conservação para defeza propria e legitima? Ou a vingança, esta outra paixão humana, sequiosa, enebriante, tocada de volupia, toda *musculosa*, no dizer energico d'Albert?

❀ ❀ ❀

Gamain explicou o seu proceder. Continuemos agora a narrativa do que lhe succedeu depois de sahir das Tulherias, n'aquella memoravel noite de 22 de maio.

N'essa occasião já estava escuro. Gamain tinha promettido voltar para casa ao cahir da noite, e achava-se ainda no centro de Paris, com um longo caminho adiante de si. Apesar de estar com fome, não quiz deter-se a comer antes de partir, seguindo logo pelos Campos Elyseos. Os candieiros da illuminação da avenida estavam apagados, e o serralheiro tropeçava a cada passo na escuridão.

... Roland ouviu-o até ao fim.

Chegara perto do Sena quando de subito se sentiu atacado de tremendos espasmos anciosos, acompanhados da sensação de ter as entranhas em fogo. As dores eram tão agudas que o desgraçado dobrava-se na caracteristica contorsão da colica, e por fim cahiu exhausto junto d'uma das arvores, gritando dolorosamente.

Felizmente para Gamain aconteceu passar n'aquelle momento, uma caleça e ao som dos seus gritos desesperados a pessoa que ia no vehiculo deitou a cabeça fóra da portinhola e ordenou ao cocheiro que parasse.

Apeou-se, e dirigiu-se para o lugar onde estava cahido Gamain, seguido pelo cocheiro que levava uma das lanternas da carruagem. Gamain tivera a sorte estranha de encontrar por acaso providencial um medico, o qual logo se persuadiu que o serralheiro tivesse sido envenenado.

Levantaram-o do chão caridosamente e transportaram-o na carruagem á botica mais proxima, situada na rua do Bac. Ali o medico, que se diz ser inglez, ministrou um poderoso vomitorio, e gradualmente foram passando os peores symptomas. Pela madrugada o compadecido doutor levou-o a Versailles e restituiu-o á familia que afflicta o esperava desde a vespera.

Foram chamados dois outros medicos residentes em Versailles, e confirmaram o diagnostico de envenenamento. Trataram do doente e só ao cabo de tres dias o declararam livre deperigo; porém continuava a ser grave ainda a doença e muito vagarosa deveria ser a cura completa, se chegasse a tel-a, visto que o systema nervoso fôra particularmente affectado, tendo-se manifestado paralysias parciaes, e dores vivissimas e erraticas pelo corpo todo.

. *dirigiu-se para onde estava Gamain...*

A horrivel crise por que passou varreu da imaginação de Gamain a lembrança da *brioche*.

Emquanto esteve suspenso entre a vida e a morte, uma criada de casa, ao escovar o casaco que o serralheiro levára a Paris, encontrou por acaso n'uma das algibeiras aquelle bolo. Trincou um bocadinho, mas como o achasse com um sabor desagradavel deitou a *brioche* ao pateo onde foi comida por um cão, o qual morreu instantes depois. A criada foi atacada dos mesmos symptomas da doença do seu patrão, comtudo com menos gravidade. O cão foi autopsiado por um dos medicos que lhe reconheceu no estomago grande quantidade de sublimado corrosivo.

Durante todo o tempo da doença, Gamain recusou terminantemente responder ás perguntas que lhe faziam para se determinar como lhe fôra ministrado aquelle veneno, e proceder nas consequentes averiguações do crime. Proviria este silencio de hesitação que houvesse no seu proprio espirito sobre os auctores e o motivo do crime?

Os acontecimentos d'aquelle dia nas Tulherias tinham-n'o feito, a despeito da sua vontade, cumplice e sabedor d'um dos taes segredos de estado, que tantas vezes são fataes para quem os conhece.

Se no seu espirito desconfiado alguma duvida se suscitara sobre a applicação do cofre de segurança que fôra completar ás Tulherias, suspeitando de que era para guardar outra cousa differente de dinheiro, ainda que a somma attingisse quatro milhões de francos, agora para elle essa duvida desapparecêra. Os papeis que Gamain vira nas mãos de Durcy, evidentemente, continham promenores de qualquer negociação tão importante, como perigosa, quando descoberta, para a segurança do rei e da rainha. A conservação do segredo era motivo sufficiente para qualquer sacrificio, ainda que fosse da vida d'um homem que por necessidade entrasse na confidencia. E elle vira muito, mesmo demais.

A historia está replena de casos similhantes, crueis mas necessarios, justos até, na logica do despotismo, quando a vontade pessoal é lei, desde o tempo em que os escravos que cavaram a sepultura de Alarico foram sentenciados á morte pelos chefes visigodos, para que a sepultura do heroe ficasse desconhecida e tranquilla para todo o sempre.

Gamain soffreu e esperou. Elle bem sabia

que não tinha testemunhas para chamar á corroboração da sua historia extraordinaria. Sedento de vingança, luctou durante longos cinco mezes com a morte e no momento em que pela apresentação dos papeis do famoso armario, unica prova em justificação do seu depoimento, podia influir sobre o destino do rei desthronado e preso, levantou-se tropego e arruinado de saude e fez a denuncia.

❀ ❀ ❀

Seriam positivamente exactos os factos contados por Gamain? Porque motivo poderia ter elle inventado o drama politico? Qual a razão de calumniar cobardemente o seu antigo aprendiz? Com effeito teria Gamain sido envenenado? E n'este caso por quem?

Como é sabido, dois annos depois o governo da revolução concedia a Gamain uma pensão annual de mil francos, como soccorro a uma victima do antigo regimen, e da qual viveu até a sua morte em 1800. N'essa occasião apresentou a sua petição justificada e houve o parecer favoravel ao pedido. Tanto um como o outro documento foram publicados e impressos. Para instruir o processo havia outras peças essenciaes, e entre estas os relatorios dos dois medicos de Versailles que trataram Gamain e que tinham reconhecido o veneno. Ficaram manuscriptos e no tempo da Restauração estes papeis todos desappareceram dos archivos. Em 1836, Pierre Lacroix, que não pode ser suspeito ao realismo, fez inquerito em Versailles junto de pessoas que haviam conhecido ainda o serralheiro, o Gamain filho, mestre de Luis XVI, como Gamain pae o fôra de Luis XV; e perguntado sobre o assumpto em consulta particular respondeu em carta que na sua narrativa não tinha incluido tudo quanto sabia.

Subsistem portanto para corroborar a historia de Gamain dois factos: — a indubitavel descoberta dos papeis depois da denuncia d'elle, e os horriveis effeitos da doença sobre o seu organismo.

Gamain viveu ainda oito annos, portanto, quem quizesse refutar tão grave accusação contra a memoria do infeliz rei e da desgraçada rainha tinha tido sobeja opportunidade para examinar e verificar as declarações do serralheiro.

Nunca foi refutada a accusação; como tambem nunca foi seriamente investigada.

Os historiadores preferiram relatar o caso, appondo não um veredicto de *não provado*— mas de—*não culpado*—ao quesito d'este julgamento. Os subsequentes soffrimentos e o tragico destino de Luis XVI e de sua mulher predispuzeram todo o mundo a julgar d'elles com compaixão, como de egual modo fôra julgada a bella rainha da Escossia de que nos occupámos n'um anterior artigo. Ao lado dos Robespierres e dos Couthons das Revoluções, o regio par ainda apparece como anjos de luz.

Pouco a pouco em redor da sua memoria formou-se uma lenda sentimental. E' sem duvida tarefa ingrata atacar quem na morte teve cruel expiação. A maioria das memorias dos seus ultimos annos são o trabalho de devotados servidores e de camaristas, os quaes souberam o que era escutar o som das rodas da sinistra carreta, vinda dia a dia parar ás portas das prisões. Nos seus livros, em geral publicados depois da Restauração, transparecem bem claramente os effeitos d'aquelle tempo de terror. Na sua linguagem nervosa parece que só havia n'aquelle periodo duas qualidades de seres humanos em França: — d'um lado o rei, a rainha e os seus defensores e protectores, que eram santos immaculados; e do outro lado o povo francez, todos os restantes que eram sem excepção canibaes enfurecidos.

Comprehende-se, portanto, a attitude d'estes escriptores de memorias sobre a narrativa do serralheiro Gamain. Para elles não lhes pareceria naturalmente que fosse accusação para ser refutada, mas uma blasphemia demasiadamente grande para ser discutida. Fizeram sobre ella deliberado silencio, que, embora pareça incredulidade, pode tambem significar conveniencia em occultar. Repugna admittir como verdadeira em todos os promenores a narrativa de Gamain. Mas subsiste impenetravel o mysterio de quem lhe offerecera o copo de vinho envenenado e a *brioche* que mata um cão. Negados ainda estes factos por falta de contraprova dos relatorios desapparecidos, mas indubitavel a doença do serralheiro, repugna que houvesse imaginação tão perversa que soubesse inventar e attribuir a envenamento os estragos organicos soffridos só para obter uma pensão, tudo tão calculadamente preparado, que até pede, no momento da denuncia, silencio absoluto sobre o seu nome, como na verdade se fez, para dois annos depois vir solicitar a compaixão do governo revolucionario. Indecifravel enigma.

Aspecto geral do palacio

O Solar de Hatfield

Com o volver dos annos, evolução das ideas e iniciação do novo reinado, lord Salisbury, primeiro ministro de Inglaterra, chefe de partido, indiscutivelmente um dos vultos mais proeminentes da politica europea, depoz nas mãos do rei Eduardo VII a sua pasta de ministro, entregou a successão do seu partido e retirou-se da vida politica activa. Este facto justifica e torna opportuna a resumida descripção, que em seguida se publica, da sua sumptuosa residencia senhorial.

O solar de Hatfield data do XII seculo em que era sede episcopal, cuja construcção se attribue ao bispo de Lincoln. Levantado sobre uma ondulação do terreno, sufficientemente isolado de povoação, mas rodeado d'uma magnifica decoração rustica, abrigou durante largo tempo numerosos dignitarios e membros de congregações religiosas, até que por inesperada transacção, representando, ao que se diz, o preço d'um bispado, o Bispo Goodrich fez cedencia d'elle ao rei Henrique VIII, o qual o encorporou nos bens da corôa.

O segundo capitulo da historia do solar de Hatfield é todo prehenchido pelas recordações da que foi depois rainha Elisabeth. Foi ali que ella viveu na sua mocidade, onde escreveu as suas cartas mais caracteristicas, os seus versos e livros. Alli recebeu a nova da sua ascenção ao throno, realisou a sua primeira recepção real, e nomeou secretario de estado o celebre lord Burleigh.

A sua ultima visita ao palacio de Hatfield, a que ligava todas as bellas lembranças da sua juventude, foi pelos annos de 1576. Ainda hoje se conservam nas suas galerias os melhores retratos d'esta rainha, constituindo nma preciosa collecção de pinturas dos antigos mestres.

A terceira e ultima época do solar de Hatfield começa quando entrou na posse dos Cecils por uma curiosa transacção. O rei Jayme I encantou-se pela residencia senhorial da familia Cecil, em Hertfordshire, chamado o solar de Theobaldo, e propôz a Robert Cecil, seu proprietario de então, e futuro conde de Salisbury, a troca dos dois solares, e assim Hatfield passou novamente dos bens da corôa para habitação particular.

O seu novo proprietario reconstruiu quasi todo o palacio, impremindo-lhe com o estylo architectonico, chamado de Elisabeth, uma sumptuosidade, vasteza e ornamentação, verdadeiramente notaveis.

Esta reconstrucção suppõe-se ter terminado em 1612, embora se não tivesse realizado todo o plano adoptado pelo conde de Salisbury, ficando apesar de toda a sua imponencia, mescla da renascença italiana e do estylo inglez, muito áquem da grandeza projectada. Na decoração interior prodigalizou elle tambem os mais custosos trabalhos de talha em madeira, forrando as paredes de magnificos lambris, sobrepujados por tapeçarias originaes; como tambem dedicou o maior cuidado á plantação dos seus jardins e terraços, e ao desenvolvimento do vasto parque de caça que cerca o solar n'uma extensão de mais de dez milhas.

O conde de Salisbury não gosou, porém, muito tempo d'esta residencia, á qual tinha dedicado tão assiduos cuidados. Tem o seu tumulo de marmore na capella de Hatfield, monumento condigno d'um dos mais notaveis homens de estado de Inglaterra, como agora o foi tambem o seu descendente.

Rodêam o jazigo quatro figuras de mulher, symbolisando as quatro virtudes cardeaes—Prudencia, Justiça, Temperança e Fortaleza — e a esculptura do proprio conde recobre o plano superior do tumulo.

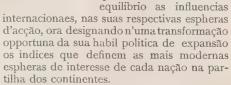
O Marquez de Salisbury

Em contraste com a magnificencia d'esta artistica memoria do primeiro conde de Salisbury, repousam agora, cá fóra, no parque, debaixo da relva verde, em sepultura rasa, os restos mortaes da mulher e do filho do actual marquez.

Em 1835 houve um incendio que destruiu parte do palacio, e d'este desastroso acontecimento foi victima a avó de lord Salisbury que morreu queimada. Era uma formosa e elegante senhora que o pincel de Reynolds immortalisou n'um dos seus mais celebres retratos.

A actual residencia de lord Salisbury conserva ainda toda a sua antiga magnificencia. Foi alli que elle nasceu em 1830, filho mais novo do segundo marquez de Salisbury, o que lhe não proporcionava a menor esperança de herdar os titulos e de vir a ser chefe de familia. Seu pae casara duas vezes e tivera nove filhos; porem em 1868 lord Salisbury, cujo nome todo é o de Roberto Arthur Talbot Gascoyne Cecil, bem inesperadamente entrou no titulo e na posse dos bens dos seus antepassados.

E' para o solar de Hatfielel que o demissionario primeiro ministro, retirando-se da politica activa, em que tão singularmente predominou, vae repousar entregando-se aos seus trabalhos favoritos no seu *den*, laboratorio chimico. Lord Salisbury é tambem eminente electricista, como habil photographo amador e na illuminação do seu vasto palacio ha numerosos attestados da sua sciencia e conhecimentos technicos n'esta parte da physica. Na sua installação muitas applicações e aperfeiçoamentos; hoje vulgares tiveram antecipada realização.

Na vasta livraria, entre as magnificas collecções de tropheus e de armaria antiga que guarnecem o vasto claustro do rez do chão, entre as sumptuosas collecções de quadros celebres e de ricas tapeçarias, que ornamentam as galerias superiores, vae sem duvida continuar a trabalhar por distracção lord Salisbury, o antigo jornalista profunpamente satyrico e violento da *Saturday Review*, o concentrado homem de estado, que durante longos annos teve suspensa a paz da Europa dos bicos da sua penna humoristica e innovadora, redigindo as notas da complexa diplomacia ingleza dos ultimos tempos, limitando ora os principios que devem manter em equilibrio as influencias internacionaes, nas suas respectivas espheras d'acção, ora designando n'uma transformação opportuna da sua habil politica de expansão os indices que definem as mais modernas espheras de interesse de cada nação na partilha dos continentes.

Foi tambem n'este solar sumptuoso, antiga residencia real, replena de recordações historicas, que o homem de estado affeiçoou o seu caracter violento, trabalhador, ás exigencias exhaustivas do cargo de chefe de partido e de governo d'uma nação tão vasta e tão poderosa como é a Inglaterra, e amoldou o seu vasto saber e conhecimento dos homens e das cousas ao difficil mistér de lhes aproveitar as qualidades ou de lhes utilizar os ensinamentos e até os defeitos.

Da sua origem aristocratica, apurada na tradição e na herança de homens notaveis na politica e nas funcções publicas; da sua educação; do meio em que se desenvolveu; das suas luctas pela vida no tempo em que filho mais novo d'uma numerosa familia, ca-

sando contra a vontade do pae, que julgava quebra de nobreza a alliança da sua casa com a d'um simples juiz honrado e intelli-

Sala de Recepção

gente, tinha de aecrescentar com trabalho o seu modesto rendimento; ou da sua robusta organisação, e da visão constante das magnificencias da sua residencia senhorial poderá, quem seguir o systhema ou methodo critico de Taine, deduzir as mais elucidativas consequencias e as mais suggestivas apreciações da obra politica de lord Salisbury.

Além do aspecto geral do palacio, n'uma das suas faces, damos nas illustrações apenas a gravura d'um dos salões e d'uma das casas de jantar, a chamada de inverno. Abundam no solar os aposentos historicos: o quarto do rei Jayme I, mobilado ainda á antiga; o quarto de Wellington, onde existe um magnifico retrato do famoso duque-general e onde se vê dispostas em glorioso tropheu algumas bandeiras tomadas em Waterloo; o quarto de Cromwell, nome tradicional d'um dos aposentos, embora não haja noticia de haver ali dormido alguma noite; os quartos da rainha Victoria, que duas vezes se hospedou em Hatfield; o quarto de lord Beaconsfield, o predecessor do marquez de Salisbury na chefia do partido conservador, e muitos outros ainda. A livraria é riquissima em manuscriptos, contendo a mais notavel collecção de correspondencias politicas, diplomaticas, e familiares sobre notaveis periodos da historia ingleza e sobre relações internacionaes. Como curiosidade, pode vêr-se na livraria a celebre geneologia da rainha Elisabeth, que a lisonja cortesã levou de ramo em ramo até o tronco primitivo de Adão e Eva. Ha na livraria uma pintura-retrato do duque de Monmouth, que tem uma historia curiosa. O duque foi accusado de menos lealdade para com a corôa, e o senhor de Hatfield patrioticamente mandou apagar no quadro a cara do duque. Mais tarde, um dos proprietarios do solar mandou pintar na téla a sua effigie aproveitando o restante. Passou-se

Sala de Jantar

tempos, houve necessidade de restaurar o quadro, em virtude d'esta reappareceu o antigo retrato do duque.

GIPSY

VALSA PARA PIANO POR C. L.

p
dolce
cresc. poco a poco
f
dolce
mf
ff
mf
ff
1.
2.

p
mf
p
Ped.
Ped.
1.
2.
Ped.
Ped.
ff
mf
Ped.
Ped.
Ped.
Ped.
ff
Ped.
Ped.
Ped.
pp
dolce
Ped.
mf.
pp
Ped.
Ped.
Ped.
Ped.
Ped.
1.
2.
cresc.
poco a poco
f
pp
p cresc.
Ped.

Coda
poco a poco
f
ff
cresc.
ff
Ped. * Ped. * Ped. * Ped. * Ped. *
ppp
Ped. * una corda
cresc.
Ped. * Ped. * Ped. * Ped.
tre corde
mf
pp
* una corda
tre corde
Ped. * Ped. * Ped. * Ped. *
ff

CAPITULO SEGUNDO

Do que succedeu á senhora Moss, e seu marido, após a morte de Pedro Braz; e em que se relatam as aventuras d'alguns antigos moveis do espolio do velho fazendeiro.

A SENHORA Moss fôra esmeradamente educada e vivera com seus paes n'uma farta mediania. Aprendera todas aquellas pequenas prendas, todos aquelles delicados lavores que compõem em geral a instrucção da mulher. O destino foi-lhe, porém, singularmente adverso. Pouco depois da morte de seus paes a quem amára ternamente, casou com Henrique Moss, logista, com armazem de novidades, situado n'um bello local, fazendo excellente negocio. Era um activo e intelligente trabalhador e ganhava muito regularmente com a sua numerosa clientela.

Alguns mezes depois do seu casamento succedeu que uma poderosa empresa de grandes armazens, abrindo succursaes em differentes pontos da cidade, em lucta cruel de concorrencia esmagadora veio abrir nova loja defronte da de Moss. Puzeram-n'a a cargo d'um gerente ao qual deram carta branca de despezas pelo espaço de seis mezes.

— O senhor tem só uma cousa a fazer, — disse-lhe o chefe da firma. — Consiga inscrever nos seus livros o nome do publico; sirva-o depressa para que não vá a outra parte. Tire d'elle o menor producto possivel, e Moss terá em breve de fechar a porta.

Durante semanas consecutivas a imaginação reclamista do gerente esgotou-se em inventar meios de attrahir freguezes. Por ultimo, aos sabbados á noite, uma banda vinha tocar defronte das portas da loja, e a multidão que se agglomerava para ouvir, entrava ainda que não fosse senão para vêr os artigos expostos á venda. Por fim acabava por comprar.

O sr. Moss em breve viu desapparecer da sua loja os habituaes freguezes. Na lucta desegual, ferozmente egoista, fôra vencido. Estava arruinado. Na noite de sabbado antecedente á abertura do novo armazem, elle, sua mulher e empregados tinham tido muito que fazer. Quando fecharam a porta, deram balanço á sua caixa, contaram pouco mais ou menos setenta libras. No sabbado seguinte, elle e os seus caixeiros estiveram de braços cruzados junto do balcão deserto, emquanto que a multidão enchia e animava a nova succursal dos grandes armazens.

A desventura attrahe a desventura; e cousa peor do que a perda da freguezia succedeu ao pobre rapaz. Perdendo animo, procurou readquiril-o no estimulo da bebida. Foram baldados os conselhos de amigos; tudo completamente inutil. Em breve se afundou no mar da vida. Teve de fechar a loja e liquidar desastrosamente. Elle e sua mulher procuraram, em Sydney, auxilio entre as antigas firmas com quem negociavam; mas o vicio de beber apoderara-se d'elle cruelmente, violento e dominador. Perdeu empregos após empregos. Na occasião em que os encontramos no decurso d'esta narrativa, elle e a mulher sentiam ter chegado ao ultimo extremo. Por mais de dois annos tinham vindo descendo a escada estreita que leva á peor miseria.

A senhora Moss, corajosamente, tentou toda a sorte de expedientes para conservar a loba faminta fóra da porta. Fazia costura, e outros trabalhos de phantasia, indo vendel-os de porta em porta. Quantos se illudem nas metropoles julgando que as colonias são terras livres de toda a qualidade de pobreza, e apenas plenas de riqueza e de oiro! Tanto aqui, como no Brazil, como em Inglaterra, como na Australia! Se conhecessem bem Sydney, não a vida superficial da cidade, mas os caminhos escuros da existencia humana, encontrariam a pobreza no seu mais cruel aspecto, não só a pobreza que se apresenta á vista,

mas aquella que se não lastima, de todas a peor, aquella que, com o coração dilacerado de desespero, se occulta sob um veu de respeitabilidade apparente. Poucos sabiam da miseria d'aquelles dois infelizes. A unica irmã da senhora Moss, casada com um negociante rico e feliz de Victoria, uma grande dama ali, sabia tudo, mas era de coração duro e cruel, como ha muitos. Nunca estimára Henrique Moss, e agora gloriava-se quasi no seu mesquinho rancor do que ella chamava as suas previsões. Reduzida a uma situação afflictiva, a senhora Moss escreveu-lhe contando-lhe as suas tristes circumstancias. Veio em resposta uma carta da mulher opulenta, dizendo que para ella a sua casa estava sempre aberta, e á sua meza tinha ella o seu lugar, mas só ella. Mais uma vez pegando no seu cestinho de artigos de agulha, a senhora Moss dirigiu-se para um suburbio distante, mas muito populoso, esperando poder vender uma ou outra renda, caprichosamente trabalhada em volutas, como a tortura do espirito amargurado.

Estava um dia quente, e ella apenas tinha dinheiro sufficiente para uma parte da viagem. Andou, portanto, a pé o necessario, talvez umas quatro milhas, para chegar á estação do caminho de ferro d'onde podia completar o transporte e tomou o comboio, esperando com o producto das vendas poder pagar a passagem de volta, e reservar ainda alguma cousa para as mais instantes despesas. Percorreu metade do afamado arredor onde chegara com tanto esforço; porém foi infeliz. Fechavam-se-lhe as portas na cara; e n'aquelle dia o publico, o proximo anonymo, parecia excepcionalmente grosseiro. Com o coração angustiado, ia soffrendo o progressivo desengano. Todo o mundo parecia desapiedado n'aquelle dia.

Longas horas passadas, entrou no terreiro ou pateo particular em volta do qual se alinhavam gentis, dentro de jardins, as casas de aluguel para a estação calmosa. Não tinha vendido ainda um unico artigo, e pedia vehementemente em sua devoção intima que ao menos ali tivesse felicidade. Olhou em volta como para procurar qual seria a casa a que primeiro fosse bater. Nem comprehendia a razão por que as mirava em escolha preferente, se ellas eram apparentemente tão similhantes.

Empurrando a grade aberta da terceira casa entrou no jardim todo florido e bateu á porta. Appareceu-lhe logo a propria dona da casa. Offereceu-lhe o seu pequeno fornecimento de rendas, porém recebeu a resposta que toda a manhã ouvira.— Não, obrigada, nada preciso hoje.— Comtudo havia uma doce brandura na voz que recusara a offerta. Parecendo-lhe que iria morrer nas ruas, a senhora Moss comprimentou, voltou costas para seguir nas tentativas, mas os primeiros passos foram vacillantes e perturbados. A senhora da casa viu isso, e chamou-a novamente.

— Está muito calor e parece fatigada. Não quer sentar-se por instantes?

Na varanda do atrio estava um banco; a senhora Moss sentou-se. Estava verdadeiramente fraca. Nada tinha comido desde as oito horas da manhã, e então tomára apenas uma fatia de pão e uma chicara de agua disfarçada em chá.

— Sente-se mal? — perguntou a boa creatura, amavel e attenciosa, — ia justamente tomar o meu chá da tarde, portanto, se quizer, não me incommoda, terei muito prazer em lh'o offerecer.

Foi isto dito com um modo tão bondoso que na physionomia empallidecida da senhora Moss transpareceu visivel assentimento.

A boa samaritana apressou-se em dizer-lhe:

— Deixe-se estar sentada aqui, emquanto eu vou fazer o chá. Aqui ha sombra, e frescura — e desappareceu serenamente.

A senhora Moss não era de natureza sentimental, porém a bondade commoveu-a, e desatou a chorar. As lagrimas fizeram-lhe bem, e quando a santa creatura voltou sentia-se muito melhor.

— Queira entrar, venha para a minha casa de jantar.

Sobre a meza estava uma bella e abundante refeição, sem duvida mais do que o habitual para o chá da tarde.

A senhora entreteve-a conversando e offerecendo-lhe desaffectadamente os pratos.

Reconfortada a senhora Moss pegou no cesto e preparou-se para se retirar. Sentia-se outra, e a perspectiva de ter de voltar a pé para casa não lhe parecia já tão medonha; tal é a influencia poderosa do corpo sobre o espirito.

— Se por acaso vier outra vez aqui, procure-me, e venha vêr-me. Faz-me favor, aceita-me isto? Embrulhei algumas *sandwiches* para si. Não provou d'ellas agora, e eu sou um tanto vaidosa com as minhas *sandwiches* de presunto e lingua de vacca. Dir-me-ha como as achou quando voltar. Juntei-lhe estas rosas; as flores alegram sempre. E' tão suave o perfume. Desejo-lhe mil felicidades, — e apresentou-lhe o sacco de papel com as *sandwiches* e as flôres.

A senhora Moss agradeceu-lhe serenamente, mas com a mais funda gratidão. Pareceu-lhe que a fortuna começou de a pro-

teger, porque vendeu diversos artigos dos que levava, e renasceu-lhe n'alma a luz da esperança. — Os bons desejos da santa creatura acompanham-me — dizia ella comsigo.

Pelas seis horas da tarde seguiu para a estação do caminho de ferro; lembrou-se então de examinar o conteudo do sacco de papel. Não continha apenas *sandwiches*. Havia bolos differentes e entre estes um pequeno objecto embrulhado n'um pedaço de papel branco. Tirou-o para fóra. Continha duas meias corôas, e sobre o embrulho estas palavras escriptas: —Para que lhe traga felicidade.—Arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas, e estimou que na estação estivessem poucas pessoas, as quaes nem mesmo notaram a sua commoção.

❀ ❀ ❀

Viveu alegremente alguns dias com a lembrança d'esta viva sympathia. Em verdade, mal podem calcular-se as consequencias que attingem no espirito e na vida dos outros as nossas mais simples acções de bondade ou de maldade. Vieram, porém, tristes e crueis dias ainda; e ella escreveu uma vez mais á irmã pedindo-lhe que se servisse da sua influencia para lhe obter uma occupação. A irmã respondeu-lhe que, se ella estava resolvida a abandonar de vez o marido, promptamente a auxiliaria.

— Nunca! — exclamou n'uma espontanea expansão de dignidade, quando acabou de ler a cruel carta. — Casei para partilhar com elle da boa ou da má sorte, elle foi sempre para mim bom marido. Não o hei-de abandonar nos seus dias de desgraça.

Foi por este tempo que encontrou Pedro Braz no Parque Publico, n'aquella nunca esquecida tarde.

— Terão felizmente fim todos os nossos desgostos, — disse comsigo, quando mezes depois o velho Pedro Braz lhe declarou a intenção de deixar a sua fortuna a João Millington e a ella para ser dividida entre ambos. — Henrique terá opportunidade de fazer nova vida, e de se regenerar, o infeliz. Teremos a nosso cargo uma das pastagens, e minha irmã convencer-se-ha de que n'elle nem tudo é para desprezar.

Terminado o funeral do velho fazendeiro, João Millington trouxe para fóra a caixa de cartas que estivera sempre n'uma secretaria ao lado da cama, com a plena convicção de que encontraria ali dentro o testamento.

—Não o posso descobrir — dizia elle, emquanto despejava a caixa sobre a meza. Reuniram-se em redor os amigos e procuraram tambem, mas nenhum testamento se encontrou.

—Que elle o fez — continuou — é certo porque conheço duas testemunhas que o assignaram.

— Sabe quem o redigiu? perguntou um dos visinhos d'uma pastagem proxima, que viera ao enterro.

— Elle proprio, sem duvida, porque perguntou-me como o havia de fazer e dei-lhe todas as indicações.

Procuraram-n'o em toda a casa, de cima abaixo, mas em nenhuma parte foi encontrado. Fizeram annuncios nos jornaes pedindo informações e solicitando a entrega d'elle, se alguem o tinha em deposito; porém nenhuma resposta appareceu. Os dois nego-

ciantes da cidade que haviam servido de testemunhas vieram dizer que tinha sido escripto em papel muito ordinario; — tão aspero, que a minha penna pegou-se e resaltou quando assignava o nome — promenorisou um d'elles. Escripto em papel aspero ou macio, nada fazia ao caso; que havia testamento parecia um facto e tanto bastava. Devia esperar-se simplesmente.

O pobre João Millington todavia soffreu um triste desengano. Ainda que novo na sua profissão e cheio de energia e habilidade, bem sabia quanto era duro, apesar do merito verdadeiro, conseguir ter exito sem dinheiro, mesmo em Sydney. Com habilidade e talento póde ganhar-se fortuna ao cabo de muito tempo; porém, em quanto não chega esse tempo, está-se tristemente embaraçado e estorvado por falta de meios. Via muitos com metade da habilidade que elle possuia, e cujos cofres estavam bem providos, obtendo posições para as quaes eram completamente incompetentes, ao passo que elle, com os conhecimentos e talentos exigidos, tinha de ficar para o lado a trabalhar, e trabalhar rudemente. Pobre rapaz, esperava realizar breve os seus sonhos dourados, e via-os bem depressa desfeitos! Julgou prudente affastar-se para occultar a sua profunda desillusão.

A senhora Moss ficou como que petrificada, vendo destruida toda a sua espectativa de ventura. Voltariam de novo os dias de cruel e torturada pobreza e o seu coração confrangia-se em dolorosa angustia.

Todavia a sua brilhante energia d'alma, que a fé viva fortalecia em doces visões de esperança, reappareceu. — Não importa. Não perca o animo — dizia ella, pousando a mão sobre o braço do moço advogado. Tudo ha de acabar bem, verá.

No quarto de cama do velho Braz havia um antigo movel, meio armario para livros, meio secretaria de construcção artistica, que poderia ser bem estimada por entendedores de antiguidades. Examinaram-n'o detidamente. Não lhe encontraram nada de valor; comtudo a senhora Moss não quiz separar-se d'elle. — Hei-de compral-o no leilão — dizia ella — assim como aquella poltrona velha. Como sabe, era de sua especial predilecção; e tambem desejava ficar com o retrato a oleo.

— Não te devem servir para muito — replicou o marido, que viera a Malugalala para assistir ao funeral — Só se fôr para te recordar como o velho vos illudiu, aos dois.

— Não, Henrique, não nos illudiu; ainda has de vêr.

Com effeito no leilão da mobilia, ella comprou os objectos que tencionára adquirir, e por instante pedido de João Millington guardou uma bacia de majolica antiga e uma colher de prata muito amolgada. Porque motivo o velho Pedro Braz estimava estes objectos, nunca ninguem o soube.

As propriedades passaram á administração judicial, para serem entregues a quem de direito pertencessem, antes do periodo de devolução para o estado.

© © ©

Durante mezes, as economias realizadas em vida de Pedro Braz, foram consumidas na esperança de resolução favoravel, porém não podiam durar muito e um dia chegou em que a senhora Moss e seu marido se encontraram outra vez na antiga situação. Viviam então em Stanmore, e grandes foram as privações que tiveram de soffrer. O inverno foi rigoroso, e muitas noites foram passadas ao lado do fogão da sala de espera da estação do caminho de ferro, porque não tinham meios de poder ter agasalho na propria casa. Voltou á sua peregrinação dolorosa de percorrer as ruas da cidade e dos suburbios até ficar exhausta pelo cansaço na venda dos pequenos lavores.

Um dia encontrou João Millington no jardim botanico, — um bello jardim. onde a natureza foi habilmente auxiliada pela arte. Nenhuns jardins na Australia são tão bem cuidados, nem mais bem delineados. Corre fama de que esta collecção de plantas de ar livre e de arbustos excede em variedade as mais ricas plantações dos da Europa. Na extensão de quarenta acres, a belleza do seu copado arvoredo e dos seus talhões de plantas numeradas e etiquetadas, matiza-se com a de fontes, lagos e estatuas classicas que a vista descobre a cada instante entre os massiços de verdura. O panorama que se desfructa é de inexcedivel encanto e formosura.

— Então nada sabe a respeito do testamento? — perguntou a senhora Moss, emquanto se sentava n'um banco do jardim á sombra espessa d'uma arvore cujas raizes grossas e recurvas, á flor da terra, se iam banhar nas aguas limpidas d'um lago. O moço advogado tinha entre mãos uma causa celebre e difficil, e cujo fim esperava levar a exito favoravel coroando-o de fama. Isto occupava-lhe os pensamentos dia e noite, descontando já em satisfação o que o vencimento da demanda lhe daria em provento.

— Estou ás vezes inclinado a pensar que o tio Pedro Braz fez com effeito um testamento; mas por qualquer motivo destruiu-o depois — disse elle quasi para si.

— O senhor Pedro Braz era um bom homem, e elle havia de ter cumprido a

sua palavra, — replicou a senhora calorosamente.

— Assim o espero, mas elle era muito excentrico, e ninguem sabe nunca o que esta gente excentrica quer fazer d'um momento para o outro.

Alguns dias depois d'esta conversa, Henrique Moss voltou para casa com apparencia muito abatida e em extremo afflicta.

— Não houve outro remedio, minha querida — disse-lhe tristemente — Bem podiamos morrer, a felicidade está inteiramente contra nós. Ha tempo, dei para garantia d'um emprestimo, os moveis da nossa casa. Devia tel-o dito, mas esperava que no intervallo algum feliz acaso nos succedesse de fórma que os podessemos resgatar, mas agora já é muito tarde. Veem hoje tomar posse d'elles.

Sem dizer palavra sua mulher, toda tremula, entrou no quarto, pôz o chapeo na cabeça e sahiu de casa. O marido olhava para ella silenciosamente. Nem tentou detel-a na resolução. Helena Moss caminhou direita, sem uma unica vez olhar para trás. Seguiu sem direcção, á aventura, nada vendo, nem sabendo mesmo para onde ia. Um só pensamento se apoderára de todo o seu ser — o desejo de fugir.

— Não tenho casa, não tenho casa, repetia mentalmente — e o seu cerebro n'uma insistencia morbida parecia esfacellar-se. Caminhava sempre sem saber para onde. Parecia-lhe que devia andar até onde encontrasse a morte. Finalmente parou.

Inconscientemente fôra levada a casa d'uma amiga que por ella tivera sempre viva e benevola sympathia. Automatico proceder que a desventura determinara. Contou-lhe o succedido.

— Onde ias? perguntou-lhe para a chamar á realidade.

— Não sei. Talvez para a morte.

— Não sabes? o que queres dizer com isso?

— Quero dizer que não tenho casa, minha querida, já t'o disse. Bem vês vae cahindo o dia, e o sol estava bem alto ainda quando a deixei — disse, olhando em redor, n'um magoado volver d'olhos tristes.

Muito singela e bondosamente a sua amiga procurou consolal-a, incutir-lhe esperança, reanimar-lhe o espirito abatido. Concordou primeiro com o desespero da desventurada senhora Moss, estimulou-lhe a dôr, aggravando a situação com propositado intento, até a levar pela exaltação e pela aceitação do seu desvairado proceder á crise suprema das lagrimas. Depois foi-lhe pouco a pouco mostrando a insania da deliberação que to-

mára, foi contrariando o primeiro acordo, como quem se convence a si proprio d'um erro pela reflexão insistente, e se admira da sua semrazão evidenciada.

— Oh! minha querida — exclamou com angustia a senhora Moss, — sinto que Deus me abandonou completamente.

— Não. Enganas-te. E' noite, bem vês. A noite é boa conselheira, diz o rifão. A'manhã, ver-se-ha o que se pode fazer.

No dia seguinte a mobilia foi vendida, e os velhos objectos e moveis que haviam pertencido a Pedro Braz, foram parar ás mãos de estranhos.

— Quem compraria a tigela e a colher amolgada — perguntou dias depois a senhora Moss, quando podia já serenamente referir-se ao succedido, n'aquella resignada pacificação de espirito que succede sempre ao facto consumado. — Esses objectos não tinham belleza alguma, em verdade, e todavia eu gostava d'elles. Sabes minha bôa amiga, todas as vezes que por acaso a colher chocava e resoava no concavo da tigela parecia-me ouvir um som de voz inarticulada vindo de dentro.

— Tu sempre foste supersticiosa. Esquece essa illusão. Bem sabes que a nossa imaginação perverte a simpleza das sensações. Mais um erro dos teus ouvidos — replicou sorrindo a amiga da senhora Moss.

Afinal decidiu-se a procurar ainda uma vez o advogado, e pedir-lhe auxilio para conseguir algum trabalho ou occupação.

— Apesar de odiar a vida do matto, no interior, disse ella, vou pedir ao sr. Millington se nos arranja lugar nas pastagens. Meu marido como guarda-livros e eu como governante, talvez. Se podessemos conseguir ir para Malugalala que bom seria. Gósto d'aquelle sitio, e tendo de viver no matto era para ali que eu desejaria ir.

A esperança renascia; a lucta pela vida recomeçava! Com effeito procurou João Millington.

— Sabe — disse elle, apertando-lhe a mão, estava pensando em como havia de a encontrar. Appareceu um pretendente á herança de Pedro Braz.

— Sim? Quem?

— Um rapaz que se intitula sobrinho neto do nosso velho amigo. Diz elle que sua avó era irmã de Pedro Braz. Chamava-se fulana de tal Candler, e se fôra parecida com o neto, deveria ter sido grande falladora, verdadeiramente opposta ao nosso amigo — e sorriu-se. — Este Candler parece-me ser um grande desavergonhado. Dirigiu-se-me, pedindo que tomasse conta da demanda. Quando recusei, dizendo-lhe que tinha interesse na causa, mostrou-se muito admirado, porém eu tive a suspeita, talvez maliciosa, de que a surpreza era mais um meio de querer levar a conversação a extremos delicados e inconfessaveis, e que vinha ter comigo com algum fim reservado. Não me perguntou que qualidade de interesse era o meu, o que o tornou um tanto suspeitoso. Elle lembrou que poderiamos guardar os cavallos na mesma cavallariça, usando d'uma pitoresca expressão de creador de gado do interior do matto.

— Não haverá probabilidades do meu marido obter um lugar de guarda-livros ou de administrador de qualquer das propriedades da herança?

— Não, creio que não... por ora, quero dizer — corrigindo-se, tendo notado na tristeza e contrariedade que lhe transparecera na physionomia. — Todos os lugares estão occupados; a justiça proveu-os logo, mas hei de procurar conseguir algum se vier a vagar.

— Obrigada: mas o que havemos de fazer entretanto? perguntou descorçoada.

— Procura tambem lugar para si? E ao gesto affirmativo da senhora Moss, continuou: — Pois bem, um amigo meu, solteiro, precisa de uma pessoa para lhe governar a casa. E' um litterato. Teria duvida em aceitar?

— Nenhuma — replicou ella anciosamente.

— Elle é pobre, como geralmente são os litteratos, portanto não lhe poderá dar grande remuneração.

— Não importa, de toda a forma aceito. Ainda não lhe contei que todas as cousas que comprei no leilão de Malugalala, incluindo mesmo a colher e a tigella foram vendidas?

— Vendeu-as?

— Sim. Foram vendidas ha poucos dias' deixe-me vêr, ha quinze dias. Tudo quanto nos ficára dos bens do velho Pedro Braz foi-se agora — acentuou com tristeza.

— Eram cousas muito antigas na verdade, porém nada bonitas.

— Em todo o caso, tenho pena de as ter perdido.

A senhora Moss foi ser governante em casa de Francisco Clapp, amigo de João Millington; mas seu marido foi com o vicio de beber descendo cada vez mais no abysmo da miseria; por fim tornou-se um *habitué* do Parque.

❀ ❀ ❀

Em virtude da execução judicial promovida pelo credor do sr. Moss, houve leilão do mobiliario, e a velha cadeira, o retrato a oleo e a estante-secretaria de Pedro Braz passaram á posse d'um eventual concorrente ao leilão, o qual se impressionou pela similhança d'esses objectos com outros de que

tinha lembrança de ter visto na antiga herdade da terra onde passara a sua mocidade, e comprou-os por este simples motivo quasi indifferentemente, como inexplicavel capricho de momento!

A colher e a tigela forão adquiridas pela amiga da senhora Moss, a quem as offertou, ficando encantada de as tornar a possuir.

Não raro a longa duração de certos objectos permitte-lhes uma existencia aventurosa, e a sua historia reproduz muitas vezes as vissicitudes da vida de seus possuidores. Têem tambem o seu destino, ora tranquillo e feliz, ora revolto e desventurado. Gosam longos annos da ventura repousada d'um bom e cuidadoso tratamento, e subito acompanhando evoluções imprevistas passam a ser arrastados, de leilão em leilão, de casa em casa, em peregrinações estranhas. Descem aos desvãos escuros dos adelos, ou sobem aos mais elegantes salões; encontram por vezes os seus antigos donos, que os abandonaram por capricho voluvel ou por necessidade inadiavel, testemunhas mudas e impassiveis dos mais extraordinarios successos. A duração dos moveis transforma-se na imaginação de muitos em existencia; a sua utilidade liga-se pelo uso de quem os possue aos proprios affectos e sentimentos. Despertam amizade. Ha-os sympathicos e attrahentes, ou repulsivos e intoleraveis como as pessoas. Possuem physionomia propria; soffrem com o tempo as mutações e os aspectos da vida humana. E pela reciproca influencia das cousas, n'uma inversão psychologa em extremo vulgarisada, moveis ha que na crença popular absorvem a alma dos que os tiveram, abrigam os espiritos que andam penando no invizivel mysterio, e determinam assim pela sua presença, embora inerte e inanimada, singulares destinos aos que os adquirirem. Ha antigualhas fatidicas que os *bric-à-braquistas* conhecem como molestas, cuja historia de desventuras occultam compradores, e de cuja influencia nefasta se arreceiam em supersticioso temor.

Mezes depois do leilão, o comprador dos velhos moveis de Pedro Braz regressou á metropole; porém não se desfez d'elles, ao contrario incluiu-os na sua bagagem, cuidadosamente empacotados, como quem aprecia cousas antigas. Assim os moveis acharam-se de novo no paiz onde haviam tido origem e d'onde tinham sahido muitos annos antes. Pouco depois, o seu novo possuidor começou de sentir inexplicavel aversão por aquelles objectos, e aproveitando o ensejo de renovar a sua casa pol-os em leilão. Os tres objectos, formando um lote, foram parar ás mãos de novo comprador que os levou para sua pequena mas confortavel habitação.

— Sempre tive um fraco por mobilias antigas, minha querida mulher — dizia Walter Reid, examinando-os detidamente como verdadeiro amador—comprei-os por uma tuta e meia.

Completavam a familia de Walter Reid tres creanças, duas filhas e um filho. Catharina, a mais velha, tinha desesete annos: Luiza, sua irmã, quinze; e Alberto doze annos de idade. Era uma familia que se sentia feliz e contente amando-se mutua e ternamente. Walter Reid era secretario particular de uma antiga casa commercial onde estava desde rapaz. Sua mulher era d'uma compleição delicada, d'uma saude muito fragil, a quem elle amorosamente abrigava das tempestades da vida.

Catharina attrahia em verdade a attenção. Os seus cabellos cahiam em ondas de oiro fulvo em volta do pescoço, emmoldurando-lhe o gracioso oval do rosto. Os seus olhos de um azul escuro tinham lampejos de saphyra e o tom aveludado das faces recordava o timido colorido das rosas esmaecidas. De altura mediana, graciosa e distincta em todos os movimentos, era deliciosa no convivio amavel e attrahente. Paes e irmãos tinham por ella verdadeira adoração. De natureza bondosa retribuia aquelle amor com tudo quanto lhe cabia na alma de affavel e meigo.

Seria fatalidade que acompanhava a mobilia do velho Braz? Seria o seu espirito que não podia descançar, como se diz na supersticiosa linguagem popular, e não deixava descançar aquelles com quem acontecia ter contacto? Certo é que um elemento de desasocego entrou n'aquella serena e tranquilla morada, com a acquisação dos velhos moveis. Pela primeira vez, na sua vida de casado, Walter Reid achou prazer em alterar a disposição do seu *home*, voltou a sua casa de cima abaixo e alterou a decoração de todos os quartos. N'aquellas mudanças cahiu a parte superior da secretaria de Pedro Braz. Saltou para fóra um pedaço de papel, e um sobrescripto velho. Com natural curiosidade tomou d'este onde leu apenas as palavras—Tenha-se cuidado — o resto estava apagado. Investigou miudamente a fenda pela qual tinha sahido o papel; porém sómente tirou d'elle bocados, nos quaes nada podia ler-se, nem ajuntar-se. Seria imaginação? N'aquelle momento pareceu-lhe ouvir um som estranho como d'um suspiro prolongado. Olhou em redor; não estava ninguem no quarto, portanto deveria ter-se enganado.

Mezes depois a sua mimosa mulher começou de perder as forças e a definhar-se

com assombrosa rapidez. Elle fez tudo quanto poude para a salvar; breve ficou viuvo. Durante semanas inteiras parecia não poder levantar-se d'aquelle abalo doloroso. Ia para o seu trabalho mechanicamente, com aspecto perturbado e profundamente abatido. Para maior infelicidade o chefe actual da firma era o sobrinho do seu antigo patrão, homem novo não tendo grandes sympathias. O homem a quem Walter Reid tinha sido desde rapaz dedicado morrera e o novo patrão não tinha grandes sentimentos de benevolencia para com o seu empregado. Esperou algumas semanas depois da morte da mulher de Reid para lhe fallar, porém afinal perdeu a paciencia e notou-lhe a sua falta de attenção ao trabalho. Talvez não lhe tivesse fallado com brandura; certo é que Walter Reid mostrou-se resentido.

— E' melhor que eu me retire — disse elle desesperado.

— Tambem me parece melhor — foi a resposta aspera, que completou com um conselho.

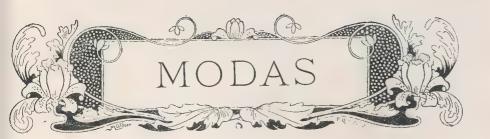
O melhor plano de sua vida nova seria experimentar as colonias. Seria ao mesmo tempo uma mudança de scenas e de vida.

A principio Reid recuou horrorisado pela idéa. Separar-se e para tão longe da sepultura da mulher? Não, não podia fazer similhante cousa. Mas, como se passasse tempo e elle não podesse socegar, decidiu-se finalmente a partir.

Com o coração despedaçado deixou aquella pequena casa, onde passára tão felizes annos. Catharina portou-se corajosamente pelo amor do pae, mas as duas outras creanças deram largas á sua dôr.

A mobilia foi toda vendida, excepto a cadeira e o quadro que pertencera ao finado Pedro Braz. Catharina pedira com tanto empenho que se levassem aquelles objectos como recordações da antiga casa que seu pae accedeu. A antiga papeleira foi comprada por um mercador de mobilias e por muito pouco. Um perito, ligado com uma das grandes casas de mobilias de Londres viu-a, e reconhecendo-lhe o verdadeiro valor comprou-a. Era uma antiguidade genuina, real, e um certo duque, colleccionador maniaco de antiguidades, deu por ella dois mil guineos, e assim ficou occupando um lugar de honra n'um dos mais luxuosos salões. Se a senhora Moss tivesse recebido aquelles dois mil guineos pelo seu velho movel, quanto lhe teria sido bom! A mobilia do velho Pedro Braz ficou d'esta forma dispersada pelas differentes partes do mundo.

(Continua).

(Adaptado do inglez).

MODAS

Por muito justa que seja a critica habitual da variação continuada de modas e de usos, é certo tambem que de mez para mez, na sequencia natural das estações, e correlativa mudança de vida, que o mundanismo elegante impõe, está em grande parte justificada aquella successiva variabilidade de adaptação. Assim, agosto, marcando a intensidade maxima do estio, a permanencia nas casas de campo ou a frequencia ás terras de aguas e de thermas, em geral no interior do paiz, proporciona ensejo de se usarem os vestuarios leves, em tecidos transparentes abundantes de rendas, profusamente abundantes de rendas, como durante este anno, as *toilettes* frescas, impressionistas, adequadas á paizagem florida dos jardins ou á sombreada espessura dos arvoredos copados.

Mas chega setembro, que inicia a melancolica suavidade dos longos crespusculos outunaes, finamente repassados da humidade que se evola dos pequenos aguaceiros caracteristicos, e chega ao mesmo tempo a forçada deslocação dos grupos elegantes para as praias.

É evidente que as *toilettes* tem fatalmente de se adaptar ao novo meio ao ambiente da beira-mar; e se em latitudes temperadas, como no nosso clima, o verão se prolonga, a brisa agreste não resfria completamente as tardes, e portanto ainda se pode prolongar tambem o uso dos vestuarios vaporosos, comprehende-se egualmente que para regiões menos benignas a frescura das tardes faça contraste muito evidente com a leveza do traje e se tenham de adoptar novas formulas de córte, como novos tecidos e confecções.

Para as dominadoras nas regiões do bom tom, sempre sensiveis á menor desharmonia mundana, são perfeitamente naturaes as exigencias de mudança que as modistas fornecedoras e desejosas de vender rapidamente satisfazem.

Tornam-se necessarios ligeiros abafos para os resfriamentos subitos, requerem-se vestidos cujo tecido supporte o bater da areia fina das dunas movediças, se prestem ás matutinas sahidas pela hora do banho, que a maré determina, sejam bastante simples e praticos para as rapidas composições, sem espelho de grande formato, sob a incommoda tenda de lona ou dentro da pequena casota de madeira; *toilletes* emfim que facultem o subito embarque na canôa ou no *yacht* de recreio em imprevista excursão ou partida de pesca, como o inesperado convite de tomar logar no automovel ou no *break* de amaveis conhecidos que passam em visita á praia proxima ou em exploração d'um logarejo qualquer que a fama classificou de encantador.

Bem sabemos que no rigor do mundanismo e de elegancias dispendiosas cada um d'estes casos, que compoem a vida das terras de beira mar, com o petexto de banhos, tem a sua *toilette* propria, expressamenie delineada e composta; porém é muito restricto o circulo onde estes rigores e exigencias teem realização, e onde as condições de riqueza ou de prodigalidade

permittem sem nota de affectação dispendios tão avuliados e quasi inuteis.

Por isso, e para o nosso meio, em que a vida de praias é communicativa, quasi familiar, embora dividida em grupos pelos divertimentos ou pelas selecções forçadas da sociedade, mas tão proxima e conhecida que alcunhas tradicionaes os distinguem, por isso, íamos dizendo, a escolha de *toiletes* obedece áquella multiplice applicação, e na combinação preferida apenas se destaca o intelligente gosto de quem pensadamente a compôz.

N'esta orientação foram escolhidos os modelos que illustram esta secção; e tendo sempre em vista que não estamos fazendo jornal de modas, nem annuncio de determinadas casas, procuramos fixar typos geraes que possam servir de guia nas escolhas ou possam ser utilisados em apropriações especiaes.

A primeira illustração reproduz um elegante e muito usado casaco em moiré preto ou castanho escuro com enfeites de renda de Irlanda, denominado *Monte Carlo*, adequado a servir de abafo e de resguardo, podendo vestir-se sobre as blusas, com dupla romeira muito graciosa, e de mangas largas, curto, frente cahindo direita, costas ennesgadas para lhe dar o arredondado e largo da fórma no rebordo inferior.

A segunda illustração reproduz um genero muito simples e elegante que deve predominar durante a estação balnear. O primitivo modelo compunha-se de saia de *piqué* branca com a jaqueta encarnada, enfeites e gola de velludo preto, botões dourados, *toilette* de *mail-coach;* tem depois sido executado com variantes, em *cheviote* azul escuro para se adequar melhor a bordo de qualquer *yacht*, e n'outros tecidos de côr cinzenta que se apropriem áquelle côrte. A saia composta de sete pannos ennesgados pode fazer-se mais ou menos comprida conforme a applicação deliberada, não tendo cauda, que em nenhum modelo se harmonisa com a praia, onde este anno, no dizer dos que exercem a astrologia das modas, se prevê apparecerem definitivamente as saias bastante curtas. A caracteristica do modelo está nas costuras dobradas que servem de enfeite, tanto na saia, como na jaqueta, conforme indica a gravura.

O terceiro modelo, para ser tambem executado em tecido mais forte do que os usados no estio, como os *cheviotes* dos mais variados tecidos, embora com o mesmo acabamento, que a recente producção da estação apresentou no mercado, offerece o distinctivo de conservar no corpo a fórma geral de blusa ornada d'um bocado de renda em debuxo de medalhões encadeados com pequenas fitas de velludo de côr apropriada á do tecido escolhido, cortada no pescoço em fórma de V, fechada por gola e laço separados. A saia em folhos com enfeite de seda applicado ou bordado n'um tom mais escuro do que o tecido empregado. O côrte da saia é redondo e tem uma prega funda que occulta a ligação da saia ao folho circular inferior, o qual permitte fazer a meia cauda, modelo ou genero de côrte que se denomina á *du Barry*, e o qual tem uma utisação economica digna de attenção.

Assim para viagens, em que a bagagem tem de ser reduzida no minimo, ha meio de duplicar o aspecto da mesma *toilette*, de passeio, quando curta, sem o folho, e de interior, collocando o folho movel, que se adapta abotoando-o, em vez de o coer, por meio de botões chamados de pressão.

D'esta conjuncção racional da moda com a estação, os accessorios da *toilette* occupam tambem o seu logar especial. Os anneis, continuam em voga, continuam mesmo a usar-se quasi abusivamente, porque chegam a occultar os finos e mimosos dedos afilados, como é de bom tom, e deformam-nos até com os vincos inevitaveis, verdade é que muitas vezes os bons anneis vistosos e de preço em pedras, são um innocente disfarce de pequeninos defeitos que não é necessario tornar evidentes.

As *mitaines* são complementares do uso dos anneis, e n'este genero é preciso ser escrupolosa a escolha, para que tenham uma apparencia distincta e uma transparencia *coquette*.

Os leques voltam, como todos os annos, a uso, mas distinguem-se os de novo fabrico pelo desenho *modern-style*, em grandes flores isoladas, uns grandes lyrios, uns grandes amores prefeitos, algumas linhas grossas sinuosamente traçadas, n'uma semelhança de arborescencias phantasticas; as pinturas invadem egualmente as varetas de madeira.

As sombrinhas claras com forros côr de rosa desmaiado, cujo reflexo sobre o rosto velado produz effeito gracioso de esbraseamento, são tambem accessorios indispensaveis para a praia e para o campo.

Os chapeus, que no principio da estação quente se apresentaram profusamente enfeitados de flôres, começam a ser menos floridos e mais recobertos de caprichosos enfeitos de rendas, de *voiles* e de tules para que não haja contraste frisante com a aridez das praias; conservam, porém ainda os mesmos modelos de palha a qual se torna agora mais apparente, e são muito variados nos pequenos ageitamentos que o gosto individual prefere e adopta como melhor corôamento á estatura, e á edade ou, para fallar mais correctamente a linguagem lisongeira, ao estado das elegantes.

Na verdade modelos ha de grandeza tal no desenvolvimento de abas que a estatura meã ou a exuberancia de fórmas não comporta; como ha modelos esguios, no sentido do comprimento, que estão mal aos rostos redondos e petulantes. Na escolha do chapeu está a maior difficuldade de uma *toilette* de dama que procure, como todas o devem fazer, apresentar-se de modo a produzir effeito captivante. Sabe-se quanto um chapeu, bem apropriado e distinctamente acabado, realça uma *toilette*, ainda que modesta ou ainda que um quasi nada *demodée* nas suas minudencias.

Nota-se em todas as revistas que por principal assumpto se occupam de cousas femininas um cuidadoso empenho em propagar noções hygienicas, sob a egide de doutores especialistas, em relação a vestuarios ou em particular a peças d'elles; entre outras, é claro, o collete tem sido assumpto predilecto de conferencias e de artigos, renovando-se uma propaganda activa e resoluta contra o abuso d'este ainda indispensavel atavio para conseguir harmonia das formas, dentro d'um ideal estheta mais ou menos convencional, como foram todos através dos seculos, até remontarmos á plena exhibição grega das esculpturas impeccaveis.

Ha quem defenda tambem a indispensabilidade do colete na moderna vida com a anemica e depauderada constituição physica, toda nervos e quasi nada musculos; mas o colete apenas destinado a *sustentar*, e não a *adelgaçar*.

Apresentam os inimigos do colete, d'este instrumento de voluntaria tortura, em sabias

demonstrações, completadas por espectaculosas projecções luminosas, as deformações horrorosas que soffrem todos os orgãos internos, a compressão do estomago e dos pulmões, o estrangulamento dos intestinos, a espalmação do figado, a deslocação de todos os orgãos e d'aqui deduzem sem esforço a origem de quasi todas as doenças modernas, a causa primordial de toda a degenerescencia, que por herança morbida se perpetuam.

SCENA DE SALÃO

A Apresentação do novo vizinho — Quadro de J. Weiss

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Junho. — **20** *Italia.* — Dá-se uma collisão de dois comboios electricos entre Bissuschio e Porto Ceresio, ficando feridas 15 pessoas.

21 *Chile.* — O senado chileno approva por unanimidade, em sessão secreta, o tratado com a Republica Argentina.

22 *China.* — Produz-se uma explosão a bordo do cruzador chinez Kaiclu, fundeado em Yangtse, morrendo feridos e afogados 150 homens e salvando-se apenas 2. — A Companhia Oriental dos caminhos de ferro chinezes assigna um convenio com a Companhia Internacional dos Trens de Luxo para o estabelecimento de um serviço rapido semanal entre Londres Pekim, via Moscow, Siberia e Mandchuria, devendo a viagem durar 20 dias. — *Grecia* — Os gregos residentes nos Balkans formam uma liga para combater a influencia do *comité* revolucionario macedonico.

23 *Portugal.* — E' assignado em Paris o convenio com os credores externos. — *Estados Unidos* — As auctoridades de Patterson descobrem um trama que tinha por fim assassinar os principaes manufactureiros e destruir a fabrica de fiação. — *Russia* — Rebenta um grande incendio no bairro tartaro de Kasan, communicando-se a mais 8 bairros.

24 *Allemanha.* — E' mettido a pique em Kiel por um vapor inglez o torpedeiro allemão 42, perecendo o commandante e tres marinheiros. — *Hespanha* — Em Pineiro, provincia de Orense, cae um raio na egreja que estava cheia de fieis, matando 25 pessoas e ferindo gravemente 35. — Celebram-se varios comicios operarios em Jerez assentando em que se manifeste a greve geral.

25 *Marrocos.* — O governo marroquino encarcera varios governadores por não lhe darem o dinheiro que lhes pedia. Alguns deram 20:000 duros e, apesar d'isso, foram tambem encarcerados, por ser considerada essa quantia como insignificante. — *Turquia.* — E' preso o principe Jussot, accusado de conspiração contra o sultão — *Chili* — Na occasião da passagem de um comboio sobre a ponte do rio Chero em Talca, desaba esta, morrendo bastantes passageiros.

26 *Hespanha.* — Ao sahir uma procissão da egreja de S. Nicolau, em Alicante, é acolhida com assobios por um grupo de anti-clericaes dando vivas á democracia e a Canalejas e morras á reacção e aos jesuitas. — Produz-se uma violenta explosão de polvora no paiol de Carabanchel, em Madrid, destruindo varios edificios. — *Estados Unidos* — A commissão interparlamentar approva por unanimidade o projecto Spooner relativo á construcção do canal inter-oceanico de Panamá. — *Venezuela* — Os rebeldes venezuelanos derrotam perto de Fuerte a columna commandada pelo vice-presidente da republica que se rendeu com 1744 officiaes e soldados.

27 *Portugal.* O rei Eduardo VII de Inglaterra agracia o principe Real de Portugal D. Luiz Filippe com a ordem da Jarreteira. — Declaram-se em greve os descarregadores de carvão de pedra que trabalham na descarga de bordo dos vapores em Lisboa, exigindo augmento de salario. — *Estados Unidos* — A camara dos representantes approva por 252 votos contra 7 o projecto de lei relativo ao canal inter-oceanico de Panamá.

28 *Estados Unidos.* — O governo americano decreta a amnistia aos prisioneiros politicos filippinos, inclusivamente o ex-generalissimo Emilio Aguinaldo. — *Allemanha* — E' assignado pelo chanceller diplomatico conde de Bulow e pelos embaixadores da Austria e da Italia o instrumento diplomatico para a prolongação da alliança entre estes tres paizes. — *Brazil* — A mesa do congresso approva a eleição do Dr. Rodrigues Alves para presidente da republica e do sr. Silviano Brandão para vice-presidente. — *Republica Argentina* O senado argentino vota por unanimidade a acceitatação dos tratados internacionaes celebrados *ad-referendum* com o Chile.

Julho. — **1** *Estados Unidos.* — A camara dos representantes approva o parecer da commissão mixta do projecto de lei relativo ao go-

verno civil das Filippinas. — *Noruega* — Rebenta um violento incendio em Lanewick, destruindo uma quinta parte da cidade

2 *India.* — Um cyclone derruba um comboio perto de Ramprochat, ficando mortas 13 pessoas e feridas 15. — *Estados Unidos* — O presidente Roosevelt assigna a lei que estabelece o governo civil nas ilhas Filippinas. — Declaram-se em greve 2:000 constructores da poderosa casa Brillworms, reclamando augmento de salario. — *Hespanha* — Declaram-se em gréve 2:500 operarios fundidores de Gijon. — *Inglaterra* — Mais de mil officiaes regressados da Africa do Sul e que, durante a guerra, não obtiveram promoções a que se julgavam com direito, dão a sua baixa collectiva. — *Suissa* — Os tribunaes suissos processam o abbade Burrval, chefe das missões apostolicas do Cantão de Schwyz, por se provar ter feito uma grande fortuna com a venda a crentes credulos de bilhetes directos para o ceu.

3 *Russia.* — Numerosos grupos de camponezes percorrem em estado de rebeldia, a região do Rostow saqueando fabricas, quintas casas e destruindo machinas e alfaias agricolas. — *Hespanha* — Cessa a gréve agraria em Jerez. — *Inglaterra* — O governo inglez compromette-se a conceder a amnistia geral aos boers no dia da coroação do rei Eduardo VII.

4 *Russia.* — O ministro do interior prohibe que os judeus se estabeleçam nas povoações maritimas do imperio. — *França* — Manifesta-se um violento incendio nas officinas de apparelhos electricos da sociedade Postel Vinay, destruindo-as, calculando-se os prejuizos em dois milhões de francos e ficando 800 operarios sem trabalho. — *Estados Unidos* — O presidente Roosevelt declara que a ilha de Cuba fará parte do systema dos Estados Unidos e que o governo americano lhe concederá privilegios economicos que não possuem outras estações.

5 *Estados Unidos.* — Um comboio electrico esbarra com outro em Utilia ficando feridas 29 pessoas e mortas 18. — O ministro plenipotenciario da China, entrega ao sr. Hay, secretario de estado, uma proclamação de Yan-Chi Kae, governador do Chi-Li, pedindo-lhe que obtenha das potencias a evacuação de Tien-Tsin. — *Turquia* — Sente-se um violentissimo terremoto em Salonica destruindo 180 casas e matando 10 pessoas. — *Hespanha* — Inaugura-se em Barcelona o congresso de machinistas mercantes hespanhoes. — Assignala-se novamente em alguns pontos da Catalunha a agitação carlista.

6 *França.* — Um violento incendio destroe os vastos armazens de alfaiateria *La belle Jardinière*, em Bayona, calculando-se os prejuizos em 500 mil francos.

8 *Estados Unidos.* — Declaram-se em gréve, reclamandoa ugmento de salario, 9:000 empregados dos carris de ferro de Chicago. — *Hespanha* — O rei assigna a lista de novos governadores civis para nove provincias. — Produzem-se erupções vulcanicas nas montanhas entre Santander e Asturias. — *França* — A camara dos deputados approva o projecto de lei da conversão de 3½% em 3%. — *Cuba* — Sente-se em Mellila um violentissimo tremor de terra que durou 10 segundos. — *Turquia* — Dá-se um conflicto entre a Inglaterra e a Turquia a proposito da occupação de Dali ao norte de Kowelt.

9 *Dinamarca.* — E' inaugurado no palacio do Senado, em Copenhague, o Congresso Internacional Maritimo. — *Italia* — Restabelecem-se as relações diplomaticas entre a Italia e a Suissa. — *Republica Argentina* — A Republica Argentina e o Chili assignam uma convenção esclarecendo o fim do tratado relativo á arbitragem e á limitação dos armamentos, afim de se evitar a possibilidade de complicações futuras. — *Inglaterra* — O governo inglez concede a liberdade a todos os prisioneiros allemães que combateram ao lado dos boers. *França* — Manifesta-se um violento incendio em um deposito de petroleo em Bologne propagando-se aos predios contiguos e produzindo estragos consideraveis. — O senado approva o projecto de lei das contribuições directas; concede uma pensão annual de 10:000 francos ao sr. Sanorgnan de Brazza, a titulo de recompensa nacional e approva o projecto de lei da conversão do 3½%. — *India Ingleza* — Sente-se um violento terremoto em varias provincias, tendo desabado em Bunderabbas os principaes edificios, incluindo os palacios do governo e da alfandega e fazendo grande numero de victimas.

10 *Portugal* — Inauguração official do elevador de Santa Justa ao Carmo em Lisboa. — *Canadá* — Manifesta-se um violento incendio n'um armazem de trigo, em Toronto, desabando um muro que matou sete bombeiros e feriu onze gravemente.

11 *Pensylvania* — Produz-se uma terrivel explosão nas minas de Combria ficando sepultados seiscentos operarios, dos quaes morreram 125. — *França* — Produzem-se graves incidentes na camara dos deputados de Paris. — *Inglaterra* — O marquez de Salisbury dá a sua demissão de primeiro ministro, sendo nomeado para o substituir o sr. Arthur Blafour.

12 *Inglaterra* — Encerra-se a sessão parlamentar das duas camaras.

13 *Allemanha* — O tribunal de Leipzig absolve os traductores allemães de Tolstoi, processados pelo delicto de blasphemia. — *Belgica* — Produz-se uma terrivel explosão de dynamite na fabrica de cartuchos Dollen Wezel de Bruxellas, morrendo varios operarios e causando perdas materiaes importantes.

14 *Italia* — Desaba a historica torre de S. Marcos, em Veneza, occasionando a derrocada damnos no palacio real e nas *logias* de S. Sovino. — *Estados Unidos* — E' encarregado da construcção do canal inter-oceanico do Panamá, o sr. Wood, antigo governador civil de Cuba. — *Venezuela* — Sente-se um violentissimo tremor de terra. — *Portugal* — Os operarios corticeiros de Lisboa, Belem e Poço do Bispo e de outras villas do sul declararam-se em gréve, oppondo se á exportação de cortiça

em bruto.—*França*—Rebenta um violento incendio nos armazens da praça Clichy em Nice destruindo tambem o «Centro Militar» e os escriptorios do Credit Lyonnais.

15 *Austria* — E' fundada em Vienna uma sociedade contra o duello, sob a denominação de «*Alle gemeine anti — duellica fur Oesterreich.*»

16 *Russia*— O tzar confirma a sentença do conselho de guerra de Varzovia, condemnando por alta traição o coronel Grinun em doze annos de trabalhos forçados e privando-o de todos os seus direitos politicos e civis.—O tzar estabelece novas medidas tendentes a abolir o despotismo nos seus Estados. O tzar nomeia o principe Luiz Napoleão commandante da divisão de cavallaria do Caucaso. — *Suecia*— O governo sueco approva o plano e vae mandar brevemente dár começo aos trabalhos do canal de Gothenburg, entre o mar Baltico e o mar do Norte. A construcção d'este canal deve durar sete a oito annos estando as despezas calculadas em 32 milhões de corôas e terá a profundidade de vinte pés.

17 *China* — O governo chinez acceita as condições dos ministros estrangeiros para a reentrega de Tien-Tsin á China.

18 *Hespanha* — O congresso dos operarios dos caminhos de ferro resolve proclamar a gréve e começar a propaganda. — *Inglaterra* — Lord Cadogan, que occupava o logar tenente dá a sua demissão. — Rebenta um violento incendio em Nottinghall destruindo cinco armazens e onze casas.

19 *Filippinas* — E' assignado entre o Vaticano e os Estados Unidos o accordo sobre a questão religiosa das Filippinas, acceitando a Santa Sé a expulsão dos frades hespanhoes, que serão indemnisados pelos yankees com a somma de 35 milhões de francos. — *China* — Os chinezes acceitam formalmente as condições para a retrocessão de Tiem-Tsin.

NECROLOGIA

JULHO 8 — FAYE, em Paris, 87 annos, celebre astronomo francez, e decano da Academia das Sciencias.

8 - CONDE D'ARUNDEL e SURRAY, 23 annos, em Londres, filho do duque de Norfolk.

10 — DUQUEZA FREDERICA DE ANHALT, 91 annos, em Alecsisbad viuva do duque Alexandre Carlos.

12 — MARC ANTKOBOWSKY, em Francfort, celebre esculptor russo.

15 — GARCIA NAVARRO, em Barcelona, general hespanhol.

18 — HAMUD-BEN-MAHOMED, 49 annos, sultão de Zanzibar.

19 — KETY WILL, em Londres, 32 annos, escriptora irlandeza.

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia des processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Alguns conselhos sobre a composição dos quadros photographicos

Dando tregoas á infinidade de receitas photographicas que constantemente apparecem e que somos obrigados a reproduzir, transcrevemos hoje um artigo do *Nord Photographe* que por muito interessante, não podemos furtar nos ao desejo de o tornar conhecido dos nossos leitores amadores photographicos e mais especialmente dos principiantes.

«Qual é o principiante que tendo retratado toda a sua familia e amigos não pregunte: Que fazer agora? Sem duvida ainda lhe restam as paisagens que o rodeiam e que já está farto de as vêr reproduzidas pelos seus collegas, mas depois? Por mais que procure se o seu sentimento artistico lhe aconselha elevar-se acima das scenas banaes habituaes, elle nada encontra, e comtudo, visitando as exposições photographicas, consultando as revistas do genero, quantas vezes pregunta a si mesmo quando o feliz acaso que protegeu Fulano ou Sicrano virá tambem em seu auxilio. Tudo para elles e nada para elle e portanto a sua boa vontade merece ser compensada. Por mais que force a inspiração ella não se digna chegar. Já expôz os seus trabalhos mas viu com magua que na maior parte foram recusados. E n'um d'estes momentos de desanimo, porque todos temos passado, elle pergunta quando esta boa deusa que se chama Inspiração se decidirá a dar-lhe um sorriso da sua bondade. De boa vontade elle sacrificaria sobre o seu altar as suas melhores offertas se ella se dignasse mandar-lhe uma d'estas idêas que contribuem para o successo dos nossos primeiros amadores.

Julgamos poder-lhe indicar o caminho a se-

guir para chegar até ella mas devemos observar que terá de se munir de dois talimans que lhe facilitarão consideravelmente o accesso, são elles: um estudo aturado e uma observação constante. O principiante nos responderá talvez que, estas duas qualidades são bem difficeis de adquirir talvez, ao principio, mas o habito trazer-lhes ha suavemente.

E' inegavel que um pouco de fogo sagrado muito contribuirá tambem para se chegar ao desenvolvimento rapido e energico d'aquellas qualidades; portanto aqui é inutil o brometo.

Ouçamos agora a nossa deusa Inspiração e fixamos bem o que ella nos diz : — Ver muito, olhar muito e observar muito. Junte a estas condições a faculdade de fixar e tereis tudo quanto vos é necessario. Sois principiante pois que o vosso apparelho a tiracollo assim m'o indica. Não direi que é um mau habito (em viagem é excellente) mas sois muito inclinado a abusar d'elle. Porque não trazeis comvosco um pequeno livro de esboços, se é este o melhor apparelho? Com elle aprendereis a trabalhar descançadamente e a obter exclusivamente o que desejaes e só com isto a produzir clichés como os que nas exposições merecem a admiração de todos. Consultem-se os principaes amadores e pergunte se-lhes que parte teve o acaso nos seus trabalhos porque este sr. Acaso é o amigo intimo do principiante sempre carregado com a sua machina e é elle o seu peor amigo; emquanto o principiante contar com elle, pode ficar certo que, aparte raras excepções, ficará sempre na mediocridade. Pergunte aos verdadeiros amadores se todos os seus quadros não são estudados e compostos antes de operar. Não é este o processo do pintor? Portanto deixae em tempo ordinario a vossa machina em casa, pois que economisais as vossas chapas e tempo e contentae-vos de encher um caderno com esboços que será mais tarde um tesouro inexgotavel.

São necessarios em primeiro logar um estudo e uma observação constantes. Quantas scenas se passam diariamente em redor de nós que melhoradas podém produzir quadros admiraveis? Observae as, e quando uma d'ellas vos agrade, esboçae-a no vosso caderno juntando lhe alguns apontamentos e mais tarde em socego, reveja-se o que ha de aproveitavel n'esta scena, examinae-a a fundo, vêde a disposição da luz a dar-lhe, emfim depois de tudo bem assente, collocae os vossos personagens e supprimindo assim os factores Acaso e Precipitação, a victoria será certa.

A reflexão fará tambem com que abandoneis os assumptos sem interesse duradouro inutilisando assim a impressão do primeiro momento. Todos estes assumptos serão catalogados para servirem em occasião opportuna e serão como que um cofre replecto de uma infinidade de ideas. E' indifferente a mais ou menos perfeita com que se maneje o lapis, o essencial é reconhecer mais tarde o pensamento.

As visitas aos museus e ás exposições suggerem ideas admiraveis, o resultado que d'ellas se póde colher será secundado com a facilidade que lhe é dada de estudar as leis da composição e com o exame dos meios que os grandes artistas empregam na producção das suas obras primas.

A leitura é egualmente uma admiravel conselheira, muitas vezes algumas palavras são só por si sufficientes para que no espirito se forme um quadro completo. As revistas illustradas são igualmente muito uteis, mas sempre com o caderno de esboços.

A origem das ideas é uma especie de começo e é necessario pois cultival-a tendo sempre em mira descobrir se em tal ou tal idea, scena, quadro, gravura ou esculptura não haverá um outro assumpto. Ha comtudo um defeito que é essencial evitar; o plagiato; inutil é fallar a este respeito.

Não se deve julgar, contudo, que as ideas afluem continuadamente, succede bastante vezes que a vossa reserva estará esvasiada, mas não é isto motivo para desanimo; procurar é o unico remedio ainda que não é infalivel.

A deusa finalisa dizendo-nos: julgo ter desvendado todos os meus segredos resta perguntar aos que os tem applicado e elles vos dirão se são fructuosos. Estudae e observae constantemente, é este o melhor conselho.

Resta-nos agradecer á boa deusa os excellentes conselhos e o resto depende de nós, seguindo-os. E' o que sempre devemos fazer e nunca nos arrependeremos; pois não só as ideas virão em nosso auxilio mas ainda uma qualidade preciosa para o amador: trabalhar socegadamente sobre os assumptos que se desejem e procedendo voluntariamente, em detrimento do implacavel inimigo, o acaso, que só proporciona dissabores aos seus mais fieis adeptos.

O esboço obriga nos a reflectir, que a reflexão é a verdadeira amiga da perfeição.

UTILIDADE DOS PASSAROS

Não é apenas por sensibilidade exaggerada que estremeço de magôa, quando ouço o som baço d'um tiro desgarrado que espalha uma chumbada sobre uns passaritos quaesquer; é sem duvida mais por um sentimento de revolta contra a cruel ignorancia que victima por centenas, por milhares, aquelles pobres bemfeitores dedicados cuja doce confiança nativa lhe é paga a tiros de espingarda ou illudido por mil laços e armadilhas.

Esta obra de destruição imprevidente prosegue ininterrupta, constante, impiedosa em todos os tempos e em todas as estações. Umas vezes são viscos arteiramente collocados em volta dos tanques onde a passarada alegre vem de madrugada beber n'um alvoroço palreador; outras vezes são os mais complicados e manhosos processos de os prender em laço, em gaiolas-ratoeiras, em armadilhas, aproveitando a fome, a gulodice, até o espirito caridoso d'algumas especies aladas que as impelle a vir soccorrer o seu similhante quando o veem no captiverio lastimando-se dolorosamente. São assim por exemplo as andorinhas.

N'esta hecatombe que tudo sacrifica de roldão, os verdelhões, os piscos, os pardaes, os pintasilgos, os chapins, os perdigotos, as calhandras, as toutinegras, os rouxinoes, são victimados e suppliciados os melhores servidores dos campos.

A natureza collocou-os ao lado dos animaes desvastadores como moderadores necessarios ao restabelecimento do equilibrio geral; a intervenção cruel e encarniçada dos homens quebrou aquelle equilibrio e deixou em muitos casos livre a invasão furiosa das tribus vorazes e perigosas dos insectos destruidores.

Quantas perdas soffre hoje a agricultura em consequencia d'aquella ignorante e selvagem destruição das pequenas aves bemfazejas! Quanto beneficio desaproveitado pelo auxilio gratuito e äfficaz d'ellas na luta que o agricultor emprehende com esforçado affinco e avultado dispendio contra a voracidade dos insectos, como a pyrale, o cochylis, a altica das vinhas. Quanto mais raras vão sendo as fileiras do exercito dos passaros insectivoros, tanto mais violentos são os ataques ás culturas.

As arvores de fructo soffrem das mordeduras do antonomo, dos pulgões e das traças; as mais robustas arvores são esgotadas da sua seiva por especies tenebrosas que em trabalhos de mineiro audaz penetram nos troncos. Os processionaes, os corsos e outras lagartas vorazes ameaçam de destruição os olmos, os alamos, os choupos, e os salgueiros. A nonne e o carcoma estiolam em poucos mezes os mais robustos pinheiros; o kermes da oliveira, a cochenilha do limoeiro e da laranjeira destroem ás vezes mais d'um terço da colheita de fructos.

Os cereaes são victimas da terrivel larva do besoiro, roidos na raiz tenra; como mais tarde as moscas, a cecidomia e a chlorops, ou as larvas da phalena e do alucito tomam para si dizimo bem medido dos cereaes já creados; não fallando, como inimigos dos prados e das hortas, do exercito infinito das ralos, dos gorgulhos, das chrysomelas, dos alticas, dos gafanhotos, e dos roedores varios, ratos, arganazes . .

Todavia, sendo os pequenos passaros insectivoros, e as aves rapaces, naturaes auxiliares do agricultor n'esta lucta medonha, são desprezados e ao contrario ferozmente preseguidos. Esta desvastação tem sido tão intensa e presistente, sem duvida por falta de educação geral e de instrucção necessaria, em toda a parte que, na Italia e na França, ainda recentemente foram tomadas providencias legislativas e administrativas para lhe moderar o impeto selvagem; como tambem se tem organisado associações especiaes que se dedicam á propaganda e defesa das pobres aves beneficas, principiando logo a incutir desde creança, no espirito dos agricultores, a necessidade de poupar a vida aos interessantes e graciosos habitantes dos ares, mesmo de lhes proteger o desenvolvimento, em proveito proprio e para seu verdadeiro interesse. Sempre foram chorados os poucos grãos da colheita que alguns passaros roubam ao producto total e não são lembrados os prejuizos enormes causados por aquelles inimigos ferozmente espertos, que não se deixam prender nas armadilhas onde cahem os generosos e doceis passaritos. Injustiça humana. Necessario nos parece tambem tomar no nosso paiz quaesquer providencias que attenuem o effeito d'aquella má comprehensão dos interesses. Em volta de Lisboa, pelo menos, observamos um desapparecimento progressivo de aves que chilream e encantam; e na verdade tambem não sabiam talvez onde pousar, que escasseam cada vez mais as arvores, constantemente derrubadas e nunca substituidas.

PACIENCIAS

O desejo

(Um jogo de Piquet, não encaipado)

Collocam-se as cartas em oito montes cobertos cada um de quatro cartas; voltam se as cartas superiores dos oito montes e se n'estas cartas descobertas houver duas eguaes, isto é, dois *setes*, duas *damas*, dois *azes*, etc. retiram-se conservando as simplesmente na mão e voltam-se as que ficaram nos montes por de baixo das se que retiraram.

Continua-se assim a tirar todas as outras cartas eguaes, substituindo-as pela sua carta inferior até ao esgotamento dos oito montes.

Obtem-se o resultado final da paciencia quando todas as cartas do jogo podem ser retiradas por haver duas eguaes, e não se considera feita quando succeder o contrario, isto é, quando não houver duas eguaes a retirar de cima dos montes.

Pode-se tambem fazer esta paciencia com um jogo de 52 cartas, fazendo-se então 10 montes de 5 cartas cada um ficando portanto duas de reserva que se aproveitam quando não fôr possivel tirar duas eguaes. O seguimento é sempre o mesmo.

CONHECIMENTOS UTEIS

Alcool absoluto. — E' necessario muitas vezes verificar se um alcool encerra agua ou não, sobretudo quando se quer empregar em preparados de perfumaria caseira. Damos aqui tres methodos simples de averiguar o caso.

Toma-se uma pitada de polvora de caça, deita-se n'uma colher, recobre-se a polvora com o alcool a experimentar; lança-se-lhe fogo em seguida cuidadosamente. Se ao acabar de se consumir a polvora se encendea o alcool era absoluto; se a polvora não arde prova-se evidentemente que o alcool continha agua.

Outro processo mais simples ainda. Deita-se no alcool algumas gotas de benzina e vascoleja-se bem a mistura, agitando-a fortemente. Se ha perturbação na côr do alcool, havia agua; se elle se conservar limpido, adquire-se a certeza de ser absoluto.

Ainda por ultimo um terceiro processo que talvez seja mais exacto do que os precedentes. Consiste em calcinar um pouco de sulphato de cobre em pó (capa-rosa azul) até que fique branco; deita-se então uma pitada do pó no alcool. Se o pó se tornar novamente azul, havia agua; se o alcool for absoluto o pó continua branco.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 35 — 86 752 legeas oa 107.454,7 leguss do ceniro da terra.

N.º 36 — *Xadrez:*

BRANCOS	PRETOS
1 — B para C.	1 — Qualquer
2 — Xeque e mate	

N.º 37.

Um tanque d'agua de forma circular de 864 metros quadrados de superficie deve ser transformado n'um outro da mesma extensão mas de forma rectangular, cuja largura deverá ser 12 metros menor do que o comprimento. Quaes são as suas dimensões?

N.º 38.

Achar dois numeros cuja somma seja dupla da differença e cujo producto diminuido do menor seja egual a 720 vezes o quociente do maior pelo menor.

Num. 39

XADREZ

PRETOS (5 peças)

BRANCOS (5 peças)

Os brancos jogam e dão mate em tres lanços

Junho	Barometro — Nivel do mar		TEMPERATURA						Chuva — Millimetros		Ozone — Gráus	
			ás 9 h. da manhã		maxima		minima					
	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902
1	762,5	756,9	18,1	13,3	20,4	15.5	16,2	9,5	0,2	3,8	3,0	9,2
2	764,6	761,0	18,8	15,8	22,3	17.4	14,9	12,8	0,5	0,4	6,5	8,5
3	763,4	766,9	19,5	16,5	24,9	18.5	14,8	14,6	0,0	0,2	5,5	9,5
4	763,1	766,8	20,2	17,2	28,5	19,8	15,0	12,8	0,0	0,1	4,3	7,5
5	761,9	763,6	22,7	20,0	29,7	26.8	17,8	13,0	0,2	0,0	3,7	7,5
6	762,0	761,6	21,2	23,5	25,7	29,6	16,5	17,9	0,0	0,0	5,8	5,0
7	759,9	761,2	20,0	23,4	23,5	29,7	15,9	19,4	0,0	0,0	5,5	5,0
8	759,6	760,3	18,9	20,7	22,9	22,5	14,9	13,9	0,0	0,0	4,3	5,5
9	762,4	758,4	18,8	17,0	21,2	18,7	15,8	14,8	0,0	0,0	5,3	8,0
10	765,7	759,0	19,8	14,7	23,1	16,8	15,9	12,4	0,0	0,7	6,5	7,5
11	765,0	761,1	21,8	16,3	27,1	18,7	15,9	12,9	0,0	0,0	7,2	8,0
12	759,6	760,7	22,9	16,6	24,7	18,9	16,6	14,2	0,0	0,1	4,5	8,5
13	756,5	766,2	17,3	16,5	19,7	18,4	16.6	12,7	0,0	2,5	5,0	5,5
14	755,0	765,8	17,8	16.4	21,9	19,6	15,8	12,4	0,4	0,0	8.5	4.5
15	762,5	763,2	16,4	16,4	20,5	19,2	15,4	12,8	0,1	0,0	6,3	3,8
16	768,0	763,2	20,7	18,5	25.8	23,3	15,8	12,5	0,0	0,0	7,2	4,7
17	768,5	765,0	19,3	19,9	23,3	24,7	15,0	13.7	0,0	0,0	8,0	4,0
18	766,0	762,6	22,6	21,3	27,0	23,9	16,3	15,0	0,0	0,0	4,5	5 0
19	765,8	758,4	22.8	16,1	30,2	18,3	16,0	14,6	0,0	10,2	4,3	6,2
20	763,8	760,5	25,1	16,4	31,2	17,5	19,9	15,4	0,0	12.7	3,5	3,0
21	763,9	765,1	22,5	18,3	26,9	24,0	16,4	16,5	0,0	8,8	6,5	0,0
22	764,3	765,4	18,1	20,9	24,2	25,1	15,9	16,1	0,0	0,0	7,5	4,8
23	764.8	764.7	19,0	21,5	23,7	28,2	15,9	16,1	0,0	0,0	7,0	3,0
24	762,5	762,9	21,9	24,3	30,0	31,2	15,5	15,7	0,0	0,0	4,7	3,5
25	763,3	760,7	25,9	17,3	30,0	21,3	22,8	15,9	0,0	0,0	5,5	7,2
26	763,0	761,4	24.5	19.0	27.9	21,5	17,1	15.9	0,0	0,0	5,0	6,5
27	762,5	761,2	21,5	18,3	22,7	20,7	16,3	15,1	0,0	0,0	8,3	6,5
28	762,3	762,3	19,7	17,4	22,5	20,0	15,7	14,5	3,0	0,0	8,5	6,0
29	761.9	761,3	20,0	17,2	23,7	25,4	16,5	15,7	6,7	0,0	7,2	8,5
30	767,6	762,2	19.0	19,5	21,2	20,9	15,8	16,0	0,0	0,0	4,8	7,5

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SUMMARIO

DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — O MILAGRE DE SANTA COMBA. — A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL. — O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ. — TU NÃO SABES FALAR? — MARIA DA GLORIA (VALSA). — COMO É ADMINISTRADA A DIVIDA PUBLICA. — MODAS. — SCENA BURGUEZA. — VARIEDADES.

VOL. III DE SET. A OUT. — 1902 NUM. 15

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa Preço 200 réis

SUMMARIO

Pag.

Villa de Sena. — ZAMBEZIA. — *Gravura* 130

DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — *Por* ANTONIO ENNES. — A ZAMBEZIA—OS PRAZOS DA COROA. — *Com 4 gravuras, reproducções de photographias* 131

O MILAGRE DE SANTA COMBA. — *Por* RAUL BRANDÃO. — *Com 4 illustrações, reproducções de photographias, desenhos do sr. Valle e Sousa* 141

A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL. — *(Continuação)* — *Por* ALBRECHT HAUPT. — *Com 16 illustrações* 145

O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ. — ROMANCE. — *Com 3 illustrações* 162

—Tu não sabes falar? ... — *Quadro de* G. A. HOLM ES 172

MARIA DA GLORIA. — VALSA. — *Por* CARLOS PINTO COELHO 173

COMO É ADMINISTRADA A DIVIDA PUBLICA. — JUNTA DO CREDITO PUBLICO — *Com 12 illustrações, reproducções de photograghias* 177

MODAS. — *Com 4 gravuras* 189

Scena burgueza. — *Quadro de* COEYLUS 192

VARIEDADES. — MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — NECROLOGIA. — THEATROS. — PHOTOGRAPHIA PRATICA. — PACIENCIAS. — POBLEMAS. — XADREZ 15

45 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis, cada uma, capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao I e ao II volumes da Revista. Por cada encadernação, de que tambem se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a reducção do preço a **2$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por:

Series de	**3 numeros**	**600**
	6 numeros	**1$200**
	12 numeros	**2$200**

Para os paizes da **União Postal**, por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3$000 réis**, moeda portugueza. Para e **Brazil** (moeda brazileira), **18$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado.—Numero avulso *1$500* réis (moeda brazileira).

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo avultado de cobrança pelo correio; por isso se pede a *remessa directa* da importancia das assignaturas á **administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7.**

Typ e impressão dos *Serões*, C. do Cabra, 7 — Editor. Thomaz Rodrigues Mathias

Zambezia — Villa de Sena

De Lisboa a Moçambique

Por ANTONIO ENNES

A ZAMBEZIA — OS PRAZOS DA COROA [1]

O TERRITORIO, a que usualmente se applica a denominação geographica de Zambezia, na sua parte sujeita ao dominio portuguez, comprehende approximadamente a area da antiga capitania-mór de Rios de Sena, em que posteriormente foram talhados os districtos administrativos de Quelimane, Tete e parte do de Manica. Todo elle, assim como quasi toda a região continental em que a auctoridade portugueza exercia jurisdicção effectiva, foi dividido por essa auctoridade em *prazos da corôa*, e a instituição resistiu até hoje, embora radicalmente transformada, ás sentenças de morte que lhe vibraram os legisladores.

A clausula capital e caracteristica dos encabeçamentos d'estas terras era andarem ellas sempre em mulheres, que as recebiam por doação regia, ou por herança, n'este ultimo caso com exclusão dos herdeiros varões, com a obrigação de casarem com portuguezes nascidos no reino. Concediam-se em tres vidas mediante prestação estipulada, e o primeiro concessionario, não tendo successão, podia nomear o segundo, ou este o terceiro, mantida sempre a preferencia em favor das femeas. Tambem os emphyteutas deviam *residir nos prazos e melhoral-os*, e tanto este dever, como o do casamento, impunha-os a lei sob pena de commisso.

Comprehende-se o intuito d'este modo de applicação do systema emphyteutico, apparentemente extravagante, e cuido que inteiramente portuguez: era attrahir a Moçambique colonos europeus e incital-os, bem como aos seus descendentes, a fixarem-se na provincia. Hoje, quem vae para a Africa Oriental costuma deixar, na metropole, a familia, se a tem; na vigencia do primitivo regimen dos prazos da corôa, podia-se ir para lá com vistas de constituir familia e encontrar n'ella a opulencia, e mais d'um aventureiro, d'um valdevinos, d'um filho familia arruinado, iriam realmente para Rios de Sena, ou Sofala, caçar herdeiras ricas. A caçada realmente valia a pena! Os prazos eram, quasi todos, verdadeiros principados, tanto pela sua vastidão territorial, como pela amplitude dos direitos que os emphyteutas exerciam n'elles, legal ou illegalmente. D'elles era a terra emquanto durava a mercê, d'elles as contribuições pagas pelos habitantes indigenas, d'elles o mando e a auctoridade de que não raramente abusavam até o ponto de escravisarem os negros e venderem-n'os como escravos. Em troco de tudo isto, o Estado apenas lhes exigia prestações annuaes tão modicas que chegavam a ser phantasmagoricas. O Macuse, por exemplo, onde só a contribuição dos indigenas foi arrendada ultimamente por 10 contos de réis, ainda no meiado d'este seculo pagava de fôro 5.638 réis, e de dizimo 2:114 réis. Em 1856 todos os prazos do districto de Quelimane, inclusa a jurisdicção do Sena, e os dos districtos de Tete e Sofala, ao todo duzentos, comprehendendo um territorio mais extenso que o de muitos reinos da Europa, apenas produziam para a fazenda publica, em fóros, dizimos e rendas—porque alguns já então andavam arrendados,—a mesquinha quantia de 2.052.000 réis em dinheiro, além de 100 arrobas de marfim; anteriormente, entre 1825 e 1829, tinham rendido 3.286.240 réis, e a sua receita attingira em 1813 o maximo de 12.000 cruzados! E não se julgue que os emphyteutas retribuiram a mercê em qualquer moeda de serviços! Ha memoria d'um ou d'outro que, ao menos, defendeu o seu prazo de invasões e rebelliões, ou cultivou alguns palmos de terra; mas a maioria, a quasi unanimidade, viviam apenas da exploração iniqua e deshumana do negro, e nem sequer cumpriam o dever de residencia. Residiam nas villas do littoral, no reino, na India, na Madeira, nos Açores, abandonando a propriedade a gerentes ou feitores, unicamente zelosos dos proprios interesses, e constituindo assim, embora a titulo precario, uma aristocracia territorial e colonial mais improductiva, mais abusiva, mais vadia ainda

---

[1] *O capitulo da viagem á Africa Oriental, que em seguida se publica, é um fragmento do trabalho que, sobre a região da Zambezia, o auctor, de saudosa memoria, tencionava escrever, como terceira parte do seu livro, e que a prematura morte o não deixou terminar.*

do que a dos *morgados*. Nas suas mãos, a Zambezia ficou quasi tão bruta e inculta como era na hora do seu descobrimento, e muitos prazos foram invadidos por tribus cafreaes indomitas, ou fechou-os á auctoridade europea a rebeldia dos habitantes.

Os abusos já tinham, pois, condemnado o primitivo regimen dos prazos da corôa em Moçambique, quando, em 1854, a legislação se resolveu a abolil-o; todavia, os prazos sobreviveram de facto a essa abolição, como divisões territoriaes, baseadas em tradições seculares de que eram, e ficaram sendo, depositarios os seus proprios habitantes, e implantou-se n'elles um systema administrativo e fiscal especialissimo, em que se combinaram factos e costumes herdados do passado, com principios do moderno direito publico. Concedidas certas indemnisações aos emphyteutas desapossados, ficou a terra na propriedade e posse do Estado, que passou a dál-a de aforamento, a quem assim o requeresse nos termos legaes, em lotes absolutamente independentes, na sua demarcação, dos limites dos antigos prazos; mas por outra parte, o mesmo Estado como que considerou esses prazos, supprimidos perante o direito civil, como circumscripções traçadas para conveniencia da cobrança da contribuição do *mussoco* devida pelos indigenas, e cedeu a particulares o seu direito de effectuar essa cobrança em cada uma das circumscripções, mediante o pagamento d'uma quantia fixa annual, dando-lhes certas attribuições policiaes e administrativas, inherentes áquelle direito ou necessarias ao seu exercicio. Estes particulares, embora fossem commummente denominados *arrendatarios dos prazos*, não eram pois, na realidade, senão arrendatarios do *mussoco* devido pelos habitantes dos prazos. Não tinham direito algum sobre a terra; se queriam cultival-a, deviam tomal-a de aforamento ao Estado ou, pelo menos, occupal-a nos termos geraes do direito. Tambem só possuiam a parcella de auctoridade publica necessaria para procederem ás operações da cobrança que haviam contratado. O Estado, querendo, podia alienar por qualquer titulo em favor de terceiros, a propriedade das terras onde os *arrendatarios* arrecadavam o *Mussoco*, e muitas vezes o fez; o que não podia era mandar proceder por sua conta a essa arrecadação na vigencia do contrato d'esses arrendatarios, contratos feitos quasi sempre por longos prazos.

Estes eram os principios do systema chamado do *arrendamento dos prazos*, ou de *arrendamento do mussoco dos prazos;* mas na pratica esses principios obliteraram-se inteiramente.

Succedendo quasi sem transição ao antigo emphyteuta, o arrendatario como que se identificou com elle no seu proprio conceito, no dos indigenas e até no dos governantes. O arrendamento do *mussoco* d'um prazo, confundiu-se com o arrendamento dos terrenos d'esse prazo.

Entendeu-se que os *arrendatarios do mussoco dos prazos* eram arrendatarios dos terrenos que tinham constituido os antigos prazos, e elles em geral, procediam como se o fossem, tirando do solo gratuitamente o proveito que podiam, occupando-o com plantações e construcções. E ainda não ficaram por ahi. Aproveitando a ignorancia dos negros, que não sabendo leis e não tendo noticia da mudança da legislação, os consideraram tão seus *senhores* como eram os emphyteutas, por isso que lhes pagavam, como a estes, o *mussoco*, acostumáram-se a exercer as prerogativas legaes ou abusivas que tambem elles exerciam, e consideraram-se, além de detentores das terras dos prazos, chefes das suas populações, tão discricionarios quanto lhes permittiam sel-o a passividade dos negros e a tolerancia ou fraqueza das auctoridades legitimas.

Assim se formaram os *potentados* da Zambezia, como o desgraçado Manoel Antonio de Souza. De direito não eram, e não são — porque ainda existem muitos,—senão arrematantes de *mussoco*; de facto são, não direi senhores de escravos, mas senhores feudaes, que, as mais das vezes, definem elles proprios as suas obrigações para com o suzerano. Alguns, como os Ferrões, descendem de antigos emphyteutas, e assim têem o seu poderio como legitimado aos olhos dos negros, pelo *costume*, que, depois da força, é a verdadeira lei nos sertões.

O vinculo mais forte que prende os negros aos arrendatarios dos prazos, e que lh'os sujeita como vassallos, é o *mussoco*, esse imposto cuja cobrança o Estado arremata. E' uma verdadeira capitação, estabelecida naturalmente na Africa Oriental pelos seus estranhos dominadores musulmanos, e acceita e conservada pelos conquistadores portuguezes. Pagam-n'a todos os indigenas de ambos os sexos, que não sejam inhabeis para o trabalho por invalidez, ou por pouca ou demasiada edade. A sua taxa é ha muito tempo de 810 réis; e é mal estabelecida por não concordar com o valor das moedas mais correntes no paiz, a rupia, que d'antes valia legalmente 380 réis, e agora vale 450 réis. Cobra-se annualmente depois das colheitas, e tambem em prestações semestraes n'alguns prazos do districto de Quelimane. Não está rigorosamente definido por lei quem deve pagar o *mussoco;* mas costumam pagal-o todos os

negros que habitam nos territorios sujeitos, por via tradicional, a essa imposição, seja qual fôr a sua naturalidade, e nunca os brancos ou os asiaticos, mas só os negros sobre quem o Estado não lança outras contribuições geraes directas. É pois, a côr da pelle a base do lançamento; mas o individuo de pelle escura que possuir propriedade, exercer commercio ou industria tributavel, ou pagar renda de casa, inscripta nas matrizes, deixa de ser contribuinte do *mussoco*. Não póde, pois, imaginar-se systema tributario mais primitivo e vicioso; mas subsiste, e deve subsistir, porque é antigo, entranhado nos costumes, reputado legitimo pelas populações. Todos os negros na Zambezia, reconhecem que devem *mussoco* a alguem; mas nem sempre querem admittir que esse alguem seja a auctoridade portugueza, e para elles, como para os brancos, nem sempre dever é cumprir. Nas terras onde temos verdadeiro dominio, e nomeadamente nos prazos do antigo districto de Quelimane, proximo da villa, a cobrança faz-se sem ter que vencer resistencias; só ha que vencer esquivanças, e transigir com inopias irreductiveis. Faz-se procedendo previamente a um recenseamento dos contribuintes, que se obtem percorrendo as povoações e colhendo subsidios dos *inhacuanas* ou antes mandões indigenas, e, na época propria, indo receber a esportula de cada recenseado á sua palhota, ou convocando os de cada região a apresentarem-se na *recebedoria* installada em algum barracão de palha. Onde os serviços estão bem montados, dão-se umas senhas convencionaes como certificados de pagamento. Em algumas partes acceita-se pagamento em generos commerciaes, amendoim, copra, mapira, mexocira; n'outras, e mais commummente,

QUELIMANE — FEITORIA FRANCEZA

só se recebe moeda cunhada. Naturalmente, os resultados das cobranças dependem muito do zelo, da auctoridade pessoal, e até da giria dos cobradores, e assim variam de anno para anno dentro de largos limites. Conheci um que attrahia os contribuintes mostrando-lhes uma lanterna magica e varios bonecos de corda. Na collecção de bonecagem possuia um preto que marinhava por uma palmeira de zinco, e descia trazendo um côco á cabeça que fez sensação no Boror e trouxe muitas ovelhas á tosquia fiscal!

Nas regiões productoras e commerciaes todo o indigena *pode* pagar 800 réis por anno, e até muito mais sem sacrificio, nem esforço, quasi sem trabalhar; basta-lhes crear umas gallinhas para vender, e d'esse recurso se

aproveitam muitos. Mas tão indolente e preguiçoso é que muitas vezes não coalha as *duas rupias* e *dois chapões* do estilo, tão innocente ou tão apegado ao chão, que pisa, que não faz fosquinhas ao fisco mudando a casa, que pouco mais pesa do que a do caracol, e põe-se então á mercê do arrematante do *mussoco* e dos seus agentes, que lhe aproveitam a dependencia para o tornar instrumento docil dos seus fins, bons ou máus. E' este um dos segredos,—facil de adivinhar, — do poderio dos *arrendatarios dos prazos*, e o seu valor é augmentado pelos vexames, até pelas crueldades, que muitos d'elles se julgam auctorisados a exercer sobre os devedores remissos e insolventes. Tantos são elles que não o praticar, e cobrar o *mussoco* honradamente, sem duplicações, sem furtos nas medidas dos generos e nos trocos, sem sequestros de pessoas ou apprehensões de bens, tambem é um titulo de influencia sobre os povos, um saque sobre o seu reconhecimento, que elles coitados costumam honrar; mas os arrematantes de ordinario preferem o terror ao amor, como meio de dominação, e brandindo nas mãos terriveis a arma do *mussoco* devido ou indevido, estabelecem verdadeiras tyrannias. Ainda agora, especialmente no districto de Tete, ha alguns que, por processos suaves ou violentos, levam atrás de si as populações inteiras dos prazos, para o bem ou para o mal; são capazes de leval-as a defendel-os contra os governantes que pretendam resgatal-as da servidão em que vivem. Esses é que são os verdadeiros dominadores do sertão, a auctoridade real, o poder de facto; elles é que têem dado á Zambezia uma historia confusa de guerras e sedições, assim como são elles que tornam possiveis todos os emprehendimentos do governo que requerem força. Succedelhes ás vezes—e d'isso ha exemplo recente,—esticarem tanto a corda das oppressões que estala e açoita-lhe as faces; mas o negro atura muito, e as tradições de escravidão, juntas talvez a propensões de raça, entregam-n'os a um dominador, sujeitos e ufanos da sua sujeição. No interior todo o preto é *d'alguem*. Os da Gorongoza, chamavam-se a si, com arreganho, *gente de Manuel Antonio;* os soldados denominam-se *gente de rei*. De si é que elles nunca são. Portanto, a dependencia do *mussoco* encontra no proprio temperamento e nas tradições dos contribuintes, terreno preparado para o estabelecimento de verdadeiros feudalismos sertanejos. Por que se não anniquilará esse feudalismo que, afinal, recebe do Estado os seus principaes meios de acção e força, e nem sempre lh'os sujeita?

Porque não é facil, e não é incondicionalmente util.

Houve já um governador, homem energico, que fez programma politico e economico da administração directa dos prazos pelo Estado, e portanto de substituição *dos arrematantes do mussoco*, por simples funccionarios publicos; mas apesar da metropole lhe deixar a acção desempedida, só se atreveu a pôr em execução esse programma nos prazos do littoral que estavam mais de baixo de mão da auctoridade, e ahi mesmo com excepção. Com os potentados da Alta Zambezia, que eram precisamente os mais oppressores dos povos, e os mais perigosos para o governo, não boliu, antes os utilizou muitas vezes e fez bem n'isso. Porque não se sentiu com forças para os desapossar? Em parte; mas em parte tambem porque se os supprimisse, sentir-lhes-hia a falta, achando-se em frente dos povos e dos seus chefes naturaes, indigenas, sem meios d'acção sobre elles quasi sem relações com elles. Substituil-os-hia por funccionarios? Certamente; mas esses funccionarios, ainda que fossem exemplares — seria quasi impossivel encontral-os taes, — só excepcionalmente adquiririam sobre os indigenas a influencia que tinham conseguido os arrendatarios por interesse proprio no decurso de largos annos, e, para adquirirem alguma, careceriam de recursos materiaes que o Estado talvez lhes não podesse facultar, de qualidades pessoaes que se não impôem como se exigem habilitações litterarias, e até de estabilidade no exercicio dos cargos, que o regimen dos serviços publicos quasi não consente; rarissimos são os funccionarios, que, nas regiões onde os negros não estão inteiramente domados, adquirem, só em virtude das suas attribuições legaes, verdadeiro poder sobre elles, e a razão é que selvagens nenhuns reconhecem a auctoridade dos principios e das leis, de que deriva a auctoridade funccional. Só se sujeitam a auctoridades pessoaes, que saibam impôr-se-lhes, ainda que de todo lhes faltem titulos de legitimidade. A maioria dos governadores, dos commandantes militares, dos agentes do poder central, que vae para o interior, em regra, só imaginam obter dos indigenas as provas de sujeição que elles se acostumaram já a prestar, tendo-lhes sido creado o costume por alguma influencia *pessoal* anterior, e só a obtêem quando, e emquanto, outra influencia da mesma natureza os não contrariem. Em toda a provincia de Moçambique, os homens que exerceram, e exercem, sobre as populações verdadeiro predominio, como José Bonifacio, Araujo Lobo, Diocleciano das Neves, Leforte, Manoel Antonio, os Ferrões, Romão de Jesus Maria, nunca deveram esse predominio ao exercicio de funcções publicas, embora

alguns as desempenhassem; deveram-n'o, e devem-n'o, a si proprios, sendo auxiliados pelos meios d'acção que souberam tirar das relações commerciaes, da posse da propriedade territorial e, em certos casos, da exploração dos prazos e da cobrança do *mussoco*. E embora alguns d'esse homens tenham sido, ou ainda estejam sendo, incommodos ou perigosos á auctoridade publica, com a collaboração d'elles, é que realmente se tem dilatado e firmado o dominio portuguez na Africa Oriental.

A bôa politica não é, pois, supprimil-os, *onde não houver certeza de que a influencia que elles exercem reverterá para a auctoridade publica;* é antes aproveital-os para agentes d'essa auctoridade, reprimindo-lhes as exhorbitancias, umas pelas outras, quando para isso não bastem a força material e a força moral do Estado. Vêja-se o que succedeu bem recentemente em Manica. Manoel Antonio de Souza não era, não podia ser, um *homem de confiança,* mas emquanto elle foi poderoso e viveu, governava-se Manica só com o trabalho e a despesa de o governar a elle, e agora, depois da sua morte, para sujeitar o paiz é preciso sujeitar quasi a um por um os muitos potentados indigenas, seus amigos ou seus inimigos, que n'elle ficaram dominando; Manoel Antonio seria, pois, um instrumento pesado e que, demais, poderia voltar-se contra a mão que o empregava; mas era um instrumento util, e que teria sido mais util e mais docil e menos perigoso, se tivesse havido o cuidado de constituir ao lado do seu poderio outros, que, sendo necessario, o puzessem em cheque. A Zambezia póde ser governada e disciplinada com os seus potentados, os seus capitães-móres, os seus arrendatarios de prazos, melhor do que sem elles, é preciso, porém, saber manejal-os, como os monarchas habeis da meia-edade européa manejaram os barões feudaes, emquanto não poderam destruil-os. A situação social da Africa tem muitas analogias com a da Europa depois das invasões germanicas, e quem a governa precisa saber a historia d'essa época confusa, que parece barbara, mas d'onde sahiu a civilisação. Uma das accusações que se fez ao systema do arrendamento do *mussoco* dos prazos, a de favorecer a creação *de potentados*, que absorvem em sí a influencia sobre os indigenas que *se suppõe* que o Estado poderia adquirir, não é, pois, inteiramente fundada; além d'isso, esse systema é legitimado por vantagens economicas. Nos prazos sujeitos, como quasi todos os do antigo districto de Quelimane, onde os povos estão acostumados a pagar o *mussoco*, a cobrança d'essa capitação por agentes do Estado é certamente mais ren-

No Prazo Luabo-Sombo

dosa para elle do que a sua arrematação, por isso que a quota do producto, que o arrematante mette em si, excede muito os vencimentos e as percentagens dos simples cobradores fiscaes; dil-o a razão, confirma-o a experiencia. Já não deve ser assim nos prazos sertanejos, cujos habitantes se sujeitam a *homens* a quem se afizeram a obedecer, e não a leis por serem leis; ninguem supporá que seja possivel a um qualquer funccionario que se apresente a arrecadar tributos nas terras de Manica, tirar d'elles receitas eguaes ás que devia tirar Manoel Antonio. Mas ainda n'aquelles prazos mais fiscalisaveis, o Estado, cobrando o *mussoco* pelo meio dos seus agentes, se junta mais dinheiro, tambem o torna improductivo, desaproveita a faculdade que o *mussoco* tambem dá, produzir trabalho, e pelo trabalho crear novas fontes de rendimentos publicos.

Se o *mussoco* pode ser, e é, um meio de adquirir poder sobre o negro, é tambem um meio de obrigar o negro a trabalhar, e o mais efficaz que ainda se conhece, visto não haver leis e auctoridades fortes que lhes imponham o trabalho como um dever moral e social. Ora, um particular pode utilizar esse meio, o Estado não. O arrendatario pode transformar o imposto pecuniario em contribuição de trabalho, e com elle agricultar o prazo ou a propriedade que dentro d'elle constitua; o Estado não, a não ser que se faça tambem lavrador, sujeitando-se a pagar elle as despesas da lavoura, para os seus agentes, que a dirigirem, lhe recolherem os proventos. Essa conversão de impostos estabeleceu-se, em toda a Zambezia, consuetudinariamente, e foi ella que deu algum impulso á agricultura. Pode dizer-se que nos districtos de Quelimane e de Tete não ha um coqueiro, não ha um arrozal — fóra das areas cultivadas espontaneamente pelos indigenas de conta propria, — que não fosse plantado ou semeado pelo contribuinte do *mussoco*, pagando esse imposto a trabalho braçal. Quem queria iniciar culturas começava por arrendar o *mussoco* d'um prazo para tirar d'elle trabalhadores. Ainda muito recentemente se quiz arrendar o *mussoco* do prazo Timbue, exclusivamente para por esse meio arranjar, não já agricultores, mas carregadores para o porto do Chinde. Quando em alguns prazos o systema do arrendamento foi substituido pelo da cobrança directa pelo Estado, os antigos arrendatarios que n'elles tinham *fazendas*, acharam-se sem braços, e muitas foram abandonadas. E' tão necessario, por que assim o diga, receber uma parte do *mussoco* em trabalho que, n'esses mesmos prazos, os administradores, os cobradores officiaes, mais zelosos, emprehendem culturas; somente, alguns d'elles chamaram seus aos productos d'essas culturas e até os terrenos cobertos por ellas. As proprias auctoridades se servem do *mussoco*, para angariarem braços para obras publicas, carregadores e até cipaes, recebendo serviços em troca d'elle. Em resumo, o *mussoco* põe á disposição, de quem tem o direito de cobral-o, uma quantidade de trabalho, que só pode ser bem aproveitado por capitaes e iniciativa particulares, com a circumstancia especial de não ser esse trabalho, senão em pequenissima escala, transmissivel, alienavel, por parte de quem deve recebel-o, como remissão do imposto pecuniario, porque taes alienações, e transmissões estabeleceriam de facto um regimen de servidões pessoaes.

Accresce a isto, que em toda a Zambezia, não só a exploração agricola, senão tambem a constituição da propriedade rustica, ligam-se inteiramente ao systema de arrematação do *mussoco* dos prazos. Só os arrendatarios aforam terrenos, como só elles emprehendem culturas, porque só elles julgam poder dispôr de braços. Pergunte-se ás estações officiaes de Quelimane e Tete quantos individuos, em todo este seculo, têem requerido aforamentos de terras — a não ser para construcção — ou têem adquirido terras, a não ser esses arrendatarios! Alguns que as requereram e obtiveram, abandonaram-n'as. No periodo em que a maioria dos prazos de Quelimane estiveram sob a administração do Estado, paralysou-se de todo o movimento de constituição e exploração de propriedade rural; recomeçou, porém, logo que esses prazos voltaram ao regimen do arrendamento.

Mas este regimen não pode deixar de ser cercado de precauções destinadas a utilizarem de facto, o direito de cobrar o *mussoco* em beneficio do desenvolvimento cultural. Antigamente, se alguns arrendatarios, como o de Mahindo, aproveitavam os braços dos contribuintes cuja bolsa era insolvente, nem todos seguiam esta pratica salutar. Como as rendas que pagavam ao Estado, eram insignificantes em comparação do rendimento do imposto, arrecadavam só a parte d'elle cobravel em dinheiro ou em generos, desprezando as parcellas que só poderiam aproveitar acceitando a sua remissão a trabalho, e isso lhes bastava para enriquecerem ou para levarem vida folgada. Prazos houve onde nem os emphyteutas, nem depois d'elles os arrendatarios, nunca plantaram sequer um pé de mandioca; e estes exploradores, atidos só ao *mussoco*, eram naturalmente os que para lhe fazer avolumar as receitas empregavam extorsões mais violentas, opprimindo os negros por processos extractivos que repugnariam aos proprios senhores de escravos, que ao menos eram inte-

ressados na conservação da sua propriedade. Como evitar estes odiosos abusos, tão frequentes, que tinham apparentemente justificado a suppressão do regimen do arrendamento? Vigilancia das auctoridades, nenhuma bastaria ao intento por mais zelosa. Só o interesse proprio, e se podesse ser, a necessidade, moveria os arrendatarios a não serem iniquos para os contribuintes, a acceitarem-lhes de bôa mente o pagamento em trabalho, e aproveitarem-lhes os braços; restava encontrar a formula que lhes tornasse o cumprimento d'estes deveres, proveitoso, e, sendo possivel, sujeito á sancção penal da propria remissão.

Quelimane — Casa de Balthazar Farinha

Essa formula, encontrou-a a commissão que em 1888 foi encarregada pelo governo da metropole de *estudar as reformas a introduzir no systema dos prazos de Moçambique*.

Comquanto reconhecesse que a cobrança immediata do *mussoco* pelo Estado era directamente mais rendosa para elle, a commissão aconselhou o restabelecimento do systema do arrendamento por interesse da agricultura, e, portanto, do desenvolvimento economico da provincia; mas, por isso mesmo, empenhou-se em collocar os arrendatarios na collisão de cultivarem a terra ou arruinarem-se. N'este empenho formulou um projecto de legislação, segundo o qual, nos prazos onde a cobrança do *mussoco* fosse arrendada em praça publica, o arrendatario só cobraria metade da sua taxa de 800 reis por cabeça em dinheiro, devendo obrigatoriamente cobrar outra metade em trabalho, na razão de 400 réis por semana; ao mesmo tempo pagaria ao Estado uma renda, fixada pela licitação em praça publica, mas cujo *minimo* seria a somma total de todas as quotas cobraveis a dinheiro., D'este modo, absorvendo-lhe a renda, pelo menos, toda a contribuição pecuniaria que lhe pagassem os indigenas, a sua margem unica de lucros seriam as quotas em trabalho, e esses lucros annullar-se-hiam desde que o trabalho não fosse aproveitado. Para o aproveitar, o arrendatario obrigar-se-hia a cultivar em periodos determinados certas parcellas dos terrenos do prazo, proporcionaes ao numero de quotas de trabalho de que podesse dispôr, as quaes tomaria de aforamento; se aquella obrigação não fosse cumprida, caducaria este contrato. Dar-se-lhe-hiam as faculdades necessarias para, sob as vistas da auctoridade publica superior, e como seu agente responsavel, compellir os contribuintes ao pagamento das prestações pecuniarias e de serviços, e conceder-se-lhe-hia o direito de commercio dentro do prazo, direito não exclusivo, mas desafogado da concorrencia da venda ambulante, que ficaria prohibida.

Este projecto foi, com ligeiras alterações,

convertido em decreto (novembro de 1890) e a sua regulamentação reforçou-lhe os preceitos destinados a fomentar a agricultura especialmente, dispondo que cada arrendatario seria obrigado, pelo seu contrato especial, a plantar em prazos fixados, um certo numero de pés de cafezeiro e de outras plantas ricas. O decreto, porém, como o projecto da commissão que lhe serviu de base, não applicou o systema do arrendamento em praça publica, com as condições de cobrança em trabalho agricola, senão aos prazos inteiramente sujeitos e habitualmente pacificos, onde ha condições de segurança para os emprehendimentos culturaes; nos outros, nos do interior, conservou, emquanto fosse julgado conveniente, o regimen dos arrendamentos concedidos pelo governo, como mercê, a individuos que fossem julgados idoneos para n'elles manterem a ordem, e com os seus indigenas, organisados como cipaes, servirem o Estado. Assim se procurou attender simultaneamente ás necessidades politicas e militares, e ás conveniencias economicas.

Na região da Zambezia, onde a auctoridade tem, ou pode ter, acção directa e effectiva sobre as populações, e n'esse caso estava quasi todo o districto de Quelimane, mandou-se estabelecer o arrendamento em hasta publica para utilização do solo por meio de agricultura; na zona interior, mais selvatica, onde as frequentes guerras e rebeldias tornam precarios os emprehendimentos culturaes, o Estado entendeu ficar com a liberdade de escolher os arrendatarios dos prazos, para com os arrendamentos procurar serviços ou assegurar lealdades dependentes, mantendo assim, mas tambem organisando-o e disciplinando-o, o como *feudalismo* que n'essa zona era um facto natural e tradicional.

Estas reformas foram começadas a executar em meiado de 1892, e no districto de Quelimane, e só n'elle. Estavam sob a administração directa do Estado todos os prazos d'esse districto, menos o Luabo e o Melambe, o Mahindo e Olinda, o Maganja d'aquem Chire e o Marral ou Mirrambone; o Massingire e o Maganja d'além Chire, haviam sido no continente arrendados pelo governo da metropole, por contrato especial, a um allemão, o sr. Wiese, que prestára assignalados serviços na exploração dos territorios da margem septentrional do Zambeze, onde impera o M'pzema. Dos prazos vagos, o Guengue, o Mugôvo e o Goma, situados além do Chire, não foram considerados em condições de se lhes applicar o systema dos arrendamentos para exploração agricola, por serem povoados por gentes bravias; o Anguaze e o Andone, vizinhos de Quelimane, muito povoados, muito cultivados pelos povoadores, e cujo *mussoco* rendia, sem difficuldades de cobrança, cêrca de 20 contos de réis, ficaram na administração da fazenda; os demais foram postos em praça publica, para serem arrendados por quem se quizesse sujeitar a pagar por cada um d'elles uma renda annual não inferior a metade do rendimento do *mussoco*, devido pelos seus habitantes, calculado pelos recenseamentos feitos pelos agentes do Estado, obrigando-se tambem a só receber em dinheiro metade d'esse *mussoco*, e applicar o trabalho prestado como remissão da outra metade na cultura de dadas parcellas de terra, para esse fim tomadas de arrendamento, conforme as disposições novas do decreto de 1890.

Esses prazos eram o Quelimane do Sal reunido ao Pepino, o Tangalane junto ao Cheringone, o Carungo, o Inhassunge, o S. Paulo ou Madal, o Macuse, o Licungo, o Nameduro, o Tirre, e o Boror.

O resultado da praça foi inesperado. A licitação versava sobre o *quantum* de renda annual, e a sua base era a *totalidade* da quantia que, segundo os recenseamentos, os arrendatarios poderiam receber *em dinheiro* dos contribuintes, se não se tentassem com o mero lucro constituido pelas quotas do trabalho, visto como o producto d'esse trabalho não poderia ser remunerador nos primeiros 25 annos de arrendamento, e não é da nossa indole corrermos atrás da esperança de ganhos longinquamente futuros. Pois não succedeu assim: os lanços offerecidos em competição tanto subiram que, no conjuncto, os prazos foram arrematados por mais do que a calculada receita total do *mussoco*, paga tanto em moeda como em trabalho!

Teria sido mal calculada essa receita? Confiariam os arrematantes em que o zelo do seu interesse proprio a faria avultar? Os mais d'elles confiaram simplesmente em que as suas manhas, e as relaxações da administração publica, lhes permittiriam melhorarem os contratos praticamente, furtando-se ao cumprimento das suas clausulas onerosas, e nomeadamente ao preceito de só receberem em dinheiro metade do *mussoco*.

E parece que se não enganaram!

❀ ❀ ❀

APESAR de terem estado sempre sujeitos a regimens viciosos ou viciados, os prazos, na sua generalidade, e nomeadamente os do districto de Quelimane, receberam nos ultimos trinta annos valiosas beneficiações, menos devidas talvez a influxos da legislação do que a estimulos de interesse particular. Essas beneficiações apreciam-se

principalmente por comparação. Ainda em 1856, a maioria dos prazos estavam quasi desertos, ou a sua população não era contada pela administração, e pelo fisco, por não ter relações com a auctoridade publica. Os do districto de Tete tinham sido na maior parte invadidos pelos cafres e a invasão cobrira tambem uma vasta região do districto de Sofala, e penetrára no Licungo, no Inhassunge e no Tirre, pertencentes ao districto de Quelimane.

N'esta ultima circumscripção, inclusa a jurisdicção de Sena, nas proprias terras de que as hordas bellicosas do sul se não haviam apropriado, e até nas mais protegidas por fortalezas ou nucleos de colonisação, os habitantes humanos deviam ser mais raros do que as féras, sendo o despovoamento devido, não só ao pavor que infundiam as assolações d'aquellas hordas, senão tambem á escravatura, ás oppressões dos emphyteutas e ao atrazo economico. Segundo a relação de Bordallo, no Macuse, que tem mais de 500 milhas quadradas de superficie, apenas existiam 240 colonos indigenas e 180 escravos; hoje o *mussoco* d'esse prazo está arrendado por 8 contos de réis, o que faz suppôr que o povoam mais de 12.500 contribuintes. Na mesma data, as estatisticas davam ao Boror, cuja população não é actualmente inferior a 10.000 almas, apenas 150 colonos e 20 escravos. O Andone e o Angoaze, vizinhos de Quelimane, estão sendo agora um viveiro de gentes, que pagam ao Estado cerca de 20 contos de réis em quotas de 800 reis; pois no meiado do seculo teriam 250 colonos e 500 escravos. E o que produziam, esses e todos os outros prazos? Quasi exclusivamente generos de alimentação cafreal: algum arroz e milho, muita mexueira, feijão, mapira, pouco amendoim e gergelim.

Bordallo que menciona as producções de cada prazo d'alguns districtos nunca inclue no rol d'essas producções o côco ou a copra, que todavia é hoje um dos mais vigorosos ramos da exportação de Quelimane. Alguns palmares haveria, certamente, pois que já os conhecia Fr. João dos Santos, mas tão mingoados ou desaproveitados que nem mereciam ser citados na descripção economica da provincia; os que hoje exornam e opulentam o littoral da Zambezia são modernissimos.

Deshabitados, incultos, ameaçados por devastações, os prazos deixaram até de encontrar quem os explorasse quando tambem deixaram de ser parques de caça grossa, por se haver internado o elephante e ter sido abolido o trafico de escravos. Muitos foram abandonados pelos emphyteutas ou sahiram do regimen emphyteutico, por falta de pretendentes, e ficáram na posse do fisco por tambem não haver quem os tomasse de renda. Em 1856, dos 72 prazos do districto de Tete, só tres tinham foreiros e só quinze haviam achado arrendatarios; na propria jurisdicção de Sena estavam sete prazos devolutos. Evidentemente a transição d'este deploravel estado de coisas para um regimen de regular exploração do solo não era facil, nem podia ser rapida. Pode dizer-se que, na Zambezia, as culturas não exclusivamente destinadas á alimentação dos indigenas, as culturas industriaes, foram iniciadas ha menos d'um quarto de seculo; e não tendo sido favorecidas por capitaes abundantes, nem por leis sabias, nem por iniciativas intelligentes, não admira que ainda hoje sejam acanhadas e atrazadas. Mais admira que algumas se emprehendessem faltando-lhes todas as condições de prosperidade. Foram tentadas todas, ou quasi todas, por homens sem dinheiro, sem instrucção, sem recursos de especie alguma, que tiraram de si e da riqueza natural do paiz tudo quanto conseguiram. Soldados das expedições do reino, indios miseraveis, operarios, indigenas beneficiados por alguma instrucção, têem sido até agora, e ainda estão sendo, afóra as auctoridades, os principaes, quasi os unicos, agentes do desenvolvimento economico das regiões zambezianas; alguns principiaram a vida com o méro auxilio d'uma espingarda com que matavam elephantes, uma enxada com que lavravam milho, ou um fardo d'algodão fiado para comprarem amendoim.

A obra de taes obreiros, por muito viciosa e rasteira que seja, é, pois, um milagre de energia humana e de productividade do solo, ajudado — é força reconhecel-o — pelo systema do arrendamento do *mussoco* dos prazos. Foram esses arrendamentos que forneceram os capitaes com que em Moçambique se têem iniciado as explorações agricolas.

A mais prospera d'estas explorações, ainda hoje, é a do prazo Mahindo, prolongado do norte para o sul, entre o Muto e o Inhaombe, servido pelo rio que lhe deu o nome, vizinho de Quelimane e do Zambeze, populoso, fertil e enorme. O *mussoco* dos seus habitantes foi arrendado ha muitos annos, por uma quantia progressiva, que apesar do seu progresso ainda hoje não alcançou 2:500$000 réis, a João Antonio Correia Pereira, homem activo, sobrio, habil, que associava á tempera d'um sertanejo prendas d'um civilisado, e sabia por egual disciplinar negros e captar brancos. Ha dois annos que o salteou a morte a meio caminho andado da fortuna. Deu os primeiros passos n'esse caminho, atido aos saldos da cobrança do *mussoco*, applicando-os a desbravar e cultivar a terra, ainda antes de ter

sobre ella outro direito que não fosse o d'uma occupação tolerada; depois, aforou as vastas superficies que pouco a pouco cobrira de plantações, officinas, casas de habitações, e creou no prazo, uma vasta *fazenda* que anda apregoada em Moçambique, e em Portugal, como modelo dos estabelecimentos agricolas d'aquella provincia. No Mahindo — pelo menos no tempo do seu creador — havia que aprender, não só como a terra d'Africa remunera cultura diligente, senão tambem como é possivel organizar e regularizar o trabalho rural dos negros. Entretanto, não se encontram lá exemplificados os emprehendimentos vastos, que o saber e o capital associados podem realizar n'um solo fecundo. Os processos culturaes são rudimentares em si e nos seus instrumentos, e foram applicados a producções que não parecem ter sido escolhidas pela mais profunda comprehensão dos recursos economicos do paiz.

A grande riqueza do Mahindo são os palmares, e essa riqueza é uma pobreza relativa. Da canna saccharina faz-se lá aguardente para absorpção dos negros, mas não assucar para consumo dos brancos. Não ha, ou só ha em reduzida escala, plantações de café, de borracha, de baunilha, de nenhum dos artigos de exportação que tem opulentado colonias europêas. Por falta de dinheiro, por timidez, ou por cobiça a lucros immediatos, João Correia não se desapegou da rotina agricola da provincia, que sacrifica o futuro ao presente, e habilitou-se mais para explorar o mesquinho mercado local do que para concorrer aos grandes mercados do mundo. Foi o maior, o mais intelligente, o mais adeantado *agricultor cafreal*, mas não representou legitimamente o genio da Europa applicado á cultura da terra africana. Fez uma propriedade rendosa, mas não fez, nem de certo pensou em fazer, uma escola pratica de agricultura colonial.

Em Moçambique, a agricultura tem passado e ha de passar, no seu desenvolvimento gradual, por tres *periodos* ou *estados*.

O primeiro, a contar do passado para o futuro, e do atrazo para o progresso, é constituido pela simples colheita de productos espontaneos, e pelas pequenas e differentes culturas feitas exclusivamente pelos indigenas, de generos destinados á propria subsistencia ou á permutação por artigos do seu uso; este periodo pode considerar-se symbolisado pelo amendoim e gergelim em algumas regiões, e pela borracha em outras. O segundo estado ou periodo pertence ás plantações emprehendidas por europeus ou por indigenas, das especies que a terra produz exuberantemente, sem ou com pouco trabalho humano, e cujos productos, quasi todos pobres, têem consumo na provincia e no estrangeiro: é representado pelo coqueiro. O terceiro e ultimo, ainda agora mal iniciado, deve ser aquelle em que o europeu, auxiliado pelo braço indigena, força a terra, por meio d'uma cultura scientifica, servida por machinas, estabelecida por capitaes abundantes, a produzir, não já o que ella offerece, nem mesmo o que dá mais facil e promptamente, mas o que mais preço e estimação alcança no consumo do mundo civilisado: será o periodo do café, e o da canna saccharina aproveitada para a fabricação do assucar. O Mahindo é um bom exemplo, e especialmente um exemplo lucrativo, da agricultura africana do segundo d'estes estados; o terceiro ainda está representado unicamente, em toda a provincia, pelas explorações da *Companhia do Assucar de Moçambique*, emprehendidas no prazo Maganja d'aquem Chire: nos demais prazos da Zambezia, os mais vastos territorios estão ainda desaproveitados, ou só utilizados pelos cultores do periodo do amendoim, podendo apontar-se a dedo os que já chegaram á edade do *coqueiro*. Depois dos do Mahindo, os palmares mais afamados pela sua extensão, são os do prazo Inhassunge, os dos arredores de Quelimane (prazo Angoaze). Tambem se vão desenvolvendo as plantações de coqueiros n'esse Luabo, de que já fiz descripção especial.

Coimbra — Capella de Santa Comba

O milagre de Santa Comba

Era Santa Comba filha de mãe portugueza e d'um capitão tudesco, que, em tempos remotos, veio sitiar Coimbra. Conta a lenda que os rudes soldados, vestidos de ferro, ficaram suspensos diante da graça e da innocencia da prisioneira, como alguem que se desvia do seu trilho para não calcar uma haste fragil. O tudesco quil-a para mulher e, no fim de tempos, diz com ingenuidade a chronica, «sentiu-se prenha essa senhora com grande alegria do marido», já esquecido da sua terra.

Cresceu linda e fina como a haste d'um lyrio. Os cabellos cobriam-na e Christo na sua alma era como uma arvore viva e enorme que por todo um chão cria e alastra raizes. Vinham gentios vêl-a e os cavalleiros que como as féras viviam de saque, de gritos e da rapina, os homens bravos e ferreos, estremeciam tocados, como quando succede o milagre d'um lyrio domar uma féra. Já por ventura viram um pé de balsamina medrar na raiz de pedregulhos? Tudo em torno era secco e vulcanico — mas logo a aspera paizagem se transforma commovida. Tonta sorri: o sol tem outro brilho mais lindo, uma ave innocente vem e canta, e parece que as proprias rochas, contemporaneas da creação do globo, perdem a tristeza e criam coração. Assim Santa Comba entre os guerreiros do seu tempo.

Criara-a uma ama, por sua mãe não ter leite, e eu cuido estar vendo a rustica mulher do povo, alma d'esta boa terra portugueza, toda affeição e humildade, dar-lhe, com a magica bebida de seus peitos, a piedade, torrente inesgotavel n'esta nossa gente pobre. Diz Frei Thomé de Jesus que a agua limpida até n'um caco brilha: pode a alma ser de fogo e o envolucro bem grosseiro.

Devemos a photographia que encima este artigo, bem como os desenhos, fidelissima illustração documentar que o acompanha, á amabilidade do nosso dedicado collaborador, o sr. Valle e Sousa, distincto amador de arte. e erudito investigador de archeologia patria.

Contava historias, como todas as amas, á sua menina, a quem creara affeição de mãe, e entre ellas o do Menino nascido n'um curral, a de Herodes, a do Calvario—a lenda ingenua e formidavel, que os pobres architectaram sobre o Drama e que tem bastado para estancar desesperos durante seculos e seculos. Santa Comba vivia embebida... Grande quadro este: o d'uma creatura rustica e simples formando a alma d'uma creança!... Quasi a estou vendo murmurar:

— Minha menina!, minha menina!...

São de todos os tempos estas palavras. Dizem-nas ainda hoje as amas ás creanças, chegando-as a seus peitos. Quasi não sabem pronunciar outras e repetem-nas em tons diversos, para exprimirem sempre o mesmo admiravel sentimento — o Amor. Em algumas syllabas, em sons apenas, vae uma immensa levada de ternura — por um filho estranho. Digam-me os sabios, que tudo no universo explicam, em que profundidades reconditas da natureza e porque formulas e reacções chimicas, se gera esta inextinguivel emoção?

Valle e Sousa

Martyrio de Santa Comba — *Esculptura existente na Fonte da Santa em Coimbra, (desenho do sr. Valle e Sousa)*

Santa Comba crescia como uma flôr innocente, branca e coberta do oiro dos seus cabellos, de olhos verdes e sobretudo um ar ethereo, tão fragil que fazia scismar n'um grande lyrio animado e estranho, alvo e empoado d'oiro, para o qual o luar tivesse cedido a pallidez e o sol os raios fulvos. Esguia e linda, e prestes a esvair-se como os sonhos... Diante d'ella os guerreiros fallavam baixinho com medo que se sumisse. Assim franzina e gracil domava-os. Seu pae um dia chamou-a:

— Deixa essa religião que te ensinaram. E' o deus dos pobres e dos escravos...

Ella só respondeu:

— E' Christo.

Elle sombrio teimou:

— Deixa essa religião que te ensinaram. A vida é bella!

— Maior é a dôr.

O pae não insistiu, mas um dia veio — diz a chronica — de muito longe um principe para a esposar. Deu-lh'a o velho, ao tempo em que a Santa fugira através dos montes. Então já a velhinha, que com a alva bebida da existencia lhe déra a alma, repousava no fundo da terra, n'um sitio perdido, onde dormiam o somno eterno os escravos e os parias. Ninguem lhe suspeita o nome. Para sempre ignorado seu corpo viajará nas raizes e nos troncos, nas nevoas do céo, n'esta gotta d'agua talvez que se põe a refulgir alli defronte n'uma folinha de espinheiro.

Santa Comba fugiu. Pelos caminhos asperos deixava pedaços do vestido e, por entre a natureza bruta e a noite, ella caminhava, etherea como as nuvens, coberta com o regio manto dos seus cabellos.

— Tua filha? — perguntou o principe ao velho.

— E' tua escrava, dou-t'a. Procura-a.

A Santa vivia a existeneia dos pastores, n'uma gruta. As mulheres rudes ensinavam-lhe a conhecer a Ursa, o Leão refulgente, o Sagitario que no verão enche todo o sul, mas ella só via o Christo por entre o burbulhar das estrellas, na profunda e calma immensidade da noite... Levavam-lhe flôres, ao primeiro halito da manhã, sorriam; mas para ella no vasto universo só a Cruz existia. E talvez ouvisse uma voz humilde e meiga, chamando:

— Minha menina!

Um fiosinho d'agua começou a correr na gruta, enchendo-a de suave frescura. O coração da natureza, menos duro que o dos homens commovera-se, ou talvez a montanha se deitasse a chorar lagrimas em fio pelas penas e trabalhos que a virgem ia passar. Não é raro a natureza misturar-se á tragedia humana. Para obrar prodigios basta possuir uma scentelha da grande torrente que atravessa as simples creaturas, os globos do céo, as pedras e as madresilvas das sebes. Eu de mim para mim tenho que a emoção é a propria Vida. A primavera, que revolve a terra, não é outra coisa senão emoção, e quando no espaço surgem essas nodoas leitosas e esparsas — que são mundos em via de se formarem — é o infinito que se commove. Já pararam ao pé d'uma mãe d'agua? Não lembra que a terra secca foi tocada e se pôz a chorar?

O principe cercou-a, mas para a encontrar foi preciso deitar fogo a todo o bravio do monte.

A Santa pôz-se a chorar: as suas lagrimas molharam as pedras, o maninho, e enrodilhada no chão, pediu a Christo que a fizesse tão feia que o principe lhe tomasse odio.

E o drama é este, o milagre é este — tão simples e tão grande. Resume-se em duas linhas e encerra um mar bravo de profundidade e de dôr: a Santa para se conservar virgem e já prestes a cahir nas mãos do principe, roga a Deus que a torne horrorosa. O sapo pensa em ser flôr, a flôr deseja tornar-se estrella e a linda creaturinha pede a Deus que os seus cabellos cendrados, a sua immaterialidade, se transformem em horror e em lepra. Todos nós pela estrada da Vida desesperadamente amassamos com dôr a realidade para a volver em sonho. Aqui não, é o lyrio por vontade propria feito sapo, a Belleza convertida em Fealdade. E no entanto dentro d'este milagre ha outro prodigio maior — infinito porque pertence a Deus. E' que o horror é aqui a maxima Belleza: a Santa monstruosa e coberta d'asco fica mais bella ainda. Mas a lindeza é outra e incomprehensivel ao mundo antigo: espiritual e eterna.

Um Santo é um irmão de tudo o que é humilde: das aguas, que são as lagrimas da terra, dos cardos e dos pobres. Seus milagres fal-os a poder de emoção. Mas um Santo não é só humilde — é tambem pequenino. Um Santo é uma creança de genio. Amesquinha-se, ri-se, com um riso que lhe brota do coração, das proprias deformidades e soffre com as alheias. Um Santo adivinha o mundo: communica pela alma com o universo; e como está em contacto com a torrente de emoção que atravessa indifferentemente a terra e as estrellas, as pedras e os globos infinitos — um Santo pode fazer com simplicidade todos os milagres.

* * *

Quando os soldados a agarraram, tremeram

Reliquia de Santa Comba, *existente n'um reliquario de ebano com incrustações de prata, no mosteiro de Santa Cruz em Coimbra (desenho do sr. Valle e Sousa).*

d'espanto: era um monstro e o principe ordenou que a crucificassem logo. Perto havia uma oliveira e n'ella, como mostra a estampa ingenua do livro, na arvoresinha humilde, de

pequeninas folhas esverdeadas, ataram-lhe os braços. A arvore que dava aos pobres o lume, a arvore que se desentranhava em riqueza e frescura — serviu tambem, indifferentemente, de cruz. Santa Comba vivera — e n'essa hora o fio d'agua da gruta poz-se n'um impeto a brotar, a cahir, a espalhar-se, qual levada de pranto.

RAUL BRANDÃO.

URNA DE MADEIRA EM TALHA CONTENDO OS RESTOS DE SANTA COMBA
no Sanctuario do Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, (desenho do sr. Valle e Sousa)

Diz o padre Rosario que o corpo da virgem foi depois achado d'ahi a muitos annos, no logar do seu martyrio por uns monges. Viram os religiosos algumas noites a fio, um estranho resplendor que partia do céo sobre as arvoresinhas do pousio onde a Santa fôra sepultada. Acharam o corpo e levaram n'o para a sua egreja onde o veneraram d'alli em diante. Extinctos estes monges, succederam-lhes outros da regra e habito de Santo Agostinho, os quaes, sendo bispo de Coimbra D. Miguel, que foi conego regular do convento de Santa Cruz, trasladaram o corpo para a egreja do mosteiro, ahi pelo anno de 1170. Na parede estava uma pedra, com um buraquinho redondo por onde manava oleo que os fieis recolhiam em panninhos, que serviam de remedio para todas as enfermidades.

Quando El-Rei D. Manoel, pelo anno de 1510, mandou demoilr a egreja velha de Santa Cruz e reedificar a nova, foram os ossos da Santa trasladados para um cofre e guardados no santuario do mosteiro, d'onde foram depois trazidos para o altar de Santo Antonio no corpo da egreja.

A Architectura da Renascença em Portugal

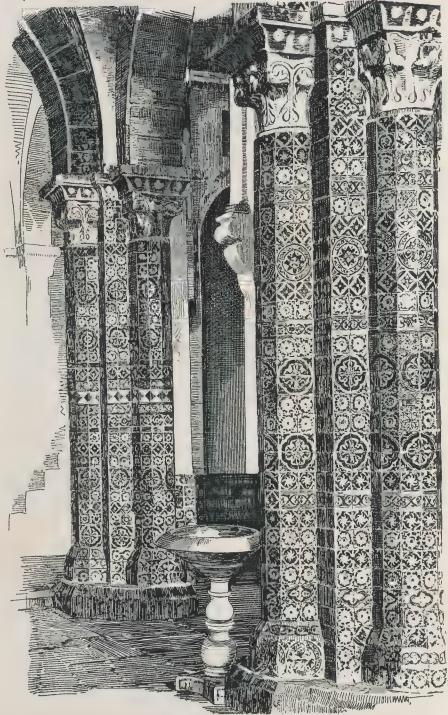
POR ALBRECHET HAUPT

Periodo de decadencia do reino. D. João III. Influencia jesuitica. D. Sebastião. O cardeal-rei D. Henrique. A arte e o humanismo. Damião de Goes. Francisco de Hollanda. Filippo Terzi. Distribuição dos monumentos pelo paiz. Materiaes. Azulejos. Arte mourisca. Azulejos da Renascença. Faianças. Decoração de madeira. Couros trabalhados. Moveis. Bordados. Ourivesaria. Serralharia artistica. Pintura. Esculptura. Terracottas italianas. Esculptura em pedra.

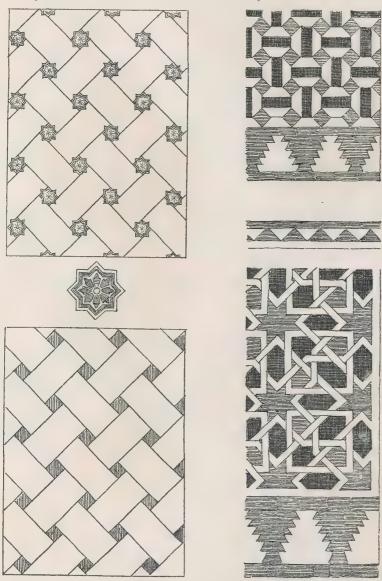
COMEÇOU o periodo da decadencia no momento em que subiu ao throno o filho de D. Manuel, D. João III, fraco de caracter, mas forte de crenças. Uma após outra, foram abandonadas as praças d'Africa que não era facil manter; a má administração dos vice-reis e governadores da India continuou apressando a ruina e a vergonha da metropole; dentro do paiz cresceram as perseguições religiosas contra os christãos novos (mouros e judeus convertidos), ou apenas suspeitos, até que em 1531, effectivamente, a Inquisição fez a sua entrada official; e o irmão do rei, o cardeal D. Henrique, mais tarde elle proprio inquisidor-mór, estabeleceu, em seguida ao primeiro tribunal do Santo Officio d'Evora, dois outros, um em Lisboa e um segundo em Coimbra (1539). Davam-se n'aquelle tempo em espectaculo frequente ao povo, progressivamente embrutecido, numerosos e imponentes autos da Fé; eram quasi a unica distracção da sua serpejante existencia, entre o medo das denuncias e o rigor dos julgamentos. Se o rei Fillippe II de Hespanha, com o seu alto espirito politico, sabia pôr limites á Inquisição, quando lhe não servia os desejos, e não tolerava no clero outro poder maior, D. João III em sua cegueira accrescentou á introducção d'aquella o advento dos jesuitas. Em 1541 entraram em Lisboa, e por 1550 tinham-se apoderado do paiz, posto que algumas cidades, provincias, a Universidade de Coimbra, o proprio cardeal D. Henrique e com elle a Inquisição ameaçada em seu poder, se tivessem defendido passo a passo, e por todos os meios, contra a invasora influencia d'elles. Finalmente, depois de uma disputada resistencia, cahiu-lhes ás mãos a ultima fortaleza da palavra livre, a Universidade, e assim lhes ficou entregue irrevogavelmente o destino do paiz. Mas tudo isto era apenas a vespera da longa festa de vinte annos que a Companhia de Jesus havia de celebrar sob o reinado de D. Sebastião, seu docil discipulo.

Os jesuitas souberam tornar impossivel a regencia da rainha D. Catharina e a do cardeal D. Henrique, em nome do herdeiro do throno que apenas contava tres annos de idade; e assim foi que durante o reinado de D. Sebastião (1557-1578) Portugal tornou-se arena exclusiva dos padres confessores do rei e dos partidarios d'elles.

O proprio infeliz D. Sebastião, creado sob a acção de similhantes influencias e arteficialmente educado para se tornar um ascetico meio demente, encaminhado por conselheiros egualmente cegos, dirigiu exclusivamente a sua attenção para o melhoramento espiritual do seu paiz e para a propagação da sua crença. Imaginou realizar o seu ideal com a funesta expedição contra os mouros em Africa, os quaes facilmente destroçaram o exercito portuguez, commandado pelo proprio rei fanatico, cercado de seus inhabeis favoritos (1578).

Este golpe pôz termo ao esplendor de Portugal. Os dois annos de interregno do velho cardeal D. Henrique semelham-se aos ultimos annos da vida d'este, a qual elle passava arrastando-se a custo: era como que um fluctuar entre a vida e a morte; e quando em 1580 Filippe II de Hespanha, sob o pretexto dos direitos de parentesco, se apoderou sem grande difficuldade do paiz, acabou-se para sempre o phantastico reinado dos jesuitas. 1

Revestimento de azulejos dos pilares da nave da Sé Velha de Coimbra

A arte, desde que attinge uma certa culminancia, é capaz de continuar vida independente, mesmo sob as mais tristes circumstancias; e assim vê-se que, debaixo do governo de D. João III, acordadada uma vez arte, que então predominava no resto da Europa, alastrára tambem para aqui alguns ramos que não deixaram de exercer influencia, até no proprio paço do rei.

Fallámos já no mais notavel dos humanis-

Revestimento de azulejos de paredes e de pavimentos do Alcazar de Sevilha

a Renascença, como já dissemos, produz-se uma serie de obras encantadoras, embora poucas possam infelizmente ser attribuidas á iniciativa regia.[2] O humanismo, amante da tas e archeologos portuguezes da época, em André de Resende, d'Evora; e agora citamos o facto de que no paço de D. João III, o qual nos primeiros annos do seu reinado re-

sidiu n'aquella cidade, um allemão, Nicolau Clenardus [3] (Kleiners) companheiro e amigo d'aquelle primeiro, foi elevado á dignidade de preceptor do irmão mais novo do rei, o que mais tarde foi o cardeal D. Henrique. Elle conjunctamente com uma pleiade de homens da mesma intellectualidade, como André de Resende, Maffei, [4] Jean Petit, Ayres Barbosa, Jeronymo Osorio, João Vaseu e outros formaram uma sociedade de espiritos cultos na côrte. E não deve esquecer-se aqui o nome de Gaspar Barreiros.

De par com estes homens, é digno de ser em especial citado Damião de Gôes, o grande diplomata, chronista e eminente amador de arte. Tendo viajado muito, como embaixador em Flandres e na Allemanha, ligou-se intimamente com muitos humanistas (Peutinger, Erasmo) e artistas allemães; entreteve correspondencia com Jacob Fugger e d'esta ha ainda cartas; existe tambem ainda um seu retrato em gravura da mão de Durer [5].

Damião de Góes trouxe do norte para Lisboa numerosas obras de arte; e as suas collecções, celebres n'aquelle tempo, foram de uma influencia decisiva no gosto artistico de seus conterraneos. Em suas grandes obras litterarias, as chronicas de D. João II e D. Manuel, consagrou particular attenção á actividade d'aquelles reis no dominio da arte. A vida de Góes é a imagem do seu tempo. Depois d'uma gloriosa carreira, por tantas e tão diversas espheras de producção intellectual, veio a morrer na prisão dos jesuitas que no amador do bello viram um inimigo.

Azulejos muraes mouriscos do pavilhão de Carlos v *no Alcazar de Sevilha*

Não nos devemos esquecer de mencionar aqui a obra de Francisco de Hollanda [6] (1518-1584) o qual nos reinados de D. João III e de D. Sebastião trabalhou activamente como architecto, illuminista, e escriptor. Mandado a Roma pelo rei em 1537, frequentou ali com os primeiros artistas a escola de Miguel Angelo. Uma parte dos estudos de sua viagem, reproduziu-os elle no livro dos esbocos do Escurial para D. João III (1538-1547) [7]. Escreveu uma serie de dissertações sobre a arte, offerecidas aos seus soberanos: 1548, da pintura antiga; 1549, dialogos do tirar pelo natural; 1571, da fabrica que fallece á cidade de Lisbôa. D'estas obras a ultima tem um

interesse muito especial; é offerecida, como promemoria, a el-rei D. Sebastião e contém proposições sobre a defesa de Lisbôa, sobre a construcção d'um palacio em Xabregas, em seguida sobre a construcção de um aqueducto, sobre concertos de pontes e calçadas, sobre a collocação de pedras millenarias, e finalmente sobre a construcção e decoração de uma egreja, sob o orago de S. Sebastião, tudo exemplificado com desenhos. Estes esboços mostram o autor como um architecto d'um talento e d'uma phantasia limitados, e na sua quasi totalidade, approximam-se da arte italiana; são elles o documento da extincção da arte portugueza independente e do predominio do gosto italiano, introduzido pelos jesuitas.

Azulejos mouriscos

Aqui temos talvez já a influencia de Fillippo Terzi, que veio do norte da Italia (tal-vez Verona) d'esse mestre por cuja producção, n'esta época, a architectura religiosa portuqueza soffreu uma segunda orientação, como effeito especial do poder dos jesuitas, que então se tornára illimitado.

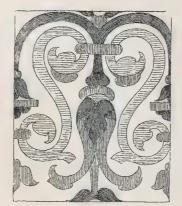
N'este tempo e no reinado do cardeal D. Henrique, Terzi foi encarregado de numerosas construcções, e as obras do mestre e dos seus successores justificaram a confiança n'elles depositada. São do mais grandioso estylo em terra portugueza, e excedem inteiramente, no simples poder do effeito como tambem na forma nobre, as construcções hespanholas da mesma época. Na propria Italia não se póde quasi citar um só mestre d'este periodo que, tanto em grandeza evidente como em pureza de *detalhes*, o tivesse egualado. Como architecto de obras de fortificação defensiva, de grande importancia, e de outras construcções civis de utilidade geral, muito trabalho teve de executar.

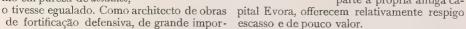
Azulejos mouriscos

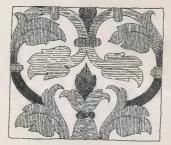
Grangeou particular estima dos reis a quem serviu; e tanto que, quando o glorioso poder de Portugal encontrou subito e bem triste termo na infeliz empresa d'Alcacer Quibir, onde a flôr da fidalguia portugueza juncou o campo de batalha, o successor do rei tentou primeiro que tudo remir o artista dilecto, o architecto da casa real, um dos poucos que, tendo escapado á morte, houvera cahido captivo ás mãos dos mouros.

A sua influencia dilatou-se até quasi ao periodo do governo dos hespanhóes. As ultimas construcções, que se suppõe ainda serem d'elle, devem ter sido feitas pouco antes de 1600. Ellas marcam o ponto culminante da Renascença bem definida, em terras portuguezas; depois d'ellas, a architectura portugueza declina de tal sorte, que durante um seculo nada de importante se produziu no paiz.

Concluiremos portanto a nossa historia da Renascença em Portugal, no fim do dominio hespanhol.

© © ©

Como resultado das condições do meio, as mais importantes construcções da architectura portugueza agruparam-se, em primeiro lugar, em volta da capital Lisboa e disseminaram-se depois, principalmente, ao longo, e dos dois lados, da estrada de communicação entre ella e o Porto.

O proseguimento de investigações artisticas no norte, leste e sul do paiz faz reconhecer uma realização progressivamente decrescente e uma concepção mais rustica para a peripheria, de maneira que nada faz suppôr que na parte montanhosa ou no interior das provincias se possam encontrar outras construcções de particular valor; tudo ao invez da Hespanha e da Italia. Mesmo as grandes cidades da provincia, como Braga, em parte a propria antiga capital Evora, offerecem relativamente respigo escasso e de pouco valor.

Em parte, a questão dos materiaes deve ter tido n'isto influencia directa. A mais bella pedra de construcção encontra-se no centro do paiz e nas cercanias de Lisbôa. E' um calcario esbranquiçado como marmore, d'uma grande delicadeza e que existe em differentes gradações até a região do Mondego. N'al-

guns logares assemelha-se ao calcario francez branquissimo que póde ser cortado á faca. Tal é o do destricto da Batalha, onde os trabalhos de canteiro são os mais ricos de todo o paiz. Magnifico marmore branco, muito bello, acha-se nas regiões de Estremoz e de Elvas, até proximo de Beja, ao longo da fronteira hespanhola, onde por isso se encontram numerosas e valiosas construcções, mas quasi sem excepção dos tempos medievos. Pelo contrario, no norte, até a fronteira de Galliza, predomina quasi exclusivo o granito, o qual naturalmente produz uma architectura pesada e grosseira nos *detalhes*, como é proprio de sua natureza. Assim raras são ali as construcções de um fino acabamento.

Azulejos mouriscos

Para o sul apparecem a revezes ainda o calcario e o lioz mas cada vez mais raros, de maneira que na provincia mais meridional do paiz no Algarve, o trabalho chamado *taipa*, de origem mourisca, é ainda muito empregado e naturalmente ligado com a pedra de cantaria. Com este processo technico conseguiram obter apenas um acabamento menos cuidadoso e artisticamente mais pobre, na maioria das construcções d'aquella provincia. Tijolos, barro moldado, encontram-se até o seculo XVI na provincia da Beira Alta e muito principalmente em Evora, porque os mouros até a sua expulsão ali cultivaram aquelle fabrico.

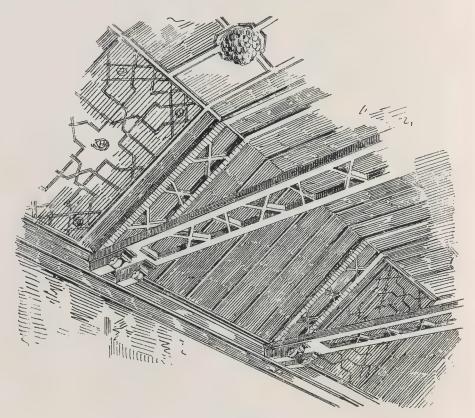
❦ ❦ ❦

Bem caracteristico na architectura portugueza foi, e ainda hoje é, o uso de revestir, á moda mourisca, as paredes com azulejos. Este revestimento era muito apreciado, tanto em paredes internas como externas, de sorte que fachadas inteiras de egrejas, torres, casas, pateos, abobadas, corredores, caixas de escada, salões e paredes de quarto, eram assim todas ornadas sem excepção. Como já dissemos, esta industria d'arte decorativa, primitivamente desenvolvida em Hespanha, foi adoptada dos mouros, como affirmam os seus antigos monumentos. O processo originario d'aquelles consistia em revestir as paredes com uma especie de mosaico, comprimindo contra ellas, recobertas de argamassa fresca, pedaços de diversas fórmas, representando fitas entrelaçadas. A Alhambra, o alcaçar de Sevilha, e outros edificios d'esse tempo, fazem-nos vêr em differentes passagens e pateos um revestimento d'este genero em todas as paredes até uma certa altura. O processo permittia mesmo adornar com esta curiosa decoração superficies curvas, as proprias columnetas. Os mouros, no progressivo desenvolvimento da sua technica, empregaram esta mesma especie de desenhos geometricos em azulejos regularmente divididos, para simplificar o antigo e difficil processo, e dos quaes restam exemplos até o fim do seculo XVI em Hespanha e em Portugal. O modo de fabricação dos azulejos era o seguinte. Permia-se o barro dentro de fôrmas de linhas escavadas, reproduzindo-se assim o desenho em relevo e, depois de secco o azulejo, enchiam-se as partes fundas com as diversas côres. Preparados assim, eram cozidos, impedindo o relevo dos traços que se misturassem as côres. A gamma d'estas era relativamente rica. Empregavam mesmo o ouro e aquella bem conhecida côr brilhante metallica de que servem para exemplo os celebres azulejos da casa de Pilatos em Sevilha. Esta fabricação de

Decoração em azulejos na ermida de Santo Amaro em Alcantara

azulejos é ainda hoje chamada pelo povo *á mourisca.*

Perdem-se com o desenvolvimento da Renascença os desenhos arabes de entrelaçados geometricos, para serem substituidos por uma ornamentação livre e muitas vezes rica de composição artistica. Serve de exemplo o pavilhão de Carlos V no alcaçar de Sevilha, o qual é decorado com azulejos d'este genero das; mas estas pertencem principalmente aos primeiros tempos da Renascença.

Este desenvolvimento de decoração com azulejos acompanhava muito proxima e naturalmente o do fabrico das faianças. Em antigos tempos predominavam os processos mouriscos e até o desapparecer dos mouros na peninsula florescia aqui, como em Hespanha, a fabricação de vasos pintados de orna-

Tecto de madeira de uma egreja em Sevilha

em que o padrão se estende por uma quantidade maior de azulejos.

Com a expulsão definitiva dos mouros, parece ter acabado em Hespanha o fabrico dos azulejos, em quanto que os portuguezes continuaram a fabrical-os a seu modo. Empregavam estes então o processo tambem em uso nos azulejos hollandezes, reproduzindo os desenhos em azul, por vezes em amarello, encarnado e verde, sobre fundo branco.[9]

Encontram-se tambem, excepcionalmente, além dos padrões, coordenados architectonicamente, composições polychromas ornamentaes com figuras ricamente emmolduratos mouriscos de differentes côres, principalmente com o conhecido reflexo auriluzente. Desde então começou a ceramica portugueza a ter existencia propria; os artefactos de Coimbra e d'outros lugares, certamente sem pretenções, tomaram bem cedo, provavelmente os primeiros na Europa, por modelos, as fórmas e as côres chinezas. Nos seculos XVII e XVIII esta industria de arte attingiu notavel perfeição, e os productos do Porto, de Villa do Castello, de Massarellos, de Lisboa etc., não são inferiores aos de Delft e de Rouen.[10]

O uso de empregar a madeira em decorações internas póde tambem ser attribuido a

tradição dos mouros. No Oriente houve tambem sempre o costume de empregar os tectos de madeira; existem numerosos e caracteristicos exemplos na peninsula iberica, nas mesquitas e palacios mouriscos.

Capella em talha na Sé do Porto (seculo XVII)

Em especial, tomando talvez para modelo as abobadas de estalactites, apreciavam os tectos em forma de gamella ou de cupula, que se elevavam das paredes; e parece que, numerosos tectos d'este feitio elles construiram tambem para o mundo christão até o momento da sua expulsão da peninsula. Em Hespanha e em Portugal encontram-se abundantes exemplos de tectos de madeira em egrejas e em palacios mesmo do seculo XVI que apresentam, no todo ou sómente em parte, de-

corativas fórmas mouriscas. As egrejas do tempo de D. Manuel, ao norte de Portugal (Caminha), são todas decoradas com tectos similhantes na fórma quebrada e

Decoração de capella em talha na egreja de Collares

no adorno mourisco que correspondem exactamente ás egrejas hespanholas da mesma época. A egreja do Palacio de de Cintra tem de madeira a sua abobada de berço, cylindrica. Ainda depois da expulsão dos mouros, os portuguezes conservaram esta fórma, muito apreciada, até os fins do seculo XVII; os tectos de madeira da Renascença teem, por toda a parte, a antiga forma de gamella ou de cupula; divididos em caixotões, ou ornamentados com campos emmoldurados ou pinturas. O emprego da madeira na decoração foi sempre muito variado, principalmente na architectura religiosa. Além das explendidas ornamentações dos córos de egreja com as suas bancadas, e das sachristias com os seus magnificos armarios, empregavam-n'a em ricas construcções sobre altares, primeiramente como moldura dos paineis, e depois como revestimento das paredes, mesmo dos tectos das capellas, preenchendo todas as superficies com uma luxuosa decoração de esculptura, toda dourada. Começou no seculo XVII, e proseguiu, o uso de recobrir as superficies das paredes e dos tectos das egrejas, com talha dourada, produzindo-se assim effeitos que excedem em explendor deslumbrante tudo quanto n'este genero se tem feito, (a obra prima d'esta decoração é a da velha egreja de S. Francisco no Porto). Mas, desde o tempo da Renascença, haviam já attingido notavel perfeição os trabalhos d'este genero, depois que, no reinado de D. Manuel, os mestres flamengos tinham introduzido para taes fins, e em grande escala, a obra de talha. Os exemplos conservados, infelizmente bem poucos, dão uma alta idéa do brilhante desenvolvimento d'esta arte no paiz As cadeiras do côro de Belem (1560) podem ser consideradas entre os primeiros trabalhos d'este genero em toda a peninsula iberica.

Um outro ramo, bem caracteristico nas industrias de arte, de que Portugal se póde gloriar, é sem duvida o do trabalho de gravura em couro, o qual somente attingiu a sua maxima perfeição, nos seculos XVII e XVIII. A applicação d'este processo decorativo aos bancos dos coros, e ás costas e assentos das cadeiras, era frequentemente usada; os museus e as casas nobres do norte do paiz possuem muitos d'estes trabalhos portuguezes, mas a sua utilização pertence tambem, nos seus mais antigos exemplos, á Renascença.

Os moveis (contadores) que se dizem ser da India, podem ser citados como caracteristicos do paiz, e ainda hoje se encontram muitos em Lisbôa. Na sua maioria são armarios, similhantes aos que se fazem nas provincias rhenanas, cuja parte inferior é aberta, e assentam sobre phantasticas figuras de animaes, tendo o corpo superior muitas gavetas, feitos de páu rosa ou d'outra qualquer madeira fina, com ricos embutidos e de diversas

maneiras com desenhos indianos. Os cantos são cingidos e as superficies cobertas de ornamentações orientaes, extraordinariamente finas e abertas em metal. Ha tambem outros moveis d'este mesmo estylo, por exemplo: mezas com tampos ricamente embutidos e com pés em forma de animaes. A julgar por informações que me foram fornecidas, estes contadores eram desde o seculo XVI fabricados nas colonias da India para a metropole. No trabalho manual dos moveis, não se deve deixar de citar a variada applicação da arte de torneiro, em cuja execução se reconhece especial habilidade; de preferencia se adoptavam partes torcidas diagonalmente, e outras perfiladas cuidadosamente. Vê-se isto em pés de meza, dos seculos XVI e XVII trabalhados de differentes maneiras, como tambem se observa nos leitos cujas cabeceiras são muitas vezes compostas de partes torcidas. Nos numerosos e magnificos armarios de capellas e de sachristias de egrejas, teve largo campo de applicação este processo decorativo. Ainda mais uma lembrança da apreciada industria artistica dos mouros, trabalho ainda hoje florescente das *muscharabie* (grades de madeira).

Tambem não eram descuidados outros ramos das industrias d'arte, mas sómente tanto quanto necessarios á decoração das egrejas e dos palacios. Da arte de bordar, especialmente applicada ás vestes sacerdotaes, frontaes d'altar, etc., encontram-se numerosos exemplos de maravilhosa perfeição, embora seguindo sempre os classicos modelos de Hespanha. Mas na época manuelina destingue-se a maneira, que então era independente, pela rudeza e espessura da ornamentação a pár da riqueza do material e da execução. Os brocados por vezes incompa-

Grade de capella na Sé Nova em Coimbra

raveis, e os luxuosos tecidos, que ainda hoje abundam nos thesouros das sacristias, parecem ter em geral origem hespanhola ou italiana.

Não succede tanto assim com os trabalhos existentes em ourivesaria do tempo do gothico e da Renascença, não obstante avultado numero d'elles provirem da Hespanha e da Italia, tanto quanto se póde julgar. Citam-se mestres competentes n'esta arte, como Pedro Alvares, ourives em Guimarães, 1480; Gil Vicente, o artifice da custodia de Belem, 1505. Dos thesouros do Museu das Bellas Artes em Lisboa, como tambem dos que se acham ainda em pósse dos seus primeiros proprietarios, metade póde dizer-se ser de origem portugueza e n'esta justamente muitas das mais notaveis obras da arte de ourivesaria. O seu valor integral promana do genero peculiar e particular do desenho e da execução, certamente solida, mas sem attingir a perfeição classica dos melhores trabalhos italianos e allemães. Como se praticava tambem em Hespanha, eram estes objectos na sua maior parte fundidos, e depois cinzelados; adornavam-se por vezes de esmalte de differentes côres; mais rara era a filigrana. Limita-se á época de D. Manuel o perio-

Cofre de prata pertencente ao thesouro do Mosteiro de Belem (trabalho hespanhol?)

Cruz de filigrana de prata pertencente ao thesouro do Mosteiro de Belem

do de fabrico d'estas obras n'uma concepção independente, em cuja composiçião predominava principalmente e ostylo naturalista, alliando-se o gothico das ultimas épocas á

Baculo em prata dourada pertencente á Sé d'Evora

ornamentação da Renascença primaria. Possuem as egrejas d'Evora, Braga e Guimarães, numerosos e esplendidos exemplares. Os trabalhos em serralharia d'arte são executados exclusivamente pelos modelos do gothico dos ultimos periodos.

Dão-nos mais exacta idéa do esplendor da vida portugueza, além das poucas notas existentes sobre a ornamentação dos palacios (em que especialmente são citadas as sumptuosas tapeçarias) as numerosas pinturas dos mestres portuguezes do tempo de D. Manuel e de D. João III. A riqueza dos objectos d'arte de toda a especie, a abundancia de obras da mais nobre Renascença primaria, que n'aquelles quadros completam a composição e enchem os fundos, permitte-nos deplorar, em verdade, a irreparavel perda da independencia portugueza, tanto mais que foi por ella que todo aquelle esplendor cahiu em ruina ou se dispersou pelo roubo.

Não podemos deixar de fallar d'essa escola de pintores portuguezes, se assim a podemos denominar, a qual, de par com a architectura nacional manuelina, se desenvolveu em prospera magnificencia, até agora menos observada e menos apreciada. Depois que se desfez a opinião geralmente vulgarisada, e se radicou a nova e contraria de que todas as obras de pintura d'aquelle tempo, posto que fossem muito parecidas, não se deveriam attribuir a um só mestre, quasi fabuloso, chamado Grão Vasco, consegue-se poder explicar e agrupar d'alguma fórma esta curiosa e anachronica orientação.[12]

A feição que apresentam estes artistas portuguezes é muito curiosa: é uma continuação da pintura flamenga do seculo XV, cuidando e conservando da escola de Van Eych até além da metade do seculo XVI, no paiz, e n'um sentido essencialmente nacionalista, aquella execução affectuosa, aquelle estylo severo e desenho firme, dos antigos mestres, como se não tivesse havido nem pintura italiana do seculo XVI, nem Miguel Angelo, nem aquelle maneirismo da época, que já se havia espalhado por todo o mundo,

E' facil distinguir mestres diversos n'aquellas pinturas, algumas das quaes deleitam pela suavidade encantadora, outras pelo movimento apaixonado. Mas, todos elles teem de commum em seus quadros uma apparencia aurea radiante, como se fôra a imagem do periodo mais brilhante do seu paiz, a gentileza dos seus caracteres, o esplendor dos vestuarios e de toda a composição artistica, a delicadeza dos fundos architectonicos, emfim uma graciosa execução em todo o quadro. Quanto ao valor artistico d'estas obras, devêra com certeza esperar maior estimação e mais apreço do que até aqui logrou ter. Justi foi o primeiro que indicou a verdadeira importancia d'estes artistas que dignamente se juntam aos seus grandes modelos dos Paizes Baixos.

A circumstancia de Jan Van Eych ter

vindo a Lisboa em 1428 para retratar a infanta D. Isabel, noiva de Filippe o Bom, de Borgonha, bem como a de se indicar a existencia no paiz d'alguns quadros dos successores d'elle, taes como os doze de Gerard David no palacio episcopal de Evora. não podia por si propria dar explicação bastante de ter existido aquella escola posterior e analoga.

Mas a obscuridade que envolvia a origem d'aquelle grupo de artistas, tão isolado em seu tempo, tem-se pouco a pouco dissipado com o conhecimento das relações de Portugal com a Flandres. [13] De 1504 a 1559 houve avultado numero de nomes portuguezes na relação da corporação de Lucas de Antuerpia como discipulos de mestres d'ahi, taes, como Quinten Matsys, Goswin van der Weyden, Jacob Spneribol, etc. Os mais antigos quadros d'este estylo em Portugal, os de Thomar, mostram a maneira de Q. Matsys, ao mesmo tempo que Justi estabelece para outros quadros caracteristicas particularidades das escolas de Harlem e de Calcario. Parece, em verdade, que a arte já extincta nos Paizes Baixos, se conservou intacta no paiz, e n'elle fez notaveis progressos, um reflexo da architectura que por tanto tempo conservou feições medievaes. Sómente a introducção do gosto italiano por homens, como o Hollanda, o qual se declarára energicamente contra aquella arte que, dizia elle «não ser pintura nenhuma», a asphixante influencia da arte jesuitica, afogaram aquella ultima e poderosa vergontea artistica da idade medieva septemirlonal.

❀ ❀ ❀

A ESCULPTURA seguia caminho commum ao das outras duas artes, mas em modestos limites, elevando-se raras vezes acima do que lhe permittiam os preceitos da moldura. As grandes construcções publicas, emprehendidas por el-rei D. Manuel, offereceram ensejos para esculptura ornamental; fóra d'isto, a plastica não pode ser apontada em obras independentes. Os trabalhos de Sansovino desappareceram; e, antes da vinda de mestre Nicolau, o Francez, parece que não existiam artistas que exercessem aquelle mestér.

Talvez fosse por isso mesmo que D. Manuel preferisse mandar adornar partes appropriadas a decoração, como por exemplo os espaços entre os arcos dos portaes, com baixos relevos de barro vidrado, alguns dos quaes se conservam no museu de Lisboa, mas nenhum d'elles, como era natural, em seu lugar originario. Eram sem excepção vidrados a branco e pertenciam á escola chamada d'ella Robbia, e por isso vieram da Italia. Que foram encommendados pelo rei, dão testemunho os tympanos das arcarias adornadas da mesma forma, onde se vê o seu brazão, retratos contemporaneos, etc.

Um dos mais bellos quadros da escola portugueza representa em segundo plano o portal da egreja da Madre de Deus em Lisboa, tendo o arco ornamentado com *terra-cottas*, minuciosamente reproduzidas, as quaes desappareceram do seu primitivo lugar.

Apenas os esplendidos portaes de Belem e

Cães de chaminé pertencente ao palacio real de Cintra

de Coimbra começam de desenvolver copiosa riqueza de adorno em figuras esculpidas, as quaes são na sua maioria ligeiramente trabalhadas e acabadas; os mestres francezes de Coimbra conjunctamente com os do paiz, que se deixaram influenciar pela pintura mais nobre, talvez auxiliados por artistas hespanhoes, imprimiram, no reinado de D. João III, vigoroso impulso a estas primeiras tentativas. Numerosos altares, mausoléos e portaes em Coimbra e seus arredores, apresentam um estylo

muito delicado da Renascença primaria, que muitas vezes se approxima da maneira italiana, e ainda mais da hespanhola ou franceza, mas sem ficar longamente dependente da influencia estrangeira. Estes trabalhos juntam á esculptura de figuras, por vezes de uma alta importancia, uma decoração e ornamentação architectonicas encantadoras, de maneira que, obras como o portal do norte da Sé de Coimbra e o pulpito de Santa Cruz, podem muito bem ser comparados com os melhores lavores italianos. Devemos tambem citar o notavel altar da Pena em Cintra, datado de 1532, executado em marmore e alabastro pelo mestre Nicolau Chatranez, uma verdadeira obra prima.

Os tres baixos relevos do claustro de Santa Cruz em Coimbra, representando motivos da paixão de Jesus Christo, approximam-se mais do periodo medievo da pintura nacional coetanea, e com ella se alinham em valor. Infelizmente porém são unicos no seu genero.

Em um novo, e mais brilhante ainda, florecimento, se desenvolve a arte plastica, n'um dominio peculiar ao paiz, — o trabalho artistico em barro. No seculo XVII, e até o seculo XVIII, uma escola memoravel creou numerosas e notaveis composições em barro com pinturas polychromas. Esta maneira, até então desconhecida e da qual se encontram exemplos isolados em Hespanha, foi larga e efficazmente empregada no adorno dos altares, em cima e detraz dos quaes se levantaram famosos grupos de figuras multicolores e douradas, com reducção perspectiva até a abobada das capellas. São estas esculpturas de estylo *baroco* moderado, mas decorativo, como aquelle que conhecemos das gravuras de Sadeler. Teem admiravel encanto algumas d'essas obras que abundam em Alcobaça, infelizmente quasi arruinadas, principalmente os obrigados grupos de anjos com que costumavam ser adornados os fundos e as abobadas.

A abundancia d'estes esplendidos trabalhos d'aquella época, tende naturalmente a desapparecer pouco a pouco pela falta de respeito do passado e pelo espirito de destruição. Muito seria para desejar que o povo portuguez, rememorando os tempos da sua antiga arte, puzesse termo áquella destruição progressiva.

Notas do auctor.— [1] Foram precisos sessento annos de mal dirigido governo hespanhol, e de profunda miseria, para que o progressivo dispertar do paiz, como quem recobra os sentidos perdidos, lhe désse a força e o pode- de sacudir, sob o impulso de um forte descendente de uma linha collateral da dynastia d'Aviz (1640), o jugo do oppressor que o fizera cahir em lamentavel fraqueza. Mas ainda hoje mesmo, após um longo bem-estar, debaixo do governo da casa de Bragança, as consequencias da terrivel queda de Portugal foram apenas em parte vencidas; do extenso mundo de suas ricas colonias pouco lhe restou. Mas talvez para elle, no seio do futuro, durma ainda um periodo de desenvolvimento e uma posição no mundo, que sejam dignos da situação e das capacidades do povo, como tambem do seu glorioso passado.

[2] D. João III dava, com effeito ordem a Pedro Nunes e a André de Resende de traduzirem Alberti e Vitruvio; mas o interesse e a energia do rei não eram sufficientes para realizar sequer a impressão da obra. Maravilha pois que n'aquelle tempo, como parece, Portugal não tivesse produzido, nem ao menos traduzido, uma só obra de theorias de architectura, em presença da já então avançada litteratura hespanhola sobre a arte de construcções.

[3] Gabriel Pereira, Estudos Eborenses; Casa Pia. S. II.

[4] Joh. Petr. Maffei, de Bergamo, jesuita e escriptor (1529-1603).— Os intuitos intellectuaes d'esta roda de homens nada tinha de conforme com a orientação do humanismo dos protestantes allemães, como era natural; Rezende e outros foram ecclesiasticos, Petit e Osorio mesmo bispos; reunia-os tão somente em commum a glorificação da antiguidade classica; e, sob este ponto de vista, deve incluir-se ainda uma fila de prelados d'uma interessantissima intellectualidade, como Miguel da Silva, bispo de Vizeu, o amigo de Castiglione, D. Diogo de Souza, arcebispo de Braga, D. Martinho de Portugal, arcebispo de Funchal, e acima de todos D. Jorge d'Almeida, arcebispo de Coimbra; justamente quatro dos mais calorosos iniciadores da Renascença em Portugal

[5] J. de Vasconcellos, Renascença Portugueza I., pag. 145. Vasconcellos tratou de: Alberto Durer e a sua influencia na peninsula; as relações de Portugal com a côrte de Borgonha; as relações com a Allemanha; o commercio de Portugal nos seculos XV e XVI; relações com a Italia, etc. Estes titulos indicam por si mesmos a importancia d'estes excellentes trabalhos para a historia da arte em Portugal.

[6] J. de Vasconcellos, Francisco de Hollanda, Renascença Portugueza, IV. — Raczynski, as Artes em Portugal, p. 5 e outras.

[7] «Reinando em Portugal el-rei D. João III, que Deus tem, Francisco d'Ollanda passou á Italia e das antigualhas que viu, retratou de sua mão todos os desenhos d'este livro».

[8] As extraordinarias obras da architectura mourisca executadas com tijolos na peninsula

Iberica não são infelizmente bastante apreciadas embora não sejam inferiores ás gothicas septentrionaes.

[9] Esta decoração, que offerecia ao artista amplo ensejo de exercitar o seu pincel expedito e leve, teve desde o seculo XVII uma perfeição que não mais foi egualada. N'esse tempo a côr era somente o cobalto sobre fundo branco, mas a riqueza da composição compensava a monotonia do colorido. Toda a parede era recoberta de pinturas historicas, allegoricas ou religiosas, mesmo quadros de genero, cercados de molduras em magnifica architectura. Numerosos trabalhos d'este genero se vêem, entre outros logares, na egreja da Graça em Santarem e na egreja do Hospital em Braga, O seculo XVIII conheceu, n'este dominio da arte, muitos mestres celebres; e ainda hoje, embora muito decahida, como era natural, se emprega esta maneira de decorar.

[10] J. de Vasconcellos, Exposição de Ceramica. Porto 1883. — O mesmo, Ceramica portugueza, na Historia da arte em Portugal.

[11] Olivel de Gand: 1508, altares e cadeiras do côro de S. Francisco em Evora, pulpito e cancêllos do altar; cadeiras do côro e altar do convento em Thomar; talvez o altar da Sé de Coimbra e as magnificas cadeiras do côro, que ainda existem.

[12] C. Justi, a pintura portugueza do seculo XVII: um exame que rompe caminho apoiado sobre os poucos positivos e preparatorios trabalhos de Raczynski, mas sobretudo nas excellentes obras e investigações do distincto escriptor J. de Vasconcellos. — (Vasconcellos, a pintura nos seculos XV e XVI, na Historia da Arte em Portugal, V.)

[13] Vasconcellos, archeologia artistica I. A pintura nos seculos XV e XVI — Justi, obra citada. Os portuguezes em Antuerpia.

(Continúa).

Synopse dos dois capitulos publicados — *Um velho fazendeiro australiano, Pedro Braz, cuja origem é desconhecida, e de quem se não conhece familia, morre depois d'uma viagem, tendo promettido a Helena Moss, cuja vida infeliz o commovera, e a João Millington, advogado intelligente em principio de carreira, deixar-lhes em testamento todos os seus bens que são avultados. Depois da morte, porém, não se encontra o testamento, e as propriedades, á falta de herdeiros conhecidos, entram em administração judicial. Faz-se leilão dos moveis; e alguns objectos da mobilia dispersam-se pelo mundo. Corre a lenda de que a alma de Pedro Braz anda penando e parece que a desventura acompanha sempre os possuidores diversos d'aquelles taes moveis que perteceram a Pedro Braz, o velho criador de gado.*

CAPITULO TERCEIRO

Em que se mostra como um simples gracejo determina a ambição d'um pretendente á herança de Pedro Braz, e como os favores que se dispensam nem sempre são o melhor meio de obter amigos.

O PRETENDENTE á herança jacente de Pedro Braz era incontestavelmente um homem de phisionomia agradavel, insinuante, como a têem quasi sempre os aventureiros audaciosos, para quem a falsidade é o fundo do caracter, a mentira a linguagem habitual, a ausencia de escrupulos a norma de sua consciencia. A' primeira vista são sympathicos; elle era-o tambem. Sujeitos a exame mais minucioso, inspiram certa repugnancia que apenas se torna sensivel aos mais prevenidos; assim era tambem este. Se alguem lhe perguntasse como vivia, não poderia dizel-o, se acaso quizesse fallar verdade.

Caminheiro de profissão, tinha d'este o aspecto vagabundo, mas accrescia-lhe a audacia do aventureiro.

O acaso das suas constantes peregrinações trouxe-o um dia a Malugalala. Parou ali sem mesmo saber onde, assim como difficilmente saberia dizer d'onde vinha. Pareceu-lhe devoluta a propriedade, não obstante o fumo que sahia d'uma chaminé das construcções exteriores annexas, denunciasse que havia gente por ali e que a *fazenda* não estava abandonada. Bateu á porta da habitação principal na perspectiva de que ninguem lhe respondesse.

Com grande surpreza sua, abriu-se-lhe a porta e viu defronte d'elle uma mulher.

— O que quer? — perguntou ella em tom pouco affavel.

— Poderá dar-me pousada, senhora? solicitou elle.

— Acaso lhe parece que eu o poderia fazer aqui? — e mostrava-lhe a nudez da sala cuja porta abrira, vazia de moveis.

— Bem, não pode. Agradeço-lh'o da mesma forma. Está-se mudando ou está desfazendo a casa? perguntou investigador.

— Desejava bem poder desfazel-a, derrubal-a, pedra por pedra; assim talvez se decidisse este mysterioso caso . .

— O que quer dizer? — disse o vagabundo sentando-se no degrau da porta, disposto a aproveitar da expansão da mulher, que bem lhe denunciava a indiscreta obcecação das idéas fixas. Este sitio tem um aspecto de grande abandono, é certo.

Sem repugnancia a senhora Geo contou tudo quanto sabia dos negocios de Pedro Braz, da desapparição do testamento, e da voz geral no districto de que o advogado Millington esperava ser herdeiro. O homem escutou com a maior attenção, e a mulher na sua ingenua simplicidade estava radiante de encontrar ouvinte tão interessado. Deu-lhe licença de pousar n'uma das edificações annexas e forneceu-lhe agasalhos.

Perguntou-lhe o nome e elle disse chamar-se José Candler.

Este apparentemente nada investigou, mas ia recolhendo com avidez todas as informações sobre o fallecido dono d'aquellas propriedades. Diligenciou chamar a si o velho mulato André, e saber d'elle tudo quanto podesse; mas o dedicado servo não queria fallar sobre o assumpto. Rasavam-se-lhe os olhos de lagrimas e voltava costas, abanando a cabeça com tristeza.

Candler foi-se demorando alguns dias; Thomaz Geo, o chefe dos pastores, aborreceu-se de ter ali o desconhecido e mais de uma vez esteve inclinado a mandal-o embora. Comtudo ficava sempre hesitante. Uma manhã, percorrendo em sua inspecção vigilante, um ponto afastado da propriedade, encontrou-se com Bob, aquelle que Pedro Braz nomeou á partida para Sydney, manifestando desejo de o levar. Bob acampara n'aquelle lugar para dirigir a limpeza e concerto de uma das vastas cisternas, que abasteciam a propriedade, d'agua para os carneiros e para todo o outro gado.

Thomaz contou ao moço corredor de cavallos a sua intenção a respeito do homem a quem dera pousada, e Bob, resoluto e energico, resolveu dar-lhe motivo na primeira opportunidade. Montaram a cavallo, e caminharam juntos até a casa central, e quando chegaram perto, Thomaz indicou-lhe Candler.

— O quê! como esse homem se parece com o patrão — exclamou Bob, apontando Candler, emquanto os cavallos se approximavam. Thomaz observou-o com attenção, e voltando-se para Bob concluiu :

— Não vejo d'onde lhe venha a parecença; e saltou do cavallo.

— Pareceu-me, até no seu andar vagaroso e arrastado ; e Bob apeou-se tambem, levando os cavallos para a estrebaria.

N'essa noite foi ter á pousada de Candler. Ora Bob era de sua natureza viva um pouco gracejador.

— Boas noites, sr. Pedro Braz — disse elle entrando onde estava Candler sentado, fumando, junto da chaminé em cuja lareira ardia um tronco de arvore.

A estação não era fria, mas elle gostava de ter fogo : — era companhia — explicava. Olhou surprehendido para Bob e perguntou:

— O que quer dizer ?

— Não será o senhor um neto de Pedro Braz, ou um filho da sua velhice ?

Candler sorriu-se intencionalmente, e nos olhos passou-lhe um relampago de subita ambição.

—Então julga que me pareço com o velho ?

— Acaso não o reconheci logo ? O senhor veio por certo reclamar a herança ? Não ha testamento, como sabe, portanto poderá tentar a succession.

— Talvez seja essa a minha idéa, quem sabe ?

— Pois bem ; basta apresentar a prova da descendencia, a arvore genealogica. Os acasos felizes apenas herdam por legado, meu caro senhor.

Candler riu-se outra vez.

— Quem é este João Millington, — perguntou — que parece querer ter direitos sobre as propriedades ?

— Um advogado em Sydney ; portanto bem póde ter cuidado em tratar com elle.

— Os advogados em Sydney são tantos como as sementes de herva no verão ; com isso nada me importo.

— Olhe que elle é homem muito esperto, não ha duvida, — e, rodando um pequeno cepo de madeira que Candler trouxera para queimar, Bob sentou-se.

— Elle não é tolo ; posso dizer-lh'o.

— Nem eu tão pouco.

— Não ? — e havia na voz do moço uma tal inflexão que o companheiro olhou para elle fixamente. Bob, porém, tirou da algibeira a pequena navalha de uso e serenamente começou a cortar tabaco para o cachimbo. — Bem, se o senhor se mette com elle verse-ha em breve quem é o esperto. Demais, ha tambem uma mulher que pretende eguaes direitos.

— Não faço caso, nem de cincoenta mulheres.

— Oh ! o senhor é o primeiro homem a quem ouço dizer isso. Com certeza, não é casado, aliás não fallaria assim, — e meneou a cabeça com um sorriso malicioso.

— Não, não sou casado, e se o fosse, gostaria de vêr a mulher, querendo embaraçar-me os passos !

Bob encheu o cachimbo e accrescentou solemne : — O senhor tem muito que aprender ... mas muito ..

— Talvez — foi a resposta. Com que então pareço-me com o velhote ?

— Com certeza ; exactamente, como duas flores da mesma estaca. Vá procurar o sr. Millington vá, elle lh'o dirá.

— Creia que irei.

— Faz muito bem.

— Dir-lhe-hei que esta propriedade é minha.

— Julgava isso mesmo.

— Julgava ?

— Decerto. Não o disse agora ? — continuou, aspirando do cachimbo uma forte e espessa baforada.

— E creia que, quando tiver tomado posse d'ella, lembrar-me-hei de si — accrescentou Candler com visivel intenção de ameaça e de ironia.

— Obrigado. Supponho que até lá terei ainda muito trabalho a fazer aqui.

—Ora ouça, continuou Candler, o nome de minha mãe era o de Maria Bráz.

— Assim o da minha...

— O quê?

— Deveria ter sido, visto que não era.

— Minha avó, era irmã de Pedro Braz.

—Assim deveria ter sido tambem a minha avô, sómente não o era — replicou Bob em tom grave e serio.

Candler olhou para elle desconfiado e irritado:

— Receio que esteja doido.

—Diz o vulgo que todos o somos. Qual dos dois será o maior? Essa é a questão.

— Se não é doido, quer dar indicios de que esteja muito proximo de o ser — replicou Candler com mal disfarçada ira; mas contendo-se, accrescentou: — Ora bem, quer ou não ouvir a minha historia?

— Fie lá a sua lã. Ajudar-nos-ha a passar a noite; e sacudia ao mesmo tempo a cinza do cachimbo na ponta da bota, n'um movimento que lhe era peculiar.

— Como lhe ia dizendo, a minha avó era irmã de Pedro Braz.

— Já morreu?

— Já se vê que sim.

— Pobre creatura.

José Candler estava completamente fóra de si. Sentia que o seu companheiro pretendia desfrutal-o, n'uma incredula ironia irritante.

Ficaram por momentos silenciosos.

— Acabou-se a historia? disse Bob, sacudindo de novo a cinza do cachimbo, e levantando-se para sahir.

— Não, não é só isso. Minha mãe era filha d'ella.

— Decerto. Isso era natural.

O homem olhou para Bob com aspereza; porém encontrou n'elle a expressão mais innocente e mais impassivel, que lhe desarmou a intenção ameaçadora.

— Ella foi unica filha, e eu sou unico filho d'ella, seu herdeiro, portanto como vê, herdeiro do velho.

—Não vejo, ouço.

—Pois sim: ora minha avó dizia sempre que eu era muito parecido com o irmão.

—Está bem; e depois?

—Este Pedro Braz, fallecido dono de Malugalala, era um degradado.

— O senhor mente— retorquiu Bob com indignação.

— Que diz? interrompeu o outro com espanto, e desespero.

— Digo que será mentiroso, se se atrever a affirmar que o meu defunto patrão fosse um degradado. O irmão de sua avó, se ella teve algum, poderia ter sido, talvez fosse. Mas se se atreve a repetir que o meu velho patrão era degradado, fique certo de que ... — gritou Bob com desabrida colera.

—Não se zangue, homem.

— Não affirme cousas que não sabe. E lembre-se que se diz por aqui que a alma de Pedro Braz não póde descançar e anda penando ainda. Quem sabe se ella o está ouvindo?!—e espreitava em redor., como se estivesse assustado.

... se se atreve a repetir fique certo...

Depois lentamente sahiu, tendo comtudo deixado, por gracejo inconsequente, um inimigo pessoal e um pretendente á herança do velho Braz.

❧ ❧ ❧

José Candler deitou mais algumas achas no lume, não tanto para se aquecer como para ter luz. Não lhe agradara a idéa do phantasma de Pedro Braz. Homem habituado á vida errante dos mattos, tinha todas as superstições que no isolamento desperta a comtemplação da natureza rude, indomita e mysteriosa.

Na manhã seguinte, Thomaz Geo deteve-o no momento em que elle ia descendo vagarosamente a valla que circundava a propriedade.

— Já deliberou o que ha-de fazer?

— Não — replicou Candler em tom seguro.

— Então será melhor escolher destino. Pode ir hoje pela estrada pensando definitivamente, hein?!

Tentou encontrar Bob antes de deixar Malugalala; mas só o avistou quando ia já pela estrada fóra. Bob viu-o tambem, sofreou o andamento do cavallo que montava e gritou-lhe de longe:

— Então a caminho da fortuna?

— Sim, a caminho de Sydney. Parto para ir buscar a minha herança.

— Ha-de achal-a talvez na prisão da colonia com o resto da sua familia; e, rindo ás gargalhadas, Bob internou-se na floresta.

— Deixa-me obter um dia esta propriedade, gritou Candler com ameaçador aspecto — e bem depressa seguirás tambem pela estrada fóra, a caminho da fortuna. Essa, te juro eu.

Caminhou longamente, meditando no seu plano astucioso, parando aqui e ali, em varias fazendas, e perguntando os caminhos de pousada em pousada, a acalentar esperanças de riqueza, a convencer-se do seu supposto direito á herança de Pedro Braz. Afinal chegou a Sydney, e dirigiu-se para o habitual *rendez-vous* dos que vivem em busca d'uma interferencia do acaso, o Parque Publico.

Pela tarde dirigiu-se ao escriptorio de João Millington, na rua de Pitt, a rua destinada á profissão legal, como a nossa rua dos Capellistas ao mundo da finança. Ladeam-n'a elevadas construcções de pedra, casas de aspecto venerando, solidas, pertencendo na sua maior parte a descendentes dos primeiros colonos.

N'uma d'ellas, João Millington occupava um quarto no terceiro andar. Era quanto lhe permittia a sua actual situação. Simples mas elegantemente mobilado, destacava-se como principal ornamento, um busto de Gladstone, esculptura de Parian, lembrança d'um cliente reconhecido.

Quantas visões de luxuosa installação lhe haviam passado pela phantasia, inspiradas na promessa de Pedro Braz, e quanto terrivel foi depois a decepção, não apparecendo o testamento!

O advogado João Millington era um rapaz baixo, reforçado, tez morena, olhar penetrante e vivo, cabellos negros e lustrosos como as azas do corvo. De maneiras attenciosas, trazia impressas na physionomia a habilidade e a tenacidade no trabalho. Tinha ganho algumas causas somente em resultado da sua inquebrantavel persistencia. Apesar do seu aspecto de energia rude, tinha no fundo um caracter bondoso. Recebia os clientes sem os avaliar pelo traje ou pela apparencia. Eram para elle necessitosos ou infelizes que recorriam ao seu conselho e confiavam na sua defesa. Ouvia-os, e se acceitava a sua procuração, dava-lhes toda a sua intelligencia e saber.

E' preciso não se suppôr que não haja na colonia tanto *snobismo* desprezivel e mesquinho, como na metropole, e que por lá não medrem e predominem as considerações postiças e os respeitos indevidos á posição, ou ao exito na vida. Uma sorte feliz na exploração de minas, ou em corridas de cavallos, justifica a recepção effusiva na sociedade official e *snobica*, a qual apresentará todas as suas galas, e dispensará todos os seus sorrisos, ao mais convicto fraudulento do mundo, se elle possuir riquezas que abafem no tenir metallico do dinheiro o som dos queixumes das victimas innominadas.

Ora João Millington conhecia muito bem a vida escandalosa da colonia, tendo-se relacionado e fazendo-se estimar pelo seu caracter firme e recto. Somente por temperamento e por educação intellectual, desprezava o *snobismo* hypocrita, e tratava com egual cortezia o rico respeitado e o pobre envaidecido, como o criminoso desprezado ou o pobretão infeliz. O julgamento dos caracteres, reservava-o elle no intimo da sua consciencia; escusava de affectar fingidas considerações e respeitos. Foi por esse motivo que Millington pediu a José Candler, não obstante a sua apparencia equivoca, que se sentasse, e expozesse o seu negocio. Mandou-o sentar na cadeira, em que todos os seus clientes se sentavam defronte d'elle, e com a luz da janella a dar-lhe em cheio na face. Assim elle, do seu lugar, podia vigiar o movimento e expressão da phisionomia.

— Estou, como póde ver, muito em baixo

na minha situação — principiou o visitante. João Millington inclinou-se ligeiramente, como quem reconhece o facto.

— Com effeito, tenho sido um vagabundo durante longos annos, e acabo de chegar agora de longinquas paragens. Tenho percorrido as estradas, caminheiro de aventuras, acampando onde tenho podido, obtendo alimento onde apparecia.

O moço advogado inclinou-se na cadeira, curioso de saber a que ponto queria elle chegar. José Candler affectou uma certa perplexidade.

— A minha velhóta .

— Sua mulher presumo?

—Não, minha mãe, uma velha rija que era, fallou-me muitas vezes n'um tio solteiro que viera para aqui assentar residencia . .

— O senhor nasceu na colonia?

— Sim.

— Queira continuar.

— Esse homem era irmão da mãe d'ella, e elle era o ultimo dono de Malugalala. — e parou para vêr o effeito d'esta palavra sobre o advogado. João Millington não moveu sequer um musculo da face, mas redobrou de attenção na analyse do visitante.

— Vim portanto para reclamar a fortuna jacente e desejo que me auxilie.

— Sim!

— Sim.

— Talvez lhe convenha saber desde já que tenho um particular interesse n'essa fortuna.

— Tem? —com extrema surpreza, tão exagerada que não escapou á viva attenção de Millington.

— Seria plano mais acertado consultar qualquer outro advogado.

— Não, preferia que o senhor tratasse do assumpto. Olhe lá, o senhor auxilia-me, e eu auxilial-o-hei tambem, e repartiremos entre os dois os bens da herança.

— Não, obrigado, não estou habituado a fazer negocios n'estes termos, e o advogado levantou-se e indicou a porta do escriptorio ao seu supposto cliente.

Alguns dias depois Candler visitou-o outra vez, porém teve a glacial recepção que devia esperar.

— Olhe lá, senhor doutor, principiou em forçado tom de destemida audacia, aqui me tem outra vez.

— Assim estou vendo.

— Sim, e venho pedir-lhe novamente que me ponha a caminho na revindicação da herança do meu avô que se chamou Pedro Braz . . e propositadamente parou para accrescentar — se este era o seu verdadeiro nome . — e quiz ver o effeito da duvida, que levantava, na physionomia do advogado.

João Milligton apenas encolheu ligeiramente os hombros, e sorrindo accrescentou:

— Na verdade muita gente ha que occulta o seu verdadeiro nome, por uma ou outra razão.

— Assim será, mas o verdadeiro nome d'este velho era Pedro Braz — rompeu Candler n'uma affirmativa vehemente. Por quê motivo quereria elle occultal-o? Era um fazendeiro e esses em geral não querem mudar os seus nomes. A impassibilidade de João Millington e a simples phrase que dissera sorrindo, voltaram contra o aventureiro o argumento de duvida que elle pensava provocar. Sentia-se desnorteado, suppondo que o advogado sabia mais do que elle a respeito de Pedro Braz.

— Emfim eu desejo fazer valer os meus direitos.

— Pois faça.

—Affirmo-lhe que sou o herdeiro de Pedro Braz.

— Assim poderá ser, comtudo talvez nada lhe venha a pertencer.

— Então o senhor quer contestar a minha affirmação?

— Não contesto que o senhor seja o herdeiro d'um Pedro Braz, porém eu não estou seguro de que seja o herdeiro do fallecido dono de Malugalala.

— Pois bem, hei-de proval-o.

— E' justamente isso que tem de fazer.

— Bem sei que não appareceu o testamento.

— Sabe então que elle fez um testamento?

— Não, não o fez; portanto tudo me pertence. Quando tiver conseguido fazer valer os meus direitos, eu lhe provarei quem sou.

— E' natural, mas queira retirar-se — e pela segunda vez lhe apontou a porta do escriptorio, severamente, com decidida firmeza e energia.

José Candler ia assim augmentando o numero d'aquelles que elle tencionava esmagar quando tomasse posse das suas propriedades. Convencido, porém, que o seu plano de levar João Millington a associar-se-lhe na exploração do caso, fôra errado, porque viera quebrar-se contra a honestidade solida do moço advogado, continuou a frequentar o Parque, machinando uma nova solução.

Estava um dia sentado á sombra das arvores, immerso em suas cogitações, quando viu approximar-se d'elle um individuo que lhe pareceu reconhecer. Com effeito, vira-o no escriptorio de João Millington, e assistira mesmo a parte da sua entrevista.

— Ainda bem que o encontro. Procurava-o. Eu sou advogado. O senhor tem ou quer ter uma demanda. Estou ao seu dispôr.

Candler mirou-o de cima a baixo, fazendo

estremecer o desconhecido auxiliar sob esta investigação. Era o reconhecimento dos aventureiros.

José Candler contou-lhe toda a historia, a qual o advogado ouviu attentamente.

— Tem alguns documentos que provem a sua asserção? — perguntou.

— Posso obtel-os.

— Então obtenha-m'os, examinal-os-hei e se julgar que o negocio merece o trabalho, encarregar-me-hei do caso.

Geeves era na realidade advogado. Tinha mesmo sido um dos melhores praticos dos tribunaes de Sydney. Contrahira porém o vicio de beber, e d'ahi toda a sua desgraça. Fôra-se-lhe embora a reputação e com ella a clientella. João Millington, que o conhecera no fôro, tivera dó d'elle e dera-lhe algum trabalho de copias para fazer. Tambem lhe entregara uma ou duas causas insignificantes, mas fôra inutil a tentativa de regeneração. O seu unico fim de ganhar dinheiro era para o gastar nas lojas de bebidas. Tornara-se um dos *habitués* do Parque.

Tendo surprehendido na entrevista de Candler e de João Millington motivo para uma demanda rendosa, não obstante as obrigações que devia ao moço advogado, dispozera-se a ir contra elle. Não pronunciou a minima palavra sobre o assumpto, continuou a fazer copias a João Millington e a acceitar favores das suas mãos, emquanto trabalhava com o seu novo socio aventureiro em recolher materiaes com os quaes podesse derrotar o seu bemfeitor.

CAPITULO QUARTO

Em que se descreve a vida no matto e alguns dos seus mais typicos incidentes.

Francisco Crapp, para casa de quem a senhora Moss concordara em ir servir de governante, convalescia d'uma longa doença nervosa. Applicação forçada e excessiva ao trabalho, e muito especialmente fadiga de espirito com a tortura da vida, produziram-lhe profunda neurasthenia. Jornalista muito acceitavel, encontrara immensas difficuldades em abrir carreira, e soffrera todas as decepções que a consciencia do valor proprio julga erradamente improvaveis ou impossiveis.

Quando chegara á colonia, procurara um editor d'um grande jornal de Sydney, para quem levava carta de recommendação, e offerecera-lhe os seus serviços. O editor amavelmente prometteu-lhe que, se a todo o tempo podesse ser-lhe util, teria n'isso o maior prazer. Conseguiu encetar a sua carreira jornalistica, redigindo na sua quasi totalidade um jornal menos importante. Mais tarde recordou ao poderoso editor a antiga promessa, mas não recebeu resposta alguma á sua carta. Deixou passar mezes, renovou a tentativa, porém ainda sem resposta.

Escrevera uma novella que lhe parecia excellente, finamente trabalhada, com toda a illusão de quem faz um primeiro ensaio, e procurava editor. No desempenho das suas duplas funcções de redactor e *reporter*, no pequeno jornal pouco lido, conhecera João Millington após uma audiencia de crime sensacional, onde brilhara a palavra eloquente e persuasiva do moço advogado. Ambos em busca do exito, ambos intelligentes e bondosos, ligaram mais intimas relações. A leitura da novella foi passatempo obrigado depois d'um jantar.

— Porque não a offerece á *Gazeta da Cidade?* — dizia João Millington, animando-o com enthusiasmo sincero.

Crapp contou-lhe então a enganadora promessa do prospero editor.

— Quando lhe escreveu? — perguntou João Millington.

— Ha bons oito mezes!

— Ah! n'essa occasião estava elle ausente da colonia, em viagem de recreio, portanto é provavel que a sua carta nunca lhe tivesse chegado ás mãos.

— Escrevi-lhe outra vez na semana passada...

— Acaba apenas de voltar de Victoria — replicou o advogado — Ouça, meu amigo, procure-o, veja se lhe falla pessoalmente. Na vida é preciso sempre experimentar a força suggestiva pessoal. Se elle o tivesse lido podia ter recebido a impressão do seu talento; mas creia que elle não o lê no jornal onde o senhor escreve, e no d'elle tem escriptores em abundancia. Suppra este desconhecimento com a impressão pessoal.

Crapp era, porém, um timido orgulhoso, ou independente, e não acceitou o conselho. Escreveu ainda outra carta, cujo resultado foi egual ao das anteriores: a mesma falta de cortezia, que acompanha por vezes os exitos immerecidos, n'uma inconsciente despreoccupação do valor alheio. Crapp foi recrutando pouco a pouco amigos e alargando relações, por entre o incessante trabalho que o neurasthenisou implacavelmente.

Por aquelle tempo o dono da *fazenda* Narenita, admirador enthusiasta do moço jornalista, resolvera voltar com a familia á sua casa da Escossia. Escreveu a Francisco Crapp n'estes termos: «Vou para a minha casa com toda a familia. Poderei demorar-me tres annos; talvez cinco. A creançada precisa entrar

no collegio, e entretanto irei com a minha mulher viajar, percorrer essa velha Europa. Preciso de alguem que fique aqui em casa emquanto estiver fóra para escripturar os livros. O administrador, Alfredo Green, que é um bello e digno rapaz, tomará conta de todos os negocios das pastagens e da fazenda. Quererá o meu amigo encarregar-se por mim da contabilidade e da escripturação da casa? Traga a sua governante. Gracia, a nossa criada, tem estado comnosco ha muitos annos, e estimariamos deixal-a aqui comsigo se quizesse acceitar-lhe os serviços. Diga-me que póde ficar em meu lugar. Desejamos partir breve, e vamos deixar-lhe a casa para si. Green, o administrador, tem residencia propria, n'um outro extremo da propriedade. Peço-lhe que me responda na volta do correio, dizendo que proporciona ao seu affectuoso amigo este favor»,

E ainda accrescentava outras minudencias que não merecem transcripção.

Francisco Crapp mostrou a carta á senhora Moss, e perguntou-lhe a opinião.

— E' um esplendido offerecimento — replicou ella.

— A vida n'uma fazenda, no interior do matto, no meio de interminaveis pastagens, deve ser terrivelmente triste — objectou Crapp, enganando-se como succede a todos os habitantes da cidade.

— Tenho ouvido dizer que é justamente o contrario, e gostaria bastante de ir tambem, mas creio que não precisará dos meus serviços, logo que elles deixam lá a criada antiga.

— Ao contrario, espero que queira acompanhar-me, senhora Moss.

— Certamente. Narenita? Parece-me ter já ouvido este nome.

— E' no districto de Talworth. Confina com Malugalala ao sul.

— Realmente? Eu estive em Malugalala, como sabe, e recordo-me agora de ter atravessado uma parte da propriedade de Narenita quando sahimos uma vez a passear. Este nome, parecia-me na verdade conhecido.

Quinze dias depois Francisco Crapp e a senhora Moss iam a caminho de sua nova residencia.

.. *Eu vejo sempre meu velho amo* .

— Terei ensejo de observar a vida do campo, em toda a sua plenitude — dizia Crapp a João Millington, apertando-lhe a mão na estação de Redfern, no momento de despedida.

— E inclua o resultado das suas observações no seu proximo romance, — concluiu o advogado.

❧ ❧ ❧

Quando chegaram a Narenita já tinha passado a época das tosquias dos carneiros, e começava o periodo de vida mais socegado na fazenda, com respeito a trabalhos ruraes, mas havia muito ainda que fazer, com respeito aos negocios de lãs. Tornavam-se mais frequentes as visitas dos compradores. Ambos tomaram um vivo interesse pelo genero novo de existencia que lhes transformava completamente os antigos habitos. Os Green, mulher e marido, fizeram-lhes tambem excellente acolhimento.

Alfredo Green era um bello caracter, digno de confiança cordeal, energico, agradavel e um perfeito administrador; sua mulher uma senhora delicada. Ella e Helena Moss breve se tornaram amigas. Sendo ambas habeis amazonas, faziam largos passeios, e o entar-

decer muitas vezes as surprehendeu fóra e distante, forçando-as a uma volta apressada para casa, no mais franco galope dos seus excellentes cavallos. Montar bem é condição essencial para viver nas extensas pastagens australianas.

A senhora Moss tinha do seu trabalho muito tempo disponivel, porque a antiga criada Gracia a substituia habilmente nos lavores domesticos e mais de uma vez ella significou a Crapp que era uma despeza desnecessaria a sua estada ali, mas este não queria de nenhuma maneira prescindir da companhia d'ella, sempre receioso de que podesse cahir novamente doente, e depositando n'ella inteira confiança.

— Muito gostava de ir a Malugalala esta tarde, e rever a minha antiga residencia. Dispensa-me por hoje — disse-lhe ella um dia.

— Certamente, senhora Moss. — Quer levar algum dos criados comsigo?

— Oh! não — respondeu, rindo. Anda-se livremente pelo matto. Nada ha que temer, e eu conheço o caminho. O proprio cavallo me encaminhará lindamente e não me demorarei muito tempo. Voltarei a casa para o chá da tarde.

E partiu. O velho André, o mulato, a quem primeiro encontrou, ficou surpreso e encantado de a vêr novamente.

— *Sinhora*, exclamou elle, *sinhora*, eu morro breve, e eu desejo vêl-a quando estiver para morrer.

— Pois sim, André. Mande-me um recado a Narenita quando chegar essa occasião, e eu virei logo, mas isso ainda vem longe.

— Ah! *Sinhora*, — e baixou a vóz para lhe dizer quasi em segredo: — Eu vejo agora e sempre o meu velho amo. Elle vem a mim — e acenava com as mãos, em gesto de designar uma visão longinqua.

— Então, André não se deixe perturbar.

Em casa da senhora Geo, com quem jantou, encontrou Bob sempre alegre, na sua rude energia.

— Contava que viesse vêr-nos, desde que soube que estava em Narenita.

— Sem duvida, e desejaria vêr tambem a casa. Quem tem a chave? E' André?

— Sim — replicou a senhora Geo. Mas a do portão principal guardei-a; André entra e sahe pela porta trazeira da qual elle tem a chave. Vou dar-lhe a outra, minha senhora, e quando tiver sahido da casa, como é distante, poderá deixal-a na fechadura. Lá se irá buscar.

— Não, não; — hei-de trazel-a, volto aqui outra vez; mas tenho de me apressar porque prometti não chegar tarde a Narenita; somente desejava ainda passar por toda a casa uma vez mais.

— Fica-lhe fóra de caminho a volta por aqui, senhora Moss, — disse Bob — Estarei dentro de meia hora lá em cima, e receberei a chave.

— Obrigada.

E montando a cavallo, Helena Moss bem depressa chegou ao sitio da casa. Percorreu os quartos solitarios, reviu a vista das janellas, e tristemente pensou que tudo lhe podia pertencer, se acaso apparecesse o testamento. Demorou-se no aposento que tinha sido sala de visitas antigamente, com a fronte encostada ao caixilho da janella, meditando. N'aquelle momento sentiu passos no cascalho da alameda e viu Bob que se approximava. Presurosa foi abrir a porta.

— Ainda se não encontrou o testamento? — perguntou Bob, como que seguindo por suggestão os pensamentos intimos da senhora Moss.

— Por ora ainda não. Onde estará? Seguramente deve apparecer um dia.

— Não duvido, minha senhora — replicou Bob — Ouviu fallar do aventureiro que tivemos aqui, ha umas semanas, de passagem e que se dizia herdeiro de meu fallecido patrão?

— O sr. Millington disse-me que alguem tinha apparecido pretendendo ser herdeiro do sr. Pedro Braz, mas não sabia que tinha estado em Malugalala.

— Veio sim, minha senhora. Elle apresentava-se profundamente convencido do seu papel. Mas perdôe-me, vae para casa esta noite? — interrompeu subito.

— Sim, na verdade, tenho de ir. Disse ao sr. Crapp que estaria em casa antes de anoitecer, e observo que está escurecendo bastante já. Como tudo está tão cerrado!

— Parece-me tempestade que se approxima. Não desejava que se molhasse, mas devo confessar-lhe que estimaria muito vêr cahir uma bella chuvada. Não temos tido chuva, vae em quatro mezes, e as cisternas vão baixando a olhos vistos.

A senhora Moss procurou n'um relancear um poial para montar.

— Permitta-me — atalhou Bob adivinhando-lhe a intenção, e com toda a delicadeza offereceu-lhe auxilio, n'um elegante movimento de gentileza do matto.

— Vou acompanhal-a parte do caminho — continuou elle, e antes que tivesse tempo de ouvir recusa delicada partiu a buscar o cavallo.

Em breve tomavam a galope por uma extensa planicie de pastagem, onde a relva queimada, secca e loura como se fôra uma ceara, denunciava bem os effeitos da longa estiagem. Bob olhava com tristeza para aquella deso-

lada campina e lastimava-se da constante anciedade e incerteza da vida pastoril australiana. Sentia-se um grande peso no ar, e no horizonte parecia elevar-se uma nuvem negra promettedora d'uma proxima rega, tão necessaria.

. e partiu a galope desfechado

Subito, exclamou, quando subia uma pequena encosta:

— Não é uma tempestade. E'um fogo no matto.

— E em que propriedade é o fogo? — perguntou a senhora Moss com anciedade, olhando para o horizonte. A galope attingiram breve a cumiada e d'ali puderam vêr o ponto onde ardia ferozmente, d'onde se elevavam nuvens de fumo e onde crepitava a chamma brilhante e rasteira que rolava sobre a terra, rapidamente, devorando tudo na sua carreira vertiginosa.

— E' na nossa propriedade — exclamou Bob — e segue para baixo, para o lado dos curraes. Desculpe-me, mas tenho de voltar para trás e obter prompto soccorro. Temos de salvar os estabulos e os celleiros.

— Sim, sim volte para trás — concordava a senhora; eu seguirei e mandarei auxilio de Narenita. Não ha um momento a perder; os vallados e os aceiros estão pouco limpos e o fogo galga sobre a relva secca.

E os dois partiram a galope desfechado, em direcções oppostas, quanto podiam as montadas. Assim corriam na maior velocidade possivel com um só pensamento, a salvação dos estabulos. Quem os podesse ter visto rompendo através do matto, galopando despreoccupados do perigo mas com admiravel destreza, voltando e torcendo em redor das arvores, passando por baixo dos ramos pendurados, saltando aqui sobre cepos, ali sobre vallas profundas e corregos abertos no chão pedregoso, montados em cavallos desferrados, deveria ter a respiração suspensa, esperando vêl-os a todo o momento esbarrar contra qualquer obstaculo e cavallo e cavalleiro mortos logo, rolando n'uma massa informe, pela planicie deserta. Mas o cavallo do matto tem olho vivo, e pata veloz e segura; e tanto Bob como Helena Moss eram eximios na agilidade e na adaptação especial ao movimento intelligente d'aquelles animaes corredores.

Como se origina um fogo no matto australiano, nunca ninguem o póde dizer. Longe das habitações nasce, alastra-se, caminha, trazendo diante de si a devastação pavorosa. Um fundo de garrafa, deitado fóra negligentemente por qualquer vagabundo, concentrando, como no foco de lupa, os raios do sol; ou alguma substancia, em que o calor

determina combustão, podem ser causas já por vezes reconhecidas. Certo é que o fogo apparece, lavra a olhos vistos; caminha na direcção do vento ou da maior combustibilidade dos objectos circumvizinhos; as chammas em rolo augmentam progressivamente, lambendo a relva e as plantas rasteiras, trepando pelas arvores, que para o fogo se inclinam vergadas pelo impetuoso vento, produzido logo pela rarefacção do ar que o calor determina. N'este facto se funda o processo de abrir aceiros, largas ruas, nas mattas e lançar fogo n'um d'elles que anteceda o lugar do incendio, para que a aspiração do ar rarefeito, como se fôra uma grande chaminé, leve a nova chamma a fundir-se com as primeiras. O fogo combate-se com o fogo; limita-se a area da destruição. Entretanto a espessa nuvem de fumo, pesada, negra, vae subindo e obscurecendo a atmosphera, occultando o proprio sol. O fogo do matto offerece um aspecto tão imponente que uma vez presenceado, nunca mais se esquece.

Em breve todos os homens, mulheres e creanças das duas fazendas e d'outras vizinhas estavam diligenciando por meio de cortes habilmente escolhidos subjugar o incendio. A senhora Moss mudara de cavallo em Narenita; ella propria o sellara. Toda a mulher que vive no matto na Australia se habitua a poder ser n'uma dada occasião moço de si propria e não desdenha de mostrar a sua proficiencia.

Quando a floresta não é continua, como succede nas pastagens, ha necessidade de formar o aceiro cortando o matto rasteiro, e com elle mesmo, em grandes feixes, formar a nova linha de fogo que vá pela aspiração combater a outra que vem caminhando na mesma direcção. Trabalharam denodadamente, com aquella ancia phrenetica, quasi delirante, que se apodera de quem combate um incendio. Afinal o foco principal foi dominado.

— Parece-me que devemos seguir outra vez para o lado dos estabulos — alvitrou Bob — e queimar um espaço em volta d'elles. Pode rebentar o fogo novamente, e assim seria mais seguro. Se alguns de vocês, rapazes, quizessem ainda trabalhar mais uma hora...

Apesar da fadiga experimentada ninguem recusou, e todos se prestaram áquelle novo esforço que representava uma prevenção intelligente. Perante o inimigo commum, todos se juntam; hoje pelos outros, amanhã pelo proprio interesse. Veem apressados ao chamamento do dever: executam denodados a sua tarefa e depois agrupam-se n'um descanço bem merecido, por vezes bebendo *chá*, a sua predilecta e mais saborosa bebida, contando historias de casos similhantes, recordando incidentes profundamente sinistros que ficaram na tradição. São raras as occasiões de ajuntamentos; determina-se n'ellas uma natural expansibilidade. E entretanto vão vigiando o rescaldo, atalhando aqui e ali qualquer resurgimento ameaçador do incendio, assistindo ao finalizar da enorme fogueira. D'esta vez a Providencia veio em seu auxilio, encurtando-lhe o trabalho.

— Ouçam! — disse alguem.

Todos escutaram.

— Trovoada — notou outro.

Assim era. A tempestade approximava-se. Quem sabe, se o incendio fôra determinado por qualquer phenomeno electrico que lhes passara despercebido? A perspectiva d'uma proxima chuvada consolava o espirito de todos aquelles que bem lastimavam já a prolongada duração da estiagem.

A tempestade surgiu depressa. Os relampagos illuminaram a noute escura que cahira rapida. O trovão rolava em medonhos ribombos através das campinas, e a chuva grossa, sibilante, cahia em torrentes.

Não chovia a cantaros; eram lençóes de agua que se estendiam sobre o terreno. Todos que se haviam juntado para acudir ao fogo, em poucos segundos ficaram alagados.

A sociedade dispersou-se precipitadamente. Mais uma vez se provou o vigor dos cavallos e a equitação dos seus cavalleiros. Helena e Francisco Crapp, estando melhor montados, depressa se adiantaram do resto da companhia e foram os primeiros a chegar á residencia. Entretanto a trovoada continuava, mas menos intensa e a chuva menos caudalosa.

A' medida que a tempestade serenava começava de soprar uma briza refrigerante, e agradavel, como se fôra um reconhecimento da natureza. Só os que teem vivido no matto e sentido chover, depois de prolongada secca, poderão dizer quanto é fresca e reconfortante a sensação que então se experimenta.

—A tempestade começa de abrandar, creio —disse a senhora Moss, sentando-se n'uma das confortaveis cadeiras de verga que abundavam na varanda da casa de Narenita. Recostou-se com um suspiro de consolação.

— Sim, está de certo mais claro do que quando vinhamos através do matto — replicou Crapp, reclinando-se contra um dos pilares da varanda. — Como ella cahia!

— Em lençóes; e como a terra quente sibilava, recebendo-a na sua superficie tostada, ha tantos mezes.

Com effeito. Nao sei como a gente de Malugalala se arranjaria.

— Espero que muito bem. Que bello rapaz parece ser aquelle Bob; competente, ca-

paz, expedito — disse ella voltando ligeiramente a cabeça para o seu companheiro.

— Isso é. Não perdeu um momento. Sabia justamente o que havia de fazer — replicou Frederico Crapp, com admiração.

— E comtudo Bob é um simples homem do matto. Duvido que elle tenha ido, alguma vez, além de Talworth.

— Sim? Pois, sem elle não sei o que teriamos todos feito. Mesmo o sr. Green, desembaraçado como é, não se lhe compara.

— Como elle combateu o fogo! Que som é este tão forte? — perguntou ella em seguida.

— E' o rugido da torrente na ribeira. A valla secca fez-se em pouco rio caudaloso. As cisternas, com certeza, amanhã trasbordam.

E na observação d'estes pequenos factos que constituem o entretenimento, depois do trabalho, na vida do matto, continuaram ainda a conversar os dois na varanda, gozando da frescura da noite, e recordando os incidentes d'aquella tarde.

(Continúa).

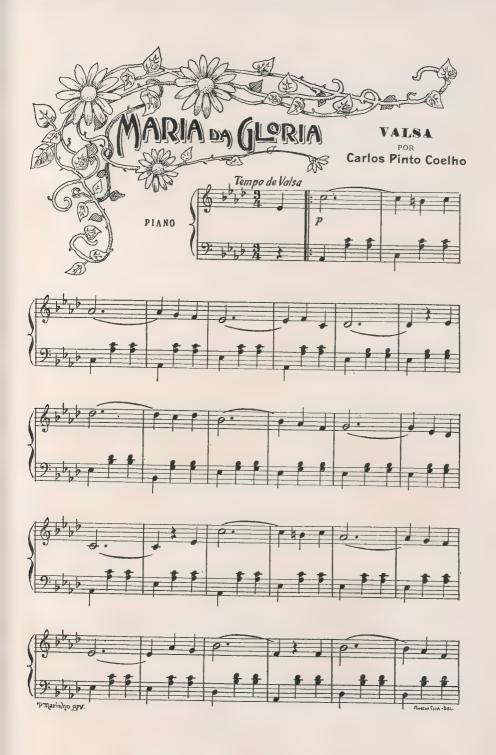
(Adaptado do inglez).

— Tu não sabes falar?... — Quadro de G. A. Holmes

MARIA DA GLORIA
VALSA
POR
Carlos Pinto Coelho
Tempo de Valsa
PIANO
p
P. Marinho grv.

1.
2.
8a

8a
1.
2.
p

P. Marinho gr
D.C.

Sala das sessões e despacho da Junta do Credito Publico

A recente promulgação da lei de conversão da divida externa, votada em côrtes, depois de previa consulta e posterior assentimento dos representantes dos credores, torna opportuno e actual o artigo seguinte, em que succintamente se faz esboço historico da origem da divida publica e da instituição, chamada Junta do Credito Publico, *cuja funcção principal o regulamento de 1900 define textualmente nos seguintes termos: — «exercer directamente e independente de qualquer repartição ou auctoridade, a administração geral da divida interna e externa, superintendendo em todos os serviços inherentes á referida administração nos termos das leis.»*

Como é administrada a divida publica

Escreveu-se, repetiu-se e ensinou-se, durante largos annos, que o thesouro publico, ao findar a administração do marquez de Pombal, regorgitava de ouro accumulado em reserva, e tão prosperas e abundantes eram as receitas do estado que de sobejos cogulavam as arcas do real erario. D'um pequeno livro de escola me lembro eu, um epitome de historia de Portugal para as aulas elementares, onde vinha cifrada em 78 milhões de cruzados a somma que deixara o grande marquez a seus successores na governação para estes malbaratarem na reposição do que o ministro reformador derrubara e substituira. A lenda medrou e cresceu.

Aquelle montão de ouro, e consequente ausencia de *deficit* no orçamento do estado eram, sem duvida, mais brilhantes pedestaes para a estatua do duro secretario de D. José do que os escombros da cidade, arrasada pelo terramoto, e as ruinas da sociedade que elle proprio fizera desabar em estilhas. Veio, porém, a paciente investigação dos documentos authenticos, o simples exame dos balanços do thesouro publico, e os famosos 31.200 contos de reserva fundiram-se na realidade menos espaventosa e menos brilhante

d'um *deficit* annual de cerca de 600 contos; o gelo cristallino fizera-se agua e diminuira de volume.

Manda a historia que se diga, para maior honra e gloria do excepcional ministro, que elle produziu energias e realizou reformas, dentro da condição humana, sem roçar pela maravilha fabulosa ou pelo milagre incomprehendido. Conter, através dos embaraçosos eventos da sua administração, n'aquelles estreitos limites, minimo bem appetecivel para a época presente, o *deficit* do thesouro, já não é insignificante prova da sua gerencia economica e productora.

Certo é, porém, que se esvaiu aquella illusão de riqueza farta e justificativa de futuros desperdicios, como se desvaneceram tantas outras que, em tempos mais recuados da historia, nos pareceram ter realidade mais plausivel do que a fabulosa arca do marquez de Pombal. No proprio momento em que a Europa, o mundo todo, nos invejava a riqueza das nossas conquistas, o esplendor magnificente do nosso vasto dominio, andavam os védores da fazenda a pedir dinheiro emprestado por altos cambios para assegurar a posse de Diu; e era á custa das mais habeis e complexas operações do thesouro, tão perfeitas como as concebe hoje a habilidade industriosa da moderna finança, que se apparelhavam as armadas, sahidas em busca de novas terras e de novos mares.

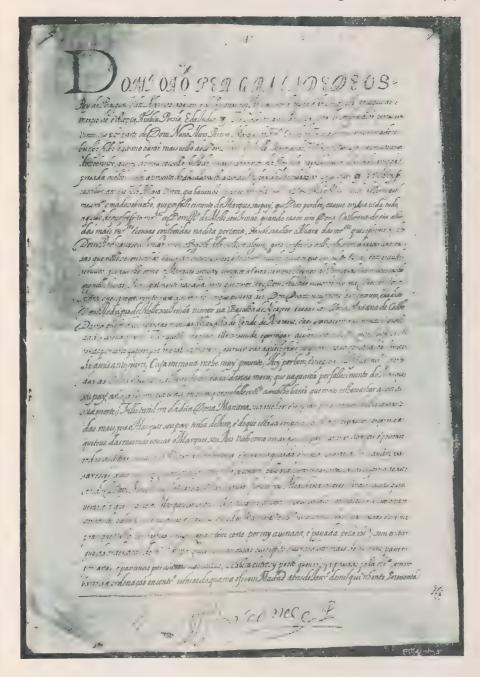
O desequilibrio entre a receita e a despesa parece ser a expressão financeira da historia heroica d'este povo que, durante sete seculos, assegura a existencia propria á força do seu querer. Todas as vezes que o conseguimento d'uma empresa exige recursos superiores aos possuidos, o *deficit* logo se manifesta, a divida tem de supprir o esforço desmedido. Para que a empresa prospere basta que os lucros excedam os encargos, e a divida se amortize. Tudo depende da intensidade do esforço continuo, sem desfallecimentos no intento. Mas se o desequilibrio provém da enercia descuidosa, se a divida não alimenta esforço productivo, ao contrario illude perdas accumuladas, a ruina avizinha-se inevitavel. Offerece no decorrer dos tempos todos estes varios aspectos a historia financeira do nosso paiz.

Que a flor do heroismo não florece no adubo dos negocios precavidos e prudentes, que a generosa aventura cavalheiresca parece excluir a avara especulação mercantil, são na verdade conceitos de comesinha observação. Todavia na conjuncção d'estas tendencias oppostas — ser heroe e mercador, audaz e avisado — estaria o segrêdo da mais poderosa e mais resistente constituição social. E como não o soubémos ser sempre (que se não apreciam, nem se medem quilates de ouro detrás dos parapeitos de Ormuz, nem dentro dos baluartes de Diu sitiado) tivemos de soffrer longos periodos de decadencia oppressiva. Ainda hoje mostramos, no porfiado esforço de manter dilatado e poderoso o dominio de Africa, a mesma grandeza antiga; e se nos chegasse agora o ouro de Manica, talvez o empregassemos primeiro, como o das parias do rei de Quilôa, em lavrar uma outra nova e formosa custodia de Belem.

* * *

De difficuldades financeiras havidas nos tempos da primeira dynastia, dános noticia Alexandre Herculano em suas investigações historicas; mas deve reportar-se propriamente ao reinado de D. Manuel o inicio da divida publica, como operação do thesouro para occorrer ás deficiencias de receita. Chamou-se venda de juros reaes á emissão dos emprestimos, e padrões aos titulos de divida que os representavam. Houve naturaes escrupulos, motivados nas leis do reino e nos preceitos canonicos, que prohibiam a usura, em realizar a primeira venda; foram consultadas *pessoas de sciencia e consciencia* para auctorizarem com seu parecer similhante operação; mas, provado mais uma vez o conceito de que *c'est le premier pas qui coute*, resolutamente se entrou no caminho, e a venda de juros reaes foi durante pelo menos tres seculos o recurso predilecto de acudir aos apuros do thesouro. Deixou D. Manuel vasio o erario regio a seu successor D. João III; porém, recebido e aproveitado o exemplo do pae, não se esquivou este, apesar do seu espirito fanatico, ao facil expediente, e largamente usou d'elle, como tambem de levantar divida fluctuante, dir-se-hia hoje, e com taes encargos que em principios de 1556 houve necessidade d'uma *consolidação*, chamar se-hia assim na technica moderna, convertendo a divida que andava a cambios pelos mercados europeus da época, e a preços tão altos que, escreve Fr. Luis de Sousa, *segundo parece por cartas do feitor de Flandres se dobra o dinheiro em quatro annos.*

Para esta consolidação se venderam padrões de juros a 12$500 por milhar ou seja a 8 % de encargo annual; todavia este preço denuncia já em comparação com anteriores vendas de juros a 5 % e a 6 $\frac{1}{4}$ % uma depreciação notavel e crescente no credito do regio erario; e por isso talvez, ou por que n'aquelles tempos se seguisse a norma moderna e recente de renovar a divida fluctuante importuna após uma commoda consolidação, no anno seguinte de 1557, depois da morte

Dom João per graça de Deos

Reproducção photographica reduzida d'um padrão de juro real de 1646, pagina de pergaminho, amarellecido pelo decorrer dos seculos e repassado de nodoas de humidade. Muitos padrões antigos foram infelizmente queimados por virtude da lei de amortisação e conversão, e com elles se perdeu muita lição proveitosa e esclarecimentos para a historia financeira do paiz.

de D. João III, se reconheceu que em Flandres, e em Castella se deviam 1.946:000 cruzados que por lá *corriam a cambio até se lhes pagar.*

Afigura-se hoje possivel que, dispendendo mais cautelosamente e procedendo com melhor senso pratico, o governo de D. Manuel teria tido o ensejo de melhorar a situação da fazenda publica, embora ella lhe viesse em herança n'aquelle lastimoso estado de penuria. Parece, com effeito, plausivel o asserto, mesmo para justificar a tradição, colhida nas chronicas, dos rios de ouro e prata que n'esse tempo corriam em Portugal. Se corriam assim caudalosos os recursos, esvaseavam-se tambem nas empresas ultramarinas, e curiosa é a coincidencia de que o primeiro padrão de divida publica se date de 1500, formoso anno da descoberta do Brazil. Certo é, porém, que desde o tempo em que um fraco rei fez fraca a forte gente, como diz o poeta, e através da crise dynastica, que afinal firmou no throno o mestre d'Aviz, o thesouro regio andava tão esvaseado de recursos e tão pejado de documentos de divida que, não obstante os sinceros esforços empregados por D. João I em sua vida para liquidar a situação, D. Duarte, seu filho, não pôde conseguir o desejo, declarado no testamento d'aquelle, de que fossem pagas suas dividas. E ao contrario mais se endividou elle proprio, de tal sorte que para mandar uma embaixada a Basilea houve de levantar um *cambio* que lhe deixou *sua fazenda minguada*, e para resgatar o irmão captivo, após o desastre de Tanger, houve de se pedir por nações estranhas recursos que não chegaram.

No reinado seguinte, o povo em côrtes desempenhou as rendas da corôa, pagando as tenças obrigatorias que sobre ellas recahiam; mas a guerra contra Castella, e as despesas das expedições para a Africa, levaram D. Affonso V ao extremo de dispôr do dinheiro das arcas dos orphãos e de tomar de emprestimo *com muita certeza de paga a prata das egrejas e mosteiros; aquella que não era sagrada: que na sagrada se não boliu nem poz mão*, escreve em sua chronica Garcia de Rezende. Repetiram-se similhantes apuros de dinheiro durante o reinado de D. João II, o principe perfeito, — recahindo a divida sobre D. Manuel, que, como deixamos dito, não melhorou com as riquezas do oriente a situação do real erario. Curiosas e sobremaneira instructivas são as operações financeiras realizadas até o fim desastroso de D. Sebastião, regencia do cardeal, e perda da independencia; e assim como em modernas lições de finanças applicadas se toma, para exemplo da arte e de combinações opportunas, o thema de como se fez, escavou e se abriu o canal de Suez, gigantesca empresa de tão copiosos beneficios, assim tambem para os cursos financeiros do nosso ensino se poderiam com proveito tomar, para thema de lição, os ousados processos pelos quaes se iniciou e levou a cabo esta, sem duvida, bem mais gigantesca e benefica empresa da conquista da Africa, da abertura do novo caminho para a India, da descoberta do novo mundo, e da fundação de tão dilatado imperio, que ainda hoje constitue dominio vastissimo no pouco que d'elle resta. Maravilha de vontade energica e tenaz, que não dispõe de recursos proporcionaes á ousadia, e comtudo investe contra o desconhecido, contra o mysterio, segura de si propria, firme no intuito, decidida na execução, e que de Aljubarrota a Alcacerquibir, toda plena de fé, heroica e cavalheiresca, vae rasgando em volta da terra com a ponta das suas espadas e a quilha das suas naus um sulco tão fundo, tão golpeado, que o revolver dos seculos jámais poderá apagar.

❦ ❦ ❦

PELO CONTRACTO de venda ficava o estado com o direito de remir o juro, quando lhe aprouvesse, restituindo o preço que por elle tinha recebido, no que esta divida antiga levava vantagem á moderna, em que não raro se exaggera desmedidamente o nominal devido para o resgate, bem acima do effectivo que se tomou de emprestimo. No uso d'este direito a corôa por vezes propoz aos juristas a reducção do juro ou recepção do seu dinheiro. Realizava-se o que actualmente se chama uma *conversão*, não convencionada ou *arreglada*, mas legitima, facultativa e sem violencias, nem quebra de contracto. Foi este um dos recursos de que se lançou mão, aproveitando ensejo economico, que o povo não deixou de aconselhar em côrtes de 1562, para acudir ás despesas das obras de fortificação de Ceuta e de Tanger, e para aprestar uma armada contra os turcos que infestavam as costas do Algarve. Decretou-se a operação em principios de 1563, reinando já D. Sebastião, sob a primeira regencia do cardeal D. Henrique, e por ella se conseguiu descer 1 $^1/_4$ % no encargo de parte da divida, o que permittiu margem para novas vendas de juro, com assento em rendas já no total *apenhoadas*, como então se dizia. Note-se bem que o caracteristico da venda de juros era estes serem assentes em renda determinada, expressa no respectivo padrão, e muitas vezes transferida de um para outro reddito, conforme pedido do proprietario do titulo, e segundo sua aprecia

A ACTUAL JUNTA DO CREDITO PUBLICO

A Junta é renovada de tres em tres annos por eleição, contando-se os triennios de 1 de setembro de 1893. Para ser membro da Junta, é indispensavel ser cidadão portuguez no pleno goso dos seus direitos civis e politicos, devendo os eleitos pelos juristas ser possuidores pelo menos de dez contos de réis de inscripções. Não podem ser nomeados membros da Junta, nem são elegiveis, os banqueiros, os governadores, directores-gerentes, ou membros do conselho de administração, effectivos ou substitutos, de quaesquer estabelecimentos bancarios. E' incompativel o exercicio das funcções da Junta do Credito Publico com quaesquer outras funcções publicas, salvo as de par do reino ou deputado. O presidente da Junta, presta juramento nas mãos do ministro da fazenda. O presidente, e na sua falta ou impedimento o vice-presidente, corresponde-se directamente com o governo e com todas as estações superiores officiaes. Os membros da Junta teem a cathegoria e os vencimentos dos vogaes do tribunal de contas. A Junta lança a declaração de conformidade nos bonds geraes passados para emissão de titulos de divida, antes de apresentados ao tribunal de contas.

CHAVES MAZZIOTTI

Deputado, vogal nomeado pelo governo

D. ANTONIO DE NORONHA

Major de cavallaria, official ás ordens d'El-Rei, vogal-secretario, eleito pela camara dos srs. deputados.

CONS.º MORAES CARVALHO

Par do reino, ministro de estado honorario, presidente designado pelo governo, eleito pela camara dos dignos pares.

CONS.º JOSÉ DA SILVEIRA VIANNA

Par do reino, vice-presidente, eleito pelos juristas.

D. FERNANDO DE SOUSA COUTINHO

Vogal eleito pelos juristas

Trecho da casa forte onde se guardam os livros do assentamento das inscripções, notavel e valioso archivo da fortuna particular e publica, registo de riqueza inscripta a favor de numerosos juristas e de instituições. Do capital actual das inscripções de assentamento uma somma de 124.000 contos póde considerar-se immobilisada, afóra uns 4.500 de amortisaveis; e dentro d'estas verbas, 12.300 contos pertencem a menores, 12.000 averbados a dotes, 10.000 a Monte-pios, 14.300 a Misericordias, 3.400 a associações de soccorros mutuos, 6.700 a Hospitaes, etc.

ção o julgava mais estavel ou productivo. Não faltou, é claro, quem se enganasse na escolha.

Não foi apenas a conversão o unico expediente; houve capitalisação de juros, promoveu-se o emprego forçado por lei em juros reaes, fizeram-se antecipações de rendimentos, descontaram-se os productos de especiarias do oriente, carregamentos de pimenta em viagem, e por ultimo suspendeu-se o pagamento dos juros assentados na casa da India. Aggravou-se o mal com a perda da independencia, e por isso durante os tres reinados até a restauração de 1640 esteve o thesouro publico em estado de fallencia permanente. Já então houve conversões forçadas, e recorreu-se a expedientes de bem duvidosa moralidade para arranjar dinheiro. Como exemplo curioso cito aqui um perdão geral que Filippe II obteve do Papa em favor dos *descendentes dos christãos novos de nação hebrea naturaes dos reinos e senhorios de Portugal.* Por esta notavel *mercê* se deram elles por pagos de 225.000 cruzados, que lhes devia a corôa de Portugal, por tambem curiosa operação anterior; e, além d'aquella liquidação simples, tiveram de fazer um *serviço* a el-rei de Castella de 1.700.000 cruzados em dinheiro. Em reinados anteriores encontram-se exemplos similhantes; não foi este o unico.

A usurpação hespanhola cavou tão fundo a ruina do paiz que, depois da acclamação

de D. João IV, e através das vicissitudes dos reinados seguintes, até D. João V, bem difficil se tornou a gerencia financeira; e, se no tempo d'este ultimo soberano, se mostrou momento propicio para restaurar o credito, diminuir a divida, e restabelecer equilibrio entre a receita e despesa, tal se não conseguiu. Ao contrario, a venda de juros reaes progrediu, avolumou-se ainda no governo de D. José, mudou de feitio no reinado seguinte, e cresceu n'uma progressão ininterrupta, não já com o nome de padrões reaes, mas com o de apolices e de inscripções de variadissimos emprestimos, até as modernas operações perpetuas e amortisaveis, por entre capitalisações, convenções e arranjos, a finalizar na ultima e recente conversão da divida externa...

Da antiga divida e seus encargos, com o volver dos tempos, conversões de juro, con-

Repartição do assentamento, a cargo da qual está o serviço de preparo, creação e emissão dos titulos de divida consolidada e amortizavel, bem como o relativo ao cancellamento e queima de titulos, o registo das emissões e o averbamento dos titulos transmittidos por endosse ou por diversas transacções no movimento ininterrupto de todos os dias.

fiscações por differentes motivos, encorporações nos bens da corôa, commissos e reversões dos bens de capellas, com liquidações varias, não chegou até nossos dias a somma fabulosa a que durante tres seculos attingiu a venda de juros reaes; mas ainda na conversão final dos padrões, que veio sendo realizada até 1875, passou para o capital nominal das actuaes inscripções cerca de 2.437 contos de reis, reducção dos 4.362 contos do capital dos padrões. Representa aquella verba primeira o encargo mais importante, legado das vastas e gloriosas empresas do antigo heroismo portuguez, alargando para proveito da humanidade o ambito das terras que confinavam o velho mundo, domando os mares e traçando sobre elle novas rotas, defendendo e constituindo palmo a palmo este pequeno torrão abençoado e independente. Por isso, quem hoje possuir a inscripção de 500$.000 reis n.º 5.848, por exemplo, tem em seu poder uma legitima e directa descendente de parte da tença que pelo padrão de 20 de fevereiro de 1504 foi concedida a Vasco da Gama em pagamento de seus gloriosos serviços á patria. Como se vê, até nas inscripções se descobrem genealogias que as distinguem em nobreza de origem, sem comtudo as separar da democratica egualdade do juro a receber.

❁ ❁ ❁

DESCREVENDO em resumido escorço os aspectos varios da historia antiga da divida nacional, foi intuito meu frisar bem claramente com que minimos recursos, maximas difficuldades e não raro previdentes processos, no capitulo das finanças, Portugal soube realizar a sua arrojada empreza de civilisação geral em prol da humanidade. Calando propositalmente a narrativa dos processos por que augmentou sem cessar a divida nos tempos mais proximos e sobretudo n'este meio seculo, que decorre da conversão-convenio de 1852 á conversão-convenio de 1902, obedeci ao natural pudor patriotico que se susceptibiliza em mostrar com que desbarato de recursos e mal avisados procedimentos o paiz procurou, na concorrencia da vida moderna, em seu proprio proveito realizar a empresa de se civilizar. Não custa escrever que durante os tres reinados dos Filippes, sob a dominação hespanhola, o estado estivesse permanentemente em fallencia; e comprehendem-se as *desesperações* do conde da Castanheira, vedor da fazenda de D. João III, as quaes elle quiz attribuir mais á sua *compreyção melancolica*, do que ás difficuldades do real erario, após o esforço de expansão nacional anteriormente effectuado por esses mundos fóra. Mas d'estes tempos mais modernos, a penna corre com difficuldade sobre o papel na descripção de financeiras, e quasi se recusa ao trabalho quando attinge o periodo contemporaneo.

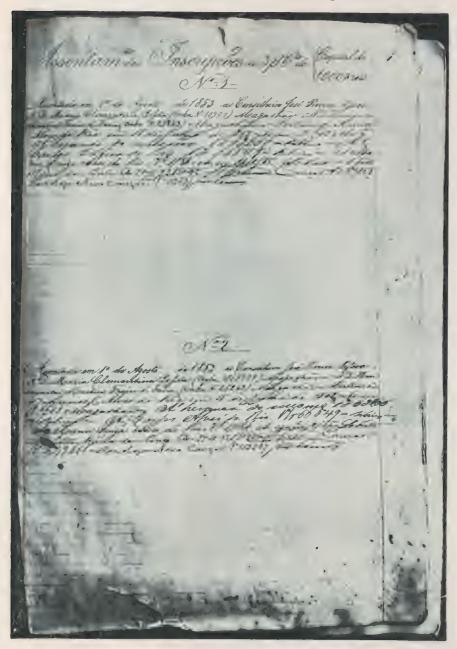
Todavia fica o assumpto reservado para opportuna occasião, que o fim principal d'este artigo é dar succinta noticia da instituição a quem por virtude da carta de lei de 14 de maio de corrente anno ficou entregue a administração da divida publica que foi comprehendida na conversão actual, e cujas funcções, attribuições e constituição a lei se obrigou a manter em vigor durante os 99 annos em que se fixou a amortisação dos novos titulos de divida.

Vem de muito longe o principio da intervenção de uma entidade estranha ao governo e d'elle independente para cobrar, arrecadar' fiscalizar, e administrar os rendimentos consignados ao serviço dos emprestimos; e n'este momento abrange este principio a totalidade da nossa divida publica, porque mesmo os emprestimos que não foram incluidos na conversão e por isso da junta do credito publico ficaram independentes, ainda n'esses o seu serviço corre pela companhia exploradora do monopolio nas obrigações dos tabacos, e pelo Banco de Portugal nas obrigações das classes inactivas. E' certo, porém, que tanto n'um como n'outro corre tambem cumulativamente com a do governo a responsabilidade individual dos dois estabelecimentos.

Encontra-se um primeiro vestigio do que viria a ser aquella instituição administradora no famoso emprestimo de *tontina* effectuado em 1688, no reinado de D. Pedro II, uma operação de 400 contos, para o qual se estabeleceu que a administração das rendas consignadas e o pagamento dos juros fosse confiado á junta do commercio por *ser uma obrigação mais segura e abonada para as partes*. Mais accentuada e definida, se mostra a origem da instituição, agora renovada, no alvará de 13 de março de 1797, em que se preceitua, emquanto não fosse estabelecido um banco ou caixa de desconto, a quem havia de ser confiada a administração dos fundos e pagamento dos juros do emprestimo de 4.000 contos em subscripção, transitoriamente seria desempenhado aquelle serviço por uma commissão de quatro clavicularios, dois dos quaes homens de negocio e de conhecida probidade e abnegação, sob a inspecção directa do marquez presidente do real erario. Filia-se aqui a origem da junta dos juros que foi recebendo com o tempo diversas denominações, acabando pela de junta do credito publico.

Foi-lhe esta dada por Mousinho da Silvei-

N.º 1

N.º 2

Reproducção photographica reduzida da primeira pagina do primeiro livro do assentamento das inscripções de 1:000$000 réis, inscripta em virtude da conversão geral da divida de 1852, operação que regulou e creou o actual fundo consolidado de 3 °/o, o qual vae ser agora novamente, decorrido meio seculo, convertido em amortisavel na parte externa, após a reducção de metade do juro e do capital nominal, emquanto não se decreta similhantemente para a divida interna, em nova proporção ajustada ao regimen que para ella ainda vigora.

ra, o grande reformador, no seu memoravel decreto de 16 de maio de 1832, no qual, baseando-se na diposição do art. 136.º da Carta constitucional, onde expressamente se determinava que toda a administração da fazenda publica fosse incumbida ao tribunal do thesouro publico, se organizou a fazenda, aboliu o erario, e extinguiu a junta dos juros, substituindo-a pela junta do credito publico, que, embora eleita pelas camaras dos pares

Uma das naves do salão do pagamento de juros da divida publica, onde se procede á conferencia das relações com os respectivos titulos para se ordenar o pagamento na thesouraria.

Thesouraria da Junta do Credito Publico

e dos deputados, passava a ser uma dependencia do ministerio. Não pôde este decreto, publicado na Terceira, ter immediata execução; só em março de 1834 a junta dos juros foi supprimida realmente, e substituida por uma commissão interina, composta de seis negociantes, um contador e um secretario. Novos acontecimentos politicos e revolucionarios trouxeram, como consequencia n'este assumpto especial, a lei de 15 de julho de

1837 em que foi restabelecida com o novo nome a antiga junta dos juros e a ella foi restituido o direito de administrar e arrecadar os fundos destinados ao pagamento dos juros da divida consolidada. As sommas votadas pelas côrtes para dotação da junta do credito publico seriam pelos respectivos collectores entregues directamente aos cofres d'esta, e só podiam os referidos collectores dispôr d'estas sommas por ordem emanada da mesma junta, sem que os eximisse de responsabilidade qualquer ordem promanada d'outra auctoridade. Era por tanto a junta, composta de cinco vogaes, um eleito pela camara dos deputados, dois nomeados pelo governo, e dois eleitos pelos juristas de mais de 500$000 réis de juro, inteiramente independente da acção do governo; e sobre esta attribuição singular não deixa um escriptor da época de fazer notar, a par da sua utilidade pratica com relação ao credito arruinado, a sua visivel inconstitucionalidade.

Depois dos successos de 1842, e do desapparecimento da Constituição de 1838, as attribuições da junta ficaram novamente reduzidas a receber os rendimentos consignados e a pagar os juros respectivos, sem administrar receitas; e assim se manteve a organisação da junta até 1887, anno em que sob o influxo de novos principios administrativos, infelizmente tibiamente levados á realização e á execução, com transigencias opportunistas, raramente compativeis com a energica acção reformadora, as attribuições da junta do credito publico, que ainda subsistiu, foram reduzidas a simples consulta e fiscalisação.

Após a explosão da crise de 1891, os diplomas legaes que, reconstituindo a junta do credito publico, lhe definiram e regularam as attribuições e competencias, foram porém pouco a ponco resuscitando a amplitude administrativa do regimen de 1837, até que no recente decreto de 11 de agosto ultimo, em especial ao regimen da divida externa, se preceitua que os thesoureiros das alfandegas entregarão todos os dias á junta do credito publico a quantia sufficiente para prefazer a tricentesima parte, em ouro, do total necessario para os encargos annuaes de juro, amortisação e despezas da divida convertida. E assim foi inversamente redigido o preceito do art. 11.º do regulamento da junta de outubro de 1900, em que se dizia que a junta do credito publico receberia diariamente na sua conta de deposito no Banco de Portugal dos thesoureiros das alfandegas a somma necessaria para prefazer o duodecimo do serviço da divida, como este regulamento já havia alterado os anteriores de 1896 e de 1894, em que a junta recebia do thesouro publico as provisões exigidas para occorrer aos pagamentos.

Parecem de minima importancia estas variações de redacção nos repetidos regulamentos da junta do credito publico, estas *modalidades*, como mais recentemente lhes ouço chamar; e todavia ellas impressionam profundamente pelo que revelam dos principios dirigentes ou pelo que disfarçam de transigencias necessarias, tanto mais que em dois d'esses regulamentos, pelo menos, ha publica confissão auctorisada de que foram previamente ouvidos os interessados na divida.

Da exposição historica dos factos principaes que deram origem á actual junta do credito publico, através da evolução dos tempos, dos regimens politicos e das situações financeiras, se deduzem os principios que hoje definem e regulam o modo de administrar a divida publica: — emquanto á dotação do serviço dos titulos em circulação, o estado obrigou-se por lei de 14 de maio ultimo a inserir no orçamento annual as sommas necessarias para occorrer aos encargos do juro e de amortisação pelas receitas geraes, como foi sempre estatuido, mas ainda a applicar-lhes especialmente e de preferencia os rendimentos aduaneiros no continente do reino, na Europa, exceptuando os dos tabacos e cereaes; — emquanto á applicação effectiva d'estes recursos, e sua administração propriamente dita, o estado deixou de a exercer, commettendo-a á junta do credito publico, independente de qualquer auctoridade, cujos membros são, individual e solidariamente, responsaveis pela rigorosa applicação das sommas que directamente lhes são entregues pelos thesoureiros das alfandegas; — e emquanto á interpretação politica que este regimen podesse significar, a lei declarou bem expressamente que, para todos os effeitos, elle de modo algum affectaria ou poderia prejudicar a autonomia financeira, economica e administrativa da nação portugueza.

❦ ❦ ❦

Ha nos procedimentos individuaes, todos o sabem, uma constante aspiração de liberdade absoluta, de independencia, de integral desenvolvimento, que move, determina e orienta a inevitavel luta da existencia, e tanto mais intensa ella é quanto mais forte é a convicção do valor proprio real ou presumido, a fortaleza d'animo e a ambição dominadora. Quando aquella aspiração falta por completo, ou desfallece nos propositos, ou se atenua na acção, os caracteres dizem-se moralmente degenerados

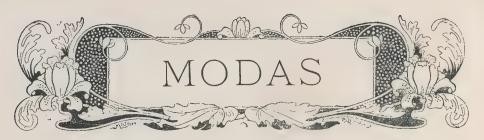
ou doentes. Similhantemente, na vida das sociedades, nos procedimentos collectivos, quando a resignação accommodaticia, a indifferença descuidosa são normas preferidas, como confissões tacitas de fraqueza ou de ausencia de ideaes ambicionados, essas nações entram no periodo de descomposição social ou pelo menos manifestam grave perturbação morbida na sua intima constituição. Chamam-se então decrepitas, moribundas ou invalidas; e em todos os casos, perante a civilisação imperante, tendem a desapparecer ou teem de ser albergadas. Mas tambem nas nações, como nos individuos, ha periodos de transitoria abolição de vontade, de repouso quasi inconsciente, de desalento moral que adormecem o animo, e que as proprias energias latentes podem vencer. Nos individuos basta ás vezes um conselho opportuno, uma amargura de amor proprio, para renovar a vibração suspensa de todo o ser moral; nas collectividades basta tambem por vezes a intervenção rude, mas decidida, d'uma só vontade que inspire confiança ou infunda respeito para lhes despertar todas as energias adormecidas e lhes valorizar todas as qualidades inactivas.

Parece que temos vindo n'este ultimo meio seculo atravessando um d'estes periodos transitorios, sem que infelizmente durante o volver dos annos tivesse apparecido esse alguem, esse desejado da antiga lenda sebastianista, embora bastos acontecimentos lhe tenham dado ensejo de se revelar, longas manhãs de nevoeiro, espesso e pardocento através do qual, como se dizia na lenda, havia de irrompei fulgurante o sol do heroismo que illuminou os successivos seculos da nossa historia.

SCENA BURGUEZA

Retirados dos negocios. — Quadro de Coeylus

Elles ahi estão na beatifica concentração digestiva, a gozar da paizagem branda: ella no espapaçamento assustador da degenerescencia gordurosa, victima do descanço; elle no rememorar saudoso dos antigos negocios, da antiga loja plena de freguezes, e a pequena no enfado preguiçoso da solidão, desamparada de affectos meigos. Em volta d'aquelles tres typos suggestivos, sob o reflexo espelhento d'aquelle globo de vidro colorido, tão vulgar ornato dos terraços, lá de cima, do norte, lêem-se, pela imaginação, os capitulos do romance banal da vida, de que o quadro é illustração synthetica, minucioso como uma photographia, provativo como um documento...

MODAS

No reino das modas as dynastias são ephemeras, e na successão apressada de reinantes acontece muito naturalmente haver interregnos em que mal se definem as caracteristicas da época e em que se ferem asperos combates de ambicionado predominio, semelhantemente ao que a historia nos conta dos interregnos de todos os tempos, replenos quasi sempre de variadissimas intrigas palacianas. Dá-se agora, n'esta transição do findar do verão e começo do frio outono sentimental, um dos taes interregnos. Não se póde mencionar differenças profundas no vestuario: saias estreitas em redor das ancas, accentuando o desenho de curvas mais ou menos abundantes; finaes inferiores das saias em esvaseamentos de campainha; mangas largas e amplas junto dos punhos, e ajustadas nos hombros, constituem os elementos geraes do desenho das *toilettes*, que mil ornatos phantasiosos completam no feitio dos corpos, ora abluzados, ora justos, entre variações das fórmas já conhecidas de jaquetas e de *boleros*.

Todavia deve notar-se a preferencia, cada vez mais definida, pelas *toilettes* completas, inteiras, e pelas jaquetas ajustadas, como tivemos ensejo de noticiar nos nossos ultimos artigos com a devida antecipação de informadores, o que sem duvida as nossas leitoras terão de certo apreciado, comparando a succinta, mas segura, indicação de usos e de typos genericos, que aqui lhe offerecemos, com outras descripções que posteriormente vão apparecendo em varios artigos da especialidade. Abundam, portanto, agora os vestidos completos, repousam as blusas, sem comtudo deixarem de ser usadas, principalmente como *toilette* de interior.

Empregam-se na feitura dos vestidos inteiros, além das sarjas e das fazendas asperas, de acabamento acheviotado, os pannos leves, de acabamento inglez, casimiras em escossez e em riscados, os *draps* de côr una, em azul ferrete, em castanho escuro, em cinzento, — a que a desregrada phantasia dos vendedores de novidades, em busca de denominações excentricas e elegantes, chama agora *côr de ostra*, por semelhança de effeitos que n'alguns põe uma bem combinada mescla, muito intensamente repassada no fio do tecido. Serve-lhes de enfeite o veludo preto ou os tons mais escuros da propria côr do vestido, as rendas de linho crú e as *guipures*.

E fallando de côres, notemos que a côr predilecta da moda para as fitas de enfeites é o amarello desde a sua mais desesperadora cambiante até a côr de laranja esfogueado e intenso, e ainda appareceram tambem os azues vivos, claros, celestes e marinos. Já aqui dissemos, e repetimol-o agora, que, apontando estas variantes de modas, sobretudo em côres, fazemol-o tão sómente para que não se diga que deixamos passar desapercebidas estas pequenas modalidades.

Bem claro está que o uso d'este genero, ousado e picante, de elegancias occasionaes tem uma duração ephemera, produz apenas o procurado effeito n'um dado momento, e desapparece breve, ou então generaliza-se por circulos onde não se devem ir buscar exemplos.

Tanto o amarello n'aquelle tom berrante, como o azul n'aquella cambiante desmaiada, são pouco agradaveis á visão harmonica que se procura ter n'uma *toilette* de senhora, como tambem raras vezes se coaduna com a formosura natural, a que o vestuario deve dar realce e relevo.

Todo o cuidado na escolha das *toilettes* é pouco, para quem gosta de manter o bom

genero, como se diz na sociedade. Houve tempo que uma copia descuidosa dos figurinos theatraes, que a estampa vulgarizava rapidamente, fez decahir as *toilettes* das senhoras n'uma promiscuidade de elegancias que eram quasi um desprimor; porém o respeito de si proprias breve as levou a uma cuidadosa selecção de vestuarios e a uma opportuna applicação d'elles, que lhes deu um alto valor de simplicidade verdadeiramente elegante, e de graça artistica.

No nosso meio social, nota-se com prazer um grande progresso n'este capitulo do mundanismo. Comprehende-se com effeito o uso das magnificentes *toilettes*, luxuosas, complexas, sensacionaes, nas recepções ceremoniosas, nos grandes bailes, nas reuniões de côrte, como para acompanharem o faiscar das pedras preciosas e das *rivières* de brilhantes. Na vida de todos os dias, vae bem a simplicidade, que por artificio bem custosa é de conseguir para não ser banal, e a distincção deriva da escolha das fazendas e dos enfeites empregados, da sua qualidade, e sobretudo do córte perfeito e do bom acabamento. As cousas feitas como devem ser, sem armações indefinidas que sejam para ver de longe.

Nas illustrações que acompanham este artigo continuamos a dar typos geraes para consulta. Assim a primeira mostra um genero de casacos de meia estação, bastante em voga nos grandes centros da moda; o modelo d'onde foi tirado era em *drap* cinzento, para destacar da saia azul escura, com as frentes assertoadas, e fechadas por pestana, bem ajustado ao corpo, e apenas com uns pequenos punhos a terminar as mangas. A segunda mostra uma *toilette* completa, executada em seda ou em *drap* leve, dos que já citamos, enfeitada de viezes na saia, o corpo em pregas, como transição das blusas, aberto no pescoço para mostrar a gola recoberta de renda e com presilhas de fazenda cobrindo essa volta. As mangas, como se vê da gravura, affectam forma semelhante na extremidade, junto ao cotovelo, d'onde sahem as mangas tufadas de seda branca ou egual á empregada para sobresahir na gola, como denunciando uma vestia interior ao vestido. Uma larga fita com pontas compridas no laço termina e completa a cintura. A terceira illustração é ainda uma *blusa* com as modificações que o decorrer da estação lhe tem imprimido. Por sobre a *blusa* forma-se com rendas um enfeite de *bolero* que lhe dá uma distincção muito elegante e um ar de agasalho muito proprio para o momento, com que se fecham as blusas decotadas e cuja gola superior se enfeita com fita de veludo e pequenos laços, como mostra a gravura. São arranjos, aproveitamentos economicos que se devem utilizar; que a moda, o atavio, os donaires não são somente para os ricos, e mesmo d'entre estes, talvez mais do que pensa e se julga, alguns ha que sabem dar exemplo de judiciosa economia apesar da sua elevada jerarchia social que lhes permittiria dispendios avultados. Ser poupado no vestuario, sem deixar de ser elegante, é virtude domestica muito apreciada.

Os chapeus vão soffrendo uma modificação sensivel nas dimensões e sobretudo no reviramento dos rebordos que lhes dá novamente o aspecto dos antigos, com que se retratavam, pelo magico pincel de Gainsborough, as grandes damas do tempo, sem o exaggero de tamanho, mas com a similhança de plumagem, pennas de abestruz, em diversas *nuances*, em gradação de tons, de forma a ser a da extremidade solta a mais clara.

Nas plumas tem apparecido, nas reuniões dos *chateaux*, alguns exaggeros nas plumas, compridas, descendo pelos hombros, quasi até a cintura, soltas, fluctuantes; porém vem aqui de molde repetir o que deixamos acima escripto, são caprichos de louçania que só usa quem pela sua posição, porte altivo, elegancia distincta e formusura peculiar tem os dotes naturaes necessarios para impôr a sua personalidade, e n'um meio ambiente, muito especial, entre uma sociedade que não existe entre nós.

Nos enfeites dos chapéus forão desapparecendo com o avançar da estação as flôres

que abundantemente os ornavam, para se substituirem por fructos, pequenos morangos, pecegos mimosos, amoras silvestres, em recordação dos mezes em que Pomona domina; porém mais cummummente usam-se laços artisticamente dispostos em volta da fôrma, de preferencia em veludos.

O modelo que illustra a pagina foi feito em feltro pardo com enfeites de veludo verde esmeralda e uma pluma moderada em tamanho elegantemente disposta ao lado direito.

Dos objectos complementares das *toilettes* d'esta meia estação, aquelle que maior acolhimento recebeu e cada vez mais tende a generalizar-se, é o *manteau*, genero especial de capa-casaco, que de um e de outra tem similhanças, e cujo uso é largamente apregoado pelas revistas de modas, em calorosa defeza, mostrando as differentes utilidades que elle encerra.

Dizem ser proprio para passeio de carruagem para visitas ao campo, para theatros e concertos de praias, e fornecem agasalho indispensavel ás tardes e noutes humidas e frias do outono. São executados estes *manteaux* em pannos flexiveis de muitas côres unas, como escarlate, verde, preto, e outras *nuances* novas que se apresentaram no mercado, em fabricação especial, e d'entre as quaes notamos a côr de champagne, e a côr de pão de rala, — como se vê a nomenclatura dos tons é cada vez mais excentrica nas similhanças ou nas comparações suggestivas.

Cahem até um pouco abaixo dos joelhos, sem gola, com grandes mangas apanhadas nos punhos, frentes unidas e presas por grossos cordões de seda entrançada com borlas na extremidade. Nos enfeites apresentam variantes, desde os mais simples, como uma larga banda de fina *guipure* em volta do pescoço, até os mais trabalhados e custosos encrustamentos de tiras de verdadeiras rendas em ponto irlandez.

São forrados em regra de setim branco, e alguns soffrem uma modificação, não menos elegante, na forma geral, adaptando-se-lhes um cabeção ou romeira que cahe até os braços e dispensa as mangas.

Predominando as jaquetas, como deixamos dito, nas *toilettes* da meia estação, notamos que os botões mais geralmente usados são em esmalte fino sobre metal, com desenhos moscovitas, de forma rectangular, com os cantos boleados, para o genero phantasia, em passemaneria de seda entrançada, ou ainda em prata oxydada com pequenas flores cinzeladas. Para vestuarios de caça, de passeio ou automovel, foram adoptados de preferencia os botões dourados mates, e os de madreperola; e comprehende-se o effeito diverso qne produzem estes enfeites conforme o destino especial da jaqueta e que servem de ornato.

Assim do alto do *mails-coachs* em partida de caça, ou das almofadas dos automoveis, todos ainda d'um aspecto brutal, é preciso qne da pequena e ajustada jaqueta azul ou cinzenta se destaque o dourade dos botões; como a madreperola condiz com o convez dos *yachts*. N'estas pequeninas minudencias reside a suprema elegancia para aquelles que podem dedicar uma grande parte do seu tempo á composição especial de vestuarios para este ou aquelle fim e podem accumular variedade de *toilettes*. Convém, portanto, aos que teem de limitar-se e de frequentar circulos, menos exigentes em mundanismo optar pelas guarnições que, não se distanciando do feitio moderno, conservem simplicidade e harmonia com o meio e uso geral.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

JULHO. — **20** *Estados-Unidos* — Fortes tremores de terra em Patterson desmoronam muitos edificios, fazendo bastantes victimas. — *Austria-Hungria* — Um cyclone e a chuva devastam todo o paiz, tendo descarrillado um comboio por effeito do temporal, havendo 43 casas incendiadas por um raio e encontrando-se, em Villack, as searas na extensão de 32 kilometros quadrados, destruidas pelo granizo. — *Equador* — Um enorme incendio em Guayaquill produz enormes perdas materiaes, perecendo numerosas pessoas. — *França* — Inauguração do monumento ao general Hoche, em Quiberon, com a assistencia do sr Camillo Pelletan, ministro da marinha. — *Turquia* — Um bando de 350 bulgaros repelle as tropas irregulares turcas em Stramitza, matando 25 turcos. — *Uruguay* — O governo uroguayo revoga as ordens relativas á prisão de varios officiaes militares e ao desterro de dois senadores, ficando terminado o conflicto com a camara dos deputados.- *Zanzibar* — E' proclamado sultão, o principe Seyid-Ali, exercendo a regencia até a sua maioridade, o subdito inglez sir Rogers, actual primeiro ministro.

21 *Suissa* - Primeira sessão do congresso internacional da imprensa na sala do parlamento de Berne. — *Servia* — E' raptado pelos seus adversarios e internado nas montanhas, o bispo servio de Uscule, cuja sagração esteve a ponto de produzir a guerra civil nos Balkans. — *Inglaterra* — O almirantado resolve installar em todos os navios de guerra o serviço cirurgico com a applicação dos raios Roentgen. — *Republica Argentina* — A commissão parlamentar dos negocios estrangeiros, em Buenos Ayres, apresenta um relatorio favoravel á ratificação do recente accordo chileno-argentino. — *Russia* — Cae em Kief uma trovoada medonha que causa terriveis inundações, matando 19 pessoas. — *Estados-Unidos* — Constitue-se em New-York um syndicato dos productores de algodão que se propõe comprar muitas das fabricas inglezas.

22 *Venezuela* — Os revolucionarios venezuelanos apoderam-se do porto de Carupano. — *Inglaterra* — A camara dos communs vota um credito de 32.000 libras para as despezas da coroação do rei Eduardo VII. — *França* — Iniciam-se as manifestações religiosas por effeito da circular do presidente do conselho de ministros que ordena o encerramento das escolas congreganistas.

23 *Portugal* — Os operarios dos tabacos, no Porto, declaram-se em gréve. — *Antilhas* — Um terramoto destroe a cidade de Saint Vincent, fazendo numerosas victimas.

24 *Servia* — Rebenta a crise ministerial por ter sido nomeado presidente da *skupchtina* o deputado Popovitch.

25 *França* — E' assignado um decreto ordenando que sejam encerrados pelas auctoridades os estabelecimentos congreganistas existentes antes da lei das associações religiosas e que não se submetteram depois a ella. — *Russia* — O gran-duque Wladimiro dirige uma circular aos chefes e officiaes do exercito, prohibindo-lhes que d'ora avante appliquem castigos corporaes aos soldados. — *Servia* — Produzem-se na fronteira servia graves conflictos entre albanezes e forças turcas e entre os camponezes e os guardas servios. — *Hungria* — Em consequencia das inundações são submergidas as cidades hungaras Harment, Hortwath e Saintmibaly.

26 *Inglaterra* — Sente-se em Londres um violentissimo furacão que causa muitos ferimentos, derrubando varias pessoas que andavam nas ruas. — Verifica-se em Manchester uma imponente manifestação a favor dos grevistas de Gibraltar. - *Russia* — E' publicado um *ukase* do czar declarando a Crimea e as provincias do Caucaso em estado de sitio, tendo por causa o alastramento da agitação agraria. — *Hespanha* - -E' destruida por um incendio a aldeia Puebla Beleno, na provincia de Guadalájara. — *Italia* — O sultão de Raheita submette se á Italia. — *França* — Cae em toda a região de Meuse entre Liege e Visé uma tromba, causando prejuisos consideraveis. — *China* — Tckin-Ting-Ping, chefe da rebellião do Pe-Tchili é aprisionado em Honan pelo general Lin e logo justiçado.

27 *Prussia* — Desencadeia-se uma grande

tempestade sobre toda a região de Colonia, tendo a ventania derrubado alguns edificios em Merckenich. — *Hespanha* — Realiza-se no theatro Variedades de Madrid um comicio contra as congregações religiosas, predominando a nota da separação entre a egreja e o estado.

28 *Austria* — Produzem-se varias manifestações populares nas principaes povoações do imperio, contra os individuos que se occupam no trafico das brancas.—*Hespanha*—São destruidas por um incendio parte da feira e parque do Retiro em Madrid, causando importantes prejuisos.—*França*—São submettidos á assignatura do Presidente, os decretos de encerramento das congregações que não se sujeitaram ás ordens do governo, nem ás prescripções da lei.

29 *Inglaterra* — Inaugura-se na *city*, em Londres, uma nova escola gratuita de jornalistas.—*França* - São destruidos por um incendio a capella e convento, em Tours, onde estáva installado um asylo de velhos.—*Hespanha* —Produz-se uma explosão no paiol do arsenal de S. Fernandó, em Madrid, que còntinha nove tonelladas de polvora, muita metralha e cartuchame, ferindo bastantes pessoas. — *Portugal* — Sente-se um abalo de terra em varios pontos.

30 *Indo-China*—Abalroam perto de Malacca, os vapores *Prince Alexandre* e *Bankinguan*, afundando-se o primeiro e morrendo 40 pessoas.—*Portugal*—O diario do Governo publica um decreto sobre applicação dos impostos municipaes.—*Inglaterra*—A folha official publica um decreto concedendo o titulo de visconde de Kartum a Lord Kitchener.— *Servia* —A *skupchtina* acceita a demissão do seu presidente.

31 *França* — Os carregadores do porto de Cette declaram-se em gréve impedindo as descargas dos navios.—Rebenta em Lourdes um violento incendio fazendo bastantes victimas. — *Inglaterra* — A camara dos communs approva uma subvenção de 250.000 libras esterlinas para ajudar as Antilhas inglezas a supportar a crise assucareira, emquanto não são abolidos nas nações estrangeiras os premios de exportação. — *California* — Um violentissimo tremor de terra destroe quasi por completo a cidade de Los Alamos. — *Australia* — Dá-se uma terrivel explosão de grisu na mina de Monbut-Kebblea perto de Wollongong ficando sotterrados 150 mineiros. — *Republica Argentina* — A camara dos deputados do congresso argentino approva as modificações do tratado de arbitragem com o Chili e o protocolo relativo ás restricções dos armamentos navaes.

Agosto—**1** *Hespanha*—As camaras de commercio e agricola de Badajoz dirigem uma mensagem ao ministerio dos negocios estrangeiros, pedíndo-lhe a denuncia immediata do tratado hispano-luso, que consideram altamente prejudicial para os interesses agricolas e pecuarios da Extremadura, Galliza e Andaluzia. — *França* — Um violento incendio destroe o bosque de Veyre proximo de Marselha.

2 *França* — São publicados os decretos ordenando o encerramento de officio dos estabelecimentos congregacionistas não auctorizados, que recusem dissolver-se voluntariamente, conforme o aviso que lhes foi feito. — *Portugal* — E' publicado um decreto regulamentando a pesca da baleia por embarcações costeiras nos mares dos Açores.

3 *Portugal* — Dá-se no Tejo um abalroamento entre o vapor *Corsica* da carreira do Havre e o cruzador *D. Carlos* produzindo grande rombo no primeiro que por fim foi a pique proximo a Santos. — *França* — Os delegados mineiros de Cuenca e Anzin decidem constituir-se em gréve geral se não lhes forem attendidas as reclamações.

4 *Italia* Por effeito de um violentissimo temporal, desabam a artistica janella, e duas columnas e varios capiteis da basilica de S. João em Veneza.—Sente-se um violento tremor de terra em Carrara e Massa. — *Roumania* — Incendeiam-se 30 poços de petroleo, ficando muitas pessoas feridas e sendo enormes os prejuizos.—*Portugal*—Sente-se novo abalo de terra. que durou 3 segundos, a oeste da peninsula.

5 *Irlanda* — Um pavoroso incendio destroe a povoação de Larne, causando enormes prejuizos.

6 *Inglaterra* — Declaram-se em gréve os mineiros do principado de Galles, por motivo das companhias empregarem operarios não associados.—Termina a gréve dos mineiros em Valle Aman, alcançando os grévistas um completo triumpho. Os deputados irlandezes enviam uma mensagem de adhesão a Leão XIII.

7 *França* — Por effeito da nova lei da marinha mercante, diminuem os affazeres nos estaleiros, ficando por este motivo 5.000 operarios sem trabalho em Nantes. — *Estados-Unidos* — Produz-se uma collisão de comboios na via ferrea perto de Rhodes, morrendo 13 pessoas e ficando feridas 20. — *Cuba* — O senado cubano vota um augmento dos direitos aduaneiros que varia de 25 % a 100 %.—*Haiti* — O general Firmin forma em Gonayves um governo revolucionario, ficando o general Killich ministro do interior e Justin Saint-Louis, ministro dos negocios estrangeiros. – O exercito do general Nord retoma Saint-Michel e Marmelade.—*Argelia*—Um violento incendio destroe os magnificos bosques de Sahel, propriedade do estado francez.

8 *Colorado* — Dá-se uma explosão de grisú n'uma hulheira perto de Trinidad morrendo bastantes mineiros. — *Haiti* — O general Salnave retoma Limbe. — *Republica Argentina* — O deputado Luiz Maria Drago é nomeado ministro dos negocios estrangeiros. — *Hespanha* — Um violento incendio destroe parte da fabrica de tabacos de Sevilha, sendo consideraveis os prejuizos.

9 *Inglaterra* — O gabinete inglez é modificado como segue: marquez de Londonderry, presidente do ministerio da Educação; Ritchie, chanceller da fazenda; Akers-Donglas, secretario d'Estado do interior; George Winlham, secretario particular para a Irlanda e sir Alexandre Aclan-Hood, secretario financeiro do

thesouro. — Celebra-se na cathederal de Westminster a coroação do rei de Inglaterra, Eduardo VII.

11 *Russia* — O tzar ordena que sejam soltos os estudantes internados na prisão de Smolensk, por causa dos disturbios de Moscow em fevereiro ultimo. — *Chili* — A camara dos deputados approva por 59 votos contra 7 o tratado de arbitragem chileno argentino e por 53 votos contra 13 o tratado da limitação dos armamentos.

12 *New Jersey* — Um cyclone destroe 12 edificios em Trentsn.

13 *Grecia* — O principe Jorge da Grecia, governador de Creta, dirige ás quatro potencias protectoras da ilha uma nota, pedindo a sua intervenção para que a Turquia reconheça o pavilhão cretense e o principe Jorge como soberano; para que seja concedida amnistia aos habitantes de Creta condemnados por delictos politicos; auctorisação para contractar um emprestimo; admissão de Creta á União postal e monetaria latinas e protecção para os cretenses residentes na Turquia. As potencias accedem ao pedido, devendo começar em breve as primeiras diligencias junto do sultão.

14 *Marrocos* — Os chefes das kabilas do noroeste decidem sublevar-se no caso do sultão insistir em cobrar os recentes impostos. — *Haiti* — Dão-se novos combates em Saint-Michel sendo numerosos os mortos e feridos e ficando a villa incendiada em parte.

15 *China* — A cidade de Tien-Tsin é evacuada pelas tropas estrangeiras. — *Brazil* — O governo submette ao parlamento um projecto de orçamento em que são calculadas as receitas em 42.600 contos de reis em ouro, 238.498 contos em papel.

16 *China* — Uma terrivel inundação faz grandes e importantes destroços na provincia de Tien-Tsin, perecendo mais de mil pessoas e destruindo completamente as plantações. — *Belgica* — São encerrados os trabalhos do congresso archeologico em Bruxellas. — *Irlanda* — Lord Dudley presta juramento como lord regente da Irlanda. — *Portugal* — 200 operarios da fabrica de vidros na Amora declaram-se em gréve em consequencia da nova tabella de preços estabelecidos.

17 *França* — São inaugurados em Besançon a estatua de Victor Hugo, e o monumento a Pasteur. — *California* — E' devastada por uma terrivel inundação a cidade de Altaca morrendo centenares de pessoas.

18 *Austria* — A estação balnear de Toeplitz é invadida por uma enorme nuvem de formigas voadoras, cuja picada causou a morte a duas pessoas e ferindo gravemente muitas outras. — *Japão* — Uma erupção vulcanica destroe completamente a ilha Tori (Shima), não ficando o menor vestigio das povoações nem dos habitantes. — *França* — São abertos os conselhos geraes.

19 *Austria* — São presos, o dono de um restaurant, um agente de policia e varios officiaes do exercito por exercerem espionagem por conta da Russia. — *Estados Unidos* — Em consequencia da gréve geral na Pensylvania encarece extraordinariamente o preço do carvão, ameaçando a existencia dos *trusts*. — *Turquia* — Dão-se sangrentos combates nos Balkans entre revolucionarios e as tropas turcas. *Suissa* — O conselho federal prohibe em todo o territorio suisso as congregações e ordens religiosas que caiam sob a alçada do artigo 52.º da constituição, o qual prohibe fundar novos conventos ou ordens religiosas e restabelecer os supprimidos por lei. - *Bornéo* — Um violento incendio destroe completamente a cidade de Pontianak fazendo numerosas victimas.

20 *Africa do Sul* — Abertura da sessão do parlamento colonial, na cidade do Cabo.

21 *Suissa* — 164 membros da imprensa, reunidos em Berne decidem fazer um appello á opinião publica para soccorrer os armenios.

22 *Inglaterra* — Os mineiros do principado de Galles enviam aos grévistas da Pensylvania dez mil libras. — *Estados Unidos* — A Inglaterra, a França e a Allemanha enviam uma nota collectiva aos Estados-Unidos, protestando contra o recrutamento de marinheiros d'aquellas nacionalidades nos portos do Pacifico. — *Hespanha* - Suspendeu-se as negociações entre a Hespanha e o Vaticano para a renovação da concordata. — Dá-se uma terrivel explosão na fabrica de polvora situada nas proximidades de Oviedo matando e ferindo bastantes pessoas. — *Venezuela* — As tropas fieis ao governo reoccupam Carupano sem resistencia.

23 *Turquia* — E' descoberta em Constantinopla uma grande conspiração contra o sultão, dirigida pelo chefe do *comité* revolucionario da Macedonia. — *Hespanha* — A camara do commercio de Sevilha solicita do ministerio dos negocios estrangeiros que seja denunciado antes de 9 de setembro o tratado de commercio existente entre Portugal e Hespanha. — *Portugal* — Declaram-se em gréve varios pescadores em Lisboa reclamando contra a mudança do local da venda do peixe.

24 *Noruega* — Encerra-se em Christiania o imponente congresso das uniões christãs da mocidade, assistindo 2:100 congressistas de 31 paizes.

25 *Portugal* — Os operarios das fabricas em Gouveia declararam se em gréve. — *Hespanha* — Um pavoroso incendio destroe as officinas de fundição de Morrison, um armazem de madeiras e tres grandes predios em Sevilha, causando perdas importantissimas. — As camaras de commercio de Huelva e Cadiz enviam ao ministro d'estado umas representações adherindo á petição feita por outras camaras para que seja denunciado o tratado de commercio hispano-portuguez. — Cae em Madrid uma chuva torrencial, inundando varias casas e obrigando a paralysar a circulação publica, durante duas horas. — *Allemanha* — Forma-se em Berhim um *comité* para receber solemnemente os generaes boers. — *China* — São assignadas as novas pautas aduaneiras. O edito imperial, que as sanciona, declara-as applicaveis desde o primeiro dia do anno chinez.

26 *Allemanha* — E' inaugurado pelos catho-

licos allemães o congresso em Manheim, assistindo quinze mil pessoas.—*Grecia*—Uma violenta tempestade faz descarrillar um comboio perto de Kissisnia, ficando feridos 30 passageiros. — *Haiti* — As tropas do governo retomam Limbe, sendo a aldeia queimada e tendo morrido muita gente de um e outro campo.

27 *Estados-Unidos* — Os Estados Unidos declaram que recusam cooperar officialmente com as potencias europeas para restabelecer a ordem na republica de Venezuela. — *Philippinas*— Sentem-se abalos de terra no districto de Lanço, na ilha de Mindanao, perto do bairro americano, ficando os rios e as montanhas trantornadas e morrendo perto de 60 indigenas.

28 *Brazil* — O sr. Custodio de Magalhães pede e obtem a sua exoneração de director do Banco da Republica. Tambem pedem a sua demissão o ministro da justiça, e o dr. Murtinho, ministro da fazenda.—*India*—Chuvas torrenciaes causam inundações no Nepaul fazendo centenares de victimas e causando enormes prejuizos. — *Africa Portugueza* — A expedição militar portugueza do Zambeze bate e derrota o regulo Macombe, do Barué, aprisionando-lhe muita gente.

29 *França* — Rebenta um violento incendio nas officinas de penteação de lã em Toureoing devastando uma superficie de mais de 2.600 metros e causando prejuizos no valor de 3 milhões de francos. — O inspector de fazenda enviado a Marselha para examinar a situação financeira do municipio, encontra um *deficit* de 14 milhões de francos. — Terminam satisfactoriamente as negociações relativas ao incidente franco-inglez de Argongoa. Burel, Desain e Blanc abandonam o territorio inglez.

NECROLOGIA

Julho 21 — John Mackay, em Londres, conhecido millionario americano.

22 — Cardeal Ledochonski 80 annos, em Roma.

23 — Monsenhor Croke, em Londres, arcebispo de Castrel.

28 — Gabriel Julio Delevre 81 annos, em França, celebre escriptor e poeta philosopho conhecido pelo pseudonymo «*José Strada* — auctor da *Epopeia humana*, *Essai d'un Ultimum Organum*, etc.

Agosto 2 — General Oryan, em Madrid, ex-ministro da guerra.

9 — James Tissot, em Besançon, conhecido pintor.

9 — Lucas Meyer, em Bruxellas, general boer que tomou parte na guerra do Transvaal.

14 — Henry Miller, em Sevenosks, almirante da esquadra ingleza, um dos marinheiros mais respeitados e de maior consideração na marinha britannica.

14 — Manoel Vaz Preto Geraldes, 74 annos, na Louzã, par do reino, e homem politico muito considerado.

15 — Barão de Ramalho, em S. Paulo do Brazil, director da faculdade de direito e um dos mais abalisados jurisconsultos brazileiros.

17 — Elvino de Sousa e Brito, 50 annos, em Lisboa, par do reino e ex-ministro das obras publicas.

31 — Frederico Rubio, 75 annos, em Madrid, notavel sabio e cirurgião, fundador do instituto do seu nome.

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante o mez de agosto

Agosto 16 — A Aranha, peça phantasiosa original dos srs. D. João da Camara, Lopes de Mendonça, Julio Dantas e Moura Cabral (Theatro de D. Amelia).

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Platinotypia

A maioria dos amadores imagina que os processos da platina apresentam grandes difficuldades e exageram-os a tal ponto que a platinotypia está quasi abandonada. Os profissionaes reconhecendo ha bastante tempo as vantagens do papel platina teem sabido tirar d'ele grande partido, mas por um motivo qualquer teem tambem guardado só para elles o segredo das suas manipulações. Será egoismo? Não queremos chegar a tanto. O certo é que nenhum outro papel offerece effeitos tão artisticos como o de platina, e é só devido a isto que se póde attribuir não só o zelo que cada um tem em apresentar melhor trabalho que o seu visinho mas ainda o não lhe revelar o seu segredo. Talvez que a minha opinião seja errada, mas é pelo menos a verdadeira, e mais de um amador tem pensado d'esta fórma.

O papel platina é pois tão difficil de tratar? Não o é mais que o papel ferro-prussiato a menos que queiram classificar de difficil a obtenção do seu bom resultado que depende

apenas de se applicar toda a attenção ao trabalho até nos menores detalhes.

Devemos concordar em primeiro logar que este processo não está ao alcance de todos os principiantes. Por causa da sua difficuldade? dir-se-ha. De forma alguma, mas porque este processo só dá bons resultados com o emprego de bons clichés, e portanto é bem raro que um principiante saiba, não só obter bons clichés, mas apreciar qual o que com tal ou tal processo se prestará melhor a este fim. Os negativos destinados á platinotypia devem sujeitar-se a um tratamento especial: se o tempo de exposição é aqui de uma grande importancia, a sua revelação não o é menos. E' necessario que elle seja bem revelado e não em excesso; os negativos muito fracos ou muito duros dão egualmente resultados mediocres. N'uma palavra, é necessario um cliché correctamente exposto e correctamente revelado; taes são emfim todos os que dão bons resultados com os processos ordinarios. E' pois um erro vêr só n'este requesito uma difficuldade enorme a menos de levar á ordem dos impossiveis poder obter um cliché vigoroso, sem dureza, detalhado e isento de veu.

Ha duas maneiras differentes de obter as provas de platina: uma consiste em transformar em prova de platina por um banho apropriado a prova tratada pelos saes de prata; a outra, em tirar as provas sobre papel sensibilisado pelos saes de platina. Esta ultima forma de que nos occupamos é propriamente a chamada *platinotypia*.

O processo da platina depende ao mesmo tempo do processo por impressão directa e do processo por revelação, possue as qualidades d'estes dois systemas de impressão sem comtudo apresentar os inconvenientes.

O papel platina encontra-se no mercado fechado em caixas ou tubos de folha de Flandres; em cada tubo existe uma pequena quantidade de chloreto de calcium destinado a absorver a humidade do ar ambiente, porque, mais que qualquer outro papel, o de platina perde as suas qualidades se se resentir da menor particula de humidade: a conservação do papel em sitio secco é uma das principaes condições necessarias ao bom resultado final. As manipulações pódem ser feitas á luz do dia comtanto que seja diffusa, mas de preferencia em meia obscuridade.

A impressão do papel platina, exposto atravez um negativo em pleno sol, só começa a manifestar-se ao fim de 45 segundos approximadamente, podendo examinar-se a prova de vez em quando. E' necessario, antes de retirar a prova da prensa examinar a fundo se ella está detalhada como se deseja e se apresenta uma côr azulada.

O fabricante entrega ordinariamente um revelador preparado para o seu papel, mas mais economico é cada um preparal-o.

A formula que melhores resultados dá, é a seguinte:

Agua quente............	1500cc
Oxalato de potassa.......	500 gr.

tomando-se uma parte de A e duas de agua.

A revelação faz-se rapidamente em 30 segundos pouco mais ou menos.

Se a imagem apparece muito carregada, é porque houve excesso de exposição, se apparece palida é que a insolação foi insufficiente. E' muito difficil avaliar á primeira vista quando a imagem está impressa convenientemente, e aconselhamos aos principiantes que façam em primeiro logar as suas experiencias em tiras de papel, de qual deve ser o tempo de exposição.

A prova depois de revelada é fixada n'um banho acidulado com acido chlorydrico a $^1/_5$ onde ella permanecerá durante 4 ou 5 minutos e passada em seguida e successivamente durante 10 a 15 minutos em dois outros banhos acidos compostos como o primeiro. A operação completa-se com uma lavagem durante $^1/_2$ hora em agua corrente; á falta de agua corrente lavar-se-ha como os outros papeis.

Se a pureza dos brancos deixa um tanto a desejar é que a prova não ficou o tempo conveniente no primeiro banho acido.

A temperatura do banho influe tambem em muito no resultado, e conforme o tom que se deseja obter assim a sua temperatura variará entre 14° e 37° centigrados. Uma temperatura elevada dá tons escuros, uma temperatura baixa dá tons cinzentos: em todo o caso só a experiencia e o gosto particular de cada um servirão de guia.

Não se póde recommendar esta ou aquella marca, todas são boas, no entanto dever-se-ha preferir os papeis com a superficie lisa pois que são estes os que convem a todos os generos de trabalho.

O papel platina pode egualmente dár tons sépia, castanhos, amarellos ou vermelhos: estas côres obteem-se pela adição de diversos productos chimicos no revelador.

Algumas palavras sobre a revelação a pincel, methodo este que permitte ao operador o interpretar o seu assumpto como lhe convenha e de dár á sua obra um cachet original revelando mais ou menos algumas partes das provas; esta operação para dár bons resultados depende de uma certa habilidade e muita pratica. Todo o material necessario consiste em tres ou quatro pinceis de dimensões diversas, tres *godets*, algumas folhas de mattaborrão branco e uma chapa de vidro de dimensão superior á da prova; emfim exige muita paciencia e um conhecimento perfeito do que se deseja fazer, isto é, saber exactamente o effeito que se quer tirar com o emprego do pincel.

O revelador a empregar é o mesmo indicado mais acima, juntando-se-lhe glycerina, e assim teremos a preparação do revelador a distribuir pelos tres *godets*:

Godet n.° 1: 2 partes de A, 1 de glycerina e 1 de agua.

Godet n.° 2: 1 parte de A, 1 de glycerina e 3 de agua.

Godet n.° 3 glycerina pura.

Collocar estes tres *godets* bem ao alcance

da mão, principalmente o que contem a glycerina pura Os pinceis deverão ter as dimensões que melhor convenha ao operador.

A impressão da prova faz se como de ordinario ou talvez um pouco mais carregada. Para se proceder á revelação colloca-se a prova sobre a chapa de vidro estendendo-se sobre toda a sua superficie uma camada de glycerina, deixa-se impregnar e escorre-se depois com um matta borrão; applica-se então o revelador, solução forte ou fraca segundo a escolha e a habilidade do operador, e segundo o caso; a glycerina determinará o ponto de paragem da acção do revelador em todas as partes onde se applique no decurso da operação Logo que a prova esteja revelada e fixada, lava-se como de costume.

Algumas recommendações:

Cada pincel não deverá ser utilizado senão para cada uma das soluções, nunca se deve empregar para a solução do *godet* n.º 2 o pincel n.º 1 e vice-versa; é conveniente tambem numerar cada *godet* e o pincel correspondente; nunca se deve empregar duas vezes a mesma folha de matta-borrão, esta precaução explica-se por si propria; emfim limpar cuidadosamente os differentes utensilios depois de cada operação.

Para terminar, diremos aos que acham que o papel platina custa caro, que esta observação é justa, mas a differença dos resultados é tal que se não deve lastimar a despeza.

(Camera and Dark Room).

PACIENCIAS

Sympathia

(Dois jogos de Piquet, não enaipados)

PARA DUAS PESSOAS

Esta paciencia cujo principio é egual á do *Desejo*, joga-se com duas pessoas.

Cada um dos jogadores tem na mão um jogo de Piquet e depois de o ter baralhado e cortado, distribue-o em 8 montes cobertos de 4 cartas.

Cada jogador volta então as suas 8 cartas superiores e retira as que foremeguaes ás do seu parceiro conservando-as na mão. Logo que todas as cartas eguaes forem retiradas, um dos jogadores volta as cartas superiores dos seus montes que estão cobertos e novamente retira as cartas eguaes ás do seu parceiro. Segue-se depois a vez do outro jogador de descobrir os seus montes cobertos e cada um tira então as cartas eguaes continuando-se assim alternadamente até final do jogo.

A paciencia considera se feita quando os dois jogadores tiram todas as cartas dos seus montes e está perdida quando nos dois jogos não se apresentem cartas eguaes.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N. 37 — 36 metros, 24 metros.

N.º 38 — 81; 27.

N.º 39 — *Xadrez:*

BRANCOS	PRETOS
1 — B 4 T Ra.	1 — P 6 Ra
2 — B 2 B Ra.	2 — P come B
3 — P 4 Ra Xeque e mate	

Num. 40.

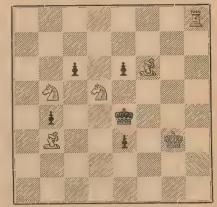
Sendo a acceleração da gravidade no equador de 9.781 e a distancia da lua á terra de 96.000 leguas de 4 kilometros, que tempo levaria um objecto a cahir da lua sobre um ponto do equador, suppondo nulla a attracção do nosso satellite sobre o movel?

Num. 41.

O producto de dois numeros é egual a 153, e um d'elles excede 13 de tantas unidades quantos 13 excede o menor dos dois numeros; determinar quaes estes sejam.

Num. 42.

XADREZ

PRETOS (5 peças)

BRANCOS (6 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lanços

Julho / Agosto	Barometro — Nivel do mar		TEMPERATURA — ás 9 h. da manhã		maxima		minima		Chuva — Millimetros		Ozone — Gráus	
	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902
1	760,6	764,4	19,4	19,3	24,5	19,6	14,6	16,1	0,0	0,0	7,0	9,8
2	759,8	763,5	16,8	17,5	22,7	21,9	14,8	15,7	0,0	1,5	7,3	7,5
3	761,8	762,5	18,0	19,5	21,4	23,1	14,1	15,6	0,0	11,2	4,5	10,0
4	764,1	762,8	20,0	19,4	24,4	23,0	15,2	17,1	0,0	22,2	5,2	7,5
5	763,3	763,8	23,8	19,4	30,2	22,3	17,5	16,9	—	13,1	5,5	9,7
6	761,4	764,9	28,1	19,1	31,5	20,7	20,0	16,9	0,0	0,3	3,0	8,0
7	759,0	764,4	22,0	20,3	26,7	23,2	16,3	16,2	0,0	0,0	6,8	7,5
8	760,2	765,7	21,0	21,6	25,2	27,0	16,7	16,8	0,0	0,0	5,0	7,6
9	762,0	764,6	20,7	21,6	23,6	24,6	16,7	18,0	0,0	0,0	8,0	7,2
10	763,3	763,0	17,5	19,6	20,9	22,3	16,6	17,0	0,0	0,0	7,5	6,5
11	763,1	757,1	19,4	24,2	25,4	27,5	16,4	18,0	0,0	2,0	7,7	9,0
12	763,0	760,0	21,1	21,2	20,1	22,9	16,4	18,0	0,0	0,0	0,6	5,3
13	761,7	763,5	18,9	20,1	25,1	21,6	15,7	18,2	0,0	0,0	8,0	6,5
14	760,8	765,7	21,3	20.0	28,2	22,7	16,9	17,8	0,0	0,0	6,8	6,5
15	761,7	766,5	22,0	20,3	27,9	22,7	17,3	16,8	0,0	0,0	6,2	5,0
16	763,2	763,8	22,9	22,7	31,3	27,1	16,8	17,9	0,0	0,0	5,0	6,2
17	763,1	760,3	25,2	24,7	35,4	31,7	19,0	19.7	0,0	0,0	3,5	5,5
18	762,4	759,6	26,8	24,0	34,7	29,3	21,2	22,5	0,0	0,0	1,8	2,5
19	761,4	760,9	29,1	21,6	35,9	26,6	22,6	17,8	0,0	0,4	2,0	7,5
20	760,0	762,1	29,8	18,7	34,6	21,9	25,0	17,0	0,0	0,0	0,5	6,5
21	761,6	763,3	29,3	18,9	36,5	21,2	23,1	16,8	0,0	0,0	7,5	4,8
22	763,5	764,9	23,7	19,4	28,3	22,1	17,5	15,6	0,0	0,0	3,5	4,0
23	760,6	764,1	22,6	19,5	29,3	23,5	16,5	15,7	0,0	0,0	3,2	6,5
24	759,4	760,9	24,6	20,5	26,8	25,9	16,8	15,7	0,0	0,0	2,5	4,5
25	760,3	761,9	20,5	21,2	24,9	32,7	15,4	17,1	0,0	0,0	4,8	4,5
26	760,9	763,7	26.6	21,0	25,7	25,7	15,9	17,9	0,0	0,0	3,8	4,2
27	762,1	765,7	19,0	20,8	22,3	23,5	15,8	16,9	0,0	0,0	8,0	4,5
28	762,6	765,4	16,2	23,0	20,9	29,9	15,1	16,8	0,0	0,0	4,0	4,0
29	763,0	765,9	19,4	23,1	22,2	31,9	16,1	20,5	0,0	0.0	7,0	6,8
30	764,8	765,3	24.4	24,6	27,5	31,0	17,4	19,6	0,0	0,0	7,0	2,2
31	764,3	763,2	24,2	23,0	30,6	27,8	20,4	17,3	0,0	0.0	1,2	3,8
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	764,3	761,9	25.4	21,6	31,9	23,2	22,4	17,3	0,0	0,0	0,5	7,0
2	761,5	763,9	27,4	21,2	34,2	24,8	22,4	17,5	0,0	0,0	1,2	4,7
3	761,6	763,3	26,7	21,6	31,2	27,0	23,9	14,8	0,0	0.0	1,0	0,3
4	761,3	762,5	29.3	20.1	33,5	25,3	23,2	14,8	0.0	0 0	0,0	5,0
5	761,4	763,3	26,3	20,9	34,8	26,6	21,6	17,6	0.0	0.0	2,6	6,5
6	760,8	762.4	29,7	21,5	35,8	26,6	22,8	16,7	0,0	0,0	1,3	4.0
7	761.9	763,0	26,0	21,5	30,3	26,7	21,4	18,9	0,0	0,0	4.3	5,5
8	762,6	763.0	19.9	20,6	22,8	25.3	16,7	16,8	0,0	0,0	6,2	3.7
9	763,2	763,3	19.1	22.7	24,2	29,4	17,5	17,0	0,0	0,0	7 8	3,5
10	763,4	763,8	19,9	23,3	23,8	27,2	17.2	16.5	0,0	0,6	6.7	4,5
11	764,9	764,2	19.1	22.4	21,9	26.4	15,9	17,1	0,0	0,0	6,5	4.5
12	764.7	764,6	19.0	24,5	23,3	29.7	15,4	17,1	0 0	0,0	4,3	3,7
13	763,9	763,8	20,8	24,4	26,5	20,8	15,4	16,5	0,0	0,0	4,2	3.0
14	764,0	763,6	23.2	18.0	27,8	25,5	17,7	16 0	0,0	0 0	4,5	5,0
15	765,7	761.4	21,1	19,1	26,6	24,9	18.5	14,9	0,0	0,0	5,0	6.2
16	762 4	760,7	25,5	21,3	34,5	22,9	18,3	16,9	0,0	0,0	3,8	5 2
17	761,8	764,6	25.5	20,2	30.4	25,9	19,9	17,0	0,0	0,0	3,2	6,5
18	764,0	762,7	20,2	20,8	26,0	30,1	17,5	16,8	0,0	0,0	5,8	3,3
19	763,9	762,6	20,2	23,0	23,7	27,0	17,8	20,0	0.0	0,0	7,0	4.0
20	764,3	764,1	18,7	23,9	24,9	28,3	18.1	19,3	0,0	0 0	5,7	6.5
21	761,6	763,9	20.1	24,5	22,6	32,3	18.0	21,0	0.0	0,0	6,0	3,3
22	763,7	763,7	19,6	27,3	22 8	33,8	17,6	21,4	0,0	0,0	6 8	1,7
23	763,8	764,5	19,9	23,4	22,5	28,9	17,5	18,2	0,0	0,0	5.7	1,3
24	763,6	765.5	20,5	21.7	22,4	26,4	18,4	18,2	0,0	0,0	8,3	4.2
25	764,3	764 6	21,0	20,2	24.9	24,9	18,0	16.8	0,0	0,0	0,7	5,5
26	766,5	761,6	20,9	19,1	25,8	21,9	17.4	16 2	0,0	0,0	5,5	5,3
27	766,9	760,0	20,5	18,8	25,1	19.5	17,5	16,9	0.0	0,0	5,8	8,0
28	764,6	757,9	22,8	19,8	28,0	22,2	18,2	16,1	0,0	4,5	4 0	8,0
29	763,3	759.7	22,2	19,6	28,2	21,9	17,1	16,9	0.0	0,7	3,0	10,0
30	762,2	765,8	20,8	19,7	27,4	22,2	16,3	16,7	0,0	1.4	7 2	3,0
31	763,4	765,1	21,0	19,2	25,4	24,3	16,7	16,2	0,0	0,0	6,8	0,2

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SUMMARIO

SANTA FAMILIA.—AS ESTRADAS DO MUNDO.—UMA VISITA Á BEIRA —A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL—O ANIL.—VISÕES D'UM CRENTE.—A FOME EM CABO VERDE.—MINUETE.—UM ESCANDALO PARLAMENTAR.—O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ.—JOLI CŒUR—MODAS.—VARIEDADES.

VOL. III DE NOV. A DEZ.—1902 NUM. 16

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

SUMMARIO

Pag.

Santa Familia. — *Quadro de* B.-E MURILLO *194*
AS ESTRADAS DO MUNDO. — *Por* SILVA TELLES. — *Com o mappa do Mediterraneo e mais 3 illustrações* *195*
UMA VISITA Á BEIRA. — *Por* ANTONIO ENNES. — *Com 3 illustrações* *203*
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL. — *(Continuação)* — *Por* ALBRECHT HAUPT. — *Com 17 illustrações* *211*
O ANIL, sua introducção pelos portuguezes na tinturaria europea. — *Por* SOUZA VITERBO *225*
A Mocidade de Jesus. — *Quadro de* HERBERT *227*
Adoração dos pastores. — *Quadro de* RIBEIRA *228*
VISÕES D'UM CRENTE. — *Versos por* AFFONSO VARGAS. — *Com 4 illustrações.* *229*
A FOME EM CABO VERDE. — *Por* RUY DINIZ. — *Com 1 illustração* *233*
MINUETE. — *Allegretto.* — *Por* J. P. RAMEAU *236*
No Jardim de Epicuro. — *Reproducção d'um quadro* *238*
UM ESCANDALO PARLAMENTAR. — *Por Barbosa Colen* *239*
Mulher egypcia *244*
O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ. — ROMANCE. — *Com 2 illustrações* *245*
Joli Cœur. — *Quadro de* DANTE GABRIEL ROSSETTI *256*
MODAS. — *Com 3 gravuras* *254*
VARIEDADES. — MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — NECROLOGIA. — THEATROS. — PHOTOGRAPHIA PRATICA. — PACIENCIAS. — CONHECIMENTOS UTEIS. — POBLEMAS. — XADREZ *28*

40 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis, cada uma, capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao I e ao II volumes da Revista. Por cada encadernação, de que tambem se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros,** tendo n'este caso a reducção do preço a **2$200 réis,** o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por:

Series de	**3 numeros**	**600**
	6 numeros	**1$200**
	12 numeros	**2$200**

Para os paizes da **União Postal,** por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3$000 réis,** moeda portugueza. Para e **Brazil** (moeda brazileira), **18$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado.—Numero avulso *1$500* réis (moeda brazileira).

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo avultado de cobrança pelo correio; por isso se pede a *remessa directa* da importancia das assignaturas á **administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7.**

Typ. e impressão dos *Serões*, C. do Cabra, 7 — Editor. Thomaz Rodrigues Mathias

---

Os **SERÕES** teem publicado os seguintes

MYSTERIOS DA HISTORIA

Narrativas dramaticas de casos, incompletamente sabidos, que deixam entrever enigmas crueis do coração humano, motivos de psychologia complexa que desenham caprichosos entrelaçamentos de paixões e de interesses.

Tragedia em Napoles (Joanna, rainha de Jerusalem e da Sicilia). — **Num. 2.**

O collar da Rainha (Maria Antonietta e o cardeal de Rohan). — **Num. 3.**

Tragicos destinos (Maria Stuart e David Rizzio). — **Num. 4.**

Predicção historica (Assassinio de Henrique IV). — **Num. 5.**

O cabaz de pecegos (Morte do papa Alexandre VI). — **Num. 6.**

Vingança de Rival (Filippe II de Hespanha e a morte de Escovedo). — **Num. 7.**

A torre de Londres (Jayme I de Inglaterra, e o conde de Somerset) **Num. 8.**

Tragica historia d'um csar (O aventureiro Demetrio). — **Num. 9.**

Romance d'um principe (Filippe II de Hespanha, e seu filho D. Carlos). — **Num. 10.**

Curiosa confissão d'um rei (Carlos IX e o assassinio de Coiigny). — **Num. 11.**

Fatal outrevista (A morte de Francisco Borgia, duque de Gandia). — **Num. 12.**

O serralheiro do rei (Luiz XVI e Gamain) — **Num. 14.**

Os **SERÕES** teem publicado as seguintes

MUSICAS PARA PIANO

Gavota, por AUGUSTO MACHADO. — **Numero 1.**

A Resurreição de Christo, *Oratoria,* por D. LORENZO PEROSI. — **Num. 2.**

Rachel, *Valsa,* por LAURA ESCRICH. — **Num. 3.**

Folha d'Album, por OSCAR DA SILVA. — **Num. 4.**

Feiticeira, *Valsa,* por EDUARDO BOEYÉ DE PASCAL. — **Num. 5.**

O que dizem as ondas, *Valsa,* por IZABEL DE CAMPOS PIDWELL. — **Num. 6.**

Meditação, *Mazurka,* por VISCONDESSA DE FARIA PINHO. — **Num. 7.**

Romanza, por A. BRINITA, (*D. Maria Bravo*). — **Num. 8.**

O Tição Negro, *Serenada do 1.º acto,* por AUGUSTO MACHADO. — **Mum. 10.**

Dansons! *Pas-de-quatre,* por M. JULIA LOUREIRO DE MACEDO. — **Num. 11.**

Rapsodia d'Agueda, *(Musica popular)* — **Num. 12.**

Le Ballet du Roy, *Gavota,* por LULLY. — **Num. 13.**

Gipsy, *Valsa,* por C. L. — **Num. 14.**

Maria da Gloria, *Valsa,* por CARLOS PINTO COELHO. — **Num. 15.**

SANTA FAMILIA

Quadro de B. E. Murillo — Museu do Louvre

Mappa do Mediterraneo

As Estradas do Mundo

Com a publicação do artigo, que segue, encetam os SERÕES *uma serie de estudos, devidos á penna scintillante d'uma competencia indiscutivel, o dr. Silva Telles, secretario geral da Sociedade de Geographia, em successão a Luciano Cordeiro, e nos quaes, em synthese, se apresenta na actual luta das ambições e dos interesses das mais poderosas nações contemporaneas a influencia decisiva que as* **grandes estradas do mundo,** *scientifica e historicamente consideradas, exercem, em todas as suas relações, no desenvolvimento commercial, expansão industrial e preponderancia politica que caracterisam a nossa época de febre invencivel do poder e da riqueza.*

A MORPHOLOGIA dos continentes, nas suas relações com a hydrosphera e interpretada pelo moderno criterio das sciencias geographicas, revela que tanto o *Velho* como o *Novo Mundo* soffreram como uma deslocação para o oriente e d'essa deslocação dos eixos lithosphericos resultou uma grande depressão transversal, central, estendendo-se do mar das Caraibas e golfo Mexico até a Malasia, colhendo na sua passagem a zona do Mediterraneo, dos golfos Persico e Arabico e o norte da peninsula industanica. Os continentes, durante a torsão soffrida, promoveram a formação de tres *mediterraneos* com caracteres analogos, com significação geographica similhante, mas de categorias diversas pela sua situação. A depressão inter-americana, em plena zona tropical; a malasica, cortada pelo equador, e a mediterranea propriamente dita, na transição dos climas sub-tropicaes para os temperados.

Este facto, de se encontrar na parte mais septentrional da curva formada pela depressão transversal da morphologia da terra, constituiu a condição geographica primordial que fez do Mediterraneo o mais apto dos tres mares para a evolução civilizadora da humanidade. Collocado no meio do caminho, entre o extremo-oriente e o continente americano; não tendo a contrariar a passagem dos povos, vastos oceanos, como o Pacifico e o Atlantico; livre da influencia subjugante da hyperthermia tropical, o Mediterraneo, com uma linha de costas como nenhum outro mar, offerecia as mais favoraveis condições ao desenvolvimento cultural das raças humanas. E como á superficie da terra os phenomenos se mostram e se succedem syntheticamente, em plena harmonia dynamica, os povos de maior capacidade intellectual surgiram para o progresso em volta e nos flancos orographicos d'esse mar. A civilização fixou-se melhor onde melhor lhe offereciam vantagens para se estender e profundar.

De tres grandes espinhas dorsaes partem, á superficie da terra, as variações lithosphericas: a americana, a euro-africana e a asio-australiana. A primeira, ladeada por vastos oceanos, espalha-se, em dois terços da sua su-

perficie, pelas regiões frias e regiões intertropicaes. A segunda e a terceira, separadas, talvez, em edades geologicas, pelo valle do Obi e do Caspio, ligam-se e prolongam-se em vastissimas zonas que, em planos inclinados, descem ao oriente até o Pacifico, e ao occidente até o Atlantico. São passagens dos povos primitivos que teem direito á historia, planicies sem limites que prepararam brilhantes civilizações. Mas estas, no seu inicio cheio de hesitações, precisavam precaver-se contra a animalidade primitiva. Abrigaram-se naturalmente, por uma acção collectiva, inconsciente, onde uma protecção natural lhes permittiu um desenvolvimento gradual. E é assim que o Hymalaia, as montanhas do Pamir, prolongadas até os contrafortes orientaes do Mediterraneo, que o Atlas e a vasta planicie que se prolonga, pelo alto Egypto, até o mar Vermelho, e os relevos orographicos da Europa central e occidental, formaram os limites das grandes civilizações do mundo, creando barreiras e permittindo que uma ebullição intellectual de milhares de seculos se fizesse, protegida e auxiliada pela natureza.

De toda essa immensa facha onde a civilização se formou e d'onde se espalhou para outras regiões, é a bacia do Mediterraneo a mais estrategicamente completa, a mais rica pelas vantagens que offerece, a mais opulentamente dotada dos elementos necessarios para o avanço intellectual e moral das sociedades humanas. Porém, á sua extensão actual, aos limites que ás suas aguas marca a geographia commercial, estão subordinadas vastas regiões que, mais ou menos regularmente, descem até a depressão transversal entre as tres partes do Velho Mundo. Os valles do Ebro e do Rhône são planos inclinados que vão morrer nos abysmos do mar das Gallias e no mar das Baleares. O Archipelago, o Marmara, o Negro e o Azoff, com as chanfraduras abertas no solo pelos rios Dnieper, Dniester e o Don são ainda naturaes dependencias do Mediterraneo. E nos tempos geologicos, muito alem dos periodos primitivos das civilizações prehistoricas, tambem a Lybia, uma parte do Sahara e do valle do Nilo concorriam para a formação da bacia mais importante da terra. Milhares de rios, caminhando em declives successivos, levam as suas aguas aos differentes mares secundarios da grande depressão e constituem outros tantos caminhos de passagem aos povos, nas suas migrações. E a sua funcção historica foi tão notavel, que as civilizações mediterrâneanas, creadas nas margens d'esse mar, seriam inexplicaveis sem as estradas secundarias por onde se fez o transporte, em todas as edades, do que os centros principaes da actividade iam successivamente produzindo ao oriente e ao occidente. A depressão euro-africana, como um immenso valle, é ladeada e protegida por corôas successivas de montanhas, entre as quaes, por largas aberturas, como tentaculos de polvo, se praticava, e se pratica, a osmose civilizadora entre os differentes povos que as percorriam ou que essas zonas habitavam. E só assim se comprehende como, na inspecção feita pela prehistoria, esses povos se juntam, trocam as suas industrias e preparam as civilizações grega e romana, donde surgiu a moderna civilização europêa.

De leste ao oeste, n'uma extensão de 3750 kilometros e n'uma largura maxima de 800 kilometros, apertado por varias peninsulas, semeado de milhares de ilhas, o Mediterraneo, devido ás causas que promoveram a sua formação, apresenta tres profundos abysmos, tres fundões, que são os centros respectivos dos tres segmentos em que se pode dividir a grande depressão euro-africana: o *valle* do mar da Sardenha, o do Jonico e o do Mediterraneo oriental entre o Egypto e a ilha de Creta. Estes tres valles são cercados por altos rebordos montanhosos: o primeiro fechado pelo Atlas e pelo enorme dorso montanhoso que percorre a Sicilia, a peninsula italiana, até se engrenar com o systema pyrenaico; o segundo protegido pelo Sahara ao sul e envolvido ao norte e leste pelas altas regiões montanhosas da Grecia, Albania e Italia meridional; o ultimo, ladeado pelo Libano, os montes Taurus com todos os seus contrafortes ao sul e ao oeste.

A cada um d'estes tres segmentos pertence, na historia do mundo, uma época especial. Ao valle oriental ou mar Levantino se prende a primitiva civilização *mediterraneana;* ao valle central ou mar Jonico, a civilização grega, e á bacia occidental do Mediterraneo e, successivamente, nos segmentos de que se compõe, na direcção geographica L.-O., a hegemonia romana. Estes factos confirmam a absoluta dependencia em que se encontra o espirito humano, na sua progressão gradual e ininterrompida, das condições geographicas do meio, quer se trate do desenvolvimento economico dos povos, quer da sua evolução intellectual ou da sua superioridade politica. Foi assim no tempo em que os gregos dominaram no Mediterraneo e o mesmo se tem observado desde essas épocas primitivas até os tempos modernos. E, como meio geographico civilizador ou cultural, nenhum favoreceu melhor as raças humanas do que a grande depressão euro-africana.

De nivel inferior ao Atlantico e ao mar Ver-

melho, pouco influenciado pelas marés, sem grandes correntes a precipitar as suas aguas em direcções desencontradas, sacudido e refrescado pelos ventos do norte e do nordeste, aquecido ao sul pela respiração do Sahara, — o Mediterraneo, com as suas ondas curtas, batidas em varias direcções, quebradas e contrariadas pelas numerosas ilhas e peninsulas, que ora apertam, ora alargam os valles maritimos, foi sempre uma escola de navegação e d'esta sairam os mais audazes marinheiros do mundo. Energicos lutadores, promptos a receberem o ataque dos phenomenos mais inesperados, dos assaltos mais violentos do mar, os povos que bordavam os contornos do Mediterraneo crearam, na dureza e difficuldades das suas empresas, uma tempera de aço, vigor sem egual, vigor que fez imperios e dominou em todo o mundo. Ensina-nos a phisica do globo que pouquissimas zonas possue, de maior instabilidade, a superficie da terra. E', geologicamente, um desencontrado de falhas profundas que se traduzem em oscillações frequentes do solo, em erupções vulcanicas e alterações sismologicas em todas as suas margens. Foi essa a sua feição primitiva e, pelas mesmas causas se modificou com frequencia o seu aspecto geral. As costas que hoje se deprimem elevaram-se outr'ora; as que hoje se elevam submergiram-se, a pouco e pouco, em tempos geologicos. E, d'essa instabilidade, surgiram phenomenos como os de rasgamentos de estreitos, formação de umas ilhas e desapparecimento de outras. Zonas ha no Mediterraneo, no Adriatico por exemplo, em que o mar se encarrega de ir roendo a pouco e pouco, mas tambem, gradualmente, ir sobrepondo camada sobre camada, a diminuir a profundidade dos seus abysmos. E assim como o meio geographico veio soffrendo, desde os periodos geologicos mais remotos, oscillações que, embora não alterassem profundamente e nas suas linhas mais largas a grande depressão transversal, lhe imprimiram modificações sensiveis, assim, tambem, as civilizações que floriram no Mediterraneo, embora fôssem diversas desde as épocas mais remotas da prehistoria, firmaram estadios sociaes cujas mutuas dependencias dão direito a consideral-as como evoluções successivas de um mesmo corpo. E' que no Mediterraneo, pela sua morphologia especial, as populações e as condições geographicas do meio se encontraram perfeitamente identificadas como factores necessarios de um producto. E', por isso, licito suppôr que a Europa e a Africa se encontrassem em communicação nas edades primitivas, por tres relevos que separariam, então, os tres grandes valles actuaes do Mediterraneo: a Creta ligada ao grande morro saliente da Cyrenaica e fechando, ao occidente, o mar Levantino; a Sicilia, presa a Tunis, comprimindo ao nordeste o valle central ou mar Jonico; a Iberia, prolongando a Serra Nevada, para o sul, até se encontrar com os desfiladeiros do Atlas e conservando cerradas as portas que communicam hoje o Atlantico com o mais historico e o mais importante dos segmentos do Mediterraneo. Se cada um d'estes teve na historia o seu papel e manifestou-se com feição sua; se nos estadios das differentes civilizações que occuparam o mar euro-afri-

Gibraltar e o seu porto

cano, passando do oriente para o occidente, o typo cultural ganhou um aspecto peculiar, ainda hoje, apesar do cosmopolitismo social que pretende unificar, pelos interesses economicos, as nacionalidades que cercam o Mediterraneo, estas conservam, com as tradições ethnicas primitivas, um cunho de individualidade que permitte considerar como relativamente autonomos os tres sectores da grande estrada maritima para o oriente.

A *bacia occidental* é neo-romana. Na Hespanha, no sul da França e na Italia, embora se encontrem dois typos ethnicos, o *ibero* e o *ligure*, levemente mestiçados com os elementos *louros*, a tradição cultural é latina: é o imperio romano do occidente transmittido pelas linguas, costumes, leis, até nós. Foi n'esta parte do Mediterraneo que mais intensamente se manifestou a civilização romana e foi n'ella, justamente, que os seus moldes se conservaram, modificando-se levemente consoante condições especiaes a cada povo. E', por herança historica, um *mar latino;* é, por tradição pre-historica o centro de expansão de uma raça que tem hegemonia ethnica nas duas peninsulas e em todo o sul da França. Quaesquer que sejam as oscillações que na politica mundial soffra a metade occidental do Mediterraneo, é incontestavel, perante todas as affirmações das sciencias anthropo-sociaes, que aos povos, que herdaram de Roma a lingua, a religião, os codigos e os costumes, pertence o privilegio do mando, — por direito ethnico, — no mar que se estende do estreito de Gibraltar ao estreito da Sicilia.

A *bacia central*, cujo valle mais profundo é o mar Jonico, traduz o encontro de raças diversas e estabelece a passagem entre a civilização do oriente e o antigo mundo romano. Prolongando-se ao norte até a mais funda reintrancia do Adriatico e ao sul até as planicies desertas que bordam a Grande Syrta, põe-se em contacto com povos os mais diversos, representantes de ramos ethnicos antagonicos. O *ibero*, o *ligure*, o *slavo*, o *hungaro*, o *turco*, e ao sul o *arabe* em vez do *berbere*, significam o encontro de dois grandes typos da civilização, um accentuadamente romano, outro com ramificações orientaes, vindas dos confins extremos da Asia, d'onde partiram os *turanianos*. A parte occidental da peninsula dos Balkans exprime melhor, nas tendencias dos seus estados actuaes, essa mestiçagem da Europa occidental com as idéas e raças do oriente. Albanêses, croatas, montenegrinos, gregos modernos, embora ethnicamente se possam filiar nos elementos slavo e ibero-ligure, constituem, pela sua cultura, a herança, mais ou menos disfarçada, dos povos que fizeram a hegemonia de Constantinopla. Graças a esta diversidade anthropologica, não poude a civilização grega unifical-os pelos mesmos sentimentos, pelas mesmas tendencias culturaes. Religiões, leis, linguas e tradições encontram-se engrenadas sem se fundirem; não se justapõem nem se estratificam: são agrupamentos sem as affinidades que ligam os povos que cercam o *mar latino*. Assim se conservam, por emquanto, tornando difficil, se não impossivel, o sonho de uma grande Croacia que se prolongasse do Danubio até os limites da Albania.

O mar Bysantino é todo *oriental*. A sua forma caracteristica provem, pelas suas adherencias culturaes com a Asia, de uma fusão *hamito-semita* fortemente infiltrada pelas invasões *turanianas* de elementos muito diversos dos que predominam nos outros segmentos do Mediterraneo. As civilizações do Egypto, da Judéa e dos valles do Tigre e do Euphrates conservam nos povos levantinos uma significação de herança que exprime, — na sua diversidade, reconhecida na Anatolia, em Creta, no Egypto e na Palestina, — um typo inconfundivel e que ainda hoje, depois de milhares de seculos, traduz, deformado, a civilização prehistorica pelagica, que preparou a cultura grega. Que sejam diversos os caracteres pelos quaes se distinguiram a civilização egypcia e as dos valles do Tigre e Euphrates; que a hegemonia turaniana em Constantinopla, vencendo o poder romano, esmagasse as pretensões dos povos europeus, succedeu na antiguidade, e observa-se ainda hoje, que o mar Levantino, pelos paizes que o cercam, revelou-se, por todas as manifestações que exprimem uma civilização, uma dependencia do oriente. E ainda hoje deve assim ser considerado.

Quer geographicamente, quer ethnicamente, desde os tempos mais remotos até hoje, a começar das épocas prehistoricas até os nossos dias, os tres segmentos do Mediterraneo tiveram uma *personalidade* especial, foram entre si differentes, embora, do oriente para o occidente e vice-versa, a passagem se faça sem fortes obstaculos. E os que se encontram na marcha das civilizações proveem de causas dependentes justamente dos factores humanos e geographicos, o que mais uma vez justifica esta intima correlação em que sempre se encontram os dois elementos da civilização, meio e raça.

Dos typos ethnicos dominantes na Europa, é o *ibero*, de proveniencia egual á dos *numidas*, que domina no *mar latino*. O *ligure*, preponderante em pequenas regiões do norte da Italia e na Saboia, tende a fundir-se com o

ramo iberico dando cruzamentos em grande numero entre o Rhône e o Pó. Foi pelos valles do Garonne e do Rhône que os primeiros habitantes da bacia occidental do Mediterraneo se adiantaram para o norte das Gallias. Em toda a Italia meridional, da Toscana até a Sicilia, o typo *mediterraneano* conserva a sua superioridade numerica. Foram tambem os numidas, berberes de raça, que se espalharam até os confins da Lybia e, na sua expansão, fecharam a outras raças o dominio ethnico no occidente do Mediterraneo. Desde os tempos primitivos, da mais remota prehistoria até hoje, a sua dominação pelo numero conservou-se intacta, exclusivamente sua.

Nenhuma raça creou mais fundas raizes. Raças louras do norte, ligures, semitas, cortaram o Mediterraneo nas suas successivas invasões e da sua passagem só restaram fragmentos dispersos de povos cruzados, que não alteram profundamente a homogeneidade ethnica da bacia occidental. Esta foi no passado como é hoje: a habitação de uma raça, que, apesar de se espalhar em varios sentidos, conserva a sua maior força nas terras que cercam os fundos valles entre a Iberia e a Sicilia e entre a Aquitania e a Mauritania.

Mas esta affirmação não importa a confissão tacita de que a civilização latina proviesse d'esse ramo da especie humana. Que fôssem os *celtas louros* a camada superior que fez a Roma intellectual e militar; que os *celto-ligures* tivessem auxiliado a civilização latina, o que é indubitavel é que esta civilização foi recebida, foi adaptada pelos iberos que povoaram as duas peninsulas e a Aquitania, modificando-se consoante o genio especial de cada povo.

A hegemonia romana não significa a existencia de uma raça latina, que é, para os competentes, uma simples heresia scientifica. O polymorphismo ethnico na Italia e a supremacia *umbrica* deram, talvez, á civilização romana a sua feição caracteristica. É provavel que, nos primeiros tempos de Roma, o elemento ibero não influisse no seu progresso militar; porém, mais tarde, com a invasão da Iberia e da Aquitania, os povos mediterraneanos são já um factor importante na marcha da civilização que se firmou no sudoeste da Europa.

Successivas investigações archeologicas e de prehistoria confirmam a mais authentica das affirmações feitas pelas sciencias anthropologicas: que a bacia occidental do Mediterraneo, desde os primeiros tempos do apparecimento do homem, — a julgar pelos factos registados, — foi *habitat* original, exclusivo, de um typo ethnico, ao qual se filiam os povos que cercam actualmente essa zona hydrographica.

Na bacia central, em volta da expansão do mar Jonico, não se observa actualmente, como dissemos, nem existiu nos tempos primitivos, a mesma homogeneidade ethnica. Povos do oriente, chegados em migrações lentas, ahi se encontraram com os iberos e

Malta — O Grande porto

outros povos, porém com menor frequencia, oriundos da Europa. É assim que, durante os periodos mais brilhantes da civilização grega, ao lado do bysantino encontra-se o celta louro — dos *round-barrows* — que se espalhou, em épocas prehistoricas, por toda a Europa central e n'uma grande parte da meridional, e a quem se deve, talvez, a mais bella floração do movimento intellectual da Grecia antiga. O slavo não é oriundo da região jonica; o ligure veio do oriente e os *celtas da historia* pertencem, como os slavos verdadeiros, a um grupo humano cuja origem se discute ainda na sciencia moderna. De sorte que a *bacia central*, percorrendo-se toda a historia do passado, não traduz uma individualidade anthropologica caracteristica. E' o encontro fortuito de povos que, pelos caminhos naturaes que vão dar á depressão do Mediterraneo, se confluiram, resultando da sua approximação o aspecto heterogeneo

que sempre caracterisou esse segmento central e cuja falta de uniformidade se manifestou na politica, nas religiões e na arte.

Ainda hoje, depois de milhares de seculos, quando seria licito suppôr que as facilidades de communicação tornariam rapidos os phenomenos de osmose ethnica entre os povos de um e de outro lado da bacia central, a heterogeneidade persiste e a diversidade ethnica é uma verdade reconhecida.

O mar Levantino tem, pelo contrario, a sua individualidade propria. Os *hamitas* e os *semitas*, desde os tempos immemoriaes, tiveram n'elle os seus mais rijos combates. E qualquer que seja a influencia que as raças propriamente européas tivessem na marcha dos acontecimentos no Mediterraneo oriental, é incontestavel que a civilização d'este creou-se, para se sumir mais tarde, pelo esforço quasi exclusivo dos povos orientaes.

Não é licito negar largas dependencias entre os tres sectores em que se divide o Mediterraneo. Seria infundada a hypothese de se suppôr que cada uma das regiões traz um desenvolvimento completamente autonomo. O encontro das raças faz-se lenta e gradualmente e é tambem com a mesma lentidão que as idéas e os sentimentos se manifestam, se trocam, embora cada povo, cada agrupamento natural, conserve os seus predicados tradicionaes, a sua feição typica peculiar. Vão já longe na sciencia os *movimentos bruscos*, as *grandes catastrophes*. É da somma dos infinitamente pequenos que a vida se compõe. E a vida humana na sua mais vasta collectividade, que é a vida das raças, tambem se organizou gradualmente, o que permitte que encontremos, á parte feições especiaes em cada agrupamento, caracteres affins que exprimem uma approximação natural entre as tendencias intellectuaes e moraes de todos esses povos.

Este criterio em materia anthropo-social esclarece-nos sobre as apparentes anomalias registadas em todas as manifestações das civilizações do Mediterraneo. Mas uma critica imparcial poderá verificar que não ha solução de continuidade sensivel entre o espirito levantino e o jonico e que este prepara a passagem da civilização oriental para o espirito romano, que conserva os seus mais fortes baluartes na bacia occidental, entre os povos que a cercam desde os tempos mais remotos. A' significação geographica do Mediterraneo correspondem os agrupamentos humanos e estes traduzem as tres grandes etapes porque a civilização passou em torno da grande depressão euro-africana. Meio geographico, povos e cultura, n'uma synthese de phenomenos admiravel, traduzem, nos destinos do Mediterraneo, um finalismo anthropo-social, que mereceria um detido exame, porque n'elle encontramos a explicação dos phenomenos politicos da actualidade.

A civilização não veio trazida como um bloco por uma raça asiatica. A *miragem oriental* é uma phantasia creada pelos philologos e que tanto os prehistoricos como os archeologos rejeitam. A civilização, como um immenso corpo de idéas, sentimentos e tendencias, formou-se, gradual e constantemente, dentro dos limites naturaes, geographicos, que indicámos, e essa infiltração lenta, entre todas as camadas contiguas, fixou os caracteres culturaes de tal modo, que qualquer interferencia dos povos do norte da Europa será, no Mediterraneo, uma fixação exotica, sem viabilidade ethnica, de pouca resistencia nativa. Pelos seus caracteres geographicos, pela sua constituição geologica e as suas relações com os paizes africanos e asiaticos, o Mediterraneo era o meio mais propicio para o desenvolvimento dos povos que n'essa depressão se teem encontrado desde as edades primitivas até hoje. Esses povos, pelas suas tendencias, e influenciadas pelas condições ambientes, tinham de se exteriorizar, traduzindo, pela civilização, o conjuncto que differencia entre si os tres segmentos. Assim succedeu durante as épocas prehistoricas e é hoje ainda a feição caracteristica que se observa na cultura das nações que cercam a depressão transversal entre a Europa e a Africa.

❀ ❀ ❀

Conhecida, nos seus traços geraes, a significação geographica do Mediterraneo; interpretada, n'um rapido e summario esboço, os delineamentos do seu povoamento humano; indicadas, de passagem, as suas principaes phases culturaes que se manifestaram em todas as edades da humanidade, vejamos qual a significação politica e economica d'esse mar e assim teremos comprehendido muitos dos phenomenos da historia e muitas das ambições politicas dos tempos modernos.

A funcção politica e a funcção economica do Mediterraneo são aspectos do mesmo problema. Nenhuma nação póde adquirir a supremacia economica sem que a preponderancia politica se não manifeste conjunctamente. Não ha hegemonia politica no Mediterraneo que a historia não mostre ter sido acompanhada, para a nação que a adquiriu, de uma egual força na distribuição da riqueza. No tempo em que Veneza tinha o monopolio do commercio com o oriente já se previa como o mando nos destinos do Mediterraneo era o segundo aspecto da supremacia commercial. Com os phenicios, com os carthaginezes, com

a Grecia e, posteriormente, com o imperio romano, nunca a depressão euro-africana falhou na confirmação da grande verdade historica que, para mandar com soberania reconhecida na politica do Mediterraneo, torna-se indispensavel que os elementos da força militar e estrategica andem harmonicos com os elementos que facilitam os interesses economicos. Esta duplicidade social foi, mais ou menos accentuada, a principal caracteristica de todas as dependencias do grande mar em volta do qual se firmaram os grandes principios do saber humano e d'onde sairam as tradições que deram origem aos maiores Estados do mundo moderno.

O Mediterraneo é a estrada mais curta que liga o Atlantico ao Extremo-Oriente. Este e as terras da Asia occidental, com a Australia e com a Africa oriental, são os paizes que indicam o caminho que os povos europeus, que mais teem progredido na producção da riqueza, devem percorrer, com o genio natural que leva esses povos vigorosos a derramarem a sua influencia para alem dos limites geographicos do occidente. Oitocentos milhões de consumidores são servidos pela estrada do Mediterraneo. A nação que mais alto levantar n'este mar a sua bandeira será tambem a mesma que ha-de assistir, como melhor lhe convier, á passagem das correntes do commercio. As maiores agglomerações que bordam o Pacifico e o Indico estão situadas á porta dos caminhos que põem os dois oceanos em communicação com as regiões interiores do velho mundo. Alexandria, Bassora, Calcutá, Bangkok, Cantão, Shangai, Tsin-Tsin, e dezenas de outras cidades que teem os seus interesses ligados ás vastas regiões da Africa, da Arabia, Persia, India, Indo-China, Mongolia e do imperio chinês, são as entradas naturaes por onde o commercio drena a producção dos paizes mais avançados e são tambem os caes onde embarcam as materias primas que as industrias européas não encontram nos paizes intensamente aproveitados da velha Europa.

Napoles e o seu porto

Para que essas materias primas sejam conduzidas aos nossos centros industriaes, de onde hão de ser devolvidas para os paizes da sua producção, sob a fórma de productos manufacturados, é indispensavel a estrada do Mediterraneo. Alexandria é o *terminus* de todo o valle do Nilo. A sua dominação importa á supremacia politica desde o delta até as regiões dos lagos da Africa central. E' pelo rio que desce todo o commercio que se faz do Cairo a Khartum e d'esta cidade ao lago Victoria. E' uma estrada subsidiaria do Mediterraneo, um dos grandes tentaculos do polvo que absorve a maior parte das riquezas do mundo. Bassora, a poucas horas de Koweit, é a saida dos fertilissimos valles do Chattel-Arab. Os productos da Anatolia descem com mais facilidade por successivos planos inclinados, que formam o leito do Tigre e do Euphrates, até ao Golfo Persico. Carachee e Calcutá, pelo Indus e pelo Ganges, arrastam as riquezas que as planicies do norte da India e as florestas dos flancos do Hymalaia criam ininterrompidamente. A sua influencia transpõe as regiões montanhosas e vae pedir aos afghans o melhor que a terra lhes offerece. Ragoon, com as chaves do Irauadi; Saigon, guardando o Mekong; Bangkok dominando o Meinam, são, com os outros centros indicados, os entrepostos do commercio internacional na sua expansão pelas vastissimas regiões da Asia e da Africa. E, se juntarmos ás necessidades economicas do velho continente as da Australia e das vastas e riquissimas ilhas da Malasia e da Polynesia, comprehende-se

bem o que representa, na historia e nos destinos do progresso humano, a immensa estrada do Mediterraneo. O Oriente inteiro, a Oceania e uma grande parte da Africa vasam no Mediterraneo as suas melhores riquezas, que vão depois, por caminhos diversos, para todos os centros principaes da Europa. São as raças superiores, collocadas no extremo occidental do Velho Mundo, as que consomem ou transformam o que os povos mais diversos, por todas as estradas naturaes, vão vendendo aos importadores do occidente.

Pertence ao Mediterraneo a funcção de distribuir por todos os valles do norte, pelos mares que concorrem para a depressão euro-africana, pelas rêdes hydrographicas em cujas margens florescem as cidades mais populosas do mundo, toda a riqueza trazida do oriente e do sul. A primeira etape é no mar Levantino: é o caminho da Grecia, é a porta de Salonica pondo a Macedonia ao alcance do Danubio. Russia, Romania, Bulgaria e a desmembrada Turquia são as dependencias naturaes do Levantino. São os povos slavos, que recebem a senha do Czar da Russia, os que mais proximo se encontram das portas do oriente e são elles tambem que, pela voz do mesmo imperio, julgam fazer pesar um dia, nos destinos do Mediterraneo, o seu grande vigor nascente.

Pelo valle Jonico, que teve, nos brilhantes fastos de Veneza um papel proeminente, vae-se ao fundo do golfo Adriatico, braço do Mediterraneo que poderá, um dia, se vingarem as ambições, por emquanto nebulosas, da Allemanha, representar uma funcção de immenso alcance na politica mundial. Pela Austria, a Hungria, o valle do Pó e por toda a larga facha cerrada pelos Alpes, os productos do oriente teem um caminho rapido e seguro de se espalharem para o norte da Europa.

O mar latino, onde a civilização é absolutamente europêa, occidental, é a ultima das etapes, para alem da qual o Atlantico recebe as linhas do commercio e dirige-as para os principaes centros industriaes e consumidores do norte da Europa.

Se outros argumentos não tivessemos indicado a favor da personalidade que distingue cada um dos segmentos do Mediterraneo, bastaria o estudo da funcção commercial e economica que pertence a cada um d'elles, para que se possa concluir que, no oriente, pretende por emquanto, dirruindo os vestigios das civilizações antigas, impôr-se o elemento slavo, a quem só falta investir com o estreito de Constantinopla. O mar Jonico, que a Italia, com a posse da Tripolitana, quereria transformar em seu proveito, é uma interrogação nos futuros destinos do Mediterraneo. Ha que contar com as ambições da Allemanha, com a provavel desaggregação do imperio austriaco e, alem dos intentos da Italia em relação á Albania, com o vigor, por emquanto mal orientado, que deixam transparecer os povos occidentaes da peninsula balkanica.

Até nas suas relações com as zonas centraes e septentrionaes da Europa, o Mediterraneo como que se triparte, pertencendo a cada segmento uma missão especial. Porém, essa divisão, que facilita ou contraria ambições particulares, se politicamente ha de um dia manifestar-se soberanamente, não diminue de modo algum a influencia civilizadora da primeira estrada que faz communicar o oriente com o centro da civilização universal. Porém, as chaves do Mediterraneo, ao oriente e ao occidente, precisam estar guardadas de modo que de Gibraltar a Alexandria fique sempre livre o caminho e não se repita no futuro o que tem sido uma verdade registada pela historia, de que sempre dominou no Mediterraneo a nação de maior poder maritimo e a que mais forte se mostrou pela sua riqueza e commercio.

Silva Telles.

Casa do Governador da Companhia de Moçambique em 1891

Uma visita à Beira[1]

Por ANTONIO ENNES

Estamos na Beira! — vem dizer-me o tenente Leotte do Rego, depois de ter sondado longamente o oceano com o binoculo.

Estavamos nà ponte do *Euxène*, um veterano marselhez, alcachinado mas solido, que a Mala Real portugueza tinha assalariado para fazer o serviço da costa, emquanto o *Tungue* se concertava.

Olhei attentamente em derredor, olhei na direcção que me apontava a mão do meu secretario, e só vi mar e céo cinzentos, unidos lá ao longe por uma sutura mais sombria. Apesar de correr o mez de julho, o tempo estava chorão. Distinguiam-se aguaceiros distantes, que pareciam marcados a traços obliquos de lapis sobre a vellatura triste do panorama.

— Já se avista a primeira boia; proseguiu o meu interlocutor, entregando-me o binoculo.

De feito, apontando-se o olhar pela amura de estibordo divisava-se, a vacillar na agua, um ponto negro, que a carreira do paquete depressa desenvolveu em bojuda boia, sobrepujada por uma haste de ferro. Fômos para ella; mas, quando já se reconheciam os limos verdenegros que a franjavam ao rez da agua, ainda se não enxergava uma sombra de terra Distava d'ali umas doze milhas para oeste, e é tão rasteira que se some por detrás dos mais espalmados seios do mar. Aquella boia é o unico signal exterior do porto da Beira. Se desapparecesse, os navios que demandassem o apregoado caes de Manica gastariam dias e semanas a procurar com a sonda o canal

[1] *O artigo, que n'este lugar se publica, era destinado a ser o primeiro capitulo da quarta parte do livro de* **Lisboa a Moçambique**, *conforme delineara a obra o primoroso escriptor, tão permaturamente fallecido. O seu assumpto tem n'este momento uma actualidade palpitante. As grandes companhias coloniaes, administradoras de vastos territorios da nossa Africa, chamam cada vez mais a attenção geral. O artigo occupa-se das primeiras épocas do estabelecimento da* **Companhia de Moçambique;** *ao cabo da publicação d'este estudo, os* Serões *darão uma nota complementar sobre a situação actual d'esta e seu progressivo desenvolvimento, realizado n'estes ultimos dez annos.*

que ella marca, e antes de o descobrir talvez se desfizessem no immenso banco de Sofala. Esse banco defende de approximação, e defendeu por muito tempo das investigações dos mareantes, a costa baixa em que o Busi e o Pungue se derramam no oceano. Todas as derrotas passam muito ao largo d'ella, e, só se pode visital-a seguindo a estreita vereda quebrada, que as correntes dos rios traçaram em vasta planicie de areia e lodo, sobre a qual o mar borbulha como se fervesse. Custou a descobrir essa vereda, e ainda custa a encontrar-lhe a primeira marca exterior. Equivale a achar um feijão no caldeiro do rancho! dizia-me um marinheiro. Actualmente já a terra se denuncia mais, porque nas suas orlas foram erigidos um mastro semaphorico e uma torre phantasiosa destinada a observatorio meteorologico; mas estas mesmas culminancias só se revelam a quem se deixa descair para o banco fiado na sua basilagem.

Da boia grande avista-se outra, que em 1892, ainda era um modesto barril pintado de preto, d'essa uma terceira, e o navio vae descrevendo angulos em agua barrenta, malhada aqui e acolá de rebentações alvacentas. Por algum tempo ainda, só se acredita na proximidade da terra, porque o affiançam as cartas. Navega-se cautelosamente, oculos sempre fitos nos enfiamentos das marcas, marinheiros a contarem numeros de braças de fundo. A agua é cada vez mais espessa; carregada de turbilhões de sedimentos em suspensão. Afinal, sim, afinal lá estão umas barras amarelladas ou escuras, que devem de ser areia e vegetação, estendidas através da prôa e prolongadas por ambos os bordos. A de bombordo é a primeira a engrossar, a retingir-se, a esboçar contornos d'um arvoredo; do outro lado accentua-se, prependicularmente ao rumo do navio, a linha do littoral, arenoso, chato, mosqueado de verduras sombrias, mettendo pelo mar pontas debruadas de espuma. Passam-se mais boias. Se a maré está baixa e o navío é de muito calado, a quilha roça no fundo, sulca-o estremecendo levemente, e pela pôpa fóra desenrola-se uma esteira de lodo revolto, tão grossa que dá a impressão de que se vae lavrando um chão de barro. O *Euxène* chegou a estacar atafulhado, vomitando vasa das caldeiras. Com aguas altas, porém, os mais mergulhados Levithans entram impavidos no porto sem quasi attentarem nas marcas, e o mar da Beira ainda não teria historia tragica, se as ondas e as correntes não houvessem engulido ou arrojado á praia descozidos pangaios e mesquinhas lanchas de Sofula. Embarcações d'alto bordo, ainda que encalhem, ficam descançando em fôfo colchão até que a enchente lhes pegue ao collo.

Quando já se comprehende o desenho da costa, a principio confuso, e se percebe que o navio vae entrar na dilatada bocca d'um grande rio, o Pungue, cujo leito se prolonga na direitura da prôa até curvar-se para a esquerda, passa-se por diante da foz d'outro rio, o Busi, de menor volume d'agua escavada pela parte de bombordo entre vastos baixios de corôas descobertas, por cima das quaes se avistam terras longinquas, e um cotovêlo de chão firme coberto de alto e compacto mangue. Esse mangal é a guarnição d'uma das margens do porto; caminha-se por algum tempo no seu prolongamento, distinguindo na margem fronteira grupos de casas de côres vivas, que semelham abarracamentos de estação balnear, entresachados por tufos de verdura poeirenta. E' ali a Beira. Obliqua-se para lá, e cêrca de duas horas depois de ter passado a boia exterior da barra, fundeia-se defronte d'uma praia em rampa, entalhada por um valle, cheio d'aguas se a maré está alta, e de negro fundo lodoso na baixamar, sobre cujas ribas se amontoam telheiros e tapumes a cuja entrada estão atracadas ou varadas pequenas embarcações de carga.

Quando pela primeira vez, em julho de 1891, observei este scenario todo obscurecido então por uma atmosphera de atomos de chumbo, recebi uma impressão tão viva de desalento e tristeza, que nunca poderam obliteral-a depois os fulgores risonhos do sol, os progressos e engalamentos da villa e a confiança e industria dos seus habitantes. Pareceu-me que aquillo não era tal um porto aberto em terra firme para um caudaloso rio, mas sim um mar, que aqui se deixára obstruir pelas alluviões arrastadas pelas suas proprias correntes, além descobrira o leito por o ter empobrecido a estiagem. As aguas imperavam soberanas, tudo era d'ellas, vinha d'ellas ou para ellas voltava, estava tanto á mercê das suas furias caprichosas como das suas caricias erosivas. Cheguei a receiar que n'uma noite tempestuosa de inverno, desapparecesse a Beira, e os navios que a demandassem na manhã seguinte fossem encalhar em Neves Ferreira ou no Jobo. Por mais que olhasse, não via um palmo de chão sensivelmente levantado acima do nivel mudavel do oceano e do rio. As barreiras de mangal que só detinham a vista, tinham as raizes debaixo d'agua, e as enchentes alagavam-n'as até as ramadas. Por detrás d'essas fachas de vegetação salgadiça alteava-se o terreno; mas, se o não galgavam as marés, submergiram-n'o as inundações do Pungue ou do Busi. A areia montoava-se, realmente na orla do lit-

toral, e começavam a prendel-a raizaimes de matto; mas os vagalhões d'um temporal podiam espalhal-as, e a propria configuração das praias mostrava que as ia lambendo mansamente a resaca. Os rios que se lançavam no porto, mesmo na quadra secca, traziam frangalhos das margens, diluidas nas correntes turbulentas; depois das grandes chuvas, nem quasi conheciam margens, e apenas respeitavam ilhas.

No proprio ar pesava a agua. Tanto era da agua aquelle pedaço do mundo, que em toda a superficie immensa que se avistava da fóz do Pungue, e ainda em muitas milhas medidas em todas as direcções, o homem só encontrára para se firmar, umas dunas mal consolidadas que a agua lhe havia deixado, e que a agua lhe podia tirar. O contraste da vastidão do porto com o acanhado e precario aspecto da villa da Beira, denotava a impotencia humana para se apropriar d'aquelle paiz, para o qual não tinha ainda passado a edade geologica da formação e enxugamento dos continentes.

Esta impressão pessimista não era inteiramente falsa. Os terrenos marginaes da fóz do Pungue são formações recentes e incompletas, que ainda têem escassas condições de habitabilidade, e estão sujeitas a profundas variações senão a destruições. Não são hoje certamente, o que foram ha um seculo, e não serão amanhã como hoje, se o trabalho dos seus habitantes os não fixar artificialmente. Por isso só desde poucos annos se conhecem, e parece que só desde poucos annos tem habitantes. A genealogia da Beira não é uma arvore, é uma herva. Ha dez annos apenas havia na margem esquerda do Chivur, na estreita facha areiênta limitada por esse rio, o Pungue e o seu mar, uma aldeia chamada Bangue, composta de palhotas de negros e quitandas de monhés, que traficavam com os incolas do prazo Cheringoma, estendido desde ali até o delta do Zambeze. Mais para noroeste, n'uma elevação que as cheias não cobriam, tinha um antigo arrendatario do mussoco do prazo Barata, assentado habitação, — uma grande barraca de *motaca* e colmo, guardada das feras e dos vagabundos por um cerco de palos-palos. O local não tinha nem promettia ter importancia alguma. O chão nada produzia. As raras communicações com o interior eram mantidas só pelas almadias indigenas. No porto, não balisado nem assignalado, apenas entravam, a largos intervallos, algum pangaio, alguma lancha de Sofala que levava braçadas de algodão e punhados de contaria aos mercadores baneanes. As regiões internadas de Manica, do Barué, de Gorongoza não se serviam por ali, senão occasionalmente; serviam-se pela margem direita do Zambeze. D'essas regiões até o littoral, estendia-se um paiz pobrissimo, quasi ermo. As margens do Busi, relativamente mais populosas e productivas, era com Sofala que estavam relacionadas. Poucos europeus tinham noticia do grande rio e das miseras terras que, curtos tempos volvidos, tanto haviam de ser apregoadas na Europa, como via e caes d'um novo El-Dorado, a que as proprias tradições biblicas faziam *reclame.*

Foi depois de 1884 que a humilde Bangue principiou a ter historia. Quando se decretou a organização do districto de Manica, mandou-se crear um *commando militar do Aruangua*, — pois assim se chama tambem o Pungue — destinado a representar a soberania portugueza nos territorios que mediavam entre Manica e o littoral, dizendo-se que a séde d'esse commando seria opportunamente determinada. Ainda então se não comprehendia bem a importancia topographica do Bangue e do porto em que se assentára essa aldeola, que só posteriormente veio a ter a fortuna de alojar o novo commandante,—um subalterno do exercito da provincia, — e a honra de se appellidar *Beira*, em memoria do nascimento do herdeiro da corôa de Portugal.

O commando installou-se entre a margem esquerda do Chiveve e a praia do oceano, cêrca d'um kilometro do Pungue, n'um barracão de palha, que depois se foi melhorando. Quando comecei a conhecel-o, em agosto de 1891, tinha encoberto a terra amassada das paredes com um reboco bem caiado, abrigarase com uma cobertura de telha, forrara de madeira os tectos e de argamassa o chão dos seus quatro ou cinco compartimentos, em que o commandante militar estava alojado com a sua secretaria; as janellas tinham vidros, e a porta principal afidalgára-se com um alpendre. A esta edificação, fazia fundo um terreiro, que se denominava orgulhosamente *praça d'armas*, porque jaziam n'elle estiradas na areia ou firmadas em reparos, algumas peças de artilharia, e a praça era limitada, dos dois lados, por extensos barracões de *mataca* cobertos de colmo em que funccionavam as repartições de fazenda e do correio e se armazenara material do Estado. Por fóra de todas estas toscas installações corria uma estacada, de mais de altura d'homem, que abria para a parte do mar uma larga cancella, e nos quatro vertices d'essa estacada pompeavam uns arremedos de baluartes, com suas explanadas para as quaes se subia por pranchões, e que embora não tivessem espaço para n'ellas se jogar o peão, aguentavam umas pecitas sobre as paredes fendidas e esbarrigadas. O vão terreo d'um d'esses baluartes prestava-se a

servir de calabouço, uma vez que o preso fosse um só e magro; outro fazia as vezes de paiol. Junto da cancella vigiava um soldado preto. A bandeira portugueza tremulava sobre aquella caricatura de fortificação desnecessaria para rebater ataques de indigenas e offerecida á mófa dos europeus. Os muros eram de terra a esboroar-se, a paliçada mal se sustinha de pé na areia, o melhor da artilharia não podia fazer fogo, as sentinellas pegavam nas espingardas como se fossem cacetes, e quem encostasse o ouvido á cêrca por detrás da casa do commandante, ouviria, em vez de clangores de trombetas, e vozes de manobras, gargalhadas frescas de moçoilas negras e chape-chapes de ensaboados.

A mais d'esta séde do commando militar com os seus annexos, o Estado tinha então na Beira, a alfandega e o quartel do destacamento. A alfandega tinha sido localizada á entrada do Chiveve, n'um sitio relativamente bom para embarques e desembarques, porque a bocca do rio forma uma especie de doca natural, mas distanciada da praça por cêrca de kilometro e meio de areia solta. Compunha-se de barracões mal alinhavados, os melhores de taipa, outros de palha, que serviam de repartição, alojamento de guardas e armazem de mercadorias, e de um vasto terreiro vedado por chapas de zinco. Ponte, caes, rampa ou qualquer outro desembarcadouro artificial, era apenas uma esperança a bruxulear n'um futuro indefinido. As embarcações atracavam cravando a prôa no talude de areia, se a maré estava alta; nas aguas baixas encostavam-se apenas á orla d'um extenso banco por sobre o qual os passageiros eram transportados ás costas de negros. As mercadorias soffriam na descarga tractos de polé, porque nem um guindaste ou guincho havia para as içar, e não raro tombavam no charco.

O destacamento, umas vinte e tantas praças de caçadores 3, de Inhambane, aquartelava-se n'um enorme barracão tecido de caniço capim e varas de mangue. Ao tempo, commandava-o um benemerito official da guarnição da provincia, que sobre velar pela segurança dos habitantes da Beira, encarregava-se de os alimentar. Tinha uma padaria. Por detrás e para o norte da praça, n'um dorso do areial, onde bracejavam arbustos silvestres e palmeiras bravas tinham cravado raizes, espalhava-se a povoação indigena, a antiga Bangue, composta de poucas dezenas de palhotas, quasi todas circulares, de tectos pyramidaes, baixas, ennegrecidas pelas humidades e pelas fumaradas. Viviam para ali uns tantos emigrantes de terras vizinhas, nomeadamente de Sofala e do interior de Cherinugonze, carregadores, barqueiros, domesticos, pescadores, vadios, gente tão boçal como inoffensiva, que a miseria, os acasos da vida do matto, haviam agglomerado á sombra e na dependencia da occupação europêa. Apesar d'essa dependencia, a aldeola era puramente cafreal, no aspecto e nos costumes. Os seus habitantes só se distinguiriam dos semelhantes sertanejos por possuirem mais algumas braças de panno crú, e conhecerem mais variedades de bebidas alcoolicas. Rarissimos entendiam portuguez. As ranchadas de creanças nuas, que se retoiçavam nas dunas, ainda fugiam dos *brancos;* as mulheres é que já se interrompiam na faina de pilar arroz para dizerem coisas galantes a algum soldado, que passava, do corpo expedicionario. Tudo aquillo era primitivo, excepto nos vicios, se é que certos vicios não são innatos no negro.

No meio d'este povoado tinham alguns asiaticos armado lojas de mercadorias vis, e um que outro portuguez, colono, propagava as zurrapas nacionaes, adelgaçadas com agua do Chiveve, porque estava prohibida a importação do alcool. Não era, porém, ali que se pronunciava a nascença e o crescimento d'uma povoação mercantil e européa; era para a parte da fóz do Pungue, á beira do mar e do porto, nas proximidades dos desembarcadouros. Nas duas orlas d'um largo arruamento traçado parallelamente á linha da praia tinham-se armado casas de madeira e metal, telheiros, tendas de lona e de encerado, palhoças; os terrenos marginaes, ainda devolutos, estavam marcados por fieiras de estacas, ou vedados por arames, e pejavam-n'os pilhas de materiaes de construcção; por toda a parte jaziam a céo aberto fardos, malas, moveis domesticos, tanques de ferro, uma tralhoada indescriptivel de installações. As melhores edificações tinham vindo desarmadas do Natal ou do Cabo; eram todas d'um só pavimento, todas oppunham apenas delgado taboado e chapas de zinco canelado, ás soalheiras e aos aguaceiros; eram mesquinhas e incommodas, mas as pinturas frescas e vivas davam-lhes um aspecto garrido, e algumas deixavam entrever interiores limpos. De quando em quando abriam estabelecimentos, com nomes estrangeiros nas taboletas e, lá dentro, latarias luzentes e garrafaria de rotulos coloridos. N'este scenario moviam-se homens louros em mangas de camisa, atarefados a cravar estacas ou a pregar taboas, e perpassavam negros com cargas, sempre a fallar alto. O chão estava juncado até o lado de Chiveve, até a espuma das ondas, de latas arrombadas, botijas vasias, frascos quebrados. Grandes cães magros ladravam disputando ossos, ou perseguiam bandos de gallinhas enfezadas, que fugiam, a cacarejar e com as

azas levantadas; nos lixos, amontoados á borda do rio, fossavam a grunhirem porcos collossaes malhados de branco.

As casas commerciaes montadas ainda eram poucas e modestas; mas já havia tanta procura de chão para construcções, que a auctoridade, prevendo que o espaço, comprehendido entre a foz do Pungue e a praça, não bastaria para assento da nova povoação, déra traça para que elle se estendesse ao longo do mar, em direcção á ponte Géa. Ahi, o areial banhado no inverno pelas inundações do Chiveve, tinha-se coberto de matto; n'esse matto abriu-se uma larga avenida de muitos kilometros de extensão, e os terrenos que a debruavam foram divididos em talhões, offerecidos como os demais, a quem quizesse occupal-os provisoriamente, mediante certa quantia, com a clausula de n'elles edificar dentro d'um anno e de, querendo conserval-os, pagar o fôro que se arbitrasse. O local não era ageitado para commercio, porque ficava arredado dos portos de desembarque; todavia, muitos talhões foram tomados em curto prazo, embora não aproveitados immediatamente. Até o fim de 1891, nem uma só edificação regular se levantou n'aquella zona; fui eu o seu primeiro habitante *branco*.

Casa do Commando Militar na Beira

Tendo de me demorar na Beira, por tempo indefinido, para organizar os estudos do caminho de ferro cuja construcção fôra preceituada no convenio de 11 de junho, achei-me sem alojamento em terra. Na casa do commando não cabia um hospede; um barracão que se denominava *Beira Hotel*, sobre ser inhospito, estava saturado de malta ingleza. Conservei-me a bordo do *Euxène*, emquanto elle estacionou no porto para tomar lastro; mas as humidades do navio e a falta de exercicio iam-me tolhendo as pernas, e os medicos mandaram-me desembarcar. Felizmente em Africa improvisa-se facilmente uma habitação onde haja arvoredo e matto. Duzentos carregadores, negros da Zambezia, que tinham sido contractados para serviço da expedição, armaram-me em dois dias, á margem do Oceano, quasi a meio caminho entre a praça e a ponte Géa, uma *palhota* fidalga, uma *palhota* civilizada, como nunca se vira outra tão luxuosa n'aquellas redondezas. Eram de ramaria e folha secca as paredes e o tecto, mas com esses mesmos materiaes se teceram os tabiques de cinco compartimentos interiores, e no material do corpo expedicionario encontraram taboas para simular um soalho, e portas e vidraças que vedassem as aberturas exteriores. Ficou a fabrica desalinhada e cambada; mas os seus caprichosos obreiros alindaram-n'a com um alpendre, annexaram-lhe uma *marchese*, um caramanchão, destinada a casa de jantar, e tiveram a obsequiosa phantasia de plantar um jardim na areia, cravando n'elle ramos cortados de arvores e arbustos, dispostos como se guarnecessem e enchessem canteiros. Todas estas maravilhas da arte cafreal de construcção, custaram um desembolso de cêrca de 200$000 réis!

Inaugurei a minha nova residencia com um *batuque* em honra e proveito dos diligentes operarios, e dormi n'ella pela primeira vez, — tão rendido andava pelo cançaço, — em pleno tumulto infernal dos tambores, das buzinas, dos descantes, da grita de centenares de negros avinhados, ao clarão rubro de fogueiras espalhadas na praia. Vivi ali, com os meus secretarios perto de mez e meio, e não vivi mal. Quando soprava vento rijo, apagava-me a luz á cabeceira da cama; mas a briza do mar é sã e tonica. De manhã se passava a mão pelas roupas que me tinham abrigado o somno, encharcava-a uma cacimba tamisada pelo tecto; todavia curei-me dos achaques rheumatismaes sem drogas therapeuticas. De noite sentia debaixo do sobrado, rastejarem cobras, que tambem iam semceremoniosamente á *marchese* jantar commigo; mas convenci-me de que era calumnia

a má fama dos reptis d'Africa. Estavamos em plena solidão; se pedissemos soccorros a tiros de artilharia não seriamos ouvidos; só nos defendiam da malvadez humana paredes por onde se mettia o braço, e a vigilancia d'um criado que se embriagava pontualmente cada noite; não obstante ninguem nos fez mal, e se duas vezes ouvimos sibilarem rentes da palhota balas perdidas ou mal apontadas, não as tinham disparado selvagens caçadores de negros, mas civilizadas Kropatchecks.

O nosso unico receio era o dos incendios pois que habitavamos dentro d'uma meda de combustivel. Emquanto não ardiamos, trabalhavamos, exercitavamos os musculos a passeios na areia, recuando um passo por dois que avançavamos, e nas horas desoccupadas, estendidos nas *chaises-longues* de bambu, deixavamos-nos hypnotisar pela cadencia dos rolos do mar, que ora nos rebentavam aos pés com estampidos de canhão, ora rumorejavam longe, desfazendo-se em espuma na fimbria d'um extenso banco escuro sulcado de veios d'agua azul. Muito pensei eu ali, face a face com as immensidades do oceano e do céo!

A gente que n'aquella época começava a povoar a Beira, ia para lá quasi exclusivamente na esperança de explorar o movimento de transito para os famigerados campos auriferos de Manica, e o ajuntamento humano que a construcção do caminho de ferro devia determinar. Havia entre ella alguns operarios que esperavam obter trabalho na linha ou que o procuravam nas construcções do novo povoado, mas a sua maioria compunha-se de commerciantes, que se destinavam, não a comprar e vender á população indigena, mas tão só a fornecer os europeus adventicios, e levavam pacotilhas adequadas a esta especulação. Os estabelecimentos que se iam montando eram casas de venda de bebidas alcoolicas, principalmente de conservas alimenticias, de artigos de vestuario usados por brancos, de armas e polvora, e d'aquellas fazendas e bugigangas que servem de moeda nos sertões. Uma ou outra casa, attendendo ás necessidades locaes, negociava tambem em materiaes de construcção, ou estava habilitada para abastecer as expedições que demandasse o interior de viveres para os carregadores. O commercio que se iniciava era, pois, especialmente de retalhos de feira; iniciava-se, porém, com uma largueza, não proporcionada á possibilidade do consumo presente, mas sim á exaggerada esperança de consumo futuro. Nas colonias inglezas do Sul, os pregões da companhia *South Africa* e dos seus agentes tinham espalhado idéas optimistas ácerca dos progressos das colonias em Manica e no paiz dos Matabelles, e feito acreditar que se dirigia já para essas regiões uma impetuosa corrente de immigração. Nos jornaes de Cape-Town e do Natal appareciam annuncios de linhas regulares de navegação pelo Pungue, de carreiras de wagons puxados a bois para Massikessi e para o forte Salisbury, de hospedarias escalonadas no sertão, de empresas mineiras constituidas para explorarem infinitos jazigos de ouro, e estes annuncios, e os *reclames* de toda a especie feitos á biblica terra do Ophir incitavam cobiças mercantis a irem a toda a pressa, em porfia, explorar os exploradores d'essa terra de promissão, que encontrára em Cecil Rhodes o seu Moysés. Lá iam, pois, tentar fortuna, não só inglezes, mas estrangeiros de todas as nacionalidades e até alguns portuguezes mais afortunados n'outras zonas de Moçambique, e não iam, os estrangeiros, como nós costumamos ir para a emigração, com as algibeiras cheias de cotão e o espirito cheio de fé de que esse cotão se transmudará em ouro: levavam capital ou credito, representado em cargas de fazenda. N'um curto prazo entraram e dispenderam-se na Beira milhares de libras esterlinas, resignadas a esperar d'um porvir incerto um ganho problematico.

Mas — cousa notavel! — se principiavam a acudir vendedores, não acudiam compradores. A offerta organizou-se muito antes da procura. Vinha gente para a Beira esperar o transito para o interior; mas não passava quasi ninguem. Não se tinha conseguido organizar as faceis communicações com o paiz mineiro que os annuncios inculcavam; parte d'esses annuncios eram meras imposturas. Na realidade, dois pequenos vapores, o *Agnes* e o *Countess of Carnervon*, tinham estabelecido carreiras pelo Pungue até Mapanda, e n'esta localidade, os passageiros encontravam um hotel; mas não encontravam meios de transporte d'ali para deante, a não serem os botes. O serviço de diligencias para Massikessi não se podia montar. Tinham ido pelo rio acima bellos carros parecidos com os *mail-coaches*, e formidaveis carretas, á moda dos boers e manadas de bois para a tracção; mas a *tse-tse*, o clima, as feras, a sêde, os máus tractos haviam dado cabo dos animaes, e os vehiculos não tinham chegado a rodar. Emprehender a jornada a pé era façanha para poucos pés, e quem se afoutava a ella não encontrava carregadores, para as fazendas e bagagens, senão a peso de ouro. A colonização em Manica e nas regiões vizinhas esteve, pois, reduzida ao pessoal do serviço da *South-Africa*, e a alguns grupos de homens que tinham feito parte das primeiras expedições d'essa aventurosa companhia, ou as haviam seguido pelo

caminho do sul, e aos aventureiros que, nos primeiros enthusiasmos da descoberta de ouro, se haviam arrojado, através de todos os obstaculos pelos valles do Pungue e do Busi. D'estes mesmos já retiravam muitos. Havia maior movimento do interior para o littoral do que do littoral para o interior, e aquelle movimento espalhava descrenças e desalentos.

Na Beira pouco se sabia do que se passava em Manica e no territorio britannico adjacente. Só havia communicações regulares officiaes com Massikessi, e essas apenas bisemanaes servidas por escoteiros que levavam doze a quinze dias na jornada. Mas as informações, que de lá vinham, não eram animadoras, nem lisongeiras.

Comquanto a imprensa do Cabo annunciasse quotidianamente a descoberta de novos filões auriferos, o qual mais opulento, na Beira ninguem podia gabar-se de ter visto já um bloco, uma pepita, um grão, uma poeira de ouro authenticamente extrahido de taes jazigos. Appareciam, é certo, pedaços d'um quartzo acinzentado, trazidos como amostras, em que se percebiam, com bôa luz, uns laivos, umas pintas, do cubiçado metal; mas tanto era elle que nenhuma avidez se tentara ainda a moer a rocha para o extrahir, e os praguentos calculavam que seria necessario pulverizar uma montanha para fazer um alfinete de gravata. Um ou outro fura-vidas regressado de Manica, jurára que aquillo era optimo, que tudo ia bem, que vira o ouro a pedir que o desenterrassem; mas esses optimistas traziam quasi sempre as algibeiras cheias de prospectos ou acções d'alguma empresa mineira, e emquanto não logravam collocar o papel d'essa empresa mirabolante pediam emprestados uns schillings para comer. Tal *prospector* encontrára um filão inexgotavel e ia a Cape-Town organizar uma companhia para o explorar; entretanto, para não ter o incommodo da viagem, offerecia o achado por 100 libras. As vozes d'estes pregoeiros de riquezas, eram, porém, abafadas pelo côro dos descridos, que, tendo andado no interior a furar e a remexer terras, declaravam a quem queria ouvil-os que, certo, certo, o que por lá havia era negra miseria. Passava-se litteralmente, fome. O paiz nada produzia; os abastecimentos tão pouco se podiam realizar pelo caminho do sul como pelo do oriente. Alguns generos que lá chegavam, arrastados por cima das montanhas e dos charcos, chegavam sobrecarregados com o preço das centenas de bois que morriam, na faina de os transportar, a ferroadas da *tse-tse;* por cada kilogramma de farinha, e cada garrafa de *brandy* poder-se-hia contar um ruminante martyr. A propria *South-Africa*, apesar dos seus milhões que estava malbaratando, não podia sustentar os seus empregados. Em certas quadras, vendiam-se armas, fatos, cavallos, quinhões mineiros por punhados de milho ou raizes de mandioca. Depois a salubridade do clima, no planalto, era tão mentirosa como era problematica a riqueza do solo. Os colonos europeus caiam como tordos. Os lugares elevados, sendo em regra cercados de pantanos, recebiam as infecções palustres dos ventos que os refrescavam. E que frio exacerbava os enregelamentos da febre! A dias tropicaes succediam noites polares. Nas barracas de lona ou de palha tiritavam sob o esmagamento das mantas e dos cobertores. Declarára-se já a retirada. Abandonavam-se installações e trabalhos feitos, com grave dispendio, nos primeiros dias da cega confiança. Alguns miseros mettiam-se ao matto a pé, sós, desarmados, e, a beberem agua podre das poças em que se dessedentavam feras, a roerem cascas de arvores e fructos silvestres, arrastavam-se até a Beira, medonhos de esqualidez, nauseantes de immundice, praguejando contra Rhodes e a propria credulidade. Muitos acabavam no caminho, e só davam noticia d'elles os ossos descarnados que as quizumbas rejeitavam. Contavam inglezes insuspeitos que esses foragidos, seus patricios, iam esperar a passagem de expedições e viajantes portuguezes para serem soccorridos pela nossa philantropia, e de feito, os destacamentos do corpo expedicionario, os seus officiaes e facultativos, a força do major Caldas Xavier, os funccionarios do governo de Portugal e da Companhia de Moçambique, que por aquellas paragens transitaram entre o littoral e Massikessi, muitas vezes sustentaram, agasalharam, curaram, transportaram, salvaram aventureiros britannicos que dias antes haviam arrancado da haste alguma bandeira azul e branca. Sabiam-se historias de infortunios pavorosos. Certo dia apparecêra em Mapanda uma almadia abandonada contendo um cadaver e um moribundo; era o que restava d'uma expedição de reconhecimento emprehendida por dois inglezes, um d'elles official do exercito. Os medicos portuguezes da Cruz Vermelha tomaram conta do moribundo, tractaram-n'o com um disvelo paternal, lutaram com a morte á sua cabeceira, e salvaram-n'o . talvez para nos ir diffamar na imprensa de Londres ou de Cape-Town!

Estas informações e estes factos haviam espalhado — estou-me referindo sempre a meiado de 1891 — um certo desalento na *feira* que se ia estabelecendo na foz do Pungue; todavia, continuavam a chegar novos feirantes, e se, entre os novos e os antigos,

alguns descriam já do ouro, todos esperavam no caminho de ferro. Estava provado que a colonização não se poderia desenvolver no interior sem se resolver o problema das communicações com o littoral, mas desde que se começasse a estender rails pelo sertão dentro, a demorada construcção da linha, quando não a exploração d'ella, fariam viver o commercio. Á minha chegada, sabendo-se que levava commissão para n'um curto periodo fazer completar os estudos da tracção d'essa linha, firmou confianças e reanimou esperanças; beberam-se nas locandas muitos *gallons* de *brandy* e de *whisky*, e occuparam-se mais talhões de terreno, estendendo-se as occupações até meio caminho da ponte Géa. Fui importunado com perguntas anciosas: quando começavam os trabalhos? é certo começarem? onde será a testa de linha? empregar-se-ha muita gente? já se encommendou material? Todos queriam revelações para si e segredo para os vizinhos. Os meus passos e os dos engenheiros eram expiados, principalmente para se advinhar o local onde principiaria a construcção. Pediram-se terrenos em Jobo, na margem esquerda do Busi, por se suspeitar que ficaria lá a *testa*, a ditosa testa em que cada qual queria, e primeiro que o proximo, armar barraca. Entretanto — é claro, — não se fazia negocio algum; aguardava-se o futuro, com os armazens abarrotados de fazendas. Quando muito os commerciantes commerciavam uns com os outros, entre-devorando-se. Só havia alguma animação nas vendas de bebidas alcoolicas, afinal admittidas á importação, porque com ellas consolavam-se os desesperados, exaltavam-se os crentes, animavam-se os receiosos, curavam-se os doentes, preservavam-se os sãos, entretinha-se a ociosidade, festejavam-se as boas noticias, olvidavam-se as más, e saudava-se o porvir! Não se fazia outra coisa na Beira senão beber, beber, beber. A povoação era uma grande taberna, tendo por taboleta *Esperança!*

Casa do autor na Beira (1891)

A Architectura ❧ ❧ ❧ ❧ ❧ ❧ ❧ ❧ ❧ ❧ da Renascença ❧ ❧ em Portugal

POR **ALBRECHT HAUPT**

Os monumentos. Lisboa. A cidade antes do terremoto de 1755. Paços da Ribeira. Egreja da Conceição Velha. A Casa dos Bicos. A architectura de Lisboa antiga. As ruinas. O palacio do conde de S. Vicente. Egreja do convento da Madre de Deus. Sua fundadora D. Leonor, viuva de D. João II. Capella da rua da Regueira. Construcções de Terzi. Sua escola. Egreja de Santo Antão no hospital de S. José. Santa Maria do Desterro.

DADA a sua grande importancia, Lisboa como é natural constitue ponto central de toda a vida politica do paiz; porém, e apesar da cidade de Evora ter sido muitas vezes preferida para residencia regia, bem como Setubal e Santarem, ella constitue ao mesmo tempo o ponto central artistico. Infelizmente, o terrivel terremoto de 1755 destruiu quasi por completo a velha cidade, de maneira que dos seus magnificos monumentos de outras éras apenas existem poucos restos esparsos. Quasi sem excepção derruiram-se as antigas egrejas parte das quaes assim ficaram, porque em Portugal não se propende em regra á reconstrucção e remoção de ruinas. Assim succedeu com o edificio gothico da egreja de Nossa Senhora do Carmo em cujas ruinas está hoje estabelecido o Museu Archeologico. Deram, é certo, á Sé uma outra abobada, mas sómente de madeira e estuque; e refizeram no estylo da época a sua architectura, de sorte que nenhum interesse especial apresenta agora. Os palacios reaes situados na margem do Tejo foram levados pelas aguas invasoras de 1755, e com elles desappareceram os mais importantes monumentos da architectura de palacios portuguezes.

Este centro da cidade junto do porto deveria ter offerecido antes do tremor de terra um deslumbrante aspecto. As vistas antigas de Lisboa assim o confirmam. Uma extensa ala de palacios, construidos uns juntos aos outros e por maneira diversa, terminava com o magnifico torreão do paço da Ribeira, uma das mais brilhantes edificações de Terzi para Fillippe II. Os outros edificios de origem mais antiga deveriam ter provindo do tempo de D. João II e de D. Manuel; e não é impossivel suppôr que a parte pertencente ao tempo d'este ultimo rei, citada na lista das construcções dada por Damião de Goes, fosse o palacio cuja descripção se citou quando fallamos de Sansovino. Como architecto d'aquelles palacios reaes se designa, até proximo de 1504, Martin Annes, o qual antes, em 1477 e 1496, se encontra em Santarem n'aquella mesma qualidade. Foi seu successor a partir de 1504 Pedro Nunes. Na vizinhança d'aquella praça levantavam-se numerosos e notaveis edificios, de dois dos quaes apenas se conservaram fragmentos.

Um d'elles constitue o mais brilhante vestigio architectonico do tempo de D. Manuel em Lisboa; referimo-nos á fachada da nave transversal da egreja de Santa Maria da Conceição Velha na rua Nova da Alfandega. Esta egreja, com excepção de uma capella comtemporanea do lado do norte que serve hoje de côro, desabou quasi totalmente e apenas um pedaço do lado do sul existe ainda em pé, tendo na parte inferior um portal entre duas janellas. Este portal, cingido de sumptuosos pilares de reforço, é adornado em seu vão e intradorso por magnifica e delicada decoração da Renascença, com frisos verticaes; o arco do portal coroado de grandes cogulhos e de florões está ligado com os pilares de reforço por meio de uma rica cornija horizontal toda rendilhada. Os vãos das grandes janellas lateraes de volta inteira teem, como o portal, sumptuosa ornamenta-

ção, entre a qual se destacam, em saliente relevo, nichos com estatuas debaixo de baldaquinos. As cornijas e as molduras são formadas de bastões, torcidos á guisa de cabos, guarnecidos de escamas, os quaes, erguendo-se dos lados das janellas como candelabros são divididos por anneis e trochilos. Os motivos citados são peculiares ao estylo manuelino e fazem recordar motivos indios que lhes tivessem servido de modelos. São

Lisbôa antes do terremoto de 1775 (Terreiro do Paço)

tambem caracteristicos os variados entrelaçamentos e penetrações dos membros horizontaes e verticaes dos pedestaes, em gothico das ultimas épocas, então egualmente preferidos na Allemanha, degenerando por vezes aqui em accumulações exaggeradas. A egreja da Conceição Velha deve ter sido construida proximo do anno de 1520, no reinado de D. Manuel. Foi seu architecto, sem duvida, algum dos artistas que trabalharam na egreja de Santa Maria de Belem (talvez João de Castilho), como se verifica por comparação. Quanto á belleza dos *detalhes*, como tambem ao seu effeito total, este fragmento de construcção é superior aos trabalhos de Belem, cuja extensão consideravel não permittia tão delicado acabamento. Com effeito, a ornamentação é d'uma grande delicadeza e d'uma concepção que faz lembrar muito a maneira nordica, talvez a de Holbein, como em geral todo este mesclado estylo muito de commum offerece com a Renascença primeva allemã. Segundo a tradição, este edificio foi construido no sitio d'uma synagoga judaica. Foi capricho do destino que sob o governo liberal do marquez de Pombal o monumento da expulsão dos judeus em Portugal fosse quasi por inteiro destruido pelo tremor de terra. Em contraste com o esmero septentrional, o caracter meridional claramente se distingue pela maneira como o portal, de excessivo adorno, e as luxuosas janellas se encrustam n'uma superficie plana em enxilheria. Para completar o effeito impressivo falta apenas o conjuncto do entabellamento e da galeria, indispensaveis n'estes monumentos, em que costuma ser um dos ornatos dominantes, como se vê em Belem. Causa pena que d'elle nenhum vestigio haja, porque por sua falta a impressão é incompleta. Todavia, o fragmento, que existe, pela belleza tratada dos seus *detalhes* e delicadeza de seus effeitos é ainda um dos mais perfeitos monumentos da concepção do estylo manuelino, na sua ultima phase.

Na proximidade da antiga margem do Tejo (desde o principio d'este seculo delimita-a um largo aterro) encontra-se a parte inferior da antiga casa da associação do commercio maritimo da India, cujo andar superior desappareceu tambem pelo terremoto. Chamam-lhe a *casa dos bicos* por causa da curiosa construcção do seu exterior, sendo composta a superficie inteira da sua parede por pedras de cantaria talhadas em bicos muito agudos. As molduras das janellas e das portas, d'um simples gothico das ultimas épocas, teem, em parte, a verga superior abrigada por saliencias em talude, em parte, o arco de sella ou em forma de quilha. O todo

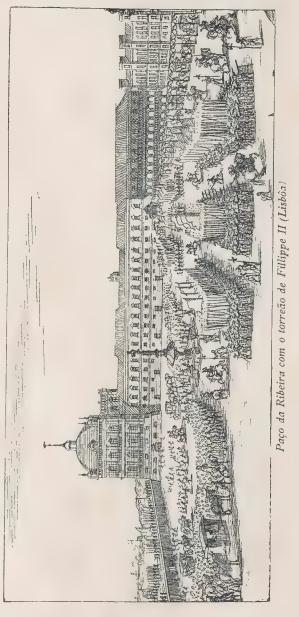
ainda é hoje d'um effeito muito original e por conseguinte muito popular.

Encontram-se em muitos pontos, e pelo tempo da renascença primaria, effeitos e maneiras similhantes de tratar superficies; em Hespanha a casa de *los Picos* de Segovia, e a casa de *las Conchas* de Salamanca; na Italia, numerosos palacios em Bolonha, etc.; comtudo offerece verdadeiro interesse vêr como os mesmos objectos, quanto ao tratamento e construcção, são feitos de tão diversa maneira nos differentes paizes.

Desappareceram os outros edificios levantados por D. Manuel com destino ao commercio da India, seus armazens, e estaleiros.

Poucas ruinas d'aquelle tempo se encontram em Lisboa, como por exemplo o pequeno, mas encantador, portal da egreja de Santa Magdalena. E' uma moldura de linhas quebradas e entrelaçadas por diversas fórmas com um sumptuoso profil, todo cercado de uma funda acaneladura, plena de ricas folhagens em relevo aberto do gothico dos ultimos tempos. Um conjuncto bem caracteristico do estylo.

Dos muitos outros edificios religiosos de Lisboa do tempo de D. Manuel nada ha de essencial, com excepção dos restos do convento da Madre de Deus, no suburbio de Xabregas. O convento foi fundado em 1508 pela irmã do rei, D. Leonor, viuva de D. João II, senhora de muito notavel instrucção e grande amadora d'arte, seguindo as mesmas inclinações de seu irmão. Dos edificios que formavam o convento, hoje adaptado a outra applicação, existem ainda os muros cerrados da egreja e dos claustros. A primeira fórma um rectangulo, cujos muros lisos em pedra de enxilheria são rasgados por pequenas janellas de volta inteira do estylo manuelino já descripto, e por um soberbo portal. A molduragem e o coroamento d'aquelle ultimo apresentam principalmente finos bastões que se entrelaçam e se quebram na parte superior do arco em uma linha de muito movimento.

O baixo-relevo do timpano do arco, genero Robbia, «passou para casa de um amador nobre». A cornija principal consiste n'aquella apreciada moldura em fórma de calabre, segurando uma galeria de pedra entrelaçada que tem a espaços, como adorno, as espheras e a cruz de Christo. A divisão d'essa galeria resulta de pontas á maneira de agulhas torcidas. Ainda ha uma pequena caixa de es-

Paço da Ribeira com o torreão de Fillippe II (Lisbôa)

cada com uma bella entrada, porém o todo parece ter sido muito restaurado, e as suas fórmas são duvidosas.

O interior da egreja recebeu mais tarde uma fórma muito differente e hoje está em ruinas. O côro das freiras, que lhe estava adjunto, deve ao seculo XVII as suas bancadas de assentos, e toda a talha dourada, como tambem o seu tecto de fôrma. Só uma parte das pinturas a olco, collocadas nos diversos caixilhos, pertence ao tempo de D. João III, e são do maior valor. Dos dois claustros o mais pequeno, com os seus arcos sobre finos columnelos entre pesados botareos de pedra e com a sua curiosa nascença de abobadas em forma de cesto no pavimentc terreo, é ainda primitivo; talvez a unica parte intacta do desenho original. O claustro em frente, e o maior, parece pertencer já

Torreão de Filippe II sobre o Tejo (Lisboa)

aos primeiros annos do reinado de D. João III. Os seus dois pavimentos são divididos por botareos de pedra quadrangulares destituidos de quaesquer membros, entre os quaes as architraves pousam sobre delgados columnelos e semi-columnelos no estylo da Renascença. E' um exemplo pobre e pouco desenvolvido d'aquelles systemas de claustros, que tomaram um desenvolvimento typico e valor

artistico, tanto em Coimbra e regiões vizinhas, como no Algarve no tempo de D. João

Fachada e portal da Egreja da Conceição Velha (Lisboa)

III (veja-se o desenho de Penha Longa). Na proximidade encontra-se o pequeno poço samaritano d'el-rei D. Manuel, tambem de 1508: um baixo relevo encerrado entre dois pilares ornamentaes, representando Jesus e a Samaritana nas fórmas grosseiras d'aquella renascença, que aqui se intentava, e além d'isso muito arruinado.

Dois remates de portas de velhas casas de Lisboa, uma d'uma pequena capella na rua

da Regueira, outra d'uma habitação particular, podem dar idéa, na especie, dos poucos vestigios da architectura manuelina da cidade.

A grandeza da antiga capital desappareceu; em seu lugar levanta-se hoje uma nova cidade de caracter estrangeiro, de maneira que não podemos fazer verdadeira idéa da nativa construcção das casas e seus palacios. Um resto isolado, o palacio do conde de S. Vicente, dá ainda uma pequena idéa da sua antiga architectura. Este palacio tem do lado da rua um soberbo portão, n'uma especie de torre cuja superficie é rasgada por simples janellas, no estylo de D. João III e adornada com um brazão. Entra-se pelo portão subindo a um pateo, o qual tem nas suas arcadas do pavimento terreo uma fina architectura. Pilares quadrangulares, juntamente com delicados semi-columnelos, e entre estes delgados columnelos supportam arcos de pequena flecha; tudo muito simples, mas muito gracioso. Os encantadores capiteis d'estes columnelos e a frente lisa de pedra de enxilhria indicam mestres, ou pelo menos modelos, hespanhoes; a

A Casa dos Bicos (Lisbôa)

Da Egreja do Convento da Esperança (Lisbôa)

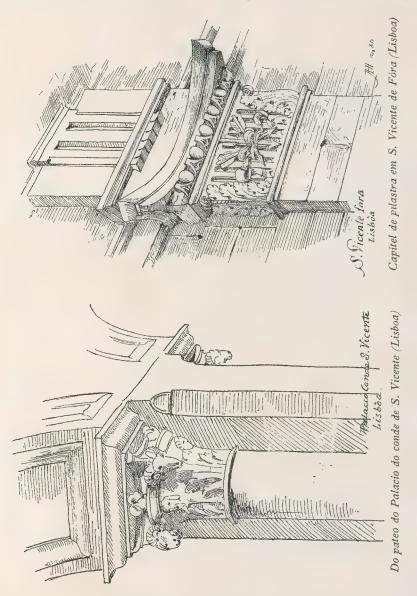
Portal d'um velha casa de Lisbôa

sua construcção deverá fixar-se talvez entre 1530 e 1540.

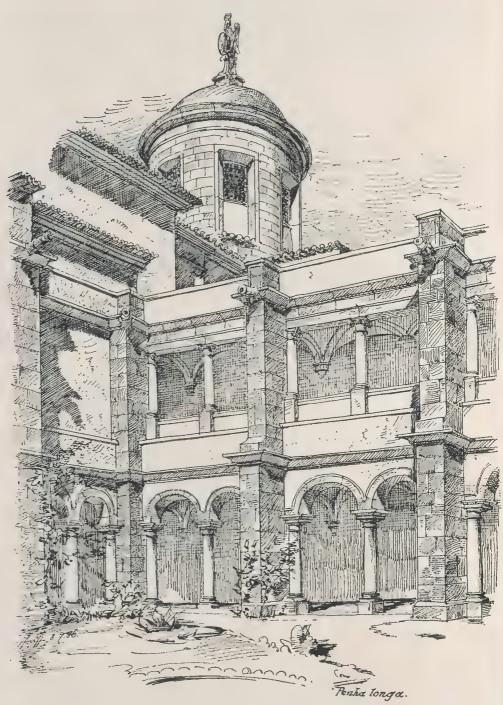
As restantes construcções de renascença em Lisboa que ainda escaparam á ruina são todas de tempo menos remoto; e o que de maior importancia existe pertence ao mestre Filippo Terzi ou á sua escola. Este, como já dissemos, italiano de nascimento (na côrte do archiduque Fernando houve tambem um Terzi, de Bergamo, que pelos annos de 1550 exercia officio de pintor e gravador) escripto nos documentos Tercio. Terzio, Terzi veio proximo do anno de 1570 para Portugal chamado aqui pelos jesuitas para construir a egreja de S. Roque. O rei D. Sebastião (1557-1578) já em 1572 o nomeára architecto dos palacios reaes e o honrára com sua maior protecção. Como já mencionámos, foi feito prisioneiro em 1578 na batalha de Alcacer Kibir e remido do captiveiro pelo cardeal D. Henrique. Este ultimo confiou-lhe bastantes obras, não só como architecto dos paços reaes, mas tambem como engenheiro regio, em cuja qualidade realizou notaveis construcções de fortalezas e obras hydraulicas. Mesmo de pinturas foi encarregado pelo cardeal-rei D. Henrique, por ser elle, segundo diz a tradição, muito experto n'aquella arte. Depois da morte do cardeal, Filippe II, de Hespanha, seu successor, conservou-o no cargo e encarregou-o de muitos trabalhos importantes. E' provavel que tivesse morrido por 1598; n'esse anno foi chamado para o substituir um certo Leonardo Turiano. Mas parece que aquelle deixou uma escola numerosa, o que era natural,

Corôamento do portal d'uma capella da antiga Lisboa

Do pateo do palacio do conde de S. Vicente (Lisboa)

a julgar pela quantidade de seus trabalhos. D'esses seus discipulos ou successores póde mencionar-se Nicolau de Frias, o qual, segundo parece, o houvera auxiliado no principio, nas construcções technicas. Este teve mais tarde (desde 1610) emprego como architecto dos palacios reaes, e morto em 1630 teve por successor seu filho Luiz de Frias (1630-1634).

Capitel de pilastra em S. Vicente de Fóra (Lisboa)

Do pateo do Palacio do conde de S. Vicente (Lisboa)

Como mais distinctos possuidores e continuadores da orientação do mestre, podem citar-se Balthazar e Affonso Alvares, aos quaes se attribue o collegio de S. Bento em Coimbra; o primeiro veio tambem a Lisbôa, chamado pelos benedictinos para construir o mosteiro de S. Bento e, além d'isto, muito de importante edificou no Porto por mandado da Ordem. Por este motivo appellidaram-n'o de architecto celebre. No mesmo sentido trabalhou Thiago Marques, e como aquelle ul-

Claustro da Penha Longa (Cintra)

timo, para a Ordem de S. Bento. Não devemos esquecer de citar, como collaborador de Terzi, João Nunes Tinouco, o qual se designa ser o desenhador da planta de S. Vicente de Fóra.

Damos aqui uma lista das construcções, levantadas sem duvida ou provavelmente por Terzi:—em Lisbôa, S. Vicente de Fóra (1582), Santo Antão, Santa Maria do Desterro, S Roque (1570-1575), o torreão do Paço da Ribeira; — em Setubal, a cidadella de D. Filippe;—em Coimbra, a Misericordia, a egreja nova de S. Domingos, o collegio da Graça, o collegio de S. Bento com a egreja do Lyceu (?), a Sé Nova, Sant'Anna (?), a restauração do aqueducto (1575); — no Porto, Nossa Senhora da Serra do Pilar (?); — em Villa do Conde, o aqueducto e as fortificações; — em Thomar, o claustro dos Filippes.

Todas as suas egrejas são, como já deixamos mencionado, d'um caracter grandioso, d'uma só nave, com series de capellas que substituem as naves lateraes, e pela parte superior d'ellas correm ás vezes galerias, e quasi sempre teem uma nave transversal. Todas, com excepção da egreja de S. Roque em Lisboa, que possue um tecto de esteira, são cobertas por uma magnifica abobada de berço. Estes tectos em fórma de tunnel são divididos quasi sempre, por nervuras de pedra, em diversos

Fachada da Egreja de Santo Antão no Hospital de S. José (Lisbôa)

caixotões e compartimentos; e sobre a nave transversal levanta-se uma cupula com ou sem tambor inferior. A egreja da serra do Pilar é um edificio circular com um côro rectangular. A fórma d'estas construcções é sempre severa e nobre. Predomina sem excepção no interior, e muitas vezes tambem no exterior, a ordem dorica das pilastras.

Portal de Santo Antão (Lisboa)

Santo Antão e Santa Maria do Desterro em Lisboa estão em ruinas desde o terremoto. Pelo mesmo motivo cahiu a cupula de S. Vicente de Fóra. O esplendido pavilhão d'angulo do paço da Ribeira foi levado pelas aguas do Tejo em 1755.

D'estas edificações, Santo Antão, a egreja do hospital de S. José, foi sem duvida a mais importante. Infelizmente resta d'ella apenas a fachada, quasi conservada por completo e o systema interno até a nave transversal. Isto é porem sufficiente para deixar reconhecer n'ella, uma das mais sublimes egrejas no estylo da renascença desenvolvido.

A imponente fachada de marmore, dividida com grandeza por pilastras doricas, era flanqueada, dos dois lados, por torres, de cuja construcção as de S. Vicente de Fóra, ainda conservadas, podem dar idéa, se as imaginarmos quadrangulares até o extremo superior. Entre os pedestaes das pilastras abrem-se portaes de marmore que dão accesso ao in-

terior e que encantam pelo esplendor do estylo inteiramente italiano. A fachada produz um effeito ainda mais grandioso, porque esses delicados portaes, ainda que importantes, quasi desapparecem ao pé das poderosas proporções do resto das outras linhas architectonicas. Parece que não está acabada ou foi destruida pelo tremor de terra a architectura das janellas, de maneira que não podemos sobre ella dar opinião. Mas podemos por certo suppôr que havia intenção de adornar ricamente o emolduramento das janellas, por quanto o actual caixilho muito simples póde ser attribuido a um restauro depois do terremoto. O interior apresenta uma enorme abobada de berço guarnecida de caixotões e de apainelados em marmore de muitas côres, supportada por poderosas pilastras doricas; entre estas ultimas encontram-se as capellas. Do effeito total dá imagem reduzida o interior de S. Vicente de Fóra que é exactamente do mesmo genero. As columnas grandiosas são coroadas de capiteis que recordam os que Miguel Angelo tanto preferia empregar; doricos com golas altas e estriadas, e abaco curvo como nos corynthios. Estes capiteis que em S. Vicente e n'outros edificios são adornados com settas cruzadas, (signal do governo hespanhol?) encontram-se na maior parte das egrejas de Terzi. O caracter geral d'estas

Fachada de Santa Maria do Desterro (Lisboa)

ultimas indica que elle era discipulo de Sammicheli, cuja egreja de S. Giorgio em Braida perto de Verona deveria ser n'esse caso considerada como o modesto modelo da maior parte d'estas construcções.

A nave transversal, a cupula e o côro de Santo Antão desabaram e apenas se conserva o remate do côro, o nicho atrás do altar-mór construido mais tarde e completamente adornado com mosaico de marmore. D'esta maneira de ornamentar se conclue que este nicho foi posteriormente construido, como tambem a esplendida sacristia contigua, cuja decoração de marmore dá o mais completo exemplo d'este genero em Lisboa e pertence ao seculo XVII. Demais, a construcção prolongou-se por dezenas d'annos, a julgar pelas noticias historicas e foi só acabada no principal no seculo XVII, depois que os frades a haviam interrompido durante vinte annos. A pedra fundamental foi posta a 11 de maio de 1579 no reinado do cardeal D. Henrique e foi só em 1652 que se acabou a egreja.

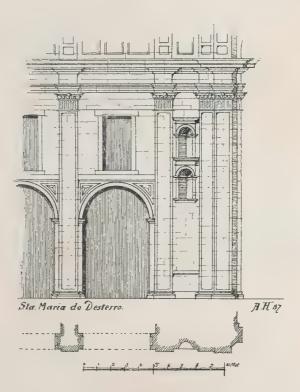
O segundo edificio d'esta mesma architectura, quasi identico na planta e no interior ao de Santo Antão, é a egreja de Santa Maria do Desterro, tambem em ruinas. Aqui veem-se apenas os muros da nave principal; a nave transversal, o côro e a cupula desappareceram por completo. A unica differença entre as duas construcções consiste em existirem aqui galerias ainda por cima das capellas da nave principal. A fachada é egualmente um dos mais distinctos trabalhos d'este genero, sem comtudo attingir o de Santo Antão. Tem ella duas ordens de pilastras sobrepostas; entre as da ordem inferior rasgam-se tres portaes em arco, contiguos e ladeados por duas paredes cada uma com o seu nicho. Entre as pilastras, menos altas, da ordem superior existem nichos e janellas de diversas fórmas.

Tambem aqui parece ter havido intenção de levantar duas torres. Realizou-se a collocação da pedra fundamental aos 5 de abril de 1591; porém a fachada parece ter sido construida por ultimo, por isso que mostra fórmas mais recentes.

(Continúa).

Sta. Maria do Desterro.

O ANIL

Sua introducção pelos portuguezes na tinturaria europea

Faria obra de reconhecido proveito e de intensa curiosidade quem se abalançasse a escrever a nossa historia ultramarina, sob o ponto de vista exclusivamente economico: mercantil, industrial e agricola. A nossa faina maritima não teve por unico proposito o descobrimento e a conquista; a conquista militar e a conquista espiritual; pela espada e pela cruz. Navegámos, marcando cuidadosamente nos nossos roteiros as novas terras que iam surgindo; combatiamos todas as vezes que era necessario affirmar o nosso direito, mas não eramos simples corsarios medievaes que, á similhança dos normandos, assaltavam de continuo as costas da Europa. Enriquecemos a geographia, revelando ao mundo conhecido o mundo desconhecido. Opulentámos o commercio, fazendo de Lisboa o emporio universal de todas as mercadorias. Contribuimos emfim, por todos os modos, para o derramamento da civilização. Nem sempre — é de justiça confessal-o — os processos que adoptámos teriam o brilho e a pureza immaculada das laminas sahidas das mais afamadas officinas dos armeiros de Milão, mas essas manchas, que a historia aponta e que a consciencia condemna, fundem-se e evaporam-se no cadinho dos immensos serviços que prestámos.

O caracter eminentemente pratico dos nossos trabalhos nauticos traduz-se no titulo, que D. Manuel adoptou em seguida ao regresso de Vasco da Gama, em que se dá como senhor da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India. Hoje parece-nos demasiado pomposo, mas o feliz monarcha foi ainda modesto, porque não se lembrou de accrescentar ao seu brazão real os emblemas heraldicos que lhe trouxeram os descobridores do Brazil e da Terra-Nova. Em nenhuma outra parte, porém, se desenha com tamanho desassombro e latitude o espirito avassalador e a actividade cosmopolita e multimuda do povo portuguez nos inicios do seculo XVI, como nas *Cartas* de Affonso d'Albuquerque. Ahi, o grande capitão, não só retrata o seu perfil altamente guerreiro, mas as suas qualidades excepcionaes de diplomata, de estadista e até de negociante, fallando das materias do trafico oriental com auctoridade de um Bartholomeu Marchone ou de qualquer dos outros banqueiros e armadores, que existiam em Lisboa n'aquelle tempo. Não só se occupa das mercadorias, mas ainda de outros assumptos, como da cultura do amphião ou opio, cujas vantagens encarece.

Fômos uns permutadores de primeira ordem de toda a casta de productos, quer provenientes da natureza, quer do trabalho do homem. Se nos primeiros seculos da nossa conquista ultramarina tivesse havido o cuidado de recolher os objectos de toda a especie, que os nossos marinheiros traziam das mais remotas paragens, possuiriamos hoje o mais extraordinario museu ethnographico. Ao lêr o *Livro da nau Bretôa* vê-se a curiosidade dos seus tripulantes, que traziam das terras de Santa-Cruz, para regalo e admiração das suas familias, interessantes *especimens* da fauna americana — bugios e papagaios sobretudo. Lisboa póde gabar-se de ter formado o primeiro jardim zoologico da Europa, a quem D. Manuel assombrava com o presente do elephante e da onça, enviados ao papa Leão X.

Simples agentes do trafico mercantil? Não. Fômos mais alguma cousa do que isso. Em toda a parte o nosso genio agricola se acclimou e desenvolveu. Transplantámos d'umas para outras regiões variados productos e estabelecemos culturas, que ainda são hoje uma riqueza de primeira ordem, sobresahindo entre ellas a do café e a do assucar. Os japonezes confessam o beneficio de termos introduzido ali o algodão. Percorrendo os nossos antigos chronistas e as obras que mais especialmente se occuparam de descrever os paizes desconhecidos, como as de Garcia da Horta, Gandavo, Duarte Barbosa, Gabriel Soares, e tantas outras, não seria muito difficil tirar por ellas a folha corrida dos serviços

que prestámos a grande número de industrias agricolas, quer na exploração, quer na cultura e transplantação de certos vegetaes.

Restringindo a minha these, procurarei todavia comproval-a com um exemplo, que faz honra á perspicacia e actividade dos industriaes portuguezes. Foram estes que introduziram o emprego do anil, vindo da India, como substancia córante, nas officinas de tinturaria. Diversos documentos abonam a authenticidade d'este facto. Citarei em primeiro lugar um attestado, que se conserva hoje nos archivos do Museu Britannico, assignado por seis negociantes e tintureiros inglezes, em que declaram que um Pero Vaz, d'Evora, tinha ido áquelle paiz ensinar a applicação do anil na tinturaria e que se achava o seu uso conveniente e preferivel ao de outras substancias até então empregadas. Este attestado tem a data de 26 de abril de 1577. Ou antes ou depois d'isto — não se póde precisar com rigor — Pero Vaz havia ido desempenhar egual missão, com favoravel resultado, junto dos tintureiros de Flandres. Por estes serviços, de que a corôa de Portugal se mostrára satisfeita, lhe concedeu el-rei, em alvará com força de carta de 14 de novembro de 1578, o privilegio de poder mandar vir da India, todos os annos, livres de direitos, dez quintaes d'anil.

Este documento accrescenta um appellido a Pero Vaz, o de *Tavora*, mas julgo que o escrivão que fez o registo se equivocou, transformando Evora em Tavora. O documento diz, além d'isso, que elle residia n'aquella época em Lisboa. Tenho noticia d'um Francisco Vaz, talvez pae ou parente do anterior, que era tambem tintureiro e residia em Evora por 1535. N'este anno, sahindo elle um dia de casa, á bocca da noite, para tratar dos seus negocios, foi assaltado por uns tres ou quatro homens, que o espancaram, deixando-o muito mal. Por este motivo não tornára a sahir de casa de noite, receioso de que se repetisse a desagradavel scena. Attendendo á sua petição, D. João III, em 17 de junho, lhe concedeu carta para elle poder trazer armas em sua defesa. Assim já elle poderia sahir mais afoutamente á rua. Pero Vaz devia ser fallecido, ahi por 1581, pois n'este anno, a 22 de março, era transferido ao filho, Duarte Vaz de Souza, o privilegio que seu pae gozava, mas com a reducção de 50 %, isto é, sómente cinco quintaes.

Pero Vaz não foi o unico que andou mettido n'esta negociação do anil. Foram participantes egualmente André Rodrigues d'Evora e Christovão Vaz, que diligenciaram introduzir o anil em Castella, parecendo ter conseguido prospero resultado, pois, a instancias do governo d'aquelle paiz, se haviam feito experiencias favoraveis nos mais importantes centros fabris, como Segovia, Valencia, Toledo e Cuenca. Oppunha-se, comtudo, um obstaculo valente na pessoa de um burgalez (habitante de Burgos), que havia enriquecido com o trafego do pastel, que era a substancia que se usava anteriormente. Na Torre do Tombo existe a minuta d'uma carta que a nossa côrte endereçára ao seu embaixador em Hespanha, recommendando-lhe cuidadosamente o memorial que André Rodrigues tinha escripto sobre a materia.

O anil, antes de proceder da India, vinha da Berberia, e era conhecido em Hespanha, mas, como a sua qualidade era má, chegou a ser prohibido. O da India, como se vê, alcançou victoria, considerado como um succedaneo vantajoso do pastel. A côrte de Portugal, pelos lucros mercantis que d'ahi lhe resultavam, favoreceu a sua importação e vulgarização, não se lembrando de que ia aniquilar uma cultura indigena, bastante desenvolvida, sobretudo nos Açores. Como quer que seja, a iniciativa dos tintureiros portuguezes, ensinando processos novos aos seus collegas de nações tão cultas, como Flandres, Inglaterra e Hespanha deixou assignalada uma pagina brilhante na historia da nossa industria..

Fallei, já de passagem, no pastel, a quem o anil veio quasi completamente desalojar do seu antigo posto de honra, e direi agora alguma cousa, ainda que succintamente, da evolução da sua cultura no nosso paiz.

O pastel, como o anil, é tambem um producto vegetal, convenientemente preparado antes de servir nas dornas dos tintureiros. Parece que foi o infante D. Henrique, cognominado por Major o *Navegador* que primeiro introduziu em Portugal, se não a cultura do pastel pelo menos o seu preparo. Se se tomassem á lettra as expressões da carta de privilegio, que, a este proposito, lhe passou D. Affonso V, em 28 de agosto de 1445, dir-se-hia que elle fôra o proprio inventor dos apparelhos adequados ao mister, o que todavia não me parece muito admissivel. Não consegui averiguar qual o proseguimento que teve a empresa do Infante, quaes as terras onde se cultivasse a planta e onde se erigissem as respectivas officinas, e, finalmente, se esta industria se exerceu debaixo da direcção immediata de D. Henrique ou da Ordem de Christo, de que elle tinha o mestrado.

Em 1490 obtinha Luiz Domingues carta de privilegio de D. João II para usar do exclusivo do plantio e preparo do pastel nas

comarcas da Beira, Traz-os-Montes e Entre-Douro e Minho.

D. Manuel, emquanto duque de Beja, era quem gozava o exclusivo da cultura do pastel na ilha Terceira, trato que elle déra de arrendamento a um mercador genovez, André de Caçona, residente em Sevilha. Esta circumstancia parece demonstrar que o pastel não se empregaria sómente no paiz, mas que seria exportado, por intermedio d'aquelle genovez, para outras partes, talvez para Italia e Hespanha. D. João II, em 1490, lhe passou carta de segurança, para que elle, seus feitores ou representantes, podessem vir com os seus navios, afoutamente commerciar a Portugal e ás praças d'Africa.

Nos Açores a cultura do pastel teve bastante incremento, mas foi declinando até se extinguir de todo, devido não só á concorrencia do anil, mas aos rigores do fisco e ás fraudes dos lavradores e preparadores.

Em Portugal o uso do anil não foi tão absorvente, que não se visse, reinando D. João V, passar este monarcha uma carta, em 11 de novembro de 1716, auctorisando Manuel Lopes Henriques, para estabelecer na Covilhã uma dorna para tingir de pastel, conforme a concessão que já fizera a outros.

Eis aqui esboçado um capitulo da historia da tinturaria portugueza, que bem comprova que a industria nacional nem sempre occùpa um lugar secundario, subordinada á estrangeira, antes d'esta vez lhe cabe a honra de ter tomado a iniciativa de uma innovação importante, dando uma lição, que os outros não desdenharam, reconhecendo pelo contrario, a sua proficuidade.

Lisboa, 21-10-1902.

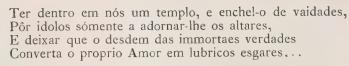
Souza Viterbo.

A Mocidade de Jesus — Quadro de Herbert

ADORAÇÃO DOS PASTORES

Quadro de Ribera — Museu do Louvre

VISÕES D'UM CRENTE

Ter dentro em nós um templo, e enchel-o de vaidades,
Pôr idolos sómente a adornar-lhe os altares,
E deixar que o desdem das immortaes verdades
Converta o proprio Amor em lubricos esgares...

Ver o Vicio a sorrir, e a Bondade a soffrer;
O brio feito crime e a Justiça Vergonha;
Fazer da Hypocrisia a gemma do saber,
Usar na bocca o riso, e n'alma ter peçonha...

Adorar os reptis e denegrir os bons,
Envolver todo o mal em tunicas fulgentes,
E abafar da Innocencia os mais ligeiros sons,
Aos ruidos brutaes de boccas repellentes...

Fallar d'alto a um humilde, e contrafeito a um pobre,
Com fracos ser brigão — com fortes ser covarde;
Arremedar grandeza em presença d'um nobre
D'aleivosias vis fazer um triste alarde...

Ser falso, ser cruel, com velhos, com creanças,
Não conhecer o dó, sorrir da Piedade,
Propagar que illusões, chimeras, esperanças,
São vestigios senis d'uma remota idade;...

Não ter Deus, não ter lei, cortejar quem é forte,
Dispensar a moral, e olhar com compaixão
Os que fallam do céo, os que pensam na morte,
Os que prégam a Paz, os que usam do Perdão;

Ensinar que é bom sempre existirem parias,
Pois são na humanidade um necessario mal,
Reputar o Progresso, e as suas fórmas varias,
Uma doida utopia, um perigoso Ideal;

Ter como justo só aquillo que vencer,
Estar a todo o instante ao lado de quem mande,
Esmigalhar n'um sopro o mais infimo ser,
Não venha acaso o dia em que elle seja grande...

Não conceder *nem um* que podem pedir *cem*,
Nao vergar á razão, pois torna-se exigente,
Dominar a revolta — antes a mal que a bem,
E por fim prometter, mas prometter sómente:...

Ah! meus irmãos, eis parte, apenas parte ainda,
De tudo o que eu quizera expor-vos bem a claro,
Mas se o rosario é longo e a via sacra infinda,
A mim falta-me o genio — o genio ousado e raro...

Assim, devo calar-me; é fraca a minha voz,
E estes gritos que vão envoltos n'alguns versos,
Mal traduzem sequer, esses que eu solto a sós,
Que o peito não contém, e vão pelo ar dispersos...

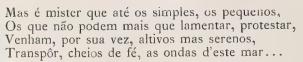
Mas se ouvirdes, acaso, um gemido, um lamento,
Transparecer ao longe, ás horas do sol posto,
N'um recanto do céo, n'uma volta do vento,
Deixando o calefrio agudo d'um desgosto,

Sabei que n'elles vae um pedaço talvez.
Da minh'alma queixosa e dos meus gritos rudes;
Dá-os a Consciencia, e Deus que assim nos fez,
Ouvil-os-ha vibrar, mais tristes que alaúdes...

Não supponhaes porém, irmãos que me escutaes,
Que eu alimento a idéa, ou criminosa ou estulta,
De conhecer melhor, emfim de sentir mais
Toda a extensão do mal que dia a dia avulta. .

Não; eu sou como vós, e até serei peor,
Vivo no mesmo mundo, e o mesmo ar respiro...
Nem o meu coração é afinal maior
E a quantos d'entre vós ardentemente admiro!...

Quantos quizera ser, em vez de ser quem sou!
Por isso, o que aqui noto, em pallida linguagem,
Vós o dizeis tambem — e a mente que pensou
Viu isso tudo já, conhece esta voragem...

Mas é mister que até os simples, os pequenos,
Os que não podem mais que lamentar, protestar,
Venham, por sua vez, altivos mas serenos,
Transpôr, cheios de fé, as ondas d'este mar...

E' mister que um instante, um minuto que seja,
Digamos todos nós — o que trazemos n'alma,
E que bem posta a nú, o mundo inteiro veja
Esta ancia feroz que força alguma acalma...

Traz-nos ella ao combate augusto da Verdade,
Mas por cada victoria arrancada á mentira,
Vereis que ha de ficar maior a Humanidade;
E até a Consciencia, erguendo-se, respira...

Ser punido quem crê, apupado quem sonha,
Não vos parece, irmãos, um sarcasmo pungente?
Pois na terra voraz, na existencia medonha,
Tal é o negro fim da miseranda gente!...

Mas logo que esta um dia eleve o olhar e o braço,
Logo que pense e *queira*, — e nem sequer hesite,
Heis de vêr, heis de vêr como ha em todo o espaço
Um sorriso sem fim, uma paz sem limite...

Põe seculos ao longo o sol até surgir?
E largas horas más e tormentosos dias?
Talvez, irmãos, talvez! Porém elle ha de vir,
E havemos de escutar-lhe as doces harmonias..;

Ou então era o Bem um colossal embuste,
A Belleza, a Verdade uma illusão bem rude,
E — decepção suprema! — inda que tal nos custe,
Um simples nome vão, — esse Deus, a Virtude...

Mas não, não pode ser e não será, bem sei...
Não é um mitho o Amor, existe, avança, luta;
Ha de vencer por fim, ser o Poder e a Lei,
Dominar a materia, a natureza bruta...

E quando, embora tarde, elle illumine em cheio
O triste coração d'esta raça precíta,
Quando lhe cave o fundo e lhe revolva o seio,
Palpando da miseria a tortura infinita,

Tão alto ha de clamar o teu nome, Justiça,
Que os réprobos, os maus, os despotas, os vís,
Sumir-se-hão de vez, e uma força insubmissa
Domal-os-ha fremente, em impetos viris...

Depois, do largo céo descendo, o proprio Deus,
Carinhoso olhará o mundo renovado,
E n'um riso de luz, um desses risos seus,
Ouvil-o-heis dizer: — meus filhos, obrigado...

E' que vendo afinal, na Terra transformada,
A Bondade a florir, e extincto o Mal e a Dor,
Só lhe resta deixar a sua azul morada,
E vir, cansado Heroe, viver do nosso Amor...

Novembro 1902. AFFONSO VARGAS.

Pobres da Cidade da Praia e arredores, esperando a distribuição de alimentos

Á fome em Cabo Verde

Depois da terrivel fome que em 1864 assolou a nossa tão valiosissima, sob diversos pontos de vista, provincia de Cabo Verde, parece que nenhuma, das que, com periodos menores ou maiores, perturbam aquella nossa colonia, se apresentou com indicios tão violentos como a de 1902.

As correspondencias para os jornaes e sobretudo as cartas particulares descrevem, com intensidade commovente, verdadeiros horrores: — quer nas cidades, quer no interior, velhos, mulheres e creanças, cahindo desfallecidos, quasi sem vida, nas vias publicas; — creancinhas, extenuadas na sucção dos peitos seccos pela terrivel fome, morrendo nos braços contorcidos das miserrimas mães; — funebres e angustiosas procissões formadas por centenas de desgraçados que, dirigindo-se á cidade proxima a supplicar das auctoridades migalhas com que enganem a tortura d'esse dia, dando-lhes um simile de forças para supportarem as torturas dos dias seguintes, vão deixando marcado o longo dos trajectos com os corpos d'aquelles a quem faltou a ultima energia; — arrastando-se pelos caminhos, que do interior conduzem ás cidades, dezenas e dezenas de famintos, sem forças para caminhar ávante, abandonam os que vão á cidade, na para elles tão esperançosa jornada, preferindo antes retroceder e, por falta de exforço, morrer nas suas miseras habitações, ao pé dos seus, já moribundos; — verdadeiras romarias conduzindo aos hospitaes, onde ha hospitaes, velhos, mulheres e creanças, em grande quantidade, que ainda apresentam, nos esqueleticos arcaboiços, os ultimos resquicios de vida; — emfim, hediondos qnadros de angustiosa miseria, que conseguiram esgotar os recursos particulares, tanto mais escassos, quanto uma crise commercial, de ha tempo a esta parte, tem vindo cerceando os redditos privados, por successivas fallencias de casas importantes d'aquellas ilhas que, arrastando na sua queda outras, e essas ainda outras, tem ido successivamente affectando os rendimentos de cada um.

Para sustar os effeitos de tão terrivel calamidade, os povos da ilha de S. Thiago de Cabo Verde, séde da provincia, dirigiram, em 28 de setembro ultimo, a Sua Magestade El-Rei nma angustiosa representação, terminando com a supplica de que «sejam abertos «trabalhos publicos em todas as freguezias

«onde a fome se faz ou se faça sentir, to-
«mando-se todas as demais providencias que
«se julguem adequadas a minorar o soffri-
«mento dos que, pela sua edade, sexo ou
«condição physica, não possam nos trabalhos
«do Estado obter recursos para a sua susten-
«tação, isentando-se de direitos de importa-
«ção não só o arroz, mas qualquer outro
«genero essencial á alimentação da popu-
«lação.»

Em resposta a esta representação auctorisou logo o governo de Sua Majestade não só o dispendio de mais 23 contos de réis, além da pequenina verba fixada no orçamento provincial para as obras publicas, como ordenou a entrada, livre de direitos de importação, do milho, que é um dos principaes alimentos da população caboverdeana. As primeiras noticias vindas de Cabo Verde, logo após a adopção d'estas medidas, accusavam já a recepção ali de 583:657 kilogrammas de milho.

❀ ❀ ❀

Pintado assim, a grossas pinceladas, o quadro do angustioso estado a que a terrivel calamidade vae reduzindo os povos d'aquella nossa possessão ultramarina e das primeiras providencias tomadas pelo governo da metropole, parece que talvez seja curioso, para os nossos leitores menos versados em assumptos coloniaes, dar, tambem a grossos traços, idéa das causas efficientes de mal tão desolador, que, a bem dizer, se tornou endemico em Cabo Verde.

A falta de arborisação do archipelago, trazendo-lhe phantasticas irregularidades de estações e prolongados periodos de faltas de chuva, conjuntamente com a abundancia de gado caprino, que, como ninguem ignora, é o mais terrivel inimigo da agricultura, formam como uma cadeia que, apertando-se em torno das ilhas de Cabo Verde, as vae atrophiando de mais em mais.

Se se tenta arborisar, lá estão as cabras á espreita dos primeiros rebentos, que ao sahirem, tenros e viçosos, da terra, lhes offerecem ao seu dente damninho guloso pasto; — e adeus tentativa de arborisação, porque planta onde uma vez tocou dente de cabra não ha força de vegetação que a faça vingar.

Se se tenta destruir a abundancia de cabras no archipelago, então toda a população estremece em ondas de rancôr, julgando que lhe querem arrancar o maior factor de rendimentos, depois da agricultura, e que, para seu maior mal e castigo, lhe querem enseccar a grande fonte de onde usualmente tiram a maior parte da sua alimentação.

E assim temos ido, assim a nossa administração colonial tem andado, constantemente n'este circulo vicioso: — ou arborisação sem cabras, para no fim de alguns lustros ter agricultura constante sem crises, nem soluções de continuidade, ou cabras sem arborisação, para que os povos caboverdeanos não tenham ensejo de mudar o seu feitio humilde e soffredor em algum outro violento e revoltoso, menos do agrado dos dirigentes.

Como resolução do problema, bastante complexo, apenas, no momento em que generalizados clamores alarmam os animos, se tem recorrido á norma dos palliativos, attenuando o mal pelas duas comesinhas providencias: — momentanea importação, livre de direitos, dos generos de mais urgente necessidade para a alimentação dos pobres; — e applicação em obras publicas d'uma diminuta parte do excedente das receitas provinciaes (n'este momento diz-se existir no cofre da provincia um saldo de mais de 300 contos de réis).

Ora parece que, em favor d'um povo que na sua quasi generalidade só vive e medra á custa da agricultura, não teria sido demais, em um longo periodo de quasi meio seculo, haver-se assentado serena e meditadamente em um sensato e pratico plano que permittisse, sem convulsões de especie alguma, dispôr de um largo espaço de tempo para methodica e progressivamente se proceder á arborisação do archipelago, subtrahindo os tristes habitantes d'aquellas ilhas á cruciante e constante duvida se terão a suprema felicidade de ter, ou a desdita de não ter, chuvas nos tempos normaes.

Para tanto parece que bastaria pôr em execução um cuidadoso e largo projecto de obras e trabalhos publicos, os quaes ao mesmo tempo que engrandecendo-a enriqueceriam a provincia, dariam aos povos de Cabo Verde, por meio dos salarios, ganhos n'essas obras e trabalhos, os recursos necessarios para fazer face ao desfalque que lhes originasse na vida ordinaria, e durante o periodo de transformação no modo de ser do archipelago, a rigorosa applicação das leis que em todos os paizes civilizados (e n'este numero o nosso) existem em vigor contra as *demasias*, chamemos-lhe assim, do gado caprino.

E do conjuncto d'estas medidas deveria promanar, sem a minima perturbação, a resolução do complexo problema da arborisação de Cabo Verde.

Em meio seculo decorrido, nem ao menos tem havido a lembrança de, junto com os annos agricolas regulares, ir pondo de lado, como os inglezes fizeram na India, diversas quantias a engrossar o conteúdo de

um cofre destinado unicamente aos momentos angustiosos, para que o *cofre da fome* prestasse em Cabo Verde os mesmos beneficios que o *cofre da fome* prestou nas Indias inglezas.

⊛ ⊛ ⊛

Mas, resolver-se-ha o problema só com a arborisação de Cabo Verde?

Não; é preciso, de facto, não descurar assumpto de tanta monta, mas é preciso tambem completal-a com outras não menos importantes. Não se deve tomar uma providencia isolada, que tem o risco de inutilizar-se a si propria.

Os habitantes do littoral de Cabo Verde são habeis, doceis e trabalhadores marinheiros, como o teem provado não só em navios nacionaes, mas tambem em navios estrangeiros; são elles que formam quasi a totalidade das tripulações de muitos dos navios balieiros que cruzam todo o sul do Atlantico; e, ainda não ha muito, antes de uma alteração na lei de pilotos, forneciam n'esta qualidade numerosos serviços á nossa marinha mercante. São habeis e pacientes pescadores, quer na apanha da lagosta, quer na pesca do coral ou do peixe commum.

Nas ilhas da Boa Vista e do Sal abunda a lagosta, em quasi todas as ilhas abunda o coral, e é por demais conhecida a riqueza em peixe dos mares de Cabo Verde. Parece, pois, que, seguindo as pisadas das nações maritimas europêas e dos proprios Estados-Unidos da America do Norte, onde a industria piscatoria prende muito particularmente a attenção dos poderes publicos, já pelos largos proventos d'ella auferidos, já pela larga parte que toma na alimentação publica, se poderia em Cabo Verde, pela applicação de providencias praticas e sabiamente adoptadas, procurar por todos os meios attingir methodica e progressivamente o maximo desenvolvimento d'esta industria.

Parece tambem que, a par da industria piscatoria, se deveriam empregar os melhores esforços para desenvolver todas as industrias maritimas, como a construcção naval, no proprio archipelago, com as optimas madeiras que a proxima costa portugueza da Africa (Guiné, etc.) lhes forneceria, como a secca do peixe, que se mostra industria indicada para diversas ilhas, a do Sal por ezemplo, e como a cabotagem, em grande escala, por todos os portos da Africa Occidental portugueza.

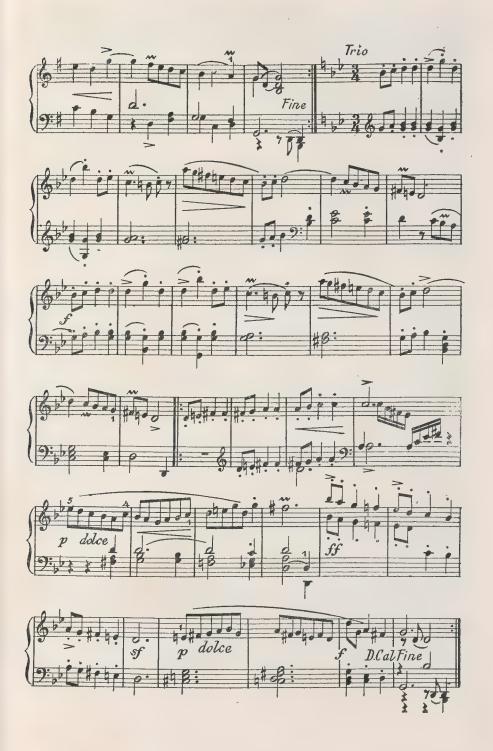
Mas para obter isto tudo, que tanto é, e que no papel tão pouco parece, são necessarias tantas energias e tantas perseveranças intelligentes, que ainda, para mal d'aquelles povos, a fome, a terrivel fome, os ha de victimar inclemente durante longo tempo.

Outubro, 1902.

RUY DINIZ.

Nota. — *A photographia cuja reproducção, encima o presente artigo foi tirada a 9 de outubro ultimo.*

MINUETE
por J. P. Rameau
Allegretto
PIANO
mf
p
f
p
p
mf
Nunes da Silva - Des.

Trio
Fine
f
p dolce
ff
sf
p dolce
f
D.Cal Fine

No Jardim de Epicuro

O artigo que segue é parte d'um capitulo do segundo volume da curiosa obra de critica historica e parlamentar que sob o titulo de **Entre duas revoluções** *(edição de M. Gomes) vae em breves dias apparecer, devida á penna experimentada e aguda do sr. Barbosa Colen, um jornalista politico das mais brilhantes qualidades. N'este novo livro, como no primeiro, o apreciado escriptor demonstra mais uma vez o excepcional poder de evocação que possue, fazendo resurgir através da narrativa, sempre elegante e facil, a vida politica do paiz n'uma época notavel, com todas as suas luctas de interesses e de paixões.*

Em 1851. Banqueiros deputados, na camara. Sessão escandalosa. Os dos tabacos e os do Banco de Portugal

A nova sessão que ia começar, que era a ultima da legislatura e que é a ultima que nos falta descrever — inaugurou-se sem as pompas palacianas, que são d'uso. A rainha estava, mais uma vez, n'aquelle estado que se convencionou denominar — interessante. Um decreto real encarregou o chefe do governo de inaugurar os trabalhos parlamentares, e com a leitura d'essa procuração se reduziram ao minimo as cerimonias da festa constitucional.

Faltando a rainha, faltára o discurso da corôa. A camara ficou privada de inaugurar os debates com a questão politica a que a resposta dava logar. Fontes foi o encarregado pela opposição de reclamar uma discussão, que se julgava necessaria para, d'um e d'outro lado da camara, minoria e maioria, opposição e governo, expôrem principios e idéas, critica e defesa, no exame dos actos politicos e administrativos. Os precedentes parlamentares em Hespanha e em França auctorizavam a reclamação do deputado que acceitára a missão dos que se assentavam nas bancadas da esquerda. Em França, em 1837, a camara tinha resolvido não tomar conhecimento de qualquer projecto que o governo apresentasse, sem primeiro discutir e votar o exame e a politica do governo. Em Hespanha, n'uma das ultimas sessões, Olozaga, reclamára o debate politico, apesar da abertura da camara tambem se ter realizado, por motivos extraordinarios, sem discurso da corôa, — e o governo, promptamente, accedera a esta justa exigencia.

Fontes, para harmonizar os seus desejos e o dos seus amigos com as circumstancias, propunha que fosse nomeada uma commissão de sete membros, á qual seriam aggregados os relatores das outras commissões, e todos examinariam e dariam um parecer sobre os relatorios apresentados pelos ministros. A apresentação d'esse parecer daria o pretexto para o debate, não se occupando a camara até então de qualquer projecto de lei apresentado pelo governo.

A camara recusou a acceitação d'esta proposta — o ministro da fazenda, em acto seguido, como se quizesse bem demonstrar que, em vez de discussões estereis, o governo se propunha fornecer para o exame e voto da camara assumptos importantes d'administração, apresentou o orçamento e o seu relatorio de fazenda. No dia 7 de janeiro, note-se bem! Aprendam n'este exemplo os ministros do nosso tempo.

Mallograda a tentativa dos politicos, que queriam o debate para explanação das suas paixões, surgiu o grupo dos financeiros, que pediram a discussão para liquidarem as suas contas interesseiras. Foi um espectaculo unico, repugnante de sordidez, traduzindo, sem pudor, o egoismo e a ambição, o que se representou, então, n'essa sala, destinada pelo povo aos seus representantes, e transformada pelo mercantilismo em tenda de agiotas mal avindos, provocando-se e desafiando-se na linguagem baixa de bolsistas exasperados! Nunca se vira, como n'esse momento, os banqueiros mais celebres pela usura com que ex-

ploravam os negocios do estado, servirem-se da sua situação de deputados para fazerem pressão sobre o ministro, que tratava de libertar-se das garras aduncas de tão colossaes aves de rapinagem! Nunca se tinham visto representantes de interesses particulsres subirem á tribuna parlamentar, para exporem os seus negocios e pedirem a benemerencia publica, exigirem o proveito e a honra, quererem o lucro e a gloria, reclamarem a camisa do pobre paiz e os louros dos salvadores da patria! Dir-se-ia um drama empolgante, destinado a agitar e commover uma plateia impressionavel, e pondo-lhe, para isso, em toda a nudez d'um realismo crú, os caracteres dos homens desnorteados pela ambição, aristocratisados pela riqueza, e erguendo-se, com a altivez de imperantes, sobre as demais situações sociaes, a proclamarem que o poder do ouro estava acima de todos os poderes do estado! Foi um espectaculo caracteristico do rebaixamento dos ideiaes a que aspiravam os que tinham introduzido um systema politico, baseado na discussão nobre, e encaminhado á elaboração de leis justas e sabias. Se o *templo das leis* estava sendo aquillo, se os *sacerdotes* se tinham tornado assim, bemdito o látego redemptor, que expulsasse os vendilhões; abençoada seria a agua lustral, que purificasse a ara destinada aos puros sacrificios!

Expliquemos, porém, n'um prologo indispensavel, o que deu origem a essas sessões desoladoras.

A situação do thesouro era representada por *deficit* de 2:500 contos, n'uma receita de 12:200 contos, numeros redondos. Essa differença, *real*, entre a despesa e a receita, era, como hoje, disfarçada com varias habilidades d'escripturação, tendentes a mostrar ser o *deficit, verdadeiro*, apenas de 1:199 contos. Um estado financeiro por tal modo desequilibrado obrigava o encarregado da gerencia dos dinheiros da nação a expedientes e relações com bancos e banqueiros, que, na phrase celebre, sustentam o estado como a corda sustenta o enforcado. Durante muito tempo o *Banco de Portugal* mostrára-se o auxiliar dedicado, prompto a acudir a embaraços e urgencias — mas, como tambem é d'uso, á maneira que ia esganando o paciente, impunha-lhe sacrificios progressivos. Shylock foi, por fim, tão excessivo nas condições da usura, que o Avila, como o doente que cuida melhorar mudando de cabeceira, largou um agiota para se metter nas garras d'outro: deixou os do *Banco de Portugal* e entregou-se aos *Caixas do Tabaco*, — trocou o José Lourenço da Luz pelo Carlos Eugenio d'Almeida. Os que perdiam cliente de tão proveitoso rendimento, embraveceram-se com a tentativa de libertação. Entenderam-se com os adversarios do governo. Communicaram-lhe segredos d'operações celebradas e d'outras em projecto, e creando todas as difficuldades instigaram campanhas violentas de descredito, que, depois de abertas na imprensa, esperavam ver reproduzidas no parlamento. O Avila, furioso, despedaçou violentamente todos os laços que o prendiam ao Banco. Como accionista vendeu as suas acções, e como ministro tirou-lhe a direcção de operações que anteriormente lhe tinham sido commettidas, e andavam retribuidas com uma verba especificada no orçamento. O conhecimento dos dous factos produziu alarme que se reproduziu n'uma baixa na cotação das acções. Se o ministro vendia, o perigo era immediato, — dizia-se.

A campanha, assim iniciada, redobrou o desespero dos lutadores. O *Banco*, seguindo processos que parece serem de tradição n'estes casos, proclamou alto o seu amor pela nação. Banqueiros-patriotas, como todos os patriotas banqueiros, quizeram mostrar só terem servido a fazenda com a mira no bem publico—e para anniquilarem o ministro com a prova dos seus sentimentos de entranhado amor pelo paiz, exhibiram communicações em que se tinham permittido dar reprimendas severas pela marcha da politica e da administração. Quem, ao pedir maior juro, logo dissera não irem bem os negocios publicos, tinha, segundo elles allegavam, demonstrado por forma bem nitida, que se devia *mudar de vida* — para segurança do futuro... e dos credores.

O Avila, mais exasperado pela publicação das humilhações que tolerára por algum tempo e soffrera por necessidade, desforçou-se no relatorio apresentado á camara. Logo n'um dos primeiros periodos contava que, tendo pretendido uma operação de 400 contos, embolsavel pelas alfandegas, esta tivera de deixar de ser effectuada por intermedio do *Banco de Portugal*, «porque este exigira uma commissão de 2 por cento e a entrada nos seus cofres dos rendimentos applicados para o embolso da operação, por meio *de uma prestação diaria*, a começar do dia em que fosse levada a effeito a mesma operação.» O *patriotismo* dos agiotas ficava assim n'uma bem triste evidencia! Depois de publicar esta exigencia, e a recusa que lhe oppuzera, o ministro explicava ter commettido o encargo á Junta do Credito Publico, — que o acceitára sem remuneração e com a melhor vontade. A Junta, como se vê, tambem é de tradição só servir, mas servir bem, quando o patriotismo dos banqueiros soffre... eclipse parcial

Com esta exposição preliminar, o leitor condescendente pode seguir agora o espectaculo parlamentar.

❊ ❊ ❊

Foi na sessão de 15 de janeiro que o banqueiro-deputado José Lourenço da Luz, entrando na sala com demonstrações evidentes de irritação, pediu apressadamente a palavra. Na mão trazia um papel, dobrado em forma de officio, que elle brandia como se fôra um montante, na gesticulação larga para acompanhar a conversa, animada, com dous ou tres, que se tinham acercado da sua bancada. Era facil perceber, por isso, que ia tratar-se da apresentação d'aquelle papel, que se não sabia bem se era relacionado com a sua qualidade de banqueiro ou com as suas funcções de deputado, mas em que elle punha, era evidente, um proposito de ameaça e escandalo. Quando pouco depois lhe foi dada a palavra, a sua voz traduziu desde logo a irritação, e as primeiras phrases deram immediato rebate da provocação:

« — Vou fazer uma proposta ou moção, que devo fundamentar sobre o requerimento ou representação, que a direcção do Banco de Portugal apresenta hoje á camara, ácerca dos objectos que se passaram no intervallo da sessão. Eis aqui a representação, que vou lêr. *(Profundo silencio na camara)*.

O sr. presidente.—A representação não se póde lêr, sem permissão da camara. Hei de consultar a camara se permitte que o sr. deputado a leia, no caso de assim se requerer; de contrario não se póde lêr. *(Apoiados)*.»

A nota tachygraphica, registando o silencio profundo, quando se annunciou a leitura, é bastante expressiva, porque denuncía como já não era segredo o desafio ao governo. A circumstancia excepcional de ser um dos directores do banco quem vinha para a camara prevalecer-se da sua qualidade de deputado para tratar dos seus e dos negocios dos collegas, accrescentava a audacia, mas espicaçava mais a curiosidade. O presidente, pelo seu lado, intervindo para evitar a realização da leitura, significára, bem claramente, ter farejado o escandalo, ou ter d'elle denuncia prévia. O ministro da fazenda, especialmente visado na contenda, mostrára, pelo seu lado, uma agitação e nervosismo que lhe eram habituaes nas mais accesas polemicas. Emquanto o presidente procurava consultar a camara n'uma indicação manifesta para a recusa que solicitava, elle avisava os seus parciaes para deixarem proseguir e liquidar o incidente. O mau genio do Avila era conhecido. Ninguem contava vêl-o soffrer um desaire sem se desforrar com violencia.

O Lourenço da Luz pôde, afinal, lêr a representação. Era uma critica aspera, era um desforço de banqueiros despeitados, classificando como um *attentado* a communicação feita pelo ministro, no seu relatorio de fazenda. Effectuada a leitura, propôz que a representação fosse communicada ás commissões de fazenda, legislação e infracções, e convidou estas para darem parecer urgente. O Avila levantou-se. Estava rubro, como se o ameaçasse uma congestão.

«—Eu tomo como do nobre deputado as expressões que veem do Banco de Portugal, e em resposta a v. s.ª direi que é uma injuria feita ao governo. Peço que se comparem todas as expressões que o nobre deputado imputa ao governo e *todas as mais expressões amaveis* que a direcção do Banco de Portugal está no habito de dirigir ao ministro, com as que o governo, sobre este objecto, apresentou no seu relatorio. Prometto trazer á camara todos esses documentos, e por elles se pronunciará um juizo seguro a este respeito, avaliando-se devidamente as causas que deram origem ao procedimento do governo, e então se conhecerá, se não foi a direcção do Banco de Portugal quem nos levou a romper todas as relações que com ella podiamos ter. Era impossivel que a um estabelecimento d'esta ordem se consentisse o estar constantemente a dirigir-se n'uma linguagem inconveniente a um poder constituido. Peço licença para lêr esta parte do relatorio, na qual eu descrevi esse facto unico n'este paiz...

O sr. Silva Cabral: Se está em discussão a materia principal, peço a v. ex.ª a palavra.»

A partir d'esta intervenção o tumulto irrompe e vae sempre em augmento. O presidente,—um dos Cabraes, João Rebello,—objecta ao outro Cabral interruptor,—o José Bernardo,—que está fóra da ordem,—e o Cabral, presidente do canselho,—o Antonio, conde de Thomar,—voltando-se para o irmão José, invectiva-o com energia. Toda a familia está em conflicto! O berreiro é atordoador.

A campainha da presidencia tilinta com violencia,—mas de repente, quando é cada vez mais necessaria essa voz aguda d'aço temperado, o badalo desprende-se e vem até ao meio da sala, como um projectil lançado contra os batalhadores! Entretanto, os dous da contenda principal, o ministro e o banqueiro, dirigem-se, de punho fechado, provocações e ameaças. O presidente do conselho, tomando a defesa do seu ministro da fazenda, berrava «que o queixume era determinado pelo governo ter *levantado a manjedoura* ao Banco, — por lhes ter retirado a *cevadeira*.» O deputado-banqueiro, o amigo de

pouco tempo, retorquiu-lhe no mesmo tom, e no mesmo metal de voz:

— Se o Banco é manjedoura, v. ex.ª nunca ha de comer n'ella!...

— Tenha a certeza que me não mette medo... tornava-lhe o conde, sem atentar na replica. — Sei resistir a inimigos muito superiores a intriguistas e agiotas!

A presidencia impotente, sem badalo e sem meio de dominar o tumulto, teve de recorrer ao chapeu: cobriu-se e interrompeu a sessão.

Tal foi o primeiro acto d'este espectaculo deprimente — destinado a comprovar a errada orientação de trazer ao parlamento os que tenham sido, e queiram continuar a ser, agiotas do governo.

Quando se reataram os trabalhos, o presidente da camara, já com a campainha nova, e tomando os seus ares mais solemnes, disse:

— «Srs. deputados: lembremo-nos do que devemos ao paiz *(apoiados)* e de que aqui não devem vir paixões *(Apoiados numerosos)*. Eu estou a sustentar os direitos da tribuna *(apoiados, apoiados)*: tenho direito a fazel-o *(Muito bem)*. O presidente é n'este logar inflexivel, não accede a paixão nenhuma, ha de fazer respeitar a lei para bem do paiz. Para quem quer que seja ha de ser sempre o mesmo — inexoravel —; hei de ser sempre, e cumpre que seja respeitado. *(Vivos apoiados)*. Quando é que se viu que um poder do Estado fosse n'este recinto tão violentamente atacado!?... *(Silencio profundo)*. Continúa a discussão e tem a palavra o sr. ministro da fazenda.»

O ministro continuou então a fallar, mas o director do Banco não cedeu ás admoestações nem deixou de interromper com phrases rudes de desmentido. Quando o ministro fazia uma affirmativa, elle oppunha-lhe logo um categorico — *não é verdade!* — O Avila, exasperado, invoca o testemunho dos outros que deviam ter conhecimento dos factos, taes como tinham occorrido, e protestava, entre clamorosos applausos da maioria, — *«que era preciso esmagar a usura, e que, n'este paiz, ou elle daria cabo d'ella ou havia de deixar de ser ministro.»* O Lourenço da Luz, que viera com commissão dos collegas para dar o *dó de peito* e desforrar-se das commissões perdidas, dos negocios de fazenda que tinha passado a outras mãos, não era perante taes ameaças que desistia de replicar. Com a mesma falta de comprehensão de que aquelle não era o logar proprio para desenvolver as contas de caixa relativas aos lucros e a incidentes das operações, entrava em detalhes escusados e em notas impertinentes. Então mudaram-se as interrupções: o Avila é quem gritava: — *Não é verdade, não é verdade!* — e o banqueiro é quem berrava: — «*É necessario que acabe este systema de immoralidade; é necessario que acabe este systema continuado de decepção!*»

É impossivel, pela extensão, reproduzir toda essa pugna vergonhosa, estirada por largas horas em duas sessões demoradas e que, apesar d'isso, foram prorogadas! O Lourenço da Luz explicou, audaciosamente, que elle e os collegas do Banco não aspiravam a ser ministros: «— *O que queremos é que o governo se não desacredite pelos seus actos, porque com esse descredito vai tambem o da causa publica, com a qual o Banco está intimamente ligado.*» O ministro disse-lhe que as sympathias que o seu estabelecimento gosava, as podia vêr claramente na attitude da maioria dos representantes da nação. «— *Pois pague o governo o que deve ao Banco, e liquide*» — tornou-lhe o Luz, no tom de crédor impertinente dirigindo-se a um misero e humilhado devedor. Não se póde imaginar scena mais deprimente, mais fóra de todos os usos, já não dizemos do parlamento, mas ainda de uma assembléa com modelos menos polidos! Longe de affrouxar na insolencia altaneira, o banqueiro foi sempre subindo na arrogancia. Por fim, já berrava que a sua situação ali, como deputado, era superior á do ministro, e a uma nova tentativa de interrupção que este ia a fazer-lhe, impôz-lhe silencio com esta phrase, que por ser sincera é caracteristica:

— «Não quero continuar a ser interrompido; *não me faz conta...*»

Talvez por que via bem *não fazerem conta as interrupções* ao adversario, é que o ministro da fazenda insistia. O Luz, com a mais solemne impertinencia, ameaçou então:

— «Ou o sr. ministro se cala ou eu saio da sala!»

Foi n'esse momento que o presidente do conselho, irritadissimo, pondo-se em pé, gritou para a presidencia:

«Peço a palavra! O sr. deputado parece que está a fallar com um regedor de parochia!

Facilmente se comprehende como estas sessões e os seus episodios forneceram assumpto para deputados e jornalistas, em harmonia com as tendencias de cada um e com a vária feição do seu espirito, pronunciarem discursos ou escreverem artigos, ferindo a nota grave e indignada, ou a ridicularisadora e hilariante, para achincalhação dos personagens! O nosso Souto Maior, no meio da mais geral hilaridade, commentou:

— «Foi tanto o calor da discussão que v. ex.ª, sr. presidente, querendo chamar os

srs. deputados á ordem, tal força empregou, que até lhe cahiu o badalo da campainha! *(Risos).* E hontem parece que a fatalidade quiz que houvesse umas poucas de quedas: caiu o badalo da campainha, caiu a *Novello* em S. Carlos, caiu o *Narvaez* em Hespanha, caiu o *Changarnier* na França.» *(Hilaridade geral).*

O Carlos Bento dava a outra face do incidente:

— «Esta questão é maior do que se quer fazer, porque esta questão é a questão financeira do paiz. Nem tudo vem nos relatorios, nem nas contas que se publicam: a verdade apparece muitas vezes n'estes conflictos que se suscitam; é n'estas occasiões que se houve o que se não sabe; é então que se abjuram systemas que se seguiram.»

Se estes e outros politicos examinavam o incidente escandaloso pelo lado dos seus interesses partidarios, os varios homens da finança que estavam na camara,—e que começavam a fazer negocios com o estado com intuitos tão patrioticos como os que tinham antecedido,—acudiram ao exemplo, aproveitando o ensejo para prégarem o seu amor pela nação... e o seu desapego pelos juros e commissões. Eram, n'aquella camara, deputados e homens de negocios, os caixas do tabaco José Maria Eugenio d'Almeida e José Isidoro Guedes. O primeiro, fallando tambem pelo socio, veiu pôr a alva toalha no altar aonde a sua companhia sacrificava ao Bem Publico:

—«Vi surgir, durante à discussão, proposições taes que eu nunca esperei se apresentassem n'esta casa, e menos por quem as avançou: vi fazer recriminações as mais pungentes, fallar em actos publicos e particulares, vi devassado o sigillo; observei, sr. presidente, que não se guardaram nenhumas d'aquellas conveniencias que cumpre guardar, que é rigoroso dever guardar em objectos tão serios e tão graves; fui testemunha de allusões inauditas, e que podem trazer comsigo funestos resultados! Entre essas allusões ha algumas que me parecem graves; e eu entendo que uma d'ellas póde ser dirigida a uma corporação de que faço parte e um meu collega que tambem se encontra n'esta casa: entendo, por consequencia, que me compete agora invocar em meu beneficio a desordem da discussão que aqui existe, a fim de dirigir uma pergunta, que julgo do meu dever dirigir, ao illustre deputado o sr. José Lourenço da Luz . . .

«Peço ao illustre deputado se digne declarar se a allusão que fez, se dirige ou não ao Contracto do Tabaco».

Agora a polemica desviava-se. Era o *Banco* com os *Tabacos*. Cada um em seu balcão, carecia a fazenda propria e desafiava o official do mesmo officio! Mão direita na ilharga e mão esquerda na algibeira, fazendo chocalhar as grossas peças d'ouro com a effigie veneravel de D. João v, os argentarios, ali, em pleno parlamento, tendo como interessados espectadores os representantes da nação, suspendendo a missão constitucional que incumbia aos legisladores, disputavam sobre negocios, propunham-se a demonstrar qual d'elles fôra mais moderado no juro, menos exigente nos lucros! Era o rebaixamento, até a inverosimilhança, da instituição que os recebera ali e lhes dera o direito, mal comprehendido, para poderem usar da palavra!

Quando viu o dos *Tabacos* a dar-lhe lições, o do *Banco* não hesitou em acceitar o ensejo para acudir pela gloria propria e pela excellencia da mercadoria:

— «Sr. presidente, não sou d'aquelles que me tomo mais vulgarmente de paixões de momento, tenho sangue-frio bastante para ouvir, não só contrariar as minhas opiniões, não só para ouvir chamar-me falto de verdade, mas até de taxar-me de falto de intelligencia. Não pude entrar na Universidade, sr. presidente, não porque as portas me fossem cerradas, mas sim porque a minha situação originaria me não deixou lá ir: mas, sr. presidente, não troco a minha intelligencia pela do illustre deputado. E se na faculdade em que s. s.ª se acha bacharel formado, quizer trazer as questões ao senso commum, hei de resolver-lh'as tão bem como a sciencia lh'as ensinou a resolver . . .

. . . O que eu digo novamente, é que é verdade ter alludido ao *Contracto do Tabaco;* tenho provas graves relativamente ao modo porque o Contracto **deseja desfructar o que pertence ao Banco.** *(Vozes:* ouçam, ouçam).

O orador. — Ouçam, ouçam, porque desejo dizel-o de modo que em toda a parte se saiba . . .

. . . Eis aqui a razão porqne não recuo diante do que disse . . . »

Para fecho d'uma tal discussão, para epilogo d'um tal debate,—que mesmo por estas resumidas indicações póde bem ser comprehendido e apreciado — só resta dar um trecho das explicações com que o proprio ministro da fazenda julgou preciso não só narrar o que passára, mas até como possuia as acções do Banco de Portugal, — que vendera ao pôr-se em conflicto com a direcção do estabelecimento.

Este precioso retalho da historia da desavença, tambem não devia ficar sem ser aqui reproduzido :

— «Ha dez annos procurou-se deprimir a

minha reputação como homem, porque tinha dezeseis acções do Banco. Foi preciso recorrer áquelle estabelecimento para, em vista do competente assentamento no respectivo livro, provar que eu tinha essas acções já antes de ser ministro; este anno lança-se mão de um outro meio para igualmente manchar a reputação de um homem que se présa de ser honrado, — e a respeito de honra peço meças a todos os que de ser honrados se presam tambem.

«Digo, pois, que não vendi as minhas acções a nenhum grande estabelecimento, como se quiz inculcar. Já citei a pessoa com quem teve logar essa transacção. Vendi-as, não por maior valor do que no mercado, mas sim por menor, porque, como disse, vendi-as a 396 ou 397$000 réis, emquanto que ellas estavam computadas no mercado a 400$000 réis».

Peço meças a todos os que de ser honrados se presam tambem. A phrase é plebeia, mas o desafio é digno. Fechemos com ella, pois, a historia d'uma sessão que fôra plebeia... e não fôra digna.

Barbosa Colen.

MULHER EGYPCIA

Synopse dos quatro capitulos publicados—*Um velho fazendeiro australiano, Pedro Braz, cuja origem é desconhecida, e de quem se não conhece familia, morre depois d'uma viagem, tendo promettido a Helena Moss, cuja vida infeliz o commovera, e a João Millington, advogado intelligente em principio de carreira, deixar-lhes em testamento todos os seus bens que são avultados. Depois da morte, porém, não se encontra o testamento, e as propriedades, á falta de herdeiros conhecidos, entram em administração judicial. Faz-se leilão dos moveis; e alguns objectos da mobilia dispersam-se pelo mundo. Corre a lenda de que a alma de Pedro Braz anda penando e parece que a desventura acompanha sempre os possuidores diversos d'aquelles taes moveis que perteceram a Pedro Braz, o velho criador de gado. Um tal José Candler, vagabundo, chega por acaso a Malugalala; pede pousada, é recebido, e informa-se do caso do testamento de Pedro Braz. O creado d'este, Bob, rapaz gracejador, encontra na physionomia de José Candler parecenças com o fallecido patrão. Em conversa, pergunta lhe se elle vem recolher a herança, e acende-lhe assim o fogo da ambição. Faz o seu plano, procura o advogado Millington propõe-lhe dividirem a herança, fazendo-se elle passar por sobrinho de Pedro Braz. E' repellido severamente. Encontra um advogado desacreditado Geeves, e os dois associam-se n'uma demanda para obter a herança. Helena Moss parte para uma fazenda no interior, acompanhando, como governanta, Francisco Crapp, jornalista, o qual vae substituir o dono das pastagens, seu amigo, que se ausenta por alguns annos. A fazenda Narenita é proxima da Malugalala. Helena Moss volta a visitar a antiga fazenda de Pedro Braz. Descrevem-se varios incidentes da vida do matto.*

CAPITULO QUINTO

Em que se descrevem as desventuras da familia Reid. que possuia alguns moveis de Pedro Braz, agora novamente vendidos.

WALTER REID e seus filhos, aquelles que haviam tomado a deliberação de procurar na colonia inicio de nova vida, chegaram justamente ao porto de Sydney n'um dia de sol refulgente e acariciador, um dia de magnificente belleza, que dilata a alma dos felizes e esmaga o espirito dos desventurados. Luiza e Alberto, os dois mais novos, na simpleza dos seus poucos annos, soltavam palavras de enthusiasmo e de admiração perante o desenrolar progressivo do panorama do porto, da cidade, dos arredores, dos campos longinquos. Catharina conservava-se no convéz, silenciosa e triste; perto d'ella, seu pae egualmente taciturno. Uma profunda tristeza acompanhara-o durante a viagem, e crescera tanto de intensidade, que degenerara em visivel doença. Sua filha estava amargamente desilludida, ella que tanto tinha esperado d'esta viagem. Agora no momento da chegada, quando era necessario readquirir toda a coragem para encetar a lucta da vida, ella via com magôa profunda seu pae conservar-se curvado sob a mesma afflictiva desesperação. Tinha vindo, quanto possivel, afastado dos outros passageiros, na impossibilidade de ser superior ao seu desgosto. Um scenario deslumbrante, em mutação rapida e dissolvente, desdobrava os seus encantos defronte d'elle, á medida que o paquete singrava em busca da amarração, mas elle não lhes prestava a menor attenção. Nada na vida o interessava. A mudança de aspectos, o desconhecido da sua nova vida, não lhe trouxeram mudança de sentir, nem renovação de coragem moral.

Desembarcando no cáes circular, Walter Reid procurou apressadamente pousada n'um modesto hotel junto do porto. Pouco depois manifestou-se-lhe uma crise aguda na doença que o vinha minando. Uma dôr violenta sobre o coração, uma syncope prolongada.

Soccorrido immediatamente ainda voltou a si, chamou a filha e disse-lhe: — Catharina, perdôa-me, não devia ter vindo para esta terra. Vim só para morrer, como estrangeiro em terra estranha, deixando-vos abandonados. Tinha de ser, Deus assim o quér...

Subito a dôr reappareceu violenta, a constricção do peito suspendeu-lhe a respiração, o coração parou, e não mais voltou a palpitar no rythmo da vida.

O medico preencheu o boletim impresso da certidão d'obito, escrevendo na causa da morte — angina pectoris. Enterraram-n'o em Rookwood, um cemiterio onde abundam as sepulturas de desconhecidos; onde muitos mallogrados em seus intentos dormem o somno da morte, bem longe da patria, da sua adorada terra natal. Não poderam uns aclimar-se; victimas outros de seus antigos pezares, exacerbados pelas novas contrariedades. Esperavam vir encontrar o dourado thesouro, a fortuna, porém acolheu-os apenas a decepção amarga. Longe de parentes, estranhos entre estranhos, muitas vezes foram encaminhados pelo destino para morrer ao abandono, pobres silenciosos dormentes do cemiterio de Sydney, vindos ás vezes alegres, cheios de esperança, em busca da riqueza, que illude felicidade, e sobre cujas sepulturas abandonadas, sem outro distinctivo do que um numero, perpassa a branda aragem tepida, soprando mansamente, e carreando indifferente os eccos esbatidos do bulicio do mundo.

A' volta do enterro, que foi excepcionalmente triste, a pequena familia, composta das tres creanças orfãs, sentaram-se no solitario quarto do hotel, olhando umas para as outras em mudo pezar doloroso.

— Oh! Catharina, se pudéssemos voltar para a nossa terra?! Esta é horrivel — lamentavam os dois irmãos mais novos, achegando-se a ella, n'uma instinctiva ancia de amparo e de defesa.

Ella abanava a cabeça, e pensava e pensava n'um triste e desolador aspecto.

Mais tarde, pela noite, o medico voltou a visital-os, segundo pedido instante que lhe fizera Catharina.

— Fez os seus planos do futuro, menina Reid? — perguntou elle delicadamente.

— Não — respondeu ella n'um tom perturbado, ancioso, como quem pede conselho.

— Ouça, minha senhora; vou dizer-lhe o que pensei e que talvez mereça a sua approvação — continuou elle, depois de curto silencio, e acceitando a cadeira que Catharina lhe offerecia.

— Levarei comigo este rapazito — collocando bondosamente a mão sobre a cabeça de Alberto. Procurava n'este momento um pequeno que me acompanhasse na clinica suburbana e me auxiliasse. Tenho uma irmã, viuva, que tem um filho ainda pequeno. Ella julga-o o ente mais admiravel d'este mundo, e quer ter alguem para a ajudar na admiração. Portanto ha de gostar muito que a menina Luiza vá tambem com seu irmão. Quanto á senhora, recebi ha poucos dias uma carta de uma amiga de minha irmã, que é mulher do administrador de uma fazenda, em que me pede que lhe encontre uma senhora nova, a qual lhe póssa servir de companhia, e ao mesmo tempo de mestra para as creanças. São tres, e muito novas ainda, portanto só precisam de instrucção rudimentar. Estou certo que será recebida com affecto e viverá muito confortavelmente, pois a senhora Green é muito delicada e excessivamente bondosa. Aqui está a carta d'ella, dar-lhe-ha alguma idéa das suas intenções, — e o doutor tirou da carteira um papel.

— Obrigada, senhor doutor; é extremamente amavel a sua proposta; mas não é facil separarmos-nos tão bruscamente. Quereria ter coragem para deliberar já e acceitar; mas a separação immediata...

— Não decida por'ora. Pense minha senhora, e mais tarde dir-me-ha as suas intenções, — affirmou com brandura o medico, que na sua clinica de emigrados se habituara a ser, por inclinação de espirito compassivo, um pouco, procurador de seus clientes. Em seguida retirou-se.

A idéa da separação affligia os pobres orphãos, e trataram de conseguir outra solução á sua vida.

Em breve reconheceram que aquelle era o recurso unico e providencial. Os meios iam-lhes gradualmente diminuindo; as despezas do enterro tinham cavado fundo no seu pequeno peculio. Nenhum dos tres pensou por um momento na conta do doutor, que por bondade não a apresentara. A necessidade constrangeu-os a uma deliberação.

— Precisamos acceitar o offerecimento do doutor — disse Catharina, aconchegando n'um abraço os dois irmãos.

— Oh, Catharina! — exclamaram os dois — não nos mandes embora.

— Eu não vos mando, meus queridos. Sou eu que tenho de me ir embora, mas vocês dois poderão vêr-se e estão juntos em casa do doutor. Temos de trabalhar com animo, para poupar algum dinheiro. Então poderemos viver juntos outra vez e dias mais felizes virão após estes bem tristes. E como dos olhos lhe cahissem pela face silenciosas lagrimas, a irmãsita atalhou logo:

— Pois sim, Catharina. Fica certa de que

serei uma boa rapariga, escrever-te-hei todos os dias, e tu virás vêr-nos pelas ferias; não é assim?

— Assim o espero.

— E eu hei de aprender tudo quanto poder e ajudar o doutor — affirmou, por seu lado, solemnemente o irmão, que n'aquelle momento antevia a dura vida e a responsabilidade do trabalho e do dever — ainda hei de ser tambem medico, e ganhar muito dinheiro. Todavia isso levará muito tempo; sou ainda tão novo, vês! — Despertava n'elle esse incessante desejo de envelhecer, de ganhar dias, que na esperança de melhor fortuna nos acompanha sempre.

No dia seguinte procuraram o doutor e declararam-lhe acceitar os seus offerecimentos.

Venderam a sua pequena mobilia, que haviam trazido de Inglaterra, e mais uma vez a velha cadeira e o retrato de Pedro Braz mudaram de dono, no agourento fadario a que pareciam predestinados.

A ultima tarde que estiveram juntos passaram-n'a no cemiterio ao lado da humilde sepultura do pae. Em pequenas phrases breves, simples annotações ao pensamento intimo, foram recordando a sua curta existencia nos dias felizes, quando vivia a mãe que tão intensamente chamara para junto d'ella o companheiro. Entretanto o sol ia desapparecendo entre nuvens acastelladas que se afogueavam no horizonte, e se esbatiam, em suave decomposição de luz, nas côres do arco iris e em gradações subtis. Pouco a pouco um grande veu tranquillo cobria o campo da morte e os tres irmãos quedaram-se silenciosos, pensamento e sentir demasiadamente tristes para os poderem expressar.

—Faz-me favor de me dizer se é a menina Reid?

No dia seguinte, o doutor acompanhou á estação o pequeno grupo dos tres irmãos á despedida de Catharina. Dolorosa foi a separação; parte das pessoas que estavam reunidas na plataforma da gare estranharam a violencia da manifestação de pezar que elles não podiam comprehender, parte tiveram olhares de sympathia, sentida no intimo, por aquellas creanças cuja historia phantasiavam ao sabor dos proprios sentimentos.

O doutor escrevera á senhora Green contando-lhe o caso de Reid; que a leu á senhora Moss e o coração das duas mulheres ficou tocado de sympathia pela infeliz desconhecida. — Pobre creatura! — dizia Helena Moss, ao ouvir a dolorosa historia, e aferindo-a pelo que ella passara na vida. Devemos fazer todo o possivel por a tornar feliz. Pobre creatura! Ella ha de sentir-se muito só; — e n'estas boas intenções as duas senhoras seguiram para Talworth onde a deviam esperar.

A pobre Catharina sentiu-se realmente muito triste e só, quando o comboio partiu da estação de Redfern, e foi através de lagrimas que ella viu o ultimo acenar de despedida do irmão e da irmã. Recostou-se para trás no seu lugar e, cançada em extremo, cahiu n'um somno inquieto.

O comboio de Sydney chega a Talworth pela madrugada; apeou-se estremunhada. Era uma manhã de chuva miuda, quente, como se fôra um desfazer de nevoeiro. Pela primeira vez, desde que partira, se recordou se alguem ali estaria para a esperar. Se não, como havia de fazer para chegar a Narenita? Talvez houvesse então comboio até lá? O doutor fallara-lhe d'esse lugar como se fosse uma fazenda no interior do matto; mas de-

pois tomara o bilhete d'ella para Talworth. Procurou em redor se haveria entroncamento de linha. Evidentemente não havia, e hesitante planeava uma resolução, quando se approximou d'ella uma senhora alta e delgada, e com voz acariciadora e em tom affavel lhe disse: — Faz-me favor de me dizer se é a menina Reid?

— Sim — replicou Catharina, tremendo-lhe os labios ao pronunciar tão simples palavra.

— Quanto me alegra que tivesse chegado. Permitta-me que a felicite á entrada de Talworth. E' um bonito sitio, não obstante na presente occasião lhe parecer injustamente triste. São estas as suas malas? Reconheci-a pela descripção que de si fez o doutor em carta que escreveu. Ah! aqui vem a senhora Green.

E falladora, communicativa, a senhora Moss procurava tornar alegre a recepção da graciosa orphã, naturalmente acanhada e triste.

Em breve recolhiam-se ao hotel, e depois da costumada chicara de chá, repousavam até que a manhã fosse mais adiantada.

— Sinto muito ter-lhes causado tanto incommodo — protestava agradecida Catharina.

— Nenhum, nenhum, minha querida. Foi para nós uma variedade na vida habitual que nos divertiu. Madrugar e sahir foi uma novidade — asseguravam-lhe ao mesmo tempo as duas bondosas senhoras. — Não seguiremos hoje para Narenita. Desejo que Narenita lhe faça uma excellente impressão; e além d'isso vamos aproveitar o dia em fazer diversas compras. Agora vá descançar.

Ellas procuravam fazer despertar uma vibração de sympathia no coração da pobre menina que adormeceu n'um brando sentir de esperança e de paz, como ainda não experimentára desde o triste dia em que perdera seu pae.

Era quasi meio dia quando ella acordou, refeita de forças e de boas impressões. Aquelle encontro com estranhos, que tanto temera, tornára-se-lhe muito menos custoso do que prevêra. Aquillo que mais tememos torna-se geralmente menos terrivel na realidade do que a nossa imaginação o fazia suppôr. Com agradavel surpreza descobriu que as senhoras tinham esperado por ella para sahir. Fôra unicamente um pequeno acto de bondosa deferencia da parte das duas senhoras, mas foi profundamente consolador para o seu coração triste e faminto de ternura.

O dia de compras passou para ellas, como para todas as filhas de Eva, mui agradavelmente, dentro dos armazens de novidades e pela tarde a chuva cessou e o tempo parecia melhorar. Resolveram regressar no outro dia a Narenita.

A manhã seguinte appareceu clara e limpida; nem uma nuvem no azul do céo. O ar fresco tinha aquella subtil aspereza, que põe em vibração a sensibilidade nervosa, muito ao de leve, n'um estimulo de energia. A jornada para Narenita foi encantadora, e Catharina, para quem tudo era tão novo, tudo surpreza, apreciou-a verdadeiramente.

Todos os aspectos do matto lhe fixavam a attenção. A immensa e illimitada expansão dos horizontes, o temor inspirado pelo silencio, o azul avelludado do céo, o sol brilhante como um disco de ouro, suspenso sobre aquella cortina sumptuosa, um agrupamento de arvores admiraveis, soberbas na sua grande altura, de folhas lustrosas e envernizadas, os animaes e aves raras atravessando o caminho, tudo lhe fazia experimentar estranhas sensações.

Depois as companheiras da jornada que conheciam o matto, iam-lhe relatando historias de aventuras de par com a mutação do scenario, em quanto os cavallos arrancavam o *buggy* no seu rapido e cadenciado trote, por sobre a ciciosa areia dos caminhos, apenas indicados pelos sulcos das rodas que por ali anteriormente passaram. De quando em quando aspera ribeira sussurrante no leito revolto, e aqui e ali uma albufeira encrespada pela aragem, onde os rebanhos vinham beber.

A meio caminho houve a costumada *alta*, a paragem de repouso, distribuição da ração aos cavallos, e refeição dos viajantes, trazida em abundante farnel.

Como não havia arvores proximas da albufeira junto da qual se detiveram, sentaram-se á sombra do *buggy*, e longamente repousaram. Afinal Dick, o criado que lhes servia de cocheiro, levantando-se com relutancia, perguntou:

— Senhora Green posso atrellar os cavallos?

— Que horas são? — replicou ella pouco desejosa de quebrar o encanto da paisagem, que tão profundamente impressionava todos.

— São quatro e meia — respondeu Dick, observando a posição do sol.

A senhora Moss, que consultára o seu relogio, confirmou a informação. O sol é o relogio do homem do matto. Mesmo n'um dia nublado, quando não brilha o sol, elle olha em redor, e diz a hora exacta. Poucas vezes se enganará. Em breve proseguiram na jornada.

Finalmente appareceu á vista a residencia dos Greens. A primitiva casa, de feitio antigo, mas de graciosa apparencia, fôra recentemente augmentada com annexos d'outra con-

strucção que mais saliente tornavam o contraste. Rodeava-a uma varanda larga para onde abriam as portas dos quartos, dando lhe o aspecto caracteristico dos *bungalaws* indianos.

Toda a gente da casa estava na varanda, esperando a chegada do *buggy*. As creanças batiam palmas, e gritavam em alegre algazara pela volta da mãe. A senhora Green e Catharina apearam-se, tendo o *buggy* de continuar até a casa da fazenda com a senhora Moss. A residencia principal, como já descrevemos, estava a algumas centenas de metros mais acima, e d'outro lado da ribeira, que ali alargava em albufeira de represa. Catharina em breve sentiu que na sua infelicidade fôra ainda favorecida da fortuna, porque percebeu bem com quanta affabilidade sincera e meiga ia ser recebida e estimada. Depois do jantar, noite fechada, em redor do candieiro collocado ao centro da mesa do serão, a conversação foi intima, entre os Greens e ella. O assumpto tambem era vasto; a trama de impressões, a narrativa minuciosa, do que se passára nos dois dias em Talworth e na *fazenda*.

— Sabes, Alfredo, dizia a senhora Green, o *buggy* precisa de um grande concerto. Está-se fazendo muito tremulo e pouco seguro. Assustou-me por vezes no caminho.

— Com effeito, reparei n'isso, na semana passada, quando sahi n'elle. Precisava ser substituido, mas a occasião não é opportuna, minha querida.

— Olha, outra cousa. A roseira brava está fazendo progressos extraordinarios. E' forçoso desbastal-a, senão tudo invade. A roseira brava é uma praga n'estes sitios, menina Reid.

— Que pena! O perfume é tão suave — observou a rapariga.

— E', mas se não se desbasta a tempo arruina todo um lugar. Apossa-se do terreno inteiramente.

E a senhora Green ia fazendo ao marido o relatorio do que vira atravessando as propriedades, notando faltas, ou transformações necessarias, um poste que estava partido, um caminho mal vedado, um distico apagado nos postes de signal. Depois eram as apreciações das propriedades vizinhas atravessadas para chegar a Talworth.

— Os Smiths estão fechando com vallado as suas terras da montanha. Não imaginas que gracioso está o jardim do Robinson e que bello aspecto teem os pomares d'elle; os Browns alargaram a casa; teem agora uma varanda similhante á nossa.

O marido ia ao mesmo tempo dando-lhe noticias do que succedera na *fazenda*. Tudo cousas simples, banaes, que interessam comtudo a vida do matto, fazem a trama d'aquellas existencias tranquillas. Um velho fazendeiro das vizinhanças que viera participar o proximo casamento da filha, para o Natal. A hospedagem concedida a uns agentes de casas de Sydney, que iam de passagem, com quem entabolara negociações de lãs que pareciam vantajosas. E assim se mantinha a conversação seguida, trevialmente monotona para almas complexas de habitantes das cidades, rica de interesse para os espiritos educados na vida isolada do matto.

A senhora Green trazia farta provisão de compras, que ia mostrando ao marido, consultando-lhe o gosto e a approvação da escolha; vestuario para os pequenos, um chapeu para ella, alguns objectos de decoração para a casa, pequenas phantasias que haviam de accrescentar encanto ao salão em que passavam as noites, como aquella, tranquillamente, separados do mundo.

CAPITULO SEXTO

De como o acaso faz descobrir varios documentos elucidativos da vida e origem desconhecida do velho Pedro Braz.

João Millington continuava a exercer, entretanto, a sua profissão com exito crescente. Duas causas importantes, de delicada contestação e de valiosos interesses, ganhas com extrema habilidade, grangearam-lhe maior fama ainda do que os antigos processos criminaes, em que a sua palavra eloquente e argumentação subtil tanto haviam concorrido para lhe dar nome. Depois d'aquellas outras demandas, começou de correr fama do saber do moço advogado, e foi considerado um jurisconsulto eminente, cuja consulta e parecer impunham auctoridade. Todavia não abundavam na colonia as questões; a sua mocidade ainda levantava desconfianças em muitos que preferiam buscar conselho n'outros mais experimentados pelos annos e pelas vicissitudes dos tribunaes; de sorte que só pouco a pouco, ia recrutando clientela e rendimento. Por isso, recordava-se a miudo do promettido legado de Pedro Braz, e dolorosamente lastimava o desapparecimento do testamento. Occupava-se com escrupulosa attenção dos negocios e administração das vastas propriedades, em que fôra investido pelo tribunal, mas perguntava muitas vezes a si proprio, — desconsolado commentario, — para quem iriam afinal todas aquellas rendas accumuladas.

N'uma manhã, no seu escriptorio, abrindo o correio diario que lhe collocavam sobre a

sua banca de trabalho, encontrou uma carta da senhora Moss, na qual, entre cousas banaes da vida ou de pequeno interesse, ella lhe dizia que no districto continuava a affirmar-se insistentemente no apparecimento de phantasmas em Malugalala; que o espirito de Pedro Braz se vira em differentes pontos da fazenda e na casa deshabitada, e seguia-se descripção minuciosa dos casos occorridos com este e com aquelle outro, em circumstancias extraordinarias.

— Melhor fôra que tivessem o bom senso de perguntar á alma de Pedro Braz, quando a vissem, o que é que elle fizera do seu testamento — ia commentando João Millington na leitura da carta que em breve lhe despertou maior interesse, pois havia n'ella alguma cousa mais digna de attenção do que as disparatadas historias de phantasmas.

«Fiz uma descoberta ou antes fel-a Bob— escrevia a senhora Moss. — São uns documentos que o hão-de interessar quando aqui vier, comquanto não dêem luz sobre o perdido testamento, pelo menos que eu possa ver. Em seguida enumera os papeis. Outro caso de interesse, o pretendente Candler está aqui, e trouxe comsigo um homem que declarára ser seu advogado. Pediram hospedagem a Geo e pareceu-me que tanto elle como sua mulher estão bastante agastados com taes hospedes, quando outro dia a pedido e por amor d'elles os fui visitar. Bob, que os não pode ver, desconfia d'elles e vigia-os cuidadosamente. A senhora Green tem agora uma governante nova, recentemente chegada de Inglaterra. E' uma interessante rapariga. Estou encantada com ella e desejava que cá estivesse para lhe succeder outro tanto. Aqui tem, pois, um duplo motivo para vir a Narenita.»

O joven advogado sorriu-se amargamente d'esta sentimental insinuação da senhora Moss; mas decidir-se-hia a partir para Narenita, se não fosse a sequencia de audiencias a que tinha de assistir.

❀ ❀ ❀

A reapparição de José Candler na propriedade descontentára profundamente Bob e ainda maior era o seu desgosto por ter ouvido dizer que o novo companheiro d'elle era homem de leis. Olhou para tudo isto com uma grave desconfiança, e deliberou seguir os dois recemvindos com estreita e suspeitosa vigilancia. Tinha-os debaixo de vista tanto quanto lhe permittiam as suas occupações. Uma manhã viu-os tomar o caminho do pequeno cemiterio. Depois da morte do velho patrão, Bob fôra encarregado pelo chefe dos pastores, o sr. Geo, de cuidar do cemiterio, vedal-o, limpal-o da herva, alindal-o quanto possivel; n'esse tempo ficou elle surprehendido de encontrar indicações de maior numero de sepulturas do que esperava. Tinha supposto achar duas apenas a de Pedro Braz e do seu antigo amigo de quem ouviu fallar. Cautelosamente demarcou-as, cortou-lhes a relva que as cobria. Nenhuma pedra fôra ainda collocada sobre a sepultura do velho fazendeiro; porque João Millington, como administrador, não julgava necessario fazel-o, até que se fixasse definitivamente a quem competia a posse da propriedade. A senhora Moss admirára-se d'esta hesitação, quando lhe lembrou a collocação da pedra, Bob tambem estranhára o caso. Em compensação plantou no cemiterio algumas arvores ornamentaes, alindou o terreno, semeou-lhe flôres e o pequeno *acre de Deus* — como elle lhe chamava, — tinha um aspecto excepcionalmente garrido e respeitoso para cemiterio do matto.

Logo que viu os seus hospedes detestados encaminharem-se para ali, tomou das suas ferramentas, não tardou em os seguir. Quando os viu sentados sobre a sepultura do seu fallecido patrão, um lugar para elle tão sagrado, sentiu um profundo desgosto e com difficuldade reprimiu a explosão de colera. — Hei de pôr uma defesa em volta d'ella. Não hão de sentar-se ahi outra vez — murmurou para si e pensou no prazer que experimentaria em esmurrar aquellas duas cabeças uma contra a outra; os seus dedos crispavam-se só com o pensamento.

— Esta é a sepultura de Pedro Braz — disse, não podendo conter-se por mais tempo.

— Sabemos isso — replicou Candler, tirando o cachimbo da bocca e cuspindo deliberadamente sobre o terreno.

— Pois façam favor de sahir d'ahi; vou cortar-lhe a herva. Demasiado tempo teem ahi estado — e a sua intimativa era tão decidida que os dois não tentaram resistir.

Levantaram-se e foram sentar-se mais longe, junto da vedação, mas conservando-se dentro do cemiterio, o que irritou Bob, o qual se via obrigado a trabalhar no arranjo do terreno mais tempo do que pensára. Como todos os empregados do velho Pedro Braz, respeitava com adoração a memoria de seu fallecido patrão, portanto o lugar de descanço das suas cinzas era sagrado para elle, e parecia-lhe uma profanação a presença ali de aquelle dois homens.

Passou-se longo tempo e os dois importunos companheiros ainda continuavam no cemiterio. Bob seguiu pelo lado da sepultura de Percy Craig, e para disfarce resolveu abrir-lhe em volta um pequeno vallado, como quem

prepara terreno para plantação. Cavava fundo, e ia retirando pacientemente o raizame velho que se imbricava no sub-solo. Subito, a ferramenta tocou n'uma pequena lata, em canudo, d'essas que servem para guardar papeis, e, puchada a terra, veio rolar aos pés de Bob. Com o auxilio da navalha de bolso, á falta de qualquer outro utensilio para lhe arrancar a tampa, conseguiu abril-a e muito surprehendido reconheceu que estava cheio de papeis, cuidadosamente enrolados. Involuntariamente, n'um movimento de anciosa curiosidade ia tiral-os para fóra quando percebeu que Candler e o advogado o estavam espreitando. Com ar indifferente metteu a lata dentro do peito da sua camisola de trabalho.

— Achou alguma cousa? — perguntou Candler, inclinando-se sobre elle com olhar perspicaz.

— Sim, — replicou Bob com uma expressão de grande simplicidade.

— O que foi?— atreveu-se a perguntar o advogado.

— Sabe se esta é a côr do ouro? — escavando com a mão uma porção de terra da cova, para assim desfazer habilmente todo o feitio da lata que por longo tempo ali estivera enterrada e deixára a cama bem definida.

O advogado voltou-se com gesto desdenhoso.

— O que estava fazendo com o seu canivete? — perguntou, investigando.

— Cortando raizes fundas — e acompanhou o dito com a execução do acto, como prova affirmativa.

Bob claramente percebeu, que as suas respostas não os tinham satisfeito; portanto ergueu-se com rapidez, mostrando-se indignado com a suspeitosa inquirição que lhe faziam. Indignamos-nos sempre que alguem duvida da nossa palavra, e muito especialmente quando tentamos enganar esse alguem. Bob seguiu a lição da sabedoria popular.

O repentino movimento fez-lhe abrir a frente da camisola, e a caixa rolou pelo chão. Candler ia curvar-se depressa para a apanhar, porém Bob era mais agil. Levantou-a com serenidade, e fechando-lhe a tampa, com vagar pôl-a outra vez no peito como quem guarda um objecto de uso constante.

Depois voltou a cortar a herva e a cavar o chão.

Os dois vigiaram todos os seus movimentos, mas Bob continuava no seu trabalho apparentando indifferença. Ambos se persuadiram de que a caixa fôra ali achada n'aquelle momento; mas, não tendo visto, não lhes era possivel insistir, sem correr risco de provocar com a offensa o rapaz, que elles bem sabiam ser desembaraçado e valente. Comtudo grande era a curiosidade que os incitava a conhecer o que a pequena lata continha.

... com o auxilio do canivete, abriu a caixa de lata...

Tambem Bob queria ler aquelles papeis, e todo o seu corpo tremia de anciedade. Persuadia-se de que fizera um importante achado. Talvez fosse o perdido testamento. Afinal os dois intrusos sahiram vagorosamente do cemiterio.

— Iremos para detrás de uma arvore e vigiaremos o rapazola — disse o advogado

quando sahiam a cancella que fechava o recinto de repouso.

— Elle foi muito esperto, mas não bastante esperto. Aquella caixa foi o que elle achou e ha alguma cousa dentro d'ella, mais consistente do que o ar, ou eu não fosse hollandez.

Permaneceram em pé algum tempo espreitando os movimentos de Bob; este levantou os olhos e achando-se só, ficou surprehendido de que tão rapido estivessem fora do alcance da vista. Portanto comprehendeu logo que estavam escondidos. Continuou trabalhando.

— Hei de cançar-vos de me vigiar, meus amigos, disse. Veremos quem tem mais paciencia.

A d'elle provou ser a mais duradoura, porque, meia hora depois, via-os subir vagorosamente a encosta em direcção a casa. Respirou afinal.

O caso agora era procurar a senhora Moss sem levantar desconfianças. Bob sabia que ella estava immensamente interessada na descoberta do testamento, até que ponto não podia todavia dizel-o. Reflectiu que se voltasse á residencia para buscar o seu cavallo, poderia encontrar os dois homens, que talvez se resolvessem a seguil-o. Além d'isso, estava-se fazendo tarde, portanto decidiu que o mais simples era palmilhar as cinco leguas até Narenita, apesar da sua negação a andar. E' assim o homem do matto; capaz de caminhar duas milhas a pé para buscar o cavallo que o levasse a uma só de distancia. Poderia dar uma vista d'olhos ao conteudo da caixa, emquanto fosse pelo caminho. Abriu a lata, tirou o primeiro papel que lhe veio á mão. Leu-o emquanto seguia para a cancella que conduzia á estrada de Narenita. Ao lel-o empallideceu e parou. Em seguida fazendo um repentino esforço, metteu o documento na lata e apressou o passo.

A senhora Moss estava na varanda, tomando a sua chicara de chá das quatro horas.

— O que Bob, é você? — O que o traz a Narenita? O que é que succedeu? — exclamou ao vêr o aspecto grave da phisionomia de Bob.

— Tenho uma cousa muito importante a mostrar-lhe, senhora Moss. Poderá dispensar-me algum tempo? disse gravemente emquanto subia os degraus da escada que conduzia á varanda.

— Certamente. Entre para o escriptorio.

Momentos depois perguntava a senhora Moss:

— Então, Bob, o que ha?

Elle tirou do seio a pequena lata e despejou-a sobre a carteira. Contou-lhe como e quando a tinha achado.

— Eu li apenas um por alto, — disse quasi em segredo.

Com mãos tremulas analysaram os documentos. Havia quatro marcados com as letras de *A* a *D*.

— Vamos lel-os por sua ordem — disse a senhora Moss, batendo-lhe fortemente o coração.

O *A* era a certidão de casamento de Pedro Bráz, com Maria Helena, e datada d'uns setenta annos passados. *B* era a copia do registro de nascimento de Pedro Bráz.

— Então o seu antigo patrão tinha noventa e quatro annos de idade quando morreu — disse ella, lendo o papel velho e desbotado.— Que bella idade!

C era um documento volumoso. As mãos da senhora Moss tremiam violentamente. Era um resumido auto biographico de Pedro Bráz, que ella leu alto.

«Eu nasci em Londres e vim com minha mãe viuva para as colonias quando tinha apenas treze annos. Meu pae fôra advogado pouco fortunoso, e com a sua morte ficámos sem meios. Minha mãe, que era filha de um funccionario municipal, appellou para seu pae, o qual impossibilitado por falta de meios de a conservar em sua companhia fez o possivel por lhe obter uma collocação, e afinal conseguiu um lugar para ella de dama de companhia para a mulher do governador da colonia que partia a reunir-se ao marido. Satisfeita de ter para companheira de viagem uma pessoa bem educada, consentiu que eu as acompanhasse, sendo filho unico. Depois da nossa chegada á colonia, minha mãe, que não lhe faltava capacidade para negocios, tendo de pensar no filho e n'ella propria, requereu uma concessão de terreno, que lhe foi dada, e partimos para o interior para tomar posse e cuidar d'ella. Chegaramos na viagem quasi á vizinhança da nossa concessão quando minha mãe morreu quasi subitamente. Estava comnosco apenas um preto. Sentei-me ao lado do carro onde jazia deitado o corpo morto de minha mãe chorando copiosamente na desolação do desamparo e na ignorancia do proceder em tão difficil transe. Acaso providencial passou na estrada um mancebo — Henrique Burgoyne, mais tarde sube o nome d'elle — que em viagem do matto conduzia a sua parelha. Condoeu-se de mim e foi em extremo bondoso. Ajudou-nos a cavar a sepultura, e a collocar dentro o cadaver, quasi á beira da estrada. Levou-me para a sua fazenda e ali estive seis annos. Casára-se por aquelle tempo, — e nascera-lhe um filho justamente antes de eu o deixar. Foi elle que

me aconselhou a iniciar carreiras de transporte com uma parelha e com o seu auxilio assim fiz. Tenho muitas vezes pensado o que seria feito de mim, se não tivesse encontrado aquelle bemfeitor. Annos depois sube que Henrique Burgoyne e sua mulher haviam fallecido em Mudgee, e que só haviam tido um filho, o pequeno Rodolpho?...»

— O que! — interrompeu a leitura a senhora Moss — Rodolpho Burgoyne, era meu pae, e o nome de meu avô era Henrique!

Bob olhou surpreso e admirado para ella.

— Que extraordinario acaso! disse recolhidamente. Então o homem que auxiliou o meu antigo patrão era seu avô?

—Assim parece, confirmou a senhora Moss. Que mysteriosos são os designios da Providencia! — A bondade prodigalizada por meu avô a um desgraçado, veio longos annos depois servir de compensação para mim.

— Deus nunca esquece as bôas acções, concluiu Bob na sua simples e ingenua crença de homem nascido e educado no matto, em face da natureza, na luta e na observação de todos os momentos. Continuemos a leitura.

«N'uma visita a Sydney, encontrei-me com Maria Helena, uma sincera e bôa rapariga, que era criada n'uma casa de hospedes. Enamoramo-nos simplesmente propuz-lhe casar e vir comigo para o matto, no serviço de recovagem, acceitou e rapidamente nos casamos. Foi para mim uma bôa e verdadeira companheira. Estabelecemos-nos no districto nos terrenos vagos, á beira da estrada, onde repousava no somno eterno minha mãe. Aqui vivemos trez annos, com o proprio trabalho construi pouco a pouco a nossa casa, e n'ella nasceu o nosso unico filho, um rapaz. Quanto me alegrou! Porém, apenas dois annos passados o meu pequeno adoecia e morria. Collocamol-o ao lado de minha mãe á beira da estrada. Resolvi então tirar concessão dos terrenos onde me tinha estabelecido, e onde abrira já duas sepulturas. Os transportes haviam-me dado alguns lucros, o que era mais facil n'aquelle tempo conseguir. Juntara o meu pequeno peculio. Fui a Sydney tratar do assumpto na repartição official. Com grande surpreza, soube que o terreno já estava concedido, e para meu maior espanto vi que estava concedido á minha propria mãe. Depois de algumas diligencias, consegui homologar a meu favor a concessão feita, accrescentada com outros terrenos circumvizinhos. «Foi por este tempo que encontrei em Sydney Percy Craig degradado e tive-o confiado a mim, como então a administração permittia, porque eu precisava de auxilio para o estabelecimento das pastagens. Semanas depois da nossa volta, minha mulher adoeceu gravemente e morreu. Outra vez foi aberta no pequeno cemiterio uma nova sepultura. Deus levara-me todos os meus queridos. Percy Craig ficou sendo o meu companheiro dilecto. Todos o consideravam de caracter perigoso, e todos em Sydney se admiravam de que me afoutasse a andar sósinho em sua companhia. Pois nunca pulsou em peito humano coração mais bondoso e dedicado. Se tivessem sabido bem a sua historia, e se acreditassem n'ella formariam outra opinião. Houve com elle um caso que a consciencia apenas absolve, mas que a justiça condemna. E elle foi um desgraçado. A sua historia...» Aqui parava abruptamente a narrativa.

— Que grande homem era este velho! — disse Bob com profunda commoção, emquanto a senhora Moss procurava abrir o quarto papel, marcado com a letra *D*. Estava destruido pela humidade. Tinha sido escripto a lapis, e completamente apagado. Apenas eram legiveis as palavras — O original está escripto em... O testamento...—Era evidentemente a copia d'um testamento cujo conteudo ninguem podia decifrar. Testamento de quem? Mysterio. Talvez de Percy Craig? ou quem sabe se a minuta de Pedro Braz? Desconsolada, tristemente, a senhora Moss dobrou os papeis e metteu-os na caixa de lata e disse:

— Não conte isto a ninguem por óra, Bob. Seria melhor fazer uma declaração perante a auctoridade do districto, authenticando a descoberta, e eu mandarei ou levarei depois estes papeis ao senhor Millington.

— O senhor Green é quem agora exerce no districto; portanto é facil ir ter com elle, acrescentou Bob levantando-se. Eu esperava que fosse o testamento. Não sei porque elle mudou o seu nome verdadeiro?

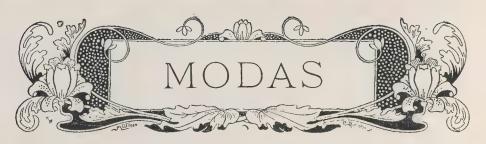
— Com effeito não comprehendo. O tempo vae passando, e parece que cada vez mais nos afastamos d'uma solução — replicou a senhora Moss com tristeza.

Era já tarde quando Bob partiu de Narenita. Pediu emprestado um cavallo, sem sella nem arreios, apenas com a corda, montou-o e galopou em direcção a Malugalala.

Quando chegou á porta, que levava de uma propriedade a outra, apeou-se, e voltando o cavallo para o lado da casa, deu-lhe nas ancas uma leve palmada, quasi como um afago, fallou-lhe, e o animal partiu. Sabia que este havia de chegar em breve á cavalhariça, e seguiu despreoccupado o seu caminho.

(Continúa).

(Adaptado do inglez).

MODAS

Com a entrada em plena estação de inverno, generalizou-se o emprego dos velludos, e das pelles. Os primeiros, como dissemos n'um anterior artigo, apresentaram a novidade de fabricação de ser extremamente flexiveis e moldaveis, em côres muito variadas, sendo mais estimados os tons verdes e os rubis.

Emquanto a pelles usam-se de todo o genero, continuando a industria a fornecer imitações muito perfeitas que facultam a generalização d'estes enfeites e guarnições, na sua maioria. E', por tanto, de bom gosto e tom preferir o uso de imitações, quando haja de se empregar, de pelles mais vulgares do que das raras; são como os brilhantes, ou verdadeiros ou nenhuns. Em compensação ha nos mercados, e empregam-se abundantemente, magnificas imitações de astrakan e excellentes guarnições de passamaneria e de frocos que acompanham os velludos e proporcionam enfeites muito elegantes.

Como habitualmente fazemos, as illustrações que acompanham este artigo, são escolhidas entre modelos dos grandes creadores de *toilettes* para dar uma indicação geral dos typos mais em voga, menos excentricos, e ao mesmo tempo distinctos pela adopção que d'elles fizeram o bôa sociedade. As *toilettes* espaventosas, caprichosas ou theatraes, perderam decididamente n'estes ultimos annos a estima que em tempo tiveram, e este gosto geral de simplicidade, que não exclue a arte, tem obrigado a grandes casas de moda á creação de modelos em que a elegancia do côrte, a belleza dos materiaess empregados, e escolha escrupulosa de tons em harmonia com o destino, supprem a antiga complexidade e garrida ornamentação das *toilettes*. Até no theatro, entrou este anno esta orientação, que se definiu nas creações da casa Redfern para os papeis da afamada Jane Hading na nova peça de reabertura da *Renaissance*.

Os *soiréistas* francezes, que procuram sempre encontrar uma nova formula discriptiva na phrase vibrante, acharam para dar idéa suggestiva das *toilettes*, uma relação directa entre a côr escolhida ou a forma elegante d'ellas e o estado d'alma que assim se pretende exteriorizar; requintes de mundanismo ou de *mise-en-scène*, que continua a ser a feição dominante do estylo francez.

A primeira das nossas illustrações mostra um modelo de casaco que completa as *toilettes* simples de rua ou de passeio, feito em pannos de acabamento inglez, ornado de bandas e de cinta, golas voltadas e punhos. A segunda offerece uma indicação geral dos casacos de agasalho, em velludo, com guarnições de pelles. A terceira dá idéa da forma de vestido em velludo tambem com guarnições de pelles. Os chapeus, cujas dimensões avantajadas annunciamos aqui com a devida antecipação, vão perdendo, como era natural, o exaggero da primeira maneira, e, posto que conservem

ainda o mesmo feitio geral, amoldam-se agora ao aspecto dos vestuarios de inverno, harmonizando-se no tamanho e nos materiaes empregados para enfeites com o uso das pelles e das grossas passamanerias. Appareceram já *toques* deliciosos de graciosidade para toilettes de *sport*, de automoveis ou de passeios de carruagem. Para os theatros, tambem se apresentam modelos de restrictas dimensões, e de leveza apropriada; porém, nas primeiras da moda, teem-se notado, como dominantes, as grandes *toilettes* largamente decotadas, córte redondo, ou recto na frente, para dar relevo aos bustos. Onde a variação da moda se mostra mais saliente é no contorno dos colletes que modificam as curvas naturaes, e no feitio das saias, divididas em muitos gomos ou nesgas. Um especialista no assumpto explica a necessidade de empregar esta nova forma de colletes pela visão de pessimo effeito que produz o defeito da enteroptose quando se examina das plateas as attitudes das damas que apparecem nos camarotes e nos balcões. Afigura-se-nos muito especiosa a explicação; verdade é que já a fecundidade repetida da Montespan produziu na moda aquellas extraordinarias saias rodadas que nos mostram as pinturas do tempo.

JOLI CŒUR — QUADRO DE DANTE-GABRIEL ROSSETTI

E' uma das obras mais populares do celebre preraphaelista inglez. Ella mostra o lindo coração do seu collar; mas, na suave expressão do seu olhar, profundo e meigo, ella parece tambem desnudar o seu proprio coração, innocente e bom, ou —quem sabe? — cruel e enganador; que na commissura dos labios, levemente retrahidos, vê-se perpassar a indizivel expressão de vaidade, um tudo nada ironica. Delicioso symbolo do enigma feminino, d'aquelle mysterioso encanto eterno que tortura ou dulcifica a alma...

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Agosto. — **29** *Hespanha* — Inauguram-se em Gijon as sessões do congresso operario com a assistencia de delegados de quasi todas as provincias. O chefe dos socialistas hespanhoes, Pablo Iglesias, pronuncia um discurso affirmando que o socialismo gosa de grande força. —*Italia*— Declaram-se em gréve os operarios metallurgistas, os typographos, os marceneiros e os operarios das fabricas de tabacos em Florença. — *Russia* — Celebra-se o casamento da grã-duqueza Helena Vladimir com o principe Nicolau da Grecia.

30 *Russia* - O almirantado approva a construcção de trinta torpedeiros, de typo novo, para a esquadra do Baltico.—*Hespanha*— Em consequencia de uma polemica jornalistica batem-se em duello ao sabre os directores dos jornaes, *Dia* de Madrid e *Noticias* de Barcelona, ficando o ultimo ferido n'um braço.— *Belgica*— Dá-se uma explosão na fabrica de polvora de Costeau, em Mons, causando estragos materiaes importantes — *Brazil* — O Centro Commercial do Rio de Janeiro vota por unanimidade que sejam conferidos diplomas de socios correspondentes á Associação Commercial de Lisboa e á do Porto.—*America Central*— A republica de Nicaragua envia uma nota aos governadores da America Central, pedindo-lhes o seu apoio para o caso da Columbia lhe declarar guerra.—*Martinica*— Produzem-se tres novas erupções no Monte Pelado. Lorrain é invadido por uma tromba de agua quente, fazendo 200 victimas no Carbet e perecendo grande numero de pessoas na costa septentrional da ilha. Em Fort-de-France um violentissimo golpe de maré obriga os habitantes a fugir para o interior. As povoações do monte Rouge e da ponta Boniloso e seus arredores são destruidas, causando 1060 mortes e 1500 feridos.

31 *Hespanha*—O rei de Hespanha concede o Tosão d'Ouro ao schah da Persia. — *Asia-Menor* — A cidade de Afiun Karaissar, centro commercial importante é quasi inteiramente destruida por um incendio, fazendo estragos consideraveis. — *China* — E' promulgado um edito imperial regulamentando todas as repartições do *likiu* no imperio chinez.—*França*— A Junta federal dos mineiros do Loire, vota por unanimidade a gréve na região carbonifera do Loire para o dia 12 de setembro.—*Africa*— Desencadeia-se na costa do Cabo de Boa Esperança um medonho temporal naufragando 18 navios de vela, 4 rebocadores e 12 barcos de carga.

Setembro. — **1** *Inglaterra* — Realisa-se em Londres no Hyde Park uma grandiosa manifestação operaria preparatoria do congresso das Trade Union, assistindo cerca de 90.000 manifestantes com 200 musicas e 500 bandeiras, inaugurando-se o congresso presidido pelo popular agitador Steadman que pronuncia um discurso de abertura em sentido radical, alludindo á instrucção e ás relações entre o capital e o trabalho. — *França* — Apparece em Paris o primeiro numero do novo jornal *Tribune Française* dirigido por Jules Guerin e declarando no seu programma que será permanente anti-judaico e nacionalista.— *Russia* —O governo prussiano convoca a commissão do cholera em Berlim.— *Hespanha* — O conselho de ministros accorda na reforma do conselho de estado, que actualmente põe difficuldades á acção governativa. — *Flandres Occidental*— Um cyclone devasta Cartemark, demolindo numerosos predios de casas e ferindo muita gente.

2 *Africa* — Sentem-se fortes tremores de terra em Argel. — *Hungria* — Os estudantes e operarios croatas de Agram manifestam-se violentamente contra a população servia, travando-se conflictos em que ficaram feridas varias pessoas.

3 *Virginia occidental* – Os grévistas incendeiam uma grande mina de carvão, em resultado do que se trocaram bastantes tiros entre a força publica e os grévistas.— *Inglaterra* — O congresso operario decide condemnar os auctores da guerra sul-africana, e demonstrar as suas sympathias aos grévistas de Gibraltar.

Dá-se uma explosão de grisu na mina de carvão perto de Tadegar, Galles, morrendo 16 mineiros. — *Marrocos* — Quatro mil berberes atacam a cidade de Mequinez depois de roubar bastante gado.—*França* —Em consequencia da laicização do azylo de Concarneau o conselho municipal de Brest dá a sua demissão.— *Allemanha* —Esbarronda-se um grande reservatorio de agua no palacio de Schonefeld, em Leipzig, ficando 20 pessoas feridas e morrendo 7.—*Africa do Sul* A camara legislativa colonial da cidade do Cabo approva em terceira leitura o *bill* de indemnidade.

4 *Inglaterra* — Rebenta uma violenta tempestade nas costas de Inglaterra, fazendo numerosas victimas e estragos consideraveis e inundando varios bairros de Belfast e Liverpool. — *Allemanha* — Produz-se uma explosão de grisu nas minas de Albert-Vesoog, ficando sepultados 150 mineiros dos quaes 12 morreram. — *Belgica*.— Abertura do congresso esclavinistico em Namur com a assistencia de numerosos prelados.— *Martinica* — Produz-se nova explosão no Monte Pellado perecendo 2.000 pessoas. Muitos dos habitantes abandonaram a ilha.

5 *Inglaterra*—Produz-se uma grande explosão n'uma mina de carvão do paiz de Galles, ficando 13 mineiros mortos e muitos feridos. —*Republica Argentina*—O parlamento argentino rejeita o projecto de lei do divorcio por 50 votos contra 48.—*China*—E' distribuido em Cantão uma proclamação dos boxers, incitando o povo ao massacre dos europeus por causa das medidas tomadas para garantir o pagamento da indemnisação ás potencias.

6 *Italia*—E' expulso de Roma o correspondente do *Berliner Tageblatt* em razão de artigos systematicamente hostis áquelle paiz.— *Hespanha*—O governo resolve não denunciar o tratado com Portugal e entrar em negociações parciaes com o governo portuguez afim de obter algumas vantagens para os generos hespanhoes.

7 *França*—A maioria dos mineiros de Saint-Etienne vota por grande maioria a rejeição da gréve immediata. — Sente-se um violento tremor de terra em Pau que dura 6 segundos.

8 *Hespanha* Sentem-se tremores de terra em varias provincias. — *França*— Os mineiros de Saint-Etienne decidem fixar por meio de *referendum* se a gréve no departamento do Loire deve rebentar no dia 12 d'este mez ou depois do congresso de Coventry.—*Republica Argentina*—E' destruida por um cyclone Ciudad Bolivar ficando 14 pessoas mortas e 50 feridas. — *Italia* — Declaram-se em gréve 400 camponezes de Candella provincia de Foggia, reclamando augmento de salario, intervindo outros camponezes e gendarmes do que resultou a morte de 5 camponezes e ferimentos em 10.

9 *Hespanha*— Declara-se a gréve quasi geral em Barcelona. Os operarios reclamam dois reales de augmento na sua feria diaria. — *França* — Desaba um viaducto em construcção sobre a via ferrea em Saint-Agreve (Ardêche), morrendo 9 pessoas.

10 *Australia* — Mr. Irvine, presidente do conselho de ministros pede a dissolução do parlamento em seguida ao cheque que o governo recebeu. — *Colombia* — Os insurrectos colombianos esmagam em Santa Maria as forças do governo as quaes bateram em retirada. — *Cuba* — A camara dos deputados approva o projecto de emprestimo de 35 milhões de dollars com modificações. — *Venezuela* – Dá-se uma grande batalha em Tinaquillo entre as tropas do govermo e os insurrectos commandados pelos generaes Mendoza e Riera, ficando estes completamente derrotados e ficando assim assegurada a paz nacional. —*Inglaterra*— E' publicado o Livro Azul contendo as recentes conferencias dos generaes boers com o sr. Chamberlain.

11 *Portugal*— Começam as manobras militares do Outomno. — *Albania* — Os albanezes forçam o consul da Russia em Mitrovitza a abandonar a cidade.—*Estados Unidos*—O governo americano oppõe-se ás instrucções do governo haitiano que mandaram fechar os portos em poder dos firministas, a menos que o governo haitiano não repilla os insurrectos ou mantenha o bloqueio. — *Austria* — Declaram-se em gréve 700 trabalhadores do porto de Trieste.

12 *Brazil* — O deputado Fausto Cardozo, opposicionista extremo, apresenta na sessão da camara uma denuncia contra o presidente da republica que a mesa envia para dár parecer a uma commissão especial.—*Allemanha* – O chanceller Bulow concede á sociedade dos caminhos de ferro de Cameroum licença para construir um caminho de ferro de penetração n'aquella colonia até ao lago Tchad.— *Inglaterra* — Eduardo VII nomeia uma commissão especial para proceder a um inquerito ácerca dos preparativos da guerra do Transwaal e das operações da guerra até á occupação de Pretoria. A corporação de Dublim vota por 40 votos contra 6 um protesto contra a applicação da lei de coerção.— *Hespanha* — Algumas povoações que vivem da alta de cambios telegrapham ao ministro da fazenda, protestando contra o syndicato que se trata de formar para baixar os cambios, o qual os iria arruinar. — *Algeria* — Sente-se em Soukaras um forte tremor de terra.— *Nova Zelandia* – Sentem-se varios tremores de terra em Cheviote.

13 *Inglaterra* — O *trust* do Oceano, cuja sede é em Liverpool, decide diminuir o andamento dos paquetes rapidos, realizando assim uma economia de 10 por cento nas despesas actuaes. As linhas allemãs concordam com esta medida.—*Estados Unidos* —A convenção adopta resoluções tendentes a sustentar a candidatura de Roosevelt nas eleições presidenciaes de 1904. O almirante Dewey será candidato á vice-presidencia. —*India*— Por motivo das innundações na região de Madrasta, abate a ponte do caminho de ferro á passagem do comboio.

14 *França*—As camaras municipal e de commercio de Marselha redigem um relatorio que será submettido á approvação do parlamento como base de um projecto de lei para o estabelecimento de um porto franco n'esta cidade. — *Republica Argentina* — O governo argentino assigna com as casas Schneider e Hersent o contrato das obras do porto do Rosario. — *Colombia* — O governo colombiano auctorisa os empregados do caminho de ferro e das companhias de navegação a fazer serviço militar e supprime os impostos sobre os navios estrangeiros com excepção dos direitos de tonellagem. — *Venezuela* — Os insurretos venezuelanos surprehendem Los Toques, matando 60 governamentaes. — Uma proclamação do governo concede amnistia aos insurretos que se renderem dentro do praso de 40 dias.

15 *Allemanha* — Abertura do 13.º congresso dos socialistas allemães em Munich. — *Italia* — O aeronauta Parti realisa uma ascenção em Verona no balão Stella polare, cahindo da barquinha, á descida, e morrendo esmigalhado.

16 *Hollanda* — A rainha Guilhermina abre os Estados Geraes e pronuncia o discurso da corôa que é consagrado unicamente aos negocios internos.

17 *Italia* — Os deputados francezes, no congresso de livre pensamento, em Genova, pedem a suppressão do juramento judiciario. — *China* A China cede á Italia a colonia commercial da bahia Sammun. — *Africa do Sul* — A *Gazeta Official da Cidade do Cabo*, publica um decreto abolindo a lei marcial e pondo em vigor a lei chamada de garantia de paz.

18 *China* — A camara de commercio de Hong-Kong vota a resolução de estabelecer um serviço rapido de navegação no Atlantico. A companhia canadiana do Pacifico é encarregada d'este serviço. A viagem de Londres a Hong-Kong durará 26 dias. — *Baviera* — O congresso socialista de Munich approva as resoluções tendentes a desenvolver os seguros operarios para os casos de doença, falta de trabalho e desastres e a tomar parte no congresso internacional de 1903 em Amsterdam com o intuito de oppôr a união proletaria á alliança politica militarista. — *Estados Unidos* — E' decidida na conferencia de Oyster-bay que o presidente Roosevelt seguirá a politica de Mac-Kinley, modificando as pautas no systema de reciprocidade.

19 *Belgica* — Realisa-se em Ostende uma conferencia dos armadores que delibera formar um *trust* que mantenha na Europa o monopolio de transportes maritimos para a America do Sul. — *Italia*—Em seguida a uma distcussão no congresso do livre pensamento em Genova, batem-se em duello á espada, Mr. Cornet, deputado radical socialista francez e um official italiano, ficando este gravemente ferido no lado direito. — *França* — Dá-se em Bordeus um choque entre o comboio expresso de Bayonna e o que vinha de Tarbes, ficando quinze passageiros feridos. — *Alabama* —Produz-se um panico na egreja de Bermingham morrendo 80 pessoas, na maioria mulheres e ficando outras tantas feridas.—*Australia do Sul* — Sentem-se violentos abalos de terra.

20 *Inglaterra* — O imperador Menelik, da Abyssinia, é nomeado membro honorario da divisão militar de primeira classe ou divisão de cavalleiros da gran-cruz da Ordem do Banho. — *Portugal* — São victimas de uma queda de uma *charrete* proximo a Cascaes o conde de Sabugosa e sua filha Maria que morreu instantaneamente ficando o Conde muito contuso.

21 *Italia* —Declaram-se em greve 5:000 operarios tecelões de Monza.

22 *Hespanha* — Por indicação do ministro da guerra exoneram-se os governadores civis pertencentes aos corpos do exercito e da armada. — *Turquia* — O conselho de ministros decide acceitar na integra o projecto de unificação da divida. — *Equador* — Sente se um violento tremor de terra em Guayaquil

23 *Hespanha*— Uma nota do governo hespanhol ao Vaticano acceita a nomeacão de uma commissão mixta proposta pela Santa Sé, para examinar a questão da reducção dos vencimentos do clero. — *Bohemia* — Produz-se, nos arredores de Ceichenberg, uma explosão n'um balão, no momento em que lançava a ancora a terra, ficando trinta pessoas gravemente feridas. — *Jamaica* — Violentos furacões, nas regiões septenptrionaes da ilha de Kingston, matam muitas pessoas e causam grandes estragos.

24 *França* — Declaram-se em gréve 8000 mineiros de Commentry. — *Brazil* — A camara dos deputados regeita por grande maioria a denuncia do presidente Campos Salles, cujo parecer entrára em discussão.

25 *Hespanha* — Inaugura-se em Barcelona a exposição da arte antiga. Varios oradores pretendem ler discursos em catalão ao que o capitão general se oppõe, dando-se conflictos e resolvendo-se lêr os discursos em castelhano. — Em Antequera, reunem-se varios operarios da fabrica de lãs e decidem pedir au gmento de salarios, terminando em batalha campal entre todos e resultando ficar um morto e outro ferido. — *Italia* — Por ordem do Papa, o cardeal vigario dirige aos bispos da Italia uma circular annunciando que Leão XIII reprova absolutamente a exaltação dos jovens democratas christãos e não deseja que elles tomem parte nas eleições politicas. —Um incendio no Macevata-Macranise, na provincia de Caserta, destroe 20 casas, matando 6 pessoas e produzindo estragos no valor de 300.000 liras. —*Allemanha*—Realisa-se em Hamburgo a abertura do congresso maritimo internacional, discutindo-se o estabecimento do projecto do codigo internacional relativo ao abalroamento de navios e salvamento de seguros.

26 *Italia* — O grão-mestre da maçonaria italiana convida todas as lojas a abrirem subscripções a favor dos boers. — Um terrivel cyclone provoca innundações em Catanea, fazendo importantes estragos em muitas casas e na linha do caminho de ferro, encontran-

do-se nos escombros 100 cadaveres. — *Austria* — O conde Paulo Ktemervie, mata em scena a tiros de revolver no theatro de Vianna, a prima dona russa Theadora Simonvas que lhe regeitava os galanteios. — *Hespanha* — O conselho de ministros determina que se reuna a junta das auctoridades de Barcelona para combinar se se deve levantar a suspensão das garantias. Na fabrica de estamparia Sanz amotinam-se 160 operarios, resultando varios ferimentos.

27 *França.*— O congresso mineiro de Commentry approva por 80 votos contra 18 o dia normal de 8 horas de trabalho, comprehendendo-se n'ellas a descida e a subida e o tempo neccessario para as refeições.— Descarrila em Arleux um comboio de passageiros, matando 32 pessoas e ferindo muitas outras. — *Hespanha* — O governo resolve levantar o estado desitio a Badajoz.

28 *Hespanha* — A casa ingleza de Vickos concede ao estaleiro de Cadiz, o exclusivo da construcção de submarinos da sua invenção. — *Austria* — O dr. Moser apresenta no congresso medico de Carlsbad uma memoria demonstrando ter descoberto o serum da escarlatina.

29 *Allemanha* — O governo allemão envia uma nota ás potencias estrangeiras para se reunirem em Berlim afim de deliberarem sobre a telegraphia sem fios.

30 *China* — Os inglezes entregam aos chinezes os caminhos de ferro de Pekim e Chan-Hae-Kuane. —*Brazil*— Os revolucionarios do territorio do Acre proclamam a independencia d'este territorio e declaram guerra á Bolivia.

Outubro. — 1 *Hespanha* — Realiza-se com toda a solemnidade a reabertura das universidades hespanholas.— E' inaugurado o curso do instituto de S. Sebastian com a assistencia do rei Affonso XIII e de uma commissão de professores francezes de Bayona,

3 *Portugal*— Inauguração solemne do monumento a Affonso de Albuquerque, erigido na praça de D. Fernando em Belem assistindo ao acto Suas Magestades e todas as auctoridades civis e militares.—*França*—Uma reunião de 1000 mineiros na Casa do Povo em Lens vota a gréve immediata, reclamando augmento de salario.—*Estados-Unidos*—Dá-se uma explosão de grisú nas minas de carvão de Blank Diamant, ficando mortos 17 mineiros.

4 *Missouri* — Em Saint-Joseph desaba um estrado, caindo d'elle 1500 pessoas, 200 das quaes ficaram feridas e algumas mortalmente.

5 *Hespanha* — Os caixeiros de commercio recorrem a uma manifestação tumultuosa em varias ruas de Madrid pedindo o descanço dominical, resolvendo formar uma grande federação de toda a classe dos caixeiros.

8 *Suissa*—A grande maioria dos syndicatos operarios de Genebra decide a gréve geral se não forem concedidas aos grevistas dos «tramways» as reivindicações que elles reclamam, declarando-se em gréve 20.000 operarios. — *França* — Dos 48.000 mineiros da região carbonifera do Pas-de-Calais, 36.000 suspendem o trabalho. O comité nacional de mineiros, em Paris, delibera fazer a gréve geral.— *China* —Em cumprimento do tratado sobre a Mandchuria é dada posse ás auctoridades chinezas da parte d'aquelle territorio situado ao sul do rio Liao. — *Africa do Sul* —Terminam os trabalhos da ligação da via ferrea ligando Bulwayo a Salisbury, pondo assim em communicação o caminho de ferro de Captown e Beira. E' publicada em Pretoria uma portaria modificando as pautas, provisoriamente, até á conclusão por união aduaneira. —*Brazil*— As tropas da Bolivia invadem o territorio brazileiro e atacam varias povoações.

9 *França* — Os mineiros de Firminy decidem começar a gréve, assim como 6.000 de Saint-Etienne. O congresso radical socialista reunido em Lyon vota que se dirijam felicitações ao governo.—*Coréa*—O governo prende diversos missionarios inglezes, accusados de terem excitado a população contra o regimen vigente. — *Africa* — E' preso Cambuemba, famigerado capitão da Zambezia.

10 *Turquia* — A Sublime-Porta dirige ás potencias uma nota energica protestando contra o procedimento dos *comités* macedonicos. — *França* — O congreso radical-socialista de Lyon, delibera pedir ao governo que favoreça os accordos internacionaes susceptiveis para assegurar a conclusão dos trabalhos permanentes de arbitragem e convida-o a examinar o funccionamento do tribunal permanente de Haya.

11 *Suecia*— O ephoro das antiguidades Solirialis, no decurso das excavações de pesquizas feitas perto de Cephiso, em Checronea, descobre o sitio onde, segundo Plutharco, os macedonios sepultaram os seus mortos cahidos na celebre batalha, tendo-se encontrado ao lado de um delles, uma lança denominada «sarina».—*Africa do Sul*— O governo da colonia convida os estrangeiros prejudicados por causa da guerra a apresentar as suas reivindicações, sendo excluidos d'esta medida os que prestaram auxilio ao antigo regimem.

12 *Belgica*— Os mineiros de Charleroi decidem pedir augmento de salario de 20 % afim de impedir o fornecimento do carvão belga á França. — *França* — E' collocada a primeira pedra da ponte sobre o Rhodano em Valence, pelo presidente da Republica.

13 *Suissa* — Todos os operarios em gréve, em Genebra, por accordo com os patrões, decidem recomeçar o trabalho. — *França* — O aeronauta Bradsky e o engenheiro francez Morin são victimas da queda de um balão a 600 metros de altura por se ter desprendido a barquinha do envolucro, morrendo esmigalhados proximo a Saint-Denis. — Chegam a Paris os generaes boers que são acclamados pela multidão.—Os deputados nacionalistas, reunem-se no palacio Bourbon, em Paris, sob a presidencia de Cavaignac, deliberando formar um grupo denominado «Republicano-Nacionalista.» — Os mineiros dos trez poços

do Grand-Hornu, Mons, declaram-se em gréve reclamando augmento de salario.—*Estados-Unidos* — Declaram-se em gréve 2 500 jornalistas de New-Yorck exigindo um ordenado minimo de 70 francos por semana. — *Austria*— O governo Austro Hungaro notifica ao governo Servio ser sua intenção não prolongar o tratado de commercio que expira em 1903.

14 *Hespanha* — O conselho de ministros resolve reorganisar os serviços de marinha e propôr a renovação do tratado de propriedade litteraria entre a Hespanha e os Estados Unidos. — *França* — Os typographos de Saint-Etienne tornando-se solidarios com os mineiros, declaram-se em gréve geral. — *Venezuela* — O governo venezuelano transfere a capital de Caracas para Los Teques.

15 *Italia* — Os carmelitas descalços procedem á eleição do seu geral, escolhendo o reverendo Pio Mayer, allemão. — *Martinica*— Ouvem-se novas detonações e sentem-se abalos sismicos em Les Saintes e Marie Galante.

16 *Portugal*—Parte para o estrangeiro Sua Magestade El-rei D. Carlos I. — *Turquia* — O conselho de ministros delibera pagar o saldo de nove milhões de francos das dividas do caes, pelas quaes o governo francez em tempo fez energicas reclamações ao governo turco. — *França* — Effectua-se em Toulouse a primeira sessão do congresso da paz.—O Banco de Paris et des Pays Bas toma a seu cargo o emprestimo de 25 milhões de francos ao Estado da Bahia.—Termina a gréve dos operarios das minas de carvão do Grand-Hornu em Mons. — *Estados Unidos* — E' proclamada officialmente a terminação da gréve do carvão em New-York. — O sr. Root, secretario da guerra dá ordem para a reducção do exercito ao minimo legal de 58.600 homens. — *Allemanha* — Chegam a Berlim os generaes boers. — *Hespanha* — O conselho de ministros fixa as forças permanentes do exercito para o anno proximo em cem mil homens. — *Austria* — Abertura solemne da camara dos deputados do estado austriaco, em Vienna. — *Inglaterra* — A camara dos communs recomeça as suas sessões.

17 *Portugal* — Dá-se um choque entre dois comboios na estação do Cacem na linha de Cintra produzindo bastantes estragos materiaes, morrendo um conductor e ficando algumas pessoas feridas. — *Austria* — O ministerio nega licença aos religiosos da *Grande Chartreuse*, que haviam sahido de França por causa do decreto das congregações religiosas, para se estabelecerem em Vienna. — *Servia* — O rei Alexandre acceita definitivamente a demissão do gabinete presidido pelo dr. Vowitch.

19 *França* — O congresso da paz em Toulouse encerra os seus trabalhos e emitte o voto de que o governo, afim de evitar o conflicto de Marrocos, procure, com o concurso da Hespanha, uma solução pacifica e definitiva á questão marroquina.

20 *Portugal* — São publicados no *Diario do Governo* varios decretos sobre instrucção publica. — *Hespanha*—Declaram-se em gréve 3.000 operarios das fabricas de tecidos de seda em Valencia. — *Servia* — Fica constituido o novo gabinete, sendo presidente do conselho de ministros o ministro das obras publicas sr. Velimirovitch e ministro dos negocios estrangeiros o tenente-coronel Antonich. O gabinete comprehende 4 radicaes, 2 progessistas e 2 neutros.

21 *Brazil* — Vinte e quatro fabricas de assucar da cidade de Campos e uma de S. João d'El Rei suspendem a laboração por causa da baixa do preço do assucar no mercado do Rio de Janeiro.- *Allemanha - O Reichstag* adopta a pauta aduaneira proposta pela commissão, fixando a pauta minima em 5 marcos e meio. — *Belgica* — A junta nacional da federação dos mineiros belgas de Charleroi decide manter o pedido de augmento de 15 por cento nos salarios e promover uma reunião de representantes dos mineiros estrangeiros, com o intuito de crear um movimento geral internacional de mineiros. — *França* — Os delegados da Federação geral dos trabalhadores reunidos na Bolsa do Trabalho, em Paris, approvam uma moção dizendo que a Junta Federal está prompta a acceitar um accordo para a lucta geral baseada nas reivindicações communs a todo o proletariado. — O syndicato dos trabalhadores do porto de Dunkerque decide a gréve geral. A Junta dos negociantes vota o «loock-out». — Os «dockers» de Calais adherindo aos de Dunkerque suspendem o trabalho. — *Italia*—A Italia dirige um «ultimatum» á Turquia por causa dos piratas do mar Vermelho.

22 *Inglaterra* — Chegam a Londres os generaes boers. — *Dinamarca* — O parlamento regeita por 32 votos contra 22 o projecto do governo tendente á venda das Antilhas dinamarquezas. — *França*—A União das Camaras e dos Syndicatos operarios de Marselha decide solidarisar-se com os mineiros e preparar a gréve geral de todas as corporações. — *Samoa* — O rei Oscar da Suecia, arbitro do conflicto relativo a Samoa, profere a sentença a favor da Allemanha, tornando a Inglaterra e os Estados-Unidos responsaveis pelos prejuizos que os estrangeiros soffreram.—*Africa* — O comité especial de Katanga, em Bruxellas encarrega o capitão Jacques de estudar o traçado de um novo caminho de ferro que partirá do lago Kisale dirigindo-se ao sul da fronteira ingleza. O caminho de ferro deverá mais tarde ligar-se ao caminho de ferro do Cabo da Boa-Esperança.

23 *França* — Os carvoeiros encarregados da descarga dos navios de carvão declaram-se em gréve. — *Hespanha*—Dá-se uma explosão na fabrica de polvora, propriedade do estado, em Lanora, explodindo 60 kilos e ficando gravemente feridos seis operarios. — *Bolivia* —A Bolivia publica uma declaração official dizendo que nunca teve intenção de ceder ás pretenções brazileiras tendentes á annullação das concessões dadas ao syndicato americano no

territorio do Acre. — *Turquia* — A Porta Ottomana notifica ao governo italiano que acceita as reclamações do ultimatum punindo os piratas, destruindo as embarcações e pagando a indemnisação de 1.500.000 liras.—*Allemanha*—Reunem-se em Berlim os membros da commissão internacional das providencias contra a tuberculose. — *Africa* — O governador de Moçambique manda prender o sr. Grove, chefe da expedição da companhia de exploração e tracção africana por este ter criticado a administração portugueza.

24 *França* — Os operarios syndicados do porto de Dunkerque, decidem findar a gréve e recomeçar o trabalho. — *Estados-Unidos* — E' publicada a ordem que reduz o effectivo do exercito regular.

25 *Republica Argentina* Um terrivel furacão destroe cem casas no porto Diamante, na provincia de Entre-rios, fazendo quinze mortes e numerosos feridos e sossobrando diversas embarcações. O furacão causou estragos tambem em Vogoya, Galvez e outras localidades — *Hespanha* — Dá-se uma explosão nas minas de Jaen perecendo tres operarios e ficando feridos cinco. — E' enviada aos funccionarios de justiça uma circular contra o duello. — *Inglaterra* — Realiza-se em Guild-Hall a procissão regia. — *Estados-Unidos* — O comboio expresso *Northern-Pacific* é atacado na região deserta de Montana por uns bandidos que fuzilam o machinista e roubam as malas da correspondencia postal registada, não atacando os passageiros.

26 *Suissa* — Realizam-se em toda a Suissa as eleições para o conselho nacional, conservando os radicaes grande maioria.—*França*— E' inaugurada em Nantes a estatua do coronel Viellebois-Mareuil. — *Hespanha* — Os delegados dos syndicatos operarios de Valencia deliberam declarar a gréve geral se os patrões não accederem as pretensões dos grévistas tecelões. — *Republica Argentina* — O presidente Julio Roca inaugura as obras do porto do Rosario.

27 *Hespanha*—Realisa-se em Bilbau a inauguração do congresso internacional de seguros sociaes. — *Inglaterra* — A camara dos communs rejeita por 215 votos contra 121 uma proposta do deputado nacionalista O' Brien para que se discuta desde já a situação da Irlanda. — *Cidade do Cabo* — Em consequencia da reducção de salarios estão em gréve 1.100 «dockers» do porto de Table-bay. — *Portugal* — Realisa-se a primeira corrida de automoveis entre a Figueira da Foz e Lisboa, ganhando o premio o *Fiat* de Sua Alteza o Infante D. Affonso.

28 *Dahomey* — O ex-rei Behanzin dirige uma carta ao deputado por Guadalupe, pedindo a repatriação. — *Portugal* — Produz-se um violento incendio a bordo do vapor italiano *Primavera* proximo das Berlengas, que por fim se submergio, sendo salva a tripulação.

29 *Cidade do Cabo*—Termina a greve dos «dockers» do porto de Table-bay, visto os patrões resolverem manter os antigos salarios.

31 *Inglaterra*—A camara dos communs approva por 165 votos contra 69 a clausula do *bill* do ensino concernente á instrucção primaria. –*França*—A commissão do orçamento elege seu presidente o sr. Dounoer, e relator geral o sr. Berteaux radical socialista.

NECROLOGIA

SETEMBRO 4 — CONSELHEIRO FERREIRA D'ALMEIDA, 54 annos, em Livorno, ministro honorario da pasta da marinha e capitão de mar e guerra, etc.

5—Dr. VIRCHOW, em Berlim, eminente physiologista allemão e notavel homem de sciencia, ultimo adversario da doutrina evolucionista.

9 — VAN ASCH VAN WYEK, em Haya, ministro das colonias do gabinete hollandez.

11— THOMÁS BISYAN LIVERMOVRE, em Albacete, bispo de Murcia.

19 — MARIA HENRIQUETA, Rainha da Belgica, 56 annos, em Spa, victima d'uma doença do coração.

25 — Dr. SILVIANO BRANDÃO, no Rio de Janeiro, vice-presidente eleito da republica do Brazil.

OUTUBRO 4 — Almirante WANDENDKOLK no Rio de Janeiro.

7 — LIU-KUN-YI, vice-rei de Nan-King, em Shanghae.

10—YO-TAO-MON, vice-rei das provincias de Kuangs, em Hong-Kong.

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante os mezes de setembro e outubro

SETEMBRO 5 — O CÃO DO INGLEZ (SHAKESPEARE), peça em 3 actos (Theatro da Rua dos Condes).

OUTUBRO 12 — O GALLO D'OURO, *(Le Serment d'amour)* peça de Maurice Ordonneau, traduzida pelos srs. Sousa Bastos e Libanio da Silva, musica de Audran (Theatro da Avenida).

18 — OS HERDEIROS DE RABOURDIN, comedia em tres actos de Emilo Zola (Theatro do Gymnasio).

22—O POETA BOCAGE, operetta em 3 actos,

original do sr. Eduardo Fernandes, com musica do sr. Filippe Duarte (Theatro da Rua dos Condes).

29 — A Revolucionaria, peça de George Feydeau, traduzida pelos srs. Xavier Marques e Fernando Mendes (Theatro do Principe Real).

27 — Nelly Rosier, peça em tres actos de Hannequin e Billaud, traducção do sr Eduardo Garrido (Theatro de D. Amelia).

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Positivos azues sobre marfim

Preparem se as duas soluções seguintes:

A -	Oxalato de ferro...........	30 gr.
	Agua.....................	50 cc.
B—	Amoniaco.................	25 »
	Agua.....................	50 »

Reunam-se estas soluções e mergulhe-se n'ellas a folha de marfim bem limpa deixando-a por espaço de 50 a 70 horas ao abrigo da claridade, findo o qual se retira e secca-se n'um logar escuro.

A impressão é feita com o negativo durante 40 a 50 minutos ao sol, revelando-se em seguida n'uma solução de:

Agua distillada............	150 cc.
Prussiato vermelho de potassa..................	5 gr.
Solução saturada do acido oxalico................	20 cc.

Logo que a imagem tiver attingido a intensidade desejada, retira se do banho e lava-se em abundante agua. Depois de secca, faz-se desapparecer com uma trincha todo o excesso de oxalato de ferro e amoniaco que estiver á superficie.

Se a imagem se apresentar muito intensa, dever-se-ha mergulhal-a n'uma solução de cyaneto de potassa a 2 % lavando-a e seccando-a depois.

Maneira de sensibilisar o papel de cartas

Para sensibilizar o papel de cartas o meio mais simples é o seguinte: mergulhe-se em primeiro logar o papel n'uma solução de chloreto de soda (sal de cosinha) a 1 %, passando-se em seguida, depois de secco, e sómente no sitio que se deseje sensibilizar, um pincel imbebido n'uma solução de prata a 10 %.

Juntando ao sal a 1 % uma quantidade egual de phosphato de soda os resultados são ainda mais satisfatorios.

A solução compõe-se de:

Agua.....................	100 cc.
Chloreto de soda..........	1 gr.
Phosphato de soda.	1 »

Afim de evitar o ter de mergulhar o papel na solução, passa-se esta com um pincel e deixa-se seccar, e sensibilisa-se tambem da mesma fórma com o azotato de prata, mas em sitio onde haja pouca luz e fazendo seccar rapidamente.

A impressão é feita na prensa, finda a qual se deve lavar o papel mas unicamente na parte impressa, dando se-lhe em seguida o banho de viragem e por fim o fixador, podendo o amoniaco substituir o hyposulfito.

Positivos sobre vidro opalino

Logo que o negativo esteja bem fixado e lavado, mergulha-se n'uma solução de:

Agua.......	300 cc.
Chloreto de mercurio......	10 gr.
Acido chlorhydrico.........	15 »
Chloreto de soda (sal de cosinha...................	5 »
Sulphato de ferro..........	5 »

onde se tornará branco. Lava-se em seguida cuidadosamente e deixa-se seccar.

Logo que esteja completamente secco, passa se sobre a gelatina uma camada de verniz escuro.

Estes positivos apresentam um bonito aspecto.

PACIENCIAS

Os onze

(1 baralho de 52 cartas)

Fazem-se 3 linhas de 4 cartas cada uma tiradas do baralho, formando um total de 12 cartas. O resto do baralho conserva-se na mão com os desenhos voltados para baixo.

A' proporção que se vão tirando as cartas para as dispôr nas linhas, e só emquanto se procede á disposição, vê-se se sahe alguma figura, se sahir, não se colloca na linha, mas passa-se para a parte debaixo do baralho, isto é, collocam-se apenas nas linhas as cartas desde az até dez.

Logo que as linhas estejam dispostas, ver se a somma de duas cartas perfaz os pontos,

isto é, dez e az fazem 11, sete e quatro 11, seis e cinco 11, nove e dois 11, etc. (o az vale sempre 1 ponto) e sobre duas cartas que perfazem 11 pontos colloquem se outras duas uma sobre cada uma d'ellas, e verifique-se se estas entre si ou com qualquer das outras já collocadas perfazem os 11 pontos, tornando a collocar outras duas cartas e assim successivamente.

A paciencia considera-se terminada quando não restar carta alguma na mão, isto é, se até ao esgotamento do baralho houver sempre collocação para perfazer 11 pontos e acabando todas as linhas por figuras.

CONHECIMENTOS UTEIS

Solidos invisiveis.—Ha alguns annos, o celebre romancista inglez Wells concebeu a idéa de um homem invisivel; e sobre esta elaborou uma das suas mais phantasticas narrativas: similhante a outras obras do mesmo auctor, esta fundou-se sobre um excellente principio scientifico, de sorte que nenhuma objecção plausivel se podia fazer á base d'ella. Os objectos são distinguiveis, uns dos outros, porque os raios da luz incidem sobre elles differentemente. Póde vêr-se por exemplo, um pedaço de vidro dentro da agua, mas se os raios de luz que n'elle incidem, se despersarem precisamente na mesma extensão de agua, tornar-se-ha invisivel.

De facto, um objecto transparente, qualquer que seja a sua fórma, desapparece quando submergido n'um meio tendo o mesmo poder refringente e dispersivo da luz. Se se podesse encontrar um solido transparente n'estas condições de luz, produzindo o mesmo effeito mergulhado no ar, havia de ser absolutamente invisivel.

Este foi o facto scientifico sobre o qual Wells deixou divagar a sua imaginação, e que recentemente prendeu a attenção do professor Wood, o qual se tem dedicado ao problema de tornar objectos invisiveis. Assim usou d'uma solução de hydrato de chloral em glycerina e obteve um liquido que tem todas as propriedades do vidro de fórma que uma varinha de vidro desapparece inteiramente n'elle. O professor Wood metteu tambem um pequeno cylindro de vidro dentro d'um globo, pintado por fóra com uma tinta luminosa. Olhando através d'um pequeno orificio o cylindro ou rolha de vidro estava completamente invisivel, apesar do globo todo estar illuminado de uma luz azul.

N'este caso a invisibilidade resultava do facto do objecto ser transparente e illuminado egualmente de todos os lados. Seria, portanto, possivel construir um quarto, pelo mesmo plano, no qual todos os objectos transparentes desappareceriam inteiramente da vista. São estes os trabalhos de nova prestidigitação que occupam a attenção d'este professor, querendo justificar pela experiencia scientifica a imaginosa creação do romancista.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 40 — 2 h. 27′ 41″,1276.

N.º 41 — 17 ; 9.

Num. 43.

Achar um numero cujo quarto e septimo multiplicados um pelo outro dêem um producto egual a 112.

Num. 44.

Achar tres numeros taes que escriptos cada um adeante do outro, cada um d'elles exceda o precedente de 5 e cujo producto seja egual a 8 vezes a somma dos tres numeros.

Num. 45.

A população de uma cidade elevou-se em 24 annos de 32.500 habitantes a 66.066. Quantos por cento augmentou cada anno?

Num. 46.

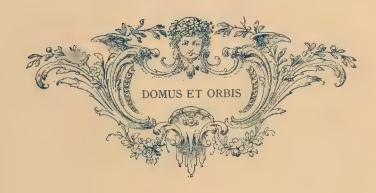
XADREZ

Pretos (4 peças)

Brancos (4 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lanços

Setembro e Outubro	Barometro — Nivel do mar		TEMPERATURA						Chuva — Millimetros		Ozone — Gráus	
			ás 9 h. da manhã		maxima		minima					
	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902
1	762,2	764,0	19,5	20,9	25,7	24,8	15,3	16,8	0,0	0,0	0,2	5,3
2	760,8	762,1	20,2	20,5	22,7	22,6	17,7	17,8	—	0,0	6,3	5,0
3	762,4	762,5	19,7	21,3	22,8	24,9	18,3	17,0	1,3	0,0	7,5	7,0
4	764,3	766,1	20,3	20,2	21,8	22,6	17,2	14,5	—	0,0	5,5	5,5
5	761,5	768,2	20,2	19,4	21,0	22,7	18,1	15,3	0,0	0,0	8,2	7,2
6	759,7	765,9	18,7	21,0	20,6	25,7	15,7	16,2	39,0	0,0	7,5	6,0
7	761,3	761,7	18,8	19,4	20,9	20,5	17,4	15,8	0,0	0,0	5,5	7,5
8	761,7	759,1	26,6	18,8	23,0	20,8	17,3	14,7	0,0	0,0	5,3	4,5
9	764,4	762,0	20,4	19,7	22,1	21,2	18,1	16,0	0,0	2,1	7,2	6,7
10	765,8	765,1	19,3	17,8	22,3	22,2	16,7	15,0	0,0	0,0	7,8	3,2
11	765,0	763,6	19,2	20,2	22,2	22,1	16,6	17,9	0,0	0,0	6,7	8,0
12	764,7	763,2	19,7	20,4	23,6	22,1	16,6	17,1	0,0	0,1	5,5	7,0
13	762,3	764,4	21,4	19,3	24,8	22,1	16,9	16,1	0,0	1,7	9,0	8,3
14	762,8	764,5	18,9	19,4	21,9	24,3	16,0	16,0	0,0	0,0	6,3	6,2
15	762,8	765,3	18,1	20,3	21,1	26,2	14,6	15,5	0,0	0,0	5,0	3,5
16	762,5	765,2	19,9	19,8	23,1	27,1	15,5	16,4	0,0	0,0	5,7	5,0
17	763,9	763,1	21,0	21,8	25,6	20,7	17,0	16,5	0,0	0,0	6,5	4,0
18	764,3	761,5	20,1	23,4	25,2	26,0	17,9	16,9	0,0	0,0	5,5	3,0
19	764,0	764,4	19,9	19,9	24,8	25,3	16,2	17,0	—	0,0	7,5	3,8
20	760,6	766,4	19,1	22,0	20,4	26,0	16,3	17,3	0,0	0,0	5,8	4,7
21	758,0	764,7	19,1	22,0	20,5	25,7	15,0	17,3	8,5	0,0	7,0	4,3
22	752,7	762,8	14,7	22,2	19,3	26,3	14,3	18,2	14,9	0,0	5,7	3,7
23	759,7	765,3	15,8	19,9	20,0	23,5	14,3	16,8	11,5	0,0	5,0	5,0
24	766,3	767,4	18,1	18,4	19,3	23,0	15,1	15,1	0,9	0,0	8,5	4,5
25	767,4	766,0	18,8	19,4	21,2	25,2	17,1	15,3	0,0	0,0	7,3	4,8
26	766,9	763,7	18,0	19,8	19,9	26,0	16,5	18,0	0,0	0,0	8,2	2,0
27	766,8	763,9	19,4	19,9	24,3	26,8	16,5	17,2	0,0	0,0	3,0	3,5
28	764,1	761,9	19,5	20,2	28,9	23,6	16,5	17,4	0,0	0,0	3,3	4,5
29	762,4	759,0	19,4	20,4	28,9	25,5	17,8	17,9	0,0	0,0	2,2	3,5
30	762,1	756,4	20,9	18,6	26,5	19,7	19,2	14,5	0,0	0,0	2,3	7,3
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	764,3	756,5	19,0	17,2	23,0	21,5	16,9	14,8	0,0	5,6	4,7	5,7
2	766,9	758,6	18,7	17,7	21,0	19,5	15,3	14,0	0,0	0,0	3,3	3,0
3	766,3	757,1	16,7	15,0	21,6	19,2	14,0	13,6	0,0	6,5	4,2	7,8
4	766,2	758,6	18,7	16,4	22,9	19,6	14,3	14,1	0,0	1,6	6,2	4,5
5	765,5	765,4	15,7	17,8	18,8	19,4	13,3	15,0	0,0	0,0	4,0	4,2
6	765,1	762,7	16,2	18,7	20,6	20,5	13,0	16,3	0,0	0,0	4,0	8,0
7	761,3	756,6	18,4	18,4	22,5	19,6	13,5	17,0	0,0	21,4	4,5	3,8
8	759,7	752,3	18,4	16,1	26,6	16,5	14,5	13,9	0,0	7,8	3,3	5,7
9	763,2	753,2	19,2	14,9	27,2	19,0	17,6	13,7	0,0	22,4	2,5	5,0
10	764,0	755,6	17,7	16,1	22,5	18,7	15,9	14,0	0,0	6,2	3,0	7,3
11	762,9	760,6	17,8	17,2	20,6	19,0	16,3	14,7	27,0	0,0	4,0	6,7
12	761,4	768,5	17,4	16,7	19,8	20,9	15,6	13,9	0,0	0,0	5,9	3,5
13	759,5	770,2	17,3	16,9	20,1	21,8	13,7	13,4	0,0	0,0	5,0	4,5
14	760,0	768,0	16,3	15,7	18,3	20,7	13,4	12,2	0,0	0,0	3,8	5,5
15	758,4	768,1	16,5	11,6	16,6	18,7	13,1	11,2	0,0	0,1	4,5	7,0
16	756,6	767,5	14,3	16,2	16,3	20,4	11,8	12,6	18,9	0,0	4,0	6,5
17	761,0	768,2	14,3	15,7	17,5	19,6	11,9	13,5	0,8	0,0	8,0	8,0
18	762,2	768,9	17,0	16,9	17,9	20,2	14,4	16,0	4,5	0,0	6,5	5,2
19	763,3	768,4	15,9	17,4	17,5	20,8	12,3	15,3	14,7	0,0	5,5	7,5
20	767,2	767,9	14,8	17,2	16,6	20,8	12,3	14,3	0,2	0,0	5,7	6,2
21	761,5	767,8	14,5	18,0	17,3	21,8	12,8	14,2	1,7	0,0	5,5	6,5
22	762,1	768,4	15,0	17,0	17,2	22,7	12,8	14,9	0,7	0,0	4,3	5,0
23	768,6	770,8	14,4	14,5	18,0	21,2	12,0	14,4	0,0	0,0	5,5	2,2
24	771,3	768,6	13,0	15,5	18,3	20,9	9,6	14,4	0,0	0,0	6,0	3,8
25	768,2	768,7	14,7	13,4	17,8	19,5	13,4	12,1	0,0	0,0	3,7	3,7
26	768,0	767,5	14,4	14,0	16,8	20,3	13,1	9,9	0,2	0,0	5,0	3,5
27	767,0	764,9	14,1	15,0	17,6	21,8	11,7	11,7	0,0	0,0	5,0	3,3
28	768,1	763,1	11,6	12,4	17,3	23,2	9,6	11,3	0,0	0,0	6,5	3,5
29	762,8	759,7	13,7	16,4	16,5	22,3	11,3	12,7	0,0	0,0	7,0	2,5
30	759,4	762,2	12,7	14,2	15,0	20,6	10,8	12,0	0,3	0,0	5,7	4,7
31	760,9	765,1	13,8	14,3	16,6	20,0	10,7	12,3	8,2	0,0	6,0	5,3

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SUMMARIO

UMA VISITA Á BEIRA — A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL. — AS ESTRADAS DO MUNDO — SONETO — O MUSEU MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ — LOUISETTE. VALSA — O TACITURNO — A VIDA EM LISBOA — O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ. — VARIEDADES. — CONHECIMENTOS UTEIS

VOL. III DE JAN. A FEV. — 1903 NUM. 17

dministração: 7, Calçada do Cabral, Lisboa Preço 200 réis

SUMMARIO

Pag.

UMA VISITA Á BEIRA. — *Por* Antonio Ennes. — *Com 5 illustrações* 259
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL. — *(Continuação)* — *Por* Albrecht Haupt. — *Com 12 illustrações* 271
AS ESTRADAS DO MUNDO. — *Por* Silva Telles. — *Com o mappa do Mediterraneo* 283
SONETO. — *Por* Eugenio de Castro. — *Com 1 illustração* 292
O MUSEU MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ. — *Por* Melchior da Cruz. — *Com 9 illustracões* 293
LOUISETTE, *Valsa para piano.* — *Por* G. F. de Borja Araujo 298
O TACITURNO. — *Escola florentina do seculo XVI (auctor desconhecido); quadro do Museu do Louvre* 302
A VIDA EM LISBOA; o Campo Grande. — *Com 12 illustrações* 303
O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ. — Romance. — *Com 2 illustrações* 309
VARIEDADES. — Memento encyclopedico. — Necrologia. — Theatros. — Photographia pratica. — Paciencias. — Conhecimentos uteis. — Poblemas. — Xadrez 29

43 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis, cada uma, capas em percalina, propriedade dos Serões, segundo a lei, destinadas ao I e ao II volumes da Revista. Por cada encadernação, de que tambem se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a reducção do preço a **2$200 réis,** o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por:

Series de		
	3 numeros	600
	6 numeros	1$200
	12 numeros	2$200

Para os paizes da **União Postal,** por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3$000 réis,** moeda portugueza. Para e **Brazil** (moeda brazileira), **18$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado.—Numero avulso *1$500* réis (moeda brazileira).

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo avultado de cobrança pelo correio; por isso se pede a *remessa directa* da importancia das assignaturas á **administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7.**

Typ. e impressão dos *Serões*, C. do Cabra, 7 — Editor. Thomaz Rodrigues Mathias

Os **SERÕES** teem publicado os seguintes

MYSTERIOS DA HISTORIA

Narrativas dramaticas de casos, incompletamente sabidos, que deixam entrever enigmas crueis do coração humano, motivos de psychologia complexa que desenham caprichosos entrelaçamentos de paixões e de interesses.

Tragedia em Napoles (Joanna, rainha de Jerusalem e da Sicilia). — **Num. 2.**

O collar da Rainha (Maria Antonietta e o cardeal de Rohan). — **Num. 3.**

Tragicos destinos (Maria Stuart e David Rizzio). — **Num. 4.**

Predicção historica (Assassinio de Henrique IV). — **Num. 5.**

O cabaz de pecegos (Morte do papa Alexandre VI). — **Num. 6.**

Vingança de Rival (Filippe II de Hespanha e a morte de Escovedo). — **Num. 7.**

A torre de Londres (Jayme I de Inglaterra, e o conde de Somerset) **Num. 8.**

Tragica historia d'um csar (O aventureiro Demetrio). — **Num. 9.**

Romance d'um principe (Filippe II de Hespanha, e seu filho D. Carlos). — **Num. 10.**

Curiosa confissão d'um rei (Carlos IX e o assassinio de Coïgny). — **Num. 11.**

Fatal entrevista (A morte de Francisco Borgia, duque de Gandia). — **Num. 12.**

O serralheiro do rei (Luiz XVI e Gamain. — **Num. 14.**

Beira — Intendencia do governo (actualidade)

Uma visita á Beira

Por ANTONIO ENNES

N'esta época (1891) ainda a Beira estava guardada pelo grosso das forças do *Corpo expedicionario a Moçambique*, que da metropole acudira a evitar que os agentes de Cecil Rhodes e da *South Africa* continuassem a invadir territorios que a diplomacia britannica já havia reconhecido pertencerem ao senhorio de Portugal, e se assenhoreassem dos caminhos do litoral para Manica, como tinham occupado as terras do regulo Mutassa, para depois impôrem as suas usurpações ao governo portuguez e ao proprio *Foreign Office* com a força de *factos consummados*, applaudidos pela ambição nacional.

Os terrenos enxutos da foz do Pungue são tão acanhados e tão desprovidos de condições de habitabilidade, que fôra difficil encontrar n'elles área apropriada para um acampamento provisorio e uma base de operações militares. Os funccionarios incumbidos de escolherem local onde a expedição estacionasse depois de desembarcar, e onde se postassem as suas fracções, destinadas a defender a entrada do rio, tinham a principio desprezado o areal da Beira, provavelmente por estar exposto a ser varrido pela artilharia dos navios de guerra que se approximassem do porto, preferindo-lhe um sitio, denominado Dondo, situado a cêrca de 8 kilometros da margem direita do Chiveve, no rumo approximado de noroeste. N'esse sitio o chão forma uma lombada, a que não trepam aguas de cheias, e que as humidades do sub-solo e da atmosphera forraram de arvoredo alteroso e de mattas de bambú; a sua relativa altitude fêl-a suppôr saudavel, e em attenção a esse merecimento foi-lhe perdoado o defeito, bem visivel, de ficar distante do porto, onde teria de desembarcar o copioso material que acompanhava as tropas, e distante do rio que ellas precisavam vigiar. Ali se emprehenderam, mezes antes de chegar a expedição, vastos preparativos para a receber. Armaram-se os madeiramentos de grandes barracas destinadas a alojamento e armazenagem, fizeram-se desaterros e terraplanagens, principiou-se uma estrada, em que se gastou muito dinheiro e ainda mais tempo; quando, porém, os trabalhos já iam adiantados e já se disséra para Lisboa *que tudo estava prompto*, engrossaram as chuvas, affluiram as levadas do interior, trasbordaram o Pungue e o Chiveve, e percebeu-se então, só então, que o Dondo era cercado por pantanos, que não só o envolviam em miasmas, senão que o isolavam e lhe interceptavam todas as communicações.

Fui lá em agosto. Apesar de decorridos quatro mezes de estiagem ainda passei por cima de atoleiros em que os negros se cravavam até as virilhas, precisando suspender a machila acima das cabeças, a braço retezado, para a não atascarem. Da lama revolvida pelas pernas dos machileiros exhalava-se um cheiro que fazia febre. O proprio chão já enxuto e firme ainda denunciava uma submersão recente. Tinha aspecto d'um leito de rio, sedimentar, rugoso, ondulado. Rompiam d'elle vergonteas de accacias, crescidas da altura d'homem, que davam a medida do tempo decorrido desde que o sol lhe podéra fecundar as sementes na vasa da inundação.

Abandonado o projecto do acampamento no Dondo, não se pôde preparar outro antes da expedição chegar, embora já chegasse tarde por não quererem os grandes vapores da Mala Real transportal-a á Beira, como podiam e como lhes fôra ordenado, e quando as tropas afinal entraram no porto poderam crêr que nem esperadas eram. Tiveram de provêr ás necessidades da situação com os recursos felizmente abundantes e variados que a metropole lhes fornecera e installaram-se na propria praia em que desembarcaram, na ponta do Chiveve, no areal alto e nú, prolongado entre os barracões da alfandega e a nova povoação, que então ainda estava vaga de edificações.

Isto foi em março; em agosto encontrei-as ainda no mesmo local, na mesma installação.

Eram duas companhias de infanteria 1, a brigada de artilharia de montanha, a companhia de engenharia, a administração e o commando. Outras duas companhias de infantaria tinham-se espalhado em destacamento por Neves Ferreira, Mapanda e Sarmento; a artilharia de posição ficára em Lourenço Marques, d'onde mandára algumas fracções para a foz do Limpopo, e depois para o Cossine.

Quando a bordo, avistei o acampamento, senti vergonha e tristeza. Pareceu-me uma feira dos arredores de Lisboa, vista pelas costas.

Sobre a areia amarella tinham-se amontoado, sem ordem, sem alinhamentos, barracas de lona, sujas, remendadas, atamancadas com encerados negros, chapas de metal sem pintura, taboados. Havia-as de muitas dimensões e fórmas, mas todas mais do typo da tasca improvisada em arraial saloio do que da tenda de campanha. Entremeiavam-n'as palhoças. O quartel do commando construiu-se de caniço e palha, tão tosco e vil que o desprezaria para morada um regulo de tanga. Casas armadas de madeira e zinco apontavam-se meia duzia; um refeitorio de officiaes, um atelier de photographia, arrecadações, a habitação dos medicos. Na praia do mar, sobre as ribas do Chiveve, aqui e acolá, jaziam montões de barricas, e caixas, rumas de tijolo e taboas, embarcações e machinismos, medas de ferro comprimido e reparos de artilharia, uma enormidade de material a trochemoche, como nos caes d'uma alfandega mal arrumada.

Pelos vãos do abarracamento e da tralhoada, passavam homens vestidos de linhagem, grandes chapeus de feltro amachucados, com o corpo enervado, puxando penosamente pelos pés que se lhes cravavam na areia; pequenos grupos de negros arrastavam wagons carregados sobre a linha negra d'uma via Decauville.

Para se acreditar que estava ali tropa, tropa européa e civilizada, era preciso attentar na bandeira portugueza, que ondeava no topo d'um grande mastro, á beira do Pungue, e na cruz vermelha que, lá ao fundo, se estampava no céo, por cima d'uma barra verdenegra do mangal.

Visto por dentro, visto de perto, tão pouco o acampamento alegrava a alma, mórmente de quem sabia que a expedição fôra provida de quantos recursos podiam assegurar o bem-estar do soldado, e fazer luzir aos olhos de indigenas e estrangeiros a galhardia do exercito do reino, que pela primeira vez ia mostrar as armas em terras africanas. Que mal aproveitados recursos!

As barracas de lona, sordidas e deprimentes, eram improprias para o clima. Não sendo impermeaveis, coavam os aguaceiros e ensopavam-se no *sereno* copioso da noite; depois, quando a soalheira abrazava o areal, vedavam as brizas frescas do mar, e guardavam lá dentro um ambiente insoffrivel de humidade quente, enfrascado em emanações de gente mal lavada. E porque estariam officiaes e praças empilhadas debaixo de lonas, tendo ali á mão, na praia, casas e casas de madeira e zinco, que o governo da provincia encommendára para alojamentos, a apodrecerem ao abandono?

O corpo levára comsigo material e operarios para crear meios regulares e faceis, onde os não encontrasse, de embarque e desembarque, mas tinha deixado em Moçambique quasi todo esse material, incluindo os guindastes, e, escasseando na Beira os carregadores, tinham os soldados de baldear e carregar os volumes de aprovisionamentos, sendo animados n'essa faina pelo proprio commandante, de quem se dizia que fôra visto mais d'uma vez, no extremo do seu zelo de dona de casa, rolar barricas de farinha. E os negros motejavam acocorados na areia, com os joelhos estreitados nos braços.

De Lisboa enviavam-se mensalmente fornecimentos abundantes e variados de viveres; parte d'elles, porém, encalhavam na capital da provincia, e succedia escassearem na Beira e comprarem-se a peso d'ouro em Lourenço Marques generos de que se estavam engordando os ratos e as baratas do pavimento terreo do palacio de S. Paulo. N'esse limbo e nos armazens da alfandega cahira tambem boa parte dos apetrechos de toda a sorte, desde as locomoveis até as agulhas e alfinetes, com que a sollicitude da metropole atulhára os porões do *Loanda* e do *Malange*; seis mezes depois da chegada da expedição, lá estavam ainda filtros, bombas e baldes de incendios, sementes de hortaliças e mobilias, velocipedes e alidades, mochilas de ambulancias, caixas de tabaco, e até os objectos todos do culto religioso, e o proprio vinho das missas, ou antes, as garrafas que o tinham contido. O capellão do corpo — bom portuguez e sacerdote digno, — não podia officiar nem quasi administrar sacramentos.

O commando e o grosso da expedição estavam quasi isolados dos destacamentos enviados para o interior; entretanto, na Beira estavam armazenados apparelhos e fios isoladores com que se poderiam ter montado umas poucas de estações telegraphicas. Posteriormente, quando se quiz aproveitar este material, já a ferrugem o tinha estragado.

Beira — Caes da Alfandega

Inutilizados assim tantos meios de satisfazer necessidades ou de obter commodidades, todos os serviços do corpo eram deficientes ou irregulares, a não ser o da saude, organizado e dotado com generoso disvelo pela Sociedade da Cruz Vermelha, e desempenhado e dirigido com tanto saber quanta philantropia pelos medicos da armada. A' margem do Chiveve tinham armado barracas Talbot, fornecidas pelo ministerio da guerra para servirem de hospitaes, e formavam grupo com ellas a pharmacia e mais annexos d'uma installação hospitalar. As barracas eram excellentes; impermeaveis, ventiladas, sem desabrigo, protegidas contra as intemperies pelas camaras d'ar abertas entre os seus dois revestimentos, preservadas das exhalações do solo por encerados, mobiladas com aceio e conforto, proporcionavam aos enfermos condições de hygiene e de bemestar quasi imprevistas em areaes de Africa, e de que não gosam talvez os hospitaes monumentaes de Moçambique e de Lourenço Marques. Nas dietas não havia só abundancia, havia até delicadeza e mimo. Nunca faltaram medicamentos na pharmacia.

Mais do que estes beneficios valiosos, valiam, porém, o saber experimentado e a dedicação patriotica de Rollão Preto, de Rodrigues Braga, de Leopoldino Gonçalves. Os heroes da expedição foram elles; heroes até no esforço perseverante com que venceram más vontades, resistencias, intrigas, calumnias, e até conspirações desalmadas, que até pareciam desejar que a mortalidade das tropas obrigasse os poderes publicos a repatrial-as. Essa mortalidade, felizmente, foi minima; foi pouco superior, descontada a percentagem dos desastres mortaes, á que se regista nos quarteis de Lisboa. Provou-se que o soldado europeu póde militar em Africa, ao menos durante curtos periodos, sem soffrer mais com o sol dos tropicos do que com o sol do Alemtejo, e resistindo á infecção dos pantanos do Pungue e do Zambeze talvez melhor do que á dos paúes de Alcacer do Sal. Mas para essa demonstração contribuiu o serviço medico, que os proprios estrangeiros admiraram e aproveitaram.

Os responsaveis pela organização do corpo expedicionario a Moçambique teem essa suave consolação de delorosos desenganos e pungentes desgostos: nada faltou, nem carinho fraterno, nem esmeros de sciencia, nem sequer regalos de opulencia, aos soldados que padeceram e morreram na missão de guardarem os brazões da sua patria!

E o viver dos sãos, apesar de todos os erros, de todas as faltas, de todas as impotencias da administração e da direcção d'esse corpo, tambem não foi atribulado nem por privações nem por trabalhos. Quem imaginou que em Africa, fóra das grandes povoações do litoral, e até no matto, se podia passar tão regaladamente como n'uma côrte da Europa, gemeu e carpiu-se porque alguguma vez lhe faltaram batatas de roda do assado e temperos para acepiparem a olha, porque faltava na mobilia do acampamento tinas e inodoras, zumbiam mosquitos em roda das camas de campanha e o governo não tinha mandado galgas aplanarem os trilhos do sertão; mas a verdade é que as condições da vida dos expedicionarios foram, em todas as situações incomparavelmente mais benignas do que são de ordinario as de quaesquer viajantes, altas personagens que sejam, que em Africa se distanciam dos grandes centros populosos. Por descostume, por ignorancia, por sybaritismo e malicia os mais d'elles, murmuraram, queixaram-se, mal tinham desembarcado já não pensavam senão em embarcar outra vez a caminho de casa; mas o que diriam elles se os condemnassem ás agruras, ás verdadeiras miserias que n'esse mesmo momento soffriam voluntariamente os inglezes no interior? Nos aquartelamentos da *South-Africa* nos fortes Salisbury e Victoria, nos estabelecimentos do Mutave, nos postos espalhados pelos territorios dos Metabelles e dos Machonas, officiaes superiores do exercito britannico, lords e filhos de lords, verdadeiros *gentlemen* emparelhados com os mais rudes mineiros e desprovidos aventureiros, dormiam no chão com a cabeça encostada nos sellins dos cavallos que a tze-tze já teria morto, comiam o que a espingarda matava ou o que encontravam nos celleiros dos negros miseraveis, e se umas vezes se embriagavam com *Champagne*, outras vezes bebiam de bruços no fundo dos enxurros. Para se curarem das febres tinham, quando muito *whisky*: a bagagem da maioria d'elles compunha-se d'uma manta, um frasco e uma escova de dentes. Os alojamentos que a sua administração lhes preparava para as jornadas eram, em regra, as arvores das florestas. Se podiam servir-se de carretas, umas carretas aterradoras que duzias de juntas de bois içavam ás montanhas e despenhavam aos precipicios, fazendo-as rodar por cima de penhascos e de troncos d'arvores, acabavam as jornadas mas ficavam com os ossos n'um feixe. Tinham cavallos emquanto a mosca lh'o consentia; mas nem sabiam o que era a mochila, tão usada pelos officiaes portuguezes. Aquillo sim, que era vida dura, vida do sertão, vida da Africa selvagem sempre no cairel do perigo, sempre no amargo do sacrificio; tem-n'a supportado muitos viajantes e

exploradores portuguezes, mas o pessoal do corpo expedicionario, e o proprio destacamento que foi a Massikessi e a Sena, não chegaram a fazer idéa das suas asperezas.

No acampamento da Beira, o maior mal eram o alojamento, as barracas de lona, e ainda esse era só um mal relativo. Bebia-se agua, scientificamente filtrada e purificada, fornecida por um poço aberto no areal ou pelo Busi. Comia-se pão de trigo cosido cada dia n'um excellente forno portatil. Rações abundantes de vinho e café molhavam nos estomagos os fartos ranchos, egual, nos dias magros ao que fornecem os caldeiros dos quarteis de Lisboa, apenas com menos hortaliça e augmentado duas ou tres vezes por semana com bellos nacos de carne de bois de Sofala. Os officiaes tinham ao seu dispôr nas dispensas da administração, querendo pagal-as, até luxuosas iguarias, até o *foie-gras* e os *espargos*, que attrahiram sobre a expedição o appellido epigrammatico de *pic-nic* patriotico. E se este regimen alimentar não era ainda mais succulento e appetitoso, a culpa tinham-n'a só os expedicionarios que não aproveitavam os recursos do paiz. Estavam á beira d'um mar piscoso, e não pescavam; na orla d'um immenso parque de caça grossa, e não caçavam. Tinham levado da Europa caixões de sementes de hortaliças e nunca tiveram a curiosidade de fazerem uma horta, que o Busi se encarregasse de regar. Muito exigentes, muito mimosos, não eram nada industriaes. A tripulação do cruzador inglez *Magicimen*, que estacionou mezes seguidos no porto, tinha todos os dias carne fresca de garça, carne tenra e saborosa de antilopes, que um troço de marinheiros ia matar nas margens do Pungue; nem este exemplo dissuadiu a nossa gente de mandar buscar longe, por preços enormes, esse magro e hectico gado vaccum, que se avistava ruminando capim secco nas bordas chatas do Chiveve. A's tardes, carregadores ou soldados pretos sentavam-se na praia do oceano, atiravam á agua com ajuda d'uma pedra algumas braças de cordel com anzoes iscados, e retiravam-n'o momentos depois trazendo suspensos pequenos peixes prateados; os soldados brancos agrupavam-se para os vêrem, e invejavam as caldeiradas com que elles se regalariam á ceia, mas não pensavam em imital-os. No canto da ponta Géa armavam-se camboas em que a miude cahiam *chareus* que dariam de comer a uma companhia, garopas do tamanho de um homem; todavia a primeira vez que se viram espinhas nas marmitas dos expedicionarios, foi quando eu offereci ao rancheiro uma garopa com que tinha sido presenteado, tão collossal que á minha meza só em quinze dias poderia ser comida.

Chiloane — Residencia de Chingune

A prova real de que as tropas não eram mal alimentadas, fornecia-a a estatistica nosologica. Quando cheguei á Beira havia trez ou quatro camas occupadas no hospital, e só um doente inspirava cuidado aos medicos. De abril a junho, no periodo do enxugamento do solo, tinham sido frequentes as febres palustres, de caracter benigno; accentuando-se a estiagem, melhorára o estado sanitario.

Peor era o estado moral, d'aquella agglomeração de gente, parada, immobilizada, inutilizada n'um estreito areal havia já muitos mezes. Porque não seguira, em parte ao menos, para o interior? Por falta de carregadores para as bagagens, para os mantimentos,

para as munições. Foi essa falta que esterilizou a expedição, ou que serviu de pretexto á sua esterilização. O unico inconveniente serio do emprego de forças européas no interior da Africa é a necessidade de pôr ao serviço d'ellas negros de carga mais numerosos ainda do que os soldados. Onde não ha nem vehiculos de transporte, são os hombros dos indigenas que teem de prestar ás tropas em marchas esses indispensaveis e pesados serviços de que na Europa se encarregam o trem circulante das administrações militares; para esses indigenas é preciso, porem, levar mantimentos, que obrigam a recorrer a mais carregadores, e assim se desenvolve o mais pequeno destacamento n'uma immensa columna. Em Lisboa havia-se pensado, e pensado a tempo, n'este inconveniente, e ordenára-se a concentração na foz do Pungue, d'alguns milhares de negros, contractados onde fosse possivel, e o governo da provincia recorrera para cumprir essa ordem ao capitão-mór de Manica, o malaventurado Manoel Antonio de Souza, que na Gorongosa e no Barué, dois prazos marginaes do Zambeze, podia levantar, suppunha-se, legiões de mercenarios. Enviaram-lhe instrucções, n'esse sentido, e acreditou-se que bastava tel-as dado para ellas serem cumpridas; annunciou-se para Lisboa que de tantos a tantos kilometros, desde a Beira até Massikessi estariam escalonados grupos de 2.000 carregadores para acompanharem a expedição revesando-se por turnos, e até que esses grupos abrissem caminhos para facilidade do transito. Manoel Antonio, porem, não mandou um só homem nem sequer preveniu que os não poderia mandar, julga-se que por se achar a braços com a revolta do Macombe, que afinal lhe arrancou a vida; e, por sua parte, o governo geral não atinou com providencias efficazes e rapidas, que remediassem este transtorno, que podia inutilizar de todo os esforços e os dispendios que a expedição representava. Quando ella chegou á Beira não encontrou lá negros para a descarga, quanto mais para a marcha ao interior!

Posteriormente fizeram-se algumas tentativas para os reunir, mas todas mal pensadas ou mal executadas. Na Maxixa, defronte de Inhanbane, chegaram a estar juntos, para embarcarem, alguns milhares de *feros* landins das terras da corôa; succedeu, porem, que quando elles se tinham apinhado na praia para verem um *paquete* que entrava no porto, esse vapor, da Mala Real, disparou um tiro ao largar o ferro, e os pimpões que já andavam sobresaltados com os rumores de guerra que corriam na provincia, tomaram-se de tal pavor que debandaram e não houve mais vêl-os. Das margens do Zambeze chegaram a ir para a Beira alguns centos de negros; mas fugiram quasi todos, e sabe Deus porque fugiram! A' espera d'outros desperdiçou a expedição semanas e mezes, inactiva, reduzida a guardar as boccas do Pungue e do Busi, deixando desprotegido o corpo de voluntarios do major Caldas Xavier, que lhe devia servir de vanguarda. Singular contrariedade: da vasta provincia de Portugal d'onde os proprios estrangeiros teem sempre tirado gente para as necessidades da sua colonização, onde pouco antes os allemães tinham contractado soldados para as guerras do continente de Zanzibar, onde pouco depois Wissemann havia de encontrar carregadores para a aventurosa viagem ao Tanganyka, não souberam as auctoridades portuguezas n'uma hora de crise nacional reunir alguns milhares de indigenas para uma curta faina, apesar de disporem, nomeadamente de centenas de milhares de colonos dos prazos da Zambezia, todos administrados então pelo Estado! D'esses sahiram, afinal, tarde e a más horas, já entrada a estiagem, uns trezentos ou quatrocentos negros e chegaram á Beira; tão poucos eram, porem, que só permittiram mandar destacamentos ás primeiras estações do caminho de Manica. O grosso das tropas permaneceu no acampamento do Chiveve, e lá estava em agosto.

A fazerem o que? Terminada a faina de installação, a força foi votada á mais inervante ociosidade, á mais desmoralisadora inutilização. Da sollicitude, bem ligitima, pela saude e vida do pessoal deduziram-se absurdamente e contra o pensar dos medicos esclarecidos e de bôa fé, um regimen contra producente de innação physica, e uma prophylaxia terrorista contra os influxos do clima e os perigos do sertão. Os soldados não foram mettidos dentro de rodomas de vidros, por que não havia esses apetrechos bellicos; mas consentiu-se que passassem mezes estatelados nas enxergas dentro das barracas de lona, a tocarem *harmonium* e a suspirarem pelo regresso á patria. Este *far niente* só era interrompido pelo cumprimento dos deveres derivados das necessidades mais impreteriveis do viver do acampamento, descontados na relação d'esses deveres, os especiaes das armas. Não havia exercicios, porque o terreno arenoso cançava as pernas. Quasi não se postavam sentinellas, porque o sol crestava-as. Porque se não manteriam escolas de tiro, porque se não ordenariam passeios militares, porque se não procuraria acostumar a força a marchar, a acantonar, a manobrar, a viver no matto? Não, que tudo era fatigoso, e, depois no matto havia cobras e mosquitos.

Beira —Rua Conselheiro Ennes — 1) Standart Bank — 2) Pauling & C.º, Bank of Africa – 3) [illegible]

Prohibiu-se caçar, não fosse caso que algum caçador imprudente désse uma chumbada n'outro ou em si. Na situação creada, cumpria occupar e entreter por todos os modos a expedição, inventando-lhe ali trabalho e distracções, para seu beneficio material e moral. Houvera tempo para observar que os sapadores, que mais lidavam, eram os que melhor saude gosavam. Podiam-se ter feito reconhecimentos no paiz circumvizinho da Beira e nos seus rios ainda tão ignorados, obras de fortificação passageira ainda que desnecessarias, melhoramentos no campo, lançamentos de linhas telegraphicas; alguns centos d'homens reunidos n'uma terra virgem teêm sempre aproveitamento. Nada d'isso se fez, porém. A vida do acampamento durante mezes e mezes, foi comer, dormir, e murmurar. Até a banda da musica, que acompanhara o batalhão de infantaria a pedido da officialidade, deixou por muito tempo os cornetins e o figles dentro dos saccos, para não entrar com elles o microbio palustre!

Os militares podem calcular o estado moral a que se reduziria um corpo sujeito a este regimen dissolvente! Muito bons, muito disciplinados, muito doceis eram os soldados; se o não fossem a Beira teria visto scenas de ignominia. Mas a apathia debilitou-lhe os corpos, e os animos entibiaram-se-lhes com a presumpção de que estavam condemnados a um doloroso sacrificio inutil. Tinham visões de morte se lhes doia a cabeça ou sentiam um calefrio correr-lhes a espinha dorsal. Postos em movimento, e mettidos em brio, logo se retemperavam é certo; mais deixados á ociosidade contemplativa dos tectos das barracas, apiegavam-se. Os officiaes esses, na sua maioria, tinham só uma aspiração, um estimulo, um voto, o de voltarem quanto antes a Portugal, e emquanto esperavam entretinham-se a cabalar e a maldizer, desunidos, indoceis, moralmente indesciplinados, insoffridos á minima privação, esmorecidos com o mais ligeiro incommodo, exportando para a Europa noticias e correspondencias terroristas... E, no meio d'elles, um espirito maligno percorria as barracas convencendo os soldados sãos de que estavam doentes e deixando os enfermos sem tratamento, espalhando a sentença de que Africa só era habitavel *para os negros e officiaes da marinha!* protestando que só elle, havia de inutilizar a expedição. Um quadro desolador!

Felizmente, o corpo, mesmo paralysado, tinha desempenhado só com a sua presença e a noticia de sua presença nas margens do Pungue em Lourenço Marques e na foz do Limpopo, uma parte da sua patriotica missão defensiva. Cecil Rhodes e a *South-Africa* tinham desistido da idea de se apoderarem de surpreza da Beira ou pelo menos d'uma estação sobre o Pungue ou o Busi, por não poderem já cohonestar a empresa com a allegação de que os terrenos, sobre que a dirigissem não estavam occupados. As diplomacias estrangeiras, já não tinham pretexto para se desinteressarem do nosso pleito com a Gran-Bretanha, observando que não nos ajudavam, pois nada faziamos para defender o dominio nacional, nem mesmo contra simplos bandos de flibusteiros. Os regulos abalados na sua fidelidade pelo exemplo do Mutassa, ou tentados na sua cobiça pela fama dos beneficios que Lobengula ganhára com a submissão, ou receosos de assaltos dos vassallos e alliados dos inglezes, haviam-se impressionado com a visinhança de tropas européas providas d'um armamento como nunca se vira n'aquelles portos, e o sertão da provincia aquietara-se. Se apesar d'estes resultados e de ter sido negociado e ratificado um novo convenio com o governo de Londres, ainda era prudente conservar á mão essas tropas, não fosse caso que os inspiradores, e agentes de *South-Africa* tentassem outra vez oppôr actos de violencia ás estipulações diplomaticas que os não tinham contentado, já não havia que exigir d'ellas penosos sacrificios nem arriscados feitos. Era apenas necessario aproveitar a engenharia para fazer os estudos do caminho de ferro de Manica, que deviam estar promptos em seis mezes, e convinha que antes de se retirar a expedição tão dispendiosa e em cujo exito lisongeiro tanto estava empenhado o brio do exercito portuguez, ella provasse d'algum modo que tinha estimulos e forças para mais do que saltar em terras d'Africa, e desfizesse a alheia persuasão, perniciosa para o prestigio do dominio portuguez, que se ia arraigando no animo dos indigenas de que o soldado branco não se atrevia a perder de vista o mar que lhe assegurava a retirada.

E tudo isto se conseguiu ainda, sem violencias, não obstante e depressão moral e quebramento physico. Se o corpo nada fizera nem tentara em seis mezes, na região do Pungue, por fim em cêrca d'um mez, lançou uma das suas fracções na campanha, a um tempo militar e technica, dos estudos dos terrenos onde se poderiam abrir communicações a vapor entre o litoral e Manica, e destacou de si, para guarnecer Chimoio e Massikessi e, principalmente para mostrar armas portuguezas aos povos que desde muito só viam os portuguezes recuarem e debandarem deante da audacia britannica, uma columna d'infantaria e artilharia que ef-

fectuou, sem perder um homem, sem padecer um revez, apesar de soffrer muitas contrariedades, a mais extensa marcha que uma força militar europea ainda emprehendeu no continente africano. Essa columna organizada e capitaneada pelo capitão de infantaria 5, Manuel de Souza Machado, auxiliado pelos serviços do facultativo naval Antonio Rodrigues Braga, levou a bandeira nacional pelo sertão dentro, desde a Beira até Senna por Massikessi e pela Gorongosa, e levou-a sempre honrada pelos que a seguiam e respeitada pelos que a viam passar. Não travou combates, porque se lhe não depararam inimigos, não fez conquistas, porque só a diplomacia dispunha já dos territorios, mas restabeleceu o prestigio da auctoridade portugueza aos olhos dos indigenas, que, espectadores ou sabedores da traição do Mutassa, do abandono de Massikessi, da retirada da Companhia de Moçambique, do desastre do Chire, iam já crendo que ella abandonara o paiz a esses estrangeiros louros de uniformes côr de grêda, esses *ingrezes* temidos e odiados apesar do seu ouro, que por parte a parte fervilhavam, surdindo á beira dos rios e no recesso das florestas como se rebentassem da terra e da agua. Além d'isso, fez a experiencia da aptidão do soldado europeu para o serviço em Africa, e demonstrou que Portugal não tem o seu dominio ultramarino fiado só de obediencia e sujeição dos indigenas, demonstração esta de que o governo da metropole podia, se quizesse, tirar deducções praticas tão beneficas para ella propria como para os paizes africanos que tutela.

Govuro — Residencia de Bartholomeu Dias

Ao cabo d'um grande estacionamento doentio, indisciplinador, deprimente, ainda os bravos de Souza Machado se arrostaram com as fadigas d'um percurso de milhares de kilometros pelas bravezas do matto, sempre firmes, pacientes, corajosos, e, descendo o Zambeze, desembocaram em Quelimane ufanos da sua lealdade ao dever, contentes por *terem feito alguma cousa:* o que se não poderia, pois, ter emprehendido e realizado com o corpo expedicionario todo ainda animado pelos estimulos da partida?!

Não teria, certamente descravado a bandeira ingleza do planalto de Manica, que nem esse ruidoso feito lhe havia sido incumbido; mas saberia manter em respeito o indomavel leopardo, poderia ter, — como se projectara — firmado a nossa bandeira em regiões onde a desacatavam os proprios potentados indigenas.

Perdeu-mais uma opportunidade, que talvez nunca volte de metter em uma jaula, para o exhibir na Europa, o perverso, o refalsado, o calamitoso Gungunhana, e de conquistar, realmente, o paiz de Gaza, para compensação da perda das margens do Sair!

❧ ❧ ❧

Ao tempo da minha primeira visita á Beira o corpo expedicionario tinha destacamentos estacionados em Neves Ferreira e em Mapanda; visitar tambem essas estações dava-me ensejo para conhecer o Pungue, em toda a parte do seu curso navegavel durante a estiagem.

O que me custou a obter meios materiaes para realizar essa viagem com a rapidez, que a multiplicidade das minhas commissões me impunha!

O serviço das communicações, officiaes e militares, do porto com as testas da via terrestre para Manica tinha sido feito durante algum tempo, pelo *Bufalo*, um vapor de rodas, comprado pelo governo na provincia do Natal, a que os marinheiros pozeram a alcunha de o *Paradas*, embarcação velha, alquebrada, pesada, que devorava carvão como se tivesse rombos no fundo por baixo das fornalhas, e que n'aquelles tempos, não podia expôr-se á ventania sem perigo de lhe desabar sobre o convés a chaminé da machina, adelgaçada, já esfuracada como se fosse de gase. Tinha tanta quilha que só podia subir até Neves Ferreira com aguas de cheia e se encalhava quando as marés decresciam ficava quinze dias atascado, como já lhe succedêra; comtudo lá ia em casos de urgencia, sonda aqui, sonda acolá, pegando-se agora, pondo-se logo a nado. Ultimamente, porém, parára por falta de carvão, por falta de gente de fogo, por todas as faltas possiveis, e era substituido nas carreiras por catraios á vela, mais experimentados nas travessias do Caes do Sodré para Cacilhas do que na navegação africana, e por lanchas tripuladas por indiginas que ao pôr do sol se atracavam á margem esperando correntes a favor para nadarem, estavam á mercê dos caprichos dos ventos e das bebedeiras dos arraes, e levavam ás vezes semanas inteiras para transporem cincoenta ou sessenta milhas de rio. Não me convindo estes meios de transporte, demasiadamente aventurosos, e querendo poupar-me ás delongas de trez ou quatro dias de jornada por terra, vasculejado n'uma *machila*, recorri aos bons serviços do *Almirante*, um escaler a vapor que fôra d'um paquete da Mala Real, solido, veloz, esbelto, obtendo-lhe carvão, fogueiro e chegador emprestados pelo commandante do *Euxène* — um bom marinheiro e um francez primoroso, que, desgraçadamente enlouqueceu depois, no vigor d'uma existencia prestimosa!

Relato estas particularidades para dar idéa do estado dos serviços publicos na Beira; narrarei as peripecias da viagem para descrever as condições de navegabilidade do Pungue e da habitabilidade das suas margens.

Larguei do portaló do *Euxene* pelas 9 horas da manhã com o coronel Azevedo Coutinho, um tenente de engenharia, os meus secretarios Raul Machado e Leotte do Rego o commandante francez, o pobre Pierre Marchand, que se tentara com as seducções d'uma caçada aos bufalos e antilopes. Acompanhado por dois marinheiros, não cuidara de metter a bordo um pratico do rio; elles acertariam com os canaes guiados pela carta hydrographica, levantada poucos annos antes pelo tenente Fontaura. Aquillo não era viagem, era um passeio fluvial, que, diziam, nos devia levar seis horas, empurrada a machina do *Almirante* pela enchente impetuosa, que não tardaria a engolphar-se por entre o mangal das ribas; no dia seguinte á noite estariamos de volta, tendo-n'os sobrado tempo para uma dilatada excursão terrestre.

N'esta confiança partimos, mas, porque a maré vasava ainda, cuidámos nunca acabar de sair do porto! Por mais que a helice volteasse atarefada não perdiamos de vista pela pôpa a mancha cinzenta do acampamento alastrada no areal do Chiveve, os mastros da *Magiconcea* riscados no azul sujo do mar, o fumo branco da chaminé do *Agnes*, acceso para a mesma navegação que nós emprehenderamos; d'um e d'outro lado julgavamos distinguir sempre as mesmas arvores, nas duas interminaveis fitas de mangal, de altura tão uniforme como se as tivesse aparado thesoura de jardineiro, que guarneciam um estuario enorme, liso e estanhado ás margens, e acarneirado ao centro, com pequenos flocos brancos a rebentarem furtivos das velas enlameadas. Só quando se quebrou o impeto da corrente, começámos a passear ao largo d'uma enfiada d'ilhas, que mais parecia grandes tufos de vegetação crescida do leito do rio; depois veio improvisamente a enchente, ferrou as espaduas á pôpa do *Almirante*, e n'um relance desappareceram Beira, porto, navios, primeiras ilhas, e descobriu-se, na margem direita, um areal amarello em que se moviam uns vultos brancos de neve. Uns vultos assim já haviam causado um alarme no acampamento; os soldados tomaram-n'os por inglezes vestidos de branco, e já corriam ás armas, quando um dos suppostos inimigos levantou-se da praia, abriu azas e tomou vôo. Eram pelicanos absolutamente mistraes.

Navegavamos cautelosamente, apesar de parecer grande o volume d'aguas que sulcavamos; o tenente Leotte ia ao leme, e ao pé d'elle Marchand não desfitava os olhos da costa. Todavia, subitamente, n'uma grande largueza, uma largueza de mar, sentiu-se o escaler raspar com a quilha uma superficie aspera que o estremecia todo e fazia quasi estacar na carreira: tinhamos encalhado, precisamente onde o tenente Fontaura marcára um fundão de algumas braças. Anda a ré, allivia de prôa, pega nos croques, finca os remos, manobra d'aqui e d'ali, só pudemos safar-nos com a ajuda da maré, mas ficámos desnorteados. Se o leito do rio já não era como o pintava a carta, como haviamos de achar o caminho? Examinando os tons da agua, calculando os prolongamentos das co-

rôas d'areia que ainda estavam descobertas, attendendo na carta das margens, lá fômos avante, descrevendo curvas e zigue-zagues, atravessando d'uma praia para a outra, avançando para depois recuar, tocando a miude apesar das precauções e da experiencia dos mareantes. O rio continuava a ser largo de ribas chatas, vestidas de mangue e despovoadas, tortuoso, lodoso, descobrindo a espaços banquetas atapetadas d'uma relva inteiramente verde. Tinhamos enxergado cabeças de hyppopotamos, boiando no meio de grandes ondulações circulares, que não tinham dado mostras de perceberem que Raul Machado lhes enviava inoffensivas balas explosivas, da sua *Winchester* inexperiente.

N'isto despontou pela nossa esteira o *Agnes*, o pequeno vapor de rodas que fazia carreiras para Neves Ferreira, por conta dos inglezes, com a bandeira ingleza arvorada. Vinha aos bordos, bordos d'um a outro lado do rio, como um ebrio a tomar a rua toda, mas não encalhava. Sentimo-nos vexados. Passou perto de nós, sem dar signal de ter visto as côres portuguezas, que o *Almirante* levava arvoradas, e do alto da ponte fômos mirados com desdenhosa curiosidade por tres ou quatro japoneirões britannicos, de botas d'agua e pescoços desgravatados. Guiámo-nos um instante pelo seu rumo, mas não tardou a esconder-se n'uma volta do rio, que já antes começára a approximar as margens e a torcer-se e retorcer-se, no meio de planicies cobertas de estiva secca, por cima das quaes se descortinava, muito ao longe, uma lombada encinzeirada. N'essas mesmas terras nem viva alma. De milhas a milhas davam signal de existencia humana espessas columnas de fumo, que vinham de incalculaveis distancias, em torvelinhos trazidos pelo vento toldando o azul fechado do céo e a derramar sobre nós poeiras de palha carbonisada. Lavradores indigenas faziam *queimadas* para limpar e adubar as terras.

Em tentamens e encalhes passámos as horas todas que devia durar a viagem, e outras e outras, arrastados, monotonisados pela monotonia do rio, que só variava em largura e direcção, e das margens apenas mudadas para nos offerecerem á vista, em vez do fatigante mangue, que nos acompanhára muitas milhas, arvoredo de mais caprichosas fórmas, mas egualmente desgracioso e feio. Virou a maré e mais nos atrazou o andamento. Estoques d'agua, apontados d'uma e outra riba recortadas, que aqui amontoavam detritos, além desgastavam taludes, desviavam o *Almirante* das linhas sinuosas do canal.

Veio a tarde, esbateu-se a luz, começaram as aguas a tomar tons de chumbo derretido, alizado e polido na sombra da vegetação marginal. A solidão repassou-se da tristeza do crepusculo. Enormes bandos de aves, que todo o dia tinhamos visto espanejar-se na luz doirada, vieram pousar nas arvores descrevendo circulos, chamando-se com gritos agudos, com grasnidos roucos, com pipilos suaves, e ramarias collossaes cobriram-se litteralmente de plumagens matisadas. Garças esbeltas, corvos empennachados, giganteos pelicanos tocando castanholas com os bicos disformes, cegonhas de compassado adejar, nuvens de passaros gorgeantes vogavam nas ramadas, agitando as folhagens n'um rumor de ventanias em busca de conchego, e fitavam no nosso escaler olhos redondos curiosos, mas sem susto, porque o descostume de vêr homens desacautelava-os da maldade humana. E nós não lhes quisemos dár má idéa da nossa raça. Deixámos quietas as espingardas, respeitando a innocente confiança da natureza.

A' bocca da noite, tornámos a vêr o arrogante *Agnes*. Tinha fundeado não se atrevendo a procurar o caminho sem auxilio do archote do sol. Navegava sempre assim cautelosamente, mas nem essa cautela nem a experiencia do seu capitão o salvaram de se cravar de tal modo n'um banco do rio de formação recente, que não houve safal-o. Lá ficou, lá está; passeiam-lhe na ponte os jacarés e dão-lhe trombadas os cavallos-marinhos. E embora não lhe advinhassemos este destino, passamos por elle triumphantes, bandeira ao vento, ufanos de caminhar sem carta, sem pratico, sem sequer saber onde era Neves Ferreira, através da noite e do desconhecido.

Logo adeante, um incidente de navegação aguou-nos a prosapia. Felizmente que nenhum inglez nos via!

Tivemos de parar, de apagar o fogo, porque tinham caido grelhas da fornalha. Gastámos horas a remediar o desarranjo, depois a fazer vapor. O fogueiro francez tinha as mãos tremulas, porque todo o dia se esmerára, talvez por cortezia em provar-nos que não é verdade que os estrangeiros desgostem das nossas zurrapas nacionaes. Fechára-se a noite, escura, escura como o fundo d'um pégo. Não distinguiamos as margens, senão porque os recortes dos arvoredos tapavam as estrellas. Não tinhamos luz. Apenas se percebiam, no negrume do espaço clarões longinquos de queimadas vermelhas. Ainda parados ouvimos um chape-chape d'agua cadenciado, como de remador; depois julgamos perceber um susurro de vozes nas trevas.

— Quem vem lá? quem vem lá? bradámos. Tivemos um sobresalto de alegria ouvindo uma voz potente, que fez écco, uma voz de corpo invisivel responder de longe:

— Gente portugueza! Precisam d'alguma cousa?

Era um catraio com soldados do corpo expedicionario, que descia para a Beira.

— Ainda estamos muito longe de Neves Ferreira? indagamos.

— E' ahi adeante, passadas tres voltas do rio.

— Bôa noite!

Não intrevimos sequer os nossos interlocutores. Renovou-se o chape-chape, foi-se emmudecendo, perdendo na distancia. Pouco depois, tendo já pressão, quizemos andar. Na prôa do escaler fundeado havia-se atravessado um montão de ramos de arvores, molhos de palha, fachinas, lixo arrastado pela corrente; custou a remover o obstaculo; desembaraçada a corrente, tentou-se alar o ferro, mas não houve forças que o demovessem do fundo. Puxava tudo, puxamos uns pelos outros, experimentaram-se todos os meios de o soltar, e nada! Resolveu-se deixal-o com a sua corrente, e mettemos-nos a caminho. Tinha-se-nos esgotado a paciencia. Eram mais de 10 horas da noite. Estavamos famintos e arrefecidos; caia uma cacimba fina, penetrante, que varava as roupas. Sentimos um phrenesi imprudente de chegar. Com as fornalhas atafulhadas de combustivel, a pressão no maximo, largámos por ali acima a todo o vapor, apesar de se não vêr um palmo adeante do beque, e o rio ser estreito, tortuoso, atravancado. O commandante do *Euxène* estendido de bruços á prôa, com os olhos arregalados, sondava as trevas, procurando advinhar o caminho pela escuridão mais fechada das margens e por alguma reverberação de estrellas na agua, e ia gritando de lá ao tenente Leotte como havia de manejar os galdropes do leme. Resfolgava a machina, a chaminé coroava-se de clarões avermelhados, as pancadas rapidas do helice eccoavam surdamente nas ribas, e a voz de Marchand repetia incessantemente, no silencio da natureza: *babord tribord! encore! babord! Assez!* O Almirante descrevia curvas sobre curvas, obediente como um cavallo fino, rapido, esbaforido, levantando cachões. N'aquella correria cega podiamos d'improviso galgar por cima d'um banco, esmagar a prôa n'uma ponta da margem, e lá estavam os corcodilos a espreitar-nos debaixo d'agua; á flôr d'agua, porem, repassava-nos a cacimba, e as fricções de ar deslocado já nos davam calefrios.

Mas onde era Neves Ferreira? Sabiamos que apenas uma grande arvore a assignalava sobre o rio, e nem uma montanha eramos capazes de distinguir na opacidade da noite. Sejá a tivessemos deixado pela pôpa fóra? Pozemos a machina a apitar, estridente, incessante na esperança de acordar os habitantes do lugar e attrahir alguem á margem, e continuámos a correr, *babord, tribord, tribord, babord,* esfregando os olhos até verem chispas. Finalmente pareceu-nos vêr bruxolear um ponto luminoso á esquerda, muito acima do nivel do rio, apparecendo, sumindo-se, tornando a apparecer: seria uma estrella, luz d'alguma choupana de negros, lanterna de boa alma que nos acudia? Estrella não teria aquelle clarão amarellento e fixo, nem cresceria assim! Um som de voz humana, distante parecendo inarticulado, acabou de nos tirar das duvidas; repetimos os apitos, gritámos, e pareceu-nos ouvir um *quem vem lá?* sumido. Instantes depois, paravamos junto d'uma margem alta, cortada em rampa, sobre a qual a claridade d'um lampeão nos mostrava um homem de pé, debaixo d'uma arvore colossal. Em baixo estavam atracados uma lancha de carga e algumas almadias sem tripulantes.

— E' aqui Neves Ferreira? gritámos.

Era.

Marinhámos ás apalpadellas, aos tropeções por uma rampa escabrosa. Passava já da meia noite.

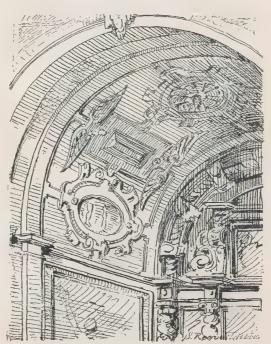
(Continúa).

A Architectura da Renascença em Portugal

POR ALBRECHT HAUPT

Egreja de S. Vicente de Fóra. Egreja de S. Roque. Egreja de Nossa Senhora do Loreto. Egreja dos Anjos. Convento de S. Bento. Egreja de Santa Engracia. Capella de Santo Amaro em Alcantara.

Das egrejas d'aquelle tempo e d'aquelle estylo, que deixamos apontadas, é S. Vicente de Fóra a terceira, levantada no lugar d'um dos mais antigos templos de Lisboa e construida com muita rapidez no reinado de Filippe II, sendo tambem a mais bem conservada. Existe, na real bibliotheca nacional de Lisboa, a planta original com a assignatura autographa de Filippe II, em 1590, na qual tambem se acha designada a egreja velha que devia ser demolida, e cuja planta está traçada ao lado da novamente a construir. Essa planta é desenhada por um tal João Nunes Tinouco, [1] em quem, como já dissemos, se deve vêr um collaborador de Terzi. [2] A mesma folha tem ainda uma variante da planta.

S. Vicente, é como Santo Antão, uma imponente edificação com cupula na nave transversal e com duas torres no lado occidental. O terremoto abateu a abobada da primeira, a qual posteriormente foi substituida por uma cupula plana de madeira, conservando-se ainda a parte inferior do tambor. No resto esta egreja apresenta, em seu interior, a imagem do que foram as outras duas, posto que não attinja a grandeza de Santo Antão. E' formada de tres compridas naves com duas filas de capellas, um magnifico cruzeiro e um côro profundo e rectangular, tendo atrás do altar-mór o côro de psalmodiar. A grandiosa abobada de berço, em caixotões de marmore branco e preto, repousa sobre uma ordem imponente de pilastras da maneira já descripta na de Santo Antão O effeito do interior é dos mais nobres em territorio português, talvez mesmo na Europa. A fachada tem, como em Santa Maria do Desterro, duas ordens de pilastras sobrepostas com um atrio no pavimento inferior entre duas torres pouco salientes. Para cima da cornija principal, estas passam á fórma d'octogono e terminam em graciosas cupulas e arremates. A fachada que se ergue

Decoração em estuque da abobada de uma capella de S. Roque

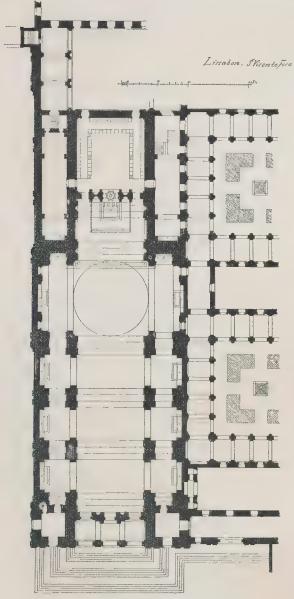
sobre uma majestosa escada, produz pela sua nobreza e pela sua nitida formação um bello effeito impressivo, o que mais profunda-

Planta de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, segundo desenho original de Tinouco

mente faz sentir a ruina das duas outras egrejas.

Em nenhuma parte se encontram egrejas da renascença da ultima época tão perfeitas e severas de fórmas, que mostrem principalmente tão harmonioso effeito entre o interior e o exterior e nas quaes o problema de construcção de architectura religiosa em estylo da renascença obtenha resolução tão completa.

Constitue a fabrica do mosteiro, junto á egreja de S. Vicente, uma serie de edificios que fazem parte da planta original; são notaveis as galerias dos pateos interiores divididos por pilastras e columnas. E' muito interessante a sacristia terminada mais tarde com o seu trabalhado mosaico de marmore; decoração muito habitual aos seculos XVII e XVIII como já dissemos a respeito de Santo Antão. Tem ella uma simples architectura de pilastras e de arcos, cujas superficies são cobertas por ornamentações em marmore da mais variada e da mais rica incrustação. O effeito é ao mesmo tempo gracioso e magnificente. Além d'isto, todo o mosteiro encerra assombrosa riqueza em azulejos, que rebrilham nos corredores e nas escadas. São, na sua maior parte, do meiado e fins do seculo XVII.

E' S. Roque, a egreja dos jesuitas, a qual em 1566, no reinado de D. Sebastião, foi fundada com grande pompa, um outro templo importante do mesmo estylo e provalmente do mesmo architecto. Durante a sua construcção foi deliberado levantar o todo em uma só nave e fazer-lhe o tecto de madeira. Este ultimo trabalho era com effeito considerado muito difficil; e talvez, porque as madeiras de construcção eram já ao tempo na peninsula iberica material de elevado custo e, no comprimento tão longo quanto era necessario, parecêra como irrealizavel. Diz a tradição que para vencer esta difficuldade fôra mandado por Filippe II um architecto. Vieram d'Allemanha as madeiras para aquella cobertura. Em 1575 a egreja estava construida até a cornija principal. Como se sabe que Terzi se associou a este trabalho, e que elle veio para cá proximo de 1570, póde considerar-se que elle foi o architecto de especial competencia d'este templo, talvez

mesmo aquelle que foi enviado por Filippe II, sobretudo recordando-se que houve tambem um tal Terzi ao serviço do tio d'aquelle

Interior da egreja de S. Vicente de Fóra, em Lisboa

monarcha, o archiduque Fernando, como atrás se deixou dito.

A egreja de S. Roque, é formada por uma nave imponentemente larga de cobertura plana com cinco capellas rectangulares de cada lado. Uma simples architectura de pilastras doricas, sobrepostas em dois pavimentos, corôada d'um frontão deprimido, compõe a sobria fachada com os seus tres portaes italianos e com janellas simples por cima d'estes; o frontão parece ter sido restaurado depois do tremor de terra. O interior é dividido por pilastras toscanas, que supportam as arcadas das capellas. Por cima das aberturas d'estas ha de cada lado cinco janellas, com paineis nos

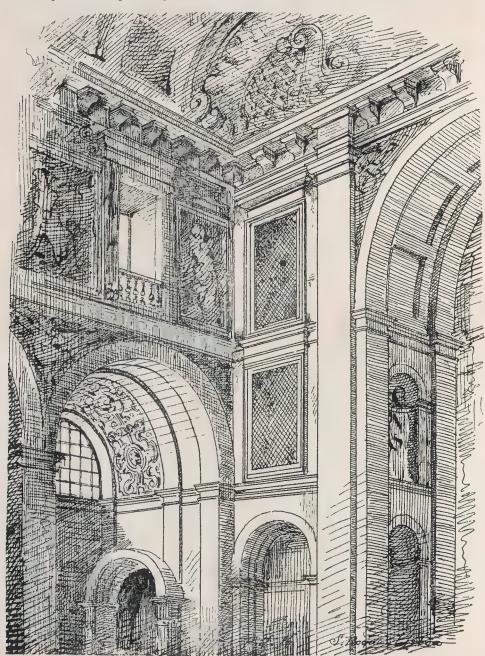
intervallos. O tecto de esteira em madeira é adornado com uma grandiosa pintura de perspectiva architectonica, ao centro da qual se vê a glorificação da cruz; póde ser original, porém não denuncia um artista extremamente habil e seu estylo é pouco interessante. No lado occidental está uma galeria para o orgão, repousando sobre duas columnas doricas. O tecto plano do vestibulo por baixo d'essa galeria é de madeira e ornamentado com uma rica pintura: um apainelado pintado de ouro e branco com encantadores ornatos em grotesco. As paredes inferiores d'este são recobertas de azulejos de

*Fachada da egreja de S. Vicente de Fôra, em Lisbo*a

azul e amarello sobre fundo branco (em caixas facetadas e quadrados ornamentaes); em geral a architectura e a decoração d'este portico é de uma grande delicadeza; os azulejos teem a data de 1596, por conseguinte provavelmente a do acabamento da egreja.

Fachada da egreja de S. Roque, em Lisboa

O restante adorno do interior restringe-se á decoração das capellas, das quaes a terceira da direita, dedicada a S. Roque, póde ser citada em especial. Aqui salienta-se a esplendida decoração do roda-pé em azulejos, a mais fina no seu genero em Portugal. Ricos e elegantes ornatos da Renascença em grande escala e d'uma execução perfeita, desenhados a azul sobre fundo amarello. São marcados com o nome de Frco. de Mattos 1584. As outras capellas mostram em identico lugar mais recente uma luxuosa deco-

ração em mosaico de marmore, principalmente a primeira e a quarta capella á direita parte inferior do altar executadas com extraordinaria delicadeza. São do seculo XVII;

Trecho de mosteiro da egreja de S. Roque

e a terceira á esquerda. Teem estas ornamentações de pedestaes, da balaustrada e da a primeira capella da direita tem a data de 1634-35; a segunda de 1635; a primeira da

esquerda 1634, e a terceira d'este mesmo lado 1613. Os altares d'estas capellas são feitos em parte de talha dourada, no estylo da Renascença, apresentando uma grandiosa architectura de columnas como moldura d'um painel. Merece especial menção entre todos o da primeira capella á esquerda.

O altar-mór, n'um nicho encerrado entre grandes pilastras, vem juntar-se a estes outros mais pequenos com a sua mais luxuosa estructura em diversas ordens sobrepostas, e deve ser do principio do seculo XVII. Mesmo as abobadas das capellas são em parte ornadas com talha dourada. A da capella á direita e a da fronteira, que dá passagem para a sacristia, são recobertas de ornamentações de estuque no estylo, cheio de vivacidade, da Renascença italiana. São um pouco pintadas e douradas decerto desde a primitiva. A apparencia da egreja é nobre e solida, embora

Desenho ornamental dos azulejos da capella de S. Roque

ração em mosaico de marmore, principalmente a primeira e a quarta capella á direita e a terceira á esquerda. Teem estas ornamentações de pedestaes, da balaustrada e da parte inferior do altar executadas com extraordinaria delicadeza. São do seculo XVII; a primeira capella da direita tem a data de 1634-35; a segunda de 1635; a primeira da

Trecho de mosteiro da egreja de S. Roque

esquerda 1634, e a terceira d'este mesmo lado 1613. Os altares d'estas capellas são feitos em parte de talha dourada, no estylo da Renascença, apresentando uma grandiosa architectura de columnas como moldura d'um painel. Merece especial menção entre todos o da primeira capella á esquerda.

O altar-mór, n'um nicho encerrado entre grandes pilastras, vem juntar-se a estes outros mais pequenos com a sua mais luxuosa estructura em diversas ordens sobrepostas, e deve ser do principio do seculo XVII. Mesmo as abobadas das capellas são em parte ornadas com talha dourada. A da capella á direita e a da fronteira, que dá passagem para a sacristia, são recobertas de ornamentações de estuque no estylo, cheio de vivacidade, da Renascença italiana. São um pouco pintadas e douradas decerto desde a primitiva. A apparencia da egreja é nobre e solida, embora

Desenho ornamental dos azulejos da capella de S. Roque

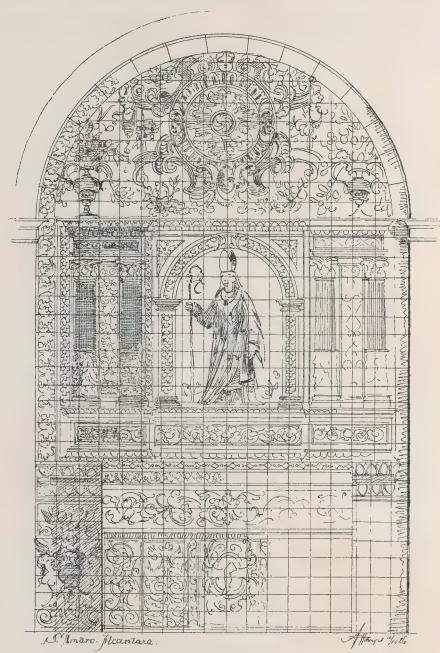
Parte exterior, lado da entrada, da egreja de Santa Engracia

hoje um pouco mesquinha por causa do seu tecto plano e insignificante. A parte mais brilhante da sua decoração, que é a esplendida capella de S. João Baptista, deve-a a el-rei D. João V, por conseguinte só ao principio do seculo passado (XVIII).

Um outro edificio do mesmo tempo, talvez tambem de Terzi, é o de Nossa Senhora do Loreto, a egreja dos italianos, cujos dois esplendidos portaes e cuja architectura notavel em pilastras doricas pertencem á construcção que foi acabada em 1577. Parece que os italianos teriam dado a execução da egreja ao seu compatriota que tão rapidamente se fizera celebre. Como S. Roque, este templo tinha tecto plano e capellas dos dois lados, que são aqui muito pouco fundas. A egreja foi fundada em 1517; diversas vezes destruida pelo fogo, e em 1577 acabada com todo o esplendor. Soffreu porém o maior damno em 1755 quando o incendio, subsequente ao terremoto, a destruiu quasi inteiramente, e tambem arruinou a sua magnifica, e até celebre, decoração de estatuas.

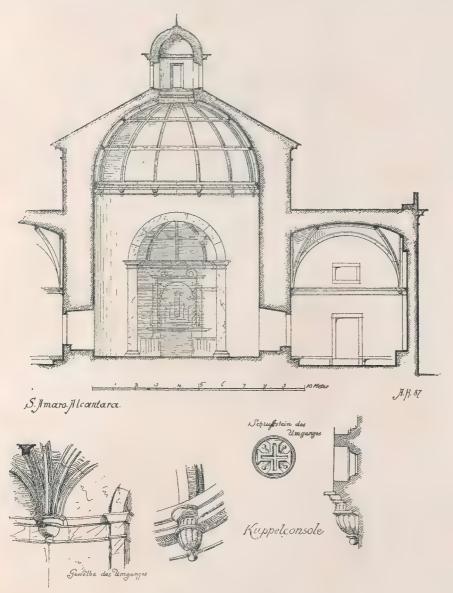
Capella de Santo Amaro, em Alcantara

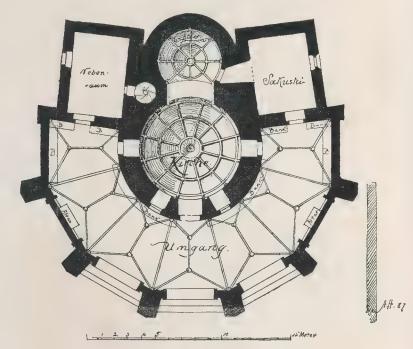
Existem ainda outras diversas egrejas do mesmo estylo, porém menos importantes, das quaes vou citar, além da dos Paulistas, a pequena egreja dos Anjos. A simples fachada d'esta faz recordar a de S. Roque; os tres portaes abrem-se dentro de uma fina moldura de pilastras de marmore e com frontão plano. No interior este edificio de uma só nave é coberto com abobada de madeira dividida por sete vezes sete paineis, com ricas molduras. A decoração é executada toda em talha dourada do seculo XVII. O altar com a sua rica architectura de columnas deve ainda ser do seculo XVI. Devemos citar aqui o edificio das Côrtes, o velho convento de S. Bento, construido em 1598 por Balthasar Alvares, o mais notavel successor de Terzi. A fachada apresenta resaltos nos angulos e uma imponente construcção central, com elegantes pilastras e luxuosos motivos nas janellas, que no estylo se parecem com os trabalhos de Terzi, mas no detalhe são muito mais fracos. A egreja tinha uma só nave, com soberba abobada de berço, mas está quasi inteiramente arruinada. As arcadas dos pateos são grandiosas, mas austeras e tristes por falta de architectura mais animada. Porém todo o edificio situado n'uma elevação faz um effeito imponente.

Por excepção queremos lembrar uma egreja no estylo da Renascença do tempo a seguir á restauração, isto é depois de 1640, a qual é muito extraordinaria e nunca acabada. E' a egreja de Santa Engracia. Dizem que nunca foi concluida por causa de uma superstição. Um consideravel corpo central sómente levado até o tambor da cupula, bem como as torres até a cornija, feitas de excellente pedra de cantaria, de maneira que, a grande abertura do centro deixa entrar livremente, sem damno para o edificio, a luz e o ar. A planta fórma uma cruz isosceles de braços curtos cujo arredondamento se vê entre as torres que preenchem os quatro angulos. Do lado occidental o braço é rodeado por um portico que na planta tem a fórma de um segmento; em frente d'elle uma columnata dorica, tambem curva e saliente, designa a entrada. O effeito do espaço no interior é um dos mais lindos n'este genero, e faz lembrar o do Pantheon; a

Decoração de azulejos no adro de Santo Amaro

decoração em mosaico de marmore está quasi concluida. Como já dissemos, o exterior vae até a cornija principal, de maneira que este bellissimo edificio português careceria de poucos meios para ser concluido. Mas ainda assim affronta a injustiça do tempo e dos homens desde já dois seculos.

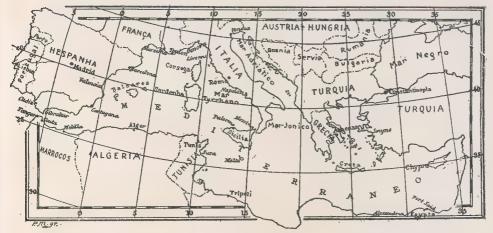
Rio abaixo, a estrada para Belem atravessa

o suburbio de Alcantara. N'este, por sobre muitas escadas e terraços, n'um alto domina a capella de romaria de Santo Amaro, uma pequena egreja redonda do anno de 1549, com cupula e lanterna muito simples mas notavel pela disposição curiosa. A fabrica da cupula é rodeada exteriormente e á frente por uma galeria que contorna metade do corpo central, cujas paredes são inteiramente cobertas de azulejos (talvez do anno de 1580). O maior trabalho d'este genero do tempo da Renascença. Ella contem nas paredes recurvadas do interior uma rica composição ornamental encerrada entre hermetas nas paredes exteriores figuras de santos em molduras architectonicas, e os altares cobertos de azulejos. A galeria abre em largos arcos sobre os terraços. A capella propria-

Corte transverso da capella de Santo Amaro e detalhes ornamentaes

mente dita restringe-se ao espaço circular da cupula e lanterna para a qual abre tambem em arco a abside do altar que tambem tem sua cupula. A architectura é delicada e modesta. Como explica a inscripção por cima da porta, esta ermida foi principiada a 12 de fevereiro de 1549. Na entrada, e por cima d'aquella, vê-se o brazão da irmandade de S. João de Latrão, á qual pertenciam quatorze constructores, isto é, aquelles por cuja ordem se construira a egreja, mencionados na inscripção.

(Continua).

Planta da capella de Santo Amaro

Notas do auctor. — [1] Tinouco devia ser muito novo n'essa época, porque a planta topographica de Lisboa que elle fez mais tarde tem a data de 1650.

[2] Eu não quero aqui occultar que tenho especialmente n'este caso, alguma duvida quanto á qualidade de auctor fundador atribuida tradicionalmente a Terzi, e que deixo a questão indecisa, se acaso se não deva acceitar como verdadeiros creadores d'essas egrejas singulares os portuguêses, talvez o mencionado Tinouco e Balthasar Alvares, apesar da cooperação testemunhada de Terzi. Seja como fôr, aquelle grupo de architectos com seu chefe é unico no seu genero, e proprio de Portugal, pois apresenta-se duma maneira independente de qualquer outra tendencia coeva no resto da Europa, tendo por isso de se considerar como inteiramente português. A assignatura de Fillippe II na planta é a seguinte: «Planta segunda do pavimento E.ª ofecinas do mosteiro e igreija de S. Sebastião E. S. Vicente pola qual mando q̃ se faça a obra no Prado XVI de Novembro MDXC. Rey.«

Mappa do Mediterraneo

As Estradas do Mundo

O MEDITERRANEO

Summario. — *Centro da civilização mundial. Problemas politicos do Mediterraneo. Marrocos, Tripolitana, Egypto, Palestina, Australia. Ambição da França, da Hespanha e da Italia. Pangermanismo e dissolução da monarchia austro hungara. Confederação dos estados slavos da provincia balkan. Projectos da Russia. Hegemonia actual inglêsa.*

Centro principal das civilizações mais brilhantes do Universo, o Mediterraneo, pelas suas qualidades estrategicas, mereceu, sempre, a ambição da potencia mais politicamente dominadora. A historia da França e da Gran-Bretanha é rica de factos que traduzem o intento d'estas duas grandes nações de adquirirem a hegemonia no caminho do oriente, transformando esse mar em um lago, ora francês, ora inglês. Dominado pela França, guardado em outras épocas pela Inglaterra, o Mediterraneo, economica e politicamente, tem representado um papel consideravel nos destinos da Europa culta. Sem fazermos menção das phases porque elle passou desde os periodos mais notaveis das civilizações do oriente; não nos referindo aos phenicios, gregos, carthagineses e romanos; não nos demorando no estudo da politica veneziana, da dominação hespanhola, da invasão turca, — innumeros documentos que confirmam a verdade reconhecida da hegemonia, em cada época, de uma potencia, depois de vencidas as resistencias das outras nações, — é licito perguntar se o Mediterraneo continuará a ser, no futuro, a propriedade quasi exclusiva de uma só potencia com prejuizo dos outros estados da Europa.

Desde a batalha de Trafalgar e a queda do imperio napoleonico, há um seculo, o Mediterraneo é quasi um mar inglês. E durante todo este tempo, sem a França a impedir-lhe o caminho, a Gran-Bretanha marcou na estrada do oriente os pontos em que lhe convinha estabelecer as suas sentinellas. Nenhuma outra nação europêa, depois de vencidas as esquadras da França, poderia defrontar-se com o poder naval inglês. Foi assim que, pela primeira vez na historia do Mediterraneo e caso unico na historia do mundo, uma nação sem ligações, sem dependencias ethnicas e geographicas com esse

---

O artigo que em seguida se publica, e cuja actualidade os recentes acontecimentos tornaram duplamente interessante, é o segundo d'uma serie, subordinada ao mesmo titulo geral, e tratando cada um dos aspectos geographicos e politicos das regiões e dos povos que preponderam nos caminhos da civilização. No precedente, publicado no n.º 16, o autor occupou-se da significação geographica do Mediterraneo, da descripção das suas tres bacias: mar Levantino, mar Jonico e mar Latino, das raças e povos antigos, e migração dos que marginaram aquelle mar ou se abeiraram d'aquella estrada do mundo.

mar, veiu occupar, como poder exotico, o lugar que de direito lhe não pertencia. Dos tempos primitivos até ao seculo XVIII, sempre um Estado mediterraneano influiu hegemonicamente desde os confins orientaes até o estreito de Gibraltar. E' só com Nelson que a Inglaterra, derrubando o poder maritimo da França, ganha a supremacia completa no Mediterraneo, supremacia que sustenta ha mais de um seculo.

Mas do fim do seculo XVIII até hoje, as condições da politica européa teem-se modificado consideravelmente. Eram só duas, depois da destruição do antigo imperio germanico, as grandes nações rivaes; defrontaram-se sempre a França e a Inglaterra e os combates feridos visavam unicamente a supremacia politica, que ora uma, ora outra, conseguiu estabelecer pela força.

A Russia, a Allemanha, a Italia e a propria Austria pesaram na balança politica menos do que qualquer das duas nações tradicionalmente inimigas. Mas as circumstancias, em um seculo, variaram de um modo notavel. Grandes ambições vieram á superficie e d'este estado d'alma collectivo surgiram para a Gran-Bretanha encargos muito mais avultados e responsabilidades muito mais tremendas. A formação do imperio germanico em 1870 e a sua actual expansão colonial; a unificação da Italia feita com Cavour; o vigor com que a Russia se apresentou na politica européa depois da guerra da Criméa; a decomposição do imperio turco e a predominação do elemento slavo; o resurgimento da França e a sua acção na Mauritania, factos dos mais notaveis na politica da Europa que arrastaram outros não menos importantes, obrigaram a Gran-Bretanha a firmar-se melhor no Mediterraneo. A tomada de Alexandria, a dominação no Egypto e a posse de Chypre foram os actos com que ella respondeu aos acontecimentos que contra a sua hegemonia se iam acastellando gradualmente.

Mas a Allemanha tornou-se, no ponto de vista economico, a grande rival da Inglaterra; a França embaraça em toda a parte os planos coloniaes da ambição inglêsa; a Italia alimenta justas pretensões em relação á Tripolitana; a Russia ameaça a todo o instante derrubar os ultimos restos do imperio turco; a Hespanha, vencida de poucos dias, phantasia rehaver os seus dias de gloria nos rochedos de Marrocos. Todos estes acontecimentos, relacionados, naturalmente, entre si, tornam delicada e perigosa a posição futura da Inglaterra no Mediterraneo.

Este mar, com os paizes que o cercam cheios de ambições rivaes, encontra-se actualmente n'um periodo de vida politica como nenhum outro, egual, mais grave existiu. E' porque n'este momento, respondendo á soberania inglêsa, as potencias que procuram ganhar forças no Mediterraneo e romper o circulo de ferro estabelecido pela Gran-Bretanha, abriram uma época de interesses politicos que a diplomacia tem de descriminar. Em toda a grande bacia do Mediterraneo surgem problemas de caracter internacional, uns a ser debatidos, outros dentro em pouco examinados, que hão de crear, quando resolvidos, uma situação politica de cuja grandeza e significação não se pode actualmente avaliar. Mas é de suppôr que a decadencia economica, que, desde 1885, se tem accentuado na Inglaterra, em proveito da Allemanha e dos Estados-Unidos, não pouco contribuirá para o Mediterraneo deixar de ser o dominio quasi exclusivo da marinha inglêsa. A supremacia militar soffrerá, provavelmente, com o surgir das ambições conjugadas das outras potencias.

* * *

Como estrada principal do mundo, o Mediterraneo interessa ao desenvolvimento economico de todos os Estados da Europa e principalmente d'aquelles que teem a seu favor fortes elementos de resistencia militar. França, Italia, Russia, Austria e a Hespanha, pelo seu contacto com o mar, e a Allemanha, pelas tendencias pangermanistas que se vão accentuando notavelmente, pelos interesses que representam, são, naturalmente, dentro de certos limites, as competidoras com que a politica inglêsa tem de contar, quando os problemas politicos da bacia do Mediterraneo fôrem entrando em discussão effectiva. No periodo de instabilidade politica que vamos atravessando, quando os Estados da Europa procuram alargar as zonas da sua influencia, os seus limites hão de se encontrar, o choque deve produzir-se, se uma diplomacia sagaz e certeira não souber desviar os perigos que se vão accumulando em volta do Mediterraneo.

Abre-se na Africa septentrional a questão de Marrocos. Duas nações se encontram, frente a frente, na primeira linha, a França e a Inglaterra. A Hespanha approximar-se-ha de quem melhor lhe garantir as suas ambições limitadas; a Italia, de quem lhe favorecer a sua politica no Mar Jonico e na grande Cyrta, na Albania e Tripolitana. Parecem n'este momento harmonicos os interesses das tres nações neo-latinas, abdicando porém a Hespanha as suas velhas pretensões de fazer de Marrocos um simples prolongamento da Andaluzia, e contentando-se a Italia a vêr satisfeitos os seus intuitos *irredentistas* de fechar as portas do Adriatico e deixar vasar na parte

habitavel da Tripolitana a sua emigração que hoje se dilue na Argelia e na Tunisia. A França, com mais direitos do que qualquer das nações que entram no litigio, pretende firmar a sua supremacia em toda a Mauritania. Preparando-se para futuras eventualidades, vae transformando Bizerta, na Tunisia, em um dos primeiros portos militares do mundo, d'onde lhe será facil dominar o estreito de Sicilia. Tendo um vasto *hinterland*, que vae entroncar-se com as regiões niloticas e segue até o Gabão; cercando Marrocos ao sul do Atlas com linhas estrategicas que tornarão rapido e efficaz um assalto a Fez e Mequinez, as duas capitaes do imperio, a França, mediante pequenas concessões territoriaes á Hespanha, procura transformar Marrocos em um prolongamento da sua provincia argelina. Ficar-lhe-ia pertencendo então um terço da Africa e as chaves do Mediterraneo não estariam, exclusivamente, nas mãos da Inglaterra.

N'esta trilogia de interesses não se sente se não vagamente a vontade da Allemanha. Convem-lhe que a França e a Inglaterra se digladiem; deseja que o problema marroquino permitta á expansão allemã ser auxiliada pelas duas partes inimigas, animando ora uma, ora outra; e, declarando que a intervenção allemã seria exotica onde a Allemanha não está, pede que se conserve o *statu quo*, até que o pangermanismo rompa caminho para Trieste, envolva na sua rêde financeira a Romania e venha a pretexto de salvar os crentes da velha Judéa, crear na Syria e na Anatolia, entre a Russia e a Inglaterra, um lugar de honra no Mediterraneo oriental. E d'este plano ainda nebuloso resulta a antipathia allemã pelo irredentismo italiano na Albania. A realizar-se a pretensão da Italia, o Adriatico estaria á mercê d'esta nação e Trieste não significaria um porto politico da nova Germania.

Mas a Gran-Bretanha, não auxiliada pela Allemanha, contando com a hostilidade russa aguentada pelos tratados que lhe não permittem transpôr Constantinopla, conserva por emquanto a supremacia politica no Mar Latino e o problema de Marrocos não se resolverá sem que ella empregue todos os seus recursos militares e toda a persistente astucia da sua diplomacia. Não parece provavel que se liquide a questão marroquina por uma simples boa *entente* entre os Estados competidores, como pedem alguns idealistas em politica internacional; nem a França se aventurará a uma empresa, na qual, se fôr vencida, perderá para sempre a sua influencia no Mediterraneo e com ella o melhor da sua obra na Tunisia e em todo o oriente asiatico. E' do Bosphoro, á voz da Russia, que sairá a ordem da liquidação do imperio marroquino. Conjugam-se os dois problemas, o de Gibraltar e o de Constantinopla, e a resolução, desfavoravel para a Inglaterra, por ser quasi impossivel, por mais um seculo, a situação hegemonica d'esta potencia no Mediterraneo, dará lugar á reconstituição politica dos estados que cercam este mar. A esse tempo estará livre a estrada da Anatolia, ficará ao alcance da Europa a bahia de Koweit e abrir-se-ha o problema da India. Sabe-o bem a Inglaterra e d'ahi os recursos que semêa em todo esse caminho do oriente, sua estrada triumphal, onde, durante mais de cem annos, não teve competidores que lhe sombreassem a passagem. Gibraltar, Egypto, India e o Extremo-Oriente são marcos da sua hegemonia. Ameaçada pela Russia e pelos Estados-Unidos no *Far East* asiatico; perigando a supremacia na India com o transcaspiano e a linha ferrea da Anatolia, —que quebrará a monotonia de se vêr sempre no golfo persico a bandeira inglêsa,—comprehende que as portas da entrada e da saida do Mediterraneo devem continuar nas suas mãos para lhe garantirem a supremacia da sua politica. Eis o que representa para a Gran-Bretanha o problema de Marrocos: será a liquidação definitiva do seu poder maritimo ou o triumpho por mais seculos da bandeira mais gloriosa dos ultimos tempos. Questão de vida ou de morte, ella não cederá se não quando lhe faltarem os ultimos recursos, se não quando a sua politica, sempre habil e previdente, não conseguir levantar em qualquer canto da terra uma luta de interesses que desvie de Marrocos as attenções das grandes potencias.

❀ ❀ ❀

Quaesquer que sejam os direitos historicos que pertençam ás nações neo-latinas; quaesquer que sejam as razões ethnicas e geographicas que ellas apresentem; por mais anormal que se declare o poderio exotico da Gran-Bretanha em um mar onde ella só construiu baluartes e não possue direitos naturaes, a sua posição é clara e as suas resoluções precisas e definidas. Não sairá das portas do Mediterraneo nem permittirá que ninguem a substitua no seu posto, se não quando a estrella gloriosa que illuminou a sua estrada durante seculos se apagar como a de Roma.

E a Tripolitana? Resume-se a pouco. E' n'esta parte quasi autonoma do imperio turco muito consideravel a população italiana. Sicilianos e maltêses são os intermediarios entre o commercio da Europa e do Saharà tri-

politano. As pretensões da Italia envolviam, antes de 1878, a regencia de Tunis, porém a Allemanha, querendo chamar o governo de Roma á triplice alliança, animou a republica francêsa na sua politica de expansão colonial e mostrou-se indifferente á tomada de Tunis. O protectorado francês levou a Italia a juntar-se aos imperios da Allemanha e da Austria, e formou-se d'este modo, depois da triplice alliança com a Russia, a segunda triplice alliança, com o reino italiano. Continuou a emigração para a regencia de Tunis e para a Tripolitana, e a Italia, ora animada pela Inglaterra, sem esta lhe auxiliar nenhuma das suas ambições africanas, ora contrariada pela Austria, sua natural inimiga, esqueceu o desastre politico de Tunis e voltou as suas attenções para a Tripolitana, que os mais phantasistas quereriam vêr a mãos juntas com a Abyssinia e a Erithrea. Sabe-se o que foi o sonho italiano no Mar Vermelho. Mas a Tripolitana continúa merecendo todos os seus cuidados. A moderna amizade politica entre a França e a Italia, apesar da renovação da triplice alliança, é a promessa de mutuo auxilio quando se abrir o problema de Marrocos, do qual será um dos capitulos a questão tripolitana.

Conhecida a situação politica e economica da Italia que, até hoje, em nada influiu na dominação inglêsa no Mediterraneo, a entrada da Tripolitana na area da influencia de Roma não seria assumpto que preoccupasse consideravelmente a Inglaterra. Mas esta considera o problema n'uma mais larga extensão. A saida da Tripolitana das mãos turcas é um golpe rude na existencia d'este imperio e pode ser o principio da sua liquidação completa. Prevê-se com facilidade a que extremos não irão as ambições ainda comprimidas não só das grandes potencias como dos estados slavos da peninsula balkan. Essa liquidação, a que presidirá a Russia, não pode ser favoravel á Inglaterra. O Egypto continúa sendo, apparentemente, uma dependencia de Constantinopla, mas é ainda uma ameaça para a Inglaterra no dia em que a liquidação do imperio da Turquia fôr, na Europa, um facto consumado. Ora, n'essa partilha, a Italia escolheu já o seu quinhão. Qual será o da Russia? E qual o da Allemanha? A dominação italiana na Tripolitana, principalmente hoje que morreram com Crispi os projectos de expansão colonial até a Abyssinia, não seria um estorvo á politica britannica. Quer no ponto de vista militar quer pelas suas possibilidades commerciaes, a Tripolitana, em mãos italianas, seria um beneficio para o Egypto; mas essa posse, dependente ou não por interesse italiano dos problemas de Marrocos e do Bosphoro, acarretará, provavelmente, alterações profundas na marcha politica do Mediterraneo, o que a Inglaterra deseja afastar. Mas não será impossivel que a Italia, por um accordo mutuo de todas as potencias, se aposse dos pontos que mais convenha policiar e tenha a promessa de poder subir até os primeiros relevos montanhosos, para alem dos quaes só ha planicies mortas.

Não é necessario insistir no problema egypcio. E' bem conhecida a guerra feita por Lord Palmerston ao projecto de Lesseps. O Egypto entregue nas mãos da França seria um perigo imminente á dominação inglêsa no Oriente. Mais tarde a politica inglêsa lutou constantemente de modo a ganhar preponderancia no canal, o que conseguiu, mercê da errada politica seguida pelos governos sempre instaveis da republica francêsa. Em 1882, depois da questão de Tunis e sob pretextos conhecidos, teve lugar a intervenção inglêsa no Egypto e o bombardeamento de Alexandria. O governo da Gran-Bretanha conseguiu afastar a cooperação da França por meio de ciladas diplomaticas, que esta nação, sempre receosa da Allemanha e desprotegida de allianças, quiz evitar. De 1882 até hoje a dominação, com formulas politicas mais ou menos arteiras tem-se fortalecido nas margens do Nilo. A posse d'este rio era, para a Inglaterra, não só um auxiliar da questão indiana mas um dos principaes capitulos do seu vasto plano de ligar o Delta ao cabo de Boa Esperança por estações e terras exclusivamente inglêsas. Sabe-se como a Allemanha, em 1885, contrariou esses intentos facilitando a formação do Estado Independente do Congo e encostando aos limites orientaes d'este as fronteiras da Africa oriental allemã. Mas a Inglaterra, sempre persistente, não desistiu e em vinte annos absorveu completamente o Alto e o Baixo Egypto, ganhou a região dos lagos e abriu, do lago Victoria para o Indico, a mais extraordinaria via ferrea africana, a que liga Port-Florence a Mombaça. Estribando-se no Egypto para sustentar a sua politica no Mediterraneo, conservar a supremacia na India e no golfo persico e auxiliar as suas immensas ambições em relação á Africa, a Inglaterra espreita a Russia e os passos que esta pretenda dar no caminho do Mediterraneo, annulla a politica francêsa no Sudan impedindo-a de se fazer sentir na direcção da Abyssinia, bloqueia esta Suissa africana preparando-lhe futuros golpes de mão e colloca-se, em Alexandria e em Chypre, de modo a poder verificar se são ou não felizes os intuitos da Allemanha crente na Palestina e da Allemanha commercial na estrada de Koweit.

A Gran-Bretanha não sairá do Egypto,

principalmente tendo a defrontar-se com ella dois dos mais ambiciosos colossos da Europa. E certo que a politica internacional franco-russa lhe faz recordar a promessa de que abandonaria o Egypto logo que este se encontrasse pacificado e as suas finanças restauradas. Responde então a Inglaterra que é esse o seu pensamento, e justamente n'essa altura ha um Mahdi, mais ou menos authentico, que se presta a revoltar-se em qualquer canto do Sudan egypcio. E a Inglaterra que prometteu não sair em quanto a paz não fôsse completa, fica. E continuará ficando, como em Malta e em Gibraltar, porque assim o exige a politica britannica e é condição indispensavel da segurança do seu imperio.

⁂

No Levante teve sempre a egreja francêsa uma influencia preponderante, que a politica de Napoleão III não poude desprestigiar, graças ao auxilio efficaz dispensado pela curia romana, principalmente depois da entrada de Victor Manuel em Roma e a absorpção dos Estados do papa na unidade italiana. Com a preponderancia do clero francês encontrava-se o christianismo syriaco dependente da influencia politica da França. A primeira triplice alliança facilitada por Crispi marcou, no seu programma de conducta, annullar a supremacia francêsa e para esse fim a Italia, cujo clero não parecia organizado no sentido de se contrapôr ao da França, trabalhou consideravelmente e conseguiu suggerir ao imperador da Allemanha uma allucinação de mando, de caracter religioso, que o fez julgar-se um predestinado, aquelle a quem estava reservada a missão de garantir a posteridade á terra onde nascêra o christianismo. Era, com a visão metaphysica da crença, a visão positiva do interesse politico. Firmar-se na Palestina seria ganhar o respeito do universo christão, novo papa sustentando a christandade com exercitos e couraçados. E foi assim que a Allemanha iniciou a sua politica na Palestina, vigiada, espreitada, como seria natural, pelas mais proximas interessadas, a França e a Inglaterra. E por emquanto, pelo menos apparentemente, uma funcção religiosa a que a Allemanha pretende na Palestina; mas, quem conhece os mysterios da politica, e não ignora como a Allemanha philósopha prepara a conducta da Allemanha *politica* e *militar*, deve comprehender que as pretensões do imperio germanico na Palestina são um aspecto da influencia que pretende ter um dia no Mediterraneo e uma sentinella que procura collocar quando estiver prompto o caminho para o Golfo Persico e as ricas planicies do Chattel-Arab estiverem economicamente nas mãos dos capitaes allemães.

N'este momento a intervenção allemã nos negocios do Mediterraneo, por serem vagos os seus intentos na Palestina, não póde ser franca e precisa. O caminho de ferro da Anatolia, em construcção com capitaes allemães e francêses, não lhe permitte uma soberania territorial; a Palestina é ainda uma provincia ottomana e a liberdade de culto permittido á egreja christã não dá direito ás nações, que gosam de privilegios religiosos, a uma intervenção politica. Mas a Turquia, mais do que a China, vae em caminho de desaggregação rapida; o antigo imperio romano do oriente volta, fragmentado, a pertencer aos povos do occidente, e, n'essa partilha proxima, áparte o que lhe possa caber na Asia Menor, a Allemanha, vae preparando os acontecimentos na Syria. E natural que se entenda com a França e na divisão que se procederá da Turquia asiatica possam as duas nações compôr-se com a Russia.

Os interesses das grandes potencias européas tornam perigosa a situação da Inglaterra no Mediterraneo. Os problemas de Marrocos, da Tripolitana e da Syria, a questão diplomatica relativa á occupação e posse definitiva do Egypto pela Gran-Bretanha tornam melindrosa qualquer solução que se pretenda tomar sobre qualquer d'estes assumptos.

A habilidade tradicional da diplomacia britannica complica, quando lhe convem, as questões internacionaes e evita d'esse modo qualquer accordo entre os estados seus competidores. Mas comprehende-se que essa instabilidade politica existe porque não são ainda sufficientemente fortes no Mediterraneo os interesses da Russia e da Allemanha e a nenhuma d'estas duas grandes potencias convem actualmente abrir um conflicto com a Inglaterra. A Russia precisa completar a sua rêde estrategica até os confins do oriente; a Allemanha, apesar do seu antagonismo economico com a Gran-Bretanha, necessita do seu auxilio para a sua expansão colonial. Ha no Oriente, na China, questões de politica internacional, onde os esforços da Allemanha não devem ser contrariados por aquella nação.

Vê-se bem como os problemas politicos do Mediterraneo estão intimamente dependentes dos do Extremo-Oriente, e a Inglaterra reconhece-o bem. A sua politica representa como uma synthese. No dia em que, no seu caminho do oriente, alguma potencia lhe quebre um dos élos da grande cadeia britannica, a declinação da sua hegemonia maritima será infallivel.

Não são só os problemas que indicámos que trazem a bacia do Mediterraneo em intensa fermentação politica. Outros ha de que dependerá certamente, e em desproveito da Inglaterra, a solução da crise mediterranea, se n'essa época novas questões não impellirem os Estados marginaes a novos conflictos.

O *problema austriaco* e a *ambição pan-germanica* da Allemanha são assumptos politicos que se conjugam e estão intimamente dependentes.

Discute-se muito no mundo scientifico e politico o estado actual do imperio austro-hungaro. Raças diversas, fallando linguas tambem diversas, constituem o imperio dos Hapsbourg. Religiões, crenças, costumes, tradições, tendencias, tudo diverge, do norte ao sul, de leste a oeste. A Hungria, com uma raça de proveniencia oriental, chegou a um estado de civilização egual ao da Austria. O seu elemento intellectual preponderante em Buda-Pesth garante aos allemães de Vienna uma competição em todos os ramos das sciencias e lettras. A sua industria foi acclamada ha dois annos na exposição de Paris.

Com perto de duas dezenas de milhões de habitantes, é reconhecido no imperio a sua influencia, de sorte que Buda-Pesth é, quasi, em categoria, egual á capital da Confederação.

Na Bohemia, onde a raça é slava, a luta entre este elemento e o allemão chega aos limites da ferocidade. Nenhuma violencia official é poupada para germanizar os povos da Bohemia e a resistencia que estes offerecem é de tal fórma tenaz que a germanização dos slavos, como na Polonia allemã, tem sido impossivel até hoje. Encravada entre as tres grandes potencias, é ethnicamente mais proxima da Russia, mas não lhe convem a autocracia do Czar pelos exemplos que observa na Polonia russa. Conserva-se reunida a Austria e á Hungria porque prefere lutar a ser subjugada pelo absolutismo medieval da Russia. Alem da Austria, da Hungria e da Bohemia, onde se encontram populações de caracteres ethnicos bem definidos e diversos, na federação austro-hungara entram fragmentos de outras nações, retalhos de outras raças, e d'essa confusão anthropo-social, d'essa babel de linguas, crenças e costumes, sáe uma legislação naturalmente polymorpha e uma politica necessariamente instavel. Italianos no Tyrol, na Istria e na Carniolia; slavos na Croacia, na Esclavonia; albanêses nas margens do Adriatico; allemães na Estyria; turcos na Bosnia e Herzegovina, o imperio sustenta-se em equilibrio pela fraqueza mutua dos povos de que elle se compõe.

Mas pergunta-se se não será possivel um dia, *a Europa sem a Austria*. A Hungria, vasta e rica, poderia sustentar-se independente, mas, nem a sua população é bastante numerosa para supportar o choque da massa allemã e a vizinhança slava do imperio russo, nem possue uma porta para o mar e, sem ella, é impossivel a sua expansão pelos caminhos do mundo.

A Bohemia, a Bosnia, a Herzegovina, a Croacia e todos os restantes fragmentos da confederação, emquanto se não crystallizam em torno de outros centros politicos ou entre si proclamam o fragmento que ha-de mandar, encontram-se como cellulas lassas de um organismo, como entidades que mutuamente se protegem sem relações de forte parentesco que as unam.

Não ha no imperio austriaco nem unidade ethnica, nem unidade linguistica, nem elemento algum social ou ethnico que torne homogeneo o sentir collectivo da confederação. A sua dissociação é possivel e talvez fatal n'um futuro remoto. Simplesmente, n'este momento da politica européa, essa dissociação não convem aos proprios interessados.

Estudam-se varias soluções politicas no caso de se suppôr extincta a nacionalidade austro-hungara, e como o problema interessa aos grandes estados da Europa e em especial á Russia, Italia, França e á Allemanha, pergunta-se como os interesses d'estas nações, naturalmente hostis entre si, poderão facilitar a liquidação final da monarchia austro-hungara. A questão dynastica, com o aniquilamento dos Hapsbourg, será talvez laboriosamente resolvida, mas a questão nacional que provem da heterogeneidade dos sentimentos que qualificam os differentes agrupamentos ethnicos que formam o imperio, ficará de pé á espera que chegue o momento opportuno, a crise social e politica, que lhe dê solução.

E' guiada pelo problema austro-hungaro, que se manifesta a pretensão, ainda vaga, da Allemanha em relação ao Mediterraneo. Em todo o imperio dos Hohenzollern corre a crença no pangermanismo que se espalha pela Austria e vae arteirar-se infiltamente nos pequenos agrupamentos allemães que se encontram a leste e ao sul dos Alpes. E' na Allemanha que mais se sente e mais se estima a dissolução da monarchia austro-hungara, e a juventude allemã, como a juventude educada nas idéas de Rank e de Mommsenn, vae já cantando o hymno do triumpho, o hymno da passagem da onda germanica para alem dos Alpes até se firmar

em Trieste. Bem sabe a Allemanha que dos despojos da Austria lhe pertencerá a parte que maiores affinidades ethnicas com ella tiver. Não ignora tambem que a Carinthia, o Tyrol e a Carniolia, que lhe será preciso atravessar para chegar a Trieste, compõem-se de italianos e de slavos, aquelles em maior numero. Mas tambem a Lorraine não é germanica e o imperio, á voz de Moltke e do seu estado maior, mandou que a bandeira da confederação fôsse içada em Metz! Se a dissociação politica da monarchia austro-hungara se realizar um dia, as ambições da Allemanha hão-de confluir para Trieste e haverá então, entre as nações do Mediterraneo a mais temida das potencias militares.

Mas não depende de um Estado, por mais poderoso que seja, marcar e seguir um caminho na estrada da politica mundial. A civilização é uma entidade complexa e as suas manifestações, quer moraes, intellectuaes ou politicas, engrenam-se entre os diversos agrupamentos em que a humanidade se divide e a resultante nem sempre é o ideal sonhado pela nação mais forte. Assim foi em tempos antigos, com Roma e na Edade Media; assim nos ensina a historia da França e da Hespanha, e a propria Inglaterra, tão soberana nos mares, mais de uma vez soffreu revezes politicos nas suas ambições e foi desviada do caminho que marcara.

Estarão as pretensões do pangermanismo n'este caso? A visão da Allemanha de descer até o Mediterraneo, continuando na historia moderna a invasão dos povos do Norte, realizar-se-ha?

Emquanto ella propria não sabe responder a estas interrogações, a sua expansão economica vae abrindo caminho para o Mediterraneo. Com uma persistencia admiravel, com uma clara comprehensão dos seus futuros interesses politicos, ao mesmo tempo que contraria as pretensões russas em Constantinopla, toma, economicamente, inteira posse da Romania e espalha, em emprezas numerosas, os seus capitaes na Turquia. Ambiciosa e previdente, reconhecendo o impulso vigoroso das suas industrias e consciente de que a estrada do Mediterraneo é o caminho que lhe é indispensavel percorrer, procura chamar á sua dominação economica toda a Anatolia, intenta povoar com agricultores allemães os fertilissimos valles do Tigre e do Euphrates, abrindo brecha na hegemonia inglêsa no dia em que as esquadras commerciaes das duas nações se equivalerem, quando Hamburgo vencer Londres e o poder economico do imperio allemão abaixar a supremacia britannica nos mares da India e na China. Será então a vez de se chegar a um accordo sobre a estrada do Mediterraneo.

❁ ❁ ❁

Ha, porém, de se contar com a Russia. Por emquanto não lhe convém mecher no *doente* de Constantinopla. A colonização da Siberia com elementos europeus é o seu grande pensamento, a dependencia economica e politica da China é a sua politica mysteriosa no oriente. Não tem ainda o transiberiano e o transcaspiano em estado de percorrer os caminhos para a China e para a India. D'esta separam-na o Pamir e o Hindu-Kusch; mas a Russia pretende atravessar a Persia e por uma dupla rêde ferro-viaria chegar defronte de Ormuz, á porta do golfo Persico. Emquanto não prepara as suas ramificações estrategicas e não torce a politica imperialista do Japão na Corêa, não lhe parece propicio o momento de liquidar a questão turca na Europa e não se deixa arrastar pela politica impulsiva da França. Não é ainda o Mediterraneo a estrada predilecta da Russia. Outras vae ella abrindo para o oriente, e colloca-se ameaçadora, ao lado de Constantinopla, porque não renega nenhuma das suas ambições e lhe cumpre fiscalizar a ebullição politica que se está preparando nos Estados balkans.

Com elementos turcos politicamente preponderantes na Bosnia e na Herzegovina, provincias turcas sob a suzerania actual da Austria-Hungria, os slavos constituem a camada mais revolucionaria e inquieta de todos os estados balkans. A Bulgaria, a Servia, a Bosnia, a Herzegovina e a provincia turca da Macedonia, com os croato-dalmatas do imperio austriaco, teem affinidades ethnicas e sociaes que tendem, apesar de interesses contrarios, a approximal-os. Em algumas d'essas antigas dependencias do sultão, o extracto superior,—os que mandam,—é ainda de origem turca. Os slavos, porém, pela diversidade dos seus ritos, pela intransigencia tradicional das suas prerogativas ecclesiasticas que quasi tornam antagonicas entre si as egrejas christãs, não se harmonisam, nem o seu genio irrequieto e impulsivo, accentuadamente aspero, creado nas montanhas e longe dos centros mais civilizados da Europa culta, se encontra preparado para uma reconstituição politica que dê realidade ao ideal dos croatas de espirito superior, d'aquelles que n'uma *grande Croacia* desejariam reunir todos os slavos dos Balkans já libertos da dominação turca.

Além dos obstaculos os mais diversos que o espirito retrogrado e a rotina dos turcos apresentam á realização d'esse ideal; apesar

dos conflictos que surgiriam na Austria, se os slavos do sul se juntassem em um estado politico; suppondo que o irredentismo italiano fôsse satisfeito com a posse da Albania e de outros fragmentos do litoral oriental do Adriatico; mesmo que a Russia, que foi quem deu a carta da alforria aos slavos que se encontravam sob o jugo do sultão, facilitasse a formação d'esse estado neo-slavo, é de crêr que tal obra politica não seria persistente pela falta de homogeneidade social, entre os differentes participantes.

Áparte os rumanos, latinos pela lingua e pela cultura, os slavos dos Balkans teem ainda a rudez nativa dos povos que em tempos primitivos habitaram as planicies do norte do Mar Negro. Teem vestigios de selvageria nos seus habitos, pouca educação moral, e o seu nivel intellectual, com exclusão de algumas escolas croatas e servias, é egual ao dos seus dominadores. São turcos pelos costumes. A montanha fêl-os ferozes e a ferocidade manifesta-se nos seus habitos politicos e no banditismo que os caracterisa socialmente.

Mas são, incontestavelmente, de rija tempera. Audazes, persistentes, soffredores, esperam, sem a precisarem, sem a definirem, a realização de uma esperança collectiva de alguma cousa ethnicamente logica, de um pensamento commum que lhes é transmittido por herança, passada de geração em geração, apesar das suas dissensões, dos seus antagonismos religiosos e dos conflictos permanentes em que se gastam e se annullam. Mas á sua audacia falta uma direcção superior; ás suas aspirações uma energia mandante e, de tantos agrupamentos, um que siga na dianteira, centro politico e intellectual de todos os restantes, mandando e fazendo-se obedecer como a Prussia de Bismarck e de Guilherme I.

A politica do Mediterraneo deve contar com mais esse elemento em via de formação. Está bem longe o apparecimento d'esse Estado, mas é de crêr que nem a Italia estime o ingresso d'um povo slavo nos destinos do Mediterraneo nem a Allemanha, que visa o porto de Trieste, possa favorecer os intentos dos povos aguerridos e semi-barbaros da peninsula balkan.

❁ ❁ ❁

N'este jogo de interesses, que se manifesta, mais ou menos intenso, nos differentes paizes que cercam o Mediterraneo, poderiamos ainda encontrar as caracteristicas que separam os tres segmentos em que este mar é dividido. Porém o que está dito traduz sufficientemente o nosso pensamento. Embora cada bacia do Mediterraneo, desde os tempos primitivos e ante-historicos, tenha representado um papel especial, a logica dos factos e a successão das civilizações ensinam-nos que no seu conjuncto, em cada estadio da historia, todos os interesses politicos se confluiram em volta do mar, procurando todos a supremacia economica e militar. No passado como no presente, então como hoje, o Mediterraneo foi um centro de lutas, vasto campo aberto a todas as iniciativas, ás maiores empresas, ao choque de todas as raças superiores.

D'esses conflictos, que datam de milhares de seculos, resultaram as mais brilhantes civilizações. Egypto, Grecia, Roma, Carthago, a civilização *mediterraneana* primitiva e outras phases do progresso humano surgiram em volta do Mediterraneo. E ainda hoje que o Atlantico, depois das descobertas do periodo da Renascença, cujo primeiro capitulo foi escripto pelos portuguêses, abre de par em par as portas do mundo inteiro e marca um novo periodo ao desenvolvimento humano, o Mediterraneo ainda é a estrada principal, e assim a considera, e assim a domina o maior poder politico que até hoje teem creado as edades da humanidade.

Gibraltar guarda a entrada do mar Latino; Malta, a meio caminho do Oriente, vigia o Jonio, e no fundo da grande bacia euro-africana, com Alexandria em um dos seus flancos, a ilha de Chypre, ainda não artilhada porque no continente fronteiro não descobrem ainda os inglêses os capacetes prussianos. O plano estrategico da Gran-Bretanha, realizado com uma persistencia admiravel, é a obra politica mais sagaz e mais altamente previdente que se conhece. Transformou o Mediterraneo em um mar inglês, e não será facil n'este momento expulsal-a, embora exoticamente ali se encontre, porque durante um seculo, sem rivaes, conseguiu dispor de forças que nenhuma outra nação póde apresentar.

A' dominação grega, á hegemonia romana é necessario, nos tempos modernos, accrescentar a supremacia inglêsa. Dir-se-ha que as duas primeiras civilizações, no dominio da arte, da sciencia, da philosophia e da sciencia do governo, crearam raizes tão fundas que do Mediterraneo surgiu o corpo de doutrinas e de idéas que preparou o advento e o progresso dos povos do norte; dir-se-ha ainda que a influencia civilizadora da Gran-Bretanha entre Gibraltar e Chypre é nulla porque os povos que cercam o Mediterraneo são antagonicos com o espirito britannico e na historia da evolução européa teem lugar distincto. Mas o Mediterraneo é a primeira estrada da terra, é a passagem historica das idéas do occidente para o extremo-oriente.

Quaesquer que sejam os defeitos e os vicios da hegemonia britannica, deve-se a ella, em primeiro lugar, a união entre os interesses sociaes da Europa e os das centenas de milhares de habitantes que se encontram de um oceano ao outro. Para sustentar tão alta supremacia economica, era-lhe indispensavel firmar-se com segurança onde são mais apertadas as curvas da estrada e onde mais perigosos são os contactos com os estados competidores. E por isso a politica britannica foi cautelosamente marcando pelo caminho os padrões do seu dominio e fortificou-os para que nações inimigas lhe não partissem os élos da grande cadeia com que liga o Atlantico ao Pacifico.

⊛ ⊛ ⊛

No decorrer das edades geologicas, que a physica do globo indica como provaveis. o sulco transversal da terra onde se encontra o Mediterraneo tem já uma significação morphologica. Na historia do planeta, do periodo terciario mais remoto até aos primeiros vestigios da especie humana, definem-se as deformações da bacia euro-africana e os seus contornos ganham detalhes precisos. E' sempre a mesma, apesar da instabilidade constante da zona do globo onde se encontra; persiste no tempo e esta persistencia physica, apesar de todas as revoluções geologicas soffridas, de todas as crises porque o seu sub-solo tem passado, as suas aguas, apertadas de um lado, rompendo caminho de outro, sustadas aqui, desviadas acolá, ligam eternamente,—desde que o mundo humano surgiu á superficie da terra,—crenças as mais diversas, religiões as mais extremas, linguas as mais variadas, povos os mais antagonicos. E d'estes elementos tão desencontrados, pondo-os em conflicto e estabelecendo a sua transição gradual entre o oriente mais afastado e o occidente mais longinquo, grandes correntes de idéas, de sentimentos, de vontades, prendem eternamente a civilização dos povos europeus ás formas exoticas da cultura oriental. Arte, religião, moral, politica, philosophia,—a revelação do espirito humano em collectividade,—não teem limites marcados, não escolhem povos nem preferem crenças.

Na civilização pelagica, durante a hypercultura grega, emquanto vingou o czarismo romano, sempre o Mediterraneo foi o encontro das tradições e das vontades de todos os povos mais preparados para a luta das idéas, foi o centro em volta do qual gravitaram as maiores ambições, os maiores crimes, as mais brilhantes constellações do espirito humano. Turbilhão de homens, de sentimentos, reflexos humanos das convulsões geologicas, echo das torturas da terra, conservou-se estrada do mundo, feira illuminada, a primeira entre todas. E n'ella cairam imperios e d'ella surgiram, n'este vae-vem rythmico que faz, em longuissimos periodos de tempo, a vida inteira da humanidade, os mais heroicos conductores de homens, os exemplares mais sublimes, quasi divinos, da especie humana.

A sua policia é hoje feita pelas esquadras inglêsas. São estas quem preside á troca dos interesses materiaes entre a Europa e o Extremo-Oriente. Os que enviam as materias primas e os que as devolvem manufacturadas teem fortes obrigações sociaes que os caprichos de qualquer nação não devem perturbar. Immensas arterias euro-asiaticas e euro-africanas dão passagem aos productos remotos que a Europa absorve como um polvo. Confluem todas no Mediterraneo e por isso a missão politica d'este mar foi sempre tão grande como grandes teem sido os interesses economicos de todos os Estados.

Não convém a nenhum d'estes que o equilibrio, favoravel n'este momento á Gran-Bretanha, se desfaça com fortes abalos. Acima da vontade das collectividades humanas ha um pensamento superior, inconsciente e indeterminado, abstracção que o nosso espirito não colhe, intangivel ás nossas idéas. Do conflicto dos estados, do encontro das raças, do choque das civilizações pelas suas linguas, pelas suas crenças, tradições; de todas as manifestações conjugadas, as mais diversas, da arte, da religião, da moral, da sciencia e da philosophia, surde logicamente,—logica que o espirito humano não attinge,—uma resultante final, que é a marcha triumphal dos povos. Seja qual fôr o que marchar na vanguarda, nenhum poude ainda, na curva rhythmica da vida, conservar intangivel a sua supremacia.

É na historia das lutas que o Mediterraneo tem assistido que mais nitidamente se percebe esse reflexo constante de ambições, que ora traz uns, ora outros, á superficie. Foi Roma na antiguidade: é hoje o imperialismo inglês; mas no horizonte remoto, em todas as direcções, veem surgindo grandes ambições e nova ebullição se fará e novas lutas se darão. Quem saberá prever os destinos do Mediterraneo? Mas a grande massa humana impõe os seus direitos, dirige os estados, manda em seus dirigentes e, por isso, quaesquer que sejam as oscillações politicas que esse mar venha a soffrer, seja qual fôr a hegemonia que tenha de supportar, o Mediterraneo será sempre a primeira estrada do mundo. Por elle se fará a passagem de todas as ambições e por elle seguirão esperanças, desalentos, he-

roismos, crimes, torturas da alma, triumphos, tudo, tudo quanto traduz a alma humana, intangivel para nós, intangivel para todos. E como no passado, e como no presente, continuarão correndo as suas aguas lentamente, serenamente, do Atlantico ao mar Levantino, e os grandes turbilhões de homens que o percorrem, desbastando idéas, transformando crenças, não deixarão, nem um só dia, a labuta eterna que faz civilizações.

SILVA TELLES.

SONETO

Un autre plus heureux va unir son sort à celui de mon amie. Mais, quoiqu'elle trompe ainsi mes plus chères esperances, dois-je la moins aimer ?

MACKENSIE.

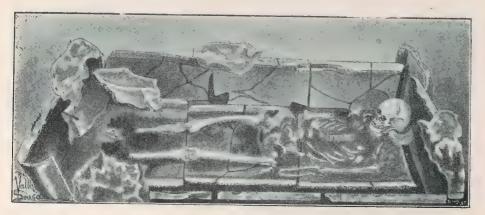
Tua frieza augmenta o meu desejo :
Fecho os meus olhos para te esquecer,
Mas quanto mais procuro não te ver,
Quanto mais fecho os olhos, mais te vejo.

Humildemente, atrás de ti rastejo,
Humildemente, sem te convencer,
Emquanto sinto para mim crescer
Dos teus desdens o frigido cortejo.

Sei que jamais hei de possuir-te, sei
Que *outro*, feliz, ditoso como um rei,
Enlaçará teu virgem corpo em flôr.

Meu coração no entanto não se cança ;
Amam metade os que amam com esperança,
Amar sem esp'rança é o verdadeiro amor.

EUGENIO DE CASTRO.

(Das *Poesias escolhidas)*

Sepultura de telha (Necropole Luso-Romana em Ferrestello, quinta de Foja, Maiorca)

O MUSEU MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ

Com a publicação do artigo que segue, devido á amavel collaboração do sr. Belchior da Cruz, dedicado conservador do museu, e illustrado com a reproducção de fidelissimas aquarellas do dr. Valle e Souza, que mais uma vez presta a esta revista o seu obsequioso concurso de amador de arte e de investigador archeologo, intenta-se dar conhecimento e prova de quanto consegue em prol da sciencia e do culto da arte a iniciativa individual, bem mal apreciada e quasi ignorada, que por esse paiz fóra devotadamente, nas mais variadas regiões ou localidades, congrega de elementos de estudo e affirmações de civilização, bem dignas de elogio caloroso e de applauso animador.

Foi em 1886 que o dr. Santos Rocha iniciou os seus trabalhos de exploração da vasta necropole neolithica da Serra do Cabo Mondego, organisando uma interessantissima collecção que foi o nucleo do Museu da Figueira. Essa collecção acha-se descripta, conjunctamente com os monumentos funerarios e estações de habitação do homem na mesma epocha, no seu bello e substancioso trabalho:—*Antiguidades Prehistoricas do Concelho da Figueira*, cuja primeira parte viu a luz da publicidade em 1888, e a 4.ª e ultima em 1900. Este trabalho foi offerecido ao Instituto de Coimbra, a quem o seu auctor egualmente offereceu o mobiliario recolhido no megalitho das Carniçosas, o maior monumento da citada necropole, pertencente hoje á Sociedade Archeologica da Figueira, que o mandou vedar para o poupar á destruição do povo.

Busto Romano
proveniente de Pedrulha, Alhadas, concelho da Figueira da Foz

Essa collecção acha-se hoje na galeria d'anthropologia da Universidade de Coimbra.

Proseguindo as explorações, concebeu o dr. Rocha a idéa da creação d'um museu municipal, onde fossem recolhidos não só todo o material colligido por elle nas excavações da Serra e outras, como tambem reunidas todas as antiguidades dispersas pelo concelho e arredores.

Em 1893, d'accordo com a Camara Municipal, na presidencia da qual se encontrava o dr. Joaquim Jardim, fundou o Museu, concorrendo n'essa occasião muitas pessoas com donativos varios em dinheiro e em materiaes para auxiliar as despezas de installação. Ficou o Museu provisoriamente no magnifico edificio do Paço, onde occupava quatro amplas salas, precedidas d'uma galeria envidraçada, sendo inau-

gurado solemnemente em 5 de maio de 1894.

Com os successivos trabalhos de campo,

Esculptura, proveniente do Convento dos Anjos, de Montemór-o-Velho

emprehendidos pelo seu benemerito fundador e director, se foi enriquecendo este estabelecimento, e as explorações do Algarve por elle realisadas em 1895 augmentaram consideravelmente as collecções romanas do Museu.

Em 1897 installou-se definitivamente no andar nobre do edificio dos Paços do Concelho, sendo reaberto ao publico em agosto de 1899.

Em 1898 fundou-se a Sociedade Archeologica da Figueira, com o fim especial de auxiliar o desenvolvimento do Museu.

Esta Sociedade tem executado muitos trabalhos de exploração, tanto no concelho da Figueira, como em varios pontos do paiz, indo as suas já numerosas collecções augmentar bastante as que o Museu encerrava anteriormente.

O museu Municipal da Figueira da Foz comprehende cinco secções que são: *Prehistoria, Sala de Comparação, Protohistoria, Archeologia luso-romana*, e *Archeologia historica* (Edade media e tempos modernos.)

A secção de *Prehistoria* comprehende o rico mobiliario proveniente dos dolmens e estações neolithicas da Serra do Cabo Mondego, de dolmens e cavernas da Beira Alta, do Algarve etc.

Todo este mobiliario está disposto methodicamente de maneira a qualquer pessoa poder rapidamente abranger, com um simples volver d'olhos, as differentes phases porque passaram os instrumentos do homem primitivo.

Primeiro os machados de pedra lascada, os nucleos de silex, de quartzite e de quartzo, as mós primitivas, os martellos ou percutores, os restos de cozinha; depois os rebotalhos das officinas do rude habitante d'esta região na epocha da pedra polida; a seguir os instrumentos, quasi todos de silex, bem acabados, alguns d'uma perfeição extraordinaria: pontas de setta, pontas de lança, facas, serras, goivas, picões, gráes, etc; collares de contas de ribeirite e de azeviche; instrumentos d'osso, (alfinetes, agulhas, manilhas, etc.)

Vem depois a ceramica neolithica, muito bem representada por vasos completos e outros restaurados, alguns lindamente ornamentados; uma bella collecção de perto de 300 machados de pedra polida, de varias

Amphora, proveniente de Valencia del Cid (Hespanha)

dimensões, provenientes na sua grande maioria do concelho da Figueira, e de varios pontos do paiz.

Entre os objectos de pedra são dignos de particular menção uma clava de pedra, proveniente de Nellas, de 0,m73 de comprimento e que pesa 4,k750; uma magnifica ponta de lança de silex, fracturada na ponta, e que méde até a essa fractura 0,m32, e que é a maior lasca de silex não só da Peninsula como das existentes nas collecções do Museu de Saint-Germain (França); e um enorme machado, encontrado em Cortiçô (Celorico da Beira). Ha ainda os restos humanos encontrados nos dolmens e cavernas, entre elles, parte d'um craneo com principio de trepanação prehistorica e uma brécha ossifera, contendo as peças d'um esqueleto humano inhumado de cócoras, e provenientes, bem como o material que lhe está junto, da caverna dos Alqueves (arredores de Coimbra), explorada pela Sociedade Archeologica da Figueira em julho de 1898, e posteriormente pelo sr. Antonio de Mesquita de Figueiredo, que alli recolheu um bello craneo neolithico que offereceu á referida Sociedade e se acha no Museu.

Sepultuaa de lages (necropole luso-romana de Ferrestello, quinta da Foja, Maiorca)

Passando á epocha dos metaes: a do *cobre* nitidamente representada por machados, punhaes, pontas de setta, vasos de barro, etc.; — a de *bronze* representada por machados, de talão e annel lateral, parte d'uma espada, etc. Os objectos de cobre são provenientes do concelho da Figueira, do de Soure, Espite e Algarve; os de bronze, do concelho d'Alvaiazere.

N'esta secção ha ainda de interessante, as moldagens feitas em França, dos celebres craneos de Cro-Magnon, Furfooz e Constadt e das maxillas de Furfooz, Cro-Magnon e Naulette; de varios objectos recolhidos em estações portuguezas; e uma bella *estella* funeraria de pedra, proveniente da Fonte Velha, Bensafrim (Algarve) e que tem gravada uma inscripção em caracteres ibericos muito nitidos.

Seguindo para a *Sala de Comparação*, vêem-se alli reunidas bellas collecções de armas, adornos, vestuarios, ceramica, artefactos de

Fragmentos d'um Retabulo proveniente da egreja de S. Pedro, de Buarcos

madeira e de palha, instrumentos musicos, tecidos, etc., dos povos indigenas da Africa, Asia, America e Oceania, além de muitos objectos modernos para estudo comparativo,

Tanga, Objecto de barro, usada pelas mulheres do sitio de Pacoval, lago Arary, Ilha de Marajó (Amazonas)

amuletos, craneos humanos para estudos anthropologicos, etc.

Ha ainda n'esta sala uma collecção de molluscos terrestres e do littoral do concelho da Figueira, organisada para estudo das conchas encontradas nas differentes estações archeologicas do concelho; uma bella amphora italo-grega, proveniente de Valencia del Cid (Hespanha); amostras da ceramica de grande numero de Castros minhotos e d'algumas outras estações archeologicas do paiz e do estrangeiro, etc.

São tambem dignos de attenção alguns exemplares da ceramica, e objectos de barro, bellamente pintados, provenientes da estação brazileira do Pacoval (ilha de Marajó); um collar formado de doze contas tubulares de barro cosido, encontrado n'uma sepultura romana em Ciudad Rodrigo (Hespanha); e um manequim, tamanho natural, representando um soldado japonez, antigo guarda do mikado, armado de todas as peças.

Antigo guarda do Mikado (manequim armado de todas as peças authenticas)

Passando á *Secção de Protohistoria* admira-se alli, em primeiro logar uma avultada serie de vasos de barro da epocha luso-carthagineza, alguns de enormes dimensões, uns bellamente pintados em fachas polychromas outros sem pintura, provenientes da estação de Santa Olaya, que a Sociedade Archeologica da Figueira anda explorando; muitos fragmentos ceramicos tanto trabalhados á roda como á mão, fusaiolas, pesos de rede, contas de barro e de vidro azul, objectos de bronze e de ferro, mós, restos de cozinha, etc., provenientes tanto de Santa Olaya como do Crasto (freguezia de Tavarede). Ainda n'esta secção se nota uma collecção de contas de vidro esmaltadas, provenientes da necropole luso-phenicia da Fonte Velha em Bensafrim (Algarve).

Entrando na secção da *archeologia luso-romana*, ha em primeiro logar, dignas de particular attenção, duas sepulturas formadas, uma de lages, outra de telhas romanas, contendo cada uma um esqueleto. São provenientes do cemiterio de Ferrestello, proximo da importante estação archeologica de Santa Olaya.

As collecções romanas do Museu comprehendem muitos e interessantes objectos taes como amphoras vinarias, provenientes de S. João da Venda (Faro); urnas cinerarias, contendo algumas ainda ossos humanos calcinados; muitos outros vasos de barro restaurados, alguns da celebre loiça aretina; pesos de tear, vasos de vidro; fibulas, pregos e outros objectos de bronze; varios objectos de ferro, taes como lanças, uma espada ou adaga, facas; tijolhos, telhas, telhões, argamassas e outros materiaes de construcção romanos, de que o Museu possue uma importante collecção; parte d'um troço de columna romana, formada de tijolos em fórma de sector circular e proveniente das ruinas romanas de Condeixa-a-Velha; mós; exemplares de mosaicos romanos provenientes de Montemór-o-Velho, Figueira de Castello-Rodrigo, Ançã, Algarve, etc.; dois cippos funerarios romanos provenientes do Algarve; um busto romano de pedra e uma inscripção tambem romana achadas na Pedrulha, Alhadas (Concelho da Figueira), etc., etc.

Passando, finalmente, á *secção d'archeologia historica* (Edade media e tempos modernos) temos em primeiro logar a importante collecção numismatica, contendo grande numero de moedas e medalhas portuguezas, moedas romanas, suevas, wisigothicas e arabes, e moedas e medalhas estrangeiras. Parte d'esta collecção foi offerecida por um benemerito filho da Figueira, já fallecido, o reverendo Fortunato Casimiro da Silveira e Gama, abbade de Quinchães.

Ha n'esta secção um grande tapete, imitação de *Gobellin*, feito na fabrica fundada em Tavira nos fins do seculo XVIII, além de varios pannos d'Arrayolos; muitas peças de vestuario do seculo XVIII e principios do XIX; adornos femininos, taes como leques, pentes do cabello, etc.; joias; alguns quadros a oleo e em vidro; gravuras; esculpturas em madeira, em pedra e em barro, sendo digno de es-

pecial menção parte d'um retabulo, proveniente de Buarcos; uma estatua de Santa Thereza do convento dos Anjos de Montemór-o-Velho; dois retabulos em madeira, seculo XVII, restaurados e provenientes da capella de S. José da egreja de S. Miguel d'Aveiro [1] Ha mais: algumas obras de talha, do seculo XVI, provenientes do extincto convento de Seiça e do de Santo Antonio da Figueira; varios pergaminhos e foraes; armas, taes como arcabuzes de serpe e morrão, espingardas, pistolas, bacamatres, espadas, etc.; faianças das antigas fabricas portuguezas; faianças estrangeiras (Talavera de la Reina, Saxe, Lille, Sévres, China India, Japão, etc); azulejos hollandezes (Delft); vidros portuguezes e extrangeiros; varias peças de mobiliario; uma collecção de grandes potes de barro, portuguezes, um dos quaes, de grandes dimensões, tem gravada a data de 1667, e muitos outros objectos, mais ou menos interessantes e curiosos, cuja enumeração não cabe nos estreitos limites d'uma simples noticia.

[1] Pertencem, bem como um interessante lenço pintado, contendo os nomes dos deputados das côrtes de 1822, e que tambem se encontra no Museu, ao distinto bibliophilo, sr. Annibal Fernandes Thomaz.

Figueira da Fóz, outubro, 1902.

Possue ainda o Museu, da epoca arabe, além de grande numero de azulejos hispano-mouriscos, um grande alguidar arabe, perfeitamente restaurado, encontrado, bem como outros fragmentos ceramicos e azulejos da mesma epocha, em Buarcos; varias peças de loiça arabe, do Algarve e de Hespanha, etc.

❁ ❁ ❁

Sobre muitos objectos que o Museu encerra, se teem publicado interessantes memorias e noticias que o visitante do Museu poderá vêr e consultar, nas seguintes publicações:

Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira, por A. Santos Rocha, 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª partes; Coimbra, 1888, 1891, 1895 e 1900.

Memorias sobre a antiguidade, do mesmo auctor, Figueira, 1897, 1 vol. *Revista de sciencias naturaes e sociaes*, Porto, 5 vol. *O archeologo Portuguez*, Lisboa. *Portugalia*, Porto, Fasc. I a III; *Branco e Negro*, n.º 29 do 1.º anno (Tomo II) artigo descriptivo do Dr. Valle e Sousa, acompanhado de gravuras, representando varios aspectos do museu e do retrato do seu fundador Dr. Santos Rocha, Lisboa, 1897.

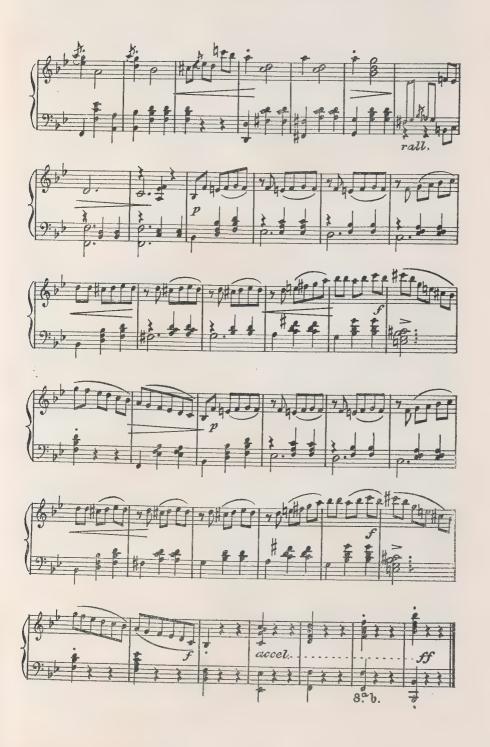
P. Belchior da Cruz.

Amphora, proveniente da estação romana de S. João da Venda (Faro)

Louisette
VALSA
A Melle Louisette Bruno.
por
G. F. de Borja Araujo.
PIANO
p
rall.
1.
2.
mf
f
f
f

1.
2.
ff
f
p
1.
p
cresc.
rall.

ff
f
mf
ff rall.
p
8a b.

rall.
p
f
p
f
f
accel.
ff
8.a b.

O Taciturno — ESCOLA FLORENTINA DO SECULO XVI (AUTOR DESCONHECIDO) MUSEU DO LOUVRE

De pé, vestido de preto, barrete tambem preto, encostado a um parapeito de pedra, longos cabellos pretos a emmoldurar-lhe a face pallida, da pallidez natural da vida precoce, este celebre retrato d'um mancebo desconhecido fixa, prende, enreda a attenção de quem o observa, e embevecido se queda a contemplal-o, n'aquelle olhar profundo e mysterioso, n'aquelle ligeiro vincado de sobreolhos, n'aquelle comprimido ajustar de beiços expressivos. Chamam-lhe o taciturno bem justamente. Ha uma estranha luz no fundo das pupillas do moço florentino; uma expressão de amarga tristeza desilludida n'aquella fronte voluntariosa. Lembram-se romances de complexa psychologia, de tragica emoção, quando se attenta n'aquelle pequeno quadro, que tem sido attribuido successivamente ao pincel de Raphael, de Giorgione, de Sebastiano del Piombo, de Francesco Francia e por ultimo de Franciabigio. Não se lhe conhece o nome, não se sabe que pincel de mestre o immortalizou, e todavia elle interessa vivamente no seu enigma de sinistra intenção ou de amargura apaixonada...

A Lagoa do Campo

A VIDA EM LISBOA

O CAMPO GRANDE

De passeio ao Campo Grande, *camara* escura debaixo do braço, a surprehender aspectos de vida mundana lisboeta.

Foi n'um domingo, ha oito annos, antes do carnaval, n'uma bella manhã de inverno, radiante de luz e de vida, um céo azul profundo e vasto, d'aquelles céos onde o olhar se perde e não repousa, d'aquelles céos que por extranha acção reflexa suggerem no espirito a saudade do tempo que passou. Sentia-se n'alma a caricia do invisivel, penetrante como a *luz negra* de Lebon. Voltei agora lá em busca de novos aspectos; a annotar differenças, tambem n'um domingo, sob a mesma luz radiante, e vivificadora.

Em baixo junto da terra, o ambiante docemente temperado, vibrante da fina poeira do macdam, tocada pelos raios do sol; em cima na região das nuvens, uma viração lenta impellindo tenuissimos vapores brancos como flocos de algodão. Parecera a mão caprichosa do acaso a espargir *veloutine* sobre a face do firmamento, segundo se dizia em velha rhetorica pretenciosa,

Pela alameda fóra de um lado e d'outro vinham chegando carruagens: então, annos atrás, vinham postar-se infileiradas no canto dos saltos de cavallo, n'uma espectativa fingidamente curiosa, forçadamente elegante, de amadores de *sport;* agora, deslisam rapidas, quasi disfarçadas na subtil macieza dos rastos de borracha, menos numerosas, fugitivas; já não ha saltos de cavallo que as detenha.

N'um trote compassado ou a passo cauteloso algumas amazonas, bem poucas, raras,

Vinham chegando carruagens

ladeadas pelos *sportmen*, passavam n'uma indifferença affectada pelo movimento que as

rodeava, como quem fôra ali casualmente, n'um desvio irreflectido do caminho, anticipadamente planeado, ao subir a Avenida, para mais longe, em larga volta, n'outra direcção, que lhes não desse contacto com a vida aburguezada e frivola, aquella que se demora pelas alamedas ou passeia os *babies* em volta do lago.

Passam amazonas

Sobre um chão rugoso e pellado, onde deveria vicejar todavia a inevitavel *pelouse* de verde inglez, formavam-se pequenos grupos de damas que passeavam dolentemente, n'um arrastado desconsolo apparente, sem a vivacidade de quem ao exercicio hygienico junta a alegria da vida, bebida a largas inspirações no ar embalsamado pelos pinheiros e pelos eucalyptos. Comtudo nota-se, no vestuario feminino, após estes nove annos volvidos, mais generalisado, um decidido apuro europeu.

Aspecto geral sempre morno, como a temperatura do meio ambiente, que favorece a vegetação exuberante das palmeiras, sempre acanhado ou contrafeito, como umas pequenas arvores enfezadas e torcidas pelo vento que orlam um canto do Campo.

Na Grande Alameda

❀ ❀ ❀

As cidades, as multidões, teem como os individuos a sua psychologia, o seu caracter, que se define e melhor se accentua pela observação dos costumes, dos habitos, das tendencias ou dos impulsos collectivos. As cidades, como os individuos, teem modalidades de sentir, de pensar, de proceder que determinam estados d'alma, formas externas e transitorias de civilização propria, original ou imitada. A tendencia e o desejo, que presuppõem no individuo uma intenção complexa de elementos affectivos e intellectuaes, revelam egualmente, no viver das sociedades, o interior da consciencia collectiva d'estas. Lisboa tem portanto, naturalmente, a sua psychologia propria, como todas as capitaes, complicada e complexa, como a do moderno mundo, manifestada nos mil aspectos da sua existencia, nas ruas e nos passeios, nos theatros e nos *ateliers*, nas officinas e nos divertimentos, nos salões ou nos cafés.

Todas as grandes capitaes teem o seu bosque, como todas as pequenas terras possuem o seu passeio favorito, ou rocio ajardinado, onde em tardes de domingo se faz ouvir a musica regimental, ou a phylarmonica local. Lisboa mundana passeia na Avenida e no Campo Grande, como Madrid vae ao Prado e á Castellana n'um arremedo de vida luxuosa que não possue, nem mostra vontade de possuir. Depois que lhe destruiram o Passeio Publico, fechado como um *square* dentro das suas altas grades de ferro, Lisboa tem levado os seus bons vinte annos a ajardinar os longos *trotoirs* da Avenida, a escavar e encher de agua a lagôa do Campo Grande, onde na pequena ilhota classica de todos os lagos pretenciosos, a arte municipal permittiu a collocação d'um caixote-botequim, que intercepta a graciosa perspectiva das margens sinuosas e consegue destruir todo a illusão de

grandeza indefinida, reduzindo-a assim ao aspecto de charco peçonhento.

Lisboa é assim vagarosa e lenta no seu caminhar de progressos effectivos, como a sua população, que tambem anda preguiçosa e dolentemente. Escasso lhe tem sido o tempo para levantar essa casaria inesthetica com que vae definindo as ruas de varios *conselheiros* dos bairros excentricos, n'uma grande harmonia suggestiva entre a mercê burocratica e o predio de rendimento. Onde a nobreza fidalga quasi desappareceu, era natural que não se construisse o palacio de architectura nobre. Alguns que ainda existem são antigos; os modernos não chegam a consolidar o rebouco. Se a arte official se propõe reconstruir alguns por acaso, encontra após laboriosa concepção o modelo do Calhariz.

❁ ❁ ❁

A frequencia recente das viagens trouxe, em verdade, para o meio elegante lisboeta o desejo de imitar, n'uma desculpavel obediencia ao cosmopolitismo moderno, habitos de vida exterior, como se adopta a forma d'um chapeu ou o corte d'um vestido. Mas certo é tambem que o uso transplantado, quer seja o simples exercicio sadio ou confortavel d'um passeio a pé ou de carruagem, n'um local concorrido e arejado, animando a paisagem pelo movimento, quer seja uma nova tentativa de sociabilidade, pela abertura d'um salão ou d'um club onde se converse, se façam

Subindo a Avenida

armas, se discuta, se represente, se ouça musica e se coma bem; logo encontra nas tendencias nativas uma forte resistencia passiva e constante que o deforma nos intuitos, o esmorece no exercicio e o definha em breve tempo.

Como falta o impulso collectivo, o desejo

Trêcho do Campo

bem firme, para realizar a tentativa iniciada ou para conservar o uso imitado, o Campo Grande, que é uma bella alameda, pobremente cuidada e intermittentemente concorrida, não obriga Lisboa á plantação definitiva d'um parque, porque não lhe sente a falta. A Avenida ajardinou-se e orlou-se de *trottoirs*, e tanto bonda para ver a fileira de carruagens que de quando em quando a mede de alto a baixo, em rosario, movendo-se como se fôra correia sem fim sobre os tambores de transmissão, entre o obelisco da Restauração e o esboço de rotunda que esbarra em terrenos vagos. Lisboa podia ter já o seu parque ornamental e gracioso, n'um desenho paisagista como o do *bois de la Cambre*, sufficientemente extenso para a população, mas não se interessou pelo caso; que este, como tantos outros, era iniciativa incapaz de mover a sua caracteristica indifferença resignada.

Não lhe sentia, como ainda não lhe sente, a falta. Para verificar o conceito, basta sahir pelas manhãs ou pelas tardes, em domingos ou dias de semana, em

busca de aspectos, espirito deliberado para a observação.

❧ ❧ ❧

Escasseiam as equipagens ricas, e apparentemente não parece que falleçam fortunas

O Guarda-sol das Bicycletas

para as sustentar; vêem-se mesmo raras que sejam cuidadosamente postas ao menos, n'um primor compativel com a modestia de despendios, porque parece faltar o gosto para as alindar. De sorte que este unico aspecto das carruagens, do ajaezeamento e das fardas, e da *tenue* dos criados, fornece á analyse do observador critico elementos preciosos para recompor e reconhecer uma parte da psychologia de Lisboa, muito simplista nos costumes, receiosa sempre do reparo mordente e invejoso, despreoccupada da decoração artistica, em geral motejadora dos requintes de elegancia miuda que mal comprehende. Por isso a concorrencia de carruagens ao passeio elegante, na Avenida ou no Campo Grande, é quasi sempre diminuta e o seu aspecto de aglomeração não offerece aquelle brilho, aquelle luxuoso movimento que imprime caracter aos passeios similares das outras capitaes, ainda guardadas as devidas proporções.

Sem duvida, não se póde pretender que em Lisboa se realise o esplendor, por exemplo, do passeio de cavallo, de manhã, no Hyde-Park, em Londres, o mais bello e gracioso desfile de amazonas, de animaes perfeitos, de luxo e bom gosto, que se póde contemplar, como se deante dos olhos se desenrolasse em magico cyclorama a mais completa exposição de aguarellas, deliciosos rostos gentis, d'uma formosura ideal, magnificos exemplares da raça humana, prepassando numerosas e alegres por entre a multidão de cavalleiros, que as acompanham, as saudam na passagem, e por entre a escolta de estribeiros e de *grooms*, irreprehensiveis nas suas fardas agaloadas. Mas não seria ridicula pretensão suppôr que se encontrassem mais numerosas, se reunissem mais a miudo as raras damas portuguezas que passeiam a cavallo, como tambem os *sportmen*, que se dispersam e se isolam; não seria estranho que tivessem, como ponto obrigado de reunião, a alameda unica de Lisboa, e juntamente com as carruagens, os *phaetons*, os *tilburys*, os *ducs*, animassem a paisagem, estimulassem gosto pelo exercicio ao ar livre.

❧ ❧ ❧

Mais democratico, menos dispendioso, generalisou-se notavelmente n'estes ultimos annos o *sport* cyclista; e este é sem duvida

Chegavam Bicyclistas

o aspecto mais animado que offerece o Campo Grande em dias de concorrencia. Já foi

mais intenso, mais procurado o exercicio, já foi mais moda do que actualmente; todavia ainda esquadrões de velocipedistas chegam apressados ao Campo, e na ancia de beber o espaço passam rapidos por entre as carruagens que lentamente descem a alameda occidental. Todavia são apenas rapazes, homens novos; nem uma dama. Do sexo fragil, segundo a phrase consagrada, apenas algumas creanças experimentam pequenos percursos, em volta do pavilhão de aluguel de machinas, como outras ensaiam os remos nos pequenos botes da lagôa.

A hora da musica

Recentemente, o automovel apparece na sua carreira desgraciosa, de formas deselegantes e extravagantes, a caracterisar o seculo utilitario e brutal. Como é curioso seguir através dos tempos, no espaço d'um seculo, este transformar progressivo, em decadencia de graciosidade e de delicadezas, dos meios de locomoção, mesmo nos logares da moda; como desapparecem as preciosas cadeirinhas e por gradações successivas se chega ao automovel; como do movimento cadenciado, embalando entre cochins de seda perfumada a gentil fidalga do seculo XVIII, se passa á vertigem de expresso arrebatando a moderna mundana entre nuvens de pó, contra o corte cruel do ar deslocado que fere impiedioso o mimo da formosura.

Fazendo a Avenida

Todavia, apesar d'estas innovações do cyclismo e do automobilismo, que denunciam progressos de adhesão aos habitos da vida moderna, a impressão que se recolhe d'uma excursão analysta ao meio luxuoso e ao passeio elegante de Lisbôa, é a de comtrafacção de costumes mundanos, mesquinhamente copiados, amostras de civilização exotica. Aqui a vida é ainda pouco intensa.

Terá compensações esta aresta de caracter collectivo? A vida será talvez mais plenamente humana, com vigor de paixões como exubeberancia de sentimento ou de temperamento' que exaggera

tanto as más intenções na sua ruindade, como ás bôas na sua simplicidade. Mas nem

A VER AS CARRUAGENS

por isso a vida elegante é menos artificiosa e convencional; somente não occulta os seus defeitos, nem os disfarça sequer na frivolidade banal. Tem aspectos naturalistas, primitivos, fundamentalmente organicos, como tem arremedos de agglomerações humanas depauperadas pelo prazer e pelo goso.

Ha n'esta vida mundana lisboeta um forte contraste de sombra e luz; uma inconstancia, uma instabilidade que desorienta a analyse.

Ingenuamente optimista, ás vezes, tem enthusiasmos de espirito juvenil; ridiculamente pessimista, outras vezes, tem indifferencias egoistas de velho organismo. Porem, envolta n'um mysticismo, doce e supersticioso, esta elegancia mundana, luxuosa, tem quasi sempre o habito externo do desconsolo indefinido, pleno do tedio sombrio, que produz a indifferença e o desleixo.

O Testamento de Pedro Braz

Synopse dos seis capitulos publicados — *Um velho fazendeiro australiano, Pedro Braz, cuja origem é desconhecida, e de quem se não conhece familia, morre depois d'uma viagem, tendo promettido a Helena Moss, cuja vida infeliz o commovera, e a João Millington, advogado intelligente em principio de carreira, deixar-lhes em testamento todos os seus bens que são avultados. Depois da morte, porém, não se encontra o testamento, e as propriedades, á falta de herdeiros conhecidos, entram em administração judicial. Faz-se leilão dos moveis; e alguns objectos da mobilia dispersam-se pelo mundo. Corre a lenda de que a alma de Pedro Braz anda penando e parece que a desventura acompanha sempre os possuidores diversos d'aquelles taes moveis que perteceram a Pedro Braz, o velho criador de gado. Um tal José Candler, vagabundo, chega por acaso a Malugalala; pede pousada, é recebido, e informa-se do caso do testamento de Pedro Braz. O creado d'este, Bob, rapaz gracejador, encontra na physionomia de José Candler parecenças com o fallecido patrão. Em conversa, pergunta-lhe se elle vem recolher a herança, e acende-lhe assim o fogo da ambição. Faz o seu plano, procura o advogado Millington propõe-lhe dividirem a herança, fazendo-se elle passar por sobrinho de Pedro Braz. E' repellido severamente. Encontra um advogado desacreditado Geeves, e os dois associam-se n'uma demanda para obter a herança. Helena Moss parte para uma fazenda no interior, acompanhando, como governanta, Francisco Crapp, jornalista, o qual vae substituir o dono das pastagens, seu amigo, que se ausenta por alguns annos. A fazenda Narenita é proxima da Malugalala. Helena Moss volta a visitar a antiga fazenda de Pedro Braz. Descrevem-se varios incidentes da vida do matto. Retoma-se em seguida a viagem de Walter Reid e sua familia, a casa de quem tinham ido parar os moveis de Pedro Braz, e sobre elles pesa a má sina que parecia perseguir os diversos donos dos taes moveis. Walter Reid morre deixando ao desamparo seus tres filhos, pouco depois de ter desembarcado na colonia; os pequenos alcançam collocação, e separam-se, obtendo a mais velha, Catharina um logar de governante em casa dos Green que são administradores da fazenda Narenita. Os moveis são mais uma vez vendidos em leilão e de novo se dispersam. O pretendente, Candler, á herança do tio Pedro Braz, visita acompanhado do seu advogado a fazenda de Malugalala. Bob vigia-lhe as intenções, e n'um dia, em que exercia esta vigilancia, descobre varios documentos que se referem á vida de Pedro Braz, embora nada elucidem sobre o testamento. Bob deu d'elles immediato conhecimento á senhora Moss que por seu turno os descreve em carta ao advogado Mellington.*

CAPITULO SETIMO

De como a realidade é por vezes mais assombrosa do que a ficção e como Catharina encontra nova collocação e protecção.

A IMAGINAÇÃO mais vivaz e subtil não consegue entretecer historietas como aquellas que o acaso, mysterioso tecelão de surpresas, vae debuxando no tear da vida. Entre as *fazendas* que circumdavam Narenita, para o lado opposto a Malugalala, havia uma de magnificas pastagens, cuja dona ere uma senhora viuva, de avançada edade, e da geraes sympathias no districto pela sua bondade. Catharina visitava-a com frequencia, nos seus passeios ás creanças que educava Uma tarde, disse-lhe ella muito alegre:

— Sabe, minha menina, vou ter hospedes que me vão dar immensa satisfação. Tenho um sobrinho, bastante rico, proprietario de Reverina, uma fazenda modelo, que partiu ha annos para Inglaterra, onde casou e d'onde trouxe uma excellente companheira. Roberto Clarke, chama-se assim meu sobrinho, acaba de regressar d'uma segunda viagem e escreveu-me que virá passar comigo alguns dias. Não imagina quanto me alegro em os ter aqui. A' medida que se envelhece mais se quer á familia, que hoje para mim se resume n'aquelles dois sobrinhos.

Pouco depois chegaram os annunciados hospedes, e Catharina determinou um passeio para aquelle lado, afim de lhes fazer a visita de boas vindas. Teve a agradavel surpreza de encontrar em Thereza Clarke um antigo e bem intimo conhecimento. Era uma das mais predilectas amigas de sua mãe. Vira-a constantemente, quando era pequenina, e Thereza frequentava a sua casa, n'aquelle bom tempo feliz, antes de morrer o patrão de seu pae; lembrava-se, e quantas vezes se recordára, dos mimos e da ternura que recebera sempre de Thereza Smith, que então era solteira. Sabia que casára e partira para as colonias. Não fixára o nome do marido, e por isso extranha surpreza lhe causou o inesperado encontro. Não mais ouvira fallar d'ella. Em seguida viera a doença de sua mãe, o desgosto de a perder, a ruina da sua felicidade, a expatriação forçada, toda a historia triste da sua curta existencia. A senhora Clarke ouviu interessada toda a narrativa de Catharina e formulou logo a intenção de a levar para sua casa em Reverina, reunir ali tambem os irmãos mais pequenos, condoida de tanta amargura soffrida em annos tão poucos. Catharina era a imagem da mãe, e Thereza fôra verdadeira amiga d'esta; recebera mesmo d'ella o acolhimento mais terno quando ficara orphã e só; avaliava, portanto, pela propria experiencia, a dolorosa situação a que viera a chegar a sua pequenina Catharina. Muitas vezes se repete que a realidade é bem mais assombrosa do que a ficção.

As duas senhoras, a velha tia e Thereza Clarke, não perderam tempo em visitar Narenita. Catharina annunciára á senhora Green a visita; porém esta nada sabia das intenções d'ellas com respeito á sua governante, de fórma que quando lhe expozeram os seus bons desejos de a levar comsigo, verdadeiramente surpreza, não pôde occultar a sua contrariedade.

— Creio que a menina Reid está aqui muito bem comigo, me parece, — concluiu ella em tom decidido.

— Sem duvida, está — replicou a senhora Clarke com sinceridade. — Ella disse-nos que se sentia muito feliz e que gostava muito de Narenita e da senhora; mas bem vê, Catharina está separada da irmã e do irmão, e reunindo-os em minha casa, pensava concorrer para a felicidade d'elles, em compensação, visto que sou rica, do bem que recebi outr'ora da mãe, que era minha verdadeira amiga.

— Não desejo de fórma alguma tolher o destino da menina Reid, mas realmente sinto pena em me separar d'ella, embora a conheça de pouco tempo. Demais, haverá n'isto tambem um sentimento egoista que não occulto. Far-me-ha falta. Não é facil obter governante para meus filhos, como esta, n'este matto tão isolado.

Pouco depois então a senhora Moss. Não vira chegar o *buggy* com as senhoras, e como estava collocado na sombra não reparára n'elle, quando atravessara o pateo.

— Não incommodo, senhora Green? — disse ao entrar pela porta de vidraça aberta sobre a varanda da sala. Depois, vendo visitas, parou, hesitante: — Peço perdão, mas não sabia que estava acompanhada.

— Venha cá, minha senhora, venha e diga-me o que devo fazer. Estas duas senhoras querem-me roubar Catharina. O que me diz?

— Não me surprehende — replicou a senhora Moss, com aquella imperturbavel serenidade que já lhe conhecemos.

— Não a surprehende? — disseram as tres quasi a um tempo.

— Não. Pelo que disse Catharina hontem á noite, quando voltou de casa d'estas senhoras, ou antes pelo que ella não disse, calculei tudo. E' vulgar ficar-se sabendo mais d'um caso pelo que se não diz d'elle do que pelo que se diz, não é assim?

— Mas, não concorda que querendo levar-me a menina Catharina, me deva oppôr com todas as forças que tiver? — perguntou a senhora Green.

— De nenhum modo...

— Oh! não se volte contra mim, não terei quem defenda a minha causa. — E venda entrar o marido, continuou: — Ah! chegas a proposito, Alfredo. Elle terá de tomar a minha parte; — e em seguida, com affectado desespero, — vem em meu auxilio, por Deus. A sala está cheia de terriveis conspiradores contra a minha paz.

Elle entrou sorrindo.

— Bem, devo confessar que os teus conspiradores não parecem tão medonhamente malevolos — e cumprimentava as senhoras. — E qual é a conspiração? — disse, voltando-se para a mulher.

— A senhora Clarke vem tirar-nos de casa a menina Reid, e a senhora Moss, a nossa boa amiga, tambem concorda. Fica sabendo que ella não tomou a minha defesa como deveria.

Rapidamente contaram-lhe a situação.

— E' uma surpreza para mim. No emtanto, minha querida, não pódes ficar com a menina Reid para sempre — sentenciou afinal.

— Para sempre! Ora, na verdade, se ella ainda não esteve aqui tres mezes! Oh! Al-

fredo, toma cuidado, que sobre ti posso descarregar a minha vingança. E' mais uma vantagem de ter marido. Póde-se fazer d'elle a victima do nosso despeito.

E a pequena sociedade ria sinceramente do ar serio e tragico que affectava a senhora Green.

N'aquelle instante entrou um criado com a bandeja de chá, que é d'uso offerecer aos visitantes, seguido de Catharina e das creanças. Beijou affectuosamente as duas senhoras, e depois começou a deitar a chá nas pequenas prendas, trabalhos manuaes em geral, cujo valor reside na affectuosa deferencia, que representam. D'estas todas, a que mais apreciara talvez, era uma linda e pequena almofada de velludo azul escuro, bordada a flôres de matiz, trabalho e presente da senhora Moss, a quem se afeiçoara intensamente.

— Desejava que a menina pudesse ficar aqui além de sexta — dizia-lhe a senhora Moss. O sr. Millington chega aqui no sabbado, e gostava tanto que o encontrasse.

chicaras que a senhora Green ia offerecendo a cada uma. A conversação tornou-se geral e animada.

Foi determinado que Kate partiria dentro de quinze dias. Havia de ir primeiro a Sydney com a senhora Clarke encontrar-se com os irmãos, e depois seguiriam para Riverina. Embora feliz, como tinha sido, em casa dos Greens o seu coração trasbordava de alegria com a idéa de se reunir outra vez a seus irmãos: — Nunca mais nos separaremos — escrevia-lhes alegremente, participando-lhes as bôas novas.

Dois dias antes da partida os srs. Greens reuniram os conhecimentos das visinhanças em familiar *soirée* de despedida para que Catharina podesse dizer adeus ás suas amigas. Cada uma d'ellas lhe trouxera, segundo o uso tradicional, a sua lembrança de amizade,

— Eu tambem desejava conhecel-o, tendo-lhe ouvido fallar tantas vezes d'elle, — replicou Catharina.

— Estou certa que havia de gostar d'elle. E' um excellente rapaz, muito intelligente. Talvez o encontre em Sydney.

Dois dias depois o grande e espaçoso *buggy* levava Catharina e a sua bagagem para Talvoorth. A despedida foi sinceramente commovedora.

— Quando a tornaremos a vêr e aonde? — disse a senhora Green com as lagrimas nos olhos.

— Não sei, mas tenho um presentimento que um dia hei de voltar aqui a Narenita.

— Ha de voltar, assim espero — accrescentou a senhora Moss abraçando-a ternamente.

— Mas como o poderei fazer? — respon-

dia Catharina, contradizendo logo a sua propria affirmativa. Se a senhora Clarke parte para Inglaterra em fevereiro e já não vem longe?

— Bem sei, minha querida; porém tenho um presentimento de que ha de voltar.

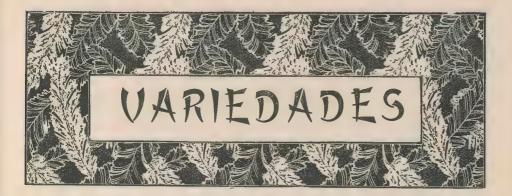
Catharina entrou no *buggy;* o cocheiro fez estalar o chicote, os cavallos enfeitaram-se no arranque do carro e partiram.

— Era uma bôa e meiga rapariga — dizia a senhora Green, enxugando as lagrimas em quanto seguia com a vista o *buggy* que ia desapparecendo nas voltas da estrada, meio occulto na nnvem de poeira que o rodar rapido levantava em novellos algodoados.

— Ella voltará outra vez, verá, tenho este presentimento — continuava a affirmar a senhora Moss.

(Continua).

(Adaptado do inglez).

NOITE DE CARNAVAL

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Novembro. — **1** *Allemanha* — Constitue-se em Berlim o Tribunal Arbitral mixto, que nos termos do tratado de 28 de agosto, entre a Allemanha, a Inglaterra e a França de uma parte e o Japão da outra, deve estatuir ácêrca da taxa de licença domiciliaria dos estrangeiros residentes no Japão. — *Italia* — O governo italiano, achando insufficientes as garantias offerecidas pela Turquia, ordena á esquadra italiana o bombardeamento de Middy. — *Portugal* — Começa a desenvolver-se em Lisboa uma epidemia de variola.

2 *Turquia* — A esquadra italiana bombardeia Middy. — *Hespanha* — Os empregados do commercio percorrem as ruas de Madrid, conseguindo o completo descanso dominical.—No Centro Operario de Valencia reunem-se os delegados das sociedades operarias, resolvendo desistir da grève geral.

3 *Marrocos* — O pretendente marroquino ataca o acampamento das tropas imperiaes, sendo repellido com grandes perdas e ficando prisioneiros grande numero dos seus partidarios.

4 *Portugal* — Os estudantes do Lyceu de Lisboa fazem grève, reclamando a reintegração do antigo reitor.—Sente-se um tremor de terra na povoação do Valle da Amoreira, freguezia de Valhelhas, concelho da Guarda, destruindo varias casas e sepultando nos escombros algumas victimas. — *Philippinas* — A commissão das Philippinas faz um convenio para a abertura da cabotagem nas costas philippinas a todas as embarcações estrangeiras. — *Inglaterra* — O governo decide conceder ao Transvaal e ao Orange, além dos 3 milhões esterlinos estipulados nas condições da paz, mais 2 milhões de donativo para compensar os estragos da guerra e 3 milhões de emprestimo, reembolsaveis conforme as condições da paz e pagaveis nas colonias. — *Estados-Unidos* — Realizam-se as eleições legislativas. Em Madison, na occasião em que se disparavam 60 morteiros carregados com fogo de artificio, para festejar as eleições, na presença de umas 30:000 pessoas, um dos morteiros cahiu, arremessando os fogos de artificio sobre a multidão e derrubando os morteiros proximos Os projectís, voando em todas as direcções, mataram e feriram 80 pessoas.

5 *Hespanha* — Os descarregadores de Villa Garcia declaram se em grève.

6 *Portugal* — Cae na peninsula um enorme temporal, produzindo muitos estragos, na maior parte devido ás cheias, arrastando casas, arvores e colheitas. — *Hungria* — O governo hungaro apresenta ao parlamento um projecto de lei regulamentando muito severamente a emigração.

7 *Hollanda* — A França e a Belgica propõem, no tribunal de arbitragem de Haya, que seja a lingua franceza a lingua official do mesmo tribunal. Esta proposta foi apoiada pela Russia, Italia e Hollanda. — *Hespanha* — O rei Affonso XIII assigna o decreto auctorisando o ministro da instrucção a submetter á approvação das côrtes o projecto determinando as condições de reconhecimento dos titulos estrangeiros da divida hespanhola — Um grande cyclone arraza, em S. Fernando (Cadiz), algumas casas e arranca muitas arvores e postes telegraphicos. — *França* — A camara dos deputados approva a proposta do deputado Rouanet, radical-socialista, para se nomear uma commissão de 33 membros, encarregada de indagar as causas da grève actual. — Os delegados da Companhia das Minas de Grand-Comte, em Marselha, e os delegados dos mineiros grèvistas estabelecem um accordo sobre todas as questões que os dividiam, e decidem não recorrer á arbitragem. — Reunem-se uns 600 grèvistas de Liévin, que recusam acceitar a sentença arbitral e votam a continuação da grève. — A camara dos deputados declara nulla, por 278 votos contra 255, a eleição do conde Boni de Castellane, conservador adherido á Republica. — O Senado pronuncia-se pela tomada em consideração da proposta do sr. Lecomte, que tem por fim modificar a lei de 1875 sobre a liberdade do ensino superior.

8 *Italia* — Tendo a Turquia acceitado as

condições impostas pela Italia na indemnisação de 15:000 francos ás familias dos dois marinheiros italianos, assassinados pelos piratas em Middy, é suspenso o bombardeamento. — *Honduras* — E' eleito presidente da republica o general Manoel Bonilla. — *França* — Maxime Lecomte, secundando a proposta de lei do senador Girault, toma a iniciativa de uma proposta analoga, no Senado, contra o duello, que deve ser considerado como um delicto. — *Africa do Sul* — A camara das minas decide elevar o salario dos trabalhadores indigenas a cincoenta shilllings por mez.

9 *Inglaterra* — Os operarios encadernadores syndicados, de Londres, em numero de 4:000, annunciam aos patrões que cessam o trabalho dentro de oito dias. Estes affixaram um aviso despedindo-os. — *França* — O congresso dos mineiros de Lens vota a continuação da grève. — *Venezuela* — O presidente Castro entra triumphalmente em Caracas, á testa de 3:000 homens. — *Africa do Sul* — Um violento incendio destroe a cidade de East-London, desapparecendo mais de trinta edificios no centro da cidade.

10 *Hespanha* — Os sapateiros de Valladolid declaram-se em grève. — *Turquia* — No accordo com a Italia sobre a questão de Middy, a Sublime Porta obriga-se a destruir os barcos de vela dos piratas turcos e a pagar uma indemnisação para as familias dos marinheiros mortos em Middy. — *França* — Voltam ao trabalho nas minas da região carbonifera do Nord, em Lille, cerca de 5:000 operarios. — Em Denain, uns 2:000 mineiros votam a continuação da grève.

11 *Portugal* — Terminam as grèves de operarios tecelões em Gouveia e Guarda. — *França* — E' destruido por um incendio o castello d'Eu, em Rouen, pertencente ao duque d'Orléans, salvando-se apenas a capella. — Abandonam o trabalho dois troços de «dockers», em Dunkerque, por ter sido despedido um operario. — *Venezuela* — E' estabelecido em Caracas o poder executivo do governo de Venezuela, tendo a guerra civil terminado virtualmente. — *Bolivia* — E' proclamado o estado de sitio em todo o territorio da Bolivia, em consequencia da derrota dos bolivianos pelos brasileiros que habitam o territorio do Acre. — *Estados-Unidos* — E' inaugurada pelo presidente Roosevelt a nova camara.

13 *Italia* — E' prorogada por 2 annos a convenção commercial actualmente em vigor entre o Brasil e a Italia, e que devia expirar em 31 de dezembro de 1902. — *Portugal* — São assignados os decretos relativos á construcção dos caminhos de ferro de Ambaca a Malange e do Lobito á fronteira leste de Angola, e um outro approvando a pauta aduaneira dos territorios de Manica e Sofalla, sob a administração da Companhia de Moçambique.

14 *Hespanha* — E' apresentada por Sagasta ao rei Affonso XIII a lista do novo ministerio. — *França* — Termina a grève na região hulheira do Mediterraneo.

15 *Allemanha* — O Reichstag approva uma moção que substitue a votação nominal pelo systema mais expedito de votação por lista. — *Italia* — O governo acceita o projecto de lei apresentado ao parlamento ácêrca do divorcio. — *Marrocos* — A tribu Benider submette-se ao pachá de Tetuan, em troca da liberdade de alguns prisioneiros. — *Belgica* — Um italiano, chamado Rubino, attenta contra a vida do rei Leopoldo, disparando-lhe alguns tiros de revólver, sem consequencias. — *Bulgaria* — O gabinete presidido pelo sr. Daneff pede a sua demissão.

16 *Venezuela* — Depois de uma sangrenta batalha, 1:500 governamentaes occupam Coro. — *Belgica* — O congresso nacional dos mineiros, reunido perto de Mons, decide organizar um terrivel movimento de campanha, por meio de comicios e manifestações, com o intuito de obter a aposentação dos operarios invalidos e o dia normal de 8 horas. — *Marrocos* — O ministro do sultão em Tanger ordena que antes de se combaterem os rebeldes se troquem os prisioneiros que elles reteem, entre os quaes se acham alguns protegidos pelas nações estrangeiras. — *Hespanha* — Varios caixeiros apedrejam alguns estabelecimentos, pedindo o descanso dominical.

17 *Marrocos* — As tropas imperiaes aprisionam o pretendente em Bogi. — *Hespanha* — Realiza-se em Sevilha, com grande solemnidade, a trasladação dos restos de Christovam Colombo para o monumento construido no centro da cathedral. — *Bulgaria* — O sr. Daneff reconstitue o gabinete bulgaro, assumindo a pasta dos negocios estrangeiros e dando a da fazenda ao sr. Sarafoff e a do interior ao sr. Ludskanoff.

18 *Hespanha* — Declaram-se em greve pacifica os gremios federados de Lerida. Os libertarios de Cadiz percorrem os campos incitando á declaração de grandes greves. — O ministro da guerra prohibe que os officiaes do exercito hespanhol usem fato á paisana. — *Egypto* — Produz se uma explosão de nitroglycerina n'um deposito de polvora perto da cidadella no Cairo, matando 18 pessoas e ferindo muitas outras pertencentes á raça egypcia. — *Philippinas* — A commissão das Philippinas promulga uma lei permittindo aos navios estrangeiros fazerem cabotagem n'aquelle archipelago até 1904. — *Brazil* — Toma posse o novo presidente da Republica.

19 *Portugal* — O Diario do Governo publica um decreto regulamentando a Real Capella da Universidade, e um outro sobre organização dos serviços centraes de administração dos caminhos de ferro do Estado. — *Hespanha* — Apresentação do novo ministerio no congresso. — *Brazil* — Produzem-se manifestações hostis á partida do antigo presidente da republica. — *Africa do Sul* — E' levantado definitivamente o estado de sitio no Transvaal. O governo repatria 50:000 pessoas internadas nos campos de concentração. — *Servia* — O gabinete pede a demissão. O general Tsintsar Markovitch é encarregado de formar novo gabinete que fica assim constituido: presidente do conselho, o general Tsintsar Markovitch;

ministro da guerra, o general Paulovitch; ministro do reino, o sr. Theodorovitch; ministro da fazenda, o sr. Marinkovitch; ministro das obras publicas, o sr. Denitch; ministro da agricultura, o sr. Novakovitch; ministro dos cultos, o sr. Lazarevitch; estrangeiros, o sr. Antonovitch.

20 *Portugal* — Entra no Tejo a esquadra ingleza do Canal. — E' publicado um decreto approvando a organização dos serviços aduaneiros da Guiné Portugueza.— *Persia* — Um incendio que durou tres dias destroe em Rescht 1600 predios de casas fazendo 200 victimas. — *Prussia*—Rebenta um grande incendio no deposito de artilharia de Brandeburgo, sendo destruidos pelo fogo dois armazens cheios de artilharia e outras machinas de guerra, avaiando-se as perdas em 1.250.000 marcos. — *Grecia*—O Santo Synodo elege por unanimidade, bispo de Athenas, monsenhor Theoklitos, que era bispo de Sparta. — *Venezuela* — Uns 2000 revolucionarios, commandados pelo general Gabiras, invadem Venezuela na fronteira columbiana. A invasão, foi porém, dominada pelo governo da Columbia, cujo territorio ficou indemne da invasão.

21 *Venezuela* — A republica de Venezuela envia á Inglaterra um energico protesto contra o facto de ter sido enviada a Orunaco a corveta *San Thomé* declarando que esta providencia constitue uma invasão na soberania de Venezuela.

22 *Republica Argentina*—As duas camaras do congresso argentino votam a lei que permitte ao poder executivo expulsar do territorio da republica os estrangeiros condemnados ou processados por crimes de direito commum que perturbem a ordem publica ou compromettam a segurança nacional.

23 *Jamaica* — Sente-se em Kingston um violento abalo de terra.—*Noruega*—O Banco Commercial e Industrial de Christiania suspende pagamentos. — *China* — A evacuação de Schangai pelas potencias estrangeiras começa pela partida do contingente japonez. — *Inglaterra* — Effectua-se em Hyde-Park uma imponente manifestação de protesto contra o projecto de lei de ensino.—*Columbia*—E' feita a paz com os revolucionarios, garantindo o governo a liberdade dos presos politicos e a amnistia de todos os revolucionarios. — *Austria*—São destruidas por um incendio, dezesete minas de petroleo em Boryslow, ficando sete casas reduzidas a cinzas.—*Russia*—O dr. Koulabika descobre o meio de fazer pulsar o coração do homem e dos animaes, *post-mortem*, por meio de injecções de sal e de um sulfato sobre cujo nome guarda segredo.—*Republica Argentina*—Cae um violento furacão em S. Bruno, provincia de Santa-Fé, matando cinco pessoas, ferindo quinze e destruindo cem predios.

24 *Portugal*—Juramento de Sua Majestade a Rainha D. Amelia, como regente. — *Hespanha*—O embaixador de França apresenta uma reclamação por causa dos incidentes que se deram na costa cantabrica entre pescadores francezes e hespanhoes. — *Republica Argentina* — O governo argentino decreta o estado do sitio em Buenos Ayres e nas provincias de Buenos Ayres e Santa-Fé.

25 *Inglaterra*—A camara approva a moção do sr. Blafour, primeiro ministro e primeiro lord da thesouraria, approvando a convenção assucareira. — *Columbia* — Cessa a revolução no Panamá, restabelecendo-se a paz em toda a republica. —*Allemanha* — São regeitadas as moções socialistas apresentadas por Resenow e Bernstein no Reichstag relativas ás modificações a introduzir na lei aduaneira.—*Italia*—as auctoridades da ilha Capri, decidem a erecção de um monumento á memoria do fabricante de canhões Krupp.- *França*—As secções da camara dos deputados nomeam 8 grandes commissões, compostas cada uma de 33 membros e encarregados especialmente de negocios relativos ás alfandegas, ao exercito, á marinha e á agricultura.

26 *Allemanha* — O Reichstag decide que a nova lei alfandegaria seja posta em vigor por meio de um decreto imperial approvado pelo conselho federal. — *França* — Os maritimos contractados de Marselha decidem fazer gréve. — *Havana* — Termina a gréve. — *Austria* — Começa na camara dos deputados a discussão do projecto de lei que fixa em dois annos o serviço militar, isentando os filhos de trabalhadores que sustentam familia por meio de trabalho agricola. — *Venezuela* — As tropas do governo reoccupam Barcelona que tinha sido evacuada pelos revolucionarios.

27. — *Russia* — A Bolsa admitte á cotação o emprestimo bulgaro, sendo a primeira vez que um emprestimo estrangeiro é officialmente cotado na Russia. — *França* — O conselho municipal de Bordeaux vota contra o pedido de autorização para o leccionamento das irmãs da escola congregacionista d'esta cidade. — Os empregados da companhia dos tramways, capitulam, retomando o trabalho. — Por causa de uma polemica de imprensa batem se á espada De Lawnay, senador, e o visconde de Kerguezec, recebendo este um golpe penetrante no antebraço. — Mr. Meline demitte se de director do jornal *Republique Française* por causa dos artigos de polemica entre Laffitte, redactor d'aquelle jornal, e Dabry, director do *Observateur Français*. — O conselho d'estado declara réus de abuso todos os bispos que assignaram a petição dirigida ao parlamento ácerca da applicação da lei de associações. — *Italia* — Os ministros apresentam ao parlamento varios projectos de lei, nomeadamente o que estabelece o divorcio. — *Hespanha* — Os estudantes de Barcelona fazem varias manifestações contra o decreto que prohibe que o ensino seja ministrado em dialecto catalão. — *Portugal* — E' publicado o decreto approvando o plano geral das vias ferreas ao sul do Tejo, e um outro approvando o regulamento para a permutação de fundos no ultramar.

28 *França* — O presidente Loubet approva o decreto que modifica o regulamento da administração publica na parte que diz respeito ás congregações religiosas. — E' regeitada a

proposta do deputado sr. Rose, republicano, tornando incompativel o mandato parlamentar com o de conselheiro municipal. — *Bulgaria* Mr. Aurelian, ministro do commercio e da agricultura, pede a demissão por motivo de doença. — *Portugal* — E' publicada uma portaria mandando proceder ao estudo das linhas que devem constituir a rede ferro viaria do Tejo, e os decretos auctorizando com certas prescripções a pesca a vapor nas aguas de Lourenço Marques; approvando o contracto celebrado entre o governo e Robert Williams, para a construcção e exploração de um caminho de ferro entre a bahia do Lobito e a fronteira leste da provincia de Angola; e determinando que o saldo existente no fundo do caminho de ferro de Benguella e o imposto sobre a borracha exportada pelas alfandegas de Benguella e Mossamedes sejam destinados a augmentar a dotação da construcção do troço do caminho de ferro de Ambaca a Malange.

29 *Marrocos* — O sultão é atacado pelas tribus Zemmour proxima de Mequinez, conseguindo dispersal as. — *Estados-Unidos* — Dá-se a explosão de uma caldeira na fabrica da companhia Swift, em Chicago, ficando 7 homens mortos e 20 feridos. — *Philippinas* — Os rebeldes atacam em Samar um destacamento de gendarmeria americana matando o official que o commandava. — *Columbia* — A invasão columbiana, varias vezes batida, é obrigada a transpôr a fronteira. — *Sião* — O governo decreta o estabelecimento do padrão de ouro sobre a base de 17 *ticaes* por libra. As casas bancarias que com esta providencia soffrem perdas avaliadas em 8 milhões, reclamam pela via diplomatica indemnisações correspondentes. — *Portugal* — E' publicada uma portaria approvando o projecto e orçamento da linha ferrea de Estremoz a Villa Viçosa, e uma outra mandando adoptar varias providencias tendentes a evitar o desenvolvimento da raiva.

30 — *Hespanha* — O conselho de ministros determina não retirar o decreto do ministro que originou as desordem em Barcelona e resolve mandar construir varios navios escolas.

Dezembro. — **1** *Russia* — Rebenta um violento incendio no edificio da universidade de Odessa que destruiu completamente collecções de grande valor da secção de geologia. — *Egypto* — E' assignado o tratado de commercio anglo egypcio, e que terá de duração 21 annos.

2 *Portugal* — O *Diario do Governo* publica o decreto relativo á pesca a vapor na Africa Oriental. — *Havana* — Voltam ao trabalho os operarios das fabricas de tabacos. — *França* — O deputado Brunet appresenta ao parlamento uma proposta de lei para a suppressão da pena de morte. — A camara dos deputados approva dois projectos de lei relativos á participação da França na exposição de S. Luis. — O senado approva por 167 votos contra 75 o projecto de lei tendente a completar a lei das associações impedindo a abertura dos estabelecimentos religiosos não auctorisados. — *Grecia* — O ministerio grego dá a sua demissão. — *Republica Argentina* — O senado argentino vota a reforma de policia sanitaria sobre a admissão de gado estrangeiro.

3 *Portugal* — Regressam do Zambeze a Lisboa as forças expedicionarias que tinham partido em 1901. — *Grecia* — O rei da Grecia encarrega o sr. Delyanis, chefe do partido que obteve maioria nas eleições, a formar o novo gabinete. — *Estados-Unidos* — O ministerio da agricultura manda veterinarios ao Estado de Nova Inglaterra para tomar providencias para a desapparição da febre aphtosa. — *Inglaterra* — O governo inglez distribue a titulo de indemnisação aos cafres que vieram estabelecer-se depois da guerra nas proximidades de Rustemburg (Africa do Sul) a quantia de 7000 libras. — A Inglaterra negoceia com o governo indiano o estabelecimento de uma linha telegraphica submarina britannica para a India. — *Ilha de S Domingos* — Rebenta um violento incendio na Cidade Nova destruindo dez casas. O sinistro é attribuido aos revolucionarios.

4 *França* — Termina a gréve em Cherburgo. — *Hespanha* — O rei Affonso XIII declina em Montero de los Rios a formação do ministerio. — *Belgica* — Forma-se um novo grupo parlamentar: o grupo dos livre pensadores. — *Estados-Unidos* — Produz se um violento incendio no hotel Lincoln perecendo 23 pessoas por asphyxia. — *Mexico* — Os prelados da California pedem auctorização para solicitar a revisão da sentença do tribunal de Haya a respeito dos fundos pios no Mexico. O governo americano não concorda com a opinião dos bispos.

5 *França* — Recomeça por completo o trabalho em toda a região de Saint Etienne. — Uns 5000 inscriptos maritimos de Marselha resolvem repellir as propostas dos armadores e protestarem. Os marinheiros do Estado, que prestam serviço nos navios das companhias, declaram não responder mais pela ordem se a liberdade da gréve não fôr respeitada. — A camara dos deputados approva a proposta de amnistia para processos graves, approva a generalidade do projecto de lei sobre o regimen do assucar, rejeita o projecto do monopolio do assucar pelo estado e approva a convenção de Bruxellas. — *Inglaterra* — A camara dos lords approva o projecto de lei da instrucção publica. — *Argelia* — Quatro tribus d'Ouargia, 100 kilometros ao sul de Biskra, travam combate com os zaritas, por causa das palmeiras que estes ultimos possuem, havendo muitos mortos e feridos. — *Abyssinia* — O «negus» Menelik ordena a mobilisação do exercito do «ras» Maskonnen, no Harrar, para castigar os rebeldes do Tigre. — *Hungria* — E' inaugurada em Buda-Pesth a exposição felina.

6 *Estados-Unidos* — A camara dos representantes approva o projecto de lei sobre as aposentações, que comporta um credito de 139 847.001 dollars. — *França* — E' votado no Senado o projecto de lei que organiza os territorios do sul da Argelia, instituindo um orçamento autonomo d'aquellas regiões. — Por-

duzem-se graves tumultos na camara dos deputados por causa do processo Humbert, havendo troca violenta de palavras entre os srs. Vallé, ministro de justiça, e os deputados Contant e Syventon. — O Senado vota o projecto de lei dos duodecimos provisorios, approvado pela camara dos deputados. — *Hespanha* — O sr. Silvela apresenta ao rei Affonso XIII a lista do novo gabinete que é approvado ficando constituido como segue: presidencia, Silvela; reino, Maura; estrangeiros, Abarzuza; fazenda, Villaverde; justiça, Dato; guerra, general Linares; marinha, Sanchez Toca; instrucção Allende Salazar; agricultura, Vadillo. O novo ministerio presta juramento perante o rei. — *Grecia* — O sr. Delyanis entrega ao rei a seguinte lista ministerial: Delyanis, presidencia e fazenda; Mavrourichalis, reino; coronel Symbritis, guerra; Skonzes, negocios estrangeiros; Romos, instrucção publica; Zygomales, marinha; Carapanos, justiça. — *Dinamarca* — A segunda camara dinamarqueza acceita uma proposta para que nos futuros tratados e convenções entre as potencias se introduzam clausulas estabelecendo que as questões que não possam regular-se pelas vias diplomaticas sejam submettidas ao tribunal arbitral de Haya. — *Portugal*. — Abertura da exposição de aves no Palacio de Crystal do Porto.

7 *Marrocos* — Os rebeldes do territorio de Zeurmon submettem-se ao sultão assim como parte do Rabet. — *Inglaterra* — A Chartered vota uma despeza de 50 milhões de francos para a construcção do caminho de ferro da Rhodesia. — *Venezuela* — E' entregue em Caracas o ultimatum da Inglaterra e da Allemanha á Venezuela. — *França* — A reunião dos inscriptos maritimos de Marselha approva, salvo ligeiras modificações, as reivindicações elaboradas pelos seus delegados e pelo sr. Pelletan

8 *Hespanha* — Os ministros e o alto pessoal tomam posse dos seus respectivos cargos. — *Italia* — Sentem-se dois tremores de terra em Catanzaro. — *França* — A commissão da gréve dos inscriptos maritimos de Marselha decide dirigir um appello a todas as corporações operarias incitando-as á gréve geral.

9 *Austria* — Os partidos allemães, á excepção dos pan-germanistas dão a conhecer as suas propostas ácerca da Bohemia em vista de um accordo entre os tcheques e os allemães da Bohemia. — *Inglaterra* — A camara dos communs adopta a lei que modifica a legislação existente, o que vae permittir ao governo estabelecer uma reserva solida das milicias. Dá-se uma explosão de grisú n'uma mina de carvão de Wilkesbare matando 17 mineiros. — *Russia* — Os estudantes das Universidades de Kiew e de Odessa decidem uma gréve geral de todos os estudantes das universidades e seminarios da Russia para protestar contra o procedimento dos cossacos para com os operarios. — *Portugal* — E' encerrada a exposição de aves no Porto. — *Allemanha* — O *Reichstag* approva por 206 votos contra 92 e 8 abstenções a moção do sr. Groeber apresentada em nome de um grupo da maioria e estatuindo que, quando um deputado pedir a palavra para fallar sobre o regulamento, o presidente terá a liberdade de lh'a recusar, e as observações expostas ácerca do regulamento não poderão durar mais de 5 minutos. — *Equador* — Sente-se um forte tremor de terra em Guayaquil. — *Venezuela* — O pessoal das legações allemã e ingleza abandonam os palacios da legação recolhendo-se a bordo de navios de guerra dos respectivos paizes, embarcando em La Guayra. A esquadra anglo-allemã apodera-se do posto de La Guayra.

10 *França* — 5000 inscriptos maritimos de Marselha reunidos na Bolsa do Trabalho rejeitam por unanimidade o offerecimento de arbitragem do almirante Rouvier e approvam uma moção de incitamento a todas as corporações operarias para abandonar o trabalho e decretar a gréve. Os trabalhadores dos caes, em Marselha, em numero de 3650 votam pelo *referendum* a favor da gréve. Os soldadores, marceneiros, sapateiros e cortadores reunidos, pronunciam-se em principio pela gréve geral. — *Hespanha* — Os magarefes do matadouro municipal de Saragoça negam-se a trabalhar, declarando-se em gréve, em virtude de não serem attendidas as suas reclamações contra o mau estado dos telhados e vigamentos do edificio. — *Canarias* — Os typographos de Palma declaram-se em gréve.

11 *Hespanha* — O sr. Silvela apresenta no conselho de Ministros o programma do novo governo. — *França* — Os padeiros de Marselha pronunciam-se pela gréve. — O presidente da republica inaugura o Museu Dutuit, no palacio dos Campos Elyseos em Paris. — *Westephalia* — Produz-se uma explosão na mina de Gueisenau, na occasião em que se procedia á descarga de seis mil kilos de dynamite, matando seis pessoas e ferindo muitas outras.

12 *Portugal* — São publicados no *Diario do Governo* os novos programmas para o ensino normal. — *Venezuela* — O governo venezuelano pede a Boven, ministro americano, para se interpor como arbitro no conflicto anglo-allemão-venezuelano. — *Italia* — O pessoal do serviço dos *tramways*, em Milão, proclama a gréve reclamando melhoria de salarios. — *Cuba* — E' assignado o tratado de commercio com os Estados-Unidos.

13 *Hespanha* — E' inaugurada a exposição dos alcools em Madrid assistindo o ministro da agricultura, os consules da Allemanha e da Austria e os presidentes das camaras agricola e do commercio. — *Peloponeso* — Cae sobre Argos uma tromba de agua destruindo muitos edificios e matando 100 pessoas. — *Grecia* — O Santo Synodo decide fazer cumprir na ilha de Anafi as penas disciplinares pronunciadas contra os membros do clero accusados de faltas contra a disciplina ecclesiastica. — *Italia* — E' assignada em Roma a convenção entre a Allemanha e o Vaticano ácerca da faculdade de theologia catholica em Strasburgo. — *França* — A commissão executiva da gréve geral em Marselha, dirige um appello a todas as corporações operarias protestando em termos violentos contra a ostentação de forças policiaes

e militares. — *Venezuela*— Os ministros plenipotenciarios inglez e allemão apresentam um *ultimatum* antes de se retirarem de Caracas no qual pedem que Venezuela reconheça o perfeito fundamento das suas reclamações e declaram-se dispostos a acceitar a decisão da commissão mixta encarregada de examinar a reclamação dos dois governos, que em tudo procederão conjunctamente.

14 *Hungria*—O engenheiro Telsa de Budapesth inventa um balão dirigivel que será guiado por poderosas correntes electricas. E' a applicação da theoria do telegrapho sem fios. — *Hespanha* — Mazzantini resolve definitivamente retirar-se do toureio propondo-se a deputado por Puerto de Santa Maria. — Na povoação de Freijo é capturado o famoso bandido Casanova, que era o terror de toda a provincia.—*Italia*—Por causa das tempestades abatem muitas casas em Girasole, Tortoli, Barisardo e Leonforte ficando os campos inundados em Oristano e em toda a costa oriental de Bastia desde Alistro até Semenzara. — *França*— Considera-se a gréve geral de Marselha difinitivamente abortada.

15 *Estados-Unidos* — E' collocada a secção do cabo transpacifico americano entre Honolulu e São Francisco. — *França* — Rochefort demitte toda a redacção do *Intransigeant* por ter acompanhado o enterro religioso do seu collega Daniel Cloutier deputado por Paris. — *Turquia* — Os armenios presos em Monche e em Baybourt são postos em liberdade por ordem do sultão.—*China*—Na provincia de Sze-Tehouen a população impellida pela fome revoluciona se. Em Tchi-Kiang rebenta uma verdadeira guerra civil entre os chinezes convertidos e os chinezes ortodoxos. — *Hespanha*— E' preso o terrivel anarchista italiano Alfredo Pierconti, sendo lhe encontrados importantes documentos escriptos em inglez e francez. — *Allemanha* — O *Reichstag* approva em 3.ª leitura por 202 votos contra 100 o projecto de lei das pautas aduaneiras.

16 *Portugal* — Regressa do estrangeiro a Lisboa Sua Majestade El Rei D. Carlos I. — *França* — Em Chatelineau, n'um deposito, explodem 26 kilos de dynamite, destruindo muitas casas, soterrando um homem nos escombros e ferindo outros. —Produz-se uma explosão de grisú nas minas de hulha de Mauriac matando oito mineiros e ferindo muitos. - Considera-se virtualmente terminada a gréve em Marselha. Todas as corporações operarias decidem voltar ao trabalho excepto a dos inscriptos maritimos.—A fundição de Revelle conclue a construcção de um canhão que mede 15 metros e pesa 52.000 kilos devendo lançar á distancia de 18 kilometros, projecteis de 600 kilos.—*Hespanha* — Em consequencia de um phenomeno geologico submergem-se os terrenos immediatos á ribeira de Seventi desapparecendo alguns edificios, campos e hortas n'uma superficie superior a 20.000 metros quadrados, causando prejuizos incalculaveis. — *Chili* — Rebenta a crise ministerial em consequencia da recusa do presidente da republica a deslocar certos governadores por motivos politicos. *Turkestan*—Sente-se em Margelan um tremor de terra que dura 3 minutos, ficando soterrados nos escombros, em Andidjan muitas pessoas. As aldeias proximas foram destruidas.

17 *Inglaterra* — Produz-se uma explosão na fabrica de polvora de Wantanable matando tres empregados, destruindo uma casa e causando enormes prejuizos.—A camara dos communs approva o projecto de lei da instrucção publica.— *França*—Declara-se incendio no ministerio das colonias junto do gabinete do ministro e contiguo ao museu do Louvre. – Santos Dumond desafia o aeronauta Lebaudy para uma corrida de balões com o premio de 100.000 francos. — O representante do ministro da agricultura abre, no Grand Palais o congresso internacional da applicação do alcool desnaturado. — Os inscriptos maritimos de Marselha decidem retomar o trabalho. — A subscripção aberta no *Figaro* para a creação de dispensarios e sanatorios anti-tuberculosos attinge a cifra de 200 contos. — *Servia* — M. Theodorovitch, redactor do *Malo novini* é condemnado em tres mezes de prisão pela publicação de artigos de critica ao governo ottomano. — *Suissa* — O conselho federal propõe uma modificação ao codigo penal tendente a reprimir a propaganda anarchista. — *Corêa* — O imperador da Corêa demitte diversos ministros acreditados junto dos governos estrangeiros. O ministro que estava na Russia foi desterrado para a provincia.—*Hespanha* — Os empregados dos carros electricos e outros, de Madrid ameaçam pôr-se em gréve por terem sido despedidos varios operarios, na sua opinião, injustamente. — *Estados-Unidos* — O consul de Venezuela recebe do secretario do presidente Castro um telegramma annunciando que os banqueiros, os tribunaes, o commercio, o clero e varias sociedades, constituiram uma junta approvando a attitude do governo e offerecendo ao presidente Castro apoio completo.

18 *Estados Unidos* — A camara dos representantes approva uma moção pedindo que se diga se ha conhecimento de qualquer accordo entre a Inglaterra ou a Allemanha com os Estados Unidos e de toda e qualquer segurança relativa á extensão d'uma demonstração das duas ou de tres potencias alliadas contra Venezuela. — A camara dos representantes vota um credito de 500.000 dollars para o altorney geral perseguir os transgressores das leis dos *trusts*. — *Venezuela* — O encarregado de negocios da França em Caracas entrega ao governo venezuelano uma nota lembrando os termos do convenio de 19 de fevereiro de 1902 que garantiu o pagamento aos credores francezes. — Começa o bloqueio em La Guayra, applicando-se apenas aos navios venezuelanos. — O presidente Castro investe mr. Bowen, ministro dos Estados-Unidos em Caracas, de plenos poderes para regularizar a questão com a Allemanha, a Inglaterra e a Italia. — A colonia allemã é hostil á arbitragem. — *França* — A subscripção internacional para as victimas sobreviventes de

Martinica attinge dois mil e cem contos. — Um violento incendio destroe os armazens de fiação e tecidos de Descamps. — *Inglaterra* — A camara dos communs approva, mediante uma modificação, as emendas feitas pela camara dos Lords ao projecto de lei sobre a instrucção publica.—*Hespanha*—Termina pacificamente a gréve dos hortelãos.—*Portugal* — E' publicado o Decreto approvando o regulamento da Academia Real de Bellas Artes de Lisboa.

19 *Inglaterra* — O embaixador inglez em Roma dá a sua demissão por motivos de saude. — Funda-se em Londres um grupo parlamentar, composto quasi exclusivamente de elementos liberaes, com a denominação de *Arbitration Group*, cujo fim é exigir do governo britannico, que se cinja ás decisões da conferencia de Haya todas as vezes que surgirem conflictos de caracter internacional e especialmente quando se trate de conflicto monetario com estados fracos como o que acaba de se dar com a Venezuela. — *Russia* — O tzar concede perdão a 58 estudantes que tinham sido deportados para a Siberia por causa de disturbios. — *Egypto* — O khediva inaugura o congresso medico no Cairo em presença dos delegados de todos os paizes. — *S. João da Costa Rica* — Sente-se um tremor de terra. — *Allemanha* — O conselho federal ratifica a lei aduaneira. — *França* — Dá se uma explosão de acetylene no lavadoiro d'Impasse, na ilha de França, Paris, ferindo gravemente oito pessoas e matando uma. — Sente-se um ruido subterraneo e um tremor de terra em Belle Isle produzindo estragos em alguns edificios. — *Cuba* — O governo cubano nomeia consules em New-York Tampa, Nova Orleans, Philadelphia Boston, e Porto Rico. — *Turquia* — São presos cincoenta mussulmanos em Constantinopla entre os quaes alguns generaes e outros officiaes. — *Belgica* — O rei assigna a lei prohibindo os jogos de azar na Belgica—*Venezuela* — As respostas da Inglaterra e da Allemanha são favoraveis á arbitragem, mas sob certas condições.

20 *Republica Argentina* — Por iniciativa do hespanhol José Artal, constitue-se em Buenos-Ayres um estabelecimento bancario intitulado Banco do Rio da Prata com um capital de dois milhões de pesos, sendo a maior parte dos accionistas de nacionalidade hespanhola. Este novo banco dedicar-se-ha a fazer emprestimos sobre immoveis e ao desenvolvimento do commercio hispano-argentino—*Hespanha* — São presos em Madrid seis pessoas que compõem a familia Humbert, auctora da *escroquerie* de 60 milhões de francos em Paris — *Estados-Unidos* — O presidente Roosevelt propõe submetter a questão da Venezuela ao tribunal arbitral de Haya. As potencias respondem que Roosevelt será o arbitro. — Começa o bloqueio geral nas costas de Venezuela. — *Inglaterra* — A princeza de Galles dá á luz mais um principe.

21 *Turquia* — A Sublime Porta dirige ás potencias uma nota repellindo a sua responsabilidade nas desordens da Macedonia que cabem apenas á Bulgaria. — *Inglaterra* — O governador inglez cria um consulado em Monrovia, na Republica da Liberia. — *Estados-Unidos* — O presidente Roosevelt offerece a sua mediação amigavel aos insurrectos colombianos.

22 *Estados-Unidos* — Hathaway inventa um novo explosivo a que dá o nome de *Hathamite*. — *Italia* — O senado approva sem discussão a convenção addicional de Paris de 15 de novembro, relativa ao augmento do contingente de moedas divisionarias na Suissa. — *Grecia* — O rei inaugura a sessão da camara pronunciando o discurso do throno. — *Hespanha* — O conselho de ministros decide que o ministro da marinha proponha o programma da esquadra necessaria para a organização da defeza dos portos da costa.

22 *Askhabad* — Sente se um violento tremor de terra que causa a morte a mais de 400 pessoas. — *Haiti* — E' reeleito presidente da republica do Haiti o general Nord.

23 *Hespanha* — E' encerrada a exposição dos alcools em Madrid. — Em Mataró desmorona-se uma fabrica ficando feridos sete operarios.

24 *Republica Argentina* — O ministro do interior decreta a prohibição na imprensa da discussão das gréves. — O governo decreta que o poder executivo possa expulsar do territorio argentino quaesquer estrangeiros sem formalidades de processo fundando-se nas ultimas gréves produzidas por estrangeiros. — *Mexico* — O general Reys dá a sua demissão de ministro da guerra. — *Austria* — O archiduque Leopoldo Fernando renuncia o direito de membro da familia imperial para casar com a ex-actriz Maria Adomovitch, filha de um empregado do correio. — *Venezuela* — Expira o armisticio entre o governo e os insurrectos. — *Portugal* — São publicados os decretos auctorizando o governo a reformar a legislação sobre engajamento de trabalhadores para a provincia de S. Thomé e Principe; regulando a concessão de terrenos no districto de Lourenço Marques; auctorizando e regulando o arrendamento dos talhões disponiveis do terreno conquistado ao mar no porto de Lourenço Marques; e creando no plan'alto de Caconda, Benguella, uma colonia agricola, e regulando a sua constituição.

25 *Venezuela* — Venezuela acceita a arbitragem sob condição de ser levantado o bloqueio e restituidos os navios apresados. — *Chili*—Termina a crise ministerial. Os antigos ministros conservam as suas pastas á excepção do da guerra que é substituido pelo general Anibal Rodriguez. — *Grecia* — Na sessão de abertura do parlamento produz-se violenta altercação entre os partidarios do novo gabinete e as opposições, dando-se scenas de pugilato entre a opposição por causa da nomeação do presidente. — *Republica Argentina* — Publica-se em Buenos Ayres o primeiro numero do jornal *Assalam*, escripto em arabe, orgão de 22:000 turcos que habitam esta republica. — *China* — O ministro da Russia em Pekin dirige uma nota energica ao governo

chinez para que não continue a empregar instructores japonezes no exercito.—*Canadá*—Lacost, canadiano de origem franceza, ensaia com grande exito um apparelho de sua invenção para parar instantaneamente os navios em marcha.

26 *Austria* - O governo austriaco toma medidas violentas contra o partido servio, prendendo alguns jornalistas d'esta nacionalidade e mandando fechar o banco servio recentemente aberto.—*Estados Unidos*—O presidente Roosevelt declina o offerecimento de arbitro na questão de Venezuela.

27 *Açores* — Realisa-se com grande luzimento em Angra a sagração do bispo de Macau, dr. João Paulino de Azevedo e Castro. —*Portugal*— Inaugura-se officialmente a linha ferrea de Pias a Moura.—*Martinica*—O conselho geral de Martinica envia ao governo francez uma mensagem pedindo ao presidente do gabinete que seja seu interprete junto das nações que, n'um impeto fraternal de solidariedade, deram áquella desgraçada ilha tamanhas demonstrações de sympathia.—*Portugal* —E' definitivamente aberta á exploração a linha de Pias a Moura.—*Columbia*—Dá-se um renhido recontro entre 1200 insurrectos commandados pelo general Riera e as tropas do governo. — *Austria* —E' denunciado o tratado de commercio com a Italia.

28 *Marrocos* — Os rebeldes tomam ás tropas do sultão alguns canhões e fazem-lhes muitos prisioneiros. As divisões de Muley-el-Kevir e Muley-el-Amram são destroçadas e os rebeldes perseguem as tropas imperiaes até ás portas de Fez.—*França*—Tres operarios que reparavam um conducto de gaz no gazometro de Montreuil-sous-Bois, deixam o motor aberto resultando uma formidavel explosão seguida de incendio em toda a fabrica — *Hespanha* — Reune a maioria do partido carlista, decidindo que se imponha o casamento do principe Jayme e as linhas geraes do contracto que hão de ser submettidas á approvação de D. Carlos de Bourbon.—*Belgica*—Um incendio destroe os armazens Florin, na praça do mercado, em Bruxellas, attingindo os predios visinhos e fazendo prejuizos enormes.—*Russia* — Manifesta-se incendio na mina de carvão de Annaaspensk, onde trabalhavam cem mineiros, salvando-se vinte.

29 *Hespanha* -- As noticias de Marrocos produzem effeito na Bolsa de Madrid, baixando consideravelmente todos os fundos. — *França* — Dá-se uma explosão na caldeira da saboaria Soifil, em Marselha, matando o contramestre da fabrica, ferindo muitos operarios e causando grandes estragos materiaes. — *Costa Ricca* — E' suspenso o jornal *Noticiero* por ter publicado um artigo dizendo que um official chileno declarára que as armas e fortificações de Costa Ricca estão incapazes de servir. — *Inglaterra* — Em consequencia de grave epizootia que devasta os gados nos Estados-Unidos, o ministerio da agricultura decreta a prohibição da importação de animaes dos estados de Maine, Newhampshire, Vermont, Massachussets, Connecticut e Rhode Island.

30 *Venezuela* — Os chefes insurrectos, sob a direcção do general Mattos agitam-se em todos os pontos da republica. Os negociantes allemães lembram a instituição de uma commissão financeira internacional, estando promptos n'esse caso a adiantar a importancia necessaria á Venezuela para pagar 1.700.000 bolivares á Allemanha e 200.000 a Inglaterra. — *Marrocos* — Começa o bloqueio de Fez. Prega-se em todo o imperio a guerra santa, em virtude de que foram dadas ordens para que os hespanhoes se refugiem nas costas. — *França* — O governo francez de accordo com o de Guatemala, delibera submetter ao tribunal arbitral de Haya a reclamação formulada por um francez contra aquelle paiz por trabalhos realizados em 1896 e 1897. — *Saxe* — O principe real de Saxonia faz constituir um tribunal especial de sete juizes para pronunciar a separação de pessoas e bens com a princeza real.

31 *Venezuela*—As tropas do governo batem os revolucionarios em Barquisimeto, matando 112 e ferindo 382.—S. Carlos e Tinaquillo são occupados pelas tropas governamentaes. — *Austria* — Koerber apresenta a sua demissão ao imperador que a recusa. — *Republica Argentina*—O estado de sitio decretado por causa das greves é levantado por occasião do encerramento do congresso. — A camara dos deputados vota o ensino da lingua italiana em todas as escolas nacionaes. — *Hespanha* — Os fundos pubicos sobem por se saber definitivamente que as potencias não intervirão na questão de Marrocos. — Silvela declara no conselho de ministros que o orçamento se liquida com um excedente de dez milhões de pesetas.—*Russia* — O millionario armenio Schanganowk é assassinado no momento em que entrava na egreja, attribuindo-se este crime aos nihilistas.

❁ ❁ ❁

NECROLOGIA

NOVEMBRO 1—THOMAZ LINO D'ASSUMPÇÃO, em Paço d'Arcos, distincto escriptor e jornalista.

6—URBANO DE CASTRO, 52 annos, em Lisboa, distincto escriptor, poeta e jornalista

8 — MANOEL GUERVOS, em Madrid, celebre maestro, musico distincto e apreciado compositor.

8 — DR. BENJAMIM PAZ, em Buenos Ayres, presidente do Supremo Tribunal.

12 — JOAQUIM PEITO DE CARVALHO, 65 annos, em Lisboa, par do reino tendo exercido varios cargos publicos elevados entre elles o de administrador geral das alfandegas.

22 — FREDERICO AUGUSTO KRUPP, em Essen actual proprietario da fabrica de canhões.

22—CARDEAL ALOISI MASELLA, 76 annos, em Roma. Esteve em Portugal exercendo o alto cargo de nuncio de Leão XIII.

27 — PLACIDE CONDRAU, 87 annos, em Genebra, decano dos jornalistas suissos.

DEZEMBRO 2 — CONDE RICHARD BELCREDI, em Gmunden, antigo presidente do conselho austriaco.

3 — DR. PRUDENTE DE MORAES, em Piracicaba, Brazil, antigo presidente da republica dos Estados Unidos do Brazil.

5 — SIR FRANCK GREEN, 67 annos, em Londres, lord maior de Londres por occasião do advento do rei Eduardo VII ao throno de Inglaterra.

10— ALMIRANTE KRUYS, em Haya, ministro da marinha.

15 — ARTURO MÉLIDA, em Madrid, illustre architecto, restaurador da maioria dos monumentos de Hespanha.

23 — ARCEBISPO DE CANTERBURY, 81 annos, em Londres, primaz de Inglaterra.

26—ALFONSO TOVAR, em Madrid, conhecido poeta, celebre pelas suas canções.

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante os mezes de novembro e dezembro

NOVEMBRO 7—AVENTURAS DE RICHELIEU, peça em 2 actos de Bayard e Dumansir, traducção do sr. Accacio de Paiva (Theatro D. Amelia).

7— UMA ANECDOTA, peça em 1 acto original do sr. Marcellino de Mesquita (Theatro de D. Amelia).

8 — O ESPIRITISMO, comedia allemã em 3 actos, traducção do sr. Freitas Branco (Theatro do Gymnasio).

8 — A VERMELINHA, comedia em 1 acto, traducção do sr. Pedro Pinto (Theatro do Gymnasio).

11 — CABEÇA DE ESTOPA, peça de Jules Renard (*Poil de Carotte)*, traducção do sr. Luiz Cardozo (Theatro de D. Amelia).

12 O RAPTO DE HELENA, operetta farça em 4 actos e 7 quadros, traduzida pelo sr. Accacio Antunes, musica de Marcel Riche (Theatro da Avenida).

18—MAJOR DO 36—operetta em 3 actos, traducção do sr. Eduardo Garrido, musica do maestro Costa Junior (Theatro da Trindade).

22 — DIANA DE LYS, drama em 4 actos de Alexandre Dumas traducção do sr. Luiz Galhardo (Theatro de D. Maria).

DEZEMBRO 3—CARTA A SANTO ANTONIO, peça n'um acto, imitada do italiano pelo sr. Julio de Menezes (Theatro do Gymnasio).

5—O PAPÃO, comedia allemã, traduzida pelo sr. Freitas Branco (Theatro do Gymnasio).

11—O MAIOR CASTIGO, drama em 3 actos original do sr. Raul Brandão (Theatro de D. Amelia).

13—A AVENTUREIRA, peça de Augier, traducção do sr. Coelho de Carvalho (Theatro de D. Maria).

13—CAPITAL FEDERAL, peça original do escriptor brazileiro sr. Arthur de Azevedo (Theatro da Trindade).

16—JURAMENTO SAGRADO, peça em 1 acto em verso do sr. Delphim Guimarães (Theatro de D. Maria).

27— MADAME FLIRT, peça de Gavault e Beri, traducção do sr. Mello Barreto (Theatro de D. Amelia).

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Influencia da temperatura nos reveladores

Um facto bem conhecido é que em geral os reveladores frios actuam com menos energia que os reveladores quentes, assim como os reveladores frios dão negativos mais duros que os que se empregam á temperatura de 18 ou 20 graus centigrados.

Pelo que respeita á influencia do calor sobre o poder reductor dos productos empregados na revelação, os principaes reveladores podem ser classificados pela ordem seguinte: hydroquinone, acido pirogalhico, oxalato de ferro e ixonogen.

O iconogen parece ser indifferente á temperatura, o hydroquinone é tão sensivel que a 5 graus centigrados acima de zero a sua acção é quasi nulla sobre o gelatino-brometo assoalhado. O acido pyrogalhico e o oxalato de ferro actuam muito pouco se a temperatura dos banhos estiver a zero.

Ha portanto toda a conveniencia, no inverno, em conservar as soluções reductoras á temperatura media de 20 graus centigrados, e só assim se poderá obter resultados seguros e regulares. Para este effeito deveremos ter os frascos que conteem os banhos reveladores ou n'um quarto quente ou mergulhados em agua tepida.

Provas azues sobre papel platina

Afim de se poder obter effeitos de luar, quer em estudos de nuvens, paisagens, marinhas, etc., quer para dar ás provas em geral um colorido azul, o melhor meio é o de empregar o papel gelatina com um banho de prussiato A formula seguinte poderá servir de base:

Solução de oxalato de potassa a 1 °/₀	30 cc
Ferro-cynato de potassa (prussiato vermelho) solução a 10 °/₀	10 »
Glycerina	70 cc
Agua	115 »

E' indispensavel que a impressão se faça bem vigorosa, na occasião da revelação a prova tomará uma côr esverdeada que a tornará azul n'um banho ligeiramente acido mas onde não deverá estacionar muito tempo afim de não perder o brilho No caso em que o negativo empregado seja denso e rico em contrastes, as partes claras ficarão azues e as sombras em negro-azulado dando a impressão de uma prova com dois tons. Este effeito póde ainda ser reforçado por meio de um pincel.

PACIENCIAS

As parallelas

(Dois jogos de 52 cartas)

Collocam-se sobre a meza 10 cartas em linha horisontal retirando-se os *azes* e os *reis* que apparecerem collocando os primeiros á direita e os outros á esquerda, devendo os quatro *azes* e os quatro *reis* das differentes familias occupar logo que appareçam, os dois lados das linhas que se formarão no decurso da paciencia e applicar os *reis* do monte a uma serie descendente de cartas do mesmo naipe acabando em *az* e os *azes* do monte a uma serie ascendente egualmente do mesmo naipe acabando em *rei*. Depois de se ter verificado que n'estas dez primeiras cartas não ha nenhuma que se possa juntar ao seu monte, e preencher os vacuos que apparecerem põe-se por baixo uma segunda linha tambem de dez cartas das quaes ainda se tiram *azes* e os *reis* ou as cartas cujo ponto seja favoravel á sua collocação substituindo-as sempre por cartas tiradas do baralho.

Faz-se em seguida uma 3.ª linha parallela ás duas precedentes; mas não é permittido tirar nenhuma carta da 2.ª linha (a do centro), não se tirando cartas senão da linha inferior e da superior, mas logo que se tire uma carta d'uma d'estas duas linhas póde-se tirar a que fica por cima ou por baixo. Continue-se a fazer novas linhas de cartas por baixo das precedentes, tirando, á medida que a occasião seja favoravel as que se possam juntar ao monte, não se podendo tirar senão a 1.ª e a ultima carta de cada linha vertical.

Quando se verificar que nenhuma das cartas livres teem logar no monte, substituem-se os vacuos feitos nas linhas por cartas tiradas do baralho começando sempre por restabelecer a 1.ª horisontal, depois a 2.ª etc.

Logo que o baralho está esgotado e não houver mais nenhuma carta do quadro a collocar no monte, a paciencia não se fez; se ao contrario todas as cartas acharem collocação e que d'um lado se tenha os 4 *azes* acabando as series originadas pelos *reis* e do outro os 4 *reis* acabando as series que começaram em *azes* a paciencia considera-se feita.

CONHECIMENTOS UTEIS

A temperatura do corpo humano. —Em estado de saude a temperatura media é de 37°,6 no rectum. Acima de 38° ha febre; abaixo de 36° dá-se a algidez. A temperatura da pelle é sempre inferior á do interior do corpo, sendo por exemplo a da planta do pé de 32°,2. A do interior do corpo é superior á media indicada, parecendo ser, pelas experiencias de Claudio Bernard e de Arsonval, o ponto mais quente a veia cava inferior um pouco acima das veias subhepaticas. A temperatura é um pouco mais elevada de dia do que durante a noite; na febre, em geral, a temperatura não excede 40 ou 41 graus, e é já deveras assustadora. Todavia parece certo que em alguns casos o thermometro póde subir mais; assim em 1894 o sr. Caparelli, na Secilia, observou n'uma mulher nova uma temperatura de 45 a 46 graus na axilla. Note-se que este medico italiano recolheu com todas as precauções esta observação.

O medico inglez Currie cita a temperatura de 42°, n'um caso de escaratina. Como o dr. Alvarenga notou a de 44° n'esta mesma doença Citam-se casos de uma hyperthermia ainda mais exaggerada, cuja authencidade é difficil assegurar. Assim um bombeiro de Nova York, victima de um accidente, transportado ao hospital sem sentidos e conservando-se n'este estado quatro dias, apresentou depois em ataques convulsivos a temperatura de 65

graus centrigados. No homem em perfeita saude, a temperatura varia ligeiramente durante o dia, partindo á meia noite de 36°,5 para attingir a de 37°,2 ao meio dia.

❁ ❁ ❁

Somno.— Em que momento o somno é mais profundo? Dois observadores allemães procuraram reconhecer este momento, medindo a intensidade de som necessario para despertar um dormente depois que o somno se estabeleceu. Sem entrar na descripção techina d'estas experiencias indicamos simplesmente alguns resultados. Assim, depois de uma hora foi preciso 2.781 milligrammas-millimetros de intensidade de som; depois de 1 hora 45, foi necessario 17.229; 3 horas depois, 9.485; seis horas depois 7.718. O somno parece ser mais profundo na segunda hora, mas certamente ha differenças de individuos para individuos.

❁ ❁ ❁

Limpeza das lampadas de petroleo. — N'estes candieiros os porta-torcidas e os metaes aonde chega a chamma, ennegrecem rapidamente, cobrem-se de fuligem gordurosa, e difficultam o funccionamento das mechas. Uma simples immersão durante alguns minutos na agua fervente, onde se tenham dissolvido alguns crystaes de soda, d'aquellas peças e da propria mecha é sufficiente para conseguir a desejada limpeza.

❁ ❁ ❁

Concerto de boquilhas d'ambar. — Estes objectos quebram-se com uma facilidade desesperadora. Este accidente desgosta profundamente o fumista amador de boquilhas, e accrescenta despezas avultadas, visto o alto preço que attingem estes instrumentos de prazer fumifero, quando são feitos d'esta resina fossil, chamada ambar. Podem muitas vezes compor-se; damos alguns dos processos mais faceis para concertar as fracturas. Dissolve-se n'agua potassa caustica, até obter a saturação, quer dizer, até que não se possa dissolver mais na porção d'agua. Deve recordar-se que se não póde tocar a potassa com os dedos, porque ella queima fortemente a pelle. Com um palito molham-se os lados da fractura, que em geral é nitida, e só para estes casos é possivel o concerto, quando as duas superficies ajustam perfeitamente. Comprime-se os dois pedaços durante algum tempo e desde que se sinta bem a adherencia, deixa-se longamente seccar a boquilha concertada.

Outro processo, que tambem dá bons resultados. Prepara-se uma composição liquida, aquecendo uma parte de resina copal e duas partes de alumen. Reunem-se por justa posição os dois pedaços d'ambar, depois de ter molhado n'este liquido as duas superficies da fractura, e deixam-se seccar. Ainda se usa outro meio, cuja utilidade se affirma, mas cuja pratica não experimentamos, e vem a ser empregar pelo mesmo processo o oleo de linhaça que faz corpo com o ambar, quando secca.

❁ ❁ ❁

Objectos de aluminio.—Para lhes dar o aspecto de prata mate, fosca, basta mergulhal-os durante quinze a vinte segundos n'um banho composto de uma solução de 10 partes de soda caustica e de 100 d'agua, á qual se junta, até saturação, sal de cozinha. Retiram-se do banho, lavam-se em agua pura, esfregam-se bem com escova, e tornam-se a mergulhar no banho caustico durante meio minuto. Lavam-se novamente e enxugam-se em serradura de madeira. O aspecto obtido é confundivel absolutamente com a prata.

❁ ❁ ❁

Alteração da tintura de iodo.—Esta preparação tornou-se desde annos um remedio verdadeiramente popular, que não raro se emprega sem prévia consulta de medico. Infelizmente, porém, as soluções de iodo alteram-se com rapidez; e é bom saber que este medicamento, ao contrario de muitos outros, altera-se menos quando se conserva á luz, do que guardado na obscuridade. Todavia seria util conhecer um meio de verificar rapida e praticamente, se a solução de que se vae usar é antiga e alterada. O meio é muito simples. Basta agital-a antes de se servir d'ella, segundo o conselho habitual dos pharmaceuticos. Se o liquido escumar em effervescencia, a solução é antiga, e não convém usal-a, para curativo e por inactiva.

❁ ❁ ❁

Maneira de dar aspecto velho ao carvalho novo. — Entre diversos processos recommenda-se o seguinte, que tem apenas applicação a objectos de pequenas dimensões, mas lhes dá um bello aspecto,

Colloque-se, por exemplo, um pequeno cofre que se pretende envelhecer n'uma outra caixa fechada e contendo um frasco aberto com ammoniaco. O alcali evola-se e os vapores d'elle vão escurecer o tanino da madeira de carvalho.

Vida suspensa.—Numerosas experiencias, recentemente feitas com sementes, e com bacterias e outros micro-organismos, mostraram a possibilidade de se poder conservar a materia viva n'uma condição que não é nem a de vida nem a de morte: quer dizer, n'um estado de vida suspensa. Os organismos foram sujeitos a frio intenso por algum tempo, e comquanto houvesse todos os motivos para julgar que nenhuma das permutações chimicas associadas á vida pudesse ter occorrido, na ausencia de calor e humidade, certo foi que os rudimentares organismos floresceram de novo quando removidos das suas condições frigidas.

Dez microbios diversos foram experimentados primeiramente, incluindo o germen da cholera asitica e os restantes sporos do bacillo do anthrás. Foram submettidos ao extraordinario arrefecimento da temperatura de 310 gráos abaixo do zero Fahrenheit, e conservados n'estas condições por vinte horas, e depois por sete dias. Estes mesmos, expostos ao extremo frio, não soffreram nenhum enfraquecimento apreciavel em sua vitalidade organica, tanto com respeito ao poder de reproducção e de crescimento, como em relação ás suas propriedades caracteristicas.

Expostos dez horas á temperatura de 240 gráos abaixo do zero, quer dizer, pouco mais ou menos os mesmos gráos abaixo da temperatura do ar liquido, como a d'este é abaixo da temperatura ordinaria do verão da zona temperada, tambem não teve effeito algum apreciavel sobre os organismos experimentados. Uma prolongada exposição ao frio rigoroso foi então experimentada, sendo os organismos immersos no ar liquido durante seis mezes; porém em nenhum caso se poude descobrir enfraquecimento vital, e julgando pelos resultados obtidos, o periodo poderia ter sido ainda muito mais longo, sem causar a morte.

As experiencias foram um tanto surprehendentes para confundir ou embaraçar os biologos; porque evidenciaram e trouxeram á discussão um novo e curioso estado da materia vivente — um estado de vida suspensa. A vitalidade do organismo póde ser considerada em sua origem ferida pelo grande frio, mas não perde a sua energia primitiva. Quando se elimina a influencia da temperatura baixa, o movimento e as outras manifestações de vida recomeçam. Os resultados d'estas experiencias fornecem aos escriptores imaginosos vasto assumpto suggestivo para muitas deducções scientificas, que tornam interessante este genero de litteratura.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 43 —
N.º 44 —
N.º 45 —
N.º 46 — *Xadrez:*

BRANCOS	PRETOS
1. Ra. 1 T R	1. T tira T
2. Ra. tira T e mate	
	1, T joga qualquer casa
2. T tira T e mate	
	1. T 3 T Ra.
2. T tira T e mate, porque o pião não pode tirar a T	

Resolução do problema do XADREZ, do numero 15 dos SERÕES:

BRANCOS	PRETOS
1. T 8 Ra	1. R 4 B R ou P tira C
2. B 2 B Ra e mate	
	1. R 6 Ra ou qualquer
2. C 3 B Ra xeque descoberto e mate.	

Num. 47.

DOMINÓS. – Construir com as 28 pedras um quadrado perfeito contendo no centro um vasio de 4 pedras; o duplo-dois deverá encontrar-se collocado *horizontalmente* no angulo superior da esquerda; o tres-az, horizontalmente no angulo superior da direita; o duplo az, horizontalmente no angulo inferior da esquerda e o cinco-tres, sempre horizontalmente, no angulo inferior da direita. Os pontos dos dominós deverão dar pela addicção das columnas horizontaes, verticaes, e das duas grandes diagonaes o numero unico de 21. Como ha 8 columnas, 8 vezes 21 são 168, que é o numero total dos pontos do dominó.

Num. 48.

XADREZ

PRETOS (1 peça)

BRANCOS (5 peças)

Os brancos jogam e dão mate em tres lanços

Novembro e Dezembro	Barometro — Nivel do mar		TEMPERATURA ás 9 h. da manhã		TEMPERATURA maxima		TEMPERATURA minima		Chuva — Millimetros		Ozone — Gráus	
	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902
1	763,9	761,0	14,0	14,0	16.4	17,9	11,7	11,7	0,0	0,0	5,3	5,0
2	766,8	758,5	11,4	10,5	17,5	17,9	9,5	10,2	0,0	0,0	6,2	4,0
3	765,4	753,6	12,3	13,6	17,7	15,9	9,6	10,5	0,0	12,0	4,0	10,0
4	760,9	753,7	14,2	15,6	17,6	18,9	12,5	13,1	0,0	7,2	4,3	5,0
5	763,3	754,3	15,2	14,5	20,6	16,7	13,0	13,6	0,5	0,9	7,5	5,5
6	763,3	754,2	14,3	14,5	17,6	15,9	12,9	12,0	0,0	44,1	5,0	6,0
7	762.4	764,2	13,8	15,6	17,7	17,9	12,6	14,0	—	8,3	5,0	6,5
8	763,9	764,9	12,6	16,3	17,9	17,9	10,9	13,8	0,0	0.0	4,2	10,0
9	766,2	764,8	11,9	15,0	17,0	17,0	9,7	10,2	0,0	28,0	4,3	7,3
10	766,2	761,5	9,7	11,5	16,8	17,0	7,4	10,2	0,0	0,0	4,5	7,7
11	765,4	755,9	7,3	15,3	16,5	16,4	4,3	11,0	0,0	9,5	7,0	7,0
12	759,8	760,5	9,6	12,5	17,0	14,0	7,8	10,3	0,0	1,6	5,7	7,3
13	753.9	763,2	14,6	14,0	17,6	17,4	12,8	13,5	21,2	0,1	9,8	4,7
14	752,8	764,6	16,3	15,2	18,2	19,0	11,1	13,3	3,2	0,0	7,5	7,9
15	747,7	765,2	14,6	12,9	16,9	18,6	10,6	11,7	21,0	0,0	9,5	5,2
16	759,6	765,7	12,4	10,1	15,0	18,1	9,8	10,1	2,6	0,0	5,0	6,3
17	763,6	764,2	11,0	12,7	15,2	17,0	9,2	12 4	5,0	0,3	0,7	1,2
18	772,4	762,0	10,0	15,0	16,3	18,6	8,7	13,8	0,0	11,5	7,8	4,0
19	773,2	765,6	10,9	15,0	13,9	17,7	10,5	12.9	0,0	0,7	7,5	6,7
20	771,7	768,7	10,9	14,8	13,7	18,3	10,1	14,0	0,0	0,7	3,2	6,5
21	767,4	765,1	11,5	16,8	15,8	16,9	9,7	13,0	0,0	0,4	6,3	5,8
22	766,3	769,4	8,8	13,2	13,0	16,6	7,5	11,6	0,0	3,9	5,0	5,2
23	764,9	777,7	10,4	11,8	14,2	15,8	8,3	10,9	0,0	0,0	6,0	5,5
24	764,4	767,5	9,5	14,7	15,3	16,7	7,8	12,3	0,0	0,1	5,8	5,0
25	762,7	764,1	4,5	15,2	9,3	16,5	2,3	13,1	0,0	6,8	5,5	6,0
26	762,2	766,1	5,4	13,3	10,6	16,3	3,7	11,8	0,0	0,3	4,0	6,7
27	760,4	764,1	5,3	14,0	10,9	16,1	3,7	13,8	0,0	0,8	8,7	7,5
28	766,6	756,8	5,7	15,3	10,6	15,8	5,5	12,8	0,0	3,8	6,5	10,0
29	768,2	745,9	5,5	11,0	12,0	12,8	4,5	8,5	0,0	33,3	6,8	9,5
30	768,2	756,1	7,2	11,7	13,1	14,2	6,1	9,5	0,0	3,2	6,0	5,8
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	768,1	762,0	7,4	15,7	13,2	17,5	6,1	12,9	0,0	5 7	8,2	6,5
2	767,7	768,3	8,8	13,0	13,6	15,3	8,7	12,0	0,0	2,3	6,0	7,7
3	765,5	770,9	9,8	13,4	15,4	16,0	8,7	11,8	0,0	0,0	8,0	4,8
4	765,0	770,9	9,3	9,7	14,9	14,0	8,2	8,6	0,0	0,0	5,8	4,3
5	766,8	765,6	7,2	7,8	14,2	13,3	6,0	7,5	0,0	0,0	7,2	0,0
6	768,3	761,1	10,0	9,2	12,3	13,9	8,2	8,3	0,0	0,0	9,8	1,0
7	771,5	755,6	8,3	13,8	12,8	15,0	6,3	13,4	0,0	0,0	5,2	5,7
8	773,1	749.6	8,6	13,4	14,4	14,1	7,5	12,4	0,0	5.2	5,5	7,7
9	773,8	749,8	10,3	14,0	14,4	15,7	7,5	10,2	0,0	3,6	7,5	3,0
10	771,8	753,0	12,4	8,2	16,1	11,7	10.2	7,3	0,0	8,3	8,8	6,0
11	768,0	757.6	12,3	11,2	14.9	12,9	9,5	9,3	0,0	0,3	8,3	6,0
12	762,6	763,8	8,8	12,3	10,6	13,4	8,8	10,4	0,0	1,0	10,0	4,0
13	760,2	771,4	9,9	11,7	12,1	14,0	7.9	9,7	3,4	5,5	8 2	7,8
14	759,9	774,9	9,1	8,3	11,6	12,8	6,7	7,2	4,5	0,0	8,3	4,7
15	760,4	776,7	2,6	11,4	9,5	14,6	1.9	10,9	0,4	0,0	8,5	2 5
16	757,5	776,5	5,7	12,4	9,5	14,5	4,6	10,0	—	0,2	6,5	6,5
17	743,3	777,4	5,6	5,5	8,5	11,9	5,0	5,5	10,2	0,4	9,7	4,5
18	747,6	778,1	5,7	9,0	8,0	14 0	4,9	7.3	7,8	0,0	10,0	7,5
19	745,4	775,7	8,0	9,8	10,1	15,4	4,9	7,5	5,4	0,0	10,0	8,8
20	754,6	773,6	6,0	10,5	9,0	15,2	5,1	8,7	5,6	0,0	10,0	6,7
21	759,1	772.1	7,5	9,9	13,5	15,1	6.6	9,2	1,3	0,0	9,5	5,5
22	748,7	768,1	11,1	9,2	12,2	13,9	8,5	8,0	27,0	0,0	10,0	4,5
23	764,8	771,2	10,0	7,6	12,6	12,1	7,8	6,8	2,8	0,0	9,3	0,0
24	766,6	774,2	11,7	7,9	14,7	12,2	9.9	7,7	0,4	0,0	10,0	8,0
25	760,5	775,4	11,0	7,4	11,8	11,4	8,3	6,3	12,5	0,0	8,8	8,3
26	763,8	776,4	10,0	7,3	12,3	12,7	7 7	6,7	5,1	0,0	10,0	6,7
27	765,2	774.6	10,6	7,1	13,4	11,6	8,9	5,7	0,4	0,0	9,5	4,0
28	764,3	770,7	13,7	6,0	14,0	11,2	12 5	4,7	34,9	0,0	10,0	4,5
29	768,3	765,2	13,0	11,3	15,4	14,0	11.7	9,6	5,1	0,2	8,2	8,7
30	770,0	759,2	9.7	8,3	12,3	11,1	8,7	7,4	0,2	7,9	6,3	9,0
31	768,8	762,1	9,4	10,2	12,8	12,0	8,6	10,4	0,0	6,5	5,5	6,7

DOMUS ET ORBIS

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SUMMARIO

PIAS BAPTISMAES PORTUGUEZAS—UMA VISITA Á BEIRA—UMA ANTIGA DEVOÇÃO—A TAÇA—MINUETE — ANTHROPOMETRIA CRIMINAL — O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ — A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL—A ALLIANÇA COM INGLATERRA — MOTES PROPHETICOS — MODAS — VARIEDADES.

VOL. III **DE MARÇO A ABRIL — 1903** **NUM. 18**

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa **Preço 200 réis**

SUMMARIO

Pag.

GOOD BYE SWEETHEART! *(Adeus, meu doce amor). Quadro de* MARCUS STONE ... 314

PIAS BAPTISMAES PORTUGUEZAS. — *Por* SOUSA VITERBO. — *Com 4 illustrações* ... 315

UMA VISITA Á BEIRA. — *Por* ANTONIO ENNES ... 321

UMA ANTIGA DEVOÇÃO. — EPISODIO DE VIAGEM — *Com 4 illustrações* ... 327

A TAÇA. — *Soneto.* — *Por* AFFONSO GAYO ... 331

MINUETE. — MUSICA — *Por* J. B. LULLY ... 332

O MINUETE. — *Quadro de* SCHUMTZLER ... 334

ANTHROPOMETRIA CRIMINAL. — *Por* ANTONIO JULIO DO VALLE E SOUSA — *Com 19 illustrações* ... 335

O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ. — ROMANCE. — *Com 1 illustração* ... 350

A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL. — *(Continuação)* — *Por* ALBRECHT HAUPT. — *Com 10 illustrações* ... 357

A ALLIANÇA COM INGLATERRA. — *Por* AUGUSTO RIBEIRO — *Com 2 illustrações* ... 361

MOTES PROPHETICOS. — *Com 5 illustrações* ... 371

MODAS. — *Com 2 illustrações* ... 375

VARIEDADES. — MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — NECROLOGIA. — THEATROS. — PHOTOGRAPHIA PRATICA. — PACIENCIAS. — PROBLEMAS. — XADREZ ... 41

49 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis, cada uma, capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao I, ao II e ao III volumes da Revista. Por cada encadernação, de que tambem se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a reducção do preço a **2$200 réis,** o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por:

Series de	**3 numeros** ...	**600**
	6 numeros ...	**1$200**
	12 numeros ...	**2$200**

Para os paizes da **União Postal,** por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3$000 réis,** moeda portugueza. Para o **Brazil** (moeda brazileira), **18$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado.—Numero avulso *1$500* réis (moeda brazileira).

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo avultado de cobrança pelo correio; por isso se pede a *remessa directa* da importancia das assignaturas á **administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7.**

Typ. e impressão dos *Serões*, C. do Cabra, 7 — Editor. Thomaz Rodrigues Mathias

Good Bye Sweetheart! (Adeus, meu doce amor)— Quadro de Marcus Stone

Pias Baptismaes Portuguezas

Os monumentos e objectos artisticos e archeologicos, disseminados por todo o paiz, dariam logar a formar-se numerosas e variadas monographias, acompanhadas, já se vê, pelas respectivas estampas photographicas. A parte descriptiva é de subido apreço, complemento indispensavel de qualquer representação graphica, mas esta, quando reproduz o objecto com toda a nitidez e minudencia, leva vantagem áquella.

A photographia, quando executada por um bom operador, que, além dos conhecimentos technicos possua uma faisca do sentimento artistico, quasi que torna superfluo qualquer commentario: falla á vista; mette-se pelos olhos dentro, como vulgarmente se diz. Frei Luis de Sousa, que pintava com a penna, o musico da palavra, deixou-nos em estylo encantador o primoroso debuxo da Batalha, mas, entre o seu quadro estylistico e uma photogravura do visconde de Condeixa, creio que não ha que hesitar. No primeiro caso, impressiona-se mais o espirito; no segundo, suggestionam-se mais os sentidos, mas estes tambem se extasiam na contemplação do bello. E' sobretudo, quando se trata de fazer um estudo comparado, que a photographia se torna um auxiliar de primeira ordem, pela facilidade e rapidez, com que presta os elementos de analyse. Com isto não pretendo depreciar e muito menos annular a valia da descripção, que, em muitos casos, se nos impõe fatal e imperiosamente. Se a descripção, sem a estampa respectiva, é como um jornal de modas sem figurino e sem moldes, pelo seu lado a estampa precisa de um sopro vitalisador, que a transforme, de estatua muda de Pigamalião, na estatua que nos falle, que nos revele a historia d'esse organismo artistico que ella representa.

São importantes os serviços que devemos aos nossos photographos, mas é preciso dizer-se, sem a menor intenção offensiva, que elles são muitas vezes — áparte honrosas excepções — como os carneiros do rebanho de Panurge, enfiando sempre pelo mesmo atalho, sem procurar veredas, que ainda não fossem trilhadas. Na ausencia de uma iniciativa arrojada e bem dirigida, não procuram variar de motivo e por isso é ainda grande a somma de objectos curiosos, que jazem sem ser revelados.

Falta-lhes até, o que mais admira, o espirito mercantil, pois estou persuadido que elles tirariam bons lucros, se formassem *albuns* de collecções especiaes. Citarei um exemplo. Pois não teria extraordinaria procura um *album* que reproduzisse os primores da pintura portugueza? N'esta galeria poderiam entrar o *S. Pedro* e o *Calvario*, da Sé de Vizeu; e *Fons Vitæ*, da Misericordia do Porto; a *Madona*, da Ordem Terceira de S. Francisco, da mesma cidade; os quadros da sacristia e do thesouro de Santa Cruz de Coimbra; os quatro, do seculo XV, do corredor de S. Vicente de Fóra; os do arcaz e côro da Madre de Deus; os da egreja de Jesus, de Setubal; os de Evora; os de S. Bento e do Paraizo, que estão no Museu de Bellas Artes de Lisboa, etc.

Estas collecções poder-se-hiam formar por épocas e por escolas ou em miscellanea interessante, misturando o antigo com o moderno, os discipulos de Van Eyck e de Quintino Matsys com os de Miguel Angelo e Raphael. Não seria um livro d'esta natureza um bellissimo presente de festas pelo Natal, pelo Anno Bom e pela Paschoa?

Quantas outras series curiosissimas se não poderiam organizar! Imagine-se uma collecção dos nossos principaes claustros; uns rusticos e singelinhos, como o da egreja de Cedofeita; outros com os capiteis das suas columnas ornamentados de historias figuradas, como o de Chellas; uns de uma arcaria simples mas esbelta, como o de Santa Cruz de Coimbra; outros de uma imponencia magestosa, com as bandeiras dos seus arcos filigranadas, como o claustro real da Batalha; uns de uma fria mas bellissima disposição classica, como o impropriamente chamado dos Filippes, de Thomar; outros

emfim, exuberantes de fórma e de ornatos graciosos, desabrochando n'uma florescencia de esculptura e de alegria, como o de Belem, appellidado já como um dos mais bellos do mundo.

Outro grupo: o das fortalezas e castellos, umas remirando-se nas aguas, ondinas de pedra, como o Castello de Almorol e a Torre de S. Vicente, á entrada de Lisboa; outras erguendo-se no cimo das montanhas, com os seus velhos pannos de muralhas a desmoronar-se, com as suas altas torres de menagem, suspensas no ar como por encanto.

Os pelourinhos, os aqueductos, as fontes monumentaes, os cruzeiros, as alfaias do culto, as custodias, os calices, as cruzes, os paramentos, etc., dariam tambem um precioso contingente.

Para não estar só a prégar aos outros, para não ser o Frei Thomaz da phrase popular, aqui venho exemplificar a minha doutrina com uma especialidade, que me parece deveras interessante, não só pela sua feição artistica, mas tambem pela sua feição religiosa, vendo-se assim quanto estes dois elementos se travaram de alliança para um fim commum.

Pia Baptismal da Sé de Braga

Os monumentos de que me vou occupar não são de todo desconhecidos, mas ainda não foram tratados em conjuncto, nem catalogados convenientemente, estando eu convencido que a sua lista augmentará de dia para dia á maneira que os curiosos forem dirigindo para aqui as suas attenções, o que, aliás, não tem sido feito até agora. Passarei pois a descrevel-os, sem que siga uma ordem rigorosamente chronologica, por isso que nem a todos se lhes póde fixar a data.

I — *Pia baptismal de D. Affonso Henriques.* A esta cabe, sem duvida, a primazia, não pelo seu valor artistico, que é nullo, mas pelo seu valor historico. Na egreja de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, logo á mão esquerda de quem entra, existe em um nicho cavado na parede e encerrado por uma grade, um tosco monumento, ao qual andam ligados dois nomes venerandos, o de um santo e o de um guerreiro. E' a pia baptismal, em que o nosso primeiro monarcha recebeu as aguas redemptoras das mãos do arcebispo de Braga, S. Geraldo. O seu logar primitivo fôra na pequenina egreja de S. Miguel do Castello, d'onde foi trasladada no seculo XVII, segundo reza o seguinte letreiro: *Esta obra mandou fazer Dom Diogo Lobo da Silveira, indigno Prior d'esta Igreja, no anno do Senhor de 1664.* Outra inscripção diz ainda: *N'esta pia foy bautisado Elrey Dom Affonso Henriques pelo Arcebispo de Braga S. Giraldo.* E' para notar que se não indique o local donde foi feita a transferencia.

Não sei quaes os fundamentos da piedosa tradição, que todavia não repugna admittir. Que D. Affonso Henriques não deixou de receber o primeiro sacramento imposto pela egreja, pela qual elle tanto combateu, é isso um facto indiscutivel. Se foi S. Geraldo quem lh'o administrou; se foi ali, n'aquella grosseira pedra, que elle se redimiu do peccado original, eis o que resta talvez provar. Em todo o caso, nada se ganha em destruir a lenda, assim como nada se perde em a con-

servar. Fique-se em paz a crença patriotica! O rude e pequeno monolitho vem reproduzido a pag. 86 dos *Monumentos de Portugal*, de Vilhena Barbosa.

II — *Santo Adrião de Vizella.* Seria uma das mais antigas que se conhecem, se não offerecesse duvidas a maneira como o meu illustrado amigo, reverendo J. G. d'Oliveira Guimarães, digno abbade de Tagilde, interpreta a data da inscripção, attribuindo-a á era de 1110, isto é ao anno de 1072. E' de fórma octogona sendo algumas das faces, as que estão á vista, ornamentadas de figuras, em posição de sustentar a pia. As outras quatro partes estão encostadas á parede e parecem lisas. E' um monumento que merece ser analysado e estudado com todo o escrupulo e minuciosidade. A egreja, apesar das suas muitas reconstrucções, ainda conserva o caracter architectonico d'aquellas antigas eras.

III—*Aldeia Gallega d'aparda Merceana.* N'esta egreja existe uma pia baptismal com uma inscripção de que o meu amigo Guilherme J. C. Henriques, o indefesso investigador do concelho de Alemquer, tirou um decalco, que leu da seguinte maneira:

ano domyny m. ccccc xx et octo yohanes prior ornauit eam.

IV—*Labruge.* Diz-me o sr. Luis de Figueiredo da Guerra, erudito escriptor de Vianna do Castello, que tem nota, nos seus apontamentos, da existencia de uma pia baptismal na freguezia de Labruge, concelho de Ponte de Lima, com uma inscripção, que se diz pertencente ao seculo x. Sendo assim, é esta a mais antiga, de que ha conhecimento no nosso paiz. O sr. Guerra não sabe de outra, no districto de Vianna, que lhe pareça digna de menção.

V— *Sé de Braga.* E' de fórma octogona e póde dizer-se uma odesinha esculpida em pedra, em que está symbolisado o sacramento do baptismo. Na base lavrou o artista o martyrio das creanças condemnadas ao limbo pela macula do peccado original. Depois, ascensionalmente, vão-se desenhando as graças e beneficios, que ellas recebem pelas aguas redemptoras. Diz Vilhena Barbosa que a materia prima d'esta peça é o granito, ao passo que o sr. Albano Bellino diz que é de pedra de Ançã. Apresentando eu a contradição a este ultimo escriptor, affirmou-me elle que procedera a novo exame com um perito e que viera na confirmação de que a verdade estava da sua parte. Tanto um como outro a attribuem aos principios do seculo xvi, sendo obra mandada fazer pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, mas não corroboram documentalmente o seu acerto.

Pia Baptismal da Sé Nova de Coimbra

Ao sr. Albano Bellino devo o obsequio da reproducção photographica, que se dignou enviar-me.

VI—*Leça do Balio.* Quem segue a estrada do Porto a Braga, a distancia de uma legua d'aquella cidade, descobre do alto, erguendo-se no valle serpeado pelo Leça, a acastellada egreja que outr'ora pertencera á Ordem de Malta. E' uma das mais antigas casas religiosas do paiz, mas o templo actual já não é o primitivo, tendo sido completa-

mente reedificado por D. frei Estevão Vasques Pimentel, na primeira metade do seculo XIV (1344). Ha todavia dentro d'elle obras posteriores, como são o tumulo de frei João Coelho na capella de Nossa Senhora do Rosario ou do Ferro, como vulgarmente é conhecida, e a pia baptismal. Frei João Coelho falleceu em 1515, mas suppõe-se que mandára construir em vida o seu tumulo, assim como a pia baptismal e o elegante cruzeiro, que está no principio do caminho que conduz á egreja. Estas tres obras, pela uniformidade do estylo, vê-se que sahiram todas do cinzel do mesmo artista, *Diogo Pires o moço*, cujo nome se acha inscripto no tumulo. O esculptor tinha officina em Coimbra e por isso não admira que a materia prima do seu trabalho fôsse a pedra de Ançã.

A pia é de fórma octogona, tendo em quatro das faces o escudo de frei João Coelho, que a mandou fabricar como diz o letreiro:

O prior do Crato dõ frei jõ Coelho a mandou fazer.

Suppõe-se que a era esteja gravada na face encostada á parede, mas não será arriscado attribuil-a approximadamente a 1514, anno em que foi feito o cruzeiro. E' muito elegante e bem ornamentada.

Na mesma egreja, á entrada da porta travessa, existe uma pia de agua benta, que é da época e da procedencia da pia baptismal, tendo tambem as armas de frei João Coelho.

O reverendo Antonio do Carmo Velho de Barbosa, abbade de Leça do Balio publicou no Porto em 1852 uma interessante memoria historica, em que descreve aquelle venerando edificio, narrando as vicissitudes por que passou, a qual é acompanhada de cinco estampas lithographadas, representando uma d'ellas a pia baptismal. O n.º 24 de *A Arte e a Natureza em Portugal* dá-nos d'ella uma excellente representação phototypica.

Pia Baptismal de S. João de Almedina

VII—*Sé Nova de Coimbra.* D. Jorge de Almeida, fallecido em 1543, foi um dos bispos de Coimbra, que mais tempo governaram a sua diocese, pois a sua prelasia se estendeu por cêrca de 62 annos. Durante este longo periodo não se esqueceu de ornamentar a sua egreja, que ainda hoje apresenta valiosissimos vestigios da sua influencia e generosidade, tanto em architectura como em esculptura, em ricos paramentos e alfaias. Essas obras, attendendo ao largo espaço em que foram executadas, ostentam diversos caracteres, sendo umas, como o primoroso retabulo de madeira do altar-mór, em estylo gothico, outras do renascimento, outras emfim de transição. Entre essas obras conta-se a pia baptismal, que foi transferida para a Sé Nova, onde actualmente se encontra.

E' muito elegante, de fórma octogona, como a de Leça do Balio, e tendo como esta em quatro das faces, o escudo de quem a mandou executar. Nas outras, meninos nús tangendo instrumentos musicos, e por detrás d'elles uma fita em que se vê este distico de caracteres gothicos, excellentemente gravados: *Omnes sitientes venite ad aquas. Nequid*

nimis. No pé que sustenta a bacia está o seguinte letreiro de caracteres similhantes: *P.º Ariqez e seu irmão a fez.*

O dr. A. M. Simões de Castro publicou a pag. 13 do vol. x do *Archivo Pittoresco* um artigo, acompanhado de gravura, em que descreve minuciosamente este curioso objecto artistico, e no seu *Panorama photographico de Portugal* (vol. I, pag. 70), reproduziu tambem. Veja-se ainda, do mesmo auctor, *Portugal Pittoresco* artigo intitulado: *O bispo de Coimbra D. Jorge de Almeida e a sua munificencia para com a sua cathedral.*

VIII — *S. João de Almedina.* A pia baptismal d'esta egreja, que é uma das mais notaveis, senão a mais notavel obra de arte n'este genero, passou ignorada dos entendidos até ha bem poucos annos, sendo reproduzida pela primeira vez, creio eu, em gravura, no tomo 4.º da *Historia de Portugal* de Manuel Pinheiro Chagas. (Lisboa, 1900).

Pia Baptismal das Caldas da Rainha

Foi tambem mandada fazer pelo bispo D. Jorge de Almeida, como se prova pelos respectivos brazões d'armas. E' ricamente ornamentada desde a base até á extremidade superior ou borda, sobresahindo os assumptos allusivos ao baptismo. Infelizmente não tem o nome do esculptor. O meu amigo Simões de Castro, a quem devo a copia photographica d'esta pia assim como da antecedente, julga-a posterior á da Sé Nova.

Ultimamente, depois dos trabalhos de restauração, executados em larga escala na Sé Velha, foi removida para ali a pia de S. João de Almedina.

IX — *Santa Cruz de Coimbra.* No estylo do renascimento, de fórmas correctas mas pouco ornamentada. Como a egreja de Santa Cruz, antes da extincção dos conventos, não era parochial, é de vêr que ella teria sido para ali transportada de outra parte, muito provavelmente da contigua e hoje profanada egreja de S. João de Santa Cruz, onde ainda se observa, na capella mór, um formosissimo tecto de pedra.

X — *Caldas da Rainha.* E' profusamente lavrada em laçaria, com algumas cabeças de animaes. O sr. Giner de los Rios, a pag. 182 da sua obra *Portugal — impresiones para servir de guia al viajero*, falla d'ella nos seguintes termos: «En el centro de esta capillita se halla la pila bautismal, preciosa joya del arte manuelino, de excelente gusto en su composición, adornos y bichas; recuerda la de la catedral vieja de Coimbra, más rica, pero trazada en el mismo género.»

A' entrada da porta principal ha uma pia de agua benta, no mesmo genero mas mais singela.

E' de crêr que a pia baptismal fôsse ainda mandada fazer pela rainha D. Leonor, fundadora do edificio.

Outro hespanhol D. Luis Vermell y Busquets, artista de alguma curiosidade, que viajou pelo nosso paiz, estacionando em varios sitios, fez uma reproducção em ponto

pequeno, em pau de nogueira, da pia baptismal das Caldas, a qual foi adquirida por el-rei D. Fernando. Vermell, que se intitulava *o peregrino hespanhol*, publicou alguns opusculos no nosso paiz, e entre elles um assim denominado: *Origem do real hospital e da villa das Caldas da Rainha. Com mais alguma noticia interessante assim historica como archeologica, e tambem acerca da virtude das aguas mineraes da dita villa. Excerpto do Tomo VI da obra inedita das viagens de D. Luiz Vermell y Busquets (o peregrino hespanhol). Pintor e esculptor-entalhador da Real Casa de Sua Magestade o Senhor D. Fernando. Lisboa. Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes. Impressor da Casa Real, Rua dos Calafates 110, 1878.* Ahi, a pag.s 26 e 27, se lê o seguinte:

«A pia baptismal feita em duas peças de pedra fina, é de fórma octogona e de composição bastante rara na collocação de quatro animaes chimericos: o seu ornato é muito e de transição do gosto ogival ao do renascimento, transição que constitue o n'este reino chamado *manuelino*. Esta pia fez-me entrar em tentação de copiar d'ella em relevo só uma oitava parte, para que n'esta villa os fabricantes de louça a reproduzissem, porém foram preguiçosos em fazer a forma, por cuja razão acabei de entalhar a pia toda, em madeira de nogal muito vistosa, no que soffri bastante de animo pela grande paciencia de lavrar as tres ordens octogonas, cada ordem de ornato egual, menos a tampa que foi toda original meu, constancia que por fim foi premiada, pois S. M. el-rei D. Fernando gostou da copia da pia e se dignou adquiril-a, tendo além d'isto por bem n'esta occasião, honrar-me com o titulo de esculptor e entalhador da sua real casa.»

A reproducção de Luiz Vermell, de que dou a photographia, foi adquirida no leilão do espolio d'el-rei D. Fernando por José Gregorio da Silva Barbosa, já fallecido. Creio que seu filho ainda a possue.

XI — *S. Quintino de Mont'Agraço.* O baptisterio d'esta freguezia é abobadado, forradas as paredes com paineis de azulejo, representando o baptismo de Christo. Ao centro a pia baptismal lavrada, declarando no pé a data e o nome do esculptor, segundo se vê d'esta inscripção:

Esta é a pia baptismal onde se lava o peccado original, sendo Bernardo Fialho Vigario em o anno de 1592, Simão Correia a fez.

Simão Correia é mais um nome a inscrever no rol dos nossos artistas.

Aqui ficam lançados, posto que provisoriamente, os lineamentos geraes para uma monographia d'esta especie de monumentos religiosos, que se distinguem do commum pela sua feição artistica ou historica. São poucos os numeros da lista, mas espero podel-os augmentar successivamente, á medida que fôr alongando as minhas investigações. Seja-me permittido observar que quem tiver um dia de fazer trabalho mais completo, não se deve limitar a dar a photographia dos objectos no seu conjuncto, mas tambem a reproduzir, destacando-as, as mais interessantes particularidades da ornamentação. Assim, por exemplo, fornecer-se-hia um importante subsidio para a historia da musica, desenhando em separado os instrumentos que tocam os anjos na pia da Sé Nova de Coimbra. Outros accidentes curiosos se poderiam aproveitar.

O estudo das pias baptismaes constituirá, de certo, uma parte interessante da historia geral da esculptura em pedra no nosso paiz.

Accessorio natural e complemento indispensavel á descripção das pias baptismaes deverá junctar-se, pela sua intima affinidade, a das pias de agua benta. Já toquei, muito de passagem, em duas, a de Leça do Balio e a das Caldas da Rainha. Na egreja do extincto convento da Madre de Deus ha tambem uma, bastante interessante, cujo desenho o leitor poderá consultar na valiosa e bem desenvolvida monographia, que o sr. Victor Ribeiro publicou recentemente sob o titulo de *A Santa Casa da Misericordia de Lisboa*.

SOUSA VITERBO.

Uma visita á Beira

Por ANTONIO ENNES

O homem que acudiu aos silvos afflictos do *Almirante* era o agente da Companhia de Moçambique em Neves Ferreira. Ouvindo da cama o chamamento do vapor, comprehendera a situação, e apressava-se em offerecer aos viajantes desconhecidos que chegavam, primeiro o pharol que lhes mostrasse o porto, depois a sua obsequiosa hospitalidade.

Acceitamos essa hospitalidade porque o acampamento militar distava ainda do lugar do desembarque para dentro das terras, e ainda não dava signal de vida. Fomos recebidos n'uma grande casa tosca com aspecto de armazem, paredes de adobe, tecto de colmo onde a companhia guardava as suas mercadorias e alojava os seus empregados. E que recepção agasalhosa! Que jubilo dos nossos estomagos quando o hospedeiro nos annunciou que ia mandar preparar uma canja. Uma canja áquella hora da noite, em pleno sertão africano, pareceu-nos um milagre tal como nunca Jehovah operou outro em beneficio dos israelitas, perdidos no deserto! Acreditamos na civilização da Africa! Sentamos-nos debaixo d'um telheiro avarandado, na orla d'um terreiro ornado de bananeiras e povoado de palhotas. A' voz do dono da casa, espalhou-se n'esse terreno um afan hospitaleiro; cruzavam-se luzes, pretos sairam das portas cruzando os pannos e esfregando os olhos, cacarejavam gallinhas estranoitadas, fumegava o brazeiro, tintilavam louças. Hora e meia depois, ceiavamos, encantados, reconfortados, e mandámos buscar ao nosso farnel de viajante uma garrafa de Champagne, para levantarmos saudosos brindes á patria!

Mais reparador do que a ceia foi ainda o somno da minha primeira noite passada no sertão.

Deram-me para alcova um compartimento da casa da companhia, que não realizava certamente o ideal europeu de alojamento confortavel. Era fechado por delgados tabiques que não chegavam á cobertura geral do edificio, e por cima d'elles vinham lufadas d'ar humido e voejavam morcegos, zangados com a luz das velas; pelas fendas do taipal de caniço que devia vedar uma janella passavam scintillações de estrellas; tropeçava-se nas asperezas do chão, de terra mal calcada; no reboco branco das paredes negrejavam mosquitos pousados á espera das victimas. Mas a industria do meu criado branco, bebado immerito mas que possuia habilidades de sertanejo, armou n'aquelle desabrigo, com uma cama de campo que levára n'um sacco, lençóes, sarrafos e cordeis, um sumptuoso leito defendido de ventos e insectos por um baldaquino e cortinados, espessos sim, mas impenetraveis á propria luz importuna! Como eu dormi bemaventuradamente n'aquella caranguejola! De manhã, surprehenderam-me dizendo-me que alta noite, os tigres e as quizumbas haviam feito uma matinada infernal nos arredores. Tinham ido talvez ao cheiro da ceia os gulosos!

No dia seguinte, fresco e repousado, sem uma recordação physica das canceiras da viagem, do banho de relento e torturas do estomago, visitei o lugar.

O terreno que entrou para a historia com o nome de Neves Ferreira, só deveu a notoriedade, que d'elle lhe veio, ás circumstancias modestas de estar situado no ponto em que o Pungue é navegavel desde a Beira na maxima estiagem, e de ser levantado sobre elle, não tanto que lhe não cheguem as aguas das grandes cheias, porem um pouco mais que o chão adjacente. Junto d'elle o rio descreve um arco de curto raio, que o contorna, e é quasi todo coberto de arvoredo e matto. O seu monumento vegetal é uma arvore gigante — creio que uma figueira brava, — erguida á beira do Pungue, que cobre de lado a lado com a sua espessa sombra quando o sol está baixo. O grande desaguadouro do planalto de Manica é ali profundo, sim, mas estreito no tempo secco.

O lugar não era povoado por indigenas antes das suas condições topographicas o designarem para estação de transito entre a Beira e Manica, e da Companhia de Moçambique o aproveitar para estabelecimento d'uma feitoria. Em frente d'ella, na outra

margem, é que havia uma aldeola. O feitor da Companhia, Madeira, vivia lá só, com os seus dependentes, e dizia-se que, em vez de attrahir, affugentava a população. Por elle e por o nome d'elle é que os negros da região conheciam a terra: ninguem lhes perguntasse por Neves Ferreira, porque nem idea mostravam ter de tal denominação geographica. *Madeira*, sim, sabiam que era um sitio mal afamado no sertão, onde um branco de barbas compridas, — diziam elles, — obrigava a gente que lhe caía debaixo da mão a carregar pesados motores, pagando-lhes pouco e castigando-os muito. Maldizentes accrescentavam que Madeira tinha engenhosos processos de explorar os negros, até com apparencias de os beneficiar. A certo serviçal déra elle um casaco do seu uso, em recompensa de tarefa extraordinaria, mas advertira-o de que lhe dava o casaco, e não os botões, e que por cada um que perdesse lhe seriam descontados uns tantos réis no salario. Como o homem era descuidado e estava podre o fio com que muitos annos antes fôra cosida a abotoadura, o sordido andrajo depois de dado, rendeu uns descontos mais do que o seu valor.

A feitoria encarregava-se da expedição por terra das mercadorias que subiam pelo Pungue com destino ao interior, das correspondencias e communicações entre esse interior e a Beira, e, alem d'isso estava fornecida d'alguns generos de consumo mais usual no matto, que vendia a retalho a europeus e a indigenas, e, d'entre os europeus tanto a portuguezes como inglezes. Tambem dava hospedagem, mais ou menos generosa aos viajantes, e com a mesma neutralidade politica com que commerciava. Antes de mim, tinha ella alojado, — não menos obsequiosamente, de certo, — uma ranchada de damas inglezas que a pé se haviam mettido ao caminho de Salisbury, para lá exercerem, junto dos seus patricios, uma missão de caridade.

O destacamento do corpo expedicionario havia-se installado a certa distancia da residencia do Madeira, n'um pedaço de chão plano, recuado da margem do rio. A posição fôra escolhida com bom criterio hygienista, e o acampamento formára-se de barracas de palha, dispostas com uma ordem que envergonhava a feira militar da Beira. Essas barracas, muito mais commodas e saudaveis do que as de lona tinham sido armadas, por carregadores das margens do Zambeze, e algumas eram verdadeiros primores de construcção sertaneja. Tinham alpendres, varandins, columnatas, *marcheses*, decorações exteriores, tudo feito com os simples materiaes que o matto offerecia, troncos e ramos d'arvores por descascar, bambus, canniço, palha secca enfeixada com filamentos de plantas. Fariam bôa figura em jardins europeus aquelles *chalets* de architectura variada e vivia-se n'elles confortavelmente, tão abrigado de chuvas como isolado dos ardores do sol.

Uma grande barraca Tollet servia de hospital, completada pelos necessarios annexos, e estava quasi despovoada. O estado sanitario era—em agosto—absolutamente consolador, para o que contribuia, certamente, o regimen hygienico do acampamento, muito avantajado ao que vigorava no areial do Chiveve. Tambem lá os soldados estavam ociosos; mas alem de não pernoitarem debaixo de lona quente e humida tinham largo espaço de chão solido para n'elle se moverem, e eram melhor alimentados. Tambem não caçavam para não serem victimas de desastres da caça; mas caçadores indigenas contractados forneciam frequentemente ao rancho bôa carne de bufalo, de zebra, de gazellas, dos variadissimos antilopes que vagueiam no paiz. Por isso tambem estava mais alto o seu nivel moral, que o dos camaradas que guardavam o porto. Até tinham um aspecto contente.

Além do acampamento e da casa da Companhia, nada mais havia em Neves Ferreira, e nos terrenos circumvizinhos, a não serem algumas choças e ramadas de carregadores e serviçaes indigenas, e alguns abarracamentos de mineiros portuguezes, ali estacionados á espera de conducção para a Beira ou para Massikessi.

A cêrca de meio kilometro da feitoria reconheciam-se ainda vestigios, encontrava-se espolio d'um malfadado emprehendimento, com que um inglez, mais ou menos suggestionado pela *South-Africa*, tentára regularizar as communicações do planalto do interior com o litoral. Esse leviano fura-vidas transportára do Natal até a Beira pelo Pungue acima — imagine-se com que despeza e trabalho! — uma grande manada de bois de carga, destinados á tracção de vehiculos de passageiros e cargas, e conseguira desembarcal-os em Neves Ferreira, quasi ás costas de negros. Ahi quedára-se muito tempo obrigado não sei por que transtornos, e com a demora perdêra quasi todo o gado, comquanto não conste que a *tzé-tzé* se adiante ali tão perto do litoral. Morreram uns bois de doença talvez devido á mudança do clima, outros de fome, alguns escorregando nas ribanceiras do rio onde tentavam beber. não poucos victimados pela brutalidade dos conductores, que pareciam interessados em acabar com as canceiras da conducção. Pou-

cos ficaram para irem deixar os ossos mais longe. Parece que nem ficaram juntas que puxassem uma pesada carreta, de construcção similhante ás que usam os boers, porque lá a vi ainda abandonada.

Esta vizinhança de tanto gado bovino proporcionou a Neves Ferreira os sobresaltos d'um perigo e as ufanias d'um triumpho. A região, sendo como um grande parque de caça grossa, é naturalmente infestada ainda por leões e tigres nas cercanias dos povoados. Alguns officiaes da expedição lá tiveram de consolar a dôr d'um patriarcha indigena a quem um leão dilacerára a filha, e, que, por signal, attribuindo a feitiço a crueldade da fera, buscava o feiticeiro para o matar.

Ora, tantos bois reunidos e parados tentaram naturalmente as gulas d'esses bandidos do sertão, e Neves Ferreira começou a ter as noites inquietadas por rugidos pavorosos, que davam máus sonhos aos seus hospedes, apenas defendidos de garras e dentes carnivoros por taipaes de capim ou de lona. Appareceu, porem, um mineiro, portuguez, que debellou o panico. Emboscado n'uma arvore, em noites claras, esperou as feras, e d'uma vez matou um bello leão, de outra uma leoa e o seu cachorro, que naturalmente andavam buscando o chefe de familia desapparecido.

Nos primeiros tempos Neves Ferreira pouco lucrou com a maior frequencia dos caminhos de Manica, porque os inglezes suscitarem-lhe um rival. Por capricho de nos darem quináus e tambem por desejo de organizarem estações de transito, mas em terrenos ainda não occupados por portuguezes, assentaram de si para si que o cáes interior do Pungue devia ser mais acima, em Mapanda, e fizeram d'essa localidade testa da sua linha terrestre de communicações. Fci um erro que lhes custou muitas vidas. Mapanda é uma acanhada corôa d'areia no meio d'um grande pantano, e nem dá mais facilidades do que Neves Ferreira para embarque e desembarque, porque, naturalmente, o rio empobrece lá mais cedo do que junto da antiga feitoria da Companhia de Moçambique, localizada, evidentemente, por quem tinha estudado bem o paiz.

Fosse o lugar bom ou máu, desde que estava sendo frequentado e n'elle se esboçava um nucleo de povoação, entendera-se acertadamente, que era necessario fazel-o guardar e policiar por forças portuguezas. Para lá se mandára, pois, um destacamento do Corpo expedicionario.

Visitamol-o tambem.

De Neves Ferreira a Mapanda medeiam por terra, cêrca de 8 kilometros. Para a jornada entre os dois lugares aproveita-se parte do primeiro—e unico,—lanço d'uma estrada que as nossas autoridades tinham mandado abrir para Manica por Sarmento e Chimoio, e que ficára em principio. Estrada é um modo de dizer. A obra reduzira-se a cortar o arvoredo e limpar o matto rasteiro n'uma faxa de terreno chato e lizo, e a atravessar madeiros e collocar pedregulhos, como passadeiras, nos leitos dos ribeiros e mucurros. Por essa especie de aceiro nos mettemos n'uma manhã serena e clara, tendo feito programma de voltar a Neves Ferreira, á hora do almoço; mas os programmas de jornada em Africa, cumprem-se tão pouco como os programmas politicos em Portugal, porque os transtorna sempre a força do imprevisto. A poucos metros andados quebrou-se-me acima da cabeça a canna da machila, e, emquanto se ia buscar outra fui andando a pé, e a pé completei a marcha, já com o sol a prumo, porque a prolongaram mais do que a extensão, as asperezas do terreno a percorrer e as distracções e paragens a que convidava a natureza que nos envolvia.

O paiz não é pitoresco. Nem terrivel nem aprazivel. Uma planicie estendida a perder de vista, limitada a um lado por sombras azuladas de serras, d'outro por macissos empastados de vegetação. Arvores isoladas, ou em pequenos grupos, ou em espessas mattas manchando de sombras um chão amarello de matto secco, zebrado ou mosqueado de verduras, que assignalavam charcos ou fios d'agua mal enxutos. Debaixo dos pés uma terra areienta e solta, ou então um lodo secco e gretado, em que tinham ficado impressas as ondulações das aguas das cheias. Nem uma povoação, nem uma palhota perdidas, nem um vestigio humano. A passagem da quizumba assignalada a cada passo por monticulos de fezes brancas como cal. Por mais d'uma vez os negros acocorados, fallaceando gritavam: *pandoso! pandoso!* julgando distinguir pégadas de leão. Tal era o scenario durante kilometros continuos; mas d'um a outro lado do caminho, o campo vasto e descoberto era animado por uma fauna prodigiosa, variada, corpulenta, como o proprio Nemrod talvez jamais visse junto nas planicies nunca batidas da Assyria.

— Que vultos negros são aquelles que lá vão correndo ao longo d'aquelles bosques d'accacias?

— Bufalos, senhor! respondiam os carregadores.

Emquanto um de nós chamava as attenções para uma recua de zebras que, com o chefe á frente, pescoços estendidos, olhavam

para nós, desconfiados, d'entre um matto rasteiro, outro assignalava d'outra parte, animaes amarellos, de chifres erectos, que fugiam sobre o areial e se escondiam n'uma moita. Espalhamos-nos por fóra do caminho, como atiradores dispersos, fazendo fogo um tanto ao acaso.

Um grupo de quatro mirus, do tamanho de bezerros, pareceram querer cortar-nos a estrada; os tiros dispersaram-n'os, correram estonteados para aqui e acolá, um endireitou carreira para nós na desorientação do terror, ferido retrocedeu buscando abrigo n'um tufo d'arvoredo, fômos sobre elle, fugiu, fugiu, até cahir longe, com tres balas Kropatchek no corpo e uma mão partida pelo projectil d'uma Wenchester. N'um relance, os negros degolaram-n'o abriram-n'o, esfolaram-n'o, esquartejaram-n'o, e as suas carnes esfarrapadas e sangrentas carregaram tres homens.

Que terra para caçadores! Merece bem que os *sportmen* do Cabo e até os d'Inglaterra naveguem e jornadeiem milhares de milhas para baterem aquelle immenso parque de caça grossa, em concorrencia e ás vezes em luta aberta com o leão e o tigre. Que infinita variedade de formosas cabeças, para tropheus cygeneticos, e até para museus zoologicos pode ali juntar o atirador esperto que se sujeite ás inclemencias do sertão! Mas cautela com o bufalo! Já por lá tem feito mais victimas talvez, do que as feras classicas que quasi sempre fogem do homem. Em Africa o famoso rei dos desertos é covarde como um gozo; o bufalo perseguido é perigosamente intrepido. Ainda ha pouco, nos arredores de Massikessi, um d'esses animaes foi protagonista d'uma tragedia medonha. Ferido a tiro por dois caçadores, um inglez e outro portuguez, investiu com elles, esfarrapou um, o inglez, e amachucou o outro, depois caiu morto, e vingado sobre os corpos dos seus assaltantes. O negro caça o bufalo, sim, mas pondo-se fóra do alcance das suas arremetidas terriveis, de cima d'uma arvore, detrás d'uns penedos.

Andados alguns kilometros deixamos a estrada, e mettemos por meio d'um campo coberto de esteva alta, de altura d'homem, que parecia uma grande ceara secca de trigo sem espiga. Não nos viamos uns aos outros. A palha flagellava-nos os rostos e cortava as mãos com que a afastavamos. Andámos, andámos, até se nos atravessar deante dos passos um profundo valle; e de entre duas ribanceiras asperosas e pedregosas, sobre um fundo de lodo escuro e mal cheiroso, corria para o Pungue um filete d'agua amarella. Descemos os taludes e trepamos agarrando-nos a ramos de arvores e pennachos de juncos, passámos a agua, pé aqui, pé alem, sobre pedregulhos limosos, e depois de galgar uma encosta arenosa semeada de moitas rasteiras e amarellecidas, achamos-nos em Mapanda, afadigados e tressuantes sim, mas enrijecidos pelo exercicio ao ar livre. Em Africa é que na realidade parar é morrer, tanto physica como politicamente. A terra pareceria ingleza se não estivesse lá o destacamento com a bandeira nacional arvorada deante das casas que lhe serviam de quarteis. Pareceria ingleza até pelo movimento. Não se assentára n'ella uma povoação fixa e regular, mas estabelecêra-se um como acampamento, formado de elementos persistentes e de elementos ephemeros, uns que esperavam, outros que só paravam, barracas de madeira e zinco, solidamente cravadas no solo, que se podiam desarmar e mudar, tendas conicas de lona levantadas para abrigo d'uma noite, pilhas de caixas e barricas que aguardavam consumidores e outras que aguardavam só carregadores, material de estação e material em transito, arrumação de armazens e desarrumação de caes, e trabucando por entre as cargas e os alojamentos, homens robustos, de peito branco a crestar-se pela abertura da camisa desabotoada no pescoço. N'uma lombada que descia para os juncaes e o mangal da beira pantanosa do rio pompeavam casarões e telheiros pintados de fresco, que deviam servir de estação e depositos d'uma companhia de viação, e lá estavam tambem os vehiculos que a impulso das juntas de bois, que tinham morrido em Neves Ferreira, haviam de rodar por montes e valles até Chimoio e Massikessi. Eram umas bellas diligencias, fechadas e envidraçadas, com sua imperial de fôfas almofadas, luzentes de verniz, que annunciavam a sua civilizadora missão em vistosas taboletas, cujas grandes letras douradas diziam *The river Pungue to Manica*. Que melhor, mais commodo e mais luxuoso transporte, se poderia desejar para um sertão invio? Só lhes faltava rodarem; infelizmente não tinham rodado nunca, mais do que do rio até ali, a braços de negros. Não faziam serviço; estavam a estalar ao sol, ameaçava-as a muchem. Apenas se lhes aproveitava a sombra, para leito mudavel de carregadores esfalfados.

Tambem havia um hotel, pois que Mapanda era uma terra civilizada, por condão do genio britannico, no dizer dos jornaes do Natal. Uma grande barraca de taboado accumulava, de feito, esse mister previdente com o de casa de pasto e de loja de todas as cousas vendaveis no matto. O que se via d'este estabelecimento luzia de aceio e frescor, e era fama que servia tenros bifes de

bufalo e grilhava na perfeição costelletas de gazella. Nas alcovas havia regalos e garridices imprevistas: camas com cabeceiras de metal douradas, toucados para mosquiteiros de virginal alvura, espelhinhos de vidro burilados, até utensilios intimos que surprehenderiam a maioria dos nossos hospedeiros da provincia.

Mas faltava tambem alguma cousa n'aquella pousada que tão nobremente aspirava ao *confortable* britannico, faltava freguezia. Os donos cameçavam a desanimar; mais dia menos dia carregavam com a casa para outro sitio.

O cozinheiro, um bello allemão que fallava francez, pôz para ali, em confidencia comnosco, os infortunios dos patrões. *C'est une sale affaire, messieurs, une sale affaire!* Não passava ninguem. Algum aventureiro que apparecia, subindo ou descendo, dormia no chão e comia um punhado d'arroz cozido. *Une sale affaire, monsieur!* Alguns queriam comer, sim, mas dado de esmola. Os generos chegavam por um preço doido; o calor estragava-os. *Sale affaire! Sale affaire!* Depois, o clima era uma peste. Em vez de restaurant era preciso um hospital. *Quel sale affaire! Sacré nom!*

O allemão não exaggerava. Apesar de ter chegado na vespera o vapor da Beira, o *Agnes*, não havia um só forasteiro no hotel. Meia duzia d'elles que tinham desembarcado estavam abrigados em barracas de lona e em casunchos de madeira tosca, similhantes aos dos nossos guardas de obras publicas, e cozinhavam ao ar livre, sobre uns cavacos accesos, quaesquer drogas de latas. O unico commercio prospero da casa era a venda de *brandy*, do *whisky* e da cerveja. Como na Beira, o areial estava juncado de garrafas e botijas vasias. Iam negros de muitas milhas em derredor, provêr-se ali d'esses utensilios altamente cotados e apreciados pela economia domestica dos indigenas. Longe dos povoados, uma garrafa é um *saguate*, ainda que não esteja cheia.

Na desordem dura d'aquella arena de *struggle for life*, n'aquelle tosco arraial de cobiça e rapina, armado no meio d'uma natureza inclemente, tivemos a fortuna de descobrir uma nota meiga e sentimental. Sentados n'um banco de pau á porta do quartel espraiavamos a vista pelo campo inundado de sol, tão quente que fazia ondular a atmosphera e fumegar a terra, quando nos pareceu distinguir, lá para baixo, perto do rio, n'um terreno verde pejado de madeiras, uns vultos leves de côres vivas, correndo por entre as moitas que as encobriam a espaços e soltando na carreira vozes de timbre fresco e inflexões alegres, que a aragem nos transmittia. Mulheres, creanças ali! Fomos vêr de perto. Uma senhora ingleza, ainda nova, vestida com um *jersey* vermelho e uma saia de xadrez escuro, largo chapeu de palha pousado sobre as tranças louras, ralhava, n'uma risonha colera materna, com dois *babies*, de poucos annos, que fugiam deante d'ella, provocando-a com girandolas de gargalhadas limpidas, a apanhal-as na carreira e nos saltos. Aquellas tres creaturas que assim folgavam á beira d'uma valla que exhalava morte, eram a familia d'um *prospector* britannico, que se fôra encontrar com elle para o acompanhar a Manica! Hesitamos entre o enternecimento e a indignação. Deviamos venerar a esposa visivelmente meiga que se expunha aos tratos e baldões d'uma viagem barbara para retemperar a coragem laboriosa do esposo com os carinhos do seu amor, ou odiar a mãe egoista que não soltava os filhos dos braços nem quando se aventurava, mal segura no cairel d'um abysmo? Que ferocidades tem ás vezes a ternura! Pobres creanças! Tivemos desejos de as roubar. O que seria feito d'ellas, poucos mezes volvidos, das rosas d'aquelles rostinhos nedios, do brilho humido dos seus olhos azues, do riso expansivo dos seus labios vermelhos?

Provavelmente jazeriam mirrados esqueletos, na terra a que o pae queria arrancar ouro para lhes dourar o futuro. Ouro e gemmas lhes daria elle, a essa terra crúa, o ouro das cabelleiras annelladas dos filhinhos, as perolas das suas lagrimas de dôr e de remorsos, choradas sobre as sepulturas cavadas com a cobiçosa picareta de mineiro, bem fundo, bem fundo, na rocha viva, para que as não revolvessem garras de hyenas! Desditosas creanças! Maldita febre do ouro!

Ao passo que a raça britannica se fazia representar em Mapanda até pelas suas tenras vergonteas, portuguezes só lá haviam os soldados e os officiaes do destacamento, postos de guarda ao trabalho estrangeiro. Viviam em bons termos com os seus vizinhos, e estavam conformados. Tinham alojamento sadio, e rancho variado pela fortuna da caça. A barraca do commandante, o tenente Barros, foi a nossa estação de descanço; sentados em barris e em cepos comemos *sandwiches* de bufalo assado, que o appetite nos fez parecer tenro e saboroso. N'esta refeição como na visita á terra, foi-nos companheiro uma personagem do paiz, o seu chefe indigena, o regulo de Mapanda, que, encruzado no chão á porta da barraca, — dentro d'ella enfrascal-a-hia em catinga, — roia os ossos que resistiam aos dentes da nossa fome, e escorropichava dando palmadas de reconhe-

cimento os restos do carrascão expedicionario que deixavamos nos copos.

Era elle um negralhão da ultura d'um zimborio, musculoso, de carapinha e barbicha já polvilhados de branco. Nunca vi soberania mais desataviada do que a sua! talvez por presumpção das formas athleticas, só d'ellas occultava á contemplação dos subditos o que só se pode encobrir com uma suja tanga de algodão crú.

Andava porém constantemente escoltado por um *secretario*, typo acabado de velhaco, mais adornado do que o amo e adornado com uma sabia imparcialidade internacional porque aportuguezara o thorax com uma fardeta velha de soldado de infanteria 1, e britannizara a cabeça encaixando n'ella um velho feltro atirado ao lixo por algum *pioneer* da *South-Africa*. As relações entre os dois trunfos inseparaveis davam idea de que em Mapanda o poder e os seus gosos estavam equitativamente e fraternalmente repartidos entre a realeza e a aristocracia, porque o regulo não comia nem bebia o que lhe davamos sem fazer partilhas com o secretario, e até um cigarro que lhe offerecemos foi fumado por ambos, chupão um chupão outro, com perfeita egualdade.

Evidentemente a governança d'aquellas terras não era muito laboriosa porque os seus dois chefes faziam vida de andar por ali a espreitar onde se comia, para cobrar um tributo de sobejos, não imposto com os sobrecenhos do fisco europeu, antes angariado com mesuras e rapa pés. O secretario entendia e balbuciava portuguez, e por meio d'elle aviriguámos a *politica* do regulo. Essa politica prestava homenagem ao *cartaxo* de Portugal e ao *gin* de Inglaterra, mas só reconhecia realmente a soberania do Gungunhana.

O Mapanda tinha um medo superstiçioso, infantil do potentado de Gaza, apesar de viver dezenas e dezenas de leguas arredado d'elle. Querendo nós photographal-o, não consentiu — o que não obstou a que o apanhassemos com um *kodak* — allegando que o Gungunhana podia castigal-o. Sendo-lhe observado que os portuguezes não consentiriam que o grande chefe lhe fizesse mal, desatou a sir chocarreiramente, desdenhosamente, parecendo-lhe comica a nossa presumpção de poder protegel-o contra as iras do seu terrivel suzerano. Tal é a fama que elle tem, tal é o terror que as suas armas espalham, em todo o sertão da Beira até o Zambeze!

O temor do Gungunhana, que prohibia ao Mapanda o prazer vaidoso de se retratar, não o dissuadia, porém, de se embebedar, comquanto o filho de Muzilla tenha certas pretenções a considerar a embriaguez como um privilegio de sua soberania. Era uma esponja insaciavel. Quando o deixámos, mandamol-o ir a Neves Ferreira receber um *saguate*, porque não tinhamos ido prevenidos para encontros com magnates indigenas, mas elle não appareceu lá. Chegou a pôr-se a caminho, mas ia tão mal firmado nas pernas que caiu n'um barranco e ficou a dormir.

No dia seguida a este passeio embarcámos em Neves Ferreira de regresso á Beira, ao meio dia para aproveitar a vazante.

(Continúa).

UMA ANTIGA DEVOÇÃO

É de sua essencia tão melindroso e susceptivel o sentimento da confiança que até aquella que a ingenua piedade deposita na intervenção divina mais directa, definida e affirmada pelas devoções especiaes, soffre variações de intensidade com o decorrer dos tempos ou perde a adhesão das almas simples. Parece até — Deus nos perdõe — que a moda ou a egoista commodidade influem poderosamente no favor e na concorrencia que sustentam os lugares de devota peregrinação. Este que aqui se descreve e cuja estranha paisagem deslumbra, é exemplo d'aquella inconstancia.

No sudoeste da França, entre o largo valle onde voltêam ridentes as aguas do Dordonha, e aquelle outro em que o Lot descreve as suas longas sinuosidades, estende-se e eleva-se um grande e arido *plateau* — planicie de penhascoso aspecto, crivada de buracos e de cavernas profundas — monotono, triste, de vegetação escassa, apenas aqui e acolá um definhado carvalho, um pallido vidoeiro ou a espaços uns cachos de tomilho bravo e de urze. Estranho *plateau* este, sob cujo solo passam correntes de rios que podem ser vistos com risco de vida, descendo pelas fendas ás fundas cavernas, trezentos pés de profundidade approximadamente.

Chama-se esta penhascosa e inculta região o Causse de Gramat. E' quasi completamente ermo: alguma rara habitação humana, aqui um pequeno casal, mais além uma primitiva aldêa, o terreno de valor nullo ou infimo. Sente-se ou antes soffre-se do silencio deserto; apenas pelas tardes, aquella serenidade é interrompida por um longo e longinquo ruido, surdo e continuo, estranho como o proprio paiz, plangente, dolorido, que produz o movimento de innumeros rebanhos de carneiros pretos, de lãs fartas como jubas de leões, recolhendo das pastagens escassas de grossa e curta herva, e tangendo pelo balanceo rythmico dos pescoços o *eskillo* — um pezado e rachado chocalho de som selvagem e singular, ou innumeros pequenos guisos afinados n'uma variada gamma chromatica.

E' illimitado o horizonte do Causse. Encontra-se de vez em quando um *dolmen* que nos faz pensar, á medida que vão cahindo as sombras da noite, se ainda apparecerão por ali aquelles velhos druidas de longas barbas brancas, a offerecerem á luz pallida da lua os seus sacrificios sinistros, cantando psalmos de tragica glorificação.

Repentinamente, de surpreza para quem vae atravessando aquelle deserto, entreabre-se um abysmo a seus pés—uma enorme brecha nos rochedos de granito, e um quadro sem parallelo se apresenta aos olhos maravilhados. Longe e para baixo avista-se um valle sombrio e verdejante de macia relva, arborisado de sycómoros e de faias — o silencioso valle de

Rocamadour, tão profundo e tão estreito que nos seus verdes campos só penetra o sol do meio dia, ao mesmo tempo que as arvores crescem altas e delgadas no supremo esforço de receberem os raios de luz que lhes dê vida.

E' quasi indizivel o effeito da transição rapida, da surpreza produzida por este desconhecido oasis, depois de percorridas as extensões aridas e pedregosas do alto Causse.

Um rio, o despenhado Alzon, retorce as suas longas curvas por entre o valle ridente, desapparecendo por momentos detrás de sarças espessas, para apparecer de novo mais longe perto dos altos choupos e dos elegantes vidoeiros. Mas grandes rochedos escarpados cercam este encantador eden, e um d'elles aprumado, enorme, agudo, maior do que todos os outros, volta para o sol nascente a sua face cicatrizada e atrevida.

Meio caminho acima, os seus rebordos escabrosos sustentam uma massa de alvenaria, quadrada, amêada, com telhados de ardosias — mais uma fortaleza do que uma egreja — o eremiterio de St. Amadour. Nenhum silvo agudo da locomotiva, nenhuma caravana de *touristes* vem quebrar o silencio d'este longinquo sanctuario, que hoje é conhecido apenas dos humildes camponezes que ainda sobem a sua escada santa e vêem dobrar o joelho perante a imagem da Virgem.

Tal é Rocamadour, a mais antiga e outr'ora a mais venerada peregrinação de toda a França, visitada pelo proprio rei São Luis e por muitos outros seus successores. Por elles foram enriquecidos os altares e construidas as capellas, e milhares de peregrinos vieram procurar o favor divino dos seus milagres. Porém as épocas subsequentes apagaram a antiga gloria e fama, não obstante mesmo hoje, em nossos dias, muito esforço se ter empregado em lhe restaurar a antiga grandeza.

Uma comprida e sinuosa estrada desce gradualmente desde o nivel do elevado *plateau* até a pequena villa que abraça os grandes penhascos, os quaes servem de alicerces á construcção audaciosa do sanctuario. Um enorme sycómoro, cuja base é cercada por largo assento de pedra e cujos ramos esparsos abrigam uma cruz de pedra coberta de musgo, delimita o termo da estrada. N'este pequeno terreiro ou largo, que ainda domina o valle, os camponezes reunem-se nas tardes frescas, quando as montanhas sobranceiras lançam para muito além, no espaço, a sua grande sombra, alongada, gigantea. Aqui, tambem, está estabelecido o ferrador, com o seu banco sob um alpendre, trabalhando no paciente ferrar dos bois inquietos. Entra-se na villa, por um antigo portão de fortificação chapeado de ferro, um dos quatro que ainda existem e se emcontram no prolongamento da estrada; depois entra-se na unica rua da villa, tão estreita que dois carros não poderiam passar de par, necessidade que se não sente em Rocamadour! Algumas lojas pequenas, uma especie de botequim, duas hospedarias confortaveis é tudo quanto contribue para toda a vida da pequena villa. A meio caminho, entre as duas portas de ferro exteriores, eleva-se uma larga escadaria

de pedra, que conduz aos sanctuarios. Muitos penitentes, em cumprimento de afflictivas promessas, sobem todos estes duzentos degraus de joelhos, resando uma *Ave-Maria* em cada genuflexão. Tivemos ensejo de vêr um grupo de seis, cinco mulheres e um homem, cumprindo esta piedosa devoção; as mulheres de joelhos, mas o homem, muito velho e entorpecido, mal podia conservar-se de pé e acompanhal-as nos responsos.

N'uma volta, ao cimo das escadas, passa-se por entre fileiras de pequenas lojas onde se vendem recordações e lembranças devidamente benzidas. Está-se então defronte de um grande portal gothico, e em frente um grupo de mendigos. Uma dupla porta de carvalho massiço, guarnecido de enormes pregos de cabeça larga, e de tiras de ferro lavrado, abre e dá accesso a uma segunda escada que afunila o seu traçado pelas escuras abobadas de uma das maiores construcções. As vendedoras de rosarios e crucifixos sentam-se nos degraus, fazendo trabalhos de malha ou conversando com os visitantes. Uma explosão de luz e um despontar de céo azul sobre as nossas cabeças: eis-nos no adro, rodeado de capellas por todos os lados.

Antes das dez, ouve-se um côro de sinos, alegres a repicar e a repercutir eccos nos despidos penhascos. Os sinos, de notas graves, dos sanctuarios são afinados pelas notas mais altas e sonoras do carrilhão do convento das freiras. As irmãs em longas vestes negras descem a estreita vereda, as mulheres na aldêa largam o trabalho e começam a trepar os grandes degraus, passando pelos dedos em contagem escrupulosa as contas dos seus rosarios. Os mendigos tomam os seus lugares habituaes, estadeiam cartazes ao pescoço ou fazem tinir uma moeda de cobre nas marmitas de folha, quando passa algum visitante. Os sinos vão tangendo e os rochedos suspensos resoam e devolvem os sons n'uma complexa reflexão que os repete de quebrada em quebrada. As camponezas com as suas toucas brancas, alquebradas pela idade, velhos de blusas azues curtas, raparigas com as suas toucas enfeitadas de fitas multicolores, padres com longas batinas negras, e as religiosas com os seus véus a fluctuar, entram pela porta aberta do sanctuario e desapparecem na escuridão.

O bedel, no seu esplendido costume de escarlate e oiro, passeia para trás e para

diante na balaustrada superior—isolada sentinella de paz.

Primeiro, uma vista d'olhos ás capellas do adro que formam um rectangulo irregular, com as entradas em differentes niveis. Em frente, no topo e em cima de uma curta escada está a capella da Virgem,— um edificio gothico quadrado, cujo angulo é adornado d'uma delicada *tourelle*, côroada por uma grande figura da Virgem. Perto da entrada, está pintada, na parede exterior, uma estranha dança macabra. Os camponezes, quando d'ella se abeiram, tiram os chapéus e entoam um velho cantico muito original. Os asperos rochedos de granito formam toda a parede occidental da capella da Virgem e por esta parede fóra ardem velas de todos os tamanhos, votivas offertas dos peregrinos. O interior é pleno de mysterio, estranhamente afeiado pelas irregularidades dos rochedos denteados. As decorações augmentam o effeito mystico—rico e carregado em côr, com muita ornamentação e dourados. Mais acima do altar, resguardada como reliquia, sob um docel de bronze dourado, está a estatua milagrosa da Virgem e do Menino Jesus, magnificamente vestida, e dizem ter sido cinzelada no primeiro seculo da era christã.

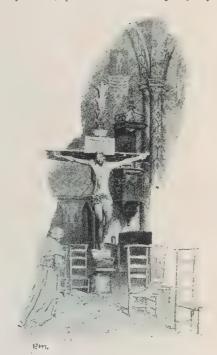
Uma pequena porta d'esta capella dá accesso á egreja de São Salvador, o grande edificio quadrangular que tanta curiosidade desperta, quando visto a distancia. O seu interior é grandiosamente espaçoso e decorado com recordações das visitas de muitas personagens reaes—S. Luis, Carlos IV, Luis XI, e outros. Por baixo d'esta egreja, cortada no rochedo, está a capella de Santo Amadour.

Agora as vozes na egreja unem-se n'uma antiphona; as portas abrem-se de novo de par em par, e o povo sae formando grupos no adro.

As comadres da aldêa contam-se as novas do dia, e commentam-nas; as irmãs religiosas dizem alguma palavra de conforto aos que d'ellas se acercam em queixas intimas, os padres capellães passam rapidamente ou seguidos d'um ou outro visitante que lhes veio recommendado. E em breve, pouco a pouco, o lugar retorna á sua costumada quietação pacifica.

Uma longa e escura passagem conduz do adro a um portão, poderosamente reforçado com todas as defesas da arte militar feudal —chanfranduras, seteiras, pontes levadiças. Os soldados do velho castello podiam outr'ora vir tomar posição junto d'este, por meio de um caminho de mais de duzentos degraus, cortados nos rochedos e sem serem vistos pelo inimigo. Podiam, portanto, dar auxilio em defesa dos sanctuarios e dos seus thesouros durante as grandes guerras da Edade Media, quando infamavam o paiz inteiro bandos de salteadores ou de soldadesca indisciplinada e revolta. Hoje as escadas são utilizadas somente pelos padres, quando descem do mosteiro, munidos de lanternas, para repetir as matinas ou as vesperas.

Na frente do grande portão, eleva-se o caminho da cruz, longo, em zigue-zague; em cada volta, uma das quatorze estações, em pequenas capellas; e na extremidade, no topo do grande penhasco, ergue-se uma enorme cruz de madeira.

Na subida attinge-se o nivel do velho castello, actual residencia dos capellães, e recentemente remodelada. Comtudo conserva ainda a sua antiga torre quadrangular e as ameias. Pode subir-se a estas e ir pelo *chemin de ronde*, admirar o magnifico panorama. Em tres lados da torre alcança a vista as ondulações do interminavel Causse, deserto sobre deserto, cortado aqui e ali por longas linhas de entrincheiramentos de granito. Porém a quarta face da torre de menagem olha para a medonha altura sobre o valle. Sente-se estranha sensação, apenas comparavel á experimentada por quem um dia assomou ao lado pendente da Torre inclinada de Pisa. Causa vertigens quando o olhar aprofunda muito

ao longe, em baixo, os telhados das pequenas casas, ainda em telha hespanhola, e o fertil valle vae serpeando por entre margens escarpadas como um rio brando e verde, desapparecendo ora para éste ora para oeste, no seu rapido e sinuoso curso. Aqui nas ameias, vem irresistivelmente á memoria os fastos dos tempos idos quando a espada dominava, e a defesa da vida levava a construir aquelles soberbos ninhos de aguia, dependurados d'um abysmo. Agora reina a paz da consciencia; o sol já não accende centelhas nas laminas das espadas ou no aço das armaduras reluzentes, e ao desapparecer á noute, por detrás do *plateau*, sem terrores sinistros, desdobra sobre o valle, como manto de agasalho e caricia de guarda solicito, a sua longa sombra niveladora, que tudo funde na treva...

A TAÇA

Eil-a ahi vae boiando a minha taça
Vazia do licor dos meus affectos,
Porque a tocaram labios desinquietos
Das ondas espumantes da Desgraça!

Antes de ir dar ao mar a lua a abraça
Num vago olhar de sonhos incompletos,
E os salgueiros do rio formam tectos
Verdes de esp'rança a ciciar-lhe:—Passa!

Ribeiro abaixo, ás vezes, um raminho
Enleia-se-lhe ao pé, mas, em seguida,
Torna a corrente a abrir o seu caminho!

Pobre da minha taça denegrida,
Ahi vae ella—doida, em remoinho,—
Enxuta a atravessar o mar da Vida!

AFFONSO GAYO.

MINUETE
por J. B. Lully
Moderato assai
PIANO
p
stacc.
p
cresc.
p
Nunes da Silva-Des.

cresc.
stacc.

Cadeia da Relação do Porto, onde está installado o Posto Anthropometrico

Anthropometria Criminal

Na segunda metade do seculo XIX avigora-se a anthropologia, uma sciencia moderna que no seu inicio era apenas constituida dos escriptos de medicos e de naturalistas, mas que em breve se firmou em bases solidas, tomando nos ultimos annos um desenvolvimento notavel e derramando grande luz na solução dos problemas em que se empenham outras sciencias.

O seu movimento tão extraordinario lá fóra, tem sido diminuto em Portugal, onde apenas lhe rende culto uma restricta, posto que valiosa phalange de homens de sciencia, em que se destaca com um enorme brilho o nome do eminente anthropologista sr. conselheiro Bernardino Machado, que rege com notavel proficiencia a cadeira de anthropologia na Universidade e a quem se deve a constituição da Sociedade de Anthropologia de Coimbra, em 1897.

Para incitar e desenvolver a anthropologia e sciencias accessorias pouco se tem feito em o nosso paiz, se excluirmos os magnificos trabalhos do gabinete annexo á cadeira de anthropologia na Universidade, que são de uma importancia capital; os emprehendidos e levados a cabo por alguns benemeritos que teem consagrado a sua existencia ás explorações archeologicas, colligindo os resultados d'essas pesquizas em importantes museus provinciaes; e as investigações ethnographicas que teem sido realizadas por homens enthusiastas e emprehendedores. O museu ethnologico de Lisboa e o de Coimbra constituem tambem um apreciavel melhoramento.

O restricto desenvolvimento dos estudos anthropologicos em Portugal é posto em destaque pelo talentoso lente da Universidade sr. dr. Alvaro José da Silva Basto, no seu bello livro *Indices cephalicos dos Portuguezes*, no qual, tractando da necessidade instante da creação d'uma sociedade d'anthropologia, se refere á constituição da Sociedade d'Anthropologia de Coimbra, a que já alludimos.

Um dos ramos d'esta sciencia que se applica especialmente aos criminosos, conta

alguns progressos em Portugal e promette ser fecundo em resultados praticos.

A anthropologia criminal, nascida e cultivada principalmente na Italia, e cujo verdadeiro creador foi Cesare Lombroso [1] com a publicação em 1871 da primeira edição de *L'Uomo delinquente* veio modificar profundamente o direito penal.

A sua marcha tem sido lenta mas segura, e se o caminho lhe foi preparado por Broca, lançando os fundamentos da anthropologia, por Esquirol et Morel, creando por assim dizer a psychiatria, de que Pinel estabelecera os lineamentos, e por Orfila e Tardieu, estudando a medicina legal, o brilho que a reveste deve-o ao grande criminalista que precisou a idéa do *criminoso-nato*, desenhando o seu typo por meio de estudos tão pacientes como engenhosos, e a Garofalo, Moreau de Tours, Lasègne, Morel, Dailly, Maudsley, Fabret, Despine, Morselli, Ottolenghi, Marro, Puglia, Sergi, Laschi, Virgilio, Frigerio e tantos outros.

Cons.º Dr. Arthur A. de Campos Henriques
Ministro da Justiça. (Desenho do sr. Valle e Souza)

A obra do mestre foi completada por Eurico Ferri, um dos mais ardentes partidarios da escola lombrosiana, o qual no seu enthusiasmo pela nova sciencia escreve: «se o congresso de Roma em 1885 foi o *baptismo* da anthropologia criminal e da escola positiva, o congresso de Paris em 1889 foi a sua *confirmação*» [2].

Em Hespanha occupam-se de anthropologia criminal o professor Salillas e o director da *Revista d'Anthropologia criminal* Alvarez Taladriz.

Em Portugal um dos mais brilhantes cultores é o dr. Antonio Ferreira Augusto que em diversos trabalhos entre os quaes *Bibliotheca de Criminologia*, — 1.º — *Postos Anthropometricos* e *Revista d'Anthropologia criminal*, tem affirmado o seu robusto intellecto e a sua dedicação pela sciencia, e a quem se deve a vulgarisação em o nosso paiz do systema de Bertillon, pois foi este illustre magistrado o primeiro que advogou na *Revista dos Tribunaes* a creação, nas cadeias, dos postos anthropometricos, tão reclamados pelo estudo da anthropologia criminal, policial e serviço dos tribunaes.

D. Francisco de Almada e Mendonça
Celebre Corregedor do Porto. — Busto em bronze (Desenho do sr. Valle e Souza)

❧ ❧ ❧

O regulamento das cadeias civis de 21 de setembro de 1901, que deu existencia effectiva aos postos anthropometricos, foi um relevantissimo serviço prestado ás nossas instituições prisionaes pelo nobre ministro da justiça sr. conselheiro Arthur Alberto de Campos Henri-

[1] De Lombroso escreve Tarde:

«Ce chercheur enthousiaste, malgré son absence de méthode, malgré son insuffisance de critique et cette complication désordonnée de faits hétérogènes, malgré ce penchant à prendre pour la preuve d'une régle une accumulation d'exceptions, enfin malgré cette précipitation nerveuse de jugement et cette obsession d'idées fixes, je veux dire d'idées filantes, qui se remarquent dans tous ses écrits, et que sa fougue entrainnante, sa richesse d'aperçus, son ingeniosité originale ne par-

ques que continua brilhantemente a gloriosa tradição que anda ligada ao seu nome, engrandecendo na pasta da justiça a sua privilegiada inteilligencia que já tão notavelmente se salientára na das obras publicas, onde revelára eminentes qualidades de estadista e espirito emprehendedor e enthusiasta pelas questões de mais alcance para o fomento nacional.

O sr. conselheiro Campos Henriques, tem-se interessado fervorosamente pelos assumptos judiciarios, como o revelam as importantes providencias e melhoramentos que introduziu ainda ultimamente em a nossa legislação, e um dos diplomas que mais honram o illustre estadista é o decreto de 21 de setembro de 1901, estatuindo, no seu art. 77.º, que «haverá nas cadeias um posto anthropometrico destinado não só ao estudo da anthropologia criminal, mas tambem a auxiliar os serviços policial e dos tribunaes na verificação exacta, tanto quanto possivel, da identidade dos individuos que n'ellas derem entrada, ou forem detidos pelas auctoridades administrativas ou policiaes.»

Vinculando brilhantemente o seu prestigioso nome á historia da anthropometria criminal em Portugal, o illustre ministro collocou o nosso paiz a par d'outras nações, que, reconhecendo as vantagens e efficacia do methodo d'identificação anthropometrica de Bertillon para o descobrimento dos reincidentes e dos frequentadores *habitués* das cadeias, estabeleceram as suas repartições d'anthropometria, que deviam ser installadas em todas as nações do mundo como o reconhecem enthusiasticamente os mais importantes criminalistas, prisionistas e congressos.

Dr. Antonio Ferreira Augusto
Procurador Regio junto da Relação do Porto

Em 1885 reuniu-se em Roma o primeiro congresso de anthropologia criminal em que o illustre inventor do methodo d'identificação anthropometrica, Alphonse Bertillon, apresentou o seu brilhante relatorio; e o congresso discutindo-o, [3] foi de parecer que tão engenhoso systema devia ser implantado em todas as nações, não sendo possivel executar-se praticamente uma lei sobre reincidencias sem a creação dos postos anthropometricos.

Alphonse Bertillon *(Desenho do sr. Valle e Sousa)*

O segundo congresso d'anthropologia criminal pronuncia-se tambem a tal respeito como se vê das suas *Actes* [2]; e o terceiro congresso d'anthropologia criminal, celebrado em Bruxellas em 1892, em seguida a uma notavel discussão, que poz em relevo o emprego que na anthropometria podem ter algumas novas applicações de estudos anthropologicos, como o minucioso exame dos dedos, reconheceu a utilidade do methodo de Bertillon, quanto

viennent pas à faire oublier, ce novateur passionné a réussi à faire école.»

[2] *Archivio di Psychiatria*, o orgão periodico da *nuova scuola*, vol. 10, fasc. V.

as suas operações teem de extremamente simples e de infallivel, e votou a favor da sua implantação, desejando *«ver adoptar e desen-*

Medida em pé da estatura

volver em todos os paizes o systema dos signaes anthropometricos, não sómente para melhor se conhecer a identidade dos reincidentes, mas tambem para a verificação exacta e rapida da identidade pessoal.» [3]

E o bello relatorio sobre serviços anthropometricos apresentado no mesmo congresso por Ryckere [4], affirmava que «a internacionalização do serviço anthropometrico está destinada a prestar muitos serviços. Devemos desejar que a sua realisação seja rapida: o serviço anthropometrico apenas produzirá o seu *maximum* de utilidade quando todas as nações o tiverem adoptado».

A implantação do systema de Bertillon em Portugal tornará mais proficuas as investigações da justiça, reduzindo extremamente o numero dos reincidentes e dos que frequentam habitualmente as prisões, averiguando-se o mais depressa possivel a identidade de um individuo que tenha usurpado um nome que não lhe pertence ou que pretenda encobrir a sua personalidade, por mais astuto que seja o detido, definindo-se a curso trecho a sua situação juridica e garantindo efficazmente a segurança individual.

Anteriormente á installação do posto anthropometrico juncto das cadeias da Relação do Porto [1], que foi o primeiro montado no paiz em harmonia com as prescripções do methodo de Bertillon, não havia entre nós uma repartição, onde se determinasse a identidade dos presos.

A' data em que escrevemos, porém, estão já installados postos anthropometricos em diversas comarcas do districto judicial da Relação do Porto, como Villa do Conde, Santo Thyrso, Barcellos, Guimarães, Paços de Ferreira, Vianna do Castello, Pinhel, Trancoso, Fafe, Villa Pouca d'Aguiar, e estando para breve a sua installação em Coimbra, Penafiel, Arcos-de-Val-de-Vez, Gouveia, Aveiro, Bragança, Vimioso e Vizeu, esperando-se que fiquem funccionando em trinta comarcas da Relação do Porto.

Comprimento dos braços abertos em cruz

A installação d'estes postos deve-se á robusta iniciativa do illustre procurador régio junto d'aquella Relação sr. dr. Antonio Fer-

[1] *Actes*, pag 151.
[2] *Actes du Deuxieme Congrès*, Paris, agosto, de 1889, pag. 36.
[3] *Actes*, pag. 97, 443 e 481.
[4] *Actes*, pag. 100.

[1] Está installado n'uma antiga dependencia da secretaria do edificio da cadeia da relação que se deve ao celebre corregedor do Porto, D. Francisco d'Almada e Mendonça, que em janeiro de 1765 fez lançar a primeira pedra para a

reira Augusto que, como já frizámos, é o mais ardente e benemerito apostolo do methodo de Bertillon em Portugal e um dos mais auctorisados jurisconsultos nacionaes que tem consagrado ao cultivo da sciencia o seu vigoroso talento, consumindo a sua existencia no estudo das questões que interessam a criminologia, de sua mais predilecta eleição, e entregando-se n'uma constante e amorosa meditação ao estudo dos criminosos e dos serviços de cadeias, em que o sr. dr. Ferreira Augusto é uma auctoridade incontestavel.

O sr. dr. Ferreira Augusto, a quem dedicamos a mais enthusiastica admiração, não se limitou a advogar calorosamente no projecto sobre a organisação dos serviços das cadeias que elaborou por ordem do antigo ministro da justiça sr. conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco, na imprensa periodica e juridica, [1] e no livro a creação dos postos anthropometricos, explicando com toda a clareza e com a alta experiencia que tem do assumpto, o methodo de Bertillon, os seus principaes lineamentos, a sua utilidade e vantagem pratica para as investigações da justiça e descoberta de reincidentes e de simples criminosos; tem envidado tambem todos os esforços para que no districto judicial em

Comprimento da cabeça

Medida do busto

que superintende tenha plena execução o capitulo XII, art. 77 e segg., dodecreto de 21 de setembro de 1901 com que a intelligencia d'um estadista d'alta iniciativa dotou o nosso paiz.

Na realização de tão importante melhoramento, o illustre procurador régio juncto da Relação do Porto tem a satisfação de vêr os seus esforços deligentemente secundados

sua construcção no mesmo loca em que existiu a antiga, alluida no primeiro de abril de 1752.

D. Francisco d'Almada foi um dos mais illustres auxiliares do marquez de Pombal e u n funccionario intelligentissimo e d'uma actividade prodigiosa. Corregedor e provedor da comarca do Porto, juiz dos contrabandos e juiz geral das coutadas reaes do reino, presidente do thesouro portuense, conservador do juizo do sal, inspector das obras publicas na provincia do norte, intendente de marinha, presidente da junta administrativa da fazenda, juiz do subsidio litterario, desembargador, donatario e primeiro senhor da villa da Ponte da Barca, dotou o Porto com melhoramentos importantissimos como o quartel do Campo da Regeneração, o theatro de S. João, o cemiterio do Prado do Repouso, cadeia da Relação, rua do Almada, etc., que tanto exaltam a sua extraordinaria energia.

Fallecendo pobrissimo a 18 d'agosto de 1804 deixava um grande e bello exemplo de honestidade. Em 17 de dezembro de 1839 foram trasladados os seus restos mortaes da egreja da Misericordia para o cemiterio do Prado do Repouso, onde tem sepultura, fronteira á capella, com um bronze do grande artista Soares dos Reis. Em desenho, que fizémos em tempo, reproduzimos este trabalho do desventurado esculptor, evocando a memoria veneranda de D. Francisco d'Almada.

[1] *Revista dos Tribunaes* de 15 de julho, de 15 d'agosto e de 15 de setembro de 1895.

pelos seus delegados que tão dignos são de elogio pelo seu zelo e boa vontade.

Não permitte um singelo artigo de vulgarisação desenvolvidas referencias ás importantes publicações do sr. dr. Ferreira Augusto sobre o systema de Bertillon, e em que colligiu com notavel criterio o que de melhor encontrou sobre o assumpto.

Largura das arcadas bizygomaticas

Soccorrendo-nos dellas principalmente para a elaboração d'este artigo, é do nosso dever dar uma breve resenha dos trabalhos em que vulgarisou o bello e engenhoso systema de Bertillon.

São elles além dos seus importantes artigos na magnifica *Revista dos Tribunaes* de que o sr. dr. Ferreira Augusto é brilhante redactor: *Assistencia judiciaria — Serviços medico legaes — Alienados criminosos — Notariado*, pag. 68, 73, e 364 e segg. (Porto 1900); *Revista d'Anthropologia Criminal* (boletim do posto anthropometrico juncto da cadeia civil do Porto), (Porto 1902), e *Postos Anthropometricos*, primeiro opusculo de uma bibliotheca de criminologia (Porto 1902), que é a exposição e applicação pratica do systema de Bertillon, feita em linguagem simples e concisa a que se allia uma grande lucidez, e enriquecida com preciosas advertencias, resultantes do estudo e da observação do sr. dr. Ferreira Augusto.

* * *

A anthropometria criminal consiste na mensuração de determinados ossos para auxiliar o reconhecimento da identidade dos reincidentes e dos frequentadores *habituaes* das prisões. [1]

Entre as primeiras e mais notaveis applicações da anthropometria criminal apparece a identificação por signaes anthropometricos, descoberta e posta em pratica por Alphonse Bertillon, o benemerito director do serviço anthropometrico na prefeitura de policia de Paris.

Antes de Bertillon inventar o seu engenho-

Comprimento da orelha direita

[1] Sobre o assumpto alem da obra monumental de Bertillon *Instructions Signalétiques* leiam-se os trabalhos do dr. Ferreira Augusto já citados no texto, a *Revista dos Tribunaes*, XIV anno, n.os 315, 317, 319, pag. 33, 65, 97; Vibert, *Précis de médecine légale*, pag. 547, cinquième édition; Bertillon, artigo sobre o assumpto nos *Archives d'Anthropologie*, vol. 1.º e ainda n'esta publicação, 5.º anno, pag 473 um artigo sobre a anthropometria judiciaria em Paris, em 1889.

so methodo era extremamente difficil descobrir a identidade dos individuos que já tinham soffrido uma ou mais condemnações e que eram detidos por um novo crime.

Para subtrahir-se ás consequencias penaes que derivam da reincidencia os criminosos procuravam dissimular á sua personalidade, dispondo de recursos inexgottaveis, empregando toda a sua astucia e os maiores ardis para não serem reconhecidos. Usavam um falso nome, desfiguravam a sua physionomia, modificavam o vestuario, etc.

Bertillon porém descobrindo seu bello methodo [1] d'identificação anthropometrica fez conhecer o meio de desmascarar esses disfarces, de estabelecer com precisão os signaes d'um individuo e de tornar a encontrar esses signaes, d'um modo rapido e seguro, entre grande numero d'outros.

Comprimento do dedo medio esquerdo

«Os signaes anthropometricos, diz Bertillon na sua communicação ao Congresso de Roma em 1885, constam essencialmente, para cada exemplar que se examina, de diversos comprimentos osseos, sempre os mesmos e tirados

Comprimento do braço esquerdo desde o cotovello até a ponta do dedo medio

n'uma ordem uniforme. Taes são especialmente a estatura, o comprimento do pé e do dedo medio, etc.»

Fundamentou o seu methodo no principio de que não ha individuos que se assemelhem com exactidão uns aos outros e que as dimensões de certos ossos, immutaveis a partir da edade adulta, differem consideravelmente d'um para outro exemplar, sendo sufficiente para identificar e caracterisar um individuo a combinação das dimensões de ossos determinados.

* * *

Para se obter uma precisa identificação anthropometrica recommenda Bertillon diversas mensurações que reputa essenciaes e que estão em pratica em quasi todos os postos anthropometricos da França e d'outras nações.

São tambem as exigidas pelo art. 87.º do decreto de 21 de setembro de 1901.

Procede-se a estas operações estando os presos em mangas de camisa e descalços, e para que as mensurações sejam feitas com a maior precisão corta-se-lhes previamente o

[1] O irmão de Bertillon, Georges, tambem escreveu uma nteressante obra sobre a reconstituição dos signaes anthropometricos por meio do vestuario. Vid. *Archives d'Anthropologie*, vol. 8.º, pag. 174.

cabello e aparam-se-lhes bem as unhas da mão e do pé esquerdo [1].

Essas mensurações são:

I — *Estatura (medida da altura do individuo em pé).*

Para esta mensuração serve um *estalão* graduado e com a corrediça movel que se assemelha aos usados nos governos civis, camaras municipaes e administrações de concelho, e que em alguns postos é substituido por um novo instrumento que serve não só para a mensuração da estatura mas tambem do busto.

O preso, de pé no estrado, deve applicar bem as costas á haste e deixar cahir as mãos cujas palmas unirá ás coxas, conservando bem juntos os calcanhares. Sobre a cabeça bem erguida e encostada ao estalão desce então a corrediça que fica justaposta.

A estatura fornece indicações pouco seguras, em virtude das fraudes que se podem dar em certos limites e as variações a que está sujeita consoante a edade do individuo.

II — *Comprimento dos braços abertos em cruz.*

Serve um quadro em fórma de cruz, graduado do lado esquerdo. O preso, de pé, applica as costas á escala, abre os braços horizontalmente em cruz, tomando-se-lhe o comprimento desde a extremidade do dedo medio da mão direita até egual parte da mão esquerda. Para que fique o mais precisa possivel a largura maxima dos membros superiores, deve ter-se todo o cuidado em que o mensurado não faça a menor curvatura.

III — *Altura do individuo sentado (o seu busto).*

Dois instrumentos são empregados n'esta mensuração: o *estalão* já referido e um *banco* em que se senta o preso, applicando bem as costas á haste, recolhendo as pernas, e apoiando as mãos nos joelhos. A corrediça baixa então até pousar na cabeça.

Pelas razões já expostas, quanto á estatura, esta mensuração dá indicações pouco precisas.

IV — *Comprimento e largura da cabeça.*

Para estas operações que são importantissimas serve um compasso, munido de um arco de circulo graduado, de aço e metal nickelado que deve ter a puncção de Bertillon.

COMPRIMENTO DO PÉ ESQUERDO

O diametro antero-posterior da cabeça que é o elemento mais importante da classificação anthropometrica, e que permanece invariavel ou augmenta muito pouco na edade adulta, mede-se collocando uma das pontas do compasso na concavidade da raiz do nariz como ponto fixo e a outra na parte mais saliente do occiput.

O diametro bi-parietal mede-se da mesma maneira, mudando a direcção do compasso.

V — *Largura das arcadas bizygomaticas.*

Para medir a largura das arcadas bizygomaticas que estão situadas um pouco abaixo dos temporaes, emprega-se o mesmo compasso, tomando com as extremidades a largura d'uma a outra d'aquellas regiões. Esta medida é extremamente precisa.

VI — *Comprimento da orelha direita.*

E' uma das medidas mais importantes e seguras para se confirmar a identidade d'um individuo. Este elemento por si basta para reconhecer um individuo, em virtude de ser impossivel encontrar duas orelhas que se assemelhem, conservando *immutavelmente* a sua fórma e os seus caractéres mais importantes durante a sua vida.

A orelha apresenta uma variedade de con-

[1] Vide as *Instrutions Signaletiques* de Bertilllon; *Assistencia judiciaria*, pag. 375, e *Postos Anthropometricos*, pag. 15 c segg. do Dr. Ferreira Augusto; e *Precis de medecine legal*, de Vibert, pag. 548 (1900).

figuração verdadeiramente prodigiosa, differindo d'individuo para individuo e não sendo possivel encontrar, diz Bonneron, orelhas semelhantes senão nos irmãos gemeos.

Ha orelhas triangulares, rectangulares, redondas e ovaes, que se distinguem tambem pelo modelado, contorno e elevação do lobulo, inteiro ou furado em quem usa brincos, fendido, arrancado por dentada como se encontra nos malfeitores; distinguindo-se ainda pela espessura e forma que apresenta sua orla superior ou posterior, etc., etc.

Um signal tão importante deve ser tomado com todo o cuidado, evitando deprimir as suas partes cartilaginosas e molles. Para se obter o mais exactamente o mensurador colloca a mão esquerda na cabeça do preso que está sentado no banco, e a direita, empunhando um compasso de fórma especial, no hombro do mensurado.

A orelha é a unica parte do corpo que se mede do lado direito. Todas as demais operações se fazem do lado esquerdo.

VII — *Comprimento do dedo medio e annullar esquerdo.*

Obtem-se por meio d'umcompasso de corrediça. Tanto n'uma como n'outra mensuração o preso, que deve ter as unhas bem aparadas para melhor exactidão, dobra a mão esquerda e fica com os dedos estendidos, formando um angulo recto com as costas d'aquella. Adapta-se bem um ramo do compasso ao nó que liga a primeira phalange á mão e o outro ramo ao extremo do dedo.

VIII—*Comprimento do braço esquerdo desde o cotovello até á ponta do dedo medio.*

Emprega-se o mesmo instrumento e para se determinar com precisão é necessario uma meza de fórma particular, alta e esguia como um cavallete.

O mensurado colloca o ante-braço sobre a meza, tomando-se então a medida desde o olecrano, isto é da apophyse posterior do cotovello até á extremidade do dedo medio, tendo o ante-braço dobrado em angulo recto relativamente ao braço e a mão estendida com a face unida á superficie da meza.

IX—*Comprimento do pé esquerdo.*

Para esta mensuração serve ainda o mesmo instrumento, sendo tambem preciso um banco e uma meza com pegadura.

O preso, descalço, com as unhas bem aparadas, colloca-se em cima do banco, curva um pouco o corpo, firma-se com a mão direita na pegadura da meza, pousa a esquerda no quadril, levantando e lançando para traz o pé direito, e fazendo repousar todo o peso do corpo sobre o pé esquerdo ao qual se toma então a medida com o compasso já referido.

Estas são as *observações anthropometricas*, de que publicamos as respectivas photogravuras, feitas sobre clichés obtidos no Posto Antropometrico do Porto, não se publicando por desnecessarias photogravuras durante a mensuração da largura da cabeça, porque a posição é identica á da bizygomatica, diffe-

Impressões digitaes

rençando-se apenas em qne a primeira é tomada á maior largura da cabeça emquanto á segunda é tomada á largura dos dois zygomos.

De egual maneira se procedeu relativamente ás mensurações do dedo medio e annullar esquerdo, das quaes só a primeira se reproduz.

Além d'estas ha as *observações chromaticas* (côr da iris, do cabello, da barba e da pelle, e outras particularidades.)

A determinação exacta da côr da iris é extremamente difficil, segundo diz Bonneron.

A côr dos olhos é indicada segundo uma classificação chromatica de varios matizes, estabelecida por Bertillon quenas *Instructions Signaletiques* no fim do 2.º vol. (Album) apresenta um mappa, onde veem reproduzidas todas as *nuances* de que a côr dos olhos é susceptivel.

O confronto da côr dos olhos do preso com a reproduzida no mappa auxilia immenso a determinação.

Em alguns postos ha um grande quadro

que reproduz em vidro todos os olhos que em frente do mesmo se apresentem com as suas côres particulares.

Bertillon no seu livro escreve «L'observateur, devra se placer vis-à-vis de son sujet, à trente centimétres environ de lui et, le dos tourné au jour, de telle sorte que l'œil á examiner reçoive en plein une lumière vive (mais non les rayons du soleil); puis il l'invitera à le regarder les yeux dans les yeux, en lui soulevant légèrement le milieu du sourcil gauche.»

D'esta observação *chromatica* publicamos tambem uma photogravura.

As *observações descriptivas* concorrem para identificar o individuo, visto determinarem as suas particularidades exteriores, os caracteres morphologicos da fronte, nariz e orelha direita.

Classificação da iris

E' muito variavel a fórma da cabeça e do nariz que é um dos orgãos que melhor determinam a physionomia.

Assim como a *cabeça* póde ser pequena ou grande, redonda ou oval, ponteaguda, elevada ou chata, assim o *nariz* apresenta diversos signaes caracteristicos (raiz, dorso, base, asas, subsepto, nasal, curto, comprido).

Quanto á *orelha direita*, elemento dos mais importantes a que já tivémos occasião de nos referir, distingue-se tambem por diversos signaes que a caracterisam (helix, anthelix, lobulo, trago, ante-trago), (grandes ou pequenas, encostadas ou afastadas).

* * *

Todas estas *observações (antropometricas, chromaticas e descriptivas)* são transcriptas na respectiva *ficha* anthropometrica, de cartão e medindo em regra 0,166 d'altura sobre 0,142 de largura. São differentes de nação para nação, affastando-se um pouco da norma estabelecida por Bertillon.

Na ficha, (reproduzimos o recto e o verso d'uma ficha antropometrica adoptada no Posto Anthropometrico do Porto), colla-se, em harmonia com o n.º 1.º do art.º 87 do decreto de 21 de setembro de 1901, a photographia do preso que se tira em duas posições *(perfil direito e frente)* com o respectivo numero d'ordem, e fazem-se n'ella tambem as *indicações pessoaes* (o nome que o preso diz ter, o nome verdadeiro, a alcunha, a edade, nascimento, filiação (legitima ou illegitima) estado, profissão, domicilio, instrucção, nota de identidade, serviços militares, numero de condemnações anteriores, causa e logar da ultima detenção e detenção actual); as notas relativas ao *registo criminal* e respectivas *condemnações ;* e os *signaes particulares* (attitude, modo de andar, ankyloses, signaes de belleza, deformidade, aleijões, malhas, signos, sulcos e rugas, as cicatrizes de chagas, cortaduras, e furunculos etc. ; a pronuncia, linguagem, cabello, barba, gesticulação, vestuario e tatuagens), emfim todos os caracteres e signaes do corpo que se divide para tal fim em seis regiões, rosto e cabeça, braço esquerdo, peito, costas e pernas.

As tatuagens, tão frequentes nos marinheiros e criminosos, são tambem um dos elementos de maior alcance para a identificação dos individuos, em alguns dos quaes é uma autobiographia illustrada, fornecendo interessantes indicações sobre a profissão e habitos do tatuado e servindo muitas vezes para determinar o seu caracter moral, tendo em attenção os seus precedentes judiciarios.

Lombroso que quer ver signaes atavicos na escripta, nos gestos e no modo d'andar dos criminosos, attribue tambem a um phenomeno de atavismo a tendencia instinctiva dos criminosos para a tatuagem e no album que acompanha a sua obra *L'homme criminel* reuniu interessantes desenhos de tatuagens. O mesmo fez o dr. Perrier no seu livro *Le*

Tatouage chez les criminels (Storck, editor, Lyon).

Outros ha que tem consagrado á tatuagem importantes trabalhos e entre esses Berchon,

Posto Anthropometrico

JUNTO DAS

CADEIAS da RELAÇÃO do PORTO

Boletim de identificação N.º 17

Observações anthropometricas

Estatura	1,m 665
Braça	1,m 65
Busto	0,932
Cabeça comp.	0,191
Cabeça larg.	0,141
Cabeça bizyg.	0,143
Comp. orelha direita	0,038
» dedo med. esq.	0,114
» minimo esq.	0,089
Antebraço esq.	0,442
Comp. pé esq.	0,253

Indicações pessoaes

Diz chamar-se Antonio Vasques
Nome verdadeiro
Alcunha
Edade 19 annos
Nascido a ... de ... de ... em Hespanha
Filho de Lucas Vasques
Estado solteiro
Profissão padeiro — ultima residencia Porto
Instrucção analphabeto
Nota de identidade
Serviços militares
Numero de condemnações anteriores uma por furto
Causa e logar da ultima detenção furto - Porto
Detenção actual furto

Observações chromaticas

Côr da iris — n.º de classe 4.ª; areola n. al. m.; peripheria az. esc.; particul. —
Côr do cabello cast. esc.
» da barba idem
» » pelle branca
particularidades

Observações descriptivas

Fronte — arc. m.; incl. it.; alt. m.; larg. p.; part.
Nariz — raiz de. ex.; dorso ace. base hor.; alt. m. salien. m. larg. m.; part.
Orelha direita — bord. g. adh.; lob. g. exa.; trag. m. de.; preg. ex. ov.; part.

Signaes particulares

cic. no labio inf. esq.

N.º

REGISTO CRIMINAL

DETENÇÕES

Data	Crime	Destino
4/4/902	furto	

CONDEMNAÇÕES

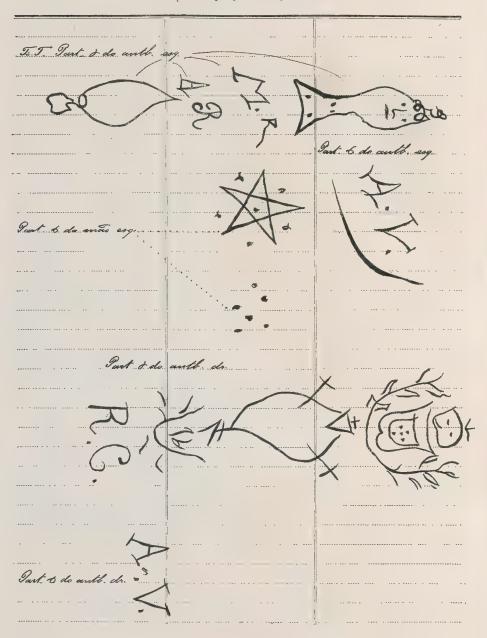
Anno	Tempo	Crime
1902	7 m.	furto

Porto, 4 de Março de 1902

O mensurador
Horacio José Feitão

O medico anthropologista criminal
Luiz Alberto Viegas

auctor da *Histoire médicale du tatouage*, Tardieu a quem se devem interessantes estudos medico-legaes sobre o assumpto e Lacassagne, que escreveu as *Recherches sur les ta-*

Indicações diversas

touages, et principalement du tatouage chez les criminels, e que indica o processo de reproduzir as tatuagens.[1]

Em Portugal tem prendido a attenção de alguns publicistas, havendo sob o ponto de vista ethnographico um bello estudo de Rocha Peixoto *A tatuagem em Portugal*, inserto no 2.º volume da *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* que se publicou no Porto de 1890 a 1898.

O posto anthropometrico juncto das cadeias da Relação do Porto possue já uma valiosa collecção de desenhos de tatuagens, fielmente transcriptas nas fichas anthropometricas em todos os seus detalhes pelo habil archivista do posto sr. Antonio José Ferreira. Esses desenhos, situados no peito e braços dos presos, representam symbolos religiosos (as cinco Chagas, Christo na Cruz, cruzes singelas), symbolos amorosos como corações atravessados por flechas ou punhaes, o signosaimão, flores, o escudo nacional, mulheres em estado de nudez, etc, etc.

IMPRESSÕEO DIGITAES

De dia para dia porém rareia nas cadeias do Porto o numero dos tatuados em virtude dos castigos que na cadeia da Relação se inflligem tanto a tatuados como a tatuadores.

As tatuagens estão em uso em alguns estabelecimentos penaes e postos anthropometricos d'outros paizes para melhor identificar o individuo.

As partes do corpo preferidas para essa operação são o braço e o peito.

Na ficha anthropometrica estampam-se tambem os dedos *pollegar index, medio e annullar* direitos.

E' a *impressão digital* (de que publicamos um specimen obtido no Posto do Porto) e que foi adoptado em Inglaterra, onde o professor Galton de Londres fez minuciosos estudos, mostrando que a impressão da polpa d'um só dedo é sufficiente para caracterisar um individuo[1].

A *Revue Penitentiaire*, 28.º anno, n.º 1 a pag. 155, citada pelo sr. dr. Ferreira Augusto no seu artigo *Portugal e a Antropometria* publicado em o n.º 2 da Revista d'*Anthropologia criminal*, refere que n'aquelle paiz se julgam mais importantes as *impressões digitaes* que as mensurações anthropometricas.

Bertillon adoptou a *impressão digital* no Posto anthropometrico de Paris e Bonneron[2] encarece a importancia d'este elemento, dizendo que não ha dois individuos, cuja pelle da face anterior dos dedos apresente os mesmos desenhos *filigranés*, que são sempre eguaes no mesmo individuo, caracterisando-o e identificando-o a tal ponto que os chinezes utilizam-n'os como meio de reconhecimento e até como assignatura.

Este meio de identificação é de tal ordem que no Posto do Porto, entre mil e tantas impressões digitaes, não se encontraram duas eguaes.

A impressão digital obtem-se fazendo collocar a mão do preso n'uma almofada sobre a qual se estendeu uma camada de tinta preta ou vermelha. Em seguida faz-se assentar a mão n'uma folha de papel (vide photo-

[1] Sobre a questão de saber se as tatuagens podem desapparecer espontaneamente sem deixar vestigios vejam-se os trabalhos de Casper, Hutin e Tardieu. A obra de Variot *le Detatouage* apresenta os meios de as destruir, e indicando o respectivo processo.

[1] Vibert *(Precis de Medecine legal*, cinquieme edition pag. 568.)

[2] No seu livro *Les Prisons de Paris.*

gravura respectiva), estampando-se assim o filigranado das pontas dos quatro dedos que devem ficar nitidamente impressos, repetindo-se a operação no caso contrario.

Forgeot [1] estudou as impressões deixadas sobre o papel ou sobre outros objectos pelos dedos ou por outra parte da face palmar das mãos, e Vibert, a pag. 568 da obra citada, mostra como as *impressões* d'uma mão ou dedos ensanguentados são d'uma extraordinaria importancia em medecina legal e apresenta o processo de as ampliar, recorrendo á photographia e ao desenho.

Os presos deixam tambem no posto do Porto a sua assignatura que, além de ser um elemento de identificação, serve sobretudo para base d'estudos de graphologia criminal.

* * *

Depois de organizada a ficha anthropometrica archiva-se n'um armario com divisões, collocando-se a uma parte as fichas dos homens e a outra as das mulheres, classificadas segundo um methodo muito simples e devéras engenhoso que differe de nação para nação.

Segundo a classificação geralmente adoptada as fichas estão agrupadas em trez grandes divisões baseadas no comprimento da cabeça—*pequena media* e *grande,*—entrando na primeira as fichas dos individuos cujo comprimento de cabeça mede 0,001 a 0,184; na segunda as de 0,185 a 0,190; e na terceira as de 0,191 em diante.

Cada divisão d'estas soffre ainda nova divisão em trez grupos que se baseiam na maior ou menor largura da cabeça e entre os numeros maximos e minimos a que já nos referimos.

Fazem-se outras divisões e sub-divisões consoante o maior ou o menor comprimento da orelha direita, do dedo medio e annullar e do pé, do braço esquerdo desde o cotovello até á ponta do dedo medio, da côr da iris etc. etc.

Entrando um individuo na cadeia e tirados os signaes anthropometricos e outros saber-se-ha em breves minutos se elle procurou dissimular a sua identidade, se entrou pela primeira vez na cadeia, se já soffreu alguma condemnação, se é um reincidente, se um frequentador habitual das prisões.

Suppondo que a sua cabeça tem 0,170 millimetros de comprimento a ficha do detido deve encontrar-se na primeira das trez divisões estabelecidas, ficando d'este modo eliminados dois terços das fichas existentes no posto.

[1] *Des empreintes digitales étudiées au point de vue medico-judiciaire,* Lyon, Storck éditeur, 1892.

Na primeira das trez divisões, que corresponde, como já dissemos, ás cabeças pequenas, eliminam-se ainda dois terços baseados na largura da cabeça, que foi dividida em tres grupos e que no caso presente tem por exemplo 0,140 millimetros.

Relativamente ás demais mensurações procede-se de modo identico, chegando-se, ao cabo de successivas eliminações, a um pequeno numero de fichas, em que se encontrará facilmente, se o individuo já tiver entrado na cadeia, uma inteiramente identica á nova ficha que se tirou ao preso de que se suspeita.

A photographia do individuo, os seus signaes particulares e *as impressões digitaes* auxiliam a identificação.

* * *

Ha factos bastante eloquentes que apregoam os bons serviços que está prestando o posto anthropometrico do Porto. Em breves minutos e com surprehendente facilidade teem já sido descobertos, como *habitués* e como reincidentes, vendo-se constrangidos a perder toda a esperança de dissimular a sua identidade, alguns detidos que haviam declarado nunca terem entrado em cadeias.

Em Lisboa funcciona já um posto anthropometrico, excellentemente montado sob a direcção dos distinctos medicos drs. Lima Duque, e Valladares.

O illustre ministro da guerra, sr. conselheiro Pimentel Pinto mandou, por uma ordem do exercito de novembro findo, organizar o serviço anthropometrico nas casas de reclusão das divisões militares, em harmonia com o methodo de identificação anthropometrica de Bertillon. [1]

Innumeras vantagens adviriam da installação de postos, embora modestos, em todas as cadeias, mesmo nas de pequeno movimento, e em repartições importantes do paiz, como governos civis e militares, commissariados de policia, administrações dos concelhos, repartições de fazenda, em que se passam documentos de identidade ou reconhecimento d'ella, como passaportes, cadernetas do serviço militar, resalvas de dispensa ou addiamento d'este serviço, livretes das criadas e criados de servir, assentos de casamento, licenças para negociantes ambulantes, meretrizes, etc., dos quaes constariam as mensurações anthropometricas e as im-

[1] O mesmo illustre estadista mandou imprimir, para ser distribuido pelas casas de reclusões das divisões militares, um diccionario alphabetico de abreviaturas e signaes, em que se apontam as abreviaturas portuguezas, e as correspondentes latinas ou gregas, vocabulos mais usados no serviço anthropometrico Foi elaborado pelo distincto tenente coronel do estado maior e homem de letras, collaborador d'esta revista, o sr. Abel Botelho.

pressões digitaes, evitando-se a troca de nomes, as constantes burlas e falsificações e que se aproveitassem de taes documentos individuos a quem não pertencessem.

Nas companhias de seguros de vida e estabelecimentos congeneres era tambem de grande vantagem que se tirassem as medidas anthropometricas a todos os segurados, como se vê do seguinte facto referido pelo sr. dr. Ferreira Augusto a pag. 27 dos seus *Postos Anthropometricos*:—«O caso HOYOS-BAROM, citado n'um artigo elaborado pelo ajudante do procurador regio de Bruges e de que a imprensa estrangeira tanto se occupou, é de summa importancia conhecer-se. Hoyos segurou a sua vida n'uma importante somma. Para alcançar o premio do seguro assassinou um seu creado Baron que vestiu com os seus proprios habitos, tendo o cuidado de metter nos bolsos certificados da sua identidade para assim melhor fazer convencer que era o seu cadaver. Fez lançar este nos *raills* d'uma via ferrea para ser despedaçado na passagem do comboio, fazendo assim suppor que a sua morte tinha sido devida a um accidente. Pela mensuração do cadaver confrontada com a que estava mencionada na apolice verificou-se que a victima do desastre não era o verdadeiro segurado e assim a companhia não pagou o premio, espiando a sua culpa na guilhotina o auctor de tam revoltante crime».

E' mais amplo ainda o campo da anthropometria; applica-se ao estudo das raças humanas, tendo em Portugal cultores dos mais enthusiastas. Os estudos do Dr. Bernardino Machado, o qual ainda ultimamente no gabinete d'anthropologia na Universidade dirigiu as mensurações anthropometricas dos recrutas alistados este anno; os trabalhos de craneometria de Paula e Oliveira, e dos drs. Ferraz de Macedo e Silva Bastos, a que já tivemos occasião de alludir; os de Arruda Furtado sobre anthropometria açoriana, os de Fonseca Cardoso e os de Severino de Sant'Anna Marques [1], que mediu homens nos hospitaes civis da capital e nos quarteis de Lisboa e Porto mostram que o nosso paiz caminha a par d'outras nações no cultivo d'este ramo especial das sciencias naturaes. [2]

Coimbra, fevereiro de 1903

ANTONIO JULIO DO VALLE E SOUSA

[1] *Estudo de Anthropometrica portugueza*, Lisboa 1898.

[2] Referindo-nos incidentemente a estes trabalhos n'um artigo que se reduz a apresentar umas breves noções de anthropometria criminal, apraz-nos transcrever o seguinte trecho de Fonseca Cardoso, n'um bello artigo *Anthropologia do Povo Portuguez — O minhoto de entre Cavado e Ancora* inserto no tomo I fasc. 1.º da magnifica revista *Portugalia*:

«O methodo anthropometrico adoptado para o estudo das raças humanas do globo tomou, n'estes ultimos annos, um desenvolvimento notavel, tendo sido d'uma applicação efficaz no desenredo dos differentes elementos ethnicos que entraram na composição das populações da Europa e do norte da Africa.

E' sobretudo nos quarteis militares e nas inspecções de recrutamento do exercito, onde se reune sempre um forte nnmero de representantes do paiz, que esse methodo se tem exercido, localisando-se depois sobre as cartas chorographicas, os differentes caractéres anthropologicos da população, a qual nos mostra por vezes, em certos agrupamentos interessantes, os descendentes de raças dominadoras outr'ora nas grandes luctas da Humanidade.

Só a Anthropometria nos diz em que proporções se amalgamaram os differentes factores ethnicos, para produzirem os typos mestiçados e caracteristicos das actuaes nacionalidades, o grau de parentesco entre ellas, derramando assim uma grande luz nos problemas historicos pendentes sobre as invasões e as emigrações dos povos e a sua influencia exercida nas modernas sociedades».

Nota da R. — *Como indicação complementar da legislação que diz respeito a postos anthropometricos e seu exercicio junto das cadeias, entendemos dever citar, como inicial, a carta de lei de 17 de agosto de 1899, sendo ministro da justiça o conselheiro José Maria d'Alpoim, e o respectivo regulamento, approvado por decreto de 16 de novembro d'aquelle mesmo anno, no qual, no art. 99.º, mandava applicar á compra de instrumental e livros precisos para o estudo e exercicio da anthropometria, na respectiva circumscripção, o producto do addicional sobre os emolumentos de carceragem, lançado em conformidade com o disposto no art. 15.º da citada lei de 17 de agosto de 1899.*

Synopse dos sete capitulos publicados — *Um velho fazendeiro australiano, Pedro Braz, cuja origem é desconhecida, e de quem se não conhece familia, morre depois d'uma viagem, tendo promettido a Helena Moss, cuja vida infeliz o commovera, e a João Millington, advogado intelligente em principio de carreira, deixar-lhes em testamento todos os seus bens que são avultados. Depois da morte, porém, não se encontra o testamento, e as propriedades, á falta de herdeiros conhecidos, entram em administração judicial. Faz-se leilão dos moveis; e alguns objectos da mobilia dispersam-se pelo mundo. Corre a lenda de que a alma de Pedro Braz anda penando e parece que a desventura acompanha sempre os possuidores diversos d'aquelles taes moveis que perteceram a Pedro Braz, o velho criador de gado. Um tal José Candler, vagabundo, chega por acaso a Malugalala; pede pousada, é recebido, e informa-se do caso do testamento de Pedro Braz. O criado d'este, Bob, rapaz gracejador, encontra na physionomia de José Candler parecenças com o fallecido patrão. Em conversa, pergunta lhe se elle vem recolher a herança, e accende-lhe assim o fogo da ambição. Faz o seu plano, procura o advogado Millington propõe-lhe dividirem a herança, fazendo-se elle passar por sobrinho de Pedro Braz. E' repellido severamente. Encontra um advogado desacreditado Geeves, e os dois associam-se n'uma demanda para obter a herança. Helena Moss parte para uma fazenda no interior, acompanhando, como governante, Francisco Crapp, jornalista, o qual vae substituir o dono das pastagens, seu amigo, que se ausenta por alguns annos. A fazenda Narenita é proxima da Malugalala. Helena Moss volta a visitar a antiga fazenda de Pedro Braz. Descrevem-se varios incidentes da vida do matto. Retoma-se em seguida a viagem de Walt r Reid e sua familia, a casa de quem tinham ido parar os moveis de Pedro Braz, e sobre elles pesa a má sina que parecia perseguir os diversos donos dos taes moveis. Walter Reid morre deixando ao desamparo seus tres filhos, pouco depois de ter desembarcado na colonia; os pequenos alcançam collocação, e separam-se, obtendo a mais velha, Catharina um logar de governante em casa dos Green que são administradores da fazenda Narenita. Os moveis são mais uma vez vendidos em leilão e de novo se dispersam. O pretendente, Candler, á herança do tio Pedro Braz, visita acompanhado do seu advogado a fazenda de Malugalala. Bob vigia-lhe as intenções, e n'um dia, em que exercia esta vigilancia, descobre varios documentos que se referem á vida de Pedro Braz, embora nada elucidem sobre o testamento. Bob deu d'elles immediato conhecimento á senhora Moss que por seu turno os descreve em carta ao advogado Millington. Entretanto Catharina Reid, visitando uma fazenda proxima de Nerenita, encontra uma amiga de infancia de sua mãe, a qual deseja leval-a para a sua fazenda em Reverina e sendo rica tomal-a sob sua protecção, bem como aos irmãos mais novos. Catharina parte para a sua nova residencia, deixando á senhora Green saudosa recordação.*

CAPITULO OITAVO

De como ficaram destruidas pelo tribunal as pretensões de Candler á herança de Pedro Braz.

A senhora Moss sentára-se na varanda, costurando, o espirito ainda preoccupado com a partida commovedora de Catharina, a vista ainda a alongar-se pelo horizonte, como a seguir na viagem a gentil rapariga que d'um momento para o outro vira transformada a sua vida e o seu futuro. Subito suspendeu a agulha, esticando a linha; inclinou a cabeça n'aquelle gesto caracteristico de quem apura o ouvido e escuta, o pescoço ligeiramente estendido, os olhos semi-cerrados, a respiração quasi suspensa. Parecera-lhe sentir o telintar alegre da guisalhada sacudida pelo galope d'um cavallo, o correr bem conhecido que annunciava a approximação do factor do correio;

mas, sendo fóra das horas regulamentares e habituaes, ella bem sabia que só por entrega de telegramma se poderia justificar a vinda do factor e sobresaltou-se. Em breve poude verificar que não se enganára, vendo ao longe, n'uma volta da estrada do matto, passar o cavallo, reappareceu mais adiante, surgindo na clareira das arvores, e depois distinguindo o estafeta no seu caracteristico vestuario, sacco de despachos a tiracollo, largo chapeu de feltro. Minutos passados, o rapaz australiano, delgado e robusto, tez queimada, olhos vivos, gesto decidido, estendia o braço para a varanda, sem se apear, e apresentava o sobrescripto que tirara rapidamente do sacco de couro e o livro da recepção:

— Um telegramma para a senhora Moss.

Ella propria o recebeu; procurou no pequeno cesto de costura um lapis, com que costumava decalcar o desenho dos bordados, passou o recibo, e ao entregal-o involuntariamente, obedecendo apenas ao impulso da anciedade intima, perguntou:

— De quem?

— Não sei, respondeu o estafeta, sem reparo algum no intempestivo da interrogação, e partiu a meio galope como quem apenas tem a preoccupação de desempenhar-se do serviço. Quantas leguas teria ainda de fazer n'aquelle dia, levando communicações para outras fazendas!

A senhora Moss quedou-se com o sobrescripto na mão, a remiral-o attenta, curiosa mas reflexiva, n'aquella indecisão estranha que dá a surpreza nos caracteres ponderados e serenos. Virou-o umas poucas de vezes entre os dedos ligeiramente tremulos, emquanto no espirito investigava a origem do despacho, que tão facilmente podia verificar. Abriu-o afinal, leu-o n'um golpe de vista, e disse para o Francisco Crapp, o qual viera á varanda, sahindo do seu escriptorio, que tinha porta de vidraça para esta, quando ouviu telintar a guisalhada do cavallo do correio:

— Afinal nada é de importancia. O sr. Millington participa que não vem a Narenita, como era esperado ámanhã, e adiou a sua viagem por haver audiencia preliminar no processo da reclamação da herança de Pedro Braz, e confirmando leu em voz alta:

«Impossivel visita fazendas. Audiencia preliminar processo Candler. Venha immediatamente.»

Como todos os telegrammas em geral, a redacção era pouco explicita. Nitidamente claros para quem os redige, simplificando o dizer, levados pelo conhecimento exacto da situação, não raro constituem para quem os recebe a decifração d'um enigma pitoresco. A senhora Moss discutia-o com Crapp. Ter-se-hia já realizado a tal audiencia, ou seria proxima? Aquelle chamamento apressado seria consequencia do que se julgára no processo? Ou estaria designado dia de audiencia para breve e Millington desejaria a presença d'ella em Sidney? Para quê? E o que ao principio lhe pareceu sem importancia, simples aviso de não chegar na manhã seguinte, como estava combinado, assumiu subito no espirito da senhora Moss uma gravidade excepcional, que a obrigou a reflectir.

— Vou a Malugalala procurar Bob, não acha senhor Crapp? Talvez seja melhor que elle vá tambem, por causa dos documentos encontrados. Elles são insignificantes, nem Millington falla d'elles sequer; e todavia creia, sr. Crapp, que tenho o presentimento de que é por este motivo que o nosso amigo telegraphou, infelizmente tão incompleto.

— Entendo que sim, que deve ir fallar a Bob, e partir o mais breve para Sidney. Em quanto se arranja para ir a Malugalala, eu vou-lhe sellar o cavallo. Não se deve perder tempo.

Alguns instantes depois, a senhora Moss galopava através das pastagens de Narenita para aquella direcção, a vista deliciosamente entretida no goso do quadro n'aquella linda tarde, o coração sobresaltado pelo inesperado telegramma.

Nova surpreza, porem, a vinha em breve impressionar. A meio caminho encontrou-se com Bob que se dirigia para Narenita.

— Feliz encontro, minha senhora. Ia procural-a, dizia Bob, sorridente na sua natural e expansiva alegria de rapaz.

— Tambem eu ia procural-o, replicou a senhora Moss. Precisava fallar-lhe, e como os cavallos estão suados caminhemos juntos, para alli, para o logar das albufeiras, e teremos occasião de conversar. Diga-me primeiro o motivo que o levava a Narenita; estou bem curiosa de o saber.

— Tenho receio que me chame supresticioso ou tolo, mas tenho estado muito preoccupado ultimamente, e tanto a dormir como acordado. Não posso dizer-lhe como são os meus sonhos, mas teem sido muito desagradaveis. Sinto como se alguma cousa grave, alguma infelicidade estivesse pairando sobre a antiga fazenda.

A senhora Moss voltou-se e olhou para elle como que querendo inquirir.

— Tenho scismado que talvez seja fogo e tenho ido acampar de noite para as pastagens. Faço rondas todas as noites; antes de recolher vejo e revejo se tudo está em ordem, n'um desasocego inexplicavel. Nem me sirvo de luz para que eu proprio não seja

causa involuntaria do mal. Não pude aguentar por mais tempo esta idéa fixa, por isso vinha ter comsigo para a consultar. Alguma cousa se está passando, estou certo, disse com viveza.

— Pois eu vinha aqui para lhe pedir se ia até Sidney, accrescentou a sr.ª Moss.

— Eu! replicou surprehendido Bob. Nunca na minha vida lá estive. Nunca fui mais longe do que a Talworth n'aquella direcção, —e apontava para sudeste,—nem mais longe do que a Glen e indicava o norte. E fui lá só uma vez quando era muito novo. O sr. Pedro Braz comprára um rebanho de carneiros a um fazendeiro d'aquelles lados, e eu fui lá tomar conta d'elles.

— Mas em todo o caso, parece indispensavel que fosse agora levar ao sr. Millington, aquella caixa de lata com os papeis que encontrou, disse brandamente a sr.ª Moss, procurando vencer a reluctancia de Bob.

— Elle ainda os não recebeu? Oh, sr.ª Moss, disse com ar de censura.

— Não creio que sejam de grande importancia, e quasi me esqueci d'elles, com a partida da menina Reid. Porem recebi hoje aviso do sr. Millington que ia haver um exame ou interrogatorio sobre a pretenção apresentada por Candler, e deu-lhe o telegramma.

Bob leu-o com anciedade, e perguntou: Quando é que o recebeu?

— Ha pouco mais de uma hora.

— A senhora é que tem de partir. Se o sr. Millington julgasse necessaria a minha presença por ter encontrado os papeis, tel-o-hia dito. O achado está authenticado, como se deve lembrar, pelo sr. Green, que serve de juiz de paz no districto. E' a si que elle chama.

— Mas repara Bob, que elle nada diz dos papeis. Somos nós que estamos preoccupados com elles.

— Que importa? E' presentimento que se não deve desprezar. E depois continuou:

— Volte para Narenita, volte; aprompte-se rapidamente, que eu a conduzirei a Talworth. Poderá estar em Sidney amanhã de manhã. Temos de nos apressar para não perdermos o comboio. Despediram-se e voltaram para casa depois de combinar o ponto de reunião.

❊ ❊ ❊

— Tres quartos de hora antes da partida do comboio! exclamava Bob, guiando o *buggy* por sobre a ponte á entrada de Talworth, contente com a sua viagem rapida, animando os cavallos com a ponta do chicote. Andámos bem, proseguia n'aquella phrase pitoresca do bom cocheiro que confunde os percursos, como se fora elle proprio que caminhasse, e entraram na rua principal da cidade. Terá tempo de comer alguma cousa antes de partir. Emquanto estiver no hotel eu vou ao correio saber se ha carta para a senhora.

Instantes depois a sr.ª Moss sentava-se á meza em volta da qual expansivos uns, preoccupados outros, remurejantes todos, os viajantes chegados e promptos a partir jantavam apressadamente. Em breve Bob entrava na sala, procurava em rapido relancear o logar de Helena Moss, approximara-se respeitoso e apresentara-lhe um papel dobrado:

— Um novo telegramma para si, minha senhora. Iam mandal-o para Narenita por um proprio.

A sr.ª Moss rasgou o sobrescripto, e leu avidamente.

— Foi bem bom termos vindo, — e entregou-lhe o telegramma.

— Bob leu-o. «Venha immediatamente. Audiencia amanhã. Vá encontrar-me no tribunal com os papeis.» Bob teve o sorriso satisfeito de quem se felicita por ter procedido com acerto.

— Agora resta partir para Sidney. Creia que aguardarei em Malugalala anciosamente noticias suas.

Meia hora decorrida, a sr.ª Moss, aconchegada n'um canto da carruagem, emballada pela trepidação do comboio que ia devorando o espaço, deixava correr a phantasia na discussão intima das mais extraordinarias hypotheses sobre o resultado da audiencia cuja importancia desconhecia, na busca cada vez mais difficil do famoso testamento perdido.

❊ ❊ ❊

Millington fôra para o tribunal, n'aquella manhã, com o espirito repleno de incertezas e coração sobresaltado. Candler conseguira apressar os termos da acção e forçára o andamento do processo, de sorte que a audiencia preliminar surprehendera-o e estava completamente desprevenido. Tivera apenas tempo de colher algumas notas de informação concernentes a um segundo Pedro Braz, como elle dizia em resposta ao articulado do pretendente, o qual estivera na visinhança de Narenita e alli vivera alguns annos antes. Esperava que se podesse apresentar algum ponto na discussão sobre o qual elle se podesse firmar para a contestação, porém estava n'uma situação decididamente desvantajosa. Não tinha a menor idéa do resultado das investigações a que procedera Candler, e o seu habil advogado, que sem duvida seria tanto mais ardiloso quanto o movia contra elle o sentimento da inveja e o ardor da ingratidão.

O juiz, que tinha presidido a outras causas do moço advogado, sorriu-se ao vêl-o.

— Traz-nos hoje alguma outra surpreza, sr. Millington? — perguntou prasenteiro. — As surprezas de Millington ainda hão de ficar celebres nos fastos dos nossos tribunaes. O magistrado referia-se a um caso recente em que João Millington preparara um effeito de prova inesperada que lhe deu a sua fama.

João Millington, sorriu-se directamente, occultando bem o estado do seu espirito.

— Eu mal sei ainda o que tenho de apresentar ao tribunal, replicou.

Consultou o relogio. Se a sr.ª Moss tivesse tomado um trem deveria chegar em dez minutos, pensava elle, e assim dar-lhe-hia tempo de passar pelos olhos os papeis. Contava com elles e esperava não ter de soffrer uma decepção. Demorou os actos preparatorios da audiencia quanto possivel, porém a sr.ª Moss não apparecia.

Entretanto esta chegára a Sidney, e tomára um carro de preço: — Leve-me ao tribunal.

— A que tribunal? — perguntou naturalmente o cocheiro.

Aqui surgiu-lhe uma duvida bem intempestiva. Releu o telegramma, porém n'elle não estava designado qual o tribunal.

— Ao tribunal onde se julga a pretenção á herança de Pedro Braz — respondeu ella sem pensar, na involuntaria inconsequencia da direcção que dava ao cocheiro. Nada sei a esse respeito, replicou o cocheiro, olhando desconfiado para a sua fregueza que demonstrava uma viva impaciencia.

— Bem, siga para todos os tribunaes que houver em Sidney, e não perca tempo — e resoluta entrou no carro.

Como era de esperar foram parar a sitios errados, e como se fôra victima d'um pesadelo, a sr.ª Moss julgava já não ter de encontrar o lugar que queria. Mal podia acreditar no que lhe ia succedendo. Não sabia para onde ir. Afinal, n'um dos tribunaes, encontrou alguem, menos apressado e menos laconico de que muitos outros, a quem se dirigiu, e o qual depois de lhe ouvir a inevitavel pergunta. — Desejava saber onde se realiza hoje o processo da herança de Pedro Braz — lhe perguntou pelo nome do advogado e foi colher informações. Quiz o acaso que soubesse alguma cousa de definitivo.

— Não se julgou ainda. Está sendo examinado ante o juiz em audiencia preliminar no tribunal de... — e deu-lhe a direcção.

— Já lá estive e ali nada sabem — replicou a sr.ª Moss contristada profundamente.

— Talvez perguntasse onde se estava julgando. Se assim foi enganou-se. Bem póde apressar-se ou chegará tarde.

Entretanto João Millington estava sobre brazas, ouvindo o advogado de Candler desenrolar as suas pretensões, e a sr.ª Moss sem apparecer. Viu que era difficil contraditar o que se tinha dito, e de modo a decidir logo a questão. O processo teria de ser levado perante o tribunal pleno e seguir n'uma discussão cheia de incertezas no resultado. O advogado de Candler não produzira documentos decisivos, apenas fazia affirmações que procurava demonstrar por deducção; queria provar que o nome appellido da avó de Candler era Braz, a qual tinha um irmão de nome Pedro, que fôra visto nas vizinhanças de Narenita n'uma dada época. Portanto o Pedro Braz, morto sem testamento conhecido, era o dono de Malugalala, irmão de Marta Anna Budge, por nascimento Braz, tio-avô de Candler e herdeiro. Evidentemente, partindo do appellido Braz, o audicioso Candler arranjou prova de parentesco por elle, e apenas lhe restava provar a identidade dos dois Pedro Braz. Sobre este ponto, o advogado architectava uma complicada exposição, e em verdade esperava mais conseguir prova pela falta de elementos que em contrario lhe pudesse oppôr Millington, do que pela evidencia das suas affirmações. Emquanto o juiz examinou detidamente os elementos apresentados, chegou afinal a senhora Moss, conferenciou rapidamente com Millington, a quem entregou os documentos encontrados, e a qual, mais uma vez, o felicitou do feliz acaso que lhe proporcionava uma defeza segura. Elle viu logo que poderia confundir as asserções do advogado de Candler.

Quando este se sentou depois do discursso João Millington levantou-se seguro de si, e tomando os documentos apresentou-os ao juiz. Elles foram bastantes para evidenciar a mentira imaginosa do pretendente Candler. Havia principalmente a mudança do nome que adoptara Pedro Braz, a qual destruia a deducção de parentesco.

Depois a senhora Moss fez o seu depoimento complementar de muitos factos, que decidiram o tribunal. O juiz declarou improcedente a acção por falta de base, de sorte que, segundo as praxes legaes, não remettia o processo para o tribunal pleno. Não ficavam duvidas a discutir, e voltando-se para Candler, o juiz ainda acrescentou:

— O senhor ainda se deve considerar com muita sorte, quando suppuz que na sua pretensão houvera apenas engano e bom desejo de receber uma herança valiosa; quero acreditar que o seu Pedro Braz era outro, como ha muitas Marias na terra.

— Espero que ficará alguns dias na cidade, dizia mais tarde João Millington, jantando com a senhora Moss no *restaurant*, bem contentes com o resultado da audiencia.

— Tenho de voltar por Narenita amanhã, Como sabe, estou ensinando as creanças da senhora Green, depois que Catharina partiu. Ella deve estar ainda em Sydney. Muito gostaria de a vêr, como tambem desejava bastante que o senhor a encontrasse, e a conhecesse; é uma galante rapariga. Pelo caminho, vim egualmente pensando na maneira de procurar e adquirir a velha cadeira e o retrato de Pedro Braz. Pela descripção que a menina Reid me fez d'estes velhos moveis que o pae comprara em Inglaterra e que trouxera para a colonia, fiquei convencida de que eram os mesmos. Catherina contou-me que depois da morte do pae, e antes de partir para Narenita por providencial recommendação do medico que tratou do pae, fizera leilão do toda a mobilia, e tenho o presentimento de que os moveis se encontrem n'algum adelo. Occuparei o meu dia n'esta busca.

... *e tomando os documentos apresentou-os ao juiz.*

— Ha de ser difficil, minha bôa amiga. Só um acaso muito feliz lhe pode descobrir o comprador occasional da mobilia de Reid, e o paradeiro actual da velha cadeira. De mais, ella não é tão appetecivel como a senhora julga. Talvez porque liga a ella a lembrança do tempo de Malugalala e do desapparecido testamento.

— Hei de empregar todo o meu esforço, replicou a senhora Moss, em encontrar aquelles objectos, nos quaes concentro uma esperança superstíciosa que se me arreigou no espirito. Sobretudo depois que Catharina me contou a influencia extranha que elles tinham exercido na vida dos seus possuidores eventuaes.

— Sei quanto é tenaz nas suas ideas, completou Millington. Assim o seu desejo de que conheça a menina Reid talvez em breve se realize, porque eu tenho de ir visitar Golgolgôa, a outra propriedade de Pedro Braz, e para lá ir faço caminho pela fazenda de Riverina, para onde me disse ter ido Catharina. Apens succede que n'aquelle local conheço um amigo Smith, proprietario de outra fazenda. Com o nome de Clarke não conheço ninguem. Mas é possivel ainda assim encontrar, sem mesmo procurar, a menina Reid; o que será acaso bem mais provavel do que a senhora descobrir os velhos moveis.

— Verá que os encontro, affirmou a senhora Moss.

Todavia apesar d'esta firme convicção, a busca do dia seguinte foi infructifera e a senhora Moss teve de regressar a Narenita, sem a desejada cadeira, ao mesmo tempo que João Millington partia para a propriedade em administração. Dias depois João Millington embarcava na estação de Redfern a caminho de Golgolgoa, propriedade que elle tinha curiosidade de visitar, pela novidade da região e pelo rendimento importante que sob sua administração já d'ella recolhera. O compartimento em que viajava, ia cheio no momento da partida. N'aquella manhã o movimento de passageiros era excepcional, o que lhe contrariava o egoismo natural, de quem segue n'um comboio para largo percurso; felizmente ao chegar a Jugela os companheiros sahiram. Começou então de apreciar a paisagem; o scenario de um e d'outro lado da linha não era variado, grupos de arvores, extensos trechos de matto, de quando em

quando talhões de terreno escolhido e apropriado para pastagem.

Em Langley, depois de um percurso de noventa milhas teve de mudar de comboio. A demora na estação de entroncamento era pequena; apenas a indispensavel para almoçar frugalmente. A nova linha seguia o seu traçado através as grandes planicies de Riverina, um dos mais admiraveis aspectos do continente Australiano; uns vastos oceanos de areia, cobrindo uma enorme extensão atravessada por tres rios, e onde surgem, como grandes ilhas, raros terrenos araveis.

Vastos oceanos de areia, sobre os quaes se póde muitas vezes observar a miragem, que nenhum germen da vida apresentam, e comtudo depois das chuvas abundantes se cobrem da mais linda verdura, exuberante no desenvolvimento, e ephemera na duração, mercê dos nitratos com que a natureza dotou aquelles terrenos.

Em Orama, João Millington recebeu aviso do amigo, a quem escrevera, de que com muito pesar tivera de se ausentar do districto, mas pedira ao seu visinho, o sr. Clarke, cuja apresentação lhe fazia na carta, para o receber e acompanhar. Esta hospedagem franca é habitual, e todos a desempenham com prazer, em regiões tão isoladas. João Millington devia seguir de carruagem até Neilpo, onde o sr. Clarke o esperaria com o *buggy*.

Quando chegou a Neilpo ahi o encontrou effectivamente, um amavel e educado fazendeiro que lhe pediu desculpas de não o ter ido esperar a Orama.

— Por quem é, então, mil agradecimentos lhe devo já pela gentileza da sua hospitalidade, dizia João Millington — apertando-lhe a mão que com gesto franco e seguro o sr. Clarke lhe estendia.

— Não calculava similhante jornada depois de deixar o comboio?

— Não, em verdade foi uma surpreza.

— Todavia não lhe foi desagradavel?

— De nenhum modo. Ao contrario, a digressão é interessante, porque são curiosos de observar os terrenos percorridos.

— Agora descançamos esta noute aqui.

— Que distancia teremos ainda de percorrer?

— Trinta milhas até Yeltana, minha residencia; depois terá outras cincoenta para Golgolgoa, mas ha-de nos dar o prazer de ficar comnosco algum tempo para descançar antes de seguir para ahi.

Antes de amanhecer no dia seguinte estavam a caminho. O ar era delicioso, fresco e puro. O aspecto do paiz continuava identico ao já percorrido.

O sol estava já alto quando afinal chegaram a Yeltana. João Millington olhou em redor consternado, não se atrevendo a dizer palavra. Afigurava-se-lhe ser ali o centro da desolação. Nem um vestigio de vegetação, que se visse. Na sua frente levantava-se a casa, silenciosa e morta na solidão, como se estivesse submergida em gelo.

Chegaram aos degraus da escada que dava accesso á porta da frente; apearam-se e um criado veio recolher o *buggy*, tomar as pequenas malas de viagem. A senhora Clarke, muito gentil, veio receber amavelmente o recemchegado hospede, a quem foi indicado o seu quarto, bem confortavel, onde Millington soffreu a agradavel surpreza do conforto, quasi do luxo do mobiliario e da decoração.

— Creio que encontrará o necessario, mas se alguma cousa desejar, queira tocar a campainha, sem a minima cerimonia — e o senhor Clarke retirava-se fechando a porta.

João Millington que sempre ouvira dizer que no interior do paiz a gente tinha de passar incommodos e de se sujeitar a elles, estava admirado, de encontrar n'aquelle lugar a abundancia dos confortos, como se fora em plena cidade. Via-se bem que o proprietario era rico e bem educado. João Millington pensava no estranho acaso que o fizera travar relações por ausencia do seu amigo, com o senhor Clarke, aquelle mesmo nome de que Helena Moss lhe fallara, e para casa de quem partira a menina Reid.

Tinha acabado de se vestir quando ouviu passos na varanda, e ouviu sôar a sineta para o *lunch*. Sahiu do quarto e encontrou o seu hospedeiro esperando, conduzindo-o para a casa de jantar que era na outra extremidade da casa, um bela salla com paredes de madeira finamente polida e o tecto em alto relevo. Ali encontrou Catharina, aquem foi apresentado, e a qual acompanhava uma pequenita.

— Os meus trez rapazes estão em Melbourne, explicou o sr. Clarke. Dois estão no collegio, e o mais velho estudando na Universidade.

A conversação tornou-se pouco a pouco animada, cada um trazendo para ella o assumpto que o interessava. O sr. Clarke sabia do desapparecimento do testamento de Pedro Braz, da fama do moço advogado, da sua provada intelligencia, por narrativas do seu visinho Smith, amigo commum, a cuja ausencia inesperada devia a visita de Millington. A menina Reid dava noticias de Narenita, contou, apesar das interrupções da senhora Clarke, a generosa offerta d'esta, como antiga amiga da sua mãe. João Millington ouvia-a, e insensivelmente interessava-o, penssando para si que a senhora Moss tinha

razão em dizer que ella era em verdade muito galante.

Depois fallou-se do local, da paisagem, do aspecto particular de Réverina, da necessidade de recorrer á irrigação, sendo supprida a agua por poços artesianos, na pequena horta e pomar, perto da casa, mas occulto n'uma corcova do terreno, que forneciam a vivenda.

— Que pena estar o rio tão afastado! — disse Millington.

— Assim é, comtudo as chuvas são muito abundantes, quando as ha, e n'esse periodo aproveitam-se; enchem-se os tanques, as cisternas e as albufeiras, que supprem a agua durante muito tempo.

— Mas dizem-me que as chuvas aqui são irregulares.

— Tivemos as nossas ultimas chuvas ha trez annos — interpôz a senhora Clarke. João olhou para ella duvidoso, como se a não tivesse percebido bem.

— Sim sr. Millington, ha trez annos que tivemos as ultimas chuvas para se encherem as albufeiras. Temos tido, já se vê, aguaceiros, mas nada que póssa fornecer a propriedade e as pastagens. Começam já a estar muito baixas, e o receio d'uma fatal estiagem preoccupa-nos.

N'aquella mesma tarde o moço advogado annunciou a tenção de seguir para Golgolgoa na manhã proxima.

— Quero primeiro desempenhar-me da minha obrigação, e depois voltarei aqui onde tão amavelmente me receberam *se me querem ter cá* — disse elle, em resposta á insistencia do seu hospedeiro para que ficasse alguns dias mais antes de principiar o trabalho.

— O sr. Millington tem razão, disse sua mulher, — e voltando-se para este — voltará e ficará comnosco uma semana não é assim? Está promettido.

❂ ❂ ❂

João Millington desembaraçou-se o mais depressa possivel dos seus trabalhos em Golgolgoa. A administração da propriedade corria bem. O pessoal que Pedro Braz escolhera era sempre bom e elle soubera grangear-lhe a affeição. O gerente d'esta era um parente do Geo de Malugalala, e tudo corria bem. Apenas se tornou necessario aperfeiçoar a escripturação, para que as contas de administração judicial fossem minuciosas.

— Hei-de partir para Yeltana esta tarde — disse elle emfim ao gerente quando sahiam juntos do seu pequeno escriptorio para jantar. Queira preparar-me transporte.

— Parece que váe chover sr. Millington — objectou Geo, olhando para o céo — comtudo não se póde ter a certeza. Algumas vezes ameaça mau tempo por dias e dias e afinal fica em nada. No entanto desajaria que ficasse até ámanhã.

(Continua).

(Adaptado do inglez).

A Architectura da Renascença em Portugal

POR ALBRECHT HAUPT

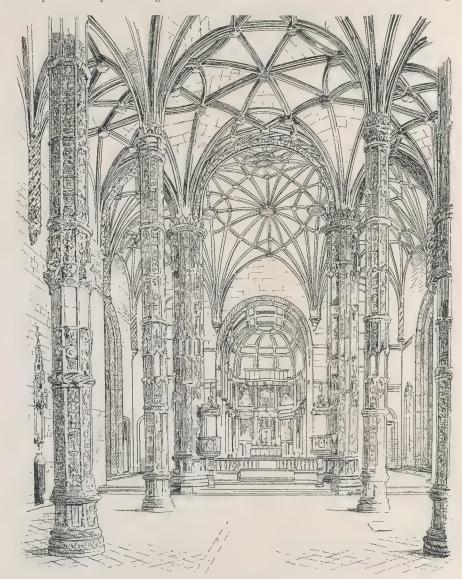
O convento dos Jeronymos em Belem. Mestre Boutaca. Mestre João de Castilho. Construcção do mosteiro. Architectos e empreiteiros. Preços. Dormitorios. A egreja de Santa Maria. A capella mór. As naves principal e transversal. O côro. A capella mór.

DESDE os mais antigos tempos, Belem,[1] o ultimo suburbio de Lisboa Tejo abaixo, era de muito particular importancia para a cidade, ficando situado ao fim de seu porto, e defendido dos ataques dos piratas, que, como se sabe, desempenhavam ainda no principio do seculo papel dominante no mar, por uma poderosa torre, levantada á beira do rio, a de S. Vicente da qual voltaremos ainda a fallar. Ao tempo de D. Henrique, o navegador, compunha-se a aldêa de Belem apenas de cabanas de pescadores e de marinheiros. Aquelle principe fundou ali um pequeno mosteiro com egreja dedicada á Virgem Maria. Desde o anno de 1500, esta fundação tomou arrojado e impetuoso desenvolvimento; d'ella se formou o celebre mosteiro dos Jeronymos [2] com sua egreja de Santa Maria de Belem, a principal creação do estylo manuelino, a obra predilecta do rei afortunado [3].

Vasco da Gama, na noite precedente ao embarque, ultima passada em terreno da patria, rezou n'aquella capella da Virgem Maria, fazendo preces para que fosse o feliz descobridor do caminho maritimo para as Indias Orientaes, e n'este mesmo sitio, onde veio a desembarcar na volta e onde foi recebido pelo rei, ali se decidiu eternizar, por meio d'um monumento extraordinario, o grandioso acontecimento que dos portuguezes fez a primeira nação maritima.

Em 21 de abril de 1500, D. Manuel, lançou a pedra fundamental do novo edificio. Este monumento, unico no seu genero, não só realizou o impulso artistico da época, mas ao mesmo tempo formou em pedra o monumento nacional do maior feito, adquirido para o povo portuguez, como em palavras é os *Lusiadas* de Camões.

Segundo contas encontradas, o primeiro architecto do mosteiro, durante alguns decennios, teria sido Boutaca (Botaca ou Boytaca, etc.) o qual trabalhou para D. João II e D. Manuel. Diz-se que estivera antes na Italia, o que está em contradicção com as fórmas absolutamente em gothico das ultimas épocas, do mosteiro de Christo em Setubal, construido por elle, segundo se affirma. Em 1511, cita-se como architecto um Fernandes Lourenço. Porém, das datas comparadas e conhecidas, obtem-se a impressão de que o edificio não tivera feito até 1517, progresso digno de menção. Só desde esta época em diante parece ter-se lançado mão á obra com mais seriedade; começam n'este anno a verdadeira construcção, os grandes pilares da nave, as capellas debaixo das torres, o portal principal, a sachristia, o refeitorio. O claustro, como parece, foi começado ainda mais tarde, encontrando-se as datas de 1542 e de 1544 nos fechos das mais recentes abobadas do seu primeiro pavimento. A original capella mór da egreja estava tão adiantada em 1523, que podiam-se pôr as barras de ferro nas janellas; por conseguinte estas ainda não estavam fechadas. D'estas noticias se póde deduzir que o desenvolvimento da construcção, foi detido pela indecisão na escolha do traçado a seguir, como tambem polo lançamento das fundações. Como a edificação sò com D. João de Castilho toma fórma definitiva, póde dizer-se com certeza que este foi o verdadeiro e competente architecto pelo menos da construcção artistica em seu conjuncto; porém a planta corresponde bastante á da egreja de Christo em Setubal, de maneira que ha direito de dizer que ella é de Boutaca e foi fielmente conservada na

execução. A architectura de Setubal, porém, não mostra Boutaca como artista tão eminente que se lhe podesse logo attribuir a nave transversal. A soberba construcção do dormitorio não estava ainda principiada no anno do fallecimento de D. Manuel em 1521.

Interior da Egreja de Santa Maria de Belem

composição total d'uma obra, tão imponente como a de Belem.

Em 23 de setembro de 1522, affirma-se outra vez ser Castilho o mestre e por esta occasião recebe elle mil cruzados pela construcção dos pilares e da grande abobada da

João de Castilho nasceu pelos annos de 1490 e morreu proximo de 1581. A sua acção productora abrange por conseguinte todo o periodo glorioso do seu paiz. No anno de 1541, dá elle n'um recibo que ainda se conserva, uma lista dos trabalhos que diri-

gira:—os do mosteiro de Belem; os do palacio do lado do mar do Terreiro do Paço (agora praça do Commercio) — varandas da sala, a caixa da escada, capella e quarto da rainha D. Catharina—; a capella do mosteiro de S. Francisco em Lisboa; diversos pequenos trabalhos no arsenal e na alfandega, como tambem em differentes palacios e hospitaes; construcções em Thomar: —o côro, a sala do capitulo, o grande arco da egreja, portal principal, e os aposentos da rainha; trabalhos menos importantes na cidade; outros em Alcobaça e Batalha, etc. Foi tambem utilizado como constructor de fortalezas, e especialmente se vangloriava da que realizára no grande bastião de Mazagão, uma notavel obra de architectura militar. Ainda em 1551 trabalhou em Thomar. Existe um documento de 1581, sobre uma renda ou pensão de 52$000 réis que elle cobrava e que foi annullada por causa da sua morte em 30 d'agosto.

Pulpito em Santa Maria de Belem

Os seus trabalhos mais antigos, os de 1519 em Alcobaça, e os que provavelmente executou pelo mesmo tempo em Thomar, testemunham por forma persuasiva que elle era um mestre primacial na maneira naturalista do gothico das ultimas épocas, muito mesclada de motivos indios; assim, se não quizermos dar o principal merito a Ayres do Quental, o qual, segundo a tradição é autor da sala do capitulo em Thomar, devemos reconhecer João de Castilho, perante os documentos, como o verdadeiro porta-estandarte da architectura nacional portugueza, porque elle expressamente se ufana d'essa construcção, a qual deve ser considerada como a mais caracteristica e curiosa n'aquella orientação. Uma lenta infiltração de detalhes da renascença, especialmente em ornatos, condul-o passo a passo a uma renascença que se váe tornando cada vez mais distincta, até que o mestre, proximo de 1530, abandona a velha fór-

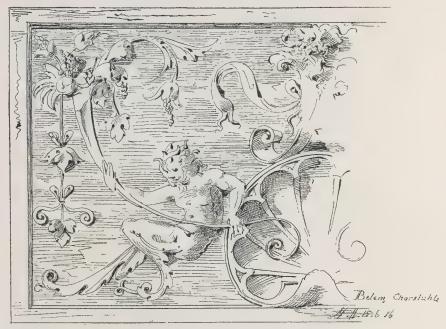
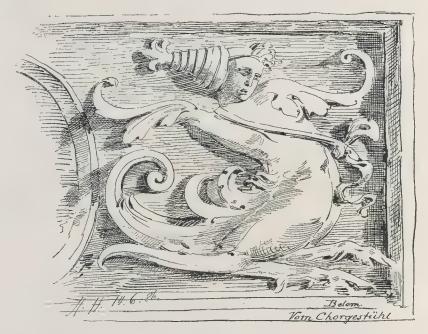
Cadeiras do côro

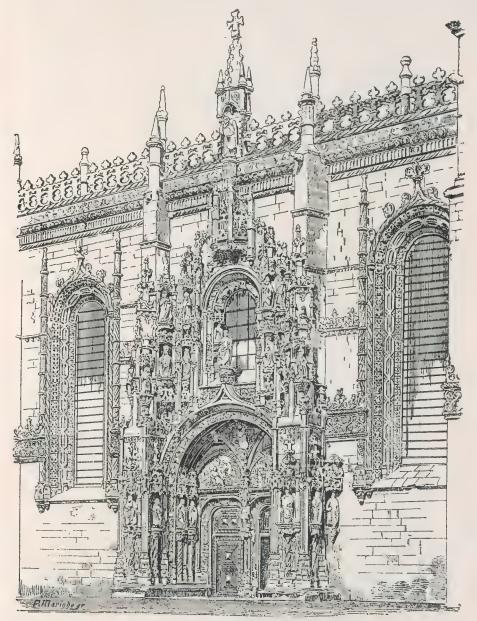
ma de expressão artistica, applicando-se a uma outra composição e execução analogas á maneira hespanhola do mesmo periodo. A sua ultima obra authentica, a *loggia* das capellas imperfeitas da Batalha (1553) já não apresenta o antigo caracter. Mas basta de João de Castilho.

E' muito interessante o modo como os trabalhos de Belem eram dirigidos e pagos. Havia uma especie de direcção ou camara de contas com um provedor, um almoxarife e um secretario, cada um dos quaes guardava uma das 3 chaves do cofre. A construcção custava cerca de 9 a 14$000 réis por semana; o salario do mestre Boutaca era de 100 réis, dos outros mestres era de 60, 50 e 40 réis durante todo o tempo que a obra se executou de jornal. Mais tarde adoptou-se o systema de empreitada, talvez para que a obra progredisse mais rapidamente. Este systema começou a 2 de janeiro de 1517 sob a direcção de Castilho, ao qual deram de tarefa os claustros, a sala do capitulo, a sacristia e o portal da nave transversal. Para isto tinha de ter sempre cem trabalhadores e recebia cada mez 140$000 réis, por conseguinte 50 réis por dia e operario.

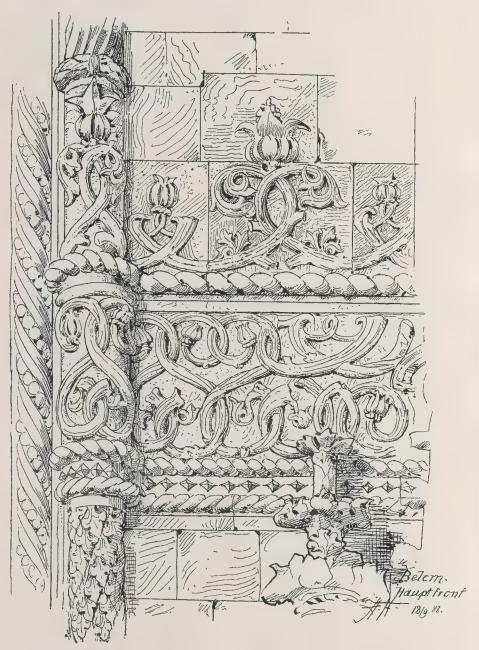
Citam-se além de Castilho outros artifices empregados n'aquella construcção, que trabalhavam sob sua direcção. Em 1517, dava-se de empreitada a Domingos Guerra, architecto, uma capella; a João Gonçalves, outra; a Francisco de Benavente, architecto, os pilares grandes da nave; a Fernando Fermosa, architecto, a sacristia; a Leonardo Vaz, o refeitorio. Dava-se ao mestre Nicoláo o francez, esculptor, a execução do portal principal, por certo ao mesmo artista que mais tarde com Diogo de Castilho fez a esplendida entrada da egreja de Santa Cruz em Coimbra. Que fosse o mesmo Nicolao Chatranez quem em 1532 construiu o esplendido altar da Pena em Cintra, não parece provavel perante o estylo, comtudo não seria impossivel. Dos pintores que foram empregados na decoração citam-se: Braz d'Avellar e Arrerino em 1510; Gaspar Dias em 1534; e Man. Campello em 1540.

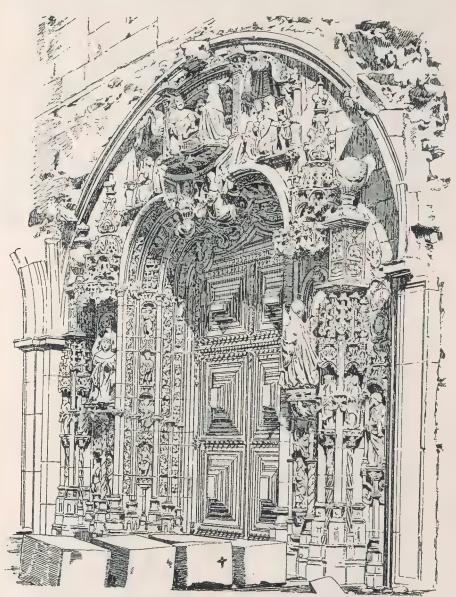
Lambis da bancada do côro

El-rei D. Manuel não viveu para vêr o acabamento da obra, se em verdade acabada se pode ainda hoje considerar. Seu filho D. João III, até 1551, deu á construcção um tal ou qual acabamento. A grandiosa traça do mosteiro compõe-se d'uma soberba egreja de trez naves com sua transversal e uma

Detalhe de esculptura em madeira

Detalhe de esculptura em madeira

galeria ao poente para côro dos monges, e d'um esplendido claustro quadrado ao norte, desenho projectado era maior. Ao lado poente da egreja ajuntou-se a immensa con-

Portal do lado sul da Egreja de Santa Maria

encerrado entre o refeitorio, a sala do capitulo e a sacristia. As outras edificações d'esse lado desappareceram com o segundo pateo ou nunca foram executadas. Com certeza o strucção dos dormitorios, consistindo no rez-do-chão em uma sala aberta de 185 metros de comprimento, repousando sobre pilares de reforço e em cima em um andar com di-

visões irregulares que continham as cellas, aposentos e quartos dos monges. Este andar superior está infelizmente restaurado n'um estylo de imitação manuelino, e outras construcções antigas desappareceram. Hoje aloja-se no mosteiro um asylo para orfãos (Casa Pia) e o todo tem andado há cerca de trinta annos em restauro, ou antes n'uma especie de reconstrucção. Teem sido consideraveis os dispendios, mas infelizmente os resultados

Detalhe do portal

não lhes têem correspondido. (A nova construcção central para os dormitorios, de esplendida intenção, cahiu em ruinas antes de 1755. Tem a egreja tres naves com abobada e outra transversal e côro, fórma que me é desconhecida no resto do sul e

Portal da fachada oeste da Egreja de Santa Maria

mesmo de se haver concluido). A egreja está ainda felizmente e pela maior parte no seu antigo estado e resistiu apesar da sua audaciosa construcção ao terrivel tremor de terra que só tem parelha na egreja de Christo em Setubal, á qual falta apenas a nave transversal. Seu comprimento é de cerca de 92 metros. A largura da nave de 22,6

metros. A da nave transversal 19 metros, sendo o comprimento d'esta de 29 metros.

A abobada reticulada da nave é sustentada, alem dos pilares do cruzeiro por seis esbeltos pilares octagonos que apenas teem um metro de espessura; inaudito arrojo de construcção para uma tão elevada altura de nave que mede mais de 25 metros. Os pilares do cruzeiro teem secção tetrafida ou tetralobada e um diametro de 2,20 metros. Os dois ultimos pilares do lado poente repousam sobre a solida galeria do côro, de maneira que só quatro d'esses elegantes suportes, estão desde baixo isolados. O reticulo da abobada apresenta a maior riqueza no entrançado das nervuras e no talhe luxuoso das pedras.

(Continua).

Notas do auctor. — [1] Guia do viajante em Belem, Lisboa, 1872.

[2] Entregue ao serviço dos monges de S. Jeronymo.

[3] Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem, por Fr. A. de Varnhagen. Lisboa, 1842.

Detalhe do portal

O Castello de Windsor

A Alliança com Inglaterra

A annunciada e proxima vinda a Portugal da sua majestade o rei Eduardo VII, em visita deferente e sobremodo significativa, torna opportuna a enumeração descriptiva que n'este artigo se faz dos numerosos e bem antigos tratados de alliança entre as duas nações, recentemente confirmados e executados dia a dia em decisivos actos de intervenção diplomatica e em reciproca troca de serviços que do entrelaçamento de interesses dos dois paizes coloniaes limitrophes naturalmente derivam para grandeza de cada um e em beneficio da civilização.

Mr. Chamberlain, ministro das colonias de Inglaterra, na sua recente passagem pela ilha da Madeira, de regresso da Africa do Sul, agradecendo um brinde, que pessoalmente lhe foi dirigido pelo sr. governador civil do Funchal, no almoço official, que lhe foi offerecido no palacio de S. Lourenço, recordou que ha seculos Portugal e a Inglaterra vivem estreitamente unidos, julgando que o mais antigo dos tratados existentes nos archivos inglezes é o primeiro tratado de alliança offensiva e defensiva celebrado entre os dois paizes e que, com viva satisfação dizia, havia sido confirmado recentemente. Mr. Chamberlain referiu-se, de certo, aos tratados, que por ordem de S. M. a rainha Victoria foram apresentados á camara dos communs de Inglaterra, em consequencia do discurso da corôa de 15 de julho de 1898, como fazendo parte dos compromissos internacionaes mantidos pela Inglaterra. N'esta interessante publicação, vem, entre outros tratados internacionaes, enumerados os de Portugal e a Inglaterra, dos quaes o primeiro foi celebrado em Londres, aos 16 de junho de 1373, entre S. M. o rei Eduardo de Inglaterra e França e S. M. o rei D. Fernando de Portugal e rainha sua consorte D. Leonor, tratado proclamado na Sé Cathedral de Londres n'aquelle mesmo dia, em que se celebrava a festa do Corpo de Deus, como vem especificado no fecho do tratado. Este tratado é tambem o mais antigo tratado de Portugal. Era um tratado reciproco de alliança offensiva e defensiva, obrigando-se os dois chefes de estado a tra-

tar os amigos e inimigos como se seus proprios fossem e auxiliarem-se mutuamente, na terra como no mar, para defensa da integridade e independencia dos respectivos paizes prestando-se auxilio armado, de homens e navios, contra invasores, perseguidores e inimigos.

O segundo tratado, assignado em Windsor em 9 de maio de 1386, em seguida á guerra de independencia nacional e para consolidação d'esta, entre o rei de Inglaterra e o rei de Hespanha, assegurando a integridade de Portugal, mantinha, nas suas linhas geraes, o tratado de 1373. O terceiro tratado foi assignado em Londres em 20 de janeiro de 1642 entre o rei Carlos de Inglaterra e o rei D. João IV de Portugal, confirmando a historica alliança offensiva e defensiva entre os dois paizes. O quarto tratado, assignado em Westminster aos 20 de julho de 1654, entre a Republica de Inglaterra e o Reino de Portugal, (Cromwell e D. João IV) continha vinte e oito clausulas, mantendo e ampliando n'algumas d'ellas as dos tratados anteriores, fôra precedido, d'um accordo preliminar, assignado em Londres em 29 de dezembro de 1652 e tinha appenso um artigo secreto, fixando em 23 por cento o maximo dos direitos a cobrar nas alfandegas do reino pela importação de fazendas, mercadorias e manufacturas inglezas. O quinto tratado foi assignado em Whitehall em 28 d'abril de 1660 e declaravam as duas altas partes contractantes, considerarem firmes e validos os artigos preliminares do accordo de 29 de dezembro de 1652 e clausulas do tratado de paz e alliança de 20 de julho de 1654. Em 23 de junho de 1661, assignava-se em Whitehall, o sexto tratado, declarando confirmados e ratificados, em tudo e para tudo, os tratados celebrados entre Portugal e a Inglaterra depois de 1641, consignando a clausula reciproca do auxilio armado, de 1.000 homens de cavallaria e 2.000 homens de infantaria no caso de guerra e a assistencia da esquadra ingleza, no caso de bloqueio, para defensa dos portos de Lisboa, do Porto ou qualquer outro porto de mar portuguez. Um artigo secreto consignava, que em homenagem a achar-se tratado o casamento do rei Carlos de Inglaterra com S. A. S. a infanta de Portugal D. Catharina, a Inglaterra se obrigava a defender e proteger com homens e navios *(with men and ships)* todas as conquistas ou colonias pertencentes a Portugal e a obrigar a Hollanda a restituir-lhe as que tinha occupado.

O setimo tratado, foi assignado em Lisboa em 16 de maio de 1703, (o tratado Methuen) e confirmado, por termo de solemne ratificação, em 27 de dezembro do mesmo anno, pelo marquez de Alegrete, em nome do rei de Portugal D. Pedro II e por Mr. John Methuen, embaixador da rainha Anna de Inglaterra. O oitavo e ultimo tratado, da serie dos que são considerados integralmente mantidos, sob o ponto de vista da alliança politica, é o assignado em Vienna em 22 de janeiro de 1815, declarando nullo e sem effeito o tratado concluido no Rio de Janeiro em 19 de fevereiro de 1810 e renovados e confirmados os antigos tratados de alliança, amizade e garantia, que desde tão longas épocas felizmente subsistiam entre as duas corôas. A publicação official ingleza, a que nos referimos no começo deste artigo, encerra a parte relativa de Portugal com uma nota, dirigida em 19 de fevereiro de 1873 por Lord Granville ao ministro de Inglaterra em Madrid, (então egualmente acreditado junto á côrte de Lisboa) dizendo que *apesar do governo inglez se ter sempre abstido de intervir nos negocios internos dos outros paizes, os tratados entre Portugal e a Inglaterra o obrigavam a defender Portugal contra aggressão estranha e por isso os hespanhoes não podiam contar com a indifferença da Inglaterra na hypothese d'um ataque externo sobre Portugal.* Esta nota fôra motivada pelo facto do ministro de Hespanha em Londres haver sondado Lord Granville acêrca de um movimento combinado entre os republicanos hespanhoes (estava no podêr a republica de 11 de fevereiro) e os portuguezes para a unidade politica da peninsula sob a forma republicana.

Dos tratados historicos entre Portugal e a Inglaterra resultaram varias provisões, alvarás, decretos e leis, promulgados pelos soberanos portuguezes a favor dos subditos inglezes. Estes diplomas foram encorporados na *Carta de Privilegios e Foral dos Inglezes*, outorgada por el-rei D. João IV em 4 de novembro de 1642. O mais antigo destes documentos foi promulgado em Coimbra por el-rei D. João I, em 20 d'agosto de 1400, o segundo em Lisboa, em 29 d'outubro de 1450, por el-rei D. Fernando, o terceiro em Evora, em 28 de março de 1452, por el-rei D. Affonso V, o quarto em Evora, por el-rei D. Manuel, em carta cuja data não é conhecida e foi reproduzida no alvará de el-rei D. João IV, a que nos vamos referindo. A carta dos privilegios e liberdades dos inglezes em Portugal foi successivamente ampliada, por novas concessões e favores, por diplomas régios de 25 de maio de 1647, de 29 de maio de 1656, de 4 de julho de 1657, de 27 de janeiro de 1661, de 16 de setembro de 1665, de 23 d'agosto de 1667, de 2 de

agosto de 1668 e de 7 de maio de 1708, e tudo foi reunido e publicado n'um volume, hoje raro, impresso em Londres em 1736, composto em portuguez e inglez e compre-

Eduardo vii, Rei de Inglaterra, Imperador das Indias

hendendo o tratado de 1703 e a celebre lei dos diamantes do Brazil de 24 de dezembro de 1734. Segundo se diz no prefacio, a carta dos privilegios e foral dos inglezes foi obtida por copia de uma certidão authentica passada pela *escritoria* da conservatoria hespanhola em Lisboa a cargo do escrivão propretario Mathias Corrêa d'Avellar. A existencia deste documento na conservatoria hespanhola explica-se pelo facto de haverem sido concedidos eguaes privilegios aos hespanhoes, em materia de processos crimes ou civeis, por decreto de 19 de novembro de 1691. Seria tornar demasiadamente longo este artigo fazer a especificação dos privilegios e liberdades consignados no historico foral,

mas podemos dizer, como esclarecimento, que em regra, constituem um tratamento de egualdade, tanto para os cidadãos, como para as mercadorias inglezas, em relação aos nacionaes portuguezes.

Posteriormente ao tratado de Vienna de 22 de janeiro de 1815, um novo tratado de commercio e amizade foi celebrado entre Portugal e a Inglaterra em 6 de agosto de 1840, ratificado em 8 de maio de 1841 e encorporado no tratado de 3 de julho de 1842, tratado este que, não tendo sido comprehendido na declaração de 15 de julho de 1898, ficou *ipso facto* considerado como insubsistente, não se tendo dado até então a hypothese de denuncia prevista pelo seu art.º 19.º Este tratado de 1842, assignado em Lisboa, pelo sr. duque de Palmella, plenipotenciario portuguez e por lord Howard de Walden, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario inglez, foi motivo de uma larga controversia entre os gabinetes de Lisboa e de Londres, principalmente entre o barão da Ribeira de Sabrosa e o visconde de Sá da Bandeira e lord Palmerston. Os documentos relativos a esta calorosa pendencia diplomatica são dos mais notaveis de toda a moderna historia politica das nações. O mais moderno dos tratados anglo-portuguezes é o de 11 de junho de 1891, assignado e ratificado, depois do successivo malogro dos tratados, assignados mas não ratificados, de 28 de maio de 1879 e de 20 de agosto de 1890, relativos aos limites das possessões portuguezas do continente africano.

E', pois, decerto, o famoso tratado de 16 de junho de 1373 o mais antigo diploma diplomatico archivado na chancellaria ingleza e assim se assignala e confirma a antiguidade e constancia da alliança entre Portugal e a Inglaterra, alliança, que consagrada perante a historia, tem a engrandecel-a a alliança entre as duas familias dynasticas do seculo XIV, pelo casamento de el-rei D. João I com a egregia D. Fillipa de Lancastre, a illustre e gloriosa mãe dessa *inclyta geração de altos infantes*, que foi mais do que a gloria de Portugal, a gloria da humanidade e da civilização. Duas vezes a Inglaterra nos prestou auxilio para mantermos integra a independencia e a liberdade nacional, duas vezes os seus soldados pelejaram brilhantemente ao lado dos nossos contra os inimigos da patria portugueza e por uns e outros se dividiram, mais d'uma vez, em recontros que ficaram celebres, os louros da victoria. O grande portuguez sr. Alexandre Herculano, n'um dos seus notaveis escriptos, fallando da alliança de Portugal com a patria de Nelson e de Wellington, disse que ella é indestructivel porque procede, não só das tradições historicas e da analogia de instituições politicas, mas tambem da força das circumstancias: «A origem dessa intima alliança «tem a data escripta no mais grandioso mo«numento do paiz. A Batalha recorda-nos «que ha um pacto perpetuo, assellado com «sangue, entre Portugal e a Inglaterra. Quan«do o povo portuguez deixar de ser o irmão «e o amigo do povo inglez, tem de derribar «primeiro o templo de Santa Maria da Victo«ria, e de lá, de cima das suas ruinas, sobre «os ossos de D. João I, o arauto da discordia, «tem a annunciar ao mundo que o velho pacto «expirou. Ha perto de quatro seculos, nos «campos de Aljubarrota e em frente dos es«quadrões francezes e castelhanos, a invenci«vel infantaria ingleza jurava, com os cavallei«ros portuguezes, que esta terra seria livre e «uns e outros cumpriam heroicamente o seu «voto.» Que testemunho e que depoimento mais autorizado, mais honrado, mais patriotico, mais portuguez, poderemos nós invocar, neste momento, para fecho desta noticia acêrca da alliança entre Portugal e a Inglaterra?

AUGUSTO RIBEIRO

O Papa Leão XIII — (Lumen in Cœlo)

MOTES PROPHETICOS

A grandeza extraordinariamente luminosa do venerando chefe da egreja catholica, que no decorrer da sua edade avançada se sente, dia a dia, humanamente enfraquecer, deslumbra e captiva de tal sorte as attenções do mundo que o problema eventual de sua successão ao throno pontificio, feita por eleição secreta e rodeada de solemnes cerimonias, preoccupa intensamente os espiritos, e torna opportuno e interessante recordar, como se faz no artigo seguinte, algumas curiosas prophecias que lhe dizem respeito.

N'este momento Roma entrega-se á angustiosa anciedade de um jogo conhecido pelo nome de *il giuoco dei papabili* — um jogo de adivinhação sobre quem ha-de succeder eventualmente ao throno de S. Pedro; e no decurso d'estas probabilidades discutidas as antigas prophecias de São Malachias vieram de novo á luz. Se ao communicar estes boatos e conjecturas se transgride regras de deferencia, deixe-se cair a censura sobre aquelles que, praticando jogos prohibidos, estimulam os instinctos jornalisticos ao registo das suas ousadas apostas. Ficaremos, comtudo, dentro dos limites das prophecias veneraveis do santo irlandez.

Como é sabido, ou se não o é devia sê-lo,

São Malachias, de Armagh, primaz de toda a Irlanda, viveu no duodecimo seculo e deixou monumento immorredouro de sua memoria n'uma serie de propheticas locuções concernentes, entre outras, aos futuros occupadores do throno de S. Pedro. O advento de Leão XIII foi predito, na centesima terceira prophecia, sob a divisa de *Lumen in coelo* — uma divisa extranhamente suggestiva e bem adequada. Com effeito, no brazão d'armas do venerando pontifice, que foi o cardeal Pecci, brilham um cometa e uma estrella, como se fossem symbolos da sua luminosa e fulgurante intelligencia. Mais dez prophecias teem de ser realizadas ainda, e depois conforme a propria carta de revelações do santo irlandez, virá o fim do mundo christão. O padre Menestrier, no seu tratado especial, Moreri no seu diccionario, Sandini no seu livro das *Vidas dos Pontifices Romanos*, e outros teem authenticado as prophecias de São Malachias, como tendo alcançado realização. Sem duvida será interessante citar alguns dos mysticos titulos preditos, e dedicados aos papas do ultimo seculo, afim de que o engenho em combinar um facto consummado com uma symbolica locução prophetizada possa tornar-se de facil comprehensão. Assim, a divisa *Aquila rapax* de São Malachias subsistiu para Pio VII, que tinha no brazão d'armas uma aguia preta. Ainda que falhasse este emblema no escudo, o symbolo prevalecia irrefragavel, lembrando-nos das tribulações soffridas pela Santa Sé, ao tempo sob as audaciosas e largas azas da aguia napoleonica. *Canis et Coluber* (cão e serpente) pertenceu a Leão XII, que, como aquelles dois animaes symbolisam, era vigilante fiel e prudente na guarda e no governo do seu vasto dominio. Pio VIII foi proclamado como *Vir religiosus* (varão religioso) vaticinio pouco especialisado; porém Gregorio XVI, que seguiu, foi predito com singular felicidade na divisa *De balneis Etruriae* (dos banhos da Toscana) pois sua Santidade era oriundo de Belluno, de Camaldoli, na Toscana. *Crux de cruce* coube a Pio IX, e não carece esta de explicação, se recordarmos que a cruz, além de symbolo de gloria *(gloria appellatur crux)* é emblema de soffrimento, e n'este pontificado o Vaticano se transformou em carcere doloroso. A divisa prophetica de Leão XIII foi já mencionada; e aqui transcrevem-se por ordem de videncia as dez divisas do santo, as quaes regularão a escolha dos futuros pontifices.

O CARDEAL GIROLAMO-MARIA GOTTI
Nasc. em Genebra aos 29 março 1834

O CARDEAL SERAFINO VANNUTELLI
Nasc. a 26 nov. 1834

Ignis ardens (Fogo ardente).

Religio depopulata. (Religião despovoada).

Fides intrepida. (Fé intrepida).

Pastor angelicus (Pastor angelico).

Pastor et nauta. (Pastor e marinheiro).

Flos florum. (Flor das Flôres).

De medietate lunae. (Da meia lua).

De labore solis. (Do trabalho do Sol).

Gloria olivae. (Gloria da oliveira).

Petrus Romanus. (Pedro de Roma).

Anda annexo a estes motes o seguinte commentario:

In persecutione extrema sacrae Romanae Ecclesiae sedebit Petrus Romanus qui pascet oves in multis tribulationibus; quibus transactis, civitas septicolis diruetur: et Judex tremendus judicabit populum.

Assim a divisa de *Gloria Olivae* parece ser o mote d'este *Petrus Romanus*, que ha-de

apascentar o seu rebanho no meio de muitas tribulações, ao mesmo tempo que a santa egreja romana ha-de ser presa de perseguições extremas; que a cidade das sete collinas (Roma) será destruida, e o Juiz terrivel julgará o seu povo.

O Cardeal Ferrari, Arcebispo de Milão
Nasc. a 13 agosto 1850

Seria realmente extraordinario que o ultimo Papa fosse Pedro Romano, segundo de nome, — tendo sido o primeiro S. Pedro, por quem foi edificada a egreja. Seria uma repetição historica? O desmonoramento da Cidade Eterna coincidiria então com os precedentes similhantes, fornecidos pelos nomes de Romulus Augustulus com a queda do imperio Romano, e de Constantino Dracoceces com a queda do imperio fundado por Constantino, o Grande? Voltemos porém, ao mote que tem de presidir á escolha do futuro Papa. *Ignis ardens*, segundo São Malachias. Trez candidatos parecem corresponder a esta clausula prophetica.

O Cardeal Domenico Svampa
Nasc. a 13 junho 1851

O cardeal Svampa, arcebispo de Bolonha, por causa do *Sol d'ouro* que tem no seu brazão; o cardeal Vannutelli, por causa do seu nome de baptismo, Serafino que, derivando-se do hebreu, significa fogo; e o cardeal Ferrari, arcebispo de Milão, pela sua mocidade *ardente*, vivaz e irrequieta, se alguma significação isto póde ter. Este cardeal Vannutelli é irmão do cardeal Vicenzo Vannutelli que em tempos foi nuncio em Lisboa.

Alguns annos já volvidos, eram favorecidos de predilecção na escolha os cardeaes Lucido Parrocchi, que falleceu recentemente, Raffaele Monaco la Valetta, e Serafino Vannutelli. O cardeal Parrocchi era um eminente polyglotta, e durante a celebração do grande jubileu conversou em allemão aos allemães, em latim aos hungaros e polacos, em francez aos francezes, e em inglez aos inglezes. Elle alcançára opinião brilhante a seu respeito pelo seu saber do mundo e pelas maneiras encantadoras de classico prelado italiano, — principalmente entre cardeaes estrangeiros. Sua eminencia Monaco la Valetta era preferido por aquelles que desejavam a paz e a abstenção da egreja na politica.

O cardeal Vannutelli era já então o candidato dos que se denominam *il partito dei giovani*, o partido dos novos, dos opportunistas, cujo programma consiste n'uma politica de intervenção activa em eleições, de fórma a inaugurar uma época de acção efficaz, fazendo participar de todas as funcções do Estado os catholicos fieis. E diz-se tambem que o cardeal Vannutelli, o celebre socialista catholico das reuniões de Fribourg, é esteio vigoroso da triplice alliança.

Parece que, no entender dos que prescrutam o futuro, as probabilidades do cardeal Svampa têem diminuido. Foi até irreverentemente descripto como tendo cara de ecclesiastico e nome de opereta. Recentemente entraram n'este concurso hypothetico mais dois candidatos: o cardeal Angelo de Pietro e o cardeal Girolamo-Maria Gotti. Um monge franciscano predisse que o primeiro havia de ser Papa; mas o segundo tem no seu brazão um facho brilhante, *Ignis ardens*, como diz São Malachias.

E o advento d'este symbolo é corroborado de uma maneira singular por uma outra prophecia do decimo terceiro seculo. No Werdin d'Ottrante — *Vaticinum Memorabile* — do qual existe uma copia na Bibliotheca Na-

cional de Paris, diz-se que no throno de S. Pedro ha-de depois brilhar uma *radiante estrella*, escolhida contra a expectativa dos homens, e no meio de *uma intensa luta eleitoral*, — estrella cujo scintillante brilho estranho illuminará a Egreja Universal. — Mais adiante, a mesma autoridade citada diz:— «Depois um homem novo e bello, da posteridade de Pepino, e vivendo em paiz estrangeiro, virá comtemplar a gloria do Pastor e este collocará de uma maneira surprehendente este mancebo no throno de França».

Encontra-se muitas vezes em outras prophecias esta curiosa insinuação d'um duplo reinado, o da Santa Sé e o da França, figurando juntamente como, por exemplo, nas palavras de Savonarola. «O Papa terá comsigo um imperador, homem recto e virtuoso, que será do sangue sagrado dos reis de França. O principe dar-lhe-ha auxilio e lhe obedecerá em tudo para reformar o universo, e com este Papa e com este imperador o mundo tornar-se-ha melhor, para que se abrande a ira de Deus».

N'um outro lugar, Nostradamus prediz um grande levantamento quando *Jeune Roy Rouge prendra la Monarchie* (quando um rei de purpura tomar a monarchia), porém elle, tambem faz soar uma nota de alarme, n'uma das suas *centurias*, com respeito ao destino de Roma:

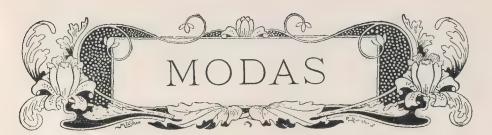
O vaste Rome, ta ruyne s'approche,
Non des tes murs, de ton sang et substance.[1]

As citações mencionadas, cobrindo seculos, provam singularmente como os espiritos humanos correm através do tempo e do espaço para os mesmos fins. Desde o duodecimo seculo até o presente, as prophecias determinam um tempo de desasocego, ou revolta, quando fôr eleito um novo pontifice sob o symbolo de *Ignis Ardens*, precedendo o advento d'um duplo reinado e d'um aperfeiçoamento notavel da humanidade.

O emblema está claramente representado no brazão de sua eminencia, o cardeal Gotti; e o que resta apenas acrescentar são as palavras de S. Paulo, que ensina aos Thessalonicences, na sua primeira epistola:—*Prophetias nobile spernere, omnia autem probate, quod bonum est tenete.* — (Não desprezeis as prophecias; examinae, porém, tudo; e guardae o que fôr bom).

[1] «O' grande Roma, a tua ruina approxima-se, não das tuas muralhas, mas do teu sangue e substancia.»

(Segundo Nevers).

MODAS

TEM-SE definido este anno mais vagarosamente a moda primaveril, talvez porque o inverno se prolongou mais do que usualmente nos grandes centros da elegancia feminina, ou porque a novidade de tecidos apresentada no mercado ainda não logrou alcançar preferencia decisiva.

Uma gamma de côres pardas, variando do *beige* ao *castor* escuro, adquiriu preponderancia, e provavelmente conserval-a-ha durante toda a estação quente. Admitte uma extensa variedade de tons; tanto no claro, como no escuro, que pode adaptar-se a todas as physionomias e typos de belleza, prestando-se sem duvida os pardos, quer em fazendas de lã e de algodão, quer em sarjas leves e de phantasia, a ser empregados nos diversos generos de *toilettes* e com applicações e destinos bem distinctos.

Ao lado d'esta escala de côres mortas, teem recebido preferencia, menor sem duvida, mas tambem notavel, a gamma dos verdes, principalmente esmeralda para accessorios e enfeites. Fabricam-se tambem tecidos em côr verde *reséda* que em verdade tem recebido apenas acceitação de parte da elegancia excentrica.

Certo é, porem, que de anno para anno se accentua uma acertada independencia na côr das *toilettes*, como se reconhece nas selectas reuniões mundadas, onde apparecem os mais variados tons conforme ao gosto individual, o que representa uma notavel revolta contra as prescripções imperativas da moda, n'outras épocas, uniformizando a belleza feminina n'uma monotona confraria. O bom gosto artistico tem progredido, e assim na feitura dos vestuarios olha-se mais para a excellencia dos materiaes empregados e para o meticuloso escrupulo do córte e do acabamento do que propriamente para o modelo que cada elegante de per si adopta e escolhe consoante a seu proprio typo, conservando apenas as linhas geraes traçadas no figurino para não affectar excentricidade pretenciosa.

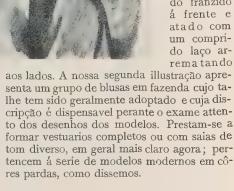
Onde este aspecto do bom gosto se reconhece mais evidente e mais contraprovado, não é nas revistas e jornaes de modas, é principalmente nas *vitrines* sempre renovadas dos grandes photographos de fama, que põem em exposição os retratos das grandes damas e das grandes mundanas. Sem duvida, estas vão buscar aos mais luxuosos *ateliérs* as creações deliciosas com que posam deante da objectiva; porem reconhece-se que não ha regras inflexiveis, nem imitações servis, ao contrario, em muitas d'estas photographias, que constituem quasi quadros artisticos, descobrem-se indicações de fino gosto, denunciadoras de que houve intenção de approximar a *toilette* mais d'uma época historica do que d'outra, conforme a estatura, a esbelteza do busto, o tom geral da physionomia exigiam.

Quem observar aquellas exposições de retratos encontra ainda uma nota predominante de simplicidade, que não exclue o adorno, mas contrasta frisantemente com a complexidade de *toilettes*, chamadas theatraes, mui-

tas vezes elegantes em verdade na fórma geral, todavia espectaculosas em demasia, destinadas a produzir determinados effeitos que as atrizes de nome e de valor calculam antecipadamente em concordancia com o caracter da personagem que pretendem reproduzir ou compôr. N'esta escolha está não raro a aferição do talento creador da artista, e não raro tambem se define por esta maneira a sua mediocridade, quando a discordancia entre a *toilette* e o temporamento, a côr e o caracter, o adorno e a psychologia da personagem se patenteam irritantes.

D'aquellas creações theatraes das grandes modistas nascem innumeras imitações que veem reproduzidas nas paginas dos jornaes ou revistas denominadas de modas e destinadas ao reclame das casas que as fabricam, e d'ellas se deve afastar o bom gosto elegante. E' certo que as clientes ricas, fornecendo-se directamente d'aquelles mesmos *ateliers* celebres a afamados, obtem o que querem, sempre bom e distincto; mas para aquellas que modestamente, e quasi sempre se incluem na verdadeira *elite* da sociedade, compõem a sua propria moda, o aviso parece-nos salutar e precavido.

Os modelos agrupados nas gravuras que reproduzimos dão uma ideia geral das *toilettes* do momento, empregando ainda material pesado um pouco, mas já de fabrico da estação. São resguardos ainda prudentes contra os frios dos desgelos de abril.

Mostra a primeira um elegante vestido de velludo preto, enfeitado com bandas de setim branco e azeviche. Algumas das bandas são cobertas de renda em quanto que as que debruam a gola e as mangas são guarnecidas com grandes botões de azeviche. A manga é cortada na parte dianteira do braço para deixar vêr uns pufos de cambraia. O forro aqui deve ser de uma bonita seda de côr, visto ser muito saliente. O corpo é ajustado por uma fita larga de velludo franzido á frente e atado com um comprido laço arrematando aos lados. A nossa segunda illustração apresenta um grupo de blusas em fazenda cujo talhe tem sido geralmente adoptado e cuja discripção é dispensavel perante o exame attento dos desenhos dos modelos. Prestam-se a formar vestuarios completos ou com saias de tom diverso, em geral mais claro agora; pertencem á serie de modelos modernos em côres pardas, como dissemos.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Acontecimentos politicos

Janeiro.— **1** *Inglaterra*— A *Chartered* fecha o commercio de borracha em toda a parte da Rhodesia.

2 *Portugal* — Abertura solemne do Parlamento. — *Austria* —E' fechado o compromisso austro-hungaro devido á intervenção do monarcha. Estabelece o regimen e a ordem dos partidos militantes. — *Italia* — O governo decide subvencionar as irmãs franciscanas que vão abrir escolas na Tripolitana. — *Marrocos* — E' posto em liberdade Muley Mahomed, appellidado o *Torto*, irmão do sultão, tendo declarado não conspirar para occupar o throno. — *Russia* — E' dissolvida a côrte do grão-duque Paulo, por ordem do imperador, tendo se confiado os seus negocios a um administrador para esse fim nomeado.

3 *Bulgaria* — O governo bulgaro denuncia o tratado de commercio com a Austria, assignado ha seis annos e que só expiraria em dezembro de 1903. — *Macedonia* — Dá-se um encontro sangrento entre os bandidos da Macedonia e as tropas regulares em Brexovo. — *Venezuela*—Os allemães occupam sem opposição a alfandega de Puerto Cabello em La Guayra.

4 *Colombia* — As republicas da Colombia e do Equador renovam o tratado em que se compromettem a concluir amigavelmente por meio de arbitragem quaesquer difficuldades que surjam entre os dois paizes. — *Venezuela* —O Banco de Venezuela fecha as portas, occasionando verdadeiro panico.

5 *Portugal* — Cerca de duas mil pessoas das freguezias do nórte do conselho de Sabroza vem a esta villa reclamando contra o excesso de contribuições prediaes invadindo a repartição de fazenda e queimando as matrizes. — Entra a barra de Lisboa o cruzador *D. Carlos*, vindo do Brazil, onde foi representar Portugal no acto solemne da posse do novo presidente d'aquelle Estado. — *China* — O governo chinez recusa obstinadamente pagar indemnisação ás potencias tomando por base o ouro. — *Inglaterra* — Publica se o primeiro orçamento do Transvaal. As receitas são avaliadas para o anno que termina a 30 de junho em 100 milhões de francos e as despezas em 92.569.125 francos— *Estados Unidos* — O sr. Elôher, secretario da guerra, dá a sua demissão por motivo de falta de saude. — O sr. Bryan é nomeado ministro plenipotenciario em Lisboa substituindo o sr. Loomis. — *Venezuela* — E' acalmado o panico financeiro. — Os commerciantas acceitam pagamentos em notas do banco.—Uns 1.500 revolucionarios que marchavam para Caracas, commandados pelos generaes Ramos e Penalossa, são batidos perto de Gastire.

6 *Macedonia* — Os ministros dos negocios estrangeiros da Russia e da Austria-Hungria põe-se de accordo para reclamar do sultão da Turquia que implante immediatamente na Macedonia numerosas reformas, a maioria das quaes de caracter financeiro. — *Colombia* — A Allemanha decide a Colombia a repellir o tratado do canal de Panamá e no caso dos Estados Unidos não construirem o canal, um syndicato allemão comprará á companhia franceza os direitos da concessão. — *Estados Unidos* — Os conselheiros do presidente Roosevet, aconselham este a que adopte disposições para se construir sem perda de tempo o canal de Panamá, prescindindo da auctorisação do governo da Colombia e deixando ao tribunal arbitral da Haya a missão de fixar a indemnisação que hade ser dada á Colombia. — A camara dos representantes approvou o projecto de lei creando o estado-maior-general do exercito. — *Filippinas* — O delegado apostolico nas Filippinas, monsenhor Guidi, escreve ao papa dizendo que rebentará o schisma se os padres não forem d'alli retirados. — *Venezuela* — O general Mattos faz publicar uma proclamação declarando recomeçar a revolução.—Constitue-se o tribunal arbitral para examinar a validade do aprisionamento da esquadra da Venezuela e fixar o valor dos navios.

7 *Portugal* — O ministro da fazenda apre-

sentou ao parlamento a proposta de lei relativa ao orçamento. — *Turquia* — E' assignado o contracto para o fornecimento de 200:000 espingardas Mauser para o exercito ottomano. — *Allemanha* — A Allemanha denuncia os tratados de commercio com a Austria, Russia e Italia — *China* — Os ministros plenipotenciarios estrangeiros, com excepção do sr. Conger, representando os Estados Unidos, assignam uma nota conjuncta, reclamando o pagamento da indemnisação devida pela China sobre a base ouro. — *Venezuela* — A resposta da Italia á proposta de arbitragem do presidente Castro é concedida nos mesmos termos que as da Inglaterra e da Allemanha.

8 *Portugal* — E' publicado no *Diario do Governo* um decreto relativo á importação do trigo estrangeiro. — *Venezuela* — Os bancos accordam em adiantar diariamente dinheiro ao governo venezuelano para o pagamento das tropas. — O governo acceita os pedidos das potencias, fazendo todavia notar que as condições da nota das potencias são extremas e que as acceita unicamente constrangido pela força. — *Estados Unidos*. — Os ministros entregam a Mr. Haymann outra resposta do presidente Castro, na qual este se declara disposto a acceitar a arbitragem. — *Cuba*. — A camara de commercio internacional constitue-se para protestar contra o tratado de commercio dos Estados-Unidos com Cuba.

9 *Hespanha* — O conselho de ministros encarrega os ministros da justiça, reino e agricultura de estudarem o desenvolvimento que se deve dar ás questões sociaes. — O conselho de ministros auctoriza o ministro da fazenda de accordo com o dos estrangeiros a estudar as bases da politica commercial hespanhola. — *Inglaterra* — O governo britannico de accordo com o allemão, decide enviar uma commissão mixta á Africa Occidental para a delimitação das fronteiras, segundo o tratado de 1893. — *Hollanda* — A primeira camara adopta, sem discussão, por unanimidade a convenção assucareira. — *Africa* — O Congo belga reforça os postos militares da fronteira septentrional.

10 *Portugal* — O ministro da justiça apresenta á camara dos deputados as propostas de lei relativas á modificação no systema penitenciario e á creação de uma casa de correcção em Lisboa para o sexo feminino. — E' approvado pelo ministerio do reino o orçamento ordinario da gerencia municipal de Lisboa para 1903 na importancia de 5.846.938$741 réis. — *Republica Argentina* — E' promulgado um decreto com força de lei, prohibindo a importação do gado proveniente da maior parte dos paizes da Europa, Africa e America e nomeadamente de Portugal e Hespanha. — *Venezuela* — As tropas governamentaes, perseguindo os revolucionarios, apoderam-se do porto de Tinacas após 5 horas de combate. — *Estados Unidos*. — O senador Howe pronuncia no congresso americano um discurso em defeza do seu projecto de lei contra os *trusts*, dizendo que elles se tornavam de tal maneira poderosos que contrabalançavam o poder do governo, e que se não fossem travadas as suas operações, absorveriam por completo todo o povo americano. — *Russia*. — O ministerio do interior prohibe a missão ingleza de Varsovia de baptisar sem auctorização os israelitas que se convertam á religião christã. — *Marrocos*. — O principe Muley Mahomed é preso em Tanger por ordem do sultão.

11 *Macedonia* — Duzentos e sessenta refugiados macedonios tentam passar a fronteira. Os guardas turcos fazem fogo ferindo quarenta gravemente. — *Hespanha* — Os ex-ministros liberaes decidem fazer erigir um mausoleu a Sagasta por subscripção nacional. — *Nicaragua* — As auctoridades superiores da republica intentam procedimento judicial contra os agiotas que exploram a má situação economica do paiz, entre os quaes abundam os banqueiros israelitas.

12 *Hespanha* — O rei assigna os decretos nomeando Mariano Cidad Oliveas, bispo de Astorga e frei Vicente Alonso Delgado, bispo de Cartagena. — *Batavia* — O pretendente do sultanato de Atchim submette-se sem condições. — *Panamá* — O congresso de Honduras ratifica a eleição do dr. Bonilla para a presidencia da republica.

13 *França* — Abertura da sessão legislativa do corrente anno, na camara dos deputados e no Senado. Leon Bourgeois é eleito presidente da camara dos deputados por 336 votos contra 213. Até esta data foram mandadas fechar pelo ministro do interior 947 escolas dependentes de congregações não auctorizadas. — *Allemanha* — Abertura da dieta prussiana. — *Turquia* — A Sublime Porta informa a embaixada russa que está habilitada a pagar a importancia de 350.000 libras da annuidade do imposto de guerra.

14 *Allemanha* — O *Reichstag* approva a proposta de lei que tem por fim facilitar a introducção na Allemanha da industria de refinação de petroleo. — *França* — Faliéres é eleito presidente do senado por 203 votos. — *S. Domingos* — O governo dominicano informa o governo dos Estados Unidos de que não póde pagar immediatamente 325.000 dollars que deve á companhia americana de navegação Clyde. — *Africa do Sul* — As minas do Transvaal são avaliadas em 220 milhões de libras 81 °/ₒ d'este valor pertence á Inglaterra.

15 *Venezuela* — E' decretado um emprestimo de dois milhões de bolivares, reembolsaveis quando esteja restabelecida a paz. — *Hespanha* — O rei assigna um decreto declarando obrigatoria a vaccinação em tempo de epidemia. — *Inglaterra* — Os grandes financeiros inglezes approvam o projecto da contribuição de guerra no valor de 3 milhões de libras do Transvaal. — *Russia* — Celebra-se em S. Petersbourg o centenario da creação dos ministerios no reinado de Alexandre I de 1802 cunhando se uma medalha commemorativa. — *Republica do Salvador* — Escalon é eleito presidente da republica. — *Marrocos* — As kabildas de Anghera, Tanja e Balha repellem as kabildas dos Fahs que bateram em retirada.

16 *Estados Unidos* — O presidente Roose-

velt assigna o projecto de lei relativo á suppressão indirecta dos direitos de importação sobre todas as classes de carvão, procedentes de qualquer paiz durante um anno. — *Portugal* — O ministro da marinha apresenta ao parlamento as seguintes propostas auctoriszndo o governo: 1.º a construir por conta do Estado as obras do porto de Lourenço Marques, 2.º a cunhar e emittir, no teor e peso estabelecido na lei de 29 de Junho de 1854, até 500 contos de réis, em moeda de prata, destinada a reforçar a rcirculação mo netaria da provincia de Angola, 3.º a approvar o contracto celebrado para a navegação a vapor para a Africa Oriental, 4.º a reorganizar a instrucção naval. — *Venezuela* — O presidente Castro decreta que seja aberta a fronteira colombiana ao commercio. O governo de Venezuela estabelece uma contribuição forçada afim de satisfazer as reclamações estrangeiras. — *Brazil* — E' publicada uma lei prohibindo novas plantações de café no estado de S. Paulo do Brazil.—*Allemanha*— O *Reichstag* approva por 14 votos contra 67 a proposta Spech tendente á denunciação dos tratados de commercio que contenham a clausula da nação mais favorecida. — *França* — O ministerio do commercio faz publicar no *Journal Officiel* um resumo do decreto de 27 de novembro de 1902 que sujeita as especialidades pharmaceuticas e as aguas mineraes estrangeiras importadas de Portugal a pagamento de um sello especial.

17 *Suecia*—Abertura solemne do parlamento sueco. — *Austria* — Os deputados tchéques continuaram fazendo obstrucção na segunda camara do Reichsrat. O centro catholico apresenta uma proposta tendente á constituição de um novo regulamento afim de garantir o funccionamento normal do parlamento. — *Marrocos* — Os habitantes de Tanga-el Baya são atacados pelos de Em-Rora.

18 *Marrocos* — O chefe da kabilda contra o qual tinham sido enviadas tropas, submette-se ao pachá. Duas fracções da kabilda Beniassen batem se encarniçadamente. As kabildas das cercanias de Tanger submettem-se.

19 *Portugal* — O *Diario do Governo* publica um decreto instituindo uma medalha destinada a recompensar os bons serviços do pessoal administrativo e jornaleiro dos quadros das direcções de exploração dos Caminhos de Ferro do Estado, que será denomi minada *Medalha de bom serviço e comportamento exemplar*. — *Bulgaria* — O ministro da guerra prohibe que os officiaes em activo serviço e os funccionarios de categoria militar tenham qualquer intervenção nas decisões politicas. — *Italia* — E' prorogado até dezembro de 1903 o tratado de commercio italo montenegrino de 1883 que expirara em dezembro de 1902. — *China* — A China dirige ás poten cias uma nota indicando a impossibilidade de pagar as dividas reclamadas e pedindo ao corpo diplomatico que lhe suggira o meio de alliviar os encargos. — *Venezuela* — O emprestimo ao presidente Castro de 2.500.000 bolivares é totalmente subscripto pelos commerciantes estrangeiros e venezuelanos, o que prova que se considera perdida a revolução do general Mattos.

21 *Estados Unidos* — A commissão da camara dos deputados pronuncia-se a favor da construcção de tres novos couraçados, de dois cruzadores e numerosos torpedeiros. Os couraçados terão 16.000 toneladas e os cruzadores 14.500. — *França* — A commissão parlamentar de previsão adopta o projecto de mr. Martin relativo á assistencia obrigatoria aos velhos ou doentes incuraveis que excedam setenta annos e cuja situação os colloque na impossibilidade de ganhar a vida.— O Senado approva os artigos 3.º e 18.º do projecto de lei que estabelece o serviço militar de 2 annos, excepto o art. 12.º que fica em suspenso.

21 *Hungria* — A camara dos deputados adopta em terceira leitura a convenção de Bruxellas. — *Estados Unidos* — A camara dos representantes vota o estabelecimento nas ilhas Filippinas de um systema monetario que tem o dollar de ouro como padrão do valor e cria uma moeda de prata filippina para substituir as moedas hespanholas e mexicanas. — *Venezuela* — Venezuela pede o levantamento do bloqueio como preliminar para todas as investigações — *Brazil* — O governo resolve não admittir accumulações de cargos publicos.

22 *Africa do Sul* — A commissão nomeada em 1901 para estudar a legislação das minas de ouro conclue os seus trabalhos recommendando a abolição dos privilegios e a intervenção do governo em certos casos. — *Marrocos* —As tropas do sultão Abd-el-Aziz fazem uma *razzia* no territorio da kabilda de Hyanta e enviam ao sultão 150 cabeças e 175 prisioneiros. — *França* — O Senado, discutindo a lei militar do serviço de 2 annos, rejeita as emendas que tinham por fim dispensar os que sustentam familias e os estudantes.

23 *Estados Unidos* — E' assignado o accordo relativo ao canal de Panamá, sendo enviado ao Senado para ratificação. — *Marrocos* — As kabildas vizinhas de Tanger enviam a Mohamed Torres emissarios encarregados de lhe pedir a deposição do pachá de Tanger, declarando que em caso de recusa se revoltariam. — *Allemanha* — O conde de Ballestrem dá a sua demissão de presidente do «Reichstag».

24 *China* — A provincia de Leuang Si cahe em poder dos boxers. No encontro que se effectuou em Pehe-She foi morto o general Mah. — *Bolivia* — O presidente da republica, Pando, prende o 1.º vice-presidente Ruy Velasco, que se oppõe á concessão dos territorios do Acre ao syndicato americano, partindo para aquella região á testa do 2.º corpo expedicionario. A presidencia foi entregue durante o interregno ao 2.º vice-presidente, o almirante Anibal Capriles. — *França* — O Senado approva por 273 votos contra 5 o projecto de lei relativo ao regimen interno do assucar, e ratifica a convenção de Bruxellas.

25 *Bolivia* —O presidente da Bolivia aucto-

riza o accordo sobre as bases propostas pelo Brazil.

26 *Brazil* — A questão do Acre entra diplomaticamente em caminho pacifico, esperando-se uma solução satisfatoria. — *Sião* — E' prorogado o prazo para a convenção franco-sianveza até 30 de Março. — *Estados Unidos* — E' publicado o tratado do Panamá. O canal será aberto á navegação 14 annos depois da ratificação do tratado. — *França* — O governo determina suspender do exercicio 31 sacerdotes da diocese de Quimper por terem desobedecido á circular relativa á prohibição da lingua bretã no ensino do catechismo. — *Chili* — As duas camaras do Chili approvam o projecto do caminho de ferro através a cordilheira dos Andes, pondo em communicação Buenos Ayres e Valparaiso, o Atlantico e o Pacifico.

27 *Hespanha* — O ministro da fazenda resolve que o ensino secundario ministrado pelos padres Esculapios mediante dinheiro, está sujeito á contribuição industrial, ficando isento d'este imposto o ensino primario que é gratuito. — *Bulgaria* — Dá-se um novo encontro entre bulgaros e turcos em Prizerd, havendo grande numero de mortos dos dois lados.

28 *Hespanha* — O conselho de ministros decide levantar a suspensão das garantias em Barcelona e desistir das zonas neutras por as vantagens não compensarem as despezas. Em compensação apresentará ás cortes um projecto creando portos francos.—*Africa do Sul* — Trava-se um combate de indigenas na região de Imobuito, havendo 40 mortos.

29 *Hespanha*—Inaugura se o centro liberal hespanhol. E' assignado pelo rei um decreto concedendo as honras de infante de Hespanha ao futuro filho dos principes das Asturias. — O rei assigna o decreto levantando a suspensão de garantias em Barcelona.— *Noruega* — O Storthing norueguez approva uma ordem do dia, estatuindo que a Suecia e a Noruega serão representadas no estrangeiro por consules particulares separadamente. A representação diplomatica continua a mesma dos dois paizes. — *Marrocos* — O sultão Muley Larbi, chefe da casa sherifiana de Waran encarrega seu filho, Muley Taliar e seus sobrinhos Muley-Ali e Muley-Awet de uma missão conciliadora junto dos rebeldes. — As tropas scheferianas capturam sessenta rebeldes, matando quarenta. Entre os papeis apprehendidos ha cartas compromettedoras de altos personagens de Fez que entretinham correspondencia secreta com Bu-Hamara.—*França*—E' distribuido o Livro Amarello sobre os negocios da Macedonia.

30 *China* — Descobre-se uma conspiração contra o governo chinez, tendo sido feitas numerosas prisões em Cantão e apprehendidas pelas tropas as armas e munições dos reformadores.—*Marrocos*—As tropas imperiaes derrotam os rebeldes deixando estes no campo alguns cadaveres.— *Estados Unidos* — Dá-se uma suspensão nas negociações relativas a Venezuela, em consequencia da instancia dos alliados para obterem um tratamento privilegiado sobre as outras potencias na liquidação das reclamações.

31 *Venezuela* — As potencias alliadas rejeitam as propostas de mr. Bowen, que se dê a todas as nações credoras da Venezuela o mesmo tratamento que ás tres alliadas.—*Portugal*— O *Diario do Governo* publica o regulamento dos serviçaes para S. Thomé.

Fevereiro **1**. — *Marrocos*. — O pretendente Bu-Hamara cae prisioneiro nas mãos do sultão Muley Abdel Aziz.

2 *Estados Unidos* — O sr. Bowen, delegado de Venezuela, não acceita formalmente o compromisso proposto pelo representante de uma das potencias interessadas. — *Guatemala* — O presidente da republica informa o corpo diplomatico de que se vê obrigado a tomar providencias militares para defender o solo nacional contra as republicas de Nicaragua, Honduras e Salvador, sendo porem concedida aos estrangeiros a maxima protecção possivel.

3 *Marrocos* — Dá-se um grande combate entre as tropas imperiaes e as dos rebeldes soffrendo estes 3.000 baixas e sendo capturado Roghi. Chegam a Fez 300 prisioneiros e 89 cabeças —*Estados Unidos*—O embaixador da Allemanha pede a suspensão das negociações com a Venezuela, afim de poder informar-se da situação. — *Venezuela* — As tropas revolucionarias do general Mattos, commandadas pelo general Ducharome, são detidas novamente, perdendo 200 prisioneiros e entre elles 50 officiaes.

4 *Estados Unidos*—O governo concentra a sua esquadra em Amapata (Honduras) em vista das desordens que lavram na America. Os embaixadores da Allemanha e da Italia acceitam o offerecimento de mr. Bowen, mas a Gran Bretanha e a Italia preferem recorrer ao tribunal arbitral da Haya. — *China* — O vice-rei de Cantão promette um premio de 20 contos a quem capturar o chefe do partido reformista que sahiu de Macau, internando-se clandestinamente no imperio chinez. — *Hespanha* — O rei Affonso XIII assigna o decreto concedendo as distincções honorificas ao novo infante de Hespanha que deverá nascer. Sendo varão receberá o collar de Carlos III, o Tosão de Ouro, e a grã-cruz de Isabel a Catholica, sendo do sexo feminino terá a banda de Maria Luiza.— *Mexico* —O governo reclama de Venezuela 18.000 libras, quantia de que lhe é devedora a mesma republica.

5 *Brazil* — Complica-se o conflicto com a Bolivia. O governo resolve occupar militarmente o territorio do Acre. — *Marrocos* — O sultão ordena que os judeus de Fez saiam em procissão com estandartes e instrumentos de musica afim de dar publico testemunho da victoria do sultão. — *Turquia*—O Banco Ottomano de Constantinopla submette á Sublime Porta mais dois projectos de unificação da divida publica.

6 *Allemanha* — O governo concentra uma esquadra em Hong-Kong em vista das noticias da insurreição no sul da China. — *Brazil* — A republica brazileira dirige uma nota á Bolivia protestando contra a sua attitude na questão

do territorio do Acre.— *China* —Realiza-se a audiencia do novo anno no palacio da imperatriz viuva.

7 *Hespanha* — O rei Affonso XIII concede um premio de 5.000 pesetas ao auctor da memoria que apresente conclusões mais acertadas e praticas no sentido de harmonisar os interesses dos proprietarios agricolas com os dos trabalhadores ruraes, augmentando a producção do solo.—*França*—A camara dos deputados approva o projecto de lei que cria uma moeda de nikel de 25 centimos.

8 *Estados Unidos* — O sr. Bowen declara aos embaixadores da Inglaterra e da Allemanha que não acceitará nenhum protocollo relativo ao conflicto de Venezuela que não seja identico em substancia ao da Italia.

9 *Marrocos* — A Kabila Benesicar, que estava em rebeldia, submette-se ao tio do sultão. —*Portugal*—O ministro da Guerra apresenta ao parlamento as propostas de lei fixando o contingente para o ex rcito, armada, guardas municipal e fiscal no anno de 1903 em dezeseis mil e quinhentos recrutas, sendo 15.000 destinados ao serviço activo do exercito, 600 á armada, 600 ás guardas municipaes e 600 á guarda fiscal, e uma outra fixando as forças do exercito em pé de paz para o anno economico 1903-1904 em trinta mil praças de pret de todas as armas. — *America Central* — E' proclamado o estado de guerra entre a Republica de Guatemala e as do Salvador e Honduras. — *Venezuela* — O general Ferrer bate em Juervas as forças revolucionarias e apodera-se daquella praça. O general Ferrer com 2.000 homens e 2 canhões ataca 1.500 rebeldes na região de Rio Chico e apodera-se de Guatire.

10 *Marrocos* — Rebenta entre as tribus do Riff uma revolta favoravel a Bu-Hamara. O chefe da confederação das tribus do Sahara declara-se a favor do pretendente, mandando-lhe um contingente de tropas, dinheiro e espingardas aperfeiçoadas. Os adeptos do sultão insurgem-se contra o inglez Maclean, instructor geral do exercito marroquino, a quem attribuem o xeque soffrido pelas forças imperiaes.—*Africa do Sul*—A gazeta official de Bloemfontein publica diversas portarias sobre os costumes e entre ellas uma que prohibe que as mulheres brancas tenham relações com negros.—*Estados Unidos*—O sr. Bowen, delegado de Venezuela, approva o primeiro protocollo inglez, com a excepção de alguns promenores. Os embaixadores dos alliados são de parecer que se prosigam as negociações com o sr. Bowen, apesar da opposição do congresso federal de Washington.— *Venezuela* — O presidente Castro informa o sr. Bowen de que a Venezuela se considera ligada por todo o accordo celebrado em Caracas. — *Italia* — A Italia pede um tratado de amizade na questão de Venezuela com a clausula da nação mais favorecida.— *Montenegro* —O governo dirige uma nota á Austria Hungria, propondo a conclusão do tratado de commercio.

11 *Portugal*—O *Diario do Governo* publica o regulamento da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

12 *Belgica*—O governo apresenta á camara dos representantes um projecto de lei elevando os direitos de consumo sobre o alcool de 100 a 150 francos por hectolitro, devendo o beneficio de 151 milhões ser applicado á suppressão dos direitos sobre os cafés e á amortisação da divida das pensões operarias, e apresenta um outro lançando um imposto sobre as sociedades e companhias estrangeiras.— *França* — A camara dos deputados approva alguns artigos regulamentares da lei relativa aos distilladores dos seus proprios vinhos. — *Austria* — A camara dos deputados approva o projecto do governo para a conversão da divida publica, reservando o direito de a converter na totalidade.—*Estados Unidos*— O senado approva o *bill* em virtude do qual se vae crear o ministerio do commercio e do trabalho.—*Allemanha*—O governo acceita que o pagamento dos 340.000 dollars por Venezuela seja feito em 5 prestações mensaes. — *Venezuela* — Os governamentaes atacam os insurrectos entrincheirados na collina de Guanta, sendo repellidos e perdendo 55 mortos.

13 *França*—Produzem-se graves incidentes na camara dos deputados por causa da interpellação de Binder ácerca do papel desempe nhado por certos ministros e homens publicos na questão Humbert.

13 *Estados Unidos* — O sr. Bowen assigna os protocollos inglez, allemão e italiano estipulando a entrega á Venezuela dos navios de guerra e mercantes.

14 *Venezuela*— E' levantado o bloqueio da Venezuela. — *Belgica* — A camara dos representantes approva o art. 1.º do projecto que eleva os direitos de entrada do alcool.— *França* — A camara dos deputados approvou a disposição da lei financeira que impõe a todos os fabricantes de alcool uma declaração previa. A disposição supprime o privilegio dos disltiladores de vinhos da sua propriedade.— *Marrocos* — O exercito do sultão alcança uma nova victoria sobre a tribu de Hyaina, causando-lhe 37 mortos e 93 prisioneiros.

15. *Belgica*— A camara dos representantes approva os novos impostos por 83 votos contra 24.— *Marrocos* — As tropas do commando do Omar Yusi invadem o territorio das kabildas de Edsul e Brallel, tendo estas grande numero de mortos e feridos.— *Venezuela* — O presidente Castro telegrapha ao sr. Bowen felicitando-o pelo bom exito dos seus esforços e affirmando gratidão eterna aos diplomatas americanos.— *Allemanha* — Todas as Bolsas da Allemanha excepto as de Hamburgo e de Dresde enviam delegados á conferencia que está reunida em Berlim para regulamentar as operações bolsistas.

16 *Cuba.*— O presidente Palma assigna a convenção concedendo aos Estados-Unidos o direito de estabelecer em Cuba depositos de carvão.— *Macedonia* — O conselho de ministros decide não dar nenhuma resposta de ordem militar a qualquer concentração de tropas turcas em Andrinopla.— *Uruguay* — A

maioria parlamentar designa o sr. José Battle Ordoñez para substituir o presidente Cuestas. —*Republica Argentina*—O conselho de ministros decreta a intervenção federal na provincia de Buenos Ayres onde as providencias inconstitucionaes tomadas recentemente affectam a existencia do poder legislativo.

17 *Belgica*— O senado vota a lei do alcool que motiva debates violentos na camara. — *Portugal*— O ministro da fazenda apresenta á camara dos deputados o relatorio de fazenda e as propostas para a conversão da divida interna, pautas aduaneiras, real de agua e contribuição industrial.— *Marrocos* — Dá-se um combate a 70 kilometros de Fez, obtendo victoria o sultão. — *Estados-Unidos* — Os Estados-Unidos acceitam formalmente, salvo rectificação, o tratado com a Colombia que tinha ficado em suspenso; offerecem á Companhia do Panamá comprar-lhe o canal isthmico, as suas propriedades e os seus direitos por 40 milhões de dollars. — *Inglaterra* — A camara dos *lords* discute a mensagem do rei. — *Italia*— A camara dos deputados discute uma moção tendente a reorganizar o exercito conformemente ao espirito da época e ás novas necessidades da defesa nacional.— *França*— O Senado approva os art.s 34.º a 50.º da lei do serviço militar de 2 annos.

18 *Brazil* — E' eleito para o cargo de vice-presidente da republica o dr. Affonso Penna, havendo desagradaveis successos entre varios grupos politicos do dr. Penna e do conselheiro Andrade Figueiro e sendo disparados alguns tiros. — *Hespanha* — E' pronunciada sentença favoravel á Hespanha reconhecendo o direito d'esta á indemnisação de 67.000 libras na acção intentada no tribunal de Edimburgo pelo ministro de marinha contra o Clyde Bank. — O conselho de ministros resolve organizar uma subscripção para se erigir um monumento ao finado rei Affonso XII, e approva o regulamento organico e o regimen das possessões hespanholas em Africa.—*Estados-Unidos*—O sr. Bowen entrega aos representantes das potencias, cujas reclamações faltam resolver, uma copia do protocollo americano-venezuelano, ao qual deverão conformar-se os outros protocollos. —*America Central* —E' resolvido pacificamente o conflicto entre as republicas do Salvador e de Guatemala. — *França* — O ministro de fazenda apresenta á camara dos deputados o pedido de um 3.º duodecimo provisorio.— *Hollanda* — A rainha acceita o encargo de designar o arbitro de desempate, na questão de Venezuela, caso haja desaccordo entre os commissarios americano e venezuelano.

19. *America Central*— O congresso valida a eleição de Escalon. — *Austria* —A camara dos deputados approva, em terceira leitura, o projecto de lei que augmenta os effectivos militares.— *Inglaterra* — A camara dos communs rejeita a moção do sr. Keir-Hardie, deputado do partido do trabalho, a qual tem por fim permittir ás municipalidades a acquisição de ter enos cultivaveis com emprezas para dar occupação aos operarios faltos de trabalho.— *Italia* — A camara dos deputados rejeita por 269 votos contra 64 a moção relativa ao exercito e á marinha.

20 *Hespanha*—Os tetuanistas decidem continuar formando um grupo que adhira ao governo que ponha em pratica as suas aspirações. — *Estados Unidos* — A camara vota creditos para a construcção de tres couraçados de primeira ordem e tres navios escolas.— A camara dos representantes approva o projecto de lei que castiga com a pena de morte os reus de assassinio do presidente ou vice-presidente da republica ou de qualquer ministro plenipotenciario estrangeiro. — *Italia* — A camara dos deputados approva o projecto de lei para a construcção de um radio telegraphico ultra-poderoso, do systema Marconi, destinado a ligar a America do Sul com a Italia.

21 *Turquia* — Rebentaram varios disturbios em Spek, no «vilayet» de Kossovo, fazendo os soldados causa commum com os albanezes. Os embaixadores da Russia e da Austria apresentam ao Grão Vizir as propostas de reforma para a Macedonia.— As potencias exigem que o governo do sultão nomeie para a Macedonia um inspector geral e officiaes de policia europeus, sendo o pagamento integral dos seus vencimentos feito pelo Banco Ottomano. — *Africa do Sul* — Os membros do Afrikander Bon protestam n'uma reunião contra a intervenção do sr. Chamberlain na politica interior do Cabo. — *Venezuela* — As tropas do governo batem 1800 insurrectos perto de Calabozo.

22 *Baviera* — E' nomeado ministro de instrucção publica o sr. Wehner, conselheiro d'estado.— *America Central* - O general Sierra é batido fugindo com 350 homens.

23 *Estados-Unidos* — E' publicado um edital prohibindo aos negros o accesso nos principaes logares dos theatros de New-York, sendo apenas admittidos nas galerias superiores. — O consulado da Colombia communica que a partir de 5 de abril os direitos de importação dos vinhos espirituosos n'aquelle paiz soffrerão a reducção de 10 por cento. — *Turquia* — E' publicado um «*irado*» do sultão Abdul Hamid sanccionando a acceitação do projecto de reformas austro-russas para a Macedonia.

25 *França* — A camara dos deputados approva os artigos do projecto de lei relativo aos distilladores de vinho da propria lavra.

26 *França* — A camara dos deputados vota um 3.º duodecimo provisorio ao projecto de lei que auctoriza o governo a emittir 250 milhões de abrigações a curto praso, afim de fazer face á insufficiencia das receitas nos exercicios de 1901-1902. — *Inglaterra* — A camara dos Communs, depois de alguns debates, approva o projecto de reposta ao discurso da corôa.

27 *Macedonia* — Dá-se um encontro sangrento em Izbichta entre os batalhões regulares e os christãos de Resne, havendo mais de trinta mortos de parte a parte. Os turcos na retirada incendeiam os edificios christãos que encontram na passagem. — *Estados-Unidos* — A commissão senatoria de marinha propõe que se construam 4 couraçados de 12.000 toneladas em vez de 3 a 16.000 e 2 cruzadores

de 1.ª classe em vez de 1, previsto no orçamento. — *China* — Os rebeldes massacram 500 soldados imperiaes no desfiladeiro de Sanguing. — *America Central* — Os nicaraguanos que apoiam o general Sierra, ex presidente de Honduras contra o seu successor o general Bonilla occupam Choluteca ao sul de Honduras emquanto que os selvadorianos que sustentam o general Bonilla, invadem Honduras.

28 *Portugal* — O presidente do Conselho de ministros o sr. Hintze Ribeiro apresenta a El-Rei o pedido de demissão de todo o gabinete, e El-Rei encarrega de novo o sr. Hintze Ribeiro de organizar ministerio o qual fica composto como segue: Presidencia e Reino, Hintze Ribeiro; Justiça, Campos Henriques; Fazenda, Teixeira de Sousa; Obras Publicas, Conde de Paçô Vieira; Estrangeiros, Wenceslau de Lima; Marinha, general Raphael Gorjão; Guerra Pimentel Pinto. — *Estados-Unidos* — O embaixador de França e o sr. Bowen delegado de Venezuela, assignam o protocollo franco-venezuelano e o barão Gevers e o sr. Bowen assignam o protocollo hollandez. — *Marrocos* — Regressa a Fez a missão franceza que é de parecer que o sultão nunca conseguirá dominar a insurreição. — *Venezuela* — Os revolucionarios venezuelanos são capturados em Carupanon depois de seis horas de combate. A cidade é posta a saque. A revolução considera-se em plena retirada. — *França* — A camara dos deputados approva por 319 votos contra 202 um artigo dizendo que sobre os oleos mineraes brutos será estabelecido, á sua entrada na fabrica de refinação, o imposto de 1 franco 25 centimos por cada 100 kilos.

❀ ❀ ❀

Movimento social

JANEIRO — **2** *Hespanha* — Torna-se geral a gréve dos carroceiros em Barcelona, paralisando-se completamente o movimento do porto.

5 *Hespanha* — Augmentam em Barcelona e nos arredores as gréves parciaes, dando assim uma certa gravidade ao conflicto. Os trabalhos de carga e descarga de Mataró e Villanueva estão suspensos. Os empregados dos *omnibus* e dos *tramways* electricos reunem-se e decidem fazer causa commum com os carroceiros. Estes secundam a gréve dos carregadores.

6 *Hespanha* — Declaram-se em gréve cerca de tres mil operarios das minas da União Hulheira de Langres.

7 *Hespanha* — Declaram-se em gréve todos os operarios das fabricas de fundição da Corunha. — Declaram se em gréve 600 operarios das minas de la Braña em Gijon.

8 *Hespanha* — Termina a gréve dos carroceiros em Barcelona, desapparecendo o perigo da gréve geral. — *Portugal* — Os leiteiros de Santarem declaram-se em gréve como protesto contra a licença imposta pela fazenda nacional.

9 *Hespanha* — A união hulheira de Langreso presta-se a transigir com os grévistas mineiros, promettendo baixar os jornaes só cinco por cento. — *Allemanha* — Vinte e oito medicos da caixa de soccorros dos syndicatos das industrias textis de Gera fazem gréve por causa da admissão de um collega que segue o methodo chamado naturalista, que consiste na prohibição completa de medicamentos.

11 *Hespanha* — As operarias de duas officinas da fabrica de tabacos de Gijon declaram-se em gréve. — *Portugal* — Os carreiros de Almeida declaram se em gréve por causa da licença imposta pela fiscalização do sello aos carros de bois.

12 *Hespanha* — E' resolvida a gréve dos refinadores de petroleo de Badalona. — *Italia* — Os typographos do *Osservatore Romano*, orgão da Santa Sé, declaram se em gréve por falta de pagamento. — *Uruguay* — Os estudantes de Montevideu realizam um *meeting* de protesto contra o procedimento da Allemanha e da Inglaterra na questão de Venezuela, enviando um telegramma de felicitação ao presidente Castro.

16 *Inglaterra* — Accentua se uma importante crise nas industrias do ferro e do aço em Londres. — Numerosos operarios foram despedidos, percorrendo as ruas a esmolar.

17 *Portugal* — Os operarios da fabrica de rolhas de cortiça de Symington & C.ª em Cacilhas, declaram-se em gréve reclamando augmento de salario.

18 *Hespanha* — Termina a gréve das cigarreiras de Gijon.

19 *Italia* — Por causa da prisão de cinco estudantes livres pensadores, duzentos estudantes e alguns operarios organizam uma manifestação de protesto na praça de S. Pedro em Roma, querendo entrar na basilica por occasião da solemnidade do pulpito de S. Pedro. — *Estados Unidos* — Os negros dos estados do sul dirigem uma petição ao presidente Rossevelt que lhe é entregue por tres sacerdotes de côr e firmada por muitos milhares de negros, solicitando que o governo federal conceda pensões a todos os que eram escravos antes da abolição, como indemnisação dos soffrimentos que injustamente supportaram sob o antigo regimen e ameaçando retirar o apoio que os negros prestam ao partido republicano se ella fôr indeferida. — *Allemanha* — O reitor da Universidade de Berlim prohibe as conferencias do deputado Bernstein sobre Proudhon e Lassalle, declarando ser o seu dever impedir que as heresias do socialismo invadam os sentimentos da mocidade universitaria. — *Belgica* — A direcção das fabricas de vidros de Dampremy em Bruxellas diminue os salarios aos operarios pela marcha do negocio não permittir pagar os actuaes.

20 *Allemanha* — O imperador Guilherme é de parecer que os operarios devem ter os mesmos direitos que as outras classes.

21 *Hespanha* — Aggrava-se a gréve dos barqueiros carregadores de sal em Barcelona. — *Cuba* — Trezentos americanos residentes numa ilha que faz parte do territorio cubano revoltam-se, proclamando a annexação aos Estados

Unidos por causa dos excessivos impostos. — *Portugal*—Os oleiros das fabricas dos Olivaes, as vendedeiras de louça e os carroceiros que a conduzem declaram-se em gréve, reclamando garantia de trabalho.

29 *Hollanda* — Trezentos machinistas dos caminhos de ferro de Amsterdam declaram-se em gréve. — *Hespanha* —Rebenta a gréve geral em Reus depois de uma conferencia entre patrões e operarios, sendo apprehendidas materias explosivas e armas que estavam em varios estabelecimentos.

31 *Hollanda* - Os empregados dos caminhos de ferro hollandezes e dos caminhos de ferro do Estado proclamam a gréve geral. — A companhia hollandeza e a companhia do Estado annuem ás reivindicações dos empregados das vias ferreas. — *França*— O conselho municipal de Marselha pede ao governo para que o parlamento approve quanto antes a lei protegendo os operarios francezes contra a concorrencia estrangeira.—Propõe o conselho que sejam expulsos do territorio francez todos os estrangeiros que não possam contar com meios de subsistencia.

Fevereiro. — **3** *Hespanha* — Os carroceiros de Madrid declaram-se em gréve por não quererem pagar o augmento da contribuição municipal. — Mais de mil operarios sem trabalho por ter sido esgotada a verba do orçamento, percorrem as ruas de Valladolid, apedrejando a casa consistorial sendo presos muitos manifestantes. — O municipio determinou a transferencia da verba de 10.000 pesetas para ter aquella applicação.—Em Valencia os estudantes de medicina negam-se a entrar para as aulas como protesto, por causa do estabelecimento das chimicas gratuitas. Pelo mesmo motivo os de Santiago percorrem as ruas em manifestação de protesto. — Declaram-se em gréve 7.000 tintureiros de algodão em Barcelona.—A federação operaria de Lerida decide secundar a gréve geral de Reus.

5 *Hespanha* — A maioria dos commerciantes de Barcelona decidem munir-se de armas e de apitos de alarme no caso dos grévistas assaltarem os estabelecimentos, como aconselharam os oradores no recente *meeting*, disparando contra os assaltantes.—Tornam a reproduzir-se os disturbios por terem sido despedidos do *ayuntamiento* os operarios menores de 20 annos. — Em Elche, declaram-se em gréve os manipuladores de alpercatas.

8 *Hespanha* — Os grévistas de Reus reunidos em *meeting* decidem conceder o prazo de 24 horas aos patrões para que estes approvem as bases do accordo. Declaram-se em gréve mais algumas classes operarias.

9 *Hespanha* — Os empregados da companhia dos caminhos de ferro de Vigo declaram-se em gréve por terem sido admittidos ao serviço novos empregados.—Um grupo de libertarios apresenta-se no mercado de São José em Barcelona intimando os vendedores a retirarem-se. — Recomeça o trabalho em algumas fabrica de Reus com operarios das localidades. — Os vendedores de hortaliças da praça do mercado de Casco Viejo em Bilbau amotinam-se ameaçando pôr-se em gréve em consequencia da municipalidade lhes ter mudado os locaes de venda. — Abandonam o trabalho grande numero de operarios de Cadiz como prova de solidariedade para com os companheiros de outras localidades. — Os padeiros declaram-se em gréve.

9 *Portugal* — Os operarios cordoeiros de Faro declaram-se em gréve.

10 *Hespanha* — A maioria das cigarreiras de Cadiz declaram-se em gréve, assim como os magarefes do matadouro; produzem-se graves manifestações; todo o commercio fecha as portas e as aulas do instituto e das escolas são suspensas. — Em Barcelona o governador mandou fechar os centros das artes graphicas e da federeção operaria, ordenando a prisão das juntas directoras. — *Portugal* — Declaram-se em gréve os operarios rolheiros do Poço do Bispo por motivo de a casa Garrelon & C.ª querer tirar aos operarios meia hora ao almoço e meia ao jantar.

12 *Hespanha* — Declaram-se em gréve os pescadores e os operarios metallurgicos da Corunha.

14 *Hespanha* — Os grévitas metallurgicos da Corunha enviam aos patrões uma representação declinando a responsabilidade do que possa occorrer.

16 *Allemanha* — 1500 carregadores do *Lloyd* de Bremen declaram-se em gréve em consequencia do despedimento de um operario.

17 *Portugal* — 50 tecelões das fabricas dos importantes industriaes Ferrão & Genro, de Tortozendo, declaram-se em gréve.

18 *Allemanha* — Termina a gréve dos carregadores do porto de Bremen.

20 *Canadá* — Declaram-se em gréve os empregados dos tramways de Montreal. — *Hespanha* — Termina a gréve dos empregados do caminho de ferro de Vigo.

21 *Hollanda* — Em Amsterdam uma reunião dos directores das associações operarias decide apoiar os empregados das vias ferreas, que suspenderam o trabalho, para impedir a votação do projecto de lei que prohibe as gréves dos caminhos de ferro, sendo nomeada uma junta para fazer agitação e dirigindo-se uma proclamação aos empregados convidando-os a solidariedade.

22 *Hespanha* — Declaram-se em gréve os conductores dos carros de viação de Hostafranch, em Barcelona, por terem sido despedidos cinco companheiros.

23 *Hespanha* — Os carpinteiros de Barcelona declaram-se em gréve. — *França* — Os inscriptos maritimos de Marselha celebram uma reunião de protesto contra a desnaturalisação dos navios, em consequencia da venda de duas embarcações a armadores italianos.

28 *Hespanha* — Dá-se em Vigo a suspensão geral do trabalho como protesto aos ultimos successos; todo o commercio fecha as portas, os barcos de pesca são recebidos com assobios tendo de se retirar sem desembarcar o peixe, o movimento está paralysado. — *Portugal* — Declaram-se em gréve os operarios tecelões da casa Pontifice de Tortozendo.

Accidentes

Janeiro — **3** *França* — E' destruido por um incendio em Marmande o convento das irmãs da Compaixão. — *Pensylvania* — Uma parte da cidade de Olyphant abate durante a noute por causa das excavações das ruinas.

4 *Chili*—Estão em actividade cinco vulcões na provincia de Llayenissue.

5 *França* — Dá-se um choque de comboios no viaducto de Bedarieux, ficando quatro wagons despedaçados e algumas pessoas feridas. — *Mexico* — Mazattan, cidade maritima de 15.000 almas, é assolada por violenta epidemia de peste bubonica.

6 *Belgica* — Chuvas torrenciaes, causam inundações em diversos pontos do paiz.

7 *Allemanha* — Dá-se uma explosão no gazometro de Strasbourg ficando algumas pessoas mortas e muitas feridas. — *Askhabad* — Sente-se novo tremor de terra em Andidjan matando 4.500 pessoas e destruindo completamente 30.000 casas.

8 *Africa do Sul* — Dá-se um choque de um comboio de passageiros com outro de mercadorias em Duquesne, produzindo dez mortes e muitos feridos.

9 *Austria* — Manifesta-se novo incendio em 26 poços das minas de petroleo de Borylaw, tomando proporções assustadoras, incendiando as construcções annexas e vinte casas de habitação e produzindo varios desastres pessoaes. As perdas avaliam se em 600.000 corôas. *Australia* — Morrem em Sydney vinte pessoas victimadas pelo calor extraordinario.

12 *Italia* —Sentem-se tremores de terra em Saviora e Valmonica, desabando alguns predios e causando varios accidentes mortaes. — *China* — Produzem-se grandes inundações em Nankin resultando a morte de 200 indigenas e importantes estragos materiaes.

14 *França* - Um incendio destroe completamente o palacio do tribunal de Gourdon.

16 *Inglaterra* — E' completamente destruido por um incendio o palacio do governo em Alderslot. Com o frio intenso que tem feito em Londres, gela o Tamisa, facto que não se dava ha muitos annos. — *Africa* — Sentem-se fortes tremores de terra em Argel. Nas aldeias de Damietti e Lodi fendem-se muitos predios espalhando o terror na população.

17 *Russia* — Rebenta de novo incendio na mina de petroleo Etna em Borislarv, correndo o petroleo a arder para o rio.

18 *Inglaterra* — E' destruido por um incendio a fabrica de papel «Londres» de Londres.

20 *França* — Um violento incendio destroe a fabrica de chapeus Cangenhagen, ficando 1.200 operarios sem trabalho. — *Suissa* — Na occasião da manipulação da dynamite para os trabalhos do caminho de ferro de Bulle e Montbovon, dá-se uma terrivel explosão que mata tres operarios e fere muitos outros. — *Hespanha* —Ao entrar no porto de Barcelona por causa do temporal chocam-se os vapores «Manoel Calvo» e «José Roca», indo este ultimo a pique.

21 *Inglaterra* — Dá-se uma explosão n'uma caldeira da fabrica Tupper em Bilston occasionando duas mortes e nove feridos. — *Hespanha* — Em Murcia, as ratazanas roem a canalisação do gaz produzindo uma forte explosão de que resultou alguns ferimentos. — *Estados Unidos* — Dá se um choque de um comboio de operarios com uma machina, motivado pelo desgelo na linha do norte no estado de Washington, occasionando doze mortes e doze feridos. - *Suissa* — Sente se em Davos um tremor de terra que dura dois segundos.

22 *Martinica* — Dá-se uma nova erupção na sulphureira de S. Vicente, cahindo chuva de areia sobre Chateau-Bel-Avó.

24 *Carolinas* — Sente se um violenro tremor de terra em Charleston causando damnos consideraveis.

26 *Italia* — Rebenta uma erupção no vulcão Stromboli. — *Inglaterra* — Declara-se um incendio que toma enormes proporções por causa do vento nos estaleiros, hangares e docas de Plymouth, destruindo grande quantidade de mercadorias.

27 *Inglaterra* — Um pavoroso incendio apodera-se do asylo de mulheres alienadas em Colweyhatch, perto de Londres, perecendo no fogo umas 30 mulheres. — *Prussia* — O principe Wolffgang Stolberg, filho primogenito do fallecido principe Alfredo, é encontrado morto por um tiro de espingarda no parque do seu castello de Rotleberode.

28 *Estados Unidos* — Dá-se um choque de comboios em Dunellin causando mais de cincoenta mortes.

31 *França* — Sente-se um tremor de terra em Tarbes. — *Italia* — O Vesuvio está em plena erupção. Sente se um forte tremor de terra em Milo, Acierabe e em Catanea.

Fevereiro **1** —*Hespanha*—Em Azagra desmoronam-se as montanhas que rodeiam a povoação desprendendo enormes pedras que destroem varias casas pondo os habitantes em fuga para os campos. — *França* — E' destruido por um incendio o Hotel du Palais de Biarritz, resultando perdas enormes.

3 *Hespanha* — Abate o tecto da sacristia do convento de Ciudad Real, envolvendo nos escombros tres freiras, uma das quaes morreu ficando as outras feridas.

4 *Hungria* — E' destruido por um incendio o palacio da companhia de seguros New-York em Buda-Pest. — *Africa* — E' destruido por um incendio a secretaria do governo geral de Argel, produzindo estragos consideraveis.

6 *Jamaica* — Sente-se um forte abalo de terra a oeste.

8 *França*—Sente-sé um violento tremor de terra acompanhado de ruido subterraneo, em Brest. — *Taiti* — Um horrivel furacão devasta 80 ilhas do archipelago da Sociedade, no Pacifico, matando mais de 1000 indigenas.

9 *Portugal*— Um incendio destroe um dos pavilhões da Escola do Exercito em Lisboa produzindo bastantes prejuizos. — *Oceania* — Cae um medonho cyclone nas ilhas de Tuamotu.

10 *Sicilia* — Sente-se um forte tremor de terra em Modica.

11 *França*—Um terrivel incendio destroe a importante fabrica de oleos Rocca que empregava 100 operarios. As perdas são avaliadas em milhão e meio de francos.

13 *Republica Argentina*— A intendencia da marinha em Buenos Ayres é destruida por um violento incendio.

14 *Inglaterra* — Um violento incendio destroe os armazens Mac-Connel, em Cambridge; produzindo perdas no valor de 80:000 libras.

15 *Inglaterra* — Dá-se uma explosão na fabrica de cartuchos do arsenal de Woolwich, em Londres ficando 3 homens mortos e 6 feridos.

16 *Carolinas* — O vapor *Olive* afunda-se em consequencia de uma tempestade, afogando-se 18 pessoas.

18 *Brazil* — Afunda-se na barra do Amazonas o paquete inglez *Kelvinsida*, perecendo nove pessoas incluindo o commandante. — *Hespanha* — Um terrivel cyclone occasiona a perda de alguns barcos de pesca, avarias em alguns edificios e arrancando muitas arvores e postos telegraphicos, havendo muitas pessoas feridas por vasos de flores que cahiram das janellas.

19 *Italia* — Em Veneza, na occasião da vasante, o mar retira-se com tal intensidade que deixa sem agua todos os canaes, inclusivé o grande Canal. Os alicerces das casas ficam a descoberto e as gondolas são subitamente levadas na maré, ficando em secco. — *Escossia* — Rebenta um pavoroso incendio no grande deposito de naphta, resina e essencias de oleos em Glasgow, que correram inflammados para o porto ateiando outro incendio e produzindo estragos consideraveis.

20 *Estados Unidos* — Um violento incendio destroe o hotel Clifton matando 20 pessoas e ferindo 40 entre 120 que ali estavam alojadas.

22 *França* —Uma violenta tempestade assola o Mediterraneo, muitos navios dão á costa em Marselha e no estreito de Bonifacio.

25 *Hespanha* — Sentem-se varios tremores de terra em toda a região de Alicante.

26 *Portugal* — E' victima de um choque entre dois carros da tracção electrica e um trem a filha mais nova do sr. conde de Castello de Paiva, morrendo instantaneamente.— *Estados Unidos* — Um grande incendio destroe os theatros Fike e da Opera de Cincismati e varios predios vizinhos cujos prejuizos são avaliados em 3 milhões de dollars.— *Hespanha* — Um violento incendio destroe a povoação de Mongani. — *Haiti* — Um incendio destroe Port-de-Paix salvando-se apenas os edificios da companhia Haitiana.

27 *Inglaterra*—Desencadea-se uma violenta tempestade nas costas das ilhas britannicas, ficando as communicações totalmente interrompidas e desabando muitas casas e edificios publicos em Liverpool que feriram 15 pessoas.

28 *Hespanha* — Paira sobre a Corunha um cyclone que causa grandes damnos, derrubando chaminés, e arvores, ficando muitas pessoas feridas e perdendo-se muitos barcos. — *Nova Escossia* — Um enorme incendio destroe a fabrica de biscoitos em Halifax e 12 predios de casas produzindo estragos no valor de 250:000 dollars.

❀ ❀ ❀

Acontecimentos mundanos e artisticos

Janeiro. — **2** *Portugal* — E' inaugurado solemnemente no Porto o Dispensario para tuberculosos no edificio que pertencia ao Real Hospital de Creanças Maria Pia, presidindo a sessão o bispo do Porto.

3 *Republica Argentina* — O dr. Quirino Costa, vice presidente da republica, inaugura em Barcelona a exposição dos productos nacionaes.

4 *Portugal* — Começam os trabalhos de construcção da Avenida Ressano Garcia, em Lisboa, no troço comprehendido entre a Praça Duque de Saldanha e Campo Pequeno, ficando assim aberta a communicação directa entre a Avenida da Liberdade e o Campo Grande. — *França* — Gomez Carrillo, correspondente do *Liberal* de Madrid, em Paris, é desafiado pelo advogado Ostarelo a proposito da denuncia dos Hú berts, que acceita. — *Italia* — Reune-se pela primeira vez em Roma a commissão biblica recentemente nomeada pelo Papa e composta de cinco cardeaes. — *Inglaterra* — Realiza se em Londres na egreja de Saint-Georges, o casamento de Mr. Brodrik, ministro da guerra, com Miss Stanley. — *Suissa* — O principe herdeiro da Saxonia faz notificar á princeza sua mulher, por intermedio do sr. Bothe, consul da Allemanha em Genebra, o seu requerimento juridico de separação de pessoas e bens.

6 *Portugal* — E' inaugurada em Gouveia a luz electrica —*Austria* —O advogado Ofenheim representante do ex-archiduque Leopoldo demitte-se d'estas funcções.—*França* — O ministro das colonias cria junto do jardim de ensaios de Libreville, no Congo, uma escola indigena para o ensino de agricultura pratica. — O sr. Bachelet inventa um freio automatico afim de evitar os choques e descarrilamentos em comboios.

7 *França* — A censura theatral prohibe a representação do drama em cinco actos intitulado «Os milhões de Thereza» (historia do caso Humbert) no theatro «Bouffes du Nord» prohibindo tambem nos cafés-concertos algumas canções allusivas ao mesmo assumpto.

8 *Portugal* — E' proferido no tribunal do commercio a sentença no processo promovido pelo sr. Marquez do Fayal contra a firma Henry Burnay & C.ª, sendo esta ultima absolvida. — *Italia* — O operario Barabnis, dos estaleiros de Spezzia, inventa um apparelho que indica o ponto onde o navio se submergiu, permittindo pol-o a nado — *Suissa* — A princeza real da Saxonia interna-se no sanatorio de Hetavie perto de Nyon.

9 *Italia* — O escriptor d'arte Chiapelli julga poder affirmar que uma das figuras de um antigo fresco do pintor Orcagni, existente na ca-

pella Strozzi, da egreja de Santa Maria Novella, em Florença, e representando o paraizo, é o retrato authentico de Dante, o unico que chegaria assim até nós — *França* — O professor Soruvania da universidade de Paris descobre o microbio da raiva.

10 *Hespanha* — São disparados tiros sobre as carruagens da comitiva real, sem consequencias. — *Italia* — O papa encarrega o cardeal Vanutelli de estudar o caso do conflicto conjugal do principe herdeiro da Saxonia. — O principe Renier de Bourbon, filho do Conde de Caserta, irmão do principe das Asturias, entra para a Companhia de Jesus, apezar da viva opposição de seu pae. — *Belgica* — O rei da Belgica offerece doze mil francos á escola de medicina tropical de Liverpool para ajudar o inquerito dos meios para combater a malaria.

11 *França* — Realiza-se em Paris a audiencia do julgamento do processo intentado por Cattani contra a familia Humbert por diffamação. — Os representantes das companhias de navegação para a Africa do Sul, decidem diminuir o preço dos fretes para Lourenço Marques e fazer reducções proporcionaes para outros pontos do norte e Port-Elisabeth. — *Saxe* — O tribunal especial de Dresde pronuncia a sentença de divorcio entre a princeza e o principe da Saxonia por adulterio. A princeza é declarada criminosa e condemnada nas despezas do processo. — *Italia* — Abertura em Milão do congresso das associações dos livre-pensadores italianos, assistindo varios delegados hespanhoes.

12 *Monaco*—Desapparecem mysteriosamente de Montecarlo dois grão duques russos, um par do reino inglez e tres personagens extrangeiros de alta cathegoria. — *Estados Unidos* — O *trust* da navegação encommenda mais doze novos paquetes de dez a doze mil toneladas nos estaleiros de Inglaterra e dos Estados Unidos. — *França* — Reune-se officialmente pela primeira vez a Academia dos Goncourt composta de dez membros. — *Belgica* — Forma-se em Antuerpia um novo *trust* de navegação para o rio da Prata.

13 *Estados Unidos* — Accentua-se a escassez de carvão em New York e seus portos.

14 *Estados Unidos* — Os engenheros H. Palmer e Cleveland descobrem um electographo, apparelho transmissor de desenhos pelo telegrapho.

15 *Hespanha* — Constitue-se em Madrid um syndicato para compra de francos, sendo constituido pelo Banco de Hespanha e pelas companhias de caminhos de ferro do Norte, Meiodia e de Andaluzia, podendo inclusivamente entrar para elle quaesquer entidades que o pretendam. — *Inglaterra* — Abertura da primeira exposição de automoveis em Earl's Court de Londres. — *Portugal* — Regressam a Lisboa a bordo do transporte *Africa* uma parte da expedição que entrou na campanha do Barué.

16 — *Suissa* — A policia de Genebra prende por *escroquerie* o principe russo Nokaschidye, que conseguira evadir-se do paiz natal, onde fôra condemnado á morte por ter tomado parte n'uma conspiração contro o tzar. — *Portugal* — Apparecem as primeiras andorinhas em Arrentella.

17 — *Italia* — O cardeal-bispo Serafino Vanutelli é nomeado successor do cardeal Parocchi no cargo de secretario da sagrada congregação da Inquisição.

18 — *Brazil* — Algumas fabricas de assucar no Rio de Janeiro suspendem a laboração por causa da baixa dos preços.—*China* — O principe Tuan e o encarregado de negocios da Allemanha inauguram em Pekin o arco do monumento expiatorio erigido á memoria do barão Kettéller, assassinado pelos boxers quando ministro da Allemanha na China. — *Estados Unidos* — Funda-se em New-York um *trust* com o capital de 500:000 dollars, que tem por objecto monopolisar a venda de macacos, papagaios e aves exoticas.—*Turquia*—Quinze bandidos atacam a tiro, proximo de Mandrajick, na Salonica, um comboio expresso, que foi attingido por cinco balas.

22 —*Italia*—O engenheiro Fauca, de Napoles, utilizando as experiencias de Hertz sobre phenomenos opticos, descobre um apparelho que transforma a energia solar n'uma corrente alternada de tensão de 109 »volts».

23 — *Portugal*—Realiza-se com todo o ceremonial a entrega ao campo entrincheirado de Lisboa dos fortes de Alpena e da Raposeira, na Trafaria, e a inauguração dos trabalhos para o quartel que ali se vae construir. — E' encontrado morto em sua casa, em Lisboa, o popular José Augusto, prégador de sermões nas praças publicas.—*Estados Unidos* —O estado maior do navio de guerra *Vernon* inventa um novo torpedo com a velocidade de 36 nós e que attinge 2:700 metros

24 — *Estados-Unidos* — Experimenta-se em Sandy-Hook um canhão monstro, de 406 m/m que lança um projectil de 1:100 kilos a 32 kilometros de distancia.—*Irlanda*—Na prisão de Malgbourough, um preso, deita uma substancia toxica na comida de 120 condemnados; que ficam em estado grave de envenenamento.

25 — *França* — Diversas congregações francezas obteem do tzar auctorização para se estabelecerem na Siberia.

29—*Philippinas*—Os bandidos derrotam em Bolivar, na provincia de Lanobales, um destacamento militar matando tres officiaes americanos. —*Hungria* — O archiduque Eugenio, irmão da rainha de Hespanha, decide renunciar ao titulo e prerogativas para esposar a filha de um commerciante de Vienna.

28 — *Brazil*—Completa 95 annos de fundação a marinha mercante nacional.

29 — *Estados Unidos*—O millionario Rochefellor cria um premio de sete milhões de dollars para a descoberta do remedio contra a tuberculose.—*Italia* — O dr. Fizzoni, professor da universidade de Bolonha, crê ter descoberto o serum contra a pneumonia.—E' inaugurada na sala do conselho provincial de Roma, em presença do governo, a estatua do rei Humberto. — *Saxe* — Reune-se em audiencia secreta o tribunal especial de Dresde encar-

regado de julgar o litigio matrimonial do principe e da princeza da Saxonia.

30 — *Italia*—A camara dos deputados vota uma ordem do dia applaudindo os trabalhos de Marconi sobre o telegrapho sem fios.

FEVEREIRO — **2** — *Portugal* — Abertura solemne do primeiro congresso maritimo nacional na Sociedade de Geographia de Lisboa.

3 - *Hespanha* —Tres barqueiros assaltam o vapor francez *Phoque*, no Ferrol, para roubar a pescaria, encerrando nos camarotes os tripulantes na occasião em que dormiam.

4—*Allemanha*—O dr. Bazinsky, de Berlim, declara ter descoberto o sôro prophylatico contra a febre escarlatina.

14 *França* — Batem-se em duello á espada em Combevoi, Hax-Regis e Laberdosque, recebendo o primeiro uma ferida penetrante no antebraço direito e batendo-se em seguida á pistola com Landan, trocando-se duas balas sem resultado.

15 *Portugal* — E' aberto á exploração o novo ramal de Silves a Portimão — *Estados-Unidos* — Estabelece-se em Hoboken um *trust* de caridade organizado por Carnegie o rei do aço para administrar os numerosos estabelecimentos de utilidade publica que elle tem fundado com os milhões que lhe tem dado o aço. Um outro *trust* do mesmo genero com o capital de dois milhões é fundado por Georges Hospkins.

17 *França* — Abertura nas galerias Durand-Ruel, de Paris, a 4.ª exposição da nova sociedade de pintores e esculptores presidida por Gabriel Hourey.

18 *Suissa* — O conselho federal abre um concurso para um monumento erigido á União Postal Universal, sendo o premio no valor de 15:000 francos, podendo concorrer os artistas de todo o mundo.

19 *Australia* — Batem-se em duello o barão de Fejervary, ministro da defeza nacional do Estado hungaro e o deputado Lengyel, ficando o primeiro ferido tres vezes na mão direita.

20 *Italia* — Começam os festejos solemnisando o vigesimo quinto anniversario da eleição de Sua Santidade Leão XIII para o pontificado.

21 *França* — A familia Humbert é absolvida da accusação no processo promovido por Catani, sendo apenas condemnada nas custas.

23 *França* — O dr. Koch é eleito membro estrangeiro da Academia das Sciencias para o logar de Virchow.

25 *Hespanha* — Dão-se graves tumultos em Vigo entre o povo e a policia, resultando bastantes ferimentos graves e uma morte, pedindo o alcaide a sua demissão.

26 *Portugal* — Partiu para o estrangeiro a bordo do hiate real *Amelia*, a rainha D. Amelia.

27 *Estados-Unidos* — E' preso em Yndianopolis, Alberto Knapp, que confessa ter casado cinco vezes desde 1893, tendo assassinado todas as mulheres. — O medico americano Adolphe Raziag descobre a cura da lepra.

NECROLOGIA

JANEIRO—**1**— CEZAR DE LACERDA, 73 annos, em Lisboa, conhecido actor e escriptor theatral.

1 —.MARQUES GUIMARÃES, no Rio de Janeiro, almirante e director da Escola Naval.

1 — JOÃO CARLOS GALHARDO, em Lisboa, distincto pintor portuguez.

2 — MIRANDA REIS, no Rio de Janeiro, marechal.

3 — BISPO DA GUARDA, D. Thomaz Gomes de Almeida, 67 annos, naGuarda.

5 — D. PRAXEDES MATEO SAGASTA, 75 annos, em Madrid, chefe do partido liberal, tendo sido por varias vezes presidente do conselho de ministros do seu partido.

7 — PIERRE LAFFITE, 74 annos, em Paris, um dos mais celebres propagandistas da philosophia positiva.

9 — THEREZA GARIBALDI, 66 annos, na ilha de Caprena, filha do general José Garibaldi, o heroe da independencia italiana.

15 -- GOUBET, em Paris, engenheiro, auctor do submarino que tem o seu nome.

15 — CARDEAL PAROCCHI, 70 annos, em Roma, sub diacono do Sacro Collegio.

17 — D. RAMON TORRIJÓS, bispo de Badajoz, em Madrid.

28 — ROBERT PLANQUETTE, 53 annos, em Paris, notavel compositor de operettas entre as quaes a mais celebre os *Sinos de Corneville*.

28 — AUGUSTA HOLMES, 53 annos, em Paris, inspirada poetiza e distincta compositora musical.

FEVEREIRO — **2** — FREDERICO DELBRUCK, 85 annos, em Berlim, actual ministro do governo allemão. Importante homem de Estado, tendo sido encarregado de numerosas missões politicas. Foi em 1870, quem preparou e fez approvar a constituição do novo imperio.

7 — KARAVELOFF, em Sofia, antigo presidente do conselho de ministros bulgaro.

9 — DUQUE DE TETUAN, em Madrid, uma das personalidades mais em evidencia e mais respeitadas no mundo politico.

10 — MARQUEZ DE FRONTEIRA, 73 annos, em Lisboa.

14 — ARCHIDUQUEZA ISABEL D'AUSTRIA, 72 annos, em Vienna, mãe da rainha de Hespanha, D. Maria Christina.

17 — PRINCIPE DA MINGRALIA, Nicolau Davidovitch ou Dadian, 57 annos, em S. Petersburgo, major general russo e ajudante de campo do imperador.

18—PRINCIPE KOMATSU, em Yokohama, representante do Mikado na coroação de Eduardo VII.

22 — VICTOR MEIRELLES, 79 annos, no Rio de Janeiro, celebre pintor brazileiro. Produziu

varios quadros de valor, entre elles o mais notavel, o panorama circular da cidade do Rio de Janeiro.

26 — EUSEBIO BLASCO, em Madrid, conhecido escriptor hespanhol, redactor do *Heraldo*.

28 — LAUREANO FIGUEIROLA, em Madrid, ex-ministro de fazenda na situação de Sagasta em 1868, defensor da theoria livre-cambista.

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante os mezes de Janeiro e Fevereiro

JANEIRO — **10** — O SOLAR DE BENTLEY, comedia ingleza de Tom Taylor, traduzida pelo sr. Manuel de Macedo (Theatro de D. Maria).

26 — FOGUEIRAS DE S. JOÃO, drama em 4 actos, de Sudermann (Theatro D. Amelia).

31 — OLHO DA RUA, revista do anno de 1902, original dos srs. Camara Lima e Mello Barreto, com musica dos maestros Thomaz Del Negro e Nicolino Milano (Theatro da Rua dos Condes).

31 — BOUBOUROCHE, comedia em 2 actos, de Georges Courteline, traduzida pelo sr. Moura Cabral (Theatro de D. Maria).

31 — CRIME DE AMOR, drama em 2 actos, original do sr. Jorge Santos (Theatro de D. Maria).

31 — MANHÃ DE SOL, peça em 1 acto, original do sr. Fausto Guedes (Theatro de D. Maria).

FEVEREIRO — **7** — CABEÇA DE BURRO, comedia allemã, traduzida pelo sr. Xavier Marques, (Theatro do Gymnasio).

11 — POUCA SORTE, *(La Carotte)*, comedia franceza de George Berr, Deline e Guillemand, traduzida pelo sr. João Costa (Theatro D. Amelia).

21 — OS 40 DIAS DO CAPITÃO, opereta de Leterrier e Vanloo, traduzida pelo sr. Souza Bastos (Theatro da Avenida).

27 — MINISTRO D'AGUA FURTADA, comedia em 3 actos, original do sr. Eduardo Coelho (Theatro do Gymnasio).

27—PATRIA, peça maritima e militar arranjada pelo sr. Tito Martins com musica do sr. Luiz Gallo (Theatro do Principe Real).

28 — O PAÇO DE VEIROS, peça em 3 actos original do sr. Julio Dantas (Theatro de D. Amelia).

28 — MENSAGEIRO DE PAZ, comedia em 1 acto arranjada do hespanhol pelo sr. Christiano de Souza (Theatro de D. Amelia).

28 — AO TELEPHONE, peça de André de Lordes e Charles Foley traduzida pelo sr. Eduardo Victorino (Theatro de D. Maria).

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de rocessos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

O retrato photographico

Sob este titulo encontramos um interessante artigo no jornal *Ombres et Lumierés*, devido á auctorizada penna de mr. R. Durhkoop que não nos podemos furtar ao ensejo de transcrever, pois que encerra não só conhecimento da materia em larga escala mas ainda de cuja leitura podem colher conselhos muito uteis não só os amadores que se dedicam a este genero de trabalho mas tambem os profissionaes :

« As reproducções de quadros, que fiz bastantes vezes em Hamburgo, ensinaram-me como os artistas teem por habito collocar os personagens que são expostos na tela, como em logar de fundos claros de que habitualmente se servem os photographos elles utilizam os fundos com contrastes vigorosos, e como elles illuminam o modelo a reproduzir A maior parte dos photographos illuminam o modelo de alto e de lado a 45 %, os pintores utilizam toda a luz ora baça ora brilhante com que a natureza rodeia os seres humanos. Estudei uma grande quantidade de reproducções dos velhos mestres hollandezes : Franz Hals, Rembrandt, Van Dick, Rubens assim como depois Durer, Van Eyk, e mais tarde Lehnbach etc.; e é d'aquella forma que elles procedem.

Entre os mestres, os fundos não são cheios de cousas inuteis, não ha ali espaço perdido como nos retratos foscados, onde muitas vezes se encontra n'uma gigantesca folha de papel uma cabeça minuscula. Na maior parte dos casos o olhar encontra-se dirigido para o observador sem este ar de amabilidade forçada que torna muitas vezes ridiculo o retrato photographico. Não se vê poses convencionaes que dão ao aldeão o aspecto de caixeiro viajante ou egualam uma mundana a uma princeza.

Se o ideal da arte em photographia consiste em apresentar os personagens no meio que lhes é habitual, commette-se em muitos casos faltas bastante graves sobretudo logo que não se trate de bustos mas de figura completa.

Os fundos são sempre convencionaes os mais impossiveis : jardins de inverno, templos

de fadas, palacios, kiosques, e Deus sabe quantos mais, rodeiam o desgraçado mortal que se confia ao retratista. Se nos seculos futuros apparecerem alguns vestigios de photogrammas dos nossos dias, os nossos descendentes ficarão decerto estupefactos da quantidade de castellos tyroleses e outros accessorios de theatro que circumdaram os seus antepassados!

Que differença com as producções dos pintores da melhor época, que apresentavam os seus modelos da maneira a mais logica, exactamente no meio que lhes convinha.

Comprehendem-se perfeitamente os aperfeiçoamentos dos meios opticos e chimicos, mas contrariamente devemos reconhecer que o lado esthetico é lamentavel; illuminação do *atelier*, retoque exagerado, *poses* ridiculas, fundos antinaturaes, impressões sobre papeis brilhantes, etc. etc, são estes ainda hoje maus processos empregados n'um consideravel numero de *ateliers* que se intitulam artisticos.

Póder-se-ha proceder a uma transformação a estes casos?

Póde-se fazer retratos sem todos estes accessorios que hoje se consideram absolutamente necessarios? Respondo a estas perguntas com um *sim* energico.

E' necessario que o photographo não deva como até aqui esperar o seu cliente entre quatro paredes. E elle deverá em primeiro logar estudar a luz das casas vulgares, mesmo nos logares que até então lhe pareçam os menos apropriados para ali fazer algumas poses de estudo e formar o seu juizo sobre os interessantes effeitos de luz que nos offerecem os interiores.

Mas é necessario egualmente examinar a luz dos outros logares onde por habito se encontram os seus modelos. Póde se fazer retratos em toda a parte, dentro de casa, nas varandas, em plena atmosphera, contra as paredes etc.; elles produzem uma impressão totalmente differente dos retratos tirados nos *ateliers* que por fim se tornam banaes e insipidos.

Se se evitar o retoque e se a impressão fôr feita em papel pelo processo do carvão ou da gomma bichromatada, vêr-se hão então apparecer retratos fieis que bem depressa agradarão ás pessoas de fino gosto e educação.

Muito bem, dir-me-hão, mas quantas provas se podem fazer n'um dia? Quanta despeza isto acarreta?

E' verdade, responderei, mas são estas precisamente as razões que nos devem dár a facilidade de valorisar as photographias. A prova isolada deve ter o valor d'um pequeno quadro. E' preciso renunciar á fabricação por duzia, e cada prova, deve, como na pintura, reflectir a individualidade do seu auctor.

Será desagradavel a mais de um photographo ter de ir á habitação particular do seu cliente, mas devemos tambem notar que o pintor, na miaor parte dos casos, é forçado a ir a casa das pessoas a quem tem de retratar. E' muito difficil obter a educação da vista para encontrar a luz conveniente nos interiores, mas consegue-se rapidamente se se dirigirem as observações n'esta ordem de ideas. E' verdade que não é cousa sempre muito facil, pois que só se poderá alcançar o bom resultado trabalhando com bom material, objectivas bastante rapidas, chapas ortrochromaticas etc.

O melhoramento das condições as mais desfavoraveis é a menor das cousas de que o moderno photographo e realista se deve occupar. Torna-se-lhe então mais facil fazer algumas provas para exposições adoptando este genero como base do seu trabalho. Por este caminho o photographo tem a satisfação de produzir retratos que se distinguem completamente do genero stereotypo dos *ateliers* envidraçados. Pense-se bem no encanto intimo que terão estas provas quando se podér dizer que foram executadas debaixo do tecto da familia querida. Repito mais uma vez, podem-se fazer bellos retratos em todos os logares ainda que pouco illuminados. Naturalmente ter-se-ha de renunciar á luz convencional tão apreciada, e será necessario habituar-se a fazer retratos com a luz horizontal ou ainda vinda de baixo, como nos mostram os grandes pintores de uma maneira tão perfeita. Insisto sobre este ponto, que para se formar um sentimento artistico, não devemos tomar para exemplo senão os quadros ou gravuras de mestres e nunca photogrammas. Esta luz perpetua de alto e de lado, ou outras combinações similares nas exposições photographicas, são absolutamente velho processo. E' necessario que tanto o amador como o profissional provido de um pouco de talento se esforce para trabalhar d'outra maneira. E' certo que com uma luz de interior resulta muitas vezes algumas durezas, mas pode-se remediar este mal se se fizér reflectir um pouco de luz nas partes que estão mais na sombra e empregando se certos processos modernos, taes como a revelação vertical, o emprego do persulfato d'amoniaco etc, etc. Além d'isso os negativos imprimem-se muito melhor com o processo do carvão do que com os outros papeis para obter tons harmoniosos.

As pessoas distinctas estarão certamente em melhor disposição nas suas proprias casas que n'um *atelier* envidraçado, sem contar que para um grande numero, esta maneira de operar parecer-lhe ha bem mais confortavel. Alguns photographos abanarão a cabeça com um ar sceptico preferindo continuar os seus processos ordinarios, o que em verdade é bem mais facil do que emprehender um trabalho difficil e de difficil resolução.

Fallarei agora do retoque, este grande erro do bom gosto que é a principal causa da monotonia e da uniformidade das photographias. E' simplesmente ridiculo fazer desapparecer os traços caracteristicos que gravam de uma maneira inconcussa o drama da vida nas feições do homem e de querer produzir assim um rejuvenescimento que é uma mentira inutil. E' possivel que o retoque tenha sido n'algum tempo necessario (caso a discutir), actualmente não o é, pois que as chapas ortho-

chromaticas e os *films* nos proporcionam todos os meios de evitar a apparição de grãos, manchas de sarda, etc., etc., e se apezar de tudo ellas apparecem, o emprego discreto da raspadeira será preferivel ao enchimento a lapis dos espaços que apparecem entre estas manchas de qualquer natureza que sejam. O papel carvão reproduz na maior parte dos casos cousas similhantes muito tenues, o mesmo succede com a impressão pelo processo da gomma bichromatada que é muito a recommendar. E' natural que na prova se deva attenuar imperfeições provenientes da impressão ou das chapas, mas para o resto deve evitar-se tanto quanto possivel o retoque.

Não é necessario comtudo fazer provas não retocadas para obter successo, mas todo o resto deve harmonisar-se de uma maneira habil para obter a approvação do publico intelligente.

Evite se em primeiro logar o emprego de fundos pintados de assumptos mais ou menos extravagantes, nuvens, cercaduras, etc., etc. São meios que constituem testemunhas indiscutiveis da pobreza de idéas na nossa profissão.

Actualmente encontra-se na maior parte das casas abastadas tapeçarias de um caracter sobrio que podem utilizar-se como fundos para fazer retratos de interior, não havendo, bastará o emprego de qualquer panno de mesa escuro, e pregal-o na parede, fazendo sempre o fundo tão escuro quanto possivel. O retrato da pessoa se destacará sobre um tal fundo d'uma maneira bem mais conveniente, emquanto que os fundos claros produzirão facilmente effeitos duros, fazendo mancha, e não dando á pessoa uma impressão de socego e intimidade.

E' para desejar que a educação do photographo se fizesse mais pelo lado individual. Cada artista pinta da maneira que lhe é propria, o photographo deve egualmente seguir as suas inspirações pessoaes. Cada exposição n'uma cidade deverá ter um aspecto differente. Um photographo, por exemplo, fará os seus retratos com tons avermelhados como se podem obter admiraveis com os papeis Pan ou Fanxe, outro empregará o antigo mas tão interessante papel arrowroot, etc., etc. Um bom photographo não deverá imitar o processo de outro mas diligenciar produzir effeitos originaes.

Antes de tudo evite-se expôr assumptos tendentes a produzir muito effeito, taes como bellezas feminis, veneraveis anciãos, actrizes em costumes, paysagens, lagos, etc., etc., e tudo quanto se vê em profusão nas exposições dos photographos de profissão.

Desgraçadamente o gosto foi totalmente corrompido durante estes ultimos dez annos; não desejamos vêr no retrato senão o muito bello ou violentas paixões, isto é, o *theatro*.

Só é artista o que sabe dár ás suas obras uma individualidade propria, um espirito e uma vontade pessoal livre de toda a imitação desprovida de sentido.

E' egualmente artista o que trabalha sem fundo de lona e que sabe encontrar e dár ás suas idéas uma forma bella e verdadeira. Agora algumas observações sobre o aspecto exterior das provas. A pobreza de idéas creadoras no dominio dos retratos photographicos levou-nos a rodeal os de toda a especie de puerilidades que nada teem absolutamente de commum com o genero do retrato. Cartões gigantescos, de eterna côr cinzenta, emolduram sempre a prova; em seguida apparecem as molduras sobrecarregadas de ornamentos que, na maior parte dos casos, convem ao tom da prova como um socco dado n'um olho. E' precisamente nas molduras que se commettem as maiores faltas. E' aqui que a maior prudencia é necessaria se se quizer evitar o mau gosto. Nos ultimos tempos encontrou se finalmente modêlos que contrastam com os ornamentos recocos, renascença, etc., etc., ficando n'um novo estylo de nobre simplicidade e não nas velhas e aborrecidas tradições.

Em todo o caso o retrato só por si é o assumpto principal deante do qual o resto se torna secundario. Todos os accessorios d'elle, seja por imitações ou por vinhetas copiadas ou pintadas, devem ser postos de parte.

Os retratos feitos como indico, não apresentarão seguramente a luz recebida de frente ou de alto que foi por muitos annos considerada como a unica praticavel, mas contraria á qual temos por habito vêr os nossos parentes e os nossos amigos. As durezas que poderão resultar d'esta luz podem ser sufficientemente suavisadas empregando na impressão o papel carvão que, como é sabido, não dá os detalhes inuteis tão exactos e tão nitidos como os papeis photographicos que habitualmente se empregam, podendo-se pôr de parte o retoque muitas vezes pernicioso. Faltará necessariamente a estas provas o brilho de porcelana tão commum, mas ganhar se-ha em verdade vivida.

Os retratos feitos ao ar livre terão uma luz agradavel, muitas vezes de um caracter cheio de encanto, logo que o local fôr judiciosamente escolhido.

A execução dos retratos sem atelier, no seio da familia, é uma tarefa verdadeiramente artistica e cheia de satisfação. Com a mudança de seculo deve egualmente produzir-se uma evolução no dominio do retrato photographico. As pessoas de fino gosto não se deixarão mais photographar contra fundos pintados de phantasias n'uma barraca envidraçada dando uma luz a que não estamos habituados na vida de todos os dias. Em logar do retoque desejar-se-ha o caracter e a verdade; é por estas razões que na execução dos retratos photographicos, a unica divisa boa é a seguinte: *Verdade e vida.*

PACIENCIAS

A Feudataria

2 jogos de 52 cartas — não enaipada

Collocam-se na mesa quatro montes descobertos de doze cartas cada um. Em seguida distribue-se o resto do baralho em treze montes dispostos em semi-circulo sobre os quatro primeiros, no primeiro monte da esquerda collocam-se todos os *dois* no que se lhe segue todos os *tres* no immediato todos os *quatro* e assim successivamente até ao ultimo em que se collocam todos os *reis*. Os *azes* que apparecerem durante esta distribuição collocam-se sobre os quatro montes primitivos. O fim d'esta paciencia é formar hierarchias ascendentes a começar nos *azes* que já estão dispostos e nos que se juntarem a estes á proporção que apparecerem nos quatro primeiros montes, devendo estas hierarchias terminar em *reis*. Estas oito hierarchias podem ser compostas indistinctamente de cartas de differentes naipes.

Para se conseguir este resultado tiram-se em primeiro logar as cartas collocadas sobre os quatro montes e que tenham logar sobre os que começaram em *az* e depois vão-se buscar ás que formam o semi-circulo; mas deve-se de preferencia alliviar os quatro montes. Portanto, não ha necessidade de terminar immediatamente as séries, sendo preferivel csperar que as cartas necessarias para a conclusão de cada série se apresentem ao de cima dos quatro montes primitivos.

Logo que se retira uma carta fica livre a que ella cobria e que se collocará immediatamente havendo logar, e da mesma forma os *azes* que desde que appareçam vão tomar o seu logar.

Conseguindo-se collocar nos montes todas as cartas dos quatro montes e as do semicirculo completando as oito séries começando em *az* e terminando em *rei* a paciencia considera-se realizada.

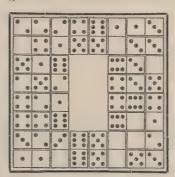
PROBLEMAS

Resoluções dos problemas do n.º 16

N.º 43 — 56.
N.º 44 — 2 7 12.
N.º 45 — 3 %.

—

Resoluções do numero anterior

N.º 47 — Dominós

N.º 48 — *Xadrez:*

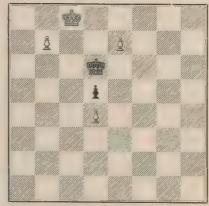
BRANCOS	PRETOS
1. P 8 B R — faz B	1 R 1 Ra.
2. R 6 R	2 R 1 R.
3. T 8 B Ra xeque e mate	
	1 R 1 R.
2. T 1 Ra.	2 R tira o B
3. T 8 Ra xéque e mate.	

Num. 49.

Quando Jacob chegou ao Egypto, a sua familia compunha-se de 70 pessoas; 430 annos depois, os israelitas sahiram d'ali no numero de 660.000. Quantos por cento teve de crescer cada anno a descendencia do patriarcha, se fôr admittido para hypothese que sobre 1.000 pessoas, morrem em media 25 por anno?

Num. 50.

XADREZ

Pretos (2 peças)

Brancos (4 peças)

Os brancos jogam e dão mate em tres lanços

INDICE

DOS

ARTIGOS E GRAVURAS CONTIDAS NO VOLUME III

NO ESTIO. — Quadro de Leader 2

O MEZ DAS EIRAS. — Com 6 illustrações .... 3 a 10
Flores e Fructos. — Quadro de P. P. Rubens 2
Na campina. — Quadro de Lerolle 5
Uma eira 6
A caminho da eira 7
Médas. Arredores d'Evora 8

O INTERIOR DA TERRA. — Com 6 illustrações .... 11 a 16
Constituição da terra 11
Curso das ondas ou vibrações sismicas 12
Sismogramma d'um tremor de terra 13
Sismogramma d'um tremor de terra no Mexico 13
Sismogramma mostrando os precursores e os eccos do tremor de terra 15
Sismogramma mostrando a continuação das vibrações da fig. anterior 15

SCAPHANDROS. — Por Sousa Viterbo .... 16 a 17

ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL. — Por Albrechet Haupt. — Com 79 illustrações .... 18 a 30 — 81 a 94 — 145 a 161 — 211 a 224 — 271 a 282 — 357 a 366
Batalha — Claustro real e capella do Poço 18
Capiteis mouriscos 22
Janella do paço de Cintra 23
Janella no convento de Christo em Thomar 24
D'um templo indio para comparar com a Torre de Belem. 26
Guarita da Torre em Belem 27
D'um templo indio para comparar com trabalhos na Batalha 28
Ombreira de portal em Santarem 81
Do pateo do collegio de S. Gregorio, Valladolid 82
Pateo do palacio ducal em Guadalajara 83
Janella em Salamanca 84
Da Casa de campo a Sempre Noiva, perto de Evora 85
Egreja da Universidade de Coimbra 86
Porta do convento de Christo, Thomar 86
Janellas de uma casa de habitação, na Batalha 87
A entrada das capellas imperfeitas, na Batalha 88
Portal de uma casa particular de Coimbra 89
Casa de campo, a Sempre Noiva, perto de Evora 90
Alpendre de uma casa em Evora 91
Janella de uma casa em Ayamonte 92
Claustro de Santa Cruz, em Toledo 93
Palacio do coude de S. Vicente, em Lisboa 94
Azulejos da Sé Velha de Coimbra 146
Azulejos do Alcazar de Sevilha. 147
Azulejos mouriscos no Alcazar de Sevilha 148
Azulejos mouriscos 149
Azulejos mouriscos 150
Azulejos na ermida de Santo Amaro em Alcantara 151
Tecto de madeira de uma egreja em Sevilha 152
Capella em talha na Sé do Porto — Seculo XVII 153
Capella em talha na egreja de Collares 154
Grade de capella na Sé Nova em Coimbra 155
Cofre de prata do Mosteiro de Belem (trabalho hespanhol?) 156
Cruz de filigrana de prata do Mosteiro de Belem 157
Baculo em prata dourada pertencente á Sé d'Evora 158
Caes de chaminé, palacio real de Cintra 159
Lisboa antes do terremoto de 1755 — (Terreiro do Paço) 212
Paço da Ribeira — (Lisboa) 213
Torreão de Filippe II sobre o Tejo — (Lisboa) 214
Portal da egreja da Conceição Velha — (Lisboa) 215
A Casa dos Bicos — (Lisboa) 216
Convento da Esperança — (Lisboa) 217
Portal d'uma velha casa de Lisboa 217
Coroamento do portal d'uma capella da antiga Lisboa 218
Pateo do palacio do conde de S. Vicente — (Lisboa) 218
Pateo do palacio do conde de S. Vicente — (Lisboa) 219
Capitel de pilastra em S. Vicente de Fóra — (Lisboa) 219
Claustro da Penha Longa — (Cintra) 220
Fachada da egreja de Santo Antão no hospital de S. José — (Lisboa) 221
Portal de Santo Antão — (Lisboa) 222
Fachada de Santa Maria do Desterro — (Lisboa) 223
Santa Maria do Desterro 224
Abobada de uma capella de S. Roque 271
Planta de S. Vicente de Fóra, em Lisboa 272
Interior da egreja de S. Vicente de Fóra, em Lisboa 273
Fachada da egreja de S. Vicente de Fóra, em Lisboa 274
Fachada da egreja de S. Roque, em Lisboa 275
Trecho de Mosteiro da egreja de S. Roque 276
Desenho ornamental dos azulejos da capella de S. Roque 277
Egreja de Santa Engracia 278
Capella de Santo Amaro, em Alcantara 279
Azulejos no adro de Santo Amaro 280
Capella de Santo Amaro 281
Planta da capella de Santo Amaro 282
Interior da Egreja de Santa Maria de Belem 358
Pulpito em Santa Maria de Belem 359
Cadeiras do côro 360
Lambis da bancada do côro 361
Detalhe de esculptura em madeira 362
Detalhe de esculptura em madeira 362
Portal do lado sul da Egreja de Santa Maria 363
Detalhe do portal 364
Portal da fachada oeste da Egreja de Santa Maria 365
Detalhe do portal 366

UM DOMINGO NO CAMPO. — Com 2 illustrações (Conto) .... 31 a 40

DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — Por Antonio Ennes. — Segunda Parte. — Capitulo III. Quelimane — A cidade — Os rios — O Chinde. — Com 4 illustrações .... 41 a 44
Quelimane — Residencia do Governador (contigua á secretaria) 41

Quelimane — Vista da alfandega ... 42
Quelimane — Cemiterio ... 43
Quelimane — Casa do sr. Romão de Jesus Maria (Praso Marral) ... 44

CAPITULO IV — QUELIMANE — O CHINDE — O ZAMBEZE — AS CANHONEIRAS. — COM 2 ILLUSTRAÇÕES ... 77 a 80
Quelimane — Secretaria do governo, Thesouraria de Fazenda e Recebedoria do Concelho ... 77
Indigena de Quelimane ... 79

A ZAMBEZIA — OS PRAZOS DA COROA — COM 4 ILLUSTRAÇÕES ... 130 a 140
Zambezia — Villa de Sena ... 130
Quelimane — Feitoria franceza ... 133
No prazo Luabo — Sombo ... 135
Quelimane — Casa de Balthazar Farinha ... 137

UMA VISITA Á BEIRA. — POR ANTONIO ENNES. — COM 8 ILLUSTRAÇÕES, 203 a 210 — 258 a 270 — 321 a ... 326
Casa do Governador da Companhia de Moçambique em 1891 ... 203
Casa do Commando Militar na Beira ... 207
Casa do autor na Beira (1891) ... 210
Beira — Intendencia do governo ... 258
Beira — Casa da Alfandega ... 261
Chiloane — Residencia de Chingune ... 263
Beira — Rua Conselheiro Ennes ... 265
Govuro — Residencia de Bartholomeu Dias ... 267

TELOPHOTOGRAPHIA. — COM 5 ILLUSTRAÇÕES ... 45 a 48
A abbadia de S. Albano ... 46
Vista de uma capella ... 46
A abbadia de S. Albano ... 47
Vista da mesma capella ... 47
Uma cegonha em Sevilha ... 48

A KERMESSE. - QUADRO DE TENIERS ... 49

LE BALLET DU ROI — GAVOTA DE LULLY. 50 e 51

O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ — (ROMANCE) — CAPITULO I. — COM 2 ILLUSTRAÇÕES. 52 a 60
CAPITULO II. — COM 2 ILLUSTRAÇÕES ... 117 a 124
CAPITULO III E IV. — COM 3 ILLUSTRAÇÕES ... 162 a 172
CAPITULOS V E VI. — COM 2 ILLUSTRAÇÕES ... 245 a 253
CAPITULO VII. — COM 1 ILLUSTRAÇÃO ... 309 a 312
CAPITULO VIII. — COM 1 ILLUSTRAÇÃO ... 350 a 356

MÓDAS — COM 23 ILLUSTRAÇÕES 61 a 64 — 125 a 128 — 190 a 192 — 254 e 255 — 375 e ... 376

AMAVEL VISITA — QUADRO DE GEORGES CAIN ... 64

A HORA DO JANTAR — QUADRO DE J. A. BRETON ... 66

BATALHA DA VIDA. — POR BENTO MORENO. — COM 4 ILLUSTRAÇÕES ... 67 a 76

TROVOADAS DE ESTIO. — COM 4 ILLUSTRAÇÕES ... 95 a 100

SCENA CAMPEZINA. — AS LAVANDEIRAS ... 100

O SERRALHEIRO DO REI — COM 6 ILLUSTRAÇÕES ... 101 a 109

O SOLAR DE HATFIELD. — COM 4 ILLUSTRAÇÕES ... 110 a 112
Aspecto geral do palacio ... 110
O marquez de Salisbury ... 111
Sala de recepção — Sala de jantar ... 112

GIPSY. — VALSA PARA PIANO. — POR C. L. 113 a 116

SCENA DE SALÃO. — A APRESENTAÇÃO DO NOVO VIZINHO. — QUADRO DE J. WEISS ... 128

O MILAGRE DE SANTA COMBA. — POR RAUL BRANDÃO. — COM 4 ILLUSTRAÇÕES ... 141 a 144
Coimbra — Capella de Santa Comba ... 141
Martyrio de Santa Comba ... 142
Reliquia de Santa Comba ... 143
Urna contendo os restos de Santa Comba ... 144

TU NÃO SABES FALLAR?... — QUADRO DE G. A. HOLMES ... 172

MARIA DA GLORIA. — VALSA POR CARLOS PINTO COELHO ... 173 a 176

COMO E' ADMINISTRADA A DIVIDA PUBLICA. — COM 12 ILLUSTRAÇÕES ... 177 a 189

SCENA BURGUEZA. — RETIRADOS DOS NEGOCIOS. — QUADRO DE COEYLUS ... 189

SANTA FAMILIA. — QUADRO DE B. E. MURILLO. — MUSEU DO LOUVRE ... 191

AS ESTRADAS DO MUNDO. POR SILVA TELLES. — COM 4 ILLUSTRAÇÕES 195 a 202 — 283 a 292
Mappa do Mediterraneo ... 195
Gibraltar e o seu porto ... 197
Malta — O grande porto ... 199
Napoles e o seu porto ... 201

O ANIL. — POR SOUSA VITERBO ... 225 a 227

A MOCIDADE DE JESUS. — QUADRO DE HERBERT ... 227

ADORAÇÃO DOS PASTORES. QUADRO DE RIBERA. — MUSEU DO LOUVRE ... 228

VISÕES D'UM CRENTE. — POR AFFONSO VARGAS ... 229 a 232

A FOME EM CABO VERDE. — POR RUY DINIZ. — COM 1 ILLUSTRAÇÃO ... 233 a 235

MINUETE. POR J. P. RAMEAU ... 236 e 237

NO JARDIM DE EPICURO ... 238

UM ESCANDALO PARLAMENTAR. — POR BARBOSA COLEN. 239 a 244

JOLI COEUR. — QUADRO DE DANTE GABRIEL ROSSETTI ... 256

SONETO. — POR EUGENIO DE CASTRO ... 292

O MUSEU MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ. — POR P. BELCHIOR DA CRUZ. — COM 9 ILLUSTRAÇÕES ... 293 a 297

LOUISETTE. — VALSA POR G. F. DE BORJA ARAUJO ... 298 a 301

O TACITURNO. — QUADRO DO MUSEU DO LOUVRE ... 302

A VIDA EM LISBOA. COM 12 ILLUSTRAÇÕES ... 303 a 308
A lagôa do Campo ... 303
Vinham chegando carrua-gens. ... 303

Passam amazonas............ 304
Na grande alameda.......... 304
Trecho do campo............ 305
Subindo a Avenida.......... 305
O guarda-sol das bicycletas... 306
Chegavam bicycletas......... 306
Fazendo a Avenida 307
A hora da musica............ 307
A vêr as carruagens.......... 308

NOITE DE CARNAVAL — QUADRO.... 312

GOOD BYE, SWEETHEART! — QUADRO DE MARCUS STONE. . . . 317

PIAS BAPTISMAES PORTUGUEZAS. — POR SOUSA VITERBO. — COM 4 ILLUSTRAÇÕES. 315 a 320
Sé de Braga................ 316
Se Nova de Coimbra......... 317
S. João d'Almedina.......... 318
Caldas da Rainha............ 319

UMA ANTIGA DEVOÇÃO. — EPISODIO DE VIAGEM. — COM 4 ILLUSTRAÇÕES. .... 327 a 331

A TAÇA. — (SONETO) — POR AFFONSO GAYO. 331

MINUETE. — (MUSICA). — POR J. B. LULLY 332 e 333

MINUETE. — QUADRO DE SCHMUTZLER..... 334

ANTHROPOMETRIA CRIMINAL. — POR ANTONIO JULIO DO VALLE E SOUSA. — COM 19 ILLUSTRAÇÕES. .... 335 a 349
Cadeia da Relação do Porto.. 235
Cons.º Campos Henriques (retrato) 336
D. Francisco d'Almada e Mendonça (retrato)............. 336
Dr. Ferreira Augusto (retrato).
Alphonse Bertillon (retrato) ... 337

ALLIANÇA INGLEZA — POR AUGUSTO RIBEIRO — COM 1 RETRATO E 1 ILLUSTRAÇÃO ..... 371 e 372

MÔTES PROPHETICOS. — (COM 5 RETRATOS)............ 3 7 a 370

VARIEDADES. — MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — I a VI, IX a XI, XV a XVIII, XXI a XXVII, XXIX a XXXVII, XLI a LIII

LEIS DE NOBREZA EM PORTUGAL............. VI a VII

PHOTOGRAPHIA PRATICA — VII a VIII, XI a XII, XVIII a XX, XXVII, XXXVII a XXXVIII, LI ..a. LV

PACIENCIAS — VIII, XIII a XIV, XX, XXVII a XXVIII, XXXVIII ... LVI

PROBLEMAS VIII, XIV, XX, XXVIII, XL.................. LVI

UTILIDADE DOS PASSAROS. XII

CONHECIMENTOS UTEIS XIV, XXVIII, XXXVIII a........... XL